



BOX A COR
PÚRPURA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Sumário

BOX A COR PÚRPURA

A COR PÚRPURA

Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Sumário

Cartas

Agradecimento

O TEMPLO DOS MEUS FAMILIARES

Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Nota da edição brasileira

Sumário

PARTE I

PARTE II

PARTE III

PARTE IV

PARTE V

PARTE VI

Agradecimentos

O SEGREDO DA ALEGRIA

Rosto

Créditos


Dedicatória

Epígrafes

[Sumário](#)
[PARTE I](#)
[PARTE II](#)
[PARTE III](#)
[PARTE IV](#)
[PARTE V](#)
[PARTE VI](#)
[PARTE VII](#)
[PARTE VIII](#)
[PARTE IX](#)
[PARTE X](#)
[PARTE XI](#)
[PARTE XII](#)
[PARTE XIII](#)
[PARTE XIV](#)
[PARTE XV](#)
[PARTE XVI](#)
[PARTE XVII](#)
[PARTE XVIII](#)
[PARTE XIX](#)
[PARTE XX](#)
[PARTE XXI](#)
[Ao leitor](#)
[Agradecimentos](#)

[Colofon](#)

[Saiba mais](#)



A COR
PÚRPURA

ALICE
WALKER

Vencedor
do Pulitzer e do
American Book
Award

JOSE
OLYMPIO

ALICE WALKER

A COR
PÚRPURA

Tradução

Betúlia Machado, Maria José Silveira
e Peg Bodelson

32ª edição

TO JOSÉ
OLYMPIA

JULIUS

Rio de Janeiro, 2024

Título do original em inglês

THE COLOR PURPLE

© 1982 by Alice Walker

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W178c

Walker, Alice, 1944-

A cor púrpura [recurso eletrônico] / Alice Walker ; tradução Betúlia Machado , Maria José
Silveira , Peg Bodelson. - 32ª ed. - Rio de Janeiro : José Olympio, 2024.

recurso digital

Tradução de: The color purple

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-03-01277-5 (recurso eletrônico)

1. Mulheres negras – Estados Unidos – Ficção. 2. Ficção americana. I. Machado, Betúlia. II.
Silveira, Maria José. III. Bodelson, Peg. IV. Título.

16-30741

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro,
através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Reservam-se os direitos desta edição à

EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.

Rua Argentina, 171 – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br

e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Produzido no Brasil

2024

Para o Espírito:

Sem cuja assistência

Nem este livro

Nem eu

Poderíamos ter sido escritos.

Show me how to do like you
Show me how to do it.

Stevie Wonder*

Nota:

* Mostre-me como fazer igual a você / Mostre-me como fazer.

A cor púrpura

Cartas

Agradecimento

É melhor você nunca contar pra ninguém, só pra Deus. Isso mataria sua mamãe.

Querido Deus,

Eu tenho quatorze ano. ~~Eu sou~~. Eu sempre fui uma boa minina. Quem sabe o senhor pode dar um sinal preu saber o que tá contecendo comigo.

Na primavera passada, depois que o nenê Lucious chegou, eu iscutei o barulho deles. Ele tava puxando o braço dela. Ela falou Inda é muito cedo, Fonso, eu num tô bem. Até que ele deixou ela em paz. Uma semana depois, ele foi e puxou o braço dela outra vez. Ela falou Não, eu num vou. Você num vê que já tô meia morta, e todas essas criança.

Ela foi visitar a irmã dela que é doutora em Macon. Me deixou cuidando das criança. Ele nunca teve uma palavra boa pra falar pra mim. Só falava Você vai fazer o que sua mãe num quis. Primeiro ele botou a coisa dele na minha coxa e cumeçou a mexer. Depois ele agarrou meus peitinho. Depois ele impurrou a coisa dele pra dentro da minha xoxota. Quando aquilo dueu, eu gritei. Ele cumeçou a me sufocar, dizendo É melhor você calar a boca e acostumar.

Mas eu num acostumei, nunca. Agora eu fico enjuada toda vez que sou eu que tenho de cuzinhar. Minha mamãe, ela fica o tempo todo encima de mim e

olhando. Ela tá feliz porque ele tá bom pra ela agora. Mas muito duente pra durar muito.

Querido Deus,

Minha mamãe morreu. Ela morreu gritando e praguejando. Ela gritou comigo. Ela praguejou comigo. Eu tô de barriga. Eu num posso andar muito depressa. Na hora queu volto do poço, a agua tá morna. Na hora queu arrumo a bandeja, a cumida já tá fria. Na hora queu arrumo todas as criança pra escola, já tá na hora do jantar. Ele num falava nada. Ele sentava lá na cama, sigurando a mão dela e chorando, dizendo Num me deixa, num vá embora.

Ela perguntou pra mim do primeiro. De quem é? Eu disse de Deus. Eu num conheço nenhum outro homem ou outra coisa pra dizer. Quando eu cumecei a sentir dor e aí minha barriga cumeçou a mexer e aí aquele nenezinho nasceu, rasgando minha xoxota com o punhozinho dele, quem quisesse podia soprar queu caía.

Ninguém veio ver a gente.

Ela ficou mais e mais duente.

Acabou ela perguntando Cadê ele?

Eu falei, Deus levou ele.

Foi ele que levou. Ele levou ele quando eu tava dormindo. Matou ele lá no bosque. Vai matar esse também, se ele puder.

Querido Deus,

Parece que ele num pode mais nem olhar pra mim. Fala queu sou má e sempre quero fazer coisa ruim. Ele levou meu outro nenê também, um minino dessa vez. Mas eu num acho que ele matou não. Acho que ele vendeu prum homem e a esposa dele, lá em Monticello. Eu fiquei com os peito cheio de leite iscorrendo encima de mim. Ele falou Por que você num se veste direito? Bota alguma coisa. Mas que é queu tenho pra botar? Eu num tenho nada.

Eu fico pensando que ele bem podia achar alguém pra casar. Eu vejo ele olhando pra minha irmãzinha. Ela tá cum medo. Mas eu falei que vou tomar conta dela. Cum ajuda de Deus.

Querido Deus,

Ele veio pra casa com uma moça dos lado de Gray. Ela é da minha idade mas eles casaram. Ele fica com ela o tempo todo. Ela fica zanzando como se num subesse que coisa mordeu ela. Eu acho que ela pensou que gostava dele. Mas nós somo tantas criança. Todas pricisando de alguma coisa.

Minha irmãzinha Nettie tá com namorado quase do tamanho do Pai. A mulher dele morreu. Ela foi morta pelo namorado dela voltando pra casa da igreja. Ele só tem três filho. Ele viu a Nettie na igreja e agora todo domingo de tarde o Sinhô___ vem cá. Vou dizer pra Nettie ficar com os livro dela. É preciso mais que juízo pra cuidar de criança que num é nem da gente. E veja o que aconteceu com a Mãe.

Querido Deus,

Ele me bateu hoje porque disse que eu pisquei prum rapaz na igreja. Eu podia tá com uma coisa no olho, mas eu num pisquei. Eu nem olho pros homem. Essa é que é a verdade. Eu olho pras mulher, sim, porque num tenho medo delas. Talvez porque minha mãe me botou maldição o senhor acha que eu fiquei com raiva dela. Mas não. Eu sentia pena da mamãe. Tentar acreditar na história dele matou ela.

Tem vez que ele inda fica olhando pra Nettie, mas eu sempre atrapalho ele. Agora eu vou dizer pra ela casar com o Sinhô _____. Num vou dizer por quê.

Eu vou dizer Casa com ele, Nettie, e tenta ter um ano bom na sua vida. Depois disso, eu sei que ela vai ter barriga.

Mas eu, nunca mais. Uma minina na igreja disse que a gente pega barriga quando sangra todo mês. Eu num sangro mais.

Querido Deus,

Sinhô___ afinal chegou e pediu a mão da Nettie em casamento. Mas ele num quis deixar ela ir. Disse que ela tá muito nova, num tem ixperiência. Disse que Sinhô já tem muita criança. Depois, E o iscândalo que a esposa dele causou quando alguém matou ela? E que história é essa que dizem da Shug Avery? O que ele diz disso?

Eu perguntei pra nossa nova mamãe sobre Shug Avery. O que era? eu perguntei. Ela num sabia mas disse que ia descobrir.

Ela fez mais do que isso. Ela cunsegiu um retrato. O primeiro queu vi de uma pessoa de verdade. Ela falou que Sinhô___ tava tirando uma coisa da carteira dele pra mostrar pro Pai e o retrato caiu e iscorregou pra debaixo da mesa. Shug Avery era uma mulher. A mulher mais linda queu já vi. Ela é mais bunita que minha mamãe. Ela é mais de dez mil vez mais bunita que eu. Eu vejo ela lá dentro do casaco de pele. O rosto dela vermelho. O cabelo dela parece uma coisa! Ela tá rindo com o pé encima do carro de alguém. Mas os olho dela tão sério. Um pouco triste.

Eu pedi pra ela me dar o retrato. A noite toda eu fiquei olhando. E agora quando eu sonho, eu sonho com Shug Avery. Ela tá vistida linda de morrer, rodando e rindo.

Querido Deus,

Quando nossa nova mamãe tava duente eu pedi pra ele me pegar invés da Nettie. Mas ele só perguntou do que queu tava falando. Eu falei pra ele queu podia me arrumar pra ele. Eu infiei no meu quarto e voltei usando rabo de cavalo, pluma, e um par dos sapato de salto alto da nossa nova mamãe. Ele me bateu porque eu vисти como vagabunda, mas fez comigo de toda maneira.

Sinhô___ veio nessa noite. Eu fiquei na cama, chorando. A Nettie, ela finalmente viu a luz do dia, clara. Nossa nova mamãe, ela também viu. Ela tava no quarto dela chorando. Nettie cuida de uma primeiro, depois da outra. Ela tá tão assustada que ela vai lá fora e vumita. Mas não lá na frente onde os dois homem tão.

Sinhô___ fala, Bom, senhor, eu gostaria que o senhor tivesse mudado de ideia.

Ele fala, Não, num posso dizer que mudei.

Sinhô___ fala, Bom, o senhor sabe, meus piqueno bem que pricisam de uma mãe.

Bom, ele fala, bem devagarinho, eu num posso deixar o senhor levar a Nettie. Ela é nova demais. Num sabe de nada, só o que a gente fala pra ela. Depois, eu quero que ela fique mais na escola. Quero fazer uma professora dela. Mas eu posso deixar o senhor levar a Celie. Ela é mais velha mesmo. Ela

precisa casar primeiro. Ela também num é mocinha, eu acho que o senhor sabe disso. Ela já foi manchada. Duas vez. Mas o senhor também num precisa de uma mocinha. Eu mesmo peguei uma mocinha e ela tá o tempo todo duente. Ele dá uma cuspidinha por cima da grade. As criança dão no nervo dela, ela num é boa cozinheira. E já tá de barriga.

Sinhô___, ele num fala nada. Eu paro de chorar, tô tão surpresa.

Ela é feia. Ele fala. Mas num estranha o trabalho duro. E é limpa. E Deus já deu um jeito nela. O senhor pode fazer tudo como o senhor quer e ela num vai botar no mundo mais ninguém pro senhor dar de comer e vestir.

Sinhô___ num fala nada. Eu pego o retrato da Shug Avery. Eu olho nos olho dela. Os olho dela dizem Sim. Eles fazem assim tem vez.

A verdade, ele fala, é queu tenho que me livrar dela. Ela é muito velha pra tá vivendo aqui na casa. E é má influência pra minhas outras minina. Ela leva a roupa dela. Ela pode levar aquela vaca que ela tá criando lá atrás do celeiro. Mas a Nettie positivamente o senhor num pode levar. Nem agora. Nem nunca.

Sinhô___ fala finalmente. Limpando a garganta. Eu realmente nunca olhei pra ela, ele fala.

Bom, da próxima vez que o senhor vier, o senhor pode olhar pra ela. Ela é feia. Nem parece que é irmã da Nettie. Mas ela vai ser uma esposa melhor. Ela também num é isperta, e eu vou ser honesto, o senhor vai ter que prestar atenção ou ela vai dar tudo o que o senhor tem. Mas ela trabalha como um homem.

Sinhô___ fala Quantos anos ela tem?

Ele fala, Ela tá perto dos vinte. E outra coisa... Ela é mentirosa.

Querido Deus,

Ele precisou de toda a primavera, de março até junho, pra resolver me levar. Eu só pensava era na Nettie. Como ela podia vir comigo se eu casasse com ele, ele tão apaixonado por ela. Eu podia imaginar um jeito pra gente fugir. Nós duas, a gente dava duro nos livro da escola da Nettie, porque a gente sabia que tinha que ser isperta pra poder fugir. Eu sei queu num sou nem tão bunita nem tão isperta quanto a Nettie, mas ela falou queu num sou boba.

O jeito pra você saber quem descubriu a América, Nettie falou, é pensar nos calombo. É parecido com Colombo. Eu aprendi tudo sobre Colombo no primeiro grau, mas parece que foi a primeira coisa queu isqueci. Ela falou que Colombo veio aqui nos barco com nome de Nina, Pinta e Santamaria. Os índio foram ótimos pra ele e ele levou um monte deles forçado de volta com ele pra servir a rainha.

Mas é difícil pensar com o casamento com Sinhô___ pindurado na minha cabeça.

Da primeira vez que fiquei de barriga, o Pai me tirou da escola. Ele nunca quis saber se eu gostava de lá ou não. Nettie ficou lá no portão sigurando apertado na minha mão. Eu tava toda vistida pro primeiro dia. Você é muito boba pra continuar indo pra escola, o Pai falou. Nettie é a inteligente nessa casa.

Mas Pai, Nettie falou, chorando, Celie é inteligente também. Até a dona Beasley já falou. Nettie é louca pela dona Beasley. Acha que ninguém no mundo é igual a ela.

O Pai falou, Quem vai escutar o que Addie Beasley tem pra dizer. Ela é tão faladeira que nenhum homem quis ela. É por isso que ela tem que ensinar na escola. Ele nunca olha pra cima quando tá limpando a arma dele. Depois um bando de homem branco veio andando pelo pátio. Eles também tavam com arma.

O Pai levantou e foi com eles. O resto da semana eu vumitei e preparei as caça.

Mas a Nettie nunca disiste. Quando eu vi, a dona Beasley tava na nossa casa pra tentar conversar com o Pai. Ela falou que desde que ela era professora ela nunca tinha visto ninguém querer tanto aprender como Nettie e eu. Mas quando o Pai me chamou e ela viu como meu vistido tava apertado, ela parou de falar e foi embora.

Nettie inda num entendia. Nem eu. Tudo que a gente via é queu tava duente todo o tempo e gorda.

Eu fiquei chateada quando a Nettie foi e me passou no estudo. Mas parece que nada do que ela fala entra na minha cabeça e fica. Ela tenta me contar uma coisa da terra num ser chata. Eu só falo, É, como se eu subesse. Eu nunca digo o tanto que ela parece chata pra mim.

Sinhô___ finalmente veio um dia parecendo todo passado. A mulher que tava ajudando ele saiu. A mãe dele foi e disse Já chega.

Ele falou, Deixa eu ver ela de novo.

O Pai me chamou. *Celie*, ele falou. Como se num fosse nada. Sinhô___ quer dar outra olhada em você.

Eu fico parada na porta. O sol brilha no meu olho. Ele inda tá montado no cavalo. Ele olha pra mim pra cima e pra baixo.

O Pai sacode o jornal. Anda, ele fala, ele num morde.

Eu chego perto da escada, mas não muito perto porque eu tenho medo do cavalo dele.

Vira, o Pai fala.

Eu viro. Um de meus irmãozinho apareceu. Eu acho que era o Lucious. Ele é gordo e risonho, todo tempo mastigando uma coisa.

Ele pergunta, Por que cê tá fazendo isso?

Pai fala, Sua irmã tá pensando em casamento.

Isso num quer dizer nada pra ele. Ele puxa meu vistido e pergunta se pode comer da geleia de morango que tá no armário.

Pode, eu falo.

Ela é boa pras criança, o Pai fala, sacudindo o jornal mais uma vez. Nunca escutei ela dizer uma palavra atravessada pra nenhum deles. Só que dá tudo o que eles pedem, é o único problema.

Sinhô___ fala, A vaca vem mesmo?

Ele fala, A vaca é dela.

Querido Deus,

Eu passei o dia do meu casamento correndo do minino mais velho. Ele tem doze ano. A mãe dele morreu nos braço dele e ele num quer nem escutar falar de uma nova mamãe. Ele pegou uma pedra e rebentou minha cabeça. O sangue correu todo encima de mim, nos meus peito. O pai dele falou Num faça isso! Mas foi tudo que ele falou. Ele tem quatro criança, e não três, dois minino e duas minina. O cabelo das minina num viu pente desque a mãe delas morreu. Eu disse pra ele queu vou ter que cortar tudo. Pra cumeçar a crescer de novo. Ele falou que dá azar cortar cabelo de mulher. Então depois queu fiz um curativo na minha cabeça do melhor jeito queu pude, eu cuzinhei o jantar — eles tem uma nascente, num é poço, e uma fornalha de lenha que parece uma carroça — e cumecei a tentar disimbaraçar cabelo. Elas só têm oito e seis ano e choraram. Elas gritaram. Elas me disseram queu tava querendo matar. Acabei lá pelas dez hora. Elas choraram até durmir. Mas eu num chorei. Eu fiquei lá pensando na Nettie quando ele tava encima de mim, imaginando se ela tava salva. E depois eu pensei na Shug Avery. Eu sei que o que ele tava fazendo comigo ele fez com a Shug Avery e quem sabe ela gostou. Eu botei meus braço ao redor dele.

Querido Deus,

Eu tava na cidade sentada na carroça quando Sinhô___ tava no armazém. Eu vi minha filhinha. Eu sabia que era ela. Ela é igualzinha a mim e meu pai. Mais parecida com a gente do que a gente mesmo. Ela vinha seguindo atrás de uma senhora e elas tavam vistida igualzinho. Elas passaram pela carroça e eu falei. A senhora respondeu gentil. Minha filhinha, ela olhou pra cima e franziu um pouquinho os olho. Ela tá aflita com alguma coisa. Ela tem os meus olho igualzinho como eles são hoje. Como se tudo queu vi, ela viu também e ficou meditando.

Eu acho que ela é minha. Meu coração diz que ela é minha. Mas eu num sei se ela é minha. Se ela é minha, o nome dela é Olivia. Eu bordei Olivia nos fundo de todas as roupinha dela. Eu bordei muitas estrelinha e flor também. Ele levou as roupinha, quando ele levou ela. Ela tinha quase dois mês. Agora ela deve ter seis ano.

Eu desci da carroça e segui Olivia e sua nova mamãe até a loja. Eu vi ela passar a mãozinha sobre o balcão, como se num tivesse interessada em nada. A mãe dela tá comprando pano. Ela fala Não mexa em nada. Olivia abre a boca, ispreguiçando.

Esta é muito bunita, eu falo, e ajudo a mãe dela a levar uma peça de fazenda até perto do rostinho dela.

Ela sorri. Vou fazer um vestido novo pra mim e pra minha filha, ela fala. O pai dela vai ficar tão orgulhoso.

Quem é o pai dela, eu gaguejo. Será que *finalmente* alguém sabe?

Ela diz Seu _____. Mas num é o nome do meu pai.

Seu _____? Eu falo. Quem é ele?

Ela olha pra mim como se eu tivesse perguntado o que num era da minha conta.

O Reverendo_____, ela fala, depois vira pro balconista. Ele fala, Moça você quer essa fazenda ou não? Tem outros freguês além de você.

Ela fala, Sim, senhor, eu quero cinco metro, por favor.

Ele pega a fazenda e vai batendo a peça. Ele num mede. Quando ele acha que já tem cinco metro ele corta. É um dolar e trinta centavo, ele fala. Você precisa de linha?

Ela fala, Não senhor.

Ele fala, Você num pode custurar sem linha. Ele pega um carretel e põe ele perto da fazenda. Esta parece que é a cor certa. Você num acha?

Ela fala, É sim senhor.

Ele começa a assobiar. Pega dois dólar. Dá pra ela um quarto de volta. Ele olha pra mim. Você quer alguma coisa, garota? Eu falo, Não senhor.

Eu sigo atrás delas na rua.

Eu num tenho nada pra oferecer e me acho tão pobre.

Ela olha pra cima e pra baixo na rua. Ele num tá aqui. Ele num tá aqui. Ela fala como quem vai chorar.

Quem que num tá? Eu pergunto.

O Reverendo _____, ela fala. Ele levou a carroça.

A carroça do meu marido tá bem aqui, eu falo.

Ela trepa. Eu agradeço muito, ela fala. A gente fica sentada olhando as pessoa que vão pra cidade. Eu nunca vi tanta gente, nem na igreja. Umas muito

bem vistida. Outras não. A poeira cobre os vistido das madame.

Ela me pergunta quem é meu marido, agora queu sei tudo sobre o dela. Ela ri um pouco. Eu falo Seu _____. Ela fala, Tem certeza? Como se ela subesse tudo sobre ele. Só num sabia que ele tinha casado. Ele é um homem tão bunito, ela fala. Num tem outro mais bunito por aqui. Nem preto nem branco, ela fala.

Ele tem uma parência boa, sim, eu falo. Mas eu num penso no queu tô dizendo. Quase sempre pra mim os homem parecem tudo a mesma coisa.

Quantos ano tem sua filha? Eu pergunto.

Oh, ela vai fazer sete ano.

Quando vai ser? Eu pergunto.

Ela pensa um pouco. Então fala, Dezembro.

Eu penso, Novembro.

Eu falo, bem tranquila. Como é o nome dela?

Ela fala, Ah, nós chamamos ela de Paulina.

Meu coração dá um pulo.

Mas depois ela franze as sobrancelha. Mas eu chamo ela de Olivia.

Por que você chama ela de Olivia se num é o nome dela? Eu pergunto.

Bom, olha só pra ela, ela fala com malícia, virando pra olhar pra minina, você num acha que ela parece uma Olivia? Olhe os olho dela, por Deus. Se as oliveira tivessem olho, seria assim. Então eu chamo ela Oliveira. Ela riu. Não. Olivia, falou, passando as mão nos cabelo da criança. Bom, aí vem o Reverendo _____, ela falou. Eu vi uma carroça e um homem enorme vistido de preto, segurando um chicote. Nós agradecemos muito a você pela hospitalidade. Ela ri outra vez, olha pros cavalo, inxotando as mosca da garupa deles. *Cavalospitalidade*, ela fala. E eu entendo e rio. Parece que meu riso tá cortando minha cara.

Sinhô sai da loja. Trepna na carroça. Senta. Fala bem divagar. Por que você tá sentada aqui rindo feito uma boba?

Querido Deus,

A Nettie táqui com a gente. Ela fugiu de casa. Ela falou que detesta deixar nossa madrasta, mas ela teve de fugir, quem sabe ela encontra ajuda pros outro menorzinho. Os minino vão ficar legal, ela falou. Eles podem ficar longe do caminho dele. Quando crescerem vão brigar com ele.

Quem sabe matam ele, eu falei.

Como tá com você e Sinhô___? ela perguntou. Mas ela tem olho. Ele inda gosta dela. De noite ele vem pra varanda com a melhor das roupa de domingo. Ela fica sentada lá comigo discascando ervilha ou ajudando as criança no ditado. Me ajudando no ditado e em tudo o mais que ela acha queu preciso saber. Num importa o que acontece, a Nettie pejeja pra me ensinar o que tá contecendo no mundo. E ela é boa professora também. Eu quase morro quando penso que ela pode casar com alguém como Sinhô___ ou acabar se matando na cuzinha de uma madame branca. Todo dia ela lê, ela estuda, ela pratica a caligrafia, e tenta fazer a gente pensar. Na maioria dos dia eu tô muito cansada pra pensar. Mas Paciência é o outro nome dela.

Todos os filho do Sinhô___ são inteligente. Mas eles são ruim. Eles falam Celie, eu quero isso. Celie, eu quero aquilo. Nossa mamãe deixava a gente fazer isso. E ele num diz nada. Eles tentam chamar a tenção dele, ele se isconde numa nuvem de fumaça.

Num deixa eles dominarem você, a Nettie fala. Você tem de mostrar pra eles quem é que manda.

Eles é que mandam, eu digo.

Mas ela cuntinua. Você tem de brigar. Você tem de brigar.

Mas eu num sei como brigar. Tudo o queu sei fazer é cuntinuar viva.

Você tá com um vistido muito bunito, ele fala pra Nettie.

Ela fala, Obrigada.

Seus sapato combinam direito.

Ela fala, Obrigada.

Sua pele. Seu cabelo. Seus dente. Todo dia tem uma coisa nova pra gente admirar.

Primeiro ela sorriu um pouco. Depois ela franziu a testa. Depois ela ficou normal. Só chegou mais pra perto de mim. Ela falou pra mim, Sua pele. Seu cabelo, seus dente. Ele tentava elogiar uma coisa dela, ela passava o elogio pra mim. Depois de um tempo, eu comecei a me sentir bunita mesmo.

Logo ele parou. Ele falou uma noite na cama, Bom, a gente já ajudou a Nettie em tudo que a gente podia. Agora ela tem de ir embora.

Pra onde ela vai? eu perguntei.

Num me interessa, ele falou.

Eu falei pra Nettie na manhã seguinte. Invés de ficar com raiva, ela ficou feliz. Disse que só odiava ter de me deixar, só isso. A gente caiu nos braço uma da outra, quando ela disse isso.

Eu detesto mesmo deixar você aqui com essas criança malcriada, ela disse. Sem falar no Sinhô _____. É como ver você interrada, ela falou.

É pior do que isso, eu penso. Se eu tivesse interrada, num tinha que trabalhar. Mas eu só disse, Num importa, num importa, enquanto eu puder

escrever D-e-u-s, eu tenho alguma coisa.

Mas eu só tinha uma coisa pra dar pra ela, o nome do Reverendo _____. Eu falei pra ela procurar a mulher dele. Quem sabe ela podia ajudar. Ela foi a única mulher com dinheiro que eu já vi.

Eu falei, Escreve.

Ela falou, Que foi?

Eu falei, Escreve.

Ela falou, Só a morte pode fazer eu num escrever procê.

Ela nunca escreveu.

D-e-u-s,

Duas irmã dele vieram de visita. Tavam todas bem vistida. Celie, elas falaram. Uma coisa é certa. Você botou ordem na casa. Num é bunito falar mal dos morto, uma falou, mas a verdade nunca pode fazer mal. Annie Julia era uma mulher disleixada com a casa.

Pra cumeçar, ela nunca quis estar aqui, a outra falou.

Onde ela queria estar? Eu perguntei.

Na casa dela. Ela falou.

Bom, isso num é desculpa, a primeira falou. O nome dela é Carrie, o da outra é Kate. Quando uma mulher casa ela deve trazer a casa decente e a família limpa. Nossa, num tinha uma vez que a gente viesse aqui no inverno sem encontrar as criança resfriada ou encatarrada, ou com diarreia, ou com pineumonia, com verme, ou constipada e com febre. Ou com fome. Todas discabelada. Todas tão suja quem nem dava gosto chegar perto delas.

Eu chegava perto delas, Kate falou.

E cozinhar. Ela num cozinhava. Parecia que ela nunca tinha visto uma cozinha.

Ela nunca viu a dele.

Era um iscândalo, Carrie falou.

Ele era mesmo, Kate falou.

O que você quer dizer, Carrie falou.

Quero dizer que ele trouxe ela pra cá, deixou ela aqui, e cuntuuou correndo atrás da Shug Avery. É isso que eu quero dizer. Ninguém pra conversar, ninguém pra visitar. Ele ficava fora dias e dias. Então ela começou a ter nenê. E ela era nova e bunita.

Não tão bunita, Carrie falou, olhando no espelho. Aquele cabelão. Ela era muito preta.

Bom, o mano deve gostar de preta. Shug Avery é mais preta que o meu sapato.

Shug Avery, Shug Avery, Carrie falou. Tô de saco cheio dela. Tão dizendo que ela tá viajando, tentando cantar. Hum, como é que ela vai cantar! Dizem que ela tá usando vistido com a perna toda de fora e coisas no cabelo com bolinha e pinduricalho dipendurado, parecendo uma vitrina.

Minhas orelha ficam em pé quando ela fala da Shug Avery. Eu sinto que sou eu mesma que quero falar dela. Elas falam mais baixo.

Eu também tô de saco cheio, Kate falou, bem baixinho. E você tá certa sobre a Celie aqui. Boa dona de casa, boa com as criança, boa cozinheira. O mano num ia conseguir melhor, nem se tentasse.

Eu pensei em como ele tentou.

Desta vez Kate veio sozinha. Acho que ela tem vinte e cinco ano. Solteirona. Parece mais nova que eu. Tem saúde. Olho brilhante. Língua afiada.

Compra roupa pra Celie. Ela fala pro Sinhô ____.

Ela precisa de roupa? ele pergunta.

Olhe só pra ela.

Ele olhou pra mim. Parecia que ele tava olhando pro chão. E ela precisa de alguma coisa? os olho dele falavam.

Ela foi comigo na loja. Eu penso qual será a cor que a Shug Avery usa. Ela parece uma rainha pra mim, então eu digo pra Kate, Alguma coisa púrpura, quem sabe com um pouco de vermelho também. Mas a gente procurou, procurou, procurou e num tinha nada púrpura. Vermelho vivo tinha mas ela falou, Não, ele num vai querer pagar pelo vermelho. Fica alegre demais. A gente tem que escolher um marron, bege ou azul-marinho. Eu falei Azul.

Eu num me lembro de ter sido a primeira em nenhum vestido meu. Agora ter um feito só pra mim. Eu tentei falar pra Kate o que isso significava. Fiquei com a cara quente e gaguejei.

Ela falou. Tá bem, Celie. Você merece mais.

Quem sabe. Eu penso.

Harpo, ela fala. Harpo é o minino mais velho. Harpo, num deixa Celie carregar toda a água sozinha. Você é um minino crescido, agora. Tá na hora de ajudar um pouco.

As mulher é que trabalham, ele fala.

Quê? ela fala.

As mulher é que trabalham. Eu sou homem.

Você é um negro safado, ela fala. Você leve aquele balde e traga ele cheio.

Ele deu uma olhada pra mim. Foi trupeçando. Eu ouvi ele falar alguma coisa pro Sinhô___ sentado na varanda. Sinhô___ chamou a irmã. Ela ficou na varanda falando um pouco, depois ela voltou, tremendo.

Tenho de ir, Celie, ela falou.

Ela tá com tanta raiva que as lágrima escorrem enquanto ela arruma as coisa dela.

Você tem de brigar com eles, Celie, ela fala. Eu num posso fazer isso por você. É você mesma que tem de brigar por você.

Eu num falo nada. Eu penso na Nettie, morta. Ela brigou, ela fugiu. Que que isso trouxe de bom? Eu num brigo, eu fico onde me mandam. Mas eu tô viva.

Querido Deus,

Harpo pergunta pro pai por que ele bate em mim. Sinhô___ fala, Porque ela é minha mulher. Depois, ela é teimosa. Todas mulher são boa pra— ele num termina. Ele só infia a cara no jornal como faz sempre. Me faz lembrar o Pai.

O Harpo me pergunta, Por que que você é teimosa? Ele num pergunta Por que que você é mulher dele? Ninguém pergunta isso.

Eu falo, Eu nasci assim, eu acho.

Ele bate em mim como bate nas criança. Só que nas criança ele nunca bate muito forte. Ele fala, Celie, pega o cinto. As criança ficam lá fora olhando pelas fresta. Tudo o queu posso fazer é num gritar. Eu fico que nem tábuia. Eu falo pra mim mesma, Celie, você é uma árvore. É por isso queu sei que as árvore têm medo dos homem.

Harpo falou, Eu gosto de uma pessoa.

Eu falei, Hum?

Ele falou, Uma moça.

Eu falei, É mesmo?

Ele falou, É. A gente vai casar.

Casar, eu falei. Você num tem idade pra casar.

Eu tenho, ele falou. Tenho dezessete. Ela quinze. Já é idade bastante.

O que a mãe dela falou? eu perguntei.

Num falei com a mãe dela.

O que o pai dela falou?

Também num falei com ele.

Bom, o que é que ela falou?

A gente nunca falou. Ele baixa a cabeça. Ele num é feio. Alto e magro, preto feito a mãe dele, com olho grande isbugalhado.

Onde vocês viram um o outro? eu perguntei. Eu vi ela na igreja, ele falou. Ela me viu na rua.

Ela gosta de você?

Eu num sei. Eu pisquei pra ela. Ela parece que tem medo de olhar.

E onde tava o pai dela quando tudo isso conteceu?

Rezando, ele falou.

Querido Deus,

Shug Avery tá vindo pra cidade! Tá vindo com toda a orquestra dela. Ela vai cantar no Lucky Star, lá na rua Coalman. Sinhô____ vai escutar ela. Ele se veste todo na frente do espelho, olha pra ele mesmo, depois tira a roupa e veste tudo outra vez. Ele alisa o cabelo dele com brilhantina, depois lava tudo outra vez. Ele fica cusbindo nos sapato dele e isfregando com uma flanela.

Ele fala pra mim, Lava isso. Passa ferro naquilo. Procura isso. Procura aquilo. Acha isso. Acha aquilo. Ele geme com os buraco das meia.

Eu vou cerzindo, passando ferro, achando o que ele quer. Tá contecendo alguma coisa? Eu pergunto.

O que você quer dizer com isso? ele fala, como se tivesse louco. Só quero tirar um pouco desse ar de caipira. Qualquer outra mulher ia ficar contente.

Eu tô contente, eu falo.

Contente como? ele pergunta.

Você tá bunito. Qualquer mulher fica orgulhosa.

Você acha? ele fala.

Primeira vez que ele pergunta uma coisa pra mim. Fiquei tão surpresa, mas na hora queu ia dizer Acho, ele já tava na varanda, tentando fazer a barba onde a luz tava melhor.

Eu fiquei zanzando o dia inteiro com o folheto fazendo um buraco no meu bolso. É um folheto rosa. As árvore entre a virada da nossa estrada e a loja tão cheia deles. Ele tem quase cinco dúzia no baú dele.

Shug Avery tá em pé ao lado do piano, os cotovelo curvado, a mão no quadril. Ela tá usando um chapéu igual cacique índio. A boca aberta mostra todos os dente dela e nada parece tá perturbando ela. Venha, venha todo mundo, tá escrito. A rainha das Abelhas de Mel tá de volta na cidade.

Meu Deus, eu quero tanto ir. Num é pra dançar. Nem pra beber. Nem pra jogar baralho. Nem pra escutar Shug Avery cantar. Eu ficaria gracedida só de poder botar o olho nela.

Querido Deus,

Sinhô___ ficou fora a noite toda de sábado, a noite toda de domingo e quase todo o dia da segunda. Shug Avery tava na cidade pro fim de semana. Ele entrou cambaleando, se atirou na cama. Ele tava cansado. Triste. Fraco. Ele chorou. Depois durmiu o resto do dia e a noite toda.

Ele acordou quando eu tava na roça. Quando ele chegou, eu já tava cortando algodão pra mais de 3 hora. A gente num falou nada um pro outro.

Mas eu tinha mil pergunta pra fazer. Como ela tava vistida? Ela inda é a mesma Shug Avery, como na minha foto? Como é o cabelo dela? Qual a cor do baton? Piruca? Ela é forte? Magra? Ela canta bem? Tá cansada? Duente? Onde ficam as criança dela quando ela canta assim em todo lugar? Ela sente saudade delas? As pergunta ficam indo e vindo na minha cabeça. Parecem cobra. Eu rezo pedindo força, mordo minha língua.

Sinhô___ pega uma enxada e começa a cavar. Ele dá umas três enxadada e depois para. Ele deixa a enxada cair no chão, vira e volta pra casa, vai e pega um pouco d'água fria pra beber, pega o cachimbo, senta na varanda e fica olhando. Eu vou atrás porque penso que ele tá duente. Aí ele fala, É melhor você voltar pra roça. Num espera por mim.

Querido Deus,

Harpo num é melhor do que eu pra brigar com o pai dele. Todo dia o pai dele levanta, senta na varanda, fica olhando pro nada. Às vez olha pras árvore na frente da casa. Olha uma borboleta se ela pousa na grade. Bebe um pouco d'água, durante o dia. À noite, um pouco de vinho. Mas quase nunca se mexe.

Harpo se queixa porque ele é que fica arando sozinho.

O pai dele fala, Você tem que fazer isso.

Harpo é quase do tamanho do pai. Ele é forte de corpo mas fraco de vontade. Ele tem medo.

Eu e ele ficamo na roça o dia todo. A gente sua, arando e plantando. Eu tô da cor de café torrado agora. Ele tá preto como chaminé. Os olho dele ficam triste e pensativo. A cara dele começa a parecer cara de mulher.

Por que o senhor num trabalha mais? ele pergunta pro pai.

Eu num preciso trabalhar. O pai dele fala. Você táqui, num tá? Ele fala assim bem ofensivo. Harpo fica magoado.

E mais, ele inda tá apaixonado.

Querido Deus,

O pai da garota do Harpo diz que o Harpo num é bom o bastante pra ela. Faz tempo que o Harpo tá namorando a garota. Ele fala que senta na sala com ela, o pai senta lá mesmo no canto até que todo mundo fica se sentindo horrível. Aí ele vai e senta na varanda na frente da porta pra poder escutar tudo. Quando chega nove hora, ele traz o chapéu pro Harpo.

Por queu num sou bom o bastante? Harpo perguntou pro Seu ____, Seu ____ falou, Sua mãe.

Harpo falou, O que tem de errado com minha mãe?

Seu ____ falou, Alguém matou ela.

Harpo tem problema de pesadelo. Ele vê a mãe dele correndo pelo pasto tentando chegar na casa. Seu ____, o homem que dizem que era o namorado dela, pega ela. Ela tá sigurando na mão do Harpo. Os dois tão correndo e correndo. Ele agarra o ombro dela, fala, Você num pode me deixar agora. Você é minha. Ela fala, Não, eu num sou. Meu lugar é junto das minhas criança. Ele fala, Puta, você num tem lugar. Ele atira na barriga dela. Ela cai no chão. O homem corre, Harpo pega ela nos braço, bota a cabeça dela no colo dele.

Ele começa a gritar, Mamãe, Mamãe. Aí eu acordo. As outras criança também. Eles choram como se a mãe deles tivesse cabado de morrer. Harpo

acorda, tremendo.

Eu acendo a lamparina e fico perto dele, fazendo carinho nas costa dele.

Num é culpa dela se alguém matou ela, ele fala, Não é! Não é!

Não, eu falo. Num é.

Todo mundo fala do tanto queu sou boa pros filho do Sinhô____. Eu sou boa pra eles. Mas eu num sinto nada por eles. Fazer carinho nas costa do Harpo num é nem como acarinhar as costa de um cãozinho. É mais como acarinhar um pedaço de madeira. Não uma árvore que vive, mas uma mesa, um guarda-roupa. De toda maneira, eles também num gostam de mim, por melhor queu seja.

Eles num se importam. Fora o Harpo, eles num trabalham. As minina sempre tão olhando pra rua. Bub fica fora toda noite bebendo com mininos duas vez mais velho que ele. O pai deles fica fumando o cachimbo.

Agora Harpo conta pra mim todo o caso de amor dele. A cabeça dele tá sempre com Sofia Butler dia e noite.

Ela é bunita, ele me fala. Ela brilha.

É esperta?

Não. É a pele que brilha. Mas ela é esperta também, eu acho. Tem vez que a gente consegue levar ela pra longe do pai.

Eu sei na hora qual é a próxima coisa queu vou ouvir, ela tá de barriga.

Se ela é tão esperta, como é que ficou de barriga? Eu perguntei.

Harpo dá de ombro. De outro jeito ela num vai poder sair de casa, ele fala. Seu ____ num vai deixar a gente casar. Diz queu num sou bom o bastante pra entrar na casa dele. Mas se ela tá de barriga, eu vou ter o direito de tá com ela, bom o bastante ou não.

Onde vocês vão ficar?

Eles tem uma casa grande, ele fala. Quando a gente casar eu vou ser feito da família.

Huummm, eu falo. Seu ____ num gostava de você antes dela ficar de barriga, agora num vai gostar de você *porque* ela tá de barriga.

Fala com Sinhô____, eu falo. Ele é seu pai. Quem sabe ele tem um bom conselho.

Quem sabe não. Eu penso.

Harpo trouxe ela pra conhecer o pai dele. Sinhô____ falou que queria dar uma olhada nela. Eu vi eles vindo pela estrada. Eles tavam parece que marchando, mão na mão, como se fossem pra guerra. Ela um pouquinho na frente. Eles chegaram na varanda, eu cumprimentei e trouxe umas cadeira pra perto da grade. Ela sentou e começou a se abanar com um lenço. Tá quente mesmo, ela falou. Sinhô____ num fala nada. Ele só olha pra ela pra cima e pra baixo. Ela tá com quase 7 ou 8 mês de barriga, a ponto de rebentar o vistido dela. Harpo é tão preto que ele pensa que a pele dela brilha, mas ela num é tão clara assim. Pele meio castanha, brilhando como mobília boa. Cabelo cheio de nó, muito mesmo, preso na cabeça numa porção de trança. Ela num é tão alta que nem Harpo mas muito mais gorda, e forte e corada, como se a mãe dela tivesse criado ela com carne de porco.

Ela fala, Como vai o senhor, Seu____.

Ele num responde a pergunta. Ele fala, Parece que você arranjou uma encrenca.

Não, senhor. Num arranjei uma encrenca. Eu tô é de barriga.

Ela alisa os vinco sobre a barriga dela com as palma da mão.

Quem é o pai? ele pergunta.

Ela parece surpresa. O Harpo, ela fala.

Como ele sabe disso?

Ele sabe. Ela fala.

As jovem de hoje num são mais como antes, ele fala. Abrem as perna pra qualquer João, Pedro ou José.

Harpo olha pro pai como se nunca tivesse visto ele antes. Mas num fala nada.

Sinhô___ falou, Num precisa pensar queu vou deixar meu minino casar com você só porque você é de família. Ele é novo e limitado. Moça bunita como você pode conseguir qualquer coisa dele.

O Harpo inda continua sem dizer nada.

A cara da Sofia fica mais vermelha. A pele da testa mexe um pouco. As orelha ficam em pé.

Mas ela ri. Ela olha pro Harpo sentado com a cabeça baixa e as mão entre os juelho.

Ela fala, Pra que queu preciso casar com o Harpo? Ele inda tá vivendo aqui com o senhor. A cumida e a roupa que ele tem, é o senhor que compra.

Ele falou, Seu pai vai botar você pra fora de casa. Pra viver na rua, eu acho.

Ela fala, Não. Eu num vou viver na rua. Vou viver com minha irmã e o marido dela. Eles falaram queu posso viver com eles o resto da minha vida. Ela levanta, grande, forte, cheia de saúde, e fala, Bom, foi um prazer a visita. Agora eu vou voltar pra casa.

Harpo levantou pra ir também. Ela fala, Não, Harpo, você fica aqui. Quando você ficar livre, eu e o nenê vamo tá esperando.

Ele ficou um pouco assim meio parado entre eles, depois sentou de novo. Eu olhei pro rosto dela bem depressa e vi parece uma sombra passando. Então ela falou pra mim, Senhora ___ eu gostaria de tomar um pouco água antes de ir, se num for incomodar.

O balde tava lá mesmo na pratadeira da varanda. Eu peguei um copo limpo do armário e peguei um pouco água pra ela. Ela bebeu, quase de um gole só.

Depois passou a mão pela barriga outra vez e foi embora. Parecia que o exército tinha mudado de rumo e ela tava indo alcançar ele.

Harpo num levantava da cadeira. Ele e o pai ficaram sentado lá, ficaram e ficaram. Num falavam nada. Num mexiam nada. Finalmente eu jantei e fui pra cama. Eu levantei de manhã e parecia que eles inda tavam sentado lá. Mas o Harpo tava fora de casa, Sinhô ____ tava fazendo a barba.

Querido Deus,

O Harpo foi e trouxe a Sofia e o nenê pra casa. Eles casaram na casa da irmã da Sofia. O marido da irmã foi o padrinho do Harpo. Outra irmã deu uma fugida de casa pra ser madrinha dela. Outra irmã foi carregar o nenê. Dizem que ele chorou durante toda a cerimônia, e a mãe dele teve de parar tudo pra dar de mamar pra ele. Terminou falando o sim com um bebezão mamando nos braço.

O Harpo arrumou a casinha do riacho pra ele e a família dele. O pai do Sinhô ___ usava ela como galpão. Mas ela é boa. Agora tá com janela, uma varanda, porta dos fundo. Depois é fresco e verde lá perto do riacho.

Ele me pediu pra fazer umas cortina e eu fiz umas de saco de farinha. Ela num é grande, mas é uma casa. Tem uma cama, um armário, um espelho, e umas cadeira. Fornalha pra cozinhar e pra aquecer também. O pai do Harpo agora tava pagando um salário pra ele trabalhar. Ele falava que o Harpo num tava trabalhando duro como devia. Quem sabe era o pouco dinheiro que tava tirando o interesse dele.

O Harpo me falou, Dona Celie, eu vou fazer greve.

Fazer o quê?

Eu num vou trabalhar.

E ele num trabalhou. Ele veio pra roça, tirou duas espiga de milho e deixou os passarinho e a praga comer o resto. A gente num colheu quase nada esse ano.

Mas agora que a Sofia veio, ele tá sempre ocupado. Ele ara, ele cava, ele planta. Ele canta e assubia.

Sofia tá com a metade do tamanho dela. Mas inda é uma moça forte. Os braço tem músclo. As perna, também. Ela gira e balança o nenê como se num fosse nada. Ela tá com uma pancinha agora e dá impressão de que ela é toda assim. Sólida. Como se se ela fosse sentar numa coisa, amassava.

Ela fala pro Harpo, Segura o nenê, quando ela vem pra casa comigo pra pegar um pouco de linha. Ela tá fazendo umas camisa. Ele pega o nenê, dá um beijo nele, faz um carinho na buchecha. Ri, olha pra varanda pro pai dele.

Sinhô___ solta fumaça, olha pra ele e fala, É, eu tô vendo agora que ela tá mudando o jogo pra prender você.

Querido Deus,

O Harpo quer saber como fazer pra Sofia obedecer ele. Ele senta lá na varanda com Sinhô____. Ele fala, Eu falo pra ela uma coisa, ela faz outra. Nunca faz o que eu falo. Sempre responde.

Pra dizer a verdade, ele parece até um pouco orgulhoso disso, eu acho.

Sinhô____ num diz nada. Solta fumaça.

Eu falo pra ela que ela num pode tá toda hora visitando a irmã. A gente agora tá casado, eu falo pra ela. Seu lugar é aqui com as criança. Ela fala, eu levo as criança comigo. Eu falo, Seu lugar é comigo. Ela fala, E você num quer vir? Ela continua se infeitando na frente do espelho, e aprontando as criança ao mesmo tempo.

Você nunca bate nela? Sinhô____ pergunta.

Harpo olha pras mão dele. Não senhor, ele fala baixo, sem graça.

Bom, então como você quer fazer ela obedecer? As esposa são feito criança. Você tem que fazer elas aprenderem quem manda. Nada resolve melhor esse problema que uma boa surra.

Ele chupa o cachimbo.

De qualquer maneira, Sofia pensa que ela é muita coisa, ele falou. Ela precisa baixar um pouco a crista.

Eu gosto da Sofia, mas ela num faz como eu de jeito nenhum. Se ela tá falando quando o Harpo e Sinhô___ entram na sala, ela continua. Se eles perguntam uma coisa pra ela, ela fala que num sabe. E continua conversando.

Eu penso nisso quando o Harpo pergunta pra mim o que ele deve fazer pra Sofia obedecer. Eu num faço ele ver como ele tá feliz agora. Como já passaram três ano e ele inda assubia e canta. Eu penso que toda vez queu pulo quando Sinhô___ me chama, ela fica surpresa. E parece que ela fica com pena de mim.

Bate nela, eu falo.

Da próxima vez que o Harpo aparece, a cara dele tá cheia de machucado. O lábio tá cortado. Um dos olho tá fechado feito um punho. Ele anda duro e fala que os dente dele tão duendo.

Eu falei, O que que conteceu com você, Harpo?

Ele falou, Oh, eu e aquela mula. Ela é encrenqueira, você sabe. Ela ficou maluca outro dia na roça. Quando eu consegui puxar ela até na casa, eu já tava todo quebrado. Daí quando entrei em casa, eu bati a cara na porta. Acertou no meu olho e arranhou meu queixo. Depois quando veio aquela chuva de ontem de noite, eu fechei a janela na minha mão.

Bom, eu falei. Depois de tudo isso, acho que você num vai ter chance de ver se consegue fazer Sofia obedecer.

Não, ele falou.

Mas ele continua tentando.

Querido Deus,

Quando eu ia avisar que eu tava chegando eu escutei uma coisa quebrar. Vinha de dentro da casa, então eu corri pra varanda. As duas criança tavam fazendo bolo de barro na beira do riacho, elas nem olharam.

Eu abri a porta com cuidado, pensando em ladrão e assassino. Ladrão de cavalo e fantasma. Mas era o Harpo e a Sofia. Ele tavam lutando que nem dois homem. Todo móvel que eles têm tava de perna pro ar. Todo prato parecia que tava quebrado. O espelho tava partido, as cortina rasgada. A cama parecia que o recheio do colchão foi puxado pra fora. Eles nem repararam. Eles lutam. Ele tenta dar um bufetão nela. Pra que que ele faz isso. Ela agacha e pega um pedaço da lenha do fogão e senta nele bem no meio da cara. Ele acerta ela na barriga, ela se dobra gemendo mas levanta com as duas mão agarrando bem a parte baixa dele. Ele rola no chão. Ele pega a bainha da saia dela e puxa. Ela continua de pé só com a roupa de baixo. Ela nunca mexe nem um olho. Ele pula pra dar uma porrada no queixo dela, ela joga ele longe. Ele cai *pumba!* contra o fogão.

Num sei quanto tempo isso vai durar. Nem sei quando começou. Eu saio de mansinho, dou té logo pras criança no riacho, volto pra casa.

Sábado de manhã cedo, a gente escuta a carroça. Harpo, Sofia e as duas criança tão indo passar o fim de semana fora, na casa da irmã de Sofia.

Querido Deus,

Faz mais de mês, eu tô com problema pra dormir. Eu fico acordada até bem tarde o mais que posso, antes de Sinhô___ começar a resmungar por causa do preço do querosene, então eu mergulho num banho morno com leite e sais de banho, aí eu salpico um pouco de avelã no meu travesseiro e nas cortina, tudo à luz da lua. Tem vez que eu consigo dormir umas hora. Então bem na hora que parece que vai ficar bom, eu acordo.

No começo, eu levantava depressa e tomava um copo de leite. Depois eu pensava em contar carneiro pulando cerca. Depois eu pensei em ler a Bíblia.

O que será isso? Eu perguntei pra mim mesmo.

Uma vizinha disse, Alguma coisa que você fez de errado. O espírito de alguém contra quem você pecou. Quem sabe.

Uma noite bem tarde eu vi. Sofia. Eu pequei contra o espírito da Sofia.

Eu rezei pra ela num descobrir, mas ela descobriu.

O Harpo contou.

No minuto que ela ficou sabendo, ela veio marchando pelo quintal, puxando um saco. Um corte todo azul e vermelho bem dibaixo do olho dela.

Ela falou, Só queria que você subesse que eu procurei você por ajuda.

E eu num ajudei? Eu perguntei.

Ela abriu o saco. Aqui tão suas curtaína, ela falou. Aqui tá sua linha. Aqui toma um trocado por ter me deixado usar suas coisa.

Elas são sua, eu falei, tentando colocar tudo no saco outra vez. Fico feliz em ajudar. Faço o que eu posso.

Você falou pro Harpo bater em mim, ela falou.

Não, eu num falei, eu disse.

Num mente, ela falou.

Eu num quis dizer isso, eu falei.

Então por que você disse? ela perguntou.

Ela tava de pé olhando pra mim bem no olho. Ela parecia cansada e a buchecha, cheia de ar.

Eu falei porque sou idiota, eu disse. Eu falei porque tava com inveja de você. Eu falei porque você faz o que eu num dô conta de fazer.

O que que eu faço? ela falou.

Briga. Eu falei.

Ela ficou lá parada um tempão, como se o que eu tinha dito tivesse tirado o ar da boca dela. Ela tava furiosa, antes. Triste, agora.

Ela falou, Toda minha vida eu tive que brigar. Eu tive que brigar com meu pai. Tive que brigar com meus irmão. Tive que brigar com meus primo e meus tio. Uma criança mulher num tá segura numa família de homem. Mas eu nunca pensei que ia ter que brigar na minha própria casa. Ela respirou fundo. Eu gosto do Harpo, ela falou. Deus sabe como eu gosto. Mas eu mataria ele antes de deixar ele me bater. Agora, se você quer um inteadado morto então é só você continuar dando pra ele o conselho que você deu. Ela botou as mão no quadril. Eu costumava caçar animal selvagem com arco e flecha, falou.

Eu parei com o tremor que tinha começado quando eu vi ela chegando. Tô com tanta vergonha de mim mesma, eu falei. E o Senhor também já me castigou um pouco.

O Senhor num gosta do feio, ela falou.

Mas ele também num é só beleza.

Isso abriu caminho pra conversa da gente ir pra outro assunto.

Eu falei, Você sente pena de mim, num sente?

Ela pensou um minuto. Sim, senhora, ela falou devagar, eu sinto.

Eu acho queu sabia porque era, mas perguntei pra ela, de qualquer jeito.

Ela falou, Pra dizer a verdade, você me faz lembrar minha mãe. Ela tá debaixo do polegar do meu pai. Não, ela tá debaixo do pé do meu pai. Tudo que ele diz, ela faz. Ela nunca responde. Ela nunca se defende. Tenta às vezes defender um pouco as criança, mas isso sempre sai pela culatra. Quanto mais ela defende a gente, mais duro ele bate nela. Ele tem ódio das criança e tem ódio do lugar de onde elas vieram. Embora pelo tanto de criança que ele tem, você nunca poderia imaginar isso.

Eu nunca soube nada da família dela. Eu pensei, olhando pra ela, que ninguém na família dela devia ter medo.

Quantos ele tem? perguntei.

Doze. Ela falou.

Poxa, Eu falei. Meu pai teve seis da minha mãe antes dela morrer, falei. Ele teve mais quatro da mulher que ele tem agora. Eu num falei dos dois que ele fez em mim.

Quantas mulher? Ela perguntou.

Cinco, eu disse. E na sua família?

Seis homem, seis mulher. Todas as minina são grande e forte como eu. Os minino são grande e forte também, mas todas as minina ficam junta. Dois irmão também ficam do nosso lado, tem vez. Quando a gente entra numa briga, é mesmo uma coisa pra se ver.

Eu nunca bati numa coisa viva, eu falei. Ah, quando eu morava na minha casa, eu batia nos menorzinho nos fundilho pra fazer eles comportarem, mas

nunca era muito forte.

Que é que você faz quando fica com raiva? ela perguntou.

Eu pensei, Eu nem posso me lembrar da última vez que fiquei com raiva, falei. Eu costumava ficar com raiva da minha mãe porque ela dava muito trabalho preu fazer. Depois eu vi que ela tava muito duente. Num podia mais ficar com raiva dela. Num podia ficar com raiva do meu pai porque ele era meu pai. A Bíblia fala, Honra seu pai e sua mãe num importa o quê. Então, depois de um tempo, toda vez que eu ficava com raiva, ou começava a ficar com raiva, eu ficava doente. Tinha vontade de vomitar. Era horrível. Então eu comecei a num sentir mais nada.

Sofia franziu a testa. Nada de nada?

Bom, tem vez que o Sinhô___ me bate muito mesmo. Eu tenho que me queixar ao Criador. Mas ele é meu marido. Eu deixo pra lá. Essa vida logo acaba, eu falo. O céu dura pra sempre.

Você tinha era que esmagar a cabeça do Sinhô___, ela falou. E pensar no céu depois.

Num tinha muita graça pra mim. Mas foi engraçado. Eu ri. Ela riu. Então nós duas rimo tanto que acabamo caindo no degrau.

Vamo fazer uma colcha de retalho dessas cortina toda, ela falou. E eu corri pra buscar meu livro de molde.

Agora eu durmo como um nenê.

Querido Deus,

A Shug Avery tá duente e ninguém na cidade quer cuidar da Rainha das Abelha de Mel. A mãe dela diz, Eu avisei pra você. O pai dela diz, Vagabunda. Uma mulher na igreja falou que ela tá morrendo — talvez de tuberculose ou de uma outra doença horrível de mulher. Qual? Eu queria perguntar, mas num tive coragem. As mulher da Igreja tem vez que são boas pra mim. Tem vez que não. Elas olham pra mim lá pelejando com as criança do Sinhô. Tentando fazer elas entrar na igreja, tentando fazer elas ficarem quieta depois que a gente entra. Algumas dessas mulher são as mesma que costumavam tá lá quando eu tava de barriga. Tem vez, quando elas acham que eu num tô vendo, elas ficam olhando pra mim. Um quebra-cabeça.

Eu fico com a cabeça pra cima, o melhor que posso. Eu capricho pro pastor. Limpo o chão e as janela, faço o vinho, lavo o linho do altar. Vejo se tem lenha na fornalha no inverno. Ele me chama de Irmã Celie. Irmã Celie, ele fala, você é tão fiel como um dia depois do outro. Então ele fala com as outras mulher e os marido delas. Eu escapulo dali, fazendo uma coisa, fazendo outra. Sinhô _____ senta lá atrás perto da porta, olhando pra lá e pra cá. As mulher dão um sorriso na direção dele sempre que podem. Ele nunca olha pra mim, nem me nota.

Até o pastor fala da Shug Avery, agora ela tá por baixo. Ele toma o exemplo dela pro sermão dele. Ele num fala no nome, mas nem precisa. Todo mundo

sabe de quem ele tá falando. Ele fala de uma mariposa de saia curta, que fuma cigarro, bebe gin. Canta por dinheiro e tira os homens das outras mulheres. Chama de puta, sirigaita, novilha e mulher da rua.

Eu olho pra trás pro Sinhô____, quando ele fala assim. Mulher da rua. Alguém tinha que defender Shug, eu acho. Mas ele num diz nada. Ele cruza as pernas primeiro pro lado, depois pro outro. Ele olha pra fora da janela. As mesmas mulheres que riem pra ele, dizem amém contra Shug.

Mas depois que a gente chega em casa ele num para nem pra tirar a roupa. Ele chama o Harpo na casa da Sofia. Harpo vem correndo.

Pega a carroça, ele fala.

Onde a gente vai? Harpo pergunta.

Pega a carroça, ele fala outra vez.

O Harpo pega a carroça. Eles ficam lá e conversam um pouco perto do celeiro. Então Sinhô____ vai embora.

Uma boa coisa desse jeito que ele tem de nunca trabalhar quando tá em casa, é que ninguém sente a falta dele quando ele tá fora.

Cinco dias depois eu olhei pra estrada e vi a carroça voltando.

Ela agora tava com uma espécie de capota, feita de cobertor velho ou coisa parecida. Meu coração começou a bater feito doido, e a primeira coisa que eu pensei fazer foi ir mudar meu vestido.

Mas já era tarde demais. Na hora que eu puxei o vestido pela cabeça e pelos braços, eu vi a carroça entrar no pátio. Depois um vestido novo num ia ajudar muito com meu cabelo assaranhado e lenço cheio de poeira, meus sapatos velhos de bater e o jeito que eu cheirava.

Eu num sabia o que fazer, tô tão fora de mim. Eu fico lá no meio da cozinha. A cabeça girando. Eu sinto como Quem Teria Imaginado.

Celie, eu escuto Sinhô____ chamar. *Harpo*.

Eu enfio minha cabeça e meu braço outra vez no vistido velho e limpo o suor e o pó da minha cara o melhor que eu posso. Eu chego na porta. Sim sinhô? Eu pergunto, e trapeço na vassoura com que eu tava varrendo quando vi a carroça.

O Harpo e a Sofia tão no pátio, agora, olhando pra dentro da carroça. As caras carrancuda.

Quem é essa? o Harpo pergunta.

Essa mulher devia ter sido sua mãe, ele fala.

Shug Avery? Harpo pergunta. Ele olha pra mim.

Me ajuda a levar ela pra casa, Sinhô___ falou.

Eu acho que meu coração vai vuar pra fora da minha boca quando eu vejo um pé dela parecer.

Ela num tá deitada. Ela tá descendo entre o Harpo e Sinhô___. E ela tá vistida linda de morrer. Ela tá com um vistido de lã vermelho e o peito cheio de contas preta. Um chapéu preto brilhante com o que parece uma pena de gavião meio dobrada prum lado, e ela tá carregando uma bolsinha de couro de cobra, combinando com os sapato dela.

Ela parece tão na moda que é como se as árvore em volta da casa tivessem se espichado um pouco mais pra ver melhor.

Agora eu vejo ela trapeçar entre os dois homem. Ela num parece muito certa dos próprio pé.

Mais de perto eu vejo todo o pó de arroz amarelo passado no rosto dela. Rouge vermelho. Ela parece que num tá mais pra este mundo, só bem-vistida pro outro. Mas eu é que sei.

Entra, eu quero gritar. Berrar. Entra. Com a ajuda de Deus, Celie vai fazer você ficar boa. Mas eu num digo nada. A casa num é minha. Também, ninguém me pergunta nada.

Eles sobem metade dos degrau. Sinhô___ olha pra mim. Celie, ele fala. Essa aqui é Shug Avery. Velha amiga da família. Arruma o quarto vazio. Então ele olha pra ela, sigura ela com um braço, sigura na grade com outro. Harpo tá do outro lado, parecendo triste. Sofia e as criança tão no pátio, olhando.

Eu num mexo nada, porque num dô conta. Eu prciso ver os olho dela. Eu acho que depois queu ver os olho dela meus pé vão conseguir se disgrudar daquele lugar.

Continua andando, ele falou, bem claro.

E então ela olhou pra cima.

Dibaixo de todo aquele pó, o rosto dela é tão preto que nem o do Harpo. Ela tem um nariz longo e puntudo e uma boca grande carnuda. Os lábio parecem ameixa preta. Os olho grande, lustroso. Febril. E malvado. Como se, mesmo duente como ela tá, se uma cobra cruzasse o caminho dela, ela matava.

Ela olha pra mim da cabeça aos pé. Então ela dá uma risada. Parecia um istertor. Você é mesmo feia, ela falou, como se num tivesse acreditando.

Querido Deus,

Num tem nada grave com a Shug Avery. Ela só tá duente. Mais duente que qualquer pessoa queu já vi. Ela tá mais duente que minha mãe tava quando morreu. Mas ela é muito mais brava que minha mãe e isso faz ela ficar viva.

Sinhô___ fica no quarto com ela o tempo todo de noite e de dia. Mas ele num sigura a mão dela. Ela é brava demais pra isso. Deixa minha maldita mão solta, ela fala pro Sinhô___. O que tá contecendo com você, você tá louco? Eu num prciso de nenhum fracote que num sabe dizer não pro pai grudado em mim. Eu prciso é de um homem, ela fala. Um homem. Ela olha pra ele, gira os olho e ri. Num é muita risada mas faz ele ficar longe da cama. Ele senta no canto, longe da lamparina. Tem vez que ela acorda à noite e nem vê nada. Mas ele fica lá. Sentado na sombra mastigando o cachimbo dele. Mas sem tabaco dentro. Primeira coisa que ela falou. Eu num quero cheirar nenhum cachimbo fedorento f. da p., tá me entendendo, Albert?

Quem é Albert, eu fiquei pensando. Então eu lembrei que Albert é o nome do Sinhô___.

Sinhô___ num fuma. Num bebe. Quase nem come. Ele só fica lá com ela naquele quartinho, vendo ela respirar.

O que conteceu com ela? eu perguntei.

Se você num quer ela aqui, diga, ele falou. Num vai adiantar nada. Mas se é assim que você quer... Ele num terminou.

Eu quero que ela fique aqui, eu falo, bem depressa. Ele olha pra mim como se quem sabe eu tô planejando uma coisa ruim.

Eu só quero saber o que conteceu, eu falei.

Eu olhei pra cara dele. Tá cansada e triste e eu vi que ele tá derrotado. Bem cabisbaixo. Eu tô melhor, eu acho. E as roupa dele suja, suja. Quando ele puxa elas pra fora, levanta pó.

Ninguém briga pela Shug Avery, ele falou. E um pouco d'água correu pros olho dele.

Querido Deus,

Eles dois fizeram três nenê junto mas ele fica com vergonha de dar banho nela. Quem sabe ele pensa que vai começar a pensar coisa que num deve. Mas e eu? A primeira vez queu vi inteiro o longo corpo negro da Shug Avery com os bico do peito que nem ameixa preta, parecendo a boca dela, eu pensei queu tinha virado homem.

O que que cê tá olhando? ela perguntou. Cheia de raiva. Ela tá fraca que nem uma gatinha. Mas a boca tá cheia de garra. Você nunca viu uma mulher pelada antes?

Não, senhora, eu falei. Eu nunca vi. Só a Sofia, e ela é tão gorda, corada e louca que parece minha irmã.

Ela fala, Bom, olha bem. Mesmo se agora eu tô que nem um saco de osso. E ela inda tem a ideia de botar uma mão no quadril pelado e piscar o olho pra mim. Depois ela chupa os dente e fica olhando pro teto enquanto eu dou banho nela.

Eu lavei o corpo dela, parece queu tava rezando. Minhas mão tremiam e minha respiração ficou presa.

Ela falou, Você já teve filho?

Eu falei, Sim senhora.

Ela falou, Quantos e num fale sim senhora pra mim queu num sou tão velha.

Eu falei, Dois.

Ela perguntou, Cadê eles?

Eu falei, Eu num sei.

Ela me olhou de um jeito engraçado.

Meus filho tão com a vó deles, ela falou. Ela podia aguentar eles, eu tinha que ir.

Você sente falta deles? Eu perguntei.

Não, ela falou. Eu num sinto falta de nada.

Querido Deus,

Eu perguntei pra Shug Avery o que ela queria pro café da manhã. Ela falou. O que vocês todos comem? Eu falei Presunto, milho, ovos, biscoito, café, leite batido ou manteiga, panqueca. Geleia e compota.

Ela falou, Só isso? E suco de laranja, grapefruit, morango e creme. Chá. Então ela riu.

Eu num quero nada dessa comida desgraçada de vocês, ela falou. Me dê só uma xícara de café e me passa os meus cigarro.

Eu num discuti. Eu peguei o café e acendi o cigarro dela. Ela tava usando camisola branca cumprida e a mão preta e fina dela se esticando pra pegar um cigarro branco parecia que tava bem. Mas uma coisa nela, talvez as pequenina veia macia queu vi e as grande queu tentei num ver, me fizeram ficar com medo. Eu senti uma coisa me empurrando pra frente. Se eu num tivesse cuidado eu bem que tinha sigurado a mão dela pra sentir o gosto dos dedo dela na minha boca.

Posso sentar aqui e comer com você? perguntei.

Ela deu de ombro. Ela tá ocupada olhando uma revista. Mulheres branca tão lá, rindo, segurando o colar com um dedo, dançando na capota dos carro. Pulando nas fonte. Ela vira rápido as página. Parece chateada. Me lembra uma

criança tentando brincar com um brinquedo que ela ainda não sabe como funciona.

Ela toma o café, fuma o cigarro. Eu mordo um pedaço bem suculento de presunto feito em casa. Você pode cheirar esse presunto a uma légua de distância quando ele tá cozinhando. Ele perfuma todo o quarto dela num instante.

Eu lambuzo a manteiga num biscoito quente, fico passando bem devagar. Eu ensopo o presunto no molho de carne e misturo o ovo com o fubá.

Ela fuma e fuma. Olha pro café como pra ver se quem sabe tem uma coisa sólida lá no fundo.

Finalmente ela fala, Celie, Eu acho que eu quero tomar um copo d'água. E essa aqui perto da cama não tá fresca.

Ela me dá o copo dela.

Eu ponho o meu prato na mesinha perto da cama. Eu vou buscar um pouco d'água pra ela. Eu volto, eu pego meu prato. Parece que um ratinho andou roendo o biscoito, um gato fugiu com o presunto.

Ela faz como se nada tivesse acontecido. Começa a queixar que tá cansada. Cochila um pouco pra dormir.

Sinhô___ me pergunta como eu consegui fazer ela comer.

Eu falei, Ninguém vivo sente o cheiro de um presunto feito em casa sem provar um pouco. Se ele tá morto, ele ainda tenta resistir. Quem sabe.

Sinhô___ riu.

Eu reparei numa coisa doida nos olhos dele.

Eu tava com medo, ele falou. Medo. E ele cobriu os olhos dele com as mãos.

Querido Deus,

Shug Avery sentou um pouquinho na cama hoje. Eu lavei e pintiei o cabelo dela. Ela tem o cabelo mais pincha, curto, e enroscado queu já vi, e eu amo cada fio dele. O cabelo que ficou no meu pente, eu guardei. Quem sabe um dia eu faço uma rede. uma malha pra botar no meu próprio cabelo.

Eu faço como se ela fosse uma boneca ou se fosse Olivia — ou como se fosse mamãe. Eu pinteio e mimo, pinteio e mimo. Primeiro ela falou, anda depressa e acaba logo. Depois ela se derreteu um pouco e se encostou no meu juelho. Tá gostoso, falou. É como mamãe costumava fazer. Ou quem sabe nem era mamãe. Era vovó. Ela pega outro cigarro. Começa a cantarolar uma musiquinha.

Que canção é essa? Eu pergunto. Parece um pouco sacana, eu acho. Como a que o pastor diz que é pecado escutar. Inda mais cantar.

Ela cantarola um pouco mais. Uma coisa que me chegou, ela falou. Uma coisa queu acabo de fazer. Uma coisa que você ajudou a tirar da minha cabeça.

Querido Deus,

O pai do Sinhô___ apareceu essa noite. Ele é um homenzinho encolhido com a cabeça careca e óculo de ouro. Ele sempre fica limpando a garganta, como se tudo que ele dissesse precisasse de aviso antes. Fala com a cabeça caída prum lado.

Ele foi direto ao assunto.

Num podia descansar enquanto num trouxesse ela pra casa, num é verdade? ele falou, subindo a escada.

Sinhô___ num disse nada. Olhou pras árvore, por cima da grade, pro topo do poço. Ficou olhando pro telhado da casa do Harpo e da Sofia.

O senhor num quer sentar? eu perguntei, pegando uma cadeira pra ele. Quer um pouco d'água fresca?

Pela janela eu escutei a Shug — cantarolando e cantarolando, praticando a musiquinha dela. Eu escapuli até o quarto dela e fechei a janela.

O velho Seu___ falou pro Sinhô___, Afinal, o que essa Shug Avery tem, ele falou. Ela é preta que nem piche, tem o cabelo pinchaim. Tem as perna que nem jogador de beisebol.

Sinhô___ num falou nada. Eu cuspi um pouquinho no copo d'água do velho Seu___.

Ora, o velho Seu ___ falou, ela num é nem limpa. Eu escutei dizer que ela tem a pior doença de mulher.

Eu mixi o cuspe com meu dedo. Eu fico pensando nos óculo de grau, imaginando como a gente quebra eles. Mas eu num tô zangada de jeito nenhum. Só interessada.

Sinhô ___ vira devagar a cabeça, olha o pai dele beber água. Depois ele fala, muito triste mesmo, O senhor num é capaz de entender isso, ele fala, eu amo a Shug Avery. Sempre amei, sempre vou amar. Eu divia ter casado com ela quando eu tive oportunidade.

É, o velho Seu ___ falou. E teria jogado fora sua vida. (Sinhô ___ resmungou bem aí). E um bom tanto do meu dinheiro junto. O velho Seu ___ limpa a garganta. Ninguém num tem nem certeza de quem é o pai dela.

Eu nunca me importei com o pai dela, Sinhô ___ falou.

E a mãe dela até hoje pega as roupa dos branco. Depois cada um dos filho dela tem pai diferente. É tudo muito à toa e baixo.

Bom, Sinhô ___ falou e olhou direto pro pai, Todos os filho da Shug Avery tem um mesmo pai, isso eu posso garantir.

O velho Seu ___ limpou a garganta. Bom, essa casa é minha. Essa terra é minha. Seu minino Harpo tá numa das minha casa, na minha terra. As praga que cresce na minha terra, eu corto elas. O lixo que aparece, eu queimo. Ele levanta pra ir embora. Me dá o copo. Da outra vez que ele vier eu vou botar um pouco do pipi da Shug Avery no copo dele. Vamo ver se ele gosta.

Celie, ele falou, você tem minha simpatia. Num é toda mulher que deixa a puta do marido se curar na casa deles.

Mas ele num tá dizendo isso pra mim, tá dizendo pro Sinhô ___.

Sinhô ___ olhou pra mim, os olho da gente se encontrou. Foi a vez que a gente se sentiu mais próximo.

Ele falou, Dá o chapéu pro pai, Celie.

E eu dei. Sinhô___ num levanta da cadeira perto da grade. Eu fico na porta. A gente fica olhando o velho Seu ___ ir resmungando e resmungando pela estrada.

O próximo que veio visitar foi o irmão dele, Tobias. Ele é muito gordo e alto, parece um grande urso amarelo. Sinhô___ é piqueno que nem o pai, o irmão dele é muito mais alto.

Cadê ela? ele perguntou, rindo. Cadê a Rainha das Abelha de Mel? Tenho uma coisa pra ela, falou. Ele botou uma caixinha de chocolate na grade.

Ela tá durmindo, eu falei. Num durmiu muito a noite passada.

Como tá você, Albert, ele falou, puxando uma cadeira. Ele passou a mão pelo cabelo lustroso e tentou sentir se tinha um bichinho no nariz. Enxugou a mão nas calça e olhou o vinco.

Eu acabei de escutar que a Shug Avery tava aqui, ele falou. Faz quanto tempo você tá com ela?

Ah, Sinhô___ falou, faz mês.

Diabo, Tobias falou, eu escutei dizer que ela tava morrendo. Isso prova, num é, que a gente num pode acreditar em tudo que escuta. Ele alisa o bigode, passa a língua nos canto dos lábio.

O que você conta de bom, dona Celie? ele fala.

Quase nada, eu falo.

Eu e a Sofia tamo fazendo outra colcha de retalho. Eu já tenho quase cinco quadrado pronto, espalhado na mesinha perto do meu juelho. Meu cesto tá cheio de retalho, no chão.

Sempre ocupada, sempre ocupada, ele fala. Eu queria que Margaret fosse mais como você. Me pouparia um bom dinheiro.

Tobias e o pai dele sempre falam de dinheiro como se eles inda tivessem muito. O velho Seu ___ vendeu quase tudo que tinha e só restou as casa e as

roça. As roça minha e do Harpo dão mais do que as dos outro.

Eu recorto mais um retalho. Olho as cores da peça.

Aí eu escuto a cadeira de Tobias se arrastar e ele fala, *Shug*.

Shug tá meio entre duente e sarada. Meio entre boa e má, também. Na maior parte dos dia agora ela mostra pra mim e pro Sinhô___ o lado bom dela. Mas hoje ela tá toda brava. Ela ri, feito uma navalha se abrindo. Fala, Ora, ora, veja *quem* táqui hoje.

Ela tá usando um vistido meio florido que fiz pra ela e mais nada. Parece ter dez ano com o cabelo todo trançado. Ela tá magra que nem um grão, e a cara é só olho.

Eu e Sinhô___, nós dois olhamo pra ela. Nós dois levantamo pra ajudar ela sentar. Ela num olha pra ele. Ela puxa uma cadeira perto de mim.

Ela pega um retalho do cesto. Olha ele na luz. Franze a testa. Como você custura essa maldita coisa? fala.

Eu dou pra ela o quadrado que tô fazendo, pego outro. Ela custura com grandes ponto torto, me faz lembrar da musiquinha sacana que ela canta.

Tá muito bom, pra quem tá começando, eu falo. Tá bunito e bacana. Ela olha pra mim e resmunga. Tudo queu faço é bunito e bacana pra você, dona Celie, ela fala. Mas isso é porque você num tem bom senso. Ela riu. Eu baixei a cabeça.

Ela tem muito mais que a Margaret, Tobias fala. Margaret pega aquela agulha e custura suas narina junta.

Todas as mulher num são igual, Tobias, ela fala. Acredite ou não.

Ah, eu acredito, ele fala. Só que num posso provar pro mundo.

É a primeira vez queu penso no mundo.

O que o mundo tem a ver com as coisa, eu penso. Aí eu vejo eu mesma sentada ali custurando entre Shug Avery e Sinhô___. Nós três tamo junto

contra Tobias e sua caixa de chocolate cuberta de mosca. Pela primeira vez na minha vida, eu sinto que tô no meu lugar.

Querido Deus,

Eu e Sofia trabalhamos na colcha. Tamo armando ela na varanda. Shug Avery deu um vestido amarelo velho pra retalho e eu trabalho no recorte sempre que eu posso. É um modelo bunito chamado A Escolha da Irmã. Se a colcha ficar perfeita, quem sabe eu dou pra ela. Eu queria a colcha pra mim, só por causa dos retalhinho amarelo, eles parecem estrelas, mas não. Sinhô___ e Shug vão pela estrada até a caixa do correio. A casa tá quieta, a num ser pelas mosca. Elas zanzam pra lá e pra cá, bêbadas de tanto comer e de tanto calor, zumbindo tanto que eu fico sonolenta.

Sofia parece que tá com uma coisa na cabeça, só que ela num sabe bem o que é. Ela curva sobre a armação, costura um pouco, aí encosta na cadeira e olha pro pátio. Finalmente, ela descansa a agulha, e fala, Por que as pessoa comem, dona Celie, me diga.

Pra ficar viva, eu falo. Pra que mais? Claro que tem pessoa que come porque gosta da comida. Depois tem gente que é gulosa. Adora sentir a boca trabalhando.

São só esses motivo que você consegue pensar? ela pergunta.

Bom, tem vez que pode ser um caso de tá subnutrido, eu falei.

Ela cisma. Ele num tá subnutrido, ela fala.

Quem? eu pergunto.

O Harpo. Ela fala.

Harpo?

Ele ta comendo mais e mais todo dia.

Quem sabe ele tá com uma solitária?

Ela franze a testa. Não, ela fala. Num acho que é solitária. Solitária faz você ficar com fome. Harpo come mesmo quando num tá com fome.

Como, ele força pra comer? Isso é difícil de acreditar, mas a gente tá escutando coisa nova todo dia. Eu não, você sabe, mas tem gente que diz isso.

Ontem de noite ele comeu sozinho uma panela inteira de panqueca.

Não. Eu falei.

Sim, comeu. E tomou dois copo grande de leite batido. Isso depois do jantar, também. Eu tava dando banho nas criança, aprontando elas pra cama. Ele divia tá lavando os prato. Invés de lavar os prato, ele tava limpando tudo com a boca.

Bom, quem sabe ele tava extrafaminto. Vocês dois tão trabalhando muito.

Num é tanto assim, ela falou. E essa manhã, no café, diabos, ele comeu seis ovo. Depois de tanta cumida, ele parecia muito cheio pra andar. Quando chegamo na roça eu pensei que ele fosse dismaiar.

Se Sofia fala DIABOS, alguma coisa tá errada. Quem sabe ele num gosta de lavar os prato, falei. O pai dele nunca lavou um prato na vida.

Você acha? ela fala. Mas ele parece gostar. Pra falar a verdade ele gosta dessa parte de cuidar da cuzinha muito mais que eu. Eu prefiro ficar na roça ou tratando dos bicho. Até cortando madeira. Mas ele gosta de cozinhar e limpar e de ficar fazendo coisa pela casa.

Ele é mesmo um bom cozinheiro, eu falei. Foi uma grande surpresa pra mim ver que ele sabia cozinhar. Ele nunca tinha feito nem um ovo quando ele vivia na casa.

Aposto que ele queria, ela falou. Parece tão natural pra ele. Mas Sinhô____, você sabe como ele é.

Ah, ele é bom, eu falei.

Você tá falando sério, dona Celie? Sofia perguntou.

Eu quero dizer, ele é bom em umas coisa, noutras não.

Ah, ela falou. De qualquer jeito, da próxima vez que ele vier aqui, repara se ele come alguma coisa.

Eu reparo, sim, que ele tá comendo bem. A primeira coisa, quando ele tá subindo a escada, eu olho bem pra ele. Ele inda tá magro, quase metade do tamanho da Sofia, mas eu vejo uma pancinha começando debaixo do macacão dele.

O que você tem pra comer, dona Celie? ele fala, indo direto pro forno e prum pedaço de frango frito, depois pro armário prum pedaço de torta de morango. Ele fica perto da mesa e mastiga, mastiga. Você tem um pouco de creme? ele pergunta.

Tenho qualhada, eu falo.

Ele fala, Ótimo, eu adoro qualhada. E pega um tanto pra ele.

Sofia num deve tá dando de comer procê, eu falei.

Por que você fala isso? ele perguntou com a boca cheia.

Bom, inda num passou tanto tempo depois da hora do almoço e aí tá você com fome outra vez.

Ele num fala nada. Come.

E depois, eu falo, a hora do jantar também num tá longe. Umas três quatro hora.

Ele procura uma colher na gaveta pra comer a qualhada. Ele vê um pedaço de pão de milho na prateleira atrás do fogão, pega e esmigalha ele no copo.

A gente volta pra varanda e ele bota os pé na grade. Come a qualhada e o pão de milho com o copo quase dentro do nariz. Me faz lembrar do porco no chiqueiro.

Cumida tá com gosto de cumida pra você esses dia, argh, eu falo, escutando ele mastigar.

Ele num fala nada. Come.

Eu olho pro pátio. Eu vejo a Sofia puxando uma escadinha e depois encostando ela contra a casa. Ela tá usando uma calça velha do Harpo. Tá com um lenço amarrado no cabelo. Ela sobe na escada até o telhado e cumeça a martelar uns prego. O eco soa pelo pátio feito um tiro.

Harpo come, fica olhando pra ela.

Aí ele arrota. Disculpa, dona Celie, ele fala. Leva o copo e a colher de volta pra cozinha. Sai e diz té logo.

Num importa o que tá contecendo agora. Num importa quem chega. Num importa o que eles dizem ou não, Harpo continua comendo. Cumida tá na cabeça dele de manhã, de tarde, de noite. A pança dele cresce e cresce, mas o resto dele não. Ele começa a parecer que tá grávido.

Quando vai nascer? a gente pergunta.

Harpo num diz nada. Vai e pega outro pedaço de torta.

Querido Deus,

Harpo tá ficando com a gente este fim de semana. Sexta de noite depois que Sinhô___ e Shug e eu, todo mundo já tinha ido pra cama, eu escutei alguém chorando. O Harpo, sentado lá fora na escada, tava chorando que parecia que o coração dele tava partido. Oh, ai ai, e ai ai. Ele tava com a cabeça entre as mão, lágrima e muco correndo pra baixo no queixo. Eu dei um lenço pra ele. Ele suou o nariz, olhou pra mim com os olho fechado que nem punho.

Que foi que aconteceu com seus olho? eu perguntei.

Ele ficou rodeando na cabeça pra achar uma história pra contar, aí acabou caindo na verdade.

Sofia, ele falou.

Você inda tá chatiando a Sofia? eu perguntei.

Ela é minha esposa, ele falou.

Isso num quer dizer que você tem que ficar chatiando ela, eu falei. Sofia ama você, ela é uma boa esposa. Boa pras criança e bunita. Trabalhadeira. Temente a Deus e *limpa*. Eu num sei o que mais você quer.

Harpo fungou.

Eu quero que ela faça o queu digo, como você com o Pai.

Oh, Deus, eu falei.

Quando o Pai fala procê fazer uma coisa, você faz, ele falou. Quando ele fala pra num fazer, você num faz. Se você num faz o que ele quer, ele bate em você.

Tem vez que ele bate em mim de qualquer jeito, eu falei, quer eu faça o que ele falou quer não.

Isso é verdade, Harpo falou. Mas a Sofia não. Ela faz o que ela quer, num importa o queu digo, de jeito nenhum. Eu tentei bater nela, ela me acertou no olho. Oh, ai ai, ele chorava. Ai ai ai.

Eu cumecei a puxar meu lenço. Quem sabe empurro ele e os olho preto pra baixo da escada. Eu penso na Sofia. Ela me diverte. Eu costumava caçar animal selvagem com arco e flecha, ela falou.

Tem mulher que num guenta apanhar, eu falei. Sofia é assim. Depois a Sofia ama você. Ela com certeza vai ficar contente de fazer quase tudo que você pedir, se você pedir direito. Ela num é má, ela num é rancorosa. Ela num tem raiva de ninguém.

Ele continuou sentado lá, sigurando a cabeça, olhando parado.

Harpo, eu falei, dando uma sacudida nele, Sofia *ama* você. Você *ama* Sofia.

Ele olhou pra mim o melhor que pôde com aqueles olhinho inchado. É mesmo? ele falou.

Sinhô___ casou comigo preu cuidar das criança dele. Eu casei com ele porque meu pai forçou. Eu num amo Sinhô___ e ele num me ama.

Mas você é a esposa dele, ele falou, como Sofia é a minha. A esposa deve obedecer.

A Shug Avery obedece Sinhô___? eu perguntei. Ela é a mulher com quem ele queria casar. Ela chama ele de Albert, num vacila em falar pra ele que as cueca dele tão fedendo. Piqueno como ele é, quando ela recuperar o peso dela, vai poder sentar encima dele se ele tentar chatiar ela.

Pra que que eu fui falar em peso. O Harpo começou a chorar de novo. Aí ele começou a enjurar. Debruçou na grade e vomitou e vomitou. Parece que todo pedaço de torta do último ano veio pra fora. Quando ele parou eu botei ele na cama perto do quartinho da Shug. Ele caiu direto no sono.

Querido, Deus,

Eu fui visitar a Sofia, ela inda tá trabalhando no telhado.

A maldita goteira, ela falou.

Ela tava junto da pilha de madeira, fazendo ripas. Ela punha um enorme pedaço de madeira na pedra de cortar e corta, corta, ela tava fazendo ripas grande e chata. Ela botou o machado de lado e perguntou se eu queria um pouco de limonada.

Eu olhei e vi que ela tava bem. A num ser um machucado no punho, parecia que num tinha nenhum arranhão nela.

Como vão as coisa com você e o Harpo? eu perguntei.

Bom, ela falou, ele parou de comer tanto. Mas pode ser só um descanso.

Ele tá tentando ficar forte que nem você, eu falei.

Ela respirou fundo. Eu acho queu pensei nisso, ela falou, e deixou o ar sair bem devagar.

Todas as criança vieram correndo, mamãe, mamãe, a gente quer limonada. Ela encheu cinco copo pra elas, dois pra nós. A gente sentou num balanço de madeira que ela fez no verão passado e pindurou no canto sombreado da varanda.

Tô ficando cansada do Harpo, ela falou. Tudo que ele pensa desde que a gente casou é como fazer eu obedecer. Ele num quer uma esposa, ele quer um

cachorro.

Ele é seu esposo, eu falei. Tem que ficar com ele. Se não, o que você vai fazer?

O marido da minha irmã foi convocado pro exército, ela falou. Eles num tem filho, Odessa ama as criança. Ele deixou ela num sitiozinho. Quem sabe eu vou ficar um pouco com eles. Eu e as criança.

Eu pensei na minha irmã Nettie. Um pensamento tão fundo que me cortou feito uma dor. Alguém pra onde fugir. Parecia bom demais pra durar.

Sofia continuou, franzindo a testa.

Eu já nem gosto de ir pra cama com ele. Antes quando ele tocava em mim, eu perdia a cabeça. Agora quando ele me toca, eu só num quero ser incomodada. Quando ele trepa encima de mim, eu penso que é assim que ele sempre quer ficar. Ela toma um gole da limonada. Eu antes adorava essa parte, ela falou. Eu costumava caçar ele da roça pra casa. Ficava toda quente só de olhar ele colocando as criança pra dormir. Mas isso já passou. Agora eu fico cansada o tempo todo. Num tenho mais interesse.

Ora, ora, falei. Deixa passar um tempo, quem sabe volta tudo. Mas eu falei isso só pra falar alguma coisa. Eu num sei nada sobre isso. Sinhô___ trepa encima de mim, faz o serviço dele, dez minuto depois a gente tá dormindo. A única vez queu sinto uma coisa atiçando lá embaixo é quando eu penso na Shug. Mas é como correr até o fim de uma estrada e voltar sozinha, num dá em nada.

Você sabe qual é a parte pior? ela falou. A parte pior é queu acho que ele nem repara. Ele trepa lá e tem o bem-bom dele do mesmo jeito. Num importa o que eu tô pensando. Num importa o queu sinto. É só ele. Sentimento parece que nem passa aí. Ela suspira. O fato dele poder fazer isso assim me dá vontade de matar ele.

A gente olhou pro lado da casa, vimo a Shug e Sinhô___ sentando na escada. Ele esticou a mão e tirou uma coisa do cabelo dela.

Eu num sei, Sofia falou. Quem sabe eu num vou. Lá no fundo eu inda amo Harpo, mas — ele me faz mesmo ficar *muito* cansada. Ela abriu a boca. Riu. Eu preciso de umas férias, falou. Aí ela voltou pra pilha de madeira, começou a fazer mais ripa pro telhado.

Querido Deus,

Sofia tem razão sobre as irmã dela. Todas elas são moça de saúde, grande, forte, parecem amazona. Elas vieram cedo uma manhã em duas carroça pra apanhar Sofia. Ela num tinha muito pra levar, as roupas dela e das criança, um colchão que ela fez no inverno passado, um espelho e uma cadeira de balanço. As criança.

Harpo sentou na escada como se num tivesse se importando. Ele tá fazendo uma rede pra pescar. Ele olha pro riacho de vez em quando e assubia uma musiquinha. Mas num é nada comparado ao jeito que ele costuma assubiar. O assubiozinho dele soa como se tivesse perdido numa jarra, e a jarra no fundo do riacho.

No último minuto eu resolvi dar a colcha de retalho pra Sofia. Eu num sei como será a casa da irmã dela, mas a gente tá tendo um clima bem frio mesmo de uns tempo pra cá. Pelo queu sei, ela e as criança vão ter de durmir no chão.

Você vai deixar ela ir? eu perguntei pro Harpo.

Ele olha como se só um idiota pudesse fazer essa pergunta. Ele parece que tá cheio de si. Ela resolveu ir, ele falou. Como é queu vou parar ela? Deixa ir, ele falou, dando uma olhada pras carroça da irmã dela.

A gente sentou na escada junto. Tudo que a gente escuta vindo de lá de dentro é o pam, pam, pam de pés grande e firme. Todas as irmã da Sofia

mexendo de lá pra cá juntas ao mesmo tempo faz a casa tremer.

Onde a gente vai? a filha mais velha perguntou.

Visitar a tia Odessa, Sofia falou.

Papai vem? ela perguntou.

Não, Sofia falou.

Por que papai num vem? outra perguntou.

Papai precisa ficar aqui e tomar conta da casa. Cuidar de Dilsey, Coco e Bu.

A criança vem pra junto do pai e fica olhando pra ele muito tempo.

Você num vem? ela pergunta.

Harpo fala, Não.

A criança vai cuchichar pro nenê que tá engatinhando no chão, Papai num vem com a gente, que que cê acha?

O nenê fica sentado quieto, faz uma cara de grande esforço, solta um pum.

A gente ri, mas também é triste... Harpo pega ele, tira o alfinete, e vai trocar a fralda.

Acho que ele num tá molhado, Sofia fala. É só gás.

Mas ele troca assim mesmo. Ele e o nenê ficam num canto da varanda, fora do movimento. Ele pega a fralda usada e seca pra enxugar os olho.

Por fim, ele dá o nenê pra Sofia e ela firma ele do lado, no quadril, joga um saco de fralda e cumida sobre o ombro, bota todas as criança junta, fala pra elas Digam Adeus pro Papai. Aí ela me abraça o melhor que pode com o nenê e tudo, e trepa na carroça. Cada uma das irmãs já tá com uma criança entre os juelho, a num ser as duas que tão dirigindo os cavalo, e todas vão quieta, enquanto deixam o pátio da Sofia e do Harpo e passam pela casa no rumo da estrada.

Querido Deus,

Sofia foi embora faz seis mês, o Harpo parece outro homem. Ele era bem caseiro, agora todo o tempo tá na rua.

Eu perguntei pra ele o que que tava contecendo. Ele falou, Dona Celie, eu tô aprendendo umas coisa.

Uma coisa que ele aprendeu é que ele é bunito. Outra é que é esperto. Mais, que ele sabe fazer dinheiro. Ele num fala quem é o professor.

Eu num tinha escutado tanto martelo desde antes da Sofia ir embora, mas toda tarde depois que ele sai da roça, ele fica derrubando coisas e pregando. Tem vez que o Swain, um amigo dele, vem ajudar. Os dois trabalham a noite inteira. Sinhô___ tem que gritar pra eles parar com o barulho.

O que que vocês tão construindo? eu perguntei.

Um bar, ele falou.

Aqui nesse lugar tão longe?

Num é mais longe do que os outro.

Eu num sei nada sobre os outro, só sobre o Lucky Star.

Um bar deve ficar no meio das árvore, Harpo falou. Pra ninguém ser incomodado pela música alta. Os baile. As briga.

Swain falou, As morte.

Harpo falou, E os polícia num sabem onde procurar.

O que a Sofia vai dizer quando ver o que você tá fazendo com a casa dela?
perguntei. Se ela e as criança chegarem. Onde vão dormir.

Elas num vão voltar, Harpo falou, pregando as madeira de um balcão.

Como você sabe? perguntei.

Ele num responde. Continua trabalhando, fazendo tudo com o Swain.

Querido Deus,

Na primeira semana, ninguém veio. Na segunda semana, três ou quatro. Na terceira semana, um. Harpo senta atrás do seu balcãozinho escutando o Swain com sua caixa de percussão.

Ele tem bebida gelada, tem churrasco, tem pastelzinho, tem pão comprado na loja. Ele tem um letreiro dizendo *Harpo's* preso num lado da casa e outro na estrada. Mas ele num tem freguês.

Eu vou até o pátio, fico de fora, olho pra dentro. O Harpo me vê e acena.

Entra, dona Celie, ele fala.

Eu falo, Não, obrigada.

Sinhô___ tem vez que vai até lá, bebe alguma coisa, escuta o Swain. A Shug também vai lá, de vez em quando. Ela inda tá usando os vistido saco, e eu inda faço trança no cabelo dela, mas ele tá crescendo agora e ela fala que logo vai querer alisar ele a ferro.

Harpo fica confuso com a Shug. Uma razão é que ela fala o que vem na cabeça dela, nem se importa com a cortesia. Tem vez que eu vejo ele olhando pra ela com muita tenção quando num sabe que eu tô vendo.

Um dia ele falou, Ninguém vem até aqui só pra escutar o Swain. Será que eu podia conseguir a Rainha das Abelha de Mel?

Num sei, eu falei. Ela tá muito melhor agora, sempre cantarolando ou cantando alguma coisa. Ela na certa vai ficar contente de voltar ao trabalho. Por que você num pergunta pra ela?

A Shug fala que o bar dele num é muito comparado aos que ela tava costumada, mas ela acha que talvez possa dar uma mão cantando umas música.

O Harpo e o Swain conseguiram que Sinhô___ desse pra eles um pouco dos velhos folheto da Shug que tavam no baú. Riscaram o Lucky Star da Estrada Coalman, colocaram no lugar Harpo's da fazenda___. Pregaram eles nas árvore entre a virada da nossa estrada e a cidade. No primeiro sábado de noite veio tanta gente que muitos num conseguiram entrar.

Shug, Shug benzinho, a gente pensou que cê tava morta.

Cinco entre uma dúzia diziam alô pra Shug assim.

E veio pra descobrir que quem tava morto era você, a Shug respondia com um sorriso grande.

Finalmente eu pude ver Shug Avery trabalhar. Pude olhar e escutar.

Sinhô___ num queria queu fosse. Esposas num vão nesses lugares, ele falou.

É, mas a Celie vai, Shug falou, enquanto eu alisava o cabelo dela. E se eu ficar doente enquanto tô cantando? E se meu vistido se descusturar? Ela tava usando um vistido vermelho bem justo na pele que parecia que as alça eram feitas de dois fio de linha.

Sinhô___ resmungava enquanto punha as roupa dele. Minha esposa num pode fazer isso. Minha esposa num pode fazer aquilo. Nenhuma mulher minha... Ele ia falando assim.

A Shug Avery finalmente falou, É ótimo eu num ser sua maldita esposa.

Aí ele ficou quieto. Nós três fomo pro Harpo's. Sinhô___ e eu sentamo na mesma mesa. Sinhô___ tomou uísque. Eu tomei um refrigerante.

Primeiro a Shug cantou uma música de alguém chamado Bessie Smith. Ela falou que Bessie é uma pessoa que ela conhece. Velha amiga. O nome da música é “Um bom homem é difícil de encontrar”. Ela olhou um pouquinho pro Sinhô___ enquanto tava cantando isso. Eu também olhei um pouquinho pra ele. Pra homem tão piqueno, ele tava todo cheio de orgulho. Parece que tudo que ele sabe fazer é ficar ali sentado na cadeira. Eu olhei pra Shug e senti que meu coração começava a pertar. Me doía tanto que eu cobri meu peito com a mão. Eu acho que eu podia tá até debaixo da mesa, que eles nem reparavam. Eu odiei a minha cara, odiei o jeito que eu tava vistida. Eu só tinha roupa de ir pra igreja no meu guarda-roupa. E Sinhô___ olhando pra pele preta brilhante da Shug no vistido vermelho justo, os pé dela nos sapatinho vermelho provocante. O cabelo dela resplandecendo em ondas.

Antes que eu desse conta, lágrimas correram pelo meu queixo.

E eu fiquei confusa.

Ele adora olhar pra Shug. Eu adoro olhar pra Shug.

Mas Shug só adora olhar pra um de nós. Ele.

Mas é desse jeito que deve ser. Eu sei. Mas se é assim, por que meu coração dói tanto?

Minha cabeça curvou tanto que quase bateu no meu copo.

Aí eu escutei meu nome.

Shug falando Celie. Dona Celie. E eu olhei pra onde ela tava.

Ela falou meu nome outra vez. Ela falou que essa música que eu vou cantar chama música de dona Celie. Porque foi ela que tirou essa música da minha cabeça quando eu tava duente.

Primeiro ela cantarolou um pouco, como fazia em casa. Depois cantou as palavra.

Era sobre um homem que num prestava fazendo coisas ruim pra ela, outra vez. Mas eu num escutei essa parte. Eu olhei pra ela e cantarolei junto com a

melodia.

É a primeira vez que alguém faz uma coisa e bota o meu nome.

Querido Deus,

Logo vai chegar a hora da Shug ir embora. Agora ela canta todo fim de semana no Harpo's. Ele tá fazendo um bom dinheiro com ela, e ela também tá ganhando. E ela tá ficando forte outra vez e engordando. Na primeira noite e nas outra ela cantava bunito mas um pouco fraco, agora ela canta que enche tudo. As pessoa lá fora no pátio escutam as música sem problema. Ela e o Swain cantam muito bem junto. Ela canta, ele toca a caixa. É bacana lá no Harpo's. Mesinha por todo lado com velas encima queu fiz, muitas mesinha também do lado de fora, perto do riacho. Tem vez queu olho da nossa casa e parece um inxame de pirilampo tudo em volta e dentro da casa da Sofia. De noite, a Shug num guenta esperar pra ir pra lá.

Um dia ela falou pra mim. Bom, dona Celie, eu acho que já é hora de ir embora.

Quando? Eu perguntei.

No começo do outro mês. Junho. Junho é um bom mês pra sair pelo mundo.

Eu num disse nada. Senti como senti quando a Nettie foi embora.

Ela chegou perto e botou a mão no meu ombro.

Ele bate em mim quando você num tá aqui, eu falo.

Quem? Ela fala. Albert?

Sinhô____, eu falo.

Num posso acreditar, ela fala. Ela sentou no banco perto de mim com toda a força, como se tivesse caído.

Por que ele bate em você? ela perguntou.

Porque eu sou eu e não você.

Oh, dona Celie, ela falou, e botou os braços ao redor de mim.

A gente ficou sentada assim por quase meia hora. Então ela me beijou na parte carnuda do meu ombro e levantou.

Eu num vou embora, ela falou, até eu saber que o Albert num vai nem pensar em bater em você.

Querido Deus,

Agora que todo mundo sabe que ela vai embora logo, eles tão durmindo junto de noite. Não toda noite, mas quase toda noite, de sexta a segunda.

Ele vai lá no Harpo's pra ver ela cantar. E só pra olhar pra ela. Depois bem tarde eles voltam pra casa. Eles dão risadinha e eles conversam e eles ficam no corpo a corpo até de manhã. Aí eles ficam na cama até que é hora dela aprontar pra voltar pro trabalho.

A primeira vez que aconteceu, foi um acidente. O sentimento arrebatou os dois. Foi o que a Shug falou. Ele num falou nada.

Ela perguntou pra mim, Me diga a verdade, ela falou, você se importa se o Albert durmir comigo?

Eu pensei, eu num me importo com quem o Albert dorme. Mas eu num falei isso.

Eu falei, Você pode ficar barriguda de novo.

Ela falou, Não, não com minha esponja e tudo.

Você inda ama ele, eu perguntei.

Ela falou, Eu tenho uma espécie de paixão por ele. Se alguma vez eu fosse me casar, seria com ele. Mas ele é fraco, ela falou. Num consegue dicidir o que quer. E pelo que você conta pra mim ele é um machão. Mas há umas coisa queu

gosto nele, ela falou. Ele tem um cheiro gostoso. Ele é tão piqueno. Ele me faz rir.

Você gosta de dormir com ele? eu perguntei.

Gosto, Celie, ela falou, eu tenho que confessar. Eu *adoro*. Você não?

Não, eu falei, Sinhô___ pode dizer procê, eu num gosto de jeito nenhum. Como é? Ele trepa encima da gente, levanta a camisola até a cintura, infia. Na maioria das vezes eu fico imaginando que num tô lá. Ele nunca repara a diferença. Nunca me pergunta como eu me sinto, nada. Só faz o negócio dele, sai, vai dormir.

Ela começa a rir. Faz o negócio dele, ela fala. Faz o negócio dele. Ora, dona Celie. Do jeito que você fala parece que ele vai ao banheiro em você.

É assim queu me sinto, falei.

Ela parou de rir.

Você nunca gostou de jeito nenhum? ela perguntou, espantada. Nem com o pai de suas criança?

Nunca, eu falei.

Ora, dona Celie, falou, você inda é uma virgem.

O quê? eu perguntei.

Escuta, ela falou, bem lá embaixo na sua xoxota tem um piqueno botão que fica muito quente quando você faz você sabe o que com alguém. Ele fica cada vez mais quente e mais quente e então ele derrete. Essa é a parte boa. Mas outras parte são gostosa também, ela fala. Muita chupada aqui e ali, ela fala. Muito trabalho com os dedo e com a língua.

Botão? Dedo e *língua*? Minha cara tava tão quente que ela também podia derreter.

Ela falou, Toma, pega esse espelho e dá uma olhada em você lá embaixo. Aposto como você nunca olhou lá, já?

Nãããã.

E aposto que você também nunca viu o Albert nessa parte.

Eu senti ele, eu falei.

Eu fiquei lá parada com o espelho.

Ela falou, Ora, a vergonha é demais até pra olhar pra você mesma? E você tá tão bunita, também, ela falou, rindo. Toda vistida pra ir pro Harpo's, perfumada e tudo, mas com medo de olhar pra própria xoxota.

Você vem comigo enquanto eu olho, eu falei.

E a gente foi pro meu quarto como duas minina traquina.

Você vigia a porta, eu falei.

Ela deu risada. Tá bem, ela falou. Ninguém tá vindo. Costa livre.

Eu deitei na cama e puxei meu vistido. Desci minhas calcinha. Pus o espelho entre as perna. Argh. Todo aquele cabelo. Então os lábio da minha xoxota são preto. Então lá dentro parece uma rosa molhada.

É muito mais bunito do que você pensava, num é? ela falou da porta.

É minha, eu falei. Cadê o botão?

Bem aí na parte de cima, ela falou. A partezinha que fica meio saliente.

Eu olhei pra ela e toquei o botão com meu dedo. Um tremorzinho me sacudiu. Num foi grande. Mas foi o bastante pra mostrar que esse era o botão certo pra pertar. Quem sabe.

Ela falou, Já que você tá olhando, olhe pros seus peito também. Eu suspendi o meu vistido e olhei. Pensei nos meus bebê chupando eles. Lembrei do tremorzinho queu sentia naquela hora. Às vez um tremor grande. A melhor parte de ter um bebê era dar de mamar pra eles.

Albert e Harpo tão vindo, ela falou. Eu subi minhas calcinha e descii meu vistido. Senti como se a gente tivesse fazendo uma coisa errada.

Eu num importo se você dorme com ele, eu falei.

E ela me fez jurar que era verdade.

E eu jurei que era verdade.

Mas quando eu escuto eles junto, tudo que eu posso fazer é puxar a cuberta e cobrir minha cabeça e botar o dedo no meu botão e nos meus peitinho e chorar.

Querido Deus,

Uma noite, quando a Shug tava cantando uma das quente, quem entrou empurrando a porta do Harpo's foi Sofia.

Ela tava com um homem tão grande e pesado que parecia um campeão.

Ela também tava como sempre grande e gorda.

Oh, dona Celie, ela gritou. É tão bom ver você de novo. Até ver o Sinhô___ é bom, ela falou. Ela pegou numa das mão dele. Mesmo o aperto de mão dele sendo um pouco fraco, ela falou.

Ele parecia muito contente de ver ela.

Aqui, puxa uma cadeira, ele falou. Toma um refrigerante.

Me dá uma dose de rum, ela falou.

O campeão puxou uma cadeira, escarranchou nela, abraçou Sofia como se tivesse em casa.

Eu vi o Harpo do outro lado da sala com a namoradinha sarará dele. Ele olhou pra Sofia como se ela fosse um fantasma.

Esse é Henry Broadnax, Sofia falou. Todo mundo chama ele de Buster. Bom amigo da família.

Como vão todos vocês? ele falou. Ele sorriu gentil e a gente continuou escutando a música. A Shug tava usando um vistido dourado que mostrava os

peitinho dela até quase os bico. Todo mundo fica quase querendo que alguma coisa rasgue. Mas o vestido é forte.

Diabos, ah, incrível, Buster fala. O corpo de bombeiro num dá conta. Alguém tem que chamar a polícia.

Sinhô___ cuchicha pra Sofia. Onde tão suas criança?

Ela cuchicha de volta. Minhas criança tão em casa, e as sua?

Ele num diz nada.

As duas minina ficaram de barriga e saíram de casa. Bub vive entrando e saindo da cadeia. Se o avô dele num fosse tio do delegado, que é a cara do Bub, Bub já teria sido linchado faz tempo.

Eu num consigo acreditar como Sofia tá bem.

A maioria das mulher com cinco criança ficam meio acabada, eu falei pra ela por cima da mesa quando Shug acabou a música. Você parece que tá pronta pra mais cinco.

Oh, ela falou, eu tenho seis criança agora, dona Celie.

Seis. Eu fiquei chocada.

Ela vira a cabeça, olha pro Harpo. A vida num para só porque você sai de casa, dona Celie. Você sabe disso.

Minha vida parou quando eu saí de casa, eu penso. Mas então eu penso de novo. Ela parou com Sinhô___, talvez, mas depois cumeçou de novo com a Shug.

Shug chegou perto e ela e Sofia se abraçaram.

Minina, você tá mesmo gostosa, hein, tá mesmo.

Aí foi queu reparei como a Shug fala e age às vez feito um homem. Homem é que fala coisa assim pras mulher, Minina, você tá mesmo gostosa. As mulher sempre falam do cabelo e da saúde. Quantos nenê tão vivendo ou morreram, ou tão com dente nascendo. Num falam que a mulher que elas tão abraçando tá mesmo gostosa.

Todos os homem tão com os olho pregado no seio da Shug. Eu também tô com os olho pregado lá. Eu sinto meus biquinho se endurecendo dibaixo do meu vistido. Meu botão também parece que fica atizado. Shug, eu falo pra ela na minha cabeça, Minina, você tá mesmo gostosa, só Deus sabe o quanto.

O que você tá fazendo aqui? o Harpo pergunta.

Sofia fala, Eu vim ver Shug cantar. Você tá com um lugar bacana aqui, Harpo. Ela olha em volta. Os olho dela vão admirando aqui e ali.

Harpo fala. É um iscândalo uma mulher com cinco criança rondando num bar de noite.

Os olho de Sofia ficaram gelado. Ela olhou pra ele pra cima e pra baixo.

Desde ele parou de se intupir de comida, ele ganhou um bocado de peso, na cara, cabeça e tudo, principalmente bebendo cerveja feita em casa e cumendo os resto de churrasco. Agora ele tá quase do tamanho dela.

Uma mulher precisa de se divertir de vez em quando, ela falou.

Uma mulher precisa de ficar em casa, ele falou.

Ela falou, Esta é minha casa. Embora eu ache que ela fica melhor como bar.

Harpo olhou pro campeão. O campeão empurra um pouco a cadeira pra trás, pega o copo.

Eu num brigo as briga da Sofia, ele fala. Meu negócio é amar ela e levar ela pra onde ela quer ir.

Harpo respirou com um pouco de alívio.

Vamos dançar, ele falou.

Sofia, riu, levantou. Botou os dois braço ao redor do pescoço dele. Devagar eles se arrastam pelo salão.

A namoradinha sarará do Harpo bebe, encostada no bar. Ela é uma garota boa, amiga e tudo, mas ela é igual a mim. Ela faz tudo que o Harpo fala.

Ele deu pra ela um apelido, também, chama ela de Tampinha.

Logo Tampinha tomou coragem e foi lá tentar parar os dois.

Harpo tenta virar Sofia pra que ela num possa ver. Mas Tampinha fica dando e dando tapinha no ombro dele.

Por fim ele e Sofia param de dançar. Eles tão a quase quatro metro de nossa mesa.

Shug fala, Uh, uh, e aponta com o queixo, alguma coisa tá pra acontecer ali.

Quem é essa mulher, Tampinha fala, naquela vozinha de taquara rachada dela.

Você sabe quem ela é, Harpo fala.

Tampinha vira pra Sofia. Fala, É melhor você deixar ele em paz.

Sofia fala, Comigo num tem problema. Ela vira pra ir embora.

Harpo agarra ela pelo braço. Fala, Você num tem que ir pra nenhum lugar. Diabos, essa casa é sua.

Tampinha fala, O que você quer dizer, essa casa é dela? Ela largou você. Largou a casa. Tudo acabou, ela fala pra Sofia.

Sofia fala, Comigo num tem problema. Ela tenta tirar o braço do punho do Harpo. Ele aperta mais.

Escuta Tampinha, Harpo fala, Um homem num pode dançar com a própria esposa?

Tampinha fala, Não se ele for meu homem, ele num pode. Você escutou bem, sua puta, ela falou pra Sofia.

Sofia tá ficando um pouco cansada de Tampinha, eu posso dizer pelas orelha dela. Elas parecem que se incolhem pra trás. Mas ela fala de novo, tipo fim de briga, Ei, comigo num tem nenhum problema.

Tampinha dá um tapa nela.

Pra que que ela foi fazer isso. Sofia nem pra começar usa o estilo de dama, como tapa. Ela cerra os punho, puxa o corpo pra trás, e dá um murro que arranca dois dente da Tampinha. Tampinha cai no chão. Um dente tá pindurado no lábio dela, e outro dentro do meu copo de refrigerante.

Aí Tampinha começa a bater na perna do Harpo com o sapato.

Tira essa puta daqui, ela grita, sangue e baba correndo pelo queixo dela.

Harpo e Sofia tão de pé, lado a lado, olhando pra Tampinha, mas eu acho que eles nem escutam ela. O Harpo inda tá segurando o braço da Sofia. Acho que passa talvez um minuto. Finalmente ele solta o braço dela, agacha e pega a pobre Tampinha nos braços. Ele nina e nina ela como se ela fosse um nenê.

Sofia volta e chama o campeão. Eles passam pela porta e nem olham pra trás. Aí a gente escuta um motor de carro saindo.

Querido Deus,

Harpo tá que nem doido. Limpa o balcão, acende um cigarro, olha pra fora, anda pra cima e pra baixo. Tampinha fica zanzando em volta dele tentando chamar a atenção. Amorzinho isso, ela fala, amorzinho aquilo. Harpo olha através da cabeça dela, sopra a fumaça.

Tampinha vem até o canto onde eu e Sinhô____tamo. Ela tá com dois dente de ouro brilhando no lado da boca. Ela geralmente ri o tempo todo. Agora ela tá chorando. Dona Celie, ela fala, O que tá contecendo com o Harpo?

Sofia tá na cadeia, eu falei.

Na cadeia? Pela cara dela, parece que eu falei que Sofia tá na lua.

Como que ela tá na cadeia? ela perguntou.

Disacatou a esposa do prefeito, eu falei.

Tampinha puxou uma cadeira. Olhou pra minha cara.

Qual é o seu nome verdadeiro? eu perguntei pra ela. Ela falou, Mary Agnes.

Faz o Harpo chamar você pelo seu nome verdadeiro, eu falei. Aí quem sabe ele vai ver você mesmo quando tiver com um problema.

Ela olhou pra mim espantada. Eu deixei pra lá. Eu contei pra ela o que uma das irmã da Sofia contou pra mim e pra Sinhô____.

Sofia e o campeão e todas as criança entraram no carro do campeão e foram pra cidade. Ficaram disfilando na rua como se fossem gente. Foi aí que o

prefeito e a mulher dele apareceram.

Todas essas criança, a mulher do prefeito falou, fuçando na bolsa. Mas tão bunitinhas como botão, ela falou. Ela parou, botou a mão na cabeça de uma das criança. E falou, e esses dente branco tão forte.

Sofia e o campeão num disseram nada. Esperaram ela passar. O prefeito também esperou, ficou um pouco pra trás, batendo o pé e olhando pra ela com um sorrisinho. Vamos Millie, ele falou. Sempre falando com os preto. A dona Millie passou a mão nas criança um pouco mais, finalmente olhou pra Sofia e pro campeão. Ela olhou pro carro do campeão. Ela reparou no relógio de pulso da Sofia. Ela falou pra Sofia, Todas as criança sua são tão limpa, ela falou, você num quer trabalhar pra mim, ser minha impregada?

Sofia falou, Diabos não.

Ela falou, O que você falou?

Sofia falou, Diabos não.

O prefeito olhou pra Sofia, puxou a mulher dele da frente. Esticou o peito. Moça, o que foi que você falou pra dona Millie?

Sofia falou, Eu falei, Diabos não.

Ele deu um tapa nela.

Eu parei de falar bem aí.

Tampinha tava na beira da cadeira. Ela esperou. Olhou pra minha cara de novo.

Nem é prciso contar mais, Sinhô___ falou. Você sabe o que contece se alguém dá um tapa na Sofia.

Tampinha ficou branca que nem lençol. *Nãããõ*, ela falou.

Nãããõ nada, eu falei. Sofia derrubou o homem.

Os polícia veio, começaram a tirar as criança de cima do prefeito, batendo com as cabeça dela uma na outra. A Sofia aí começou mesmo a brigar. Eles arrastaram ela pelo chão.

Parece que só consigo chegar até aqui com a história. Meus olhos ficam cheios de lágrimas e minha garganta fecha.

Pobre Tampinha toda encolhida na cadeira, tremendo.

Eles bateram pra valer na Sofia, Sinhô___ falou.

Tampinha voou como se tivesse mola, correu até o balcão onde Harpo tava, botou os braços dela ao redor dele. Eles ficaram pindurado um no outro muito tempo, chorando.

O que que o campeão fez durante tudo isso? Eu perguntei pra irmã da Sofia, Odessa.

Ele queria pular encima também, ela falou. Sofia falou, Não, leva as crianças pra casa.

Os policiais também tavam com o revólver encima dele. Um movimento e ele tava morto. Seis policiais, sabe.

Sinhô___ foi suplicar pro delegado pra deixar a gente ver Sofia. Buba dá tanto problema, parece tanto com o delegado, ele e Sinhô são quase família. Desde Sinhô___ conheça o seu lugar.

O delegado falou, Ela é uma mulher doida, a esposa do seu garoto. Você sabia disso?

Sinhô___ falou, Sinhô, a gente sabe disso sim. Tô tentando dizer pro Harpo que ela é doida faz doze anos. Desde antes deles casar. Sofia é de uma família de gente doida Sinhô___ falou, não é só culpa dela. E depois também o delegado sabe como as mulheres são, de qualquer maneira.

O delegado pensou nas mulheres que ele conhece, falou, É você tá certo nisso.

Sinhô___ falou, A gente também vai dizer pra ela que ela é doida, se a gente der um jeito de poder ver ela.

O delegado falou, Bom, diga mesmo. E diga pra ela que ela tem sorte de tá viva.

Quando eu vi Sofia eu num entendi como ela inda tava viva. Eles quebraram a cabeça dela, eles quebraram as custela dela. Eles deixaram o nariz dela solto de um lado. Eles cegaram ela de um olho. Ela tava inchada da cabeça ao pé. A língua dela tava do tamanho do meu braço, saía de dentro dos dente feito um pedaço de borracha. Ela num podia falar. E tava da cor de uma biringela.

Eu fiquei tão assustada que quase deixei minha bolsa cair. Mas num deixei. Eu coloquei ela no chão da cela, peguei o pente e a escova, a camisola, glicerina e álcool e comecei a trabalhar. O vigilante preto trouxe água preu lavar ela, e comecei primeiro pelas duas fenda que eram os olho dela.

Querido Deus,

Eles puseram a Sofia pra trabalhar na lavanderia da prisão. Durante todo o dia das 5 às 8 ela fica lavando roupa. Uniforme sujo de prisioneiro, lençol e cobertor fedorento impilhado encima da cabeça dela. A gente vê ela duas vez por mês durante meia hora. A cara dela tá amarela e duentia, os dedo dela parecem linguíça.

Tudo é horrível aqui, ela falou, até o ar. A cumida é tão ruim que pode até matar. Tem barata, rato, pulga, piolho e até uma ou duas cobra. Se você diz qualquer coisa, eles tiram sua roupa e botam você pra dormir num chão de cimento sem nenhuma luz.

Como você faz? a gente pergunta.

Toda vez que eles me mandam fazer alguma coisa, dona Celie, eu faço como se eu fosse você. Eu me levanto e faço do jeitinho que eles querem.

Ela parecia louca quando disse isso, e o olho ruim dela vagou pelo quarto.

Sinhô___ prendeu a respiração. Harpo resmungou. Shug praguejou. Ela veio de Memphis especialmente pra ver Sofia.

Eu num consigo fazer minha boca dizer o que eu tô sentindo.

Eu sou uma boa prisioneira, ela fala. A melhor condenada que eles já tiveram. Eles num podem acreditar que fui eu mesma que disacatei a mulher do

prefeito e dei um soco que derrubou o prefeito. Ela riu. Parecia uma parte de uma música. A parte onde todo mundo vai pra casa menos você.

Mas doze ano é muito tempo pra ser boazinha, ela falou.

Quem sabe você sai por bom comportamento, o Harpo falou.

Bom comportamento num é bom o suficiente pra eles. Sofia falou. Nada menos do que se arrastar no chão com sua barriga e lambar as bota deles com sua língua num consegue nem chamar a tenção deles. Eu sonho com matar, ela falou, eu sonho com matar durmindo ou acordada.

A gente num falou nada.

Como tão as criança? ela falou.

Elas tão todas bem, o Harpo falou. Entre a Odessa e a Tampinha, elas vão indo.

Diz obrigada pra Tampinha, ela fala. Diga pra Odessa queu penso nela.

Querido Deus,

Todo mundo senta ao redor da mesa depois da janta. Eu, Shug, Sinhô____, Tampinha, o campeão, Odessa e mais duas irmã da Sofia.

Sofia num vai durar, Sinhô____ fala.

É, Harpo fala, eu acho que ela tá louca.

E o que ela disse, Shug falou. Meu Deus.

A gente tem que fazer alguma coisa, Sinhô____ falou, e tem que ser bem rápido.

O que que a gente pode fazer? Tampinha perguntou. Ela parecia esgotada com todas as criança da Sofia e do Harpo encima dela de uma vez, mas tava guentando. O cabelo um pouco oleoso, a anágua aparecendo, mas ela tava guentando.

Tirar ela de lá, o Harpo falou. Pegar um pouco de dinamite com o pessoal que tá construindo aquela ponte enorme lá embaixo na estrada, explodir a prisão inteira até o fim do mundo.

Cala a boca, Harpo, Sinhô____ falou, a gente tá tentando pensar.

Tenho uma ideia, o campeão falou, contrabandiar um revólver pra dentro da prisão. Bom, ele coçou o queixo, talvez contrabandiar uma lima.

Não, Odessa falou. Eles vão vir atrás dela se ela sair desse jeito.

Eu e Tampinha não falamos nada. Eu não sei o que ela estava pensando, mas eu estava pensando nos anjos, Deus vindo numa charrete, cantando mesmo muito baixinho e levando a velha Sofia pra casa. Eu via tudo isso claro como dia. Anjos todos de branco, cabelo branco e os olhos brancos, parecendo albinos. Deus também todo de branco, parecendo com um grande homem branco que trabalha no banco. Os anjos tocando os címbalos, um deles tocando uma corneta. Deus sopra um grande sopro de fogo e de repente a Sofia tá livre.

Quem são os parentes preto do diretor da prisão? Sinhô___ falou.

Ninguém falou nada.

Finalmente o campeão falou. Qual é o nome dele? ele perguntou.

É o menino do velho Henry Hodge, Sinhô___ falou. Costumava morar na casa do velho Hodge.

Tem um irmão chamado Jimmy? Tampinha perguntou.

É, Sinhô___ falou. O irmão chama Jimmy. Casado com aquela moça dos Quitman. O pai dela é o dono da loja de ferragem. Você conhece eles?

Tampinha baixou a cabeça. Resmungou alguma coisa.

O que você disse? Sinhô___ perguntou.

Tampinha ficou vermelha. Ela resmungou de novo.

Ele é seu o quê? Sinhô___ perguntou.

Primo, ela falou.

Sinhô___ olhou pra ela.

Meu pai, ela falou. Ela olhou pro Harpo. Olhou pro chão.

Ele sabia alguma coisa disso? Sinhô___ perguntou.

Sabia, ela falou. Ele tem três filhos com minha mãe. Dois mais novo queu.

O irmão dele sabe alguma coisa disso? Sinhô___ perguntou.

Uma vez ele foi lá em casa com Seu Jimmy, ele deu pra todo mundo umas muedas e falou que a gente parecia mesmo Hodges.

Sinhô___ afastou a cadeira dele, olhou pra Tampinha da cabeça ao pé.
Tampinha puxou o cabelo oleoso da testa.

É, Sinhô___ falou. Eu vejo que parece. Ele voltou a ajeitar a cadeira.

Bom, parece que é você que tem que ir.

Ir onde, perguntou Tampinha.

Ir ver o diretor da prisão. Ele é seu tio.

Querido Deus,

A gente vestiu a Tampinha como mulher branca, só que seu vestido tava remendado. Ela botou um vestido engomado e passado, sapato de salto alto arranhado, e um chapéu velho que alguém deu pra Shug. A gente deu pra ela uma bolsa velha que parecia de retalho e uma piquena bíblia preta. A gente lavou o cabelo dela e tiramo fora toda a gordura, aí eu fiz duas trança cruzando a cabeça dela. A gente lavou e deixou ela tão limpa que ela cheirava que nem o chão quando tá bem limpinho.

O que queu vou dizer? ela perguntou.

Fala que você tá vivendo com o marido da Sofia e que o marido dela diz que Sofia num tá sendo punida o suficiente. Diz que ela ri de como faz os guarda de bobo. Diz que ela tá muito bem onde ela tá. Até feliz, já que ela num tem que ser impregada de nenhuma madame branca.

Meu Deus do Céu, Tampinha fala, como eu vou fazer pra minha boca dizer tudo isso?

Quando ele perguntar quem você é, faça ele lembrar. Diga pra ele como aquela muda que ele deu foi importante pra você.

Isso foi quinze ano atrás, Tampinha falou, ele num vai lembrar.

Faz ele ver como você é uma Hodges, Odessa falou. Ele vai lembrar.

Diga pra ele que você acha que a justiça tem que ser feita, você mesma. Mas faça ele saber que você tá vivendo com o marido da Sofia, Shug falou. Num deixa de dizer aquela parte de que ela tá feliz lá onde ela tá, que a pior coisa que podia acontecer pra ela era ser impregada de alguma madame branca.

Num sei não, o campeão falou. Isso pra mim tá parecendo coisa do velho pai Tomás.

Shug suspirou, Bom, ela falou, o Pai Tomás num era chamado de Pai à toa.

Querido Deus,

A pobre Tampinha voltou pra casa mancando. O vistido dela rasgado. Sem o chapéu e um dos sapato sem o salto.

Que que conteceu? a gente perguntou.

Ele viu queu era uma Hodges, ela falou. E ele num gostou nada disso.

Harpo saiu do carro e subiu a escada. Minha esposa espancada, minha mulher currada, ele falou. Eu devia era ir lá com um revólver, botar fogo naquele lugar, queimar os branco.

Cala a boca, Harpo, a Tampinha falou. Eu tô contando.

E ela contou.

Falou, No minuto queu entrei na sala, ele lembrou de mim.

O que que ele falou? a gente perguntou.

Falou, O que você quer? Eu falei, Eu vim por causa do interesse queu tenho de ver a justiça feita. O que você diz que quer? ele perguntou de novo.

Eu falei tudo que vocês me disseram pra falar. Que Sofia num tava sendo punida o bastante. Que ela tá feliz na prisão, uma mulher forte como ela. Que a maior preocupação dela é só o pensamento de alguma vez ser impregada de alguma madame branca. Que foi isso que começou a briga, o senhor sabe, eu falei. A mulher do prefeito perguntou pra Sofia se ela queria ser impregada

dela. Sofia disse que ela nunca ia ser nada de mulher branca nenhuma, muito menos impregada.

Foi isso? ele perguntou, todo o tempo olhando bem pra mim.

Sim senhor, eu falei. Falei, A prisão tá ótima pra ela. Poxa, lavar e passar todo dia é tudo que ela faz em casa. Ela tem seis criança, o senhor sabe.

Isso é mesmo verdade? ele perguntou.

Ele levantou de trás da mesinha dele, dibruçou na minha cadeira.

Quem é sua família? ele perguntou.

Eu falei pra ele o nome da minha mãe, da minha avó. O nome do meu avô.

Quem é o seu pai? ele perguntou. De onde você tirou esse olho?

Eu num tenho pai, eu falei.

Ora essa, ele falou. Eu num vi você antes?

Eu falei, Sim senhor. E uma vez há dez ano atrás, quando eu era uma minininha, o senhor me deu uma mueda. Eu realmente agradeço muito isso, eu falei.

Eu num lembro disso, ele falou.

O senhor veio na nossa casa junto com um amigo da mamãe, o Seu Jimmy, eu falei.

Tampinha olhou em volta pra todo mundo. Depois respirou fundo. Resmungou.

O que foi? Odessa perguntou.

É, Shug falou, se você num vai contar pra gente, pra quem vai contar, pra Deus?

Ele tirou meu chapéu, Tampinha falou. Falou pra mim tirar meu vistido. Ela baixou a cabeça, botou a cara nas mão.

Meu Deus, Odessa falou, e ele é seu tio.

Ele falou que se ele fosse meu tio ele num fazia isso comigo. Ia ser pecado. Mas isso era só uma fornicãozinha. Todo mundo é culpado disso.

Ela virou e olhou pro Harpo. Harpo, ela falou, você me ama mesmo ou é só minha cor?

Harpo falou, Eu amo você, Tampinha. Ele ajuehou e tentou botar os braço em volta da cintura dela.

Ela levantou. Meu nome é Mary Agnes, falou.

Querido Deus,

Seis mês depois que a Mary Agnes foi tirar Sofia da cadeia, ela começou a cantar. Primeiro ela cantava as música da Shug, depois ela mesma começou a fazer as música dela.

Ela tem o tipo da voz que você nunca pensa que vai conseguir cantar uma música. É fraquinha, é aguda, parece um miado. Mas a Mary Agnes nem liga.

Logo a gente ficou acostumado com a voz dela. Aí a gente começou a gostar muito.

O Harpo num sabe o que fazer com isso.

Eu acho engraçado, ele falou pra mim e pra Sinhô____. Tão de repente. Me faz pensar num gramofone. Fica parado num canto mais de ano quieto como um túmulo. Aí você bota um disco e ele começa a viver.

Será que ela inda tá zangada porque a Sofia arrancou os dente dela? eu perguntei.

É, ela tá. Mas que adianta ficar zangada? Ela num é má, ela sabe que a vida da Sofia agora tá difícil de aguentar.

Como é que ela tá indo com as criança? Sinhô____ perguntou.

Eles adoram ela, Harpo falou. Ela deixa eles fazer o que eles querem.

Ah, ah, eu falei.

Depois, ele falou, Odessa e as outras irmã da Sofia tão sempre pronta pra indireitar isso. Elas criam as criança como militar.

Tampinha canta.

Eles me chamam Sarará
como se Sarará meu nome fosse

Eles me chamam Sarará
como se Sarará meu nome fosse

Mas se Sarará é um nome
preta também divia ser igual

Mas se eu digo, Oi, pretinha
Deus, ela me leva a mal.

Querido Deus,

Sofia falou pra mim hoje, Eu num consigo entender isso.

O quê? Eu perguntei.

Porque a gente inda num matou eles.

Três ano depois que ela foi espancada, ela saiu da lavanderia, voltou a pegar a cor e o peso dela outra vez, parecia que tinha voltado a ser como era antes, só que todo tempo ela fica pensando em matar alguém.

Tem branco demais pra matar, eu falei. A gente é minoria desde o começo. Mas eu espero que a gente acabe com um ou dois, aqui e ali, pelos ano afora, eu falei.

A gente tá sentada num caixote velho perto da cerca do quintal da dona Millie. Pregos enferrujado tão saindo do lado de baixo e quando a gente mexe eles rangem na madeira.

O trabalho da Sofia é olhar as criança jogando bola. O minininho joga a bola pra minininha, ela tenta agarrar com os olho fechado. A bola rola debaixo do pé da Sofia.

Joga a bola pra mim, fala o minininho, com as mão no quadril. Joga a bola.

Sofia resmunga pra ela mesma, um pouco pra mim. Eu tô aqui pra olhar, num é pra jogar, ela fala. Ela num faz nenhum movimento no rumo da bola.

Você num tá escutando eu falar com você? ele grita. Ele tem quem sabe seis ano, cabelo castanho, olho azul gelado. Ele vem como um raio, pula e dá um puntapé na perna da Sofia. Ela gira o pé prum lado e ele berra.

O que que conteceu? eu pergunto.

Ele machucou o pé no prego inferrujado, Sofia fala.

Realmente, o sangue veio vazando pelo sapato dele.

A irmãzinha dele veio ver ele chorar. Ele fica mais e mais vermelho. Chama a mamãe dele.

Dona Millie veio correndo. Ela tem medo da Sofia. Toda vez que ela fala com Sofia parece que tá esperando o pior. Ela também nem chega muito perto. Quando ela tava uns poucos metro de onde a gente tava sentada, ela chamou Billy pra ir até lá.

Meu pé, ele fala pra ela.

Sofia fez isso? ela pergunta.

A minininha fala. Foi Billy mesmo que fez, ela falou. Ele tentou bater na perna da Sofia. A minininha é louca pela Sofia, sempre tá defendendo ela. Sofia nunca repara, ela é tão cega pra ela como é pro irmão dela.

Dona Millie olha pra ela, bota um braço ao redor do ombro de Billy e eles vão mancando de volta pra casa. A minininha vai atrás, dá té logo pra gente.

Ela parece uma minininha doce e boa, eu falo pra Sofia.

Quem? Ela franze a testa.

A minininha, eu falo. Como eles chamam ela, Eleanor Jane?

É, Sofia falou, com um olhar muito espantado mesmo, eu nem posso imaginar como foi que ela nasceu.

Bom, eu falei, as pretinha a gente bem que sabe como é que nascem.

Ela riu. Dona Celie, ela falou, você num é mais danada porque num pode.

Essa foi a primeira risada dela queu escutei em três ano.

Querido Deus,

Sofia faz até um cachorro rir contando os caso dessas pessoa da casa onde ela trabalha. Eles tem o displante de querer fazer a gente pensar que a escravidão acabou por nossa culpa. Que a gente num teve juízo bastante pra fazer ela durar. Sempre quebrando o cabo da inxada e deixando os animal solto nas roça. Mas como é que as coisa que eles fazem consegue durar um dia é que é um mistério pra mim. Eles são atrasado, ela fala. Desajeitado, e agourento.

O Prefeito___ comprou um carro novo pra dona Millie, porque ela falou que já que os preto tinham carro então era mais do que devido ela ter um. Aí ele comprou um carro pra ela, só que ele num quis mostrar pra ela como guiar. Todo dia quando ele chega de volta pra casa ele olha pra ela, olha pela janela pro carro dela, fala, Você tá gostando, dona Millie? Ela pula do sofá furiosa, bate a porta e vai pro banheiro.

Ela num tem amigos.

Aí um dia ela falou pra mim, o carro tá parado aí no quintal há dois mes, Sofia, você sabe guiar? Eu acho que ela lembrou que a primeira vez que ela me viu eu tava no carro de Buster Broadnax.

Sim senhora, eu falei. Eu tava escravizada limpando aquele pilar enorme que eles têm no começo da escada. Eles são mesmo engraçado com esse pilar. Num pode ter nenhuma marca de dedo nele, nunca.

Você acha que dá conta de me ensinar? ela falou.

Uma das criança de Sofia aparece, o minino mais velho. Ele é alto e simpático, todo o tempo sério. E muito zangado.

Ele fala, Num fala escravizada, mamãe.

Sofia fala, Por que não? Eles me botam num porãozinho debaixo da casa, que é quase do tamanho da varandinha da Odessa, e quase tão frio no inverno. Eu fico às ordem deles o dia todo e a noite toda. Eles num deixam eu ver minhas criança. Eles num deixam eu ver nenhum homem. Bom, depois de cinco ano eles me deixam ver você uma vez por ano. Eu sou uma escrava, ela fala. Como você chamaria isso?

Uma cativa, ele fala.

Sofia continuou com a história dela, só olhou pra ele como se tivesse contente dele ser dela.

Aí eu falei, Sim senhora. Eu dou conta de ensinar, se é o mesmo tipo de carro queu aprendi.

A próxima coisa queu vi foi eu e dona Millie pra cima e pra baixo na estrada. Primeiro eu guiei e ela ficou olhando, aí ela começou a pelejar pra conseguir e eu olhando ela. Pra cima e pra baixo na estrada. Logo queu acabava de fazer o café da manhã, de botar a mesa, lavar os prato e limpar o chão — e antes de ir pegar as carta na caixa do correio lá embaixo na estrada — eu ia ensinar dona Millie a guiar.

Bom, depois de um tempo, ela pegou o jeito, mais ou menos. Depois ela aprendeu mesmo. Aí um dia quando a gente tava voltando pra casa depois de uma volta, ela falou pra mim, Eu vou guiando levar você até sua casa. Assim mesmo.

Minha casa? Eu perguntei.

É, ela falou. Sua casa. Faz tempo que você num vai pra casa nem vê suas criança, ela falou. Num vai ser bom?

Eu falei, Sim senhora. Faz cinco ano.

Ela falou, Isso é uma vergonha. Você vai lá pegar suas coisa, agora. É um presente de Natal, pronto. Vai pegar suas coisa. Você pode ficar o dia todo.

Pra ficar o dia todo eu num prciso de nada, só o que já tá comigo, eu falei.

Ótimo, ela falou. Ótimo. Bom, entra.

Bom, Sofia falou, eu tava tão costumada a sentar lá na frente ensinando ela a guiar queu muito naturalmente subi pro banco da frente.

Ela ficou parada do lado de fora do carro limpando a garganta.

Finalmente, ela falou, Sofia, com uma risadinha, Nós estamos é no Sul.

Sim senhora, eu falei.

Ela limpou a garganta, deu uma outra risadinha. Olha onde você tá sentada, ela falou.

Eu tô sentada onde sempre sentei, eu falei.

Mas é esse o problema, ela falou. Alguma vez você já viu uma pessoa branca e uma negra sentada lado a lado num carro, quando uma delas num tá ensinando a outra como guiar ou mostrando como limpar o carro?

Eu saí do carro, abri a porta de trás e entrei. Ela sentou na frente. A gente rodou pela estrada. O cabelo de dona Millie vuava com o vento.

É mesmo muito bunito esse lugar por aqui, ela falou, quando a gente chegou na estrada dos Marshall, vindo pra casa da Odessa.

Sim senhora, eu falei.

Aí a gente entrou no pátio e todas as criança vieram correndo ao redor do carro. Ninguém falou pra elas que eu tava vindo, e eles num sabiam quem eu era. Só os dois mais velho. Eles caíram encima de mim, e me abraçaram. E aí todos os piqueno também começaram a me abraçar. Eu acho que eles nem repararam queu tava sentada no banco de trás. Odessa e Jack apareceram depois queu já tinha saído, então, eu acho que eles também num viram.

A gente ficou lá abraçando e beijando um ao outro, a dona Millie só olhando. Finalmente, ela dibruçou na janela e falou, Sofia, você só tem o resto do dia. Eu venho buscar você às 5 horas. As criança tavam me puxando pra dentro da casa, aí meio assim por cima do ombro eu falei, Sim senhora, e eu acho que escutei ela indo embora.

Mas quinze minuto depois, Marion falou, Aquela madame branca inda tá lá fora.

Quem sabe ela vai esperar pra levar você de volta, Jack falou.

Quem sabe ela tá duente, Odessa falou. Você sempre fala que eles são tudo aduentado.

Eu fui lá fora no carro, Sofia falou, e imagina o que era? Era que ela só sabia ir pra frente no carro, e o pátio de Jack e Odessa é muito cheio de árvore e num dá.

Sofia, ela falou, como a gente faz essa coisa ir pra trás?

Eu dibrucei na janela e tentei mostrar pra ela de que jeito mexer a marcha. Mas ela ficou atrapalhada e todas as criança e Odessa e Jack, todo mundo tava ao redor da varanda vendo ela.

Eu dei a volta pro outro lado. Tentei explicar com minha cabeça infiada pela janela. Nessa altura ela já tava confundindo todas as marcha. Depois o nariz dela ficava cada vez mais vermelho e ela tava zangada e frustrada ao mesmo tempo.

Eu subi no banco de trás, me dibrucei no banco da frente, pelejando pra mostrar pra ela como fazer com a marcha. Nada conteceu. Finalmente o carro parou de fazer qualquer som. O motor morreu.

Num se preocupe, eu falei, Jack, o marido da Odessa, vai levar a senhora pra casa. Aquela lá é a perua dele.

Ah, ela falou, eu num posso andar numa perua com um preto desconhecido.

Eu vou pedir a Odessa pra ir também, eu falei. Isso me dava uma chance de passar um tempinho com as criança, eu pensei. Mas ela falou, Não, eu também num conheço ela.

Então acabou que eu e Jack fomo levando ela pra casa na perua dele, depois Jack me levou pra cidade pra conseguir um mecânico, e às 5 horas eu tava guiando o carro de dona Millie de volta pra casa dela.

Eu passei quinze minuto com minhas criança.

E ela ficou falando durante muitos mês como eu era malagradecida.

É um milagre como os branco conseguem afligir tanto a gente, Sofia falou.

Querido Deus,

A Shug escreveu que tinha uma grande surpresa que queria trazer no Natal.

O que será? a gente ficou imaginando.

Sinhô___ pensa que é um carro pra ele. Shug tá ganhando muito dinheiro agora, tá o tempo todo vistida de peles. Seda e cetim também, e chapéu dourado.

Na manhã do Natal a gente escutou esse motor lá fora. A gente correu pra olhar.

Oba oba, Sinhô___ falou vistindo suas calça. Ele correu pra porta. Eu fiquei parada na frente do espelho tentando fazer alguma coisa com meu cabelo. Ele tá curto demais pra ficar preso, tá grande demais pra ficar solto. Pichaim demais pra ficar inrolado, inrolado demais pra num ficar pichaim. Também tá sem nenhuma cor. Eu disisti, amarrei um lenço.

Corri pra porta. *Shug*, eu falei, e estiquei meus braço. Mas antes queu me desse conta um homem magro e dentuço usando suspensório vermelho tava na minha frente. Antes queu imagine quem diabos ele é, ele já tá me abraçando.

Dona Celie, ele falou. Ah, dona Celie. Eu escutei falar tanto de você. Parece que já somo velhos amigo.

Shug tá parada atrás com um sorriso enorme.

Esse é Grady, ela falou. Esse é o meu esposo.

No minuto que ela falou isso eu vi que num gostei do Grady. Eu num gostei do jeito dele, num gostei do dente dele, num gostei das roupa dele. Eu achei que ele cheirava.

A gente viajou de carro a noite toda, ela falou. Num tinha lugar pra parar, você sabe. Mas já tamo aqui. Ela chegou perto do Grady e botou os braço dela ao redor dele, olhou pra ele como se ele fosse bunito e ele baixou a cabeça e deu um beijo nela.

Eu dei uma olhada pra Sinhô____. Ele parecia que o mundo tava acabado. Eu sei queu num tava parecendo melhor.

E esse é meu presente de casamento pra gente, a Shug falou. O carro grande e azul iscuro e escrito Packard na frente. Novinho, ela falou. Ela olhou pro Sinhô____, pegou o braço dele, deu um piqueno apertão. Enquanto a gente tiver aqui, Albert, ela falou, eu quero que você aprenda a guiar. Ela riu. O Grady guia como um louco, ela falou. Eu pensei que os polícia na certa fossem pegar a gente.

Finalmente Shug parece que me viu de verdade. Ela chegou perto de mim e me abraçou muito tempo. Nós duas somo senhoras casada agora, ela falou. Duas senhoras casada. E morrendo de fome, ela falou. O que que a gente vai comer?

Querido Deus,

Sinhô___ bebeu o tempo todo no Natal. Ele e o Grady. Eu e Shug, a gente cozinhou, conversou, limpou a casa, conversou, arrumou a mesa, conversou, acordou de manhã, conversou.

Ela tá cantando no país inteiro nesses dia. Todo mundo conhece o nome dela. Ela conhece todo mundo também. Conhece Sophie Tucker, conhece Duke Ellington, conhece gente que eu nunca nem ouvi falar. E dinheiro. Ela ganha tanto dinheiro que num sabe o que fazer com ele. Ela tem uma casa linda em Memphis, outro carro. Ela tem cem vestidos bunitos. Um quarto cheio de sapato. Ela compra pro Grady tudo que ele acha que quer.

Onde você encontrou ele? eu perguntei.

Encima do meu carro, ela falou. O que tá lá em casa. Eu guiei o carro depois que o óleo acabou, o motor fundiu. Ele foi o homem que cunsertou. Foi amor a primeira vista, e pronto.

Sinhô___ tá sofrendo, eu falei. Eu num falei de mim.

Ah, ela falou. Finalmente se acabou essa velha história. Você e o Albert tão como uma família agora. De qualquer jeito, depois que você me contou que ele batia em você e num trabalhava, eu comecei a sentir diferente a respeito dele. Se você fosse minha mulher, ela falou, eu cubria você de beijos invés de pancadas, e trabalhava duro procê.

Ele num tá mais batendo muito em mim desde que você fez ele parar, eu falei.
Só um tapa uma ou outra vez quando ele num tem mais nada pra fazer.

Vocês dois tão fazendo amor direito? ela perguntou.

A gente tá tentando, eu falei. Ele tenta brincar com o meu botão mas parece que o dedo dele fica duro. A gente num consegue muita coisa.

Você inda é virgem? ela perguntou.

Eu acho que sou. Eu falei.

Querido Deus,

Sinhô___ e o Grady saíram junto no carro. Shug perguntou pra mim se ela podia dormir comigo. Ela tá sentindo frio sozinha na cama dela e do Grady. A gente conversou sobre isso e aquilo. Logo a gente começou a conversar sobre fazer amor. Shug na verdade num fala fazer amor. Ela fala uma coisa indecente. Ela fala fuder.

Ela me perguntou, Como foi com o pai de suas criança?

As minina tinham um quartinho separado, eu falei, fora, ligado na casa por um corredorzinho de tábuas. Ninguém nunca passava ali, só mamãe. Mas uma vez quando mamãe num tava em casa, ele veio. Falou pra mim que ele queria que eu cortasse o cabelo dele. Ele pegou a tesoura e o pente e a escova e um banquinho. Enquanto eu cortava o cabelo dele ele olhava pra mim de um jeito engraçado. Ele tava um pouco nervoso também, mas eu num sabia porque, até que ele me agarrou e fez o que queria comigo entre as pernas dele.

Eu fiquei quieta, escutando o respirar da Shug.

Dueu, você sabe, eu falei. Eu tava entrando nos quatorze. Eu nunca nem pensava que os homens tinham nada lá embaixo tão grande assim. Me dava medo até de olhar. E do jeito que ele mixia e crescia.

A Shug tava tão quieta que eu pensei que ela tava dormindo.

Depois que ele acabou, eu falei, ele fez eu terminar de cortar o cabelo dele.

Eu dei uma olhadinha pra Shug.

Ah, dona Celie, ela falou. E botou os braço dela ao redor de mim. Eles são preto e macio e meio que brilham com a luz da lamparina.

Eu comecei a chorar. Eu chorei e chorei e chorei. Parece que tudo voltou pra mim, deitada lá nos braço da Shug. Como dueu e como eu fiquei assustada. Como ardia quando eu acabava de cortar o cabelo dele. Como o sangue descia por minha perna e sujava toda minha meia. Como ele nunca jamais olhou pra mim de frente depois disso. E a Nettie.

Num chora, Shug falou. Num chora. Ela começou a beijar as lágrima que ia descendo no meu rosto.

Depois de um tempo eu falei, Mamãe finalmente perguntou como ela achou cabelo dele no quarto das minina se ele nunca tinha entrado lá como ele falou. Foi aí que ele falou pra ela queu tinha um namorado. Um rapaz que ele viu isgueirando pela porta da cuzinha. É cabelo do rapaz, ele falou, num é meu. Você sabe como ela gosta de cortar o cabelo dos outro, ele falou.

Eu gosto mesmo de cortar cabelo, eu falei pra Shug, desde que eu era piquinininha. Eu corria pra pegar uma tisoura quando eu via um cabelo crescido, e cortava e cortava, tanto quanto eu podia. Era por isso que era eu que cortava o cabelo dele. Mas antes eu sempre cortava na varanda da frente. E depois acontecia que toda vez queu via ele chegar com a tisoura e o pente e o banquinho, eu começava a chorar.

Shug falou, Sim senhora, e eu pensava que era só os branco que faziam coisas monstruosa assim.

Minha mamãe morreu, eu contei pra Shug. Minha irmã Nettie fugiu. Sinhô___ veio e me levou pra cuidar das criança malcriada dele. Ele nunca me perguntou nada sobre mim. Ele trepa encima de mim e fode, fode, mesmo quando minha cabeça tá enfaixada. Nunca ninguém gostou de mim, eu falei.

Ela falou, eu gosto de você, dona Celie. E aí ela virou e me beijou na boca.

Uhm, ela falou, como se tivesse ficado surpresa. Eu beijei ela de volta, falei, *uhm*, também. A gente beijou e beijou até que a gente já num conseguia beijar mais. Aí a gente tocou uma na outra.

Eu num sei nada sobre isso, eu falei pra Shug.

Eu também num sei muita coisa, ela falou.

Aí eu senti uma coisa muito macia e molhada no meu peito, senti como a boca de um dos meu nenê perdido.

Um pouco depois, era eu que era também como um nenê perdido.

Querido Deus,

O Grady e Sinhô___ voltaram cambaleando em plena luz do dia. Eu e a Shug durmindo que nem pedra. A costa dela virada pra mim, meus braço ao redor da cintura dela. Como era? Era quase igual durmir com mamãe, só queu num consigo lembrar de nunca ter durmido com ela. Era quase igual durmir com a Nettie, só que durmir com a Nettie nunca era assim tão bom. Era quente e macio, e eu senti os peito grande da Shug meio caindo encima do meu braço como espuma. Parecia como o céu deve ser parecido, num era de jeito nenhum igual durmir com Sinhô___.

Acorda Shug, eu falei. Eles tão de volta. E Shug virou, me abraçou e saiu da cama. Ela foi cambaleando pro outro quarto e caiu na cama com o Grady. Sinhô___ caiu na cama perto de mim, bêbado e roncando antes mesmo de puxar as cuberta.

Eu tentei muito gostar do Grady, mesmo ele usando suspensório vermelho e gravata de laço. Mesmo ele gastando o dinheiro da Shug como se fosse dele. Mesmo ele tentando falar como alguém do Norte. Memphis, Tennessee, num é o norte, até eu sei disso. Mas uma coisa eu num posso mesmo aguentar, o jeito como ele chama a Shug de mãezinha.

Eu num sou a puta da sua mãe, ela fala. Mas ele num presta tenção.

Feito quando ele fica fazendo olho mole pra cima da Tampinha e Shug meio que se chateia com ele por causa disso, ele fala, Ah, mãezinha, você sabe que num é por mal.

Shug também gosta da Tampinha, tenta ajudar ela a cantar. Elas sentam na varanda da Odessa com todas as criança em volta delas cantando e cantando. Tem vez que o Swain vem com a caixa dele, Harpo cuzinha o jantar, e eu e Sinhô___ e o campeão ficamo apreciando.

É bunito.

Shug fala pra Tampinha, quer dizer, Mary Agnes. Você divia cantar em público.

Mary Agnes fala, *Nãããõ*. Ela acha que por que num canta forte e cheio como a Shug ninguém vai querer escutar ela. Mas Shug diz que ela tá errada.

E o que você diz de todas essas vozes engraçada que a gente escuta cantando na igreja? Shug fala. E todos esses som que são bunito mas num são os som que a gente pensa que as pessoa vão fazer? E então? Aí ela começou a gemer. Parecia a morte chegando, os anjo num conseguindo impedir. Levantava o cabelo da nuca da gente. Mas era um som que parecia como se fosse as pantera se elas pudessem cantar.

Eu até vou dizer mais, a Shug falou pra Mary Agnes, escutando você cantar as pessoa ficam pensando numa boa foda.

Ah, dona Shug, Mary Agnes falou, mudando de cor.

Shug falou, Quê, muito envergonhada pra botar música e dança e foda junto? Ela riu. É por isso que eles chamam o que nós cantamo de música do diabo. O diabo adora fuder. Escuta, ela falou, vamo cantar uma noite no bar do Harpo. Vai ser como nos velho tempo pra mim. E se eu apresento você pra turma, eles vão escutar com respeito. Os negro num sabem como agir, mas se você consegue chegar até a primeira metade de uma música, eles ficam com você.

Você acha mesmo que é verdade? Mary Agnes falou. Ela tava toda surpresa e deliciada.

Eu num sei se quero que ela cante, Harpo falou.

Como? Shug falou. Aquela mulher que você agora botou lá cantando inda num tirou a bunda da igreja. As pessoas num sabem se devem dançar ou ajuelhar nos banco pra rezar. Depois, você veste Mary Agnes do jeito que deve ser e você vai fazer rios de dinheiro. Sarará como ela é, cabelo arrumado e olhos nublado, os homem vão ficar louco com ela. Num é verdade, Grady, ela falou.

Grady parecia sem graça. Riu. Mãezinha, você num deixa passar nada, ele falou.

E você num se esqueça disso, Shug falou.

Querido Deus,

Essa é a carta que eu tô segurando na minha mão.

Querida Celie,

Eu sei que você acha que eu estou morta. Mas eu não estou. Eu escrevi para você também, todos esses anos, mas Albert disse que você nunca ouviria falar de mim outra vez e já que eu nunca recebi uma resposta sua todo esse tempo, eu acho que ele estava falando sério. Agora eu só escrevo no Natal e na Páscoa esperando que minha carta fique perdida entre os cartões do Natal e da Páscoa, ou que Albert sinta o espírito das festas e fique com pena de nós.

Há tanta coisa para contar para você que eu não sei, realmente, por onde começar. E provavelmente você também não vai receber esta carta. Tenho certeza que Albert ainda é o único que tira as cartas da caixa do correio.

Mas se esta conseguir passar, uma coisa eu quero que você saiba, eu amo você e não estou morta. E Olivia está ótima e também o seu filho.

Nós todos vamos voltar para casa antes do fim de outro ano.

Sua irmã que ama você,

Nettie

Uma noite na cama a Shug me pediu pra contar pra ela como era a Nettie. Com quem ela parecia? Onde ela estava?

Eu contei pra ela como Sinhô___ tentou virar a cabeça dela. Como Nettie recusou ele, e como ele falou que a Nettie tinha que ir embora.

Pra onde ela foi? ela perguntou.

Eu num sei, eu falei. Ela saiu daqui.

E até hoje nenhuma palavra dela? ela perguntou.

Não, eu falei. Todo dia quando Sinhô___ vai buscar as carta na caixa do correio eu fico esperando notícia. Mas num chega nada. Ela tá morta, eu falei.

Ela falou, Será que ela num tá num lugar que tem um selo engraçado, você acha? Ela parecia que tava matutando. Falou, Quando o Albert e eu vamo lá na caixa do correio tem vez que tem uma carta lá com um monte de selo engraçado. Ele nunca fala nada sobre isso, só bota a carta dentro do bolso. Uma vez eu pedi pra ver os selo mas ele falou que me dava mais tarde. Mas nunca deu.

Ela tava querendo ir pra cidade, eu falei. Os selo de lá parecem os mesmo selo daqui. Homem branco com cabelo branco cumprido.

Hum, ela falou, parece que um era uma mulherzinha gorda. Como era sua irmã Nettie? ela perguntou, Esperta?

Sim, Nossa, eu falei. Esperta como ninguém. Lia os jornais quando mal conseguia falar. Fazia desenho como se fosse nada. Falava muito direitinho também. E era meiga. Nunca houve uma minina mais meiga que ela, eu falei. Os olho tavam cheio de doçura. Ela gostava de mim também, eu falei pra Shug.

Ela é alta ou baixa? Shug perguntou. Que tipo de vestido ela gosta de usar? Quando é o aniversário dela? Qual é a cor favorita dela? Ela sabe cozinhar? Custurar? E o cabelo dela?

Ela queria saber tudo sobre a Nettie.

Eu falei tanto que minha voz começou a sumir. Por que você quer saber tanta coisa sobre a Nettie? eu perguntei.

Porque ela é a única pessoa que você já amou, ela falou, além de mim.

Querido Deus,

De repente Shug ficou outra vez unha e carne com Sinhô____. Eles ficam sentado na escada, vão lá no Harpo's. Andam até a caixa do correio.

Shug ri e ri quando ele fala alguma coisa. Mostra todos os dente e os peito.

Eu e o Grady, a gente tenta levar a coisa como civilizado. Mas é duro. Quando eu escutava Shug rir eu queria ir lá e sufocar ela, dar um tapa na cara do Sinhô____.

Toda essa semana eu sofri. Grady e eu ficamo tão na pior que ele foi pra maconha, eu fui pras oração.

Sábado de manhã Shug botou a carta da Nettie no meu colo. A rainha gordinha da Inglaterra tava num selo, depois mais selo com amendoim, palmeira, seringueira e dizia África. Eu num sei onde é a Inglaterra. Também num sei onde é a África. Por isso, eu ainda num sei onde a Nettie tá.

Ele tava escondendo suas carta, Shug falou.

Não, eu falei. Tem vez que Sinhô____ é ruim, mas ele num é tão ruim assim.

Ela falou, Hum, ele é tão ruim sim.

Mas como ele fez isso? eu perguntei. Ele sabe que a Nettie é tudo no mundo pra mim.

Shug falou que ela num sabia, mas que a gente ia descobrir.

A gente fechou o envelope de novo e botou de volta no bolso do Sinhô____.

Ele andou com ela o dia inteiro no paletó. Ele num falou uma palavra. Só conversou e riu com Grady, Harpo e Swain, e tentou aprender a guiar o carro da Shug.

Eu olhei ele bem, eu comecei a sentir um raio na cabeça. Antes que eu desse conta eu tava parada atrás da cadeira dele com a navalha aberta.

Então eu escutei Shug rir como se uma coisa fosse muito engraçada. Ela falou pra mim, eu sei que eu disse que eu precisava de uma coisa pra cortar esse cachinho, mas o Albert fica todo implicante com essa navalha.

Sinhô___ olhou pras costas dele. Larga isso, ele falou. Mulher, sempre querendo cortar isso e barbear aquilo, e sempre emporcalhando a navalha.

Shug agora pega a navalha. Ela fala, Ah, ela parece cega mesmo. E bota ela de volta na caixa de barbear.

Durante todo o dia eu agi como a Sofia. Eu gaguejei. Eu resmunguei sozinha. Eu vaguei pela casa louca pelo sangue do Sinhô___. Na minha cabeça, ele caía morto de todo jeito. Quando a noite chegou, eu num podia falar. Toda vez que eu abria minha boca, só saía um arroto fraquinho.

Shug falou pra todo mundo que eu tava com febre e ela me levou pra cama. É bem capaz de ser febre que pega, ela falou pra Sinhô___. É melhor você ir dormir em outro lugar. Mas ela ficou comigo a noite toda. Eu num durmi. Eu num chorei. Eu num fiz nada. Eu tava fria também. Logo eu pensei quem sabe eu tô morta.

Shug me segurou bem junto dela e às vezes ela falava.

Uma das coisas que minha mãe detestava em mim era que eu adoro fuder, ela falou. Ela nunca gostou de fazer nada que tivesse coisa alguma a ver com tocar nas pessoas, ela falou. Eu tentava beijar ela, ela virava a cara. Falava, Para com isso Lillie, ela falou. Lillie é o nome verdadeiro da Shug. É que ela é tão doce que as pessoas chamam ela de Shug.*

Meu pai gostava que eu beijasse e abraçasse ele, mas ela num gostava de ver. Então quando eu encontrei o Albert, e quando eu me vi nos braços dele, ninguém conseguia me tirar dali. Era bom também, ela falou. Você sabe, pra mim ter três crianças com o Albert, e Albert sendo fraco como ele é, tinha que ser muito bom.

Eu também tive todos os meus filhos em casa. A parteira vinha, o padre vinha, um punhado das carolas da igreja. É que quando tava duendo tanto que eu num sabia nem meu nome, eles achavam que era uma boa hora pra falar em arrependimento.

Ela riu. Eu era teimosa demais pra me arrepender. Então ela falou, Eu amava um outro Albert ____.

Eu num queria dizer nada. Onde eu tava tava em paz. Tava calmo. Num havia Albert. Nem Shug. Nada.

Shug falou, O último nenê foi a gota. Eles me botaram pra fora. Eu fui viver com a irmã louca da minha mãe em Memphis. Ela era igualzinha a mim, mamãe falava. Ela bebia, ela brigava, ela era doida por homem. Ela trabalhava num bar de estrada. Cozinha. Dava comida pra cinquenta homens, trepava com cinquenta e cinco.

Shug falava e falava.

E a gente dançava, ela falou. Ninguém dançava como o Albert quando ele era jovem. Às vezes a gente dançava durante horas. Depois disso, num havia nada a fazer senão ir pra algum lugar e fuder. E ele era engraçado. Albert era tão *engraçado*. Ele me matava de rir. Como é que ele já num é mais engraçado? ela perguntou. Como é que agora ele quase nem ri? Como é que ele num dança? ela falou. Por Deus, Celie, ela falou, O que aconteceu com o homem que eu amava?

Ela ficou quieta um pouco. Depois ela falou, Eu fiquei tão surpresa quando fiquei sabendo que ele ia casar com Annie Julia, ela falou. Surpresa demais pra

sofrer. Eu num acreditei. Afinal, Albert sabia tanto quanto eu que o amor tinha que ser demais pra ser melhor que o nosso. A gente tinha o tipo de amor que num dava pra melhorar. Isso era o queu pensava.

Mas, ele é fraco, ela falou. O pai dele disse queu era um lixo, que minha mãe já era um lixo antes de mim. O irmão dele disse a mesma coisa. Albert tentou defender a gente, mas perdeu. Uma razão que eles deram pra ele num casar comigo era porque eu já tinha filho.

Mas são filhos *dele*, eu falei pro velho pai do Sinhô_____.

Como é que a gente vai saber? Ele perguntou.

Pobre Annie Julia, Shug falou. Ela nunca teve uma chance. Eu era tão má, e tão louca, meu Deus. Eu costumava sair dizendo, Eu num me importo se ele tá casado, eu vou fuder com ele. Ela parou de falar um minuto. Aí ela falou, E eu fudi mesmo. A gente fudeu tanto e de um jeito tão descarado!

Mas ele trepava com a Annie Julia também, ela falou, e ela num tinha nada, nem mesmo um carinho por ele. A família dela se esqueceu dela assim que ela casou. E aí o Harpo e todas as criança começaram a chegar. Finalmente ela começou a durmir com aquele homem que matou ela. Albert batia nela. As criança montavam nela. Tem vez queu fico imaginando o que será que ela pensou quando tava morrendo.

Eu sei o queu tô pensando, eu penso. Nada. E cada vez mais nada se eu conseguir.

Eu fui à escola com Annie Julia, Shug falou. Ela era bunita, poxa. Preta como ninguém e a pele macia, macia. Olhos preto enorme, como lua. E meiga também. Diabos. Shug falou, eu gostava dela. Por que eu fiz ela sofrer tanto? Eu costumava fazer o Albert ficar fora de casa mais de uma semana às vez. Ela vinha e implorava dinheiro pra ele pra comprar cumida pras criança.

Eu senti umas gotinha de água na minha mão.

E quando eu cheguei aqui, Shug falou, eu tratei você tão mal. Como se você fosse uma impregada. E tudo porque o Albert tinha casado com você. E eu nem mesmo queria ele como esposo, ela falou. Eu na verdade nunca quis Albert como esposo. Só queria que ele me escolhesse, você sabe, porque a Natureza já tinha escolhido. A Natureza falou, Vocês dois aí, juntem-se, porque vocês são um bom exemplo de como deve ser. Eu num queria que nada fosse capaz de ir contra isso. Mas o que era bom entre a gente num deve ter sido nada a num ser corpo, ela falou. Porque eu num conheço o Albert que num dança, que mal pode rir, que nunca conversa sobre nada, que bate em você e esconde as carta da sua irmã Nettie. Quem é ele?

Eu num sei de nada, eu pensei. E fico contente por num saber.

Nota:

* Shug: diminutivo de *suggar*, em português, “açúcar”. (*N. da E.*)

Querido Deus,

Agora que eu sei que o Albert tá escondendo as cartas da Nettie, eu sei o lugar exato onde elas são. São no baú dele. Tudo que é importante de algum jeito pro Albert vai pro baú dele. Ele fica sempre bem fechado, mas a Shug pode conseguir pegar a chave.

Uma noite quando Sinhô___ e o Grady saíram, a gente abriu o baú. A gente encontrou uma porção das roupas de baixo da Shug, uns cartões com fotografias indecentes, e lá no fundo, bem debaixo do fumo dele, as cartas da Nettie. Muitas e muitas. Algumas gordinha, outras fina. Algumas abertas, outras não.

Como é que a gente vai fazer? eu perguntei pra Shug.

Ela falou. É simples. Nós tiramos as cartas dos envelopes, deixamos os envelopes do jeitinho que eles são. Eu não acho que ele olha muito essas coisas no fundo do baú, ela falou.

Eu esquentei o fogão, botei a chaleira. A gente foi botando os envelopes no vapor até que todas as cartas estavam lá encima da mesa. Aí a gente botou os envelopes de volta no fundo do baú.

Eu vou botar elas em ordem pra você, Shug falou.

É, eu falei, mas não vamos fazer isso aqui, vamos lá pro quarto seu e do Grady.

Aí ela levantou e a gente foi pro quartinho deles. Shug sentou numa cadeira perto da cama com todas as carta da Nettie espalhada em volta, eu sentei na cama com os travesseiro nas minha costa.

Essas são as primeira, Shug falou. As data tão bem aí.

Querida Celie, diz a primeira carta,

Você tem que lutar e se livrar do Albert. Ele não presta.

Quando eu deixei vocês todos na casa, fui andando, e ele me seguiu de cavalo. Quando a gente tava bem fora da vista da casa ele me alcançou e começou a tentar conversar. Você sabe como ele faz, você está realmente bonita, Nettie, e coisa assim. Eu tentei fazer de conta que nem tava ouvindo ele, andando cada vez mais depressa, mas meus pacotes pesavam e o sol tava quente. Depois de um tempo, eu tive que descansar e foi aí que ele desceu do cavalo e começou a tentar me beijar e me arrastar pro mato.

Bem, eu comecei a lutar contra ele, e com a ajuda de Deus, eu machuquei ele bastante pra que me deixasse em paz. Mas ele tava muito enfezado. Ele falou que por causa do que eu tinha feito eu jamais receberia notícias suas, e você nunca receberia notícias de mim.

Eu tava tão furiosa, eu mesma, que tremia.

Mesmo assim, eu consegui pegar uma carona pra cidade na carroça de alguém. E esse mesmo alguém me mostrou o caminho pra casa do Reverendo__. E qual não foi minha surpresa quando uma menininha abriu a porta e ela tinha os seus olhos e a sua cara.

Com amor,

Nettie

A próxima dizia,

Querida Celie,

Eu fico pensando que ainda é cedo demais pra esperar uma carta sua. Eu sei o tanto que você está ocupada com todas essas crianças do Sinhô____. Mas eu tenho tantas saudades de você. Por favor me escreva assim que você tiver uma chance. Todo dia eu penso em você. Cada minuto.

A senhora que você conheceu na cidade se chama Corrine. A menina se chama Olivia. O marido é Samuel. O nome do menino é Adam. Eles são religiosos praticantes e me tratam muito bem. Vivem numa boa casa ao lado da igreja onde o Samuel prega, e nós passamos muitas horas cuidando das coisas da igreja. Eu digo “nós” porque eles sempre procuram me incluir em tudo que fazem, assim eu não me sinto tão à parte e sozinha.

Mas, meu Deus, Celie, como sinto sua falta! Eu penso naquela vez que você se entregou por mim. Eu amo você com todo o meu coração.

Sua irmã,

Nettie

A próxima dizia,

Minha querida Celie,

Nestas alturas eu estou quase louca. Eu acho que o Albert me falou a verdade, e que ele não está dando minhas cartas pra você. A única pessoa que me vem à cabeça que poderia nos ajudar seria o Pai, mas eu não quero que ele saiba onde estou.

Eu pedi pro Samuel fazer uma visita pra você e o Sinhô____, só para ver como você está. Mas ele diz que não pode arriscar a se colocar entre marido e mulher, mais ainda quando ele nem os conhece. E eu me senti mal por ter tido que pedir pra ele porque ele e a Corrine têm sido muito bons para mim. Mas meu coração está partindo. Está partindo porque eu não consigo achar emprego nesta cidade, e vou ter que ir embora. Depois que eu for embora, o que vai acontecer conosco? Como vamos conseguir saber o que está acontecendo?

A Corrine, o Samuel e as crianças fazem parte de um grupo de pessoas chamadas Missionários, da Sociedade Missionária Africana e Americana. Eles assistiram os índios no Oeste e estão assistindo os pobres desta cidade. Tudo em preparação para o trabalho para o qual eles acreditam que nasceram, o de missionários na África.

Eu tenho medo de me separar deles porque no pouco tempo que ficamos juntos eles foram que nem uma família pra mim. Quer dizer, como uma família deveria ser.

Escreva se puder. Aqui estão alguns selos.

Com amor,

Nettie

A próxima, gordinha, datada de seis meses depois, dizia,

Querida Celie,

No navio que vinha para a África, quase todo dia eu escrevi uma carta para você, mas quando atracamos finalmente, eu estava tão desanimada, eu rasguei tudo em pedacinhos e deixei cair na água. O Albert não vai mesmo deixar você ler minhas cartas, então que adianta escrever. Era assim que eu estava me sentindo quando rasguei elas todas e mandei para você pelas ondas do mar. Mas agora eu estou sentindo diferente.

Eu me lembro de certa vez quando você me contou que sua vida deixava você tão envergonhada que nem com Deus você conseguia falar a respeito, você tinha que escrever, apesar de achar que você escrevia muito mal. Bem, agora eu entendo o que você quis dizer. E independente de se Deus lê cartas ou não, eu sei que você vai continuar escrevendo; o que é inspiração suficiente para mim. De qualquer forma, quando não escrevo para você eu me sinto tão mal como quando não rezo, trancada dentro de mim mesma, meu próprio coração me sufocando. Estou me sentindo tão *sozinha*, Celie.

Acabei vindo para a África porque uma das missionárias que era para ter acompanhado a Corrine e o Samuel para ajudar com as crianças e a organização da escola, de repente casou-se com um homem que ficou com medo de deixar

que ela viesse e também se recusou a acompanhá-la. Então aí estavam eles, todos prontos para viajar, com um bilhete de repente sobrando e nenhum missionário a quem dá-lo. Ao mesmo tempo, eu não conseguia achar um emprego em lugar nenhum na cidade. Mas eu nunca nem sonhei em ir para a África! Eu nem sequer a considerava como um lugar real, apesar do Samuel e da Corrine e os meninos falarem todo o tempo a respeito.

A dona Beasley costumava dizer que era um lugar cheio de bárbaros que não usavam roupas. Até mesmo a Corrine e o Samuel pensavam assim às vezes. Mas eles sabiam bem mais sobre o assunto do que a dona Beasley ou qualquer um de nossos outros professores, e além do mais, eles falavam de todas as coisas boas que poderiam fazer para esse povo tão sofrido de quem eles próprios eram descendentes. Um povo precisando de Cristo e de bons conselhos médicos.

Um dia eu estava na cidade com a Corrine e vimos a mulher do prefeito e sua empregada. A mulher do prefeito estava fazendo compras — entrando e saindo das lojas — enquanto sua empregada esperava por ela e carregava seus pacotes. Eu não sei se você viu alguma vez a mulher do prefeito. Ela parece um gato molhado. E aí estava essa empregada com jeito de ser a última pessoa no mundo que alguém podia imaginar servindo alguém, e especialmente alguém como essa mulher.

Eu falei com ela. E parece que só o fato de eu falar com ela a deixou envergonhada e de repente foi como se ela tivesse se apagado por dentro. Foi uma coisa tão estranha, Celie! Um minuto eu estava cumprimentando uma mulher viva. No outro minuto não tinha mais nada vivo. Só sua forma.

Durante toda a noite eu pensei naquilo. Depois Samuel e Corrine me contaram o que eles ouviram falar sobre como ela se tornou a empregada do prefeito. Que ela tinha atacado o prefeito, e que o prefeito e sua mulher tiraram ela da prisão para trabalhar na casa deles.

Na manhã seguinte eu comecei a fazer perguntas sobre a África e a ler todos os livros do Samuel e da Corrine sobre o assunto.

Você sabia que existiam grandes cidades na África maiores que Milledgeville e até Atlanta, milhares de anos atrás? Que os egípcios que construíram as pirâmides e escravizaram os israelitas eram pretos? Que a Etiópia sobre a qual nós lemos na Bíblia era antigamente a África toda?

Pois eu li e li até que achei que meus olhos iam cair. Eu li que os africanos nos venderam porque gostavam mais do dinheiro do que dos próprios irmãos e irmãs. Como viemos para a América em navios. Como fomos obrigados a trabalhar.

Eu nunca tinha percebido o tanto que eu era *ignorante*, Celie. O pouco que eu sabia sobre mim mesma não teria dado nem para encher um dedal! E imagine que a dona Beasley sempre dizia que eu era a criança mais inteligente que ela já tinha ensinado! Mas eu agradeço a ela por uma coisa em particular que ela me ensinou, me mostrando como aprender por mim mesma, lendo e estudando e escrevendo claramente. E por ter mantido dentro de mim de alguma forma vivo o desejo de *saber*. Então quando o Samuel e a Corrine perguntaram se eu iria com eles ajudá-los a montar uma escola no meio da África, eu disse que sim. Mas só se eles me ensinassem tudo que sabiam para que eu fosse útil como missionária e para que eles não tivessem vergonha de me ter como amiga. Eles concordaram com esta condição, e a minha verdadeira educação começou aí.

Eles têm sido ótimos comigo e também cumpriram com sua palavra. E eu estudo todo dia e noite.

Ah, Celie, neste mundo tem pessoas pretas que querem que a gente aprenda! Querem que a gente enxergue as coisas com clareza! Nem todos são maus que nem papai e o Albert, ou esmagados que nem mamãe. A Corrine e o Samuel têm um casamento maravilhoso. A única tristeza deles no início foi não poder ter filhos. E aí, eles falam, “Deus” enviou Olivia e Adam para eles.

Eu queria dizer, “Deus” enviou também a irmã e a tia deles, mas não falei. Sim, Celie, os filhos que “Deus” enviou para eles são os seus filhos. E eles estão sendo criados com muito amor, caridade cristã e consciência de Deus. E agora “Deus” me enviou aqui para olhá-los, protegê-los e amá-los. Cobri-los com todo o amor que eu sinto por você. É um milagre, não é? E sem dúvida impossível para você acreditar.

Mas por outro lado, se você pode acreditar que estou na África, como estou, você pode acreditar em qualquer outra coisa.

Sua irmã,
Nettie

A próxima depois dessa dizia,

Querida Celie,

Quando nós estávamos na cidade a Corrine comprou tecido para fazer para mim dois conjuntos para viajar. Um verde-oliva e o outro cinza. Saias godês compridas e jaquetinhas para serem usadas com blusas brancas de algodão e botas com laços. Ela também comprou para mim um chapeuzinho de palha com fita xadrez.

Apesar de trabalhar para a Corrine e o Samuel e cuidar das crianças, eu não me sinto como uma empregada. Acho que é porque eles me ensinam, eu ensino as crianças e não tem começo nem fim o ensino, a aprendizagem e o trabalho — tudo acaba juntando.

Despedir de nosso grupo de igreja foi duro. Mas feliz também. Todos têm tantas esperanças sobre o que pode ser feito na África! Sobre o púlpito tem um ditado: “Etiópia estenderá suas mãos para Deus.” Pense no que significa a Etiópia ser a África! Todos os etíopes da Bíblia eram pretos. Isto nunca tinha me passado pela cabeça, se bem que quando a gente lê a Bíblia isso fica perfeitamente claro se a gente prestar atenção só nas palavras. São os desenhos na Bíblia que enganam. Os desenhos que ilustram as palavras. Neles, todas as pessoas são brancas e por isso você pensa que todos os personagens da Bíblia

também são brancos. Mas os *verdadeiros* brancos viviam num outro lugar naquela época. É por isso que a Bíblia fala que o cabelo de Jesus Cristo era que nem lã de cordeiro. Lã de cordeiro não é lisa, Celie. Não é nem anelada.

O que posso contar para você de Nova York — ou mesmo do trem que nos levou até lá! Tivemos que viajar na seção do trem onde só tinha bancos, mas Celie, tem camas no trem! E restaurante! E banheiros! As camas descem das paredes, por cima dos bancos e são chamadas de leitos. Somente os brancos podem viajar de leito e usar o restaurante. E os banheiros deles também são diferentes dos banheiros que os pretos usam.

Um homem branco que estava na plataforma na Carolina do Sul nos perguntou para onde íamos — nós tínhamos descido do trem para tomar um pouco de ar e tirar a poeira encardida da nossa roupa. Quando dissemos que íamos para a África ele ficou ofendido e divertido ao mesmo tempo. Crioulos indo para a África, ele disse para a mulher. Agora eu já vi de tudo!

Quando chegamos a Nova York nós estávamos cansados e sujos. Mas tão animados! Escuta, Celie, Nova York é uma cidade *linda*. E os negros têm um bairro inteiro só deles chamado Harlem. Tem mais negro andando de carro de luxo do que eu poderia imaginar existir, e morando em casas mais bonitas que qualquer branco da nossa cidade. Tem mais de cem igrejas! E nós visitamos todas elas. E eu fiquei de pé diante de cada congregação junto com a Corrine, o Samuel e as crianças e às vezes ficamos de boca aberta perante a generosidade e a bondade que vinham dos corações dessa gente do Harlem. Eles vivem com tanta dignidade e beleza, Celie. E eles dão e dão e vão mais fundo ainda para dar até mais quando é mencionado “ÁFRICA”.

Eles *amam* a África. Eles a defendem a qualquer instante! E se tivéssemos passado o nosso chapéu, não teria tido chapéu suficientemente grande para caber todas as doações que fizeram para a nossa causa. Até mesmo as crianças vinham com as suas moedinhas. Favor dar isso às crianças africanas, elas

diziam. Elas estavam tão bem-vestidas também, Celie. Como eu gostaria que você pudesse ver essas criancinhas! A moda no Harlem atualmente é os rapazinhos usarem uma coisa chamada “bombacha” — uma espécie de calça bem frouxa e larga na perna, mas apertada logo abaixo dos joelhos — e as meninas usam guirlandas de flores na cabeça.

Elas devem ser as crianças mais bonitas da terra, e a Olivia e o Adam não conseguiam despregar os olhos de cima delas.

E tinha os jantares, os almoços, os cafés da manhã e os lanches para os quais fomos convidados. Eu engordei dois quilos só de provar tanta coisa. Eu estava excitada demais para comer de verdade.

E todo mundo tem banheiro dentro de casa, Celie. E luzes, ou elétricas ou de gás.

Bem, estudamos durante duas semanas o dialeto Olinka, que é a língua do povo desta região. Depois nós fomos examinados por um médico (negro!) e a Sociedade Missionária de Nova York deu remédios tanto para nós como para a aldeia africana que ia nos hospedar. Ela é administrada por pessoas brancas e eles nada disseram sobre se importam ou não com a África, mas apenas que estão cumprindo com seu dever. Já tem uma missionária branca vivendo não muito longe da nossa aldeia. Ela já está na África há vinte anos. Dizem que os nativos querem muito bem a ela, apesar dela os considerar uma espécie completamente diferente daqueles que ela chama de europeus. Os europeus são brancos que vivem num lugar chamado Europa. Foi de lá que vieram os brancos da nossa cidade, Celie. Essa mulher diz que tanto uma margarida africana como uma margarida inglesa são flores, mas de espécies totalmente diferentes. O homem da Sociedade diz que ela faz sucesso porque ela não “mima” seus tutelados. Ela também fala a língua deles. Ele é um homem branco que nos olha com o jeito de quem acha que nós nunca conseguiremos nos dar tão bem com os africanos quanto essa mulher.

Fiquei meio de moral baixa após sair da Sociedade. Em cada parede tinha a fotografia de um homem branco. Um fulano chamado Speke, um outro chamado Livingstone. Outro chamado Daly. Ou era Stanley? Procurei pela fotografia da mulher branca mas não achei nenhuma. O Samuel também estava com um jeito meio triste, mas logo ele se animou um pouco e nos lembrou que temos uma grande vantagem. Nós não somos brancos. Não somos europeus. Somos pretos que nem os africanos. E nós e os africanos estaremos trabalhando juntos por um objetivo comum: uma vida melhor para os negros do mundo todo.

Sua irmã,

Nettie

Querida Celie,

O Samuel é um homem grande. Ele quase sempre se veste de preto, com exceção do colarinho clerical. E ele é preto mesmo. Até você ver os olhos dele, você fica com a impressão de que ele é um homem muito sério, até mesmo mau, mas ele tem os olhos castanhos mais pensativos e meigos que eu já vi. As coisas que ele fala tranquilizam você porque ele nunca fala sem pensar e nunca tenta desanimar você ou ferir. A Corrine é uma mulher de sorte por tê-lo como marido.

Mas deixe eu contar sobre o navio! O navio, chamado *A Málaga*, tinha três andares de altura! E nós tínhamos quartos (chamados cabines) com camas. Ah, Celie, deitar numa cama no meio do oceano! E o oceano! Celie, mais água num só lugar do que você pode imaginar. Levamos duas semanas para atravessá-lo! E aí chegamos à Inglaterra, que é um país cheio de gente branca, e alguns deles são muito gentis e têm sua própria Sociedade Antiescravista e Missionária. As igrejas inglesas também estavam muito interessadas em nos ajudar e homens e mulheres brancos, que se parecem exatamente com aqueles da nossa cidade, nos convidaram para suas reuniões e para tomar chá em suas casas, para falar sobre nosso trabalho. Para os ingleses, o “chá” é na verdade um piquenique dentro de casa, cheio de sanduíches e bolachas e chá quente, é claro. Todos nós usamos os mesmos copos e pratos.

Todos me acharam muito jovem para ser missionária, mas o Samuel disse que tenho muita boa vontade, e de qualquer forma, meus deveres principais seriam os de cuidar das crianças e dar uma ou outra aula no jardim da infância.

Na Inglaterra o nosso trabalho começou a ficar mais claro, pois há mais de cem anos os ingleses estão enviando missionários para a África, a Índia e a China e sabe Deus aonde mais. E as coisas que eles trazem de volta! Nós passamos uma manhã num dos museus deles e estava cheio de joias, móveis, tapetes de pele, espadas, roupas e até mesmo túmulos dos países por onde passaram. Da África eles têm *milhares* de vasos, jarras, máscaras, vasilhas, cestas, estátuas — e é tudo tão lindo que é difícil acreditar que as pessoas que fizeram tudo isso não existem mais. Mas os ingleses nos garantem que eles já não existem. Apesar de ter havido uma época quando a civilização africana superava a da Europa (claro que não foram os ingleses que disseram isto; eu aprendi lendo um homem chamado J. A. Rogers), há vários séculos já que eles estão passando por tempos difíceis. “Tempos difíceis” é uma expressão que os ingleses adoram usar, quando falam da África. E é fácil eles esquecerem que os “tempos difíceis” da África ficaram mais difíceis ainda por causa deles mesmos. Milhões e milhões de africanos foram capturados e vendidos como escravos — você e eu, Celie! E cidades inteiras foram destruídas durante as guerras de caça aos escravos. Hoje o povo da África — tendo perdido na morte ou vendido como escravos seus membros mais fortes — é um povo enfraquecido por doenças e mergulhado na confusão espiritual e física. Eles acreditam no diabo e veneram os mortos. E não sabem ler nem escrever.

Por que eles nos venderam? Como é que eles puderam fazer isso? E por que será que nós ainda assim os amamos? Estes eram os meus pensamentos quando percorríamos as ruas geladas de Londres. Eu estudei um mapa da Inglaterra, tudo tão arrumadinho e sereno, e apesar de mim mesma eu comecei a ter esperanças de que é possível fazer ainda muita coisa boa pela África com

trabalho duro e atitude certa. E depois nós partimos para a África. Deixamos Southampton, Inglaterra, no dia 24 de julho, e chegamos na Monróvia, Libéria, no dia 12 de setembro. No caminho paramos em Lisboa, Portugal e Dakar, Senegal.

Monróvia foi o último lugar onde nós nos sentimos entre gente de uma certa forma familiar, pois este é um país africano que foi “fundado” por ex-escravos da América que voltaram para viver na África. Será que os pais ou os avós dessa gente foram vendidos *da* Monróvia?, eu pensava, e em como eles se sentiram de volta, após terem sido vendidos como escravos, e agora já com laços estreitos com o país que os havia comprado, e no poder.

Celie, tenho que parar agora. O sol não está mais tão quente e tenho que me preparar para as aulas e as Vésperas.

Eu queria que você estivesse comigo. Ou eu com você.

Com meu amor,

sua irmã,

Nettie

Minha querida Celie,

Foi muito engraçado parar na Monróvia após ter dado minha primeira olhada na África, no Senegal. A capital do Senegal é Dakar e o povo de lá fala sua própria língua, acho que a chamam de senegalês, e o francês. É o povo mais preto que eu já vi, Celie. São tão pretos como as pessoas que a gente fala que “Fulano de tal é mais do que preto, é preto-*azulado*”. Eles são tão pretos, Celie, que brilham. O que é outra coisa que o pessoal da nossa cidade gosta de dizer sobre gente realmente preta. Mas Celie, tente imaginar uma cidade cheia dessa gente brilhando, pessoas preto-azuladas vestindo túnicas magníficas, azuis com desenhos como as mais chiques colchas de retalhos. Altos, magros, com pescoços alongados e costas retas. Será que você consegue imaginar isso, Celie? Porque eu senti como se estivesse vendo pretos pela primeira vez. E Celie, tem alguma coisa mágica nisso tudo. Porque o preto é tão preto que o nosso olho fica simplesmente ofuscado, e aí tem esse brilho que parece vir, na verdade, da luz da lua, de tão luminoso, mas a pele deles também brilha sob a luz do sol.

Mas eu não gostei realmente dos senegaleses que conheci no mercado. Eles só se importavam com a venda de suas mercadorias. Se nós não comprávamos, eles nos olhavam com a mesma indiferença com que olhavam para os franceses brancos que vivem lá. Por alguma razão, eu não esperava ver gente branca na África, mas eles estão aqui aos montes. E nem todos são missionários.

Tem montes deles também na Monróvia. E o presidente, cujo sobrenome é Tubman, tem alguns em seu gabinete. Ele tem também muitos homens negros, com jeito de branco, no seu gabinete. Na nossa segunda noite na Monróvia tomamos chá no palácio presidencial. Parece muito com a Casa Branca americana (onde mora o nosso presidente), disse o Samuel. O presidente falou um bocado sobre seus esforços para desenvolver o país e sobre seus problemas com os nativos, que não querem trabalhar para construir o país. Foi a primeira vez que eu ouvi um homem preto usar essa palavra. Eu sabia que para os brancos todos os negros são nativos. Mas aí ele limpou a garganta e falou que ele só queria dizer “nativo” no sentido de ter nascido na Libéria. Eu não vi nenhum desses “nativos” no seu gabinete. Tampouco nenhuma das esposas dos membros do gabinete podiam passar por nativas. Em comparação com elas e suas sedas e pétalas, a Corrine e eu não só estávamos malvestidas, como também não estávamos vestidas de acordo com a ocasião. Mas eu acho que essas mulheres que vemos no palácio passam boa parte de seu tempo se vestindo. Mesmo assim, elas pareciam insatisfeitas. Não como as professoras animadas que nós vimos por acaso levando suas crianças para a praia para nadar.

Antes de partir nós visitamos uma das grandes plantações de cacau que eles têm. Só árvores de cacau a perder de vista. E aldeias inteiras construídas bem no meio dos campos. Vimos as famílias cansadas voltando para casa depois do trabalho, ainda levando na mão os baldes para as sementes de cacau (que também servem de marmitta no dia seguinte para levar o almoço), e algumas vezes — no caso das mulheres — com as crianças amarradas nas costas. Mesmo cansados do jeito que estavam eles cantavam! Celie. Como nós fazemos em casa. Por que é que as pessoas cansadas cantam? Perguntei para Corrine. Estão cansados demais para fazer qualquer outra coisa, ela disse. Além do mais eles não são os donos das fazendas de cacau. Celie, nem o presidente Tubman. Tudo pertence a um pessoal que mora num lugar chamado Holanda. O pessoal que

faz o chocolate holandês. E tem os supervisores para ver se o pessoal está trabalhando duro, que vivem nas casas de pedra nos cantos das plantações.

Outra vez, preciso ir. Todo mundo já está na cama e eu estou escrevendo à luz de lanterna. Mas a luz está atraindo tanto bichinho que estou sendo comida viva. Estou com picadas por toda parte, inclusive no couro cabeludo e nas solas dos pés.

Mas...

Eu já falei na primeira visão que tive do litoral africano? Alguma coisa me tocou, na alma, Celie, e como se eu fosse um grande sino, eu simplesmente vibrei. A Corrine e o Samuel também se sentiram assim. E nós ajoelhamos lá mesmo no convés e agradecemos a Deus por nos ter deixado ver a terra pela qual nossas mães e pais choraram — e viveram e morreram — para ver outra vez.

Ah, Celie? Será que algum dia eu vou poder contar tudo para você?

Não me atrevo a perguntar, eu sei. Mas deixo tudo com Deus.

Sua irmã que ama você para sempre,

Nettie

Querido Deus,

O tanto que foi de susto, de choro, de suar o nariz, tentando entender todas as palavra, eu num sei. Foi prciso muito tempo só pra ler as primeira duas ou três carta. Quando a gente chegou onde ela tava bem e morando na África, Sinhô___ e Grady voltaram pra casa.

Você vai dar conta de se controlar? Shug perguntou.

Como eu vou conseguir num matar ele, eu falei.

Num mata, ela falou. A Nettie vai voltar logo pra casa. Num faz ela ter que ver você como a gente tem que ver a Sofia.

Mas é tão duro, eu falei, enquanto Shug tirava as coisa da bolsa dela e botava as carta dentro.

Também foi duro ser Cristo, Shug falou. Mas ele deu conta. Lembra disso. Não Matarás, Ele falou. E na certa ele queria inda dizer, Começando por mim. Ele conhecia bem os idiota com que tava tratando.

Mas Sinhô___ num é o Cristo. Eu num sou o Cristo, eu falei.

Você é importante pra Nettie, ela falou. E ela vai ficar danada com você se você fizer isso com ela agora que ela já tá voltando pra casa.

A gente escutou o Grady e Sinhô___ na cozinha. Barulho de prato, de porta abrindo e fechando.

Não, eu acho que vou ficar melhor se eu matar ele, eu falei. Eu sinto que tô doente. Paralisada, agora.

Não, você num vai. Ninguém fica melhor por matar nada. Eles só sentem *uma coisa* e é só.

Isso é melhor que nada.

Celie, ela falou, não é só com a Nettie que você tem que se preocupar.

Com quem mais, eu perguntei.

Comigo, Celie, pensa um pouco em mim. Dona Celie, se você matar o Albert, só vai me restar o Grady. Eu num posso nem pensar numa coisa dessa.

Eu dei uma risada, pensando nos dentes grande do Grady.

Faz o Albert deixar eu dormir com você de agora em diante, enquanto você tiver aqui, eu falei.

E de um jeito ou de outro, ela conseguiu.

Querido Deus,

A gente tá durmindo que nem irmãs, eu e Shug. Por mais que eu inda quero ficar com ela, por mais que eu inda goste de olhar, meu biquinho continua mole, meu botão nunca levanta. Agora eu sei que tô morta. Mas ela falou, Não, é só porque você tá brava, tá com mágua, querendo matar alguém é que você fica assim. Num vá se preocupar. Os biquinho vão se atçar e o botão vai levantar de novo.

Eu gosto de abraçar, e pronto, ela falou. Ficar agarradinha. Num precisa mais nada agora.

É, eu falei. Abraçar. Ficar agarradinha é bom. Tudo isso é bom.

Ela falou, Em tempo assim, de folga, a gente devia era fazer alguma coisa diferente.

Como o quê? eu perguntei.

Bem, ela falou, olhando pra mim pra cima e pra baixo, vamos fazer umas calça procê.

Mas eu preciso de calça? eu falei. Eu num sou homem.

Num fica zangada, ela falou. Mas vistido num fica bem procê. Você num tem jeito pra vistido nenhum.

Num sei, eu falei. Sinhô___ num vai deixar a mulher dele vistir calça.

Porque que num vai? Shug falou. Você é que faz todo trabalho aqui. É escandaloso você ficar de vistido lá fora trabalhando na roça. Num entendo é como você num trupeça nele ou engancha no arado.

É. Eu falei.

É. E outra coisa, eu usava as calça do Albert quando a gente tava de namoro. E uma vez ele vistiu um vistido meu.

Não ele num vistiu.

Sim ele vistiu. Ele era muito engraçado. Não era como agora. E ele gostava de me ver com as calça. Era que nem uma bandeira vermelha prum touro.

Argh, eu falei. Eu bem que podia imaginar isso, e num gostava nem um pouco.

Bem, você sabe como elas são, Shug falou.

Do que é que a gente vai fazer elas? eu falei.

A gente vai ter que pegar a farda de alguém, Shug falou. Pra praticar. O pano é bom e de graça.

Jack, eu falei. O marido da Odessa.

Tá certo, ela falou. E todo o dia nós vamos ler as carta da Nettie e custurar.

Uma agulha invés de navalha na minha mão, eu pensei.

Ela num disse mais nada, só chegou perto de mim e me abraçou.

Querido Deus,

Agora que eu sei que a Nettie tá viva eu comecei a levantar um pouco minha cabeça. Eu pensei, Quando ela voltar pra casa a gente vai embora. Ela e eu e nossas duas criança. Como será que elas são, eu fico pensando. Mas é difícil pensar nelas. Eu sinto vergonha. Mais que amor, pra falar a verdade. De qualquer jeito, será que elas tão bem? Será que tem juízo e tudo? Shug falou que criança que nasce de incesto fica boba. Incesto é uma parte do plano do Diabo.

Mas eu penso na Nettie.

Aqui é quente, Celie, ela escreve. Mais quente que em julho. Mais quente que agosto e julho. Quente como cuzinhar num fogão enorme numa cozinha pequena em agosto e julho. Quente.

Querida Celie,

Um africano da aldeia onde nós vamos morar nos recebeu quando o navio chegou. O nome cristão dele é Joseph. Ele é baixo e gordo, com mãos que parecem não ter ossos. Quando ele me cumprimentou, dando a mão, parecia que eu tinha pegado numa coisa mole e molhada que caía. Ele fala um pouco de inglês, o que eles chamam de inglês pidgin. É muito diferente do nosso jeito de falar inglês, mas de certa forma é familiar. Ele nos ajudou a descarregar nossas coisas do navio, colocando-as nos barcos que vieram até o navio nos buscar. Esses barcos, na verdade são canoas cavadas, que nem aquelas que os índios tinham, aquelas que você vê em fotografias. Com toda a nossa bagagem nós enchemos três delas e uma quarta carregou nosso material médico e escolar.

Já nas canoas nos divertimos com as canções que nossos barqueiros cantavam, tentando chegar antes dos outros. Eles prestaram pouca atenção em nós ou em nossa carga. Quando chegamos em terra eles nem se deram ao trabalho de nos ajudar a descer dos barcos e alguns dos nossos embrulhos eles colocaram mesmo na água. Assim que eles conseguiram arrancar uma boa gorjeta do coitado do Samuel, que o Joseph disse ter sido demais, já deram em cima de um outro grupo de pessoas que estava esperando na praia para serem levadas até o navio.

O porto é bonito, mas pequeno demais para ser utilizado pelos navios grandes. Então é um bom negócio para os barqueiros, durante a temporada, quando os navios passam por lá. Todos esses barqueiros eram bem maiores e mais musculosos que o Joseph, e todos eles, incluindo o Joseph, são da cor do chocolate escuro. Não são pretos como os senegaleses. E Celie, eles têm os dentes mais fortes, limpos e brancos que já vi! Durante boa parte da viagem para cá eu pensei em dentes, pois fiquei com dor de dente quase o tempo todo. Você sabe o tanto que meus dentes de trás são podres. E na Inglaterra os dentes dos ingleses me impressionaram muito. São tortos, na maioria, e meio pretos de tantas cáries. Eu pensei que talvez fosse a água inglesa. Mas os dentes dos africanos me lembraram os dentes dos cavalos de tão bem formados, retos e fortes que são.

A “cidade” do porto é do tamanho do armazém da cidade. Dentro tem um conjunto de barracas cheias de tecido, lamparinas e azeite de lamparina, mosquiteiros, roupas de cama para acampar, redes, machados e enxadas e facões e outras ferramentas. Tudo é administrado por um homem branco, mas algumas das barracas que vendem comidas são alugadas para africanos. Joseph nos mostrou o que precisávamos comprar. Um caldeirão grande de ferro para ferver água e nossas roupas, uma bacia de zinco. Mosquiteiro. Pregos. Martelo e serrote e picareta. Azeite de lamparina e lamparinas.

Como não havia onde dormir no porto, Joseph contratou uns carregadores entre os jovens à toa em volta do posto comercial e saímos direto para Olinka, quatro dias a pé pelo mato. Selva, para você. Ou talvez não. Você sabe o que é uma selva? Bem. Árvores e árvores e ainda mais árvores. E grandes. São tão grandes que parecem que foram construídas. E trepadeiras. E samambaias. E pequenos animais. Sapos. Cobras, também, de acordo com o Joseph. Mas graças a Deus não vimos nada disso, só lagartixas corcundas do tamanho do seu braço, que o povo daqui caça e come.

Eles adoram carne. Todos desta aldeia. Às vezes, se você não consegue motivá-los a fazer algo, de nenhuma outra maneira, você começa a falar em carne, ou num pedacinho a mais que você tem ou talvez, se você quer que eles façam algo realmente grande, você fala em churrasco. Sim, churrasco. Eles me fazem lembrar do pessoal lá de casa!

Bem, chegamos aqui. E eu achei que jamais conseguiria endireitar meus quadris depois de ter sido carregada numa rede pelo caminho inteiro. Todo mundo na aldeia se amontoou em volta de nós. Eles saíram de cabanas redondas cobertas por uma coisa que eu pensei que fosse palha mas na verdade é uma folha que cresce por toda parte. Eles colhem e deixam secar essas folhas, e as colocam de tal maneira que elas se sobrepõem e o teto fica à prova d'água. Essa parte é trabalho das mulheres. Os homens enterram as estacas das cabanas e às vezes ajudam a construir as paredes com o barro e as pedras do córrego.

Você nunca viu rostos tão curiosos como os do povo da aldeia quando nos cercaram. No início, eles apenas olharam. Aí uma ou duas mulheres tocaram no vestido da Corrine e no meu. O meu vestido estava tão sujo em volta da barra de tanto arrastar a bainha no chão cozinhando na fogueira por três noites, que eu estava morta de vergonha. Mas aí eu olhei para os vestidos que elas usavam. A maioria parecia ter sido arrastada pelo chiqueiro. E eles não servem direito nelas. Depois elas se aproximaram um pouquinho mais — ninguém dizendo nada ainda — e tocaram nosso cabelo. Olharam para nossos sapatos. Nós olhamos para o Joseph. Ele nos explicou que eles estavam se comportando assim porque os missionários que vieram antes de nós eram brancos, e vice-versa. Os homens tinham ido ao porto, alguns deles, e tinham visto o comerciante branco, portanto sabiam que homem branco podia ser outra coisa também. Mas as mulheres jamais foram ao porto e a única pessoa branca que elas tinham visto foi o missionário que tinham enterrado um ano atrás.

O Samuel perguntou se eles já tinham visto a missionária branca que morava a quarenta quilômetros da aldeia, e ele disse que não. Atravessar quarenta quilômetros pela selva é uma viagem muito longa. Os homens podem chegar a caçar até vinte quilômetros em volta da aldeia, mas as mulheres ficam perto das cabanas e roças.

Então uma das mulheres fez uma pergunta. Nós olhamos para Joseph. Ele disse que a mulher queria saber se as crianças eram minhas, da Corrine ou de ambas. O Joseph respondeu que eram da Corrine. As mulheres olharam nós duas, e disseram outra coisa. Nós olhamos para o Joseph. Ele disse que as mulheres acharam as crianças parecidas comigo. Todos nós rimos cordialmente.

Depois uma outra mulher fez outra pergunta. Ela queria saber se eu também era esposa do Samuel.

Joseph disse que não, que eu também era missionária como o Samuel e a Corrine. Aí alguém disse que nunca imaginou que os missionários pudessem ter filhos. Outro disse que nunca sonhou que os missionários pudessem ser pretos.

Aí alguém disse, que os novos missionários seriam pretos e que duas seriam mulheres foi exatamente o que ele tinha sonhado, e na noite anterior.

Nessas alturas já havia bastante movimentação. Pequenas cabeças começaram a aparecer detrás das saias de suas mães e dos ombros de suas irmãs mais velhas. E nós fomos mais ou menos conduzidos pelos moradores da aldeia, aproximadamente uns trezentos, até um lugar sem paredes mas com um teto daquelas folhas, e onde nós sentamos no chão, os homens na frente, mulheres e crianças atrás. Aí houve sussurros agitados entre uns velhinhos que pareciam muito com os velhos da igreja da nossa cidade — com suas calças largas e paletós brilhantes mal-ajustados: “Os missionários pretos bebiam vinho de palmeira?”

Corrine olhou para o Samuel, e o Samuel olhou para a Corrine. Mas eu e as crianças já estávamos bebendo o vinho, pois alguém já tinha colocado os

pequenos copos de barro nas nossas mãos e nós estávamos muito nervosos para não começar logo a bebericar.

Nós chegamos lá por volta das quatro horas e ficamos sentados sob a cobertura de folhas até as nove. Ali nós tivemos a nossa primeira refeição, uma galinha e amendoins cozidos que comemos com as mãos. Mas principalmente nós ficamos escutando as canções e olhando as danças que levantavam um montão de poeira.

A maior parte da cerimônia de boas-vindas dizia respeito às folhas-de-teto, e Joseph ia traduzindo para a gente enquanto um deles contava a história. O povo dessa aldeia acredita que eles sempre viveram exatamente no lugar onde a aldeia está agora. E esse lugar tem sido bom para eles. Eles plantam roça de mandioca que dão boas colheitas. Eles plantam amendoim que também dá boas colheitas. Eles plantam inhame e algodão e milho. Todo tipo de coisas. Mas uma vez, há muito tempo atrás, um homem da aldeia quis mais do que a sua parte de terra para plantar. Ele queria mais colheita para usar sua sobra para vender para o homem branco na costa. E como ele era o chefe naquele tempo, ele foi pouco a pouco tomando mais e mais terra comunal e pegou mais e mais mulheres para trabalhar essa terra. Como sua ganância ia aumentando, ele também começou a cultivar a terra onde crescia a folha-de-teto. Aí as suas mulheres ficaram preocupadas com isso e tentaram se queixar, mas elas eram mulheres preguiçosas e ninguém prestou atenção a elas. Ninguém podia se lembrar de um tempo em que não existisse abundância e abundância de folhas-de-teto. Mas com o passar do tempo o chefe ganancioso tomou tanta terra que aí os mais velhos começaram a se preocupar também. Então ele simplesmente comprou tudo com os machados, as roupas e as panelas que ele conseguia dos comerciantes da costa.

Mas então veio uma grande tempestade durante a estação das chuvas e destruiu todos os tetos de todas as cabanas da aldeia, e para seu desespero o

povo descobriu que já não havia mais nenhuma folha-de-teto. Na terra onde a folha-de-teto tinha florescido desde o começo dos tempos, agora havia mandioca. Milho. Amendoim.

Por seis meses os céus e os ventos maltrataram o povo Olinka. A chuva caiu em torrente, acabando com o barro das paredes. O vento era tão forte que soprava as pedras das paredes e elas caíam dentro das panelas. Depois pedras geladas, como grãos de milho, caíam do céu, ferindo todo mundo, homem, mulher e crianças, e provocando uma febre. As crianças caíram doentes primeiro, depois seus pais. Logo toda a aldeia começou a morrer. No final da estação das chuvas, metade da aldeia tinha morrido.

O povo rezava ao seu deus e esperava com impaciência que terminasse a estação chuvosa. Logo que a chuva acabou eles correram para os velhos campos de folha-de-teto e tentaram encontrar as velhas raízes. Mas das intermináveis folhas que tinham crescido ali, só umas poucas raízes ainda existiam. Demorou cinco anos para que as folhas-de-teto se tornassem abundantes outra vez. Nesses cinco anos morreu muito mais gente. Muitos foram embora, e nunca retornaram. Muitos foram comidos pelos animais. Muitos, muitos ficaram doentes. Eles devolveram para o chefe todos os objetos comprados nas lojas e o expulsaram da aldeia para sempre. As esposas dele foram dadas a outros homens.

No dia em que todas as cabanas estavam outra vez cobertas com as folhas-de-teto, o povo celebrou cantando e dançando e contando a história da folha-de-teto. Esta se tornou, então, o objeto de adoração deles.

Olhando por sobre as cabeças das crianças, no final dessa história, eu vi vindo bem devagar em nossa direção uma coisa enorme, marrom, como uma espiga, mas do tamanho de uma sala, com uma dúzia de pernas caminhando devagar e cuidadosamente debaixo dela. Era o nosso teto.

Enquanto essa coisa ia se aproximando, as pessoas se curvavam.

Os missionários brancos que vieram antes de vocês não nos deixaram fazer essa cerimônia, Joseph falou. Mas os Olinka a prezam muito. Nós sabemos que uma folha-de-teto não é Jesus Cristo, mas a seu modo humilde, ela também não é um deus?

Então lá sentamos nós, Celie, cara a cara com o deus dos Olinka. E Celie, eu estava tão cansada e com tanto sono e tão cheia de galinha e de amendoim cozido, meus ouvidos retinindo tanto com as músicas, que tudo o que Joseph falou me pareceu cheio de sentido.

Eu fico imaginando o que será que você vai pensar de tudo isso?

Com todo o meu amor.

Sua irmã,
Nettie

Querida Celie,

Faz muito tempo que não tenho tido tempo para escrever. Mas sempre, não importa o que eu estou fazendo, eu estou escrevendo para você. Querida Celie, eu digo na minha cabeça no meio das Vésperas, no meio da noite, enquanto estou cozinhando. Querida, querida Celie. E eu imagino que você realmente recebe minhas cartas e que você está me escrevendo também: Querida Nettie, é assim que é a minha vida.

Nós levantamos às 5 horas para um ligeiro café da manhã de pudim de milho e frutas, e vamos para as aulas. Nós ensinamos às crianças inglês, ler, escrever, história, geografia, aritmética e as histórias de nossa Bíblia. Às onze horas a gente para para o almoço e as tarefas domésticas. De uma até às quatro horas, é quente demais para se mexer, mas algumas mães se sentam atrás de suas cabanas e costuram. Às quatro horas nós ensinamos às crianças mais velhas e à noite nós estamos disponíveis para os adultos. Algumas das crianças mais velhas estão acostumadas com as escolas das missões, mas as menores não. As mães muitas vezes as arrastam até aqui gritando e chutando. Todos são meninos. Olivia é a única menina.

Os Olinka não acham que as meninas devam ser educadas. Quando eu perguntei a uma das mães porque ela pensava assim, ela falou: uma menina não é nada por ela mesma; ela só pode se tornar alguma coisa para seu esposo.

E o que ela pode se tornar? perguntei.

Ora, ela falou, a mãe dos filhos dele.

Mas eu não sou a mãe dos filhos de ninguém, eu falei, e eu sou alguma coisa.

Você não é muito, ela falou. A servente dos missionários.

É verdade que eu trabalho aqui mais duro do que jamais pensei que pudesse trabalhar, e eu varro a escola e arrumo as coisas depois do serviço, mas não me sinto como uma escrava. Eu fiquei surpresa que essa mulher, cujo nome cristão é Catherine, me visse desse jeito.

Ela tem uma pequena filha, Tashi, que brinca com Olivia depois da escola. Adam é o único menino que fala com Olivia na escola. Eles não são ruins com ela, é apenas — o que é? Porque ela está no lugar onde eles estão fazendo coisas “de meninos”, eles não olham para ela. Mas não tenha medo, Celie, Olivia tem a sua teimosia e a sua lucidez, e ela é mais esperta do que todos eles, inclusive Adam, juntos.

Por que Tashi não pode vir para a escola? ela me perguntou. Quando eu falei para ela que os Olinka não acreditavam na educação das mulheres ela falou, rápida como um raio, Eles são como os brancos da nossa terra que não querem que os negros aprendam.

Ah, ela é muito inteligente, Celie. No final do dia, quando Tashi pode escapular de todas as tarefas que sua mãe dá para ela fazer, ela e Olivia se escondem na minha cabana e tudo que Olivia aprendeu ela ensina para Tashi. Para Olivia agora Tashi sozinha é a África. A África que ela veio pelo oceano sorrindo, esperando encontrar. Tudo o mais é difícil para ela.

Os insetos, por exemplo. Por alguma razão, todas as picadas nela se tornam perebas fundas, infectadas, e ela tem muito problema para dormir à noite porque os barulhos da floresta a amedrontam. Está lhe custando muito se acostumar com a comida que é nutritiva mas, na maioria das vezes, preparada com muita indiferença. As mulheres da aldeia têm turnos para cozinhar para a

gente, e algumas são mais limpas e mais conscienciosas que as outras. Olivia fica doente com a comida preparada por todas as esposas do chefe. Samuel acha que pode ser da água que elas usam que vem de uma fonte separada que corre transparente mesmo na estação seca. Mas para o resto de nós ela não tem esse efeito. É como se Olivia temesse a comida dessas mulheres porque todas elas parecem tão infelizes e trabalham tanto. Sempre que elas falam com Olivia, falam do dia em que Olivia vai se tornar a esposa/irmãzinha delas. É apenas uma brincadeira, e elas gostam da Olivia, mas eu gostaria que elas não fizessem isso. Embora sejam infelizes e trabalhem como mulas, elas consideram uma honra ser esposa do chefe. Ele passeia para cima e para baixo o dia todo segurando sua barriga e conversando e bebendo vinho de palmeiras com o curandeiro.

Por que elas dizem que eu vou ser esposa do chefe? Olivia pergunta.

Isso é a melhor coisa que elas podem pensar, eu falo para ela.

Ele é gordo e brilhante e tem grandes dentes perfeitos. Ela acha que tem pesadelos com ele à noite.

Você vai crescer para ser uma forte mulher cristã, eu falo para ela. Alguém que ajuda seu povo a progredir. Você será uma professora ou uma enfermeira. Você vai viajar. Você conhecerá muitas pessoas muito mais importantes do que o chefe.

E Tashi? ela quer saber.

Sim, eu falo para ela, Tashi também.

A Corrine me falou essa manhã, Nettie, para acabar com qualquer tipo de confusão na cabeça dessas pessoas, eu acho que nós devemos nos chamar uns aos outros de irmão e irmã, todo o tempo. Alguns deles parecem não conseguir colocar em suas cabeças estúpidas que você não é a outra esposa de Samuel. Eu não gosto disso, ela falou.

Quase desde o dia que nós chegamos, eu notei uma mudança na Corrine. Ela não está doente. Ela trabalha mais do que nunca. Ela ainda é doce e bem-humorada. Mas algumas vezes eu sinto que seu espírito está sendo testado e que alguma coisa nela não está em paz.

Está bem, falei. Fico contente por você ter falado nisso.

E não deixe as crianças chamarem você de Mamãe Nettie, ela falou, nem de brincadeira.

Isso me chateou um pouco, mas eu não disse nada. As crianças me chamam de Mamãe Nettie às vezes porque eu mimo muito elas, é verdade, mas nunca tentei tomar o lugar da Corrine.

E outra coisa, ela falou. Eu acho que não devemos tomar emprestado a roupa uma da outra.

Bom, ela nunca tomou nada meu emprestado porque eu não tenho muita coisa. Mas eu sempre estou pedindo emprestado alguma roupa dela.

É isso mesmo que você quer? perguntei para ela.

Ela falou que era.

Eu gostaria que você pudesse ver minha cabana, Celie. Eu *adoro* ela. Ao contrário da nossa escola que é quadrada, e ao contrário da nossa igreja, que não tem paredes — pelo menos durante a estação seca — minha cabana é redonda, com paredes, e um teto redondo de folha-de-teto. Tem vinte passos até o meio e é perfeita para mim. Nas paredes de barro eu pendurei as travessas e esteiras e peças das roupas tribais. Os Olinka são conhecidos pelos lindos tecidos de algodão que tecem à mão e tingem com grãos, argila, anil e casca de árvore. Depois tem o meu fogão de acampamento no centro e minha cama de campanha de um lado, coberta com um mosquiteiro e assim ela fica parecendo a cama de uma noiva. Depois eu tenho uma pequena mesinha de escrever onde escrevo para você, uma lamparina, e um banquinho. Um esteiras maravilhosas no chão. É tudo muito colorido e quente e caseiro. Para mim a

única coisa que está faltando agora é uma janela! Nenhuma das cabanas da aldeia tem janelas, e quando eu falei de janela com as mulheres elas riram muito. A estação chuvosa aparentemente torna ridículo o mero pensamento de uma janela. Mas estou decidida a ter uma, mesmo se isso inundar diariamente o meu chão.

Eu daria qualquer coisa por um retrato seu. No meu baú eu tenho gravuras doadas pelas sociedades missionárias da Inglaterra e dos Estados Unidos. São gravuras de Cristo, os Apóstolos, Maria, a Crucificação. Speke, Livingstone, Stanley, Schweitzer. Talvez um dia eu as pendure, mas uma vez quando eu as segurei contra as minhas paredes cobertas de esteira e tecido, elas me fizeram sentir muito pequena e infeliz, então eu as guardei de novo. Até a gravura de Cristo que geralmente fica bem em qualquer lugar, parece esquisita aqui. Na escola, claro, todas essas gravuras estão penduradas e tem muitos Cristos atrás do altar da igreja. Isso basta, eu acho, mas o Samuel e a Corrine têm gravuras e relíquias (cruzes) na cabana deles também.

Sua irmã,

Nettie

Querida Celie,

O pai e a mãe de Tashi acabaram de sair daqui. Eles estavam chateados porque ela passa muito tempo com Olivia. Ela está mudada, está ficando quieta e muito pensativa, eles disseram. Ela está se tornando uma outra pessoa; sua face está começando a mostrar o espírito de uma de suas tias que foi vendida para um comerciante porque não mais se integrava na vida da aldeia. Essa tia se recusou a casar com o homem escolhido para ela. Recusou a se curvar para o chefe. Não fazia nada, só ficava deitada, rebentando castanha de cola entre os dentes e dando risadinhas.

Eles queriam saber o que Olivia e Tashi fazem na minha cabana quando todas as outras meninas estão ocupadas ajudando suas mães.

Tashi é preguiçosa em casa? eu perguntei.

O pai olhou para a mãe. Ela falou, Não, até pelo contrário, Tashi trabalha mais do que a maioria das meninas da sua idade. E é mais rápida para terminar o trabalho. Mas é só porque ela quer passar as tardes com Olivia. Ela aprende tudo que eu ensino para ela como se já soubesse, disse a mãe, mas esse conhecimento realmente não entra em sua alma.

A mãe parecia confusa e amedrontada.

O pai, raivoso.

Eu pensei: Aha! Tashi sabe que está aprendendo um jeito de vida que ela nunca vai viver. Mas eu não disse isso.

O mundo está mudando, eu falei. Já não é mais um mundo só para meninos e homens.

Nossas mulheres são respeitadas aqui, o pai falou. Nós nunca deixaríamos elas errarem pelo mundo como as mulheres americanas. Sempre há alguém para cuidar das mulheres Olinka. Um pai. Um tio. Um irmão ou um sobrinho. Não fique ofendida, Irmã Nettie, mas nosso povo tem pena de mulheres como você que foram tiradas de não sabemos onde e jogadas num mundo desconhecido onde você deve lutar sozinha, por você mesma.

Então eu sou um objeto de pena e desprezo, eu pensei, tanto para os homens quanto para as mulheres.

Além disso, o pai de Tashi falou, nós não somos simplórios. Nós sabemos que há lugares no mundo onde as mulheres vivem de uma maneira diferente das nossas mulheres, mas nós não aprovamos essa maneira diferente para nossas crianças.

Mas a vida está mudando, mesmo em Olinka, eu falei. Aqui estamos nós.

Ele bateu com o pé no chão. O que são vocês? Três adultos e duas crianças. Na estação chuvosa provavelmente algum de vocês vai morrer. O seu povo não dura muito no nosso clima. Se vocês não morrerem, ficarão enfraquecidos pela doença. Ah, é sim. Nós já vimos tudo isso antes. Vocês cristãos vêm aqui, tentam por tudo mudar a gente, ficam doentes e voltam para a Inglaterra, ou para o lugar de onde vocês vieram. Só o comerciante na costa permanece, e ainda assim, ele não é o mesmo homem branco, ano após ano. Nós sabemos porque nós mandamos mulheres para ele.

Tashi é muito inteligente, eu falei. Ela poderia ser uma professora. Uma enfermeira. Ela poderia ajudar o povo da aldeia.

Não há lugar aqui para uma mulher fazer essas coisas, ele falou.

Então nós devemos ir embora, eu falei. A Irmã Corrine e eu?

Não, não, ele falou.

Ensinar apenas aos meninos? eu perguntei.

Sim, ele falou, como se minha pergunta fosse uma concordância.

Esses homens falam com as mulheres de um jeito que me lembra muito o Pai. Eles escutam só o bastante para dar as instruções. Eles nem olham para as mulheres quando elas estão falando. Eles olham para o chão e dobram a cabeça em direção ao chão. As mulheres também não “olham o homem na face” como elas dizem. “Olhar um homem na face” é uma coisa descarada. Elas olham para os pés ou os joelhos deles. E o que posso eu dizer sobre isso? Era também assim o nosso comportamento na frente do Pai.

Da próxima vez que Tashi chegar na sua porta, você vai mandá-la direto para casa, o pai dela falou. Aí ele sorriu. Sua Olivia pode visitá-la, e aprender para o que servem as mulheres.

Eu sorri também. Olivia deve aprender a se educar sobre a vida onde for possível, eu pensei. A sua oferta lhe dará uma magnífica oportunidade.

Adeus e até a próxima vez, querida Celie, de uma mulher jogada fora, que dá pena e que pode morrer durante a estação chuvosa.

Com amor, sua irmã,

Nettie

Querida Celie,

No começo foi só um pequeno barulho de movimento na floresta. Uma espécie de murmúrio. Depois apareceu o som de corte e de arraste. Depois, alguns dias, o cheiro de fumaça. Mas agora, depois de dois meses, durante os quais eu ou as crianças ou a Corrine ficamos doentes, tudo que a gente ouve é o som do corte e de derrubada e o arraste. E todo o dia sentimos o cheiro de fumaça.

Hoje um dos meninos da minha classe da tarde anunciou quando entrou, A estrada está chegando! A estrada está chegando! Ele estava na floresta caçando com seu pai e viu.

Agora todo dia as pessoas da aldeia se juntam perto das plantações de mandioca, e olham a construção da estrada. E olhando para eles, alguns nos seus tamboretos e alguns agachados, todos mascando castanha de cola e desenhando no chão, eu sinto uma grande onda de amor por eles. Pois eles não se aproximam dos construtores de estrada de mãos vazias. Oh, não. Todos os dias, desde que eles viram a estrada se aproximando, eles empanturram os construtores com carne de cabra, papa de milho, inhame e mandioca cozidos, castanha e vinho de palmeira. Todo dia é como um piquenique, e eu acredito que muitas amizades foram feitas, embora os trabalhadores da estrada sejam de tribo diferente, mais distante para o norte e mais perto da costa, e sua língua

seja um pouco diferente. Eu não entendo o que está acontecendo, de qualquer modo, mas o povo de Olinka parece entender. Eles são pessoas muito espertas sobre quase tudo, e entendem as coisas novas muito rapidamente.

É difícil acreditar que já estamos aqui há cinco anos. O tempo anda devagar mas passa depressa. Adam e Olivia estão quase tão altos quanto eu e estão indo muito bem nos estudos. Adam tem um dom especial para somas e o Samuel se preocupa porque em pouco tempo ele não vai ter mais nada para ensinar sobre o assunto, tendo exaurido o seu próprio conhecimento.

Quando estávamos na Inglaterra nós conhecemos missionários que mandavam suas crianças de volta para casa quando não era mais possível ensiná-las na selva. Mas é difícil imaginar a vida aqui sem as crianças. Elas amam a sensação de liberdade da aldeia e adoram morar nas cabanas. Elas estão encantadas com a perícia dos caçadores e com a autossuficiência das mulheres nas plantações. Não importa o quanto eu esteja deprimida, e às vezes eu fico realmente muito deprimida, um abraço da Olivia ou do Adam me recoloca em funcionamento outra vez. A mãe deles e eu não somos tão amigas quanto já fomos antes, mas eu me sinto mais que nunca como tia deles. E nós três a cada dia que passa ficamos mais parecidos um com o outro.

Mais ou menos um mês atrás, a Corrine me pediu para não convidar mais o Samuel para minha cabana a não ser quando ela estivesse presente. Ela falou que isso dava às pessoas da aldeia uma ideia errada. Isso foi um choque para mim porque eu dou muito valor à companhia dele. Já que a Corrine quase nunca me visita eu dificilmente terei alguém para conversar, assim só por amizade. Mas as crianças ainda me visitam e às vezes passam a noite comigo quando seus pais querem ficar sozinhos. Eu adoro essas vezes. Nós assamos amendoins no meu fogão, sentamos no chão e estudamos os mapas de todos os países do mundo. Às vezes Tashi vem e nos conta histórias que são populares entre as crianças Olinka. Eu estou encorajando ela e Olivia a escreverem essas

histórias em Olinka e em inglês. Seria um bom exercício para elas. Olivia acha que, comparada com Tashi, ela não sabe contar nenhuma história tão boa. Um dia ela começou a contar a história do “pai Tomás” só para descobrir que Tashi tinha a sua versão original! Sua carinha caiu. Mas aí nós começamos a conversar sobre como as histórias do povo de Tashi foram parar nos Estados Unidos, e isso fascinou Tashi. Ela chorou quando Olivia contou como sua avó foi tratada como escrava.

Ninguém mais na aldeia quer ouvir falar sobre a escravidão. Eles se recusam a assumir qualquer responsabilidade. Isso é uma coisa que eu definitivamente não gosto neles.

Nós perdemos o pai da Tashi durante a temporada da chuva. Ele caiu doente com malária e nada que o curandeiro arranhou conseguiu salvá-lo. Ele se recusou a tomar qualquer remédio que nós usamos, ou a deixar o Samuel visitá-lo. Foi o meu primeiro funeral Olinka. As mulheres pintam os rostos de branco e usam túnicas brancas e choram numa voz aguda bem alta. Eles enrolaram o corpo em panos e o enterraram debaixo de uma grande árvore na floresta. Tashi ficou com o coração partido. Em toda sua jovem vida, ela tentou agradar seu pai, nunca percebendo que, como uma menina, jamais o conseguiria. Mas a morte fez com que ela e sua mãe se aproximassem mais, e agora Catherine se sente como um de nós. Dizendo um de nós eu quero dizer eu e as crianças e às vezes o Samuel. Ela ainda está de luto e continua sem sair de casa, mas falou que nunca mais irá se casar de novo (já que tem cinco filhos homens ela pode fazer agora o que quiser. Ela se tornou um homem honorário) e quando eu fui visitá-la, ela deixou bem claro que Tashi deve continuar com seus estudos. Ela é a mais trabalhadeira de todas as viúvas que o pai de Tashi deixou, e seus campos são elogiados por sua limpeza, produtividade e pelo seu aspecto geral. Talvez eu possa ajudá-la no seu trabalho. É no trabalho que as mulheres ficam se

conhecendo e gostando umas das outras. Foi através do trabalho que Catherine se tornou amiga de todas as outras esposas de seu marido.

Essa amizade entre as mulheres é uma coisa sobre a qual o Samuel sempre fala. Porque as mulheres repartem o marido mas o marido não reparte a amizade delas, isso faz o Samuel se sentir incômodo. É confuso, eu reconheço. E é o dever cristão do Samuel como pastor apregoar a orientação da Bíblia de um esposo e uma esposa. O Samuel fica confuso porque para ele, já que as mulheres são amigas e fazem tudo uma pela outra — não sempre, mas mais frequentemente do que qualquer pessoa dos Estados Unidos poderia esperar — e desde que elas riem e fofocam e cuidam uma dos filhos da outra, então elas devem estar felizes com as coisas como são. Mas muitas das mulheres raramente passam algum tempo com seu marido. Algumas foram prometidas para velhos ou para homens maduros quando nasceram. A vida delas sempre gira em torno do trabalho, das crianças e das outras mulheres (já que uma mulher não pode nunca ter um homem como amigo sem causar o pior tipo de isolamento e de fofoca). Elas satisfazem a vontade do marido, e pronto. Você deveria ver como elas mimam o esposo. Louvam suas menores realizações. Enchem eles com vinho de palmeira e doces. Não é de se admirar que os homens quase sempre sejam tão infantis. E uma criança adulta é uma coisa perigosa, especialmente quando, como entre os Olinka, o marido tem o poder de vida e morte sobre sua esposa. Se ele acusar uma de suas mulheres de feitiçaria ou infidelidade, ela pode ser morta.

Graças a Deus (e às vezes à intervenção do Samuel), isso não aconteceu depois que chegamos aqui. Mas os casos que Tashi conta são muitas vezes sobre esses acontecimentos cruéis acontecidos no passado recente. E Deus que não permita que o filho de uma esposa favorita adoença! Esse é o ponto onde até a amizade das mulheres acaba pois cada mulher teme ser acusada de feitiçaria pela outra, ou pelo esposo.

Feliz Natal para você e os seus, querida Celie. Aqui no continente “negro”, nós celebramos com orações e canções e um grande piquenique completo com melancias, ponche de frutas frescas, e churrasco!

Deus abençoe você,

Nettie

Querida Celie,

Eu queria ter escrito para você antes da Páscoa, mas não foi uma boa época para mim e eu não quis sobrecarregar você com más notícias. Então um ano inteiro se passou. A primeira coisa que devo contar para você é sobre a estrada. A estrada finalmente alcançou as plantações de mandioca há quase nove meses atrás e os Olinka, que adoram uma comemoração, se desdobraram preparando uma festa para os construtores da estrada que conversavam e riam e olhavam para as mulheres Olinka o dia todo. À noite muitos foram convidados para irem até a própria aldeia e houve muita alegria até tarde da noite.

Eu acho que os africanos são muito parecidos com os brancos daí de nossa terra, no sentido de que eles pensam que são o centro do universo e que tudo o que está sendo feito, está sendo feito para eles. Os Olinka definitivamente têm esse ponto de vista. E então naturalmente eles pensaram que a estrada que estava sendo construída era para eles. E, na verdade, os construtores falaram muito de como os Olinka agora iam poder chegar mais depressa à costa. Com a estrada pavimentada seria uma viagem de apenas três dias. De bicicleta seria até mais rápido. É claro que nenhum dos Olinka tem bicicleta, mas um dos construtores tem uma e todo homem Olinka ficou cobiçando e falando que um dia iria comprar uma.

Bem, na manhã depois que a estrada “terminou” no que dizia respeito aos Olinka (afinal, a estrada já havia chegado à aldeia) nós fomos descobrir que os construtores da estrada estavam de volta ao trabalho. Eles tinham instruções para continuar a estrada por mais uns sessenta quilômetros! E para continuar na direção em que estavam, isto é, exatamente através da aldeia dos Olinka. Na hora que a gente levantou da cama, a estrada já estava passando pelo campo de inhame que Catherine acabara de plantar. É claro que os Olinka ficaram em pé de guerra. Mas os construtores também estavam literalmente em pé de guerra. Eles tinham armas, Celie, e ordens de atirar!

Foi lamentável, Celie. O povo se sentiu tão traído! Eles ficaram parados, sem poder fazer nada — eles realmente não sabem mais lutar, e raramente pensam nisso desde as velhas guerras tribais — enquanto suas plantações e suas casas eram destruídas. Sim. Os construtores não desviaram um milímetro sequer da planta que o chefe estava seguindo. Toda casa que ficava no caminho proposto para a estrada foi derrubada. E Celie, nossa igreja, nossa escola, minha cabana, tudo foi destruído em questão de horas. Felizmente nós conseguimos salvar todas as nossas coisas, mas com a estrada passando bem no meio dela, a aldeia parecia destripada.

Imediatamente depois de entender a intenção dos construtores da estrada, o chefe saiu em direção à costa, procurando explicações e indenização. Duas semanas mais tarde, ele retomou trazendo notícias ainda piores. O território inteiro, incluindo a aldeia dos Olinka, agora pertencia a um comerciante de borracha da Inglaterra. À medida em que ia se aproximando da costa, ele se surpreendia vendo centenas e mais centenas de nativos como os Olinka limpando a floresta de cada lado da estrada, plantando a seringueira. As antigas, gigantescas árvores de mogno, todas as árvores, a caça, tudo na floresta estava sendo destruído, e a terra estava sendo obrigada a ficar plana, ele falou, e tão nua como a palma de uma mão.

Primeiro ele pensou que as pessoas que falaram para ele sobre a companhia inglesa de borracha estavam enganadas, nem que fosse apenas no que se referia ao fato do território incluir a aldeia Olinka. Mas no final, ele foi levado até a mansão do Governador, um imenso edifício branco, com bandeiras hasteadas no jardim, e lá teve uma audiência com o homem branco responsável. Foi esse homem quem deu as ordens para os construtores da estrada, esse homem que sabia sobre os Olinka somente pelo mapa. Ele falava em inglês, que o nosso chefe também tentou falar.

Deve ter sido uma conversa patética. O nosso chefe nunca soube nada do inglês além das frases ocasionais e curiosas que ele aprendeu com o Joseph, que não pronuncia “inglês” mas “ianglis”.

Mas o pior ainda estava para ser contado. Já que os Olinka não eram mais os donos de sua aldeia, eles teriam que pagar um aluguel por ela, e para usar a água, que também não pertencia mais a eles, teriam que pagar um imposto.

No começo as pessoas riram. Parecia mesmo uma loucura. Eles estavam aqui desde sempre. Mas o chefe não riu.

Nós lutaremos contra os homens brancos, eles falaram.

Mas o homem branco não está sozinho, o chefe falou. Ele trouxe o exército.

Isso foi há vários meses atrás, e até agora nada aconteceu. As pessoas vivem como avestruz, nunca põem os pés na estrada nova se podem evitar, e nunca, jamais, olham para o lado da costa. Nós construímos outra igreja e escola. Eu tenho outra cabana. E assim a gente espera.

Enquanto isso a Corrine tem estado muito doente com a febre africana. Muitos missionários no passado morreram por causa dela.

Mas as crianças estão bem. Os meninos agora aceitam Olivia e Tashi na classe e outras mães estão mandando suas filhas para a escola. Os homens não gostam disso: quem vai querer uma esposa que sabe tudo que o marido sabe?

Eles se enfurecem. Mas as mulheres dão seus jeitos e eles amam suas crianças, mesmo sendo meninas.

Eu escreverei mais quando as coisas começarem a melhorar. Eu confio em Deus que isso logo vai acontecer.

Sua irmã,

Nettie

Querida Celie,

Esse ano todo, depois da Páscoa, foi difícil. Desde a doença da Corrine, todo trabalho dela caiu em cima de mim, e eu tenho que cuidar dela também, o que ela não gosta.

Um dia quando eu a estava trocando enquanto ela estava deitada na cama, ela me deu uma olhada longa, malvada, mas ao mesmo tempo também, de alguma maneira, cheia de pena. Por que meus filhos se parecem com você? perguntou.

Você acha mesmo que eles se parecem tanto assim comigo? eu falei.

Você poderia ter cuspidos eles para fora, ela falou.

Talvez só de morarmos juntos, amar as pessoas faz com que elas se pareçam com a gente, eu falei. Você sabe como algumas pessoas casadas há muito tempo se parecem.

Até as mulheres daqui notaram a semelhança no primeiro dia que nós chegamos, ela falou.

E é isso que está preocupando você todo esse tempo? Eu tentei rir do assunto.

Mas ela só olhava para mim.

Quando foi que você conheceu o meu marido? ela queria saber.

E foi aí que eu fiquei sabendo o que ela pensava. Ela pensa que Adam e Olivia são meus filhos, e que o Samuel é o pai deles!

Oh, Celie, é isso que vem acabando com ela todos esses anos!

Eu conheci o Samuel no mesmo dia em que conheci você, Corrine, falei (eu ainda não me acostumei a falar “Irmã” todo o tempo). Com Deus por minha testemunha, essa é a verdade,

Traga a Bíblia, ela falou.

Eu trouxe a Bíblia, e coloquei minha mão em cima dela, e jurei.

Você nunca me viu mentir, Corrine, eu falei. Por favor, acredite que não estou mentindo agora.

Aí ela chamou o Samuel, e fez ele jurar que ele tinha me conhecido no mesmo dia que ela.

Ele falou: Eu peço desculpas por isso, Irmã Nettie, por favor, nos perdoe.

Assim que o Samuel deixou o quarto ela me fez levantar o vestido e se sentou na cama para examinar minha barriga.

Eu senti tanta pena dela, e tanta humilhação, Celie. E o jeito que ela trata as crianças é a parte mais difícil. Ela não os quer perto dela, o que eles não entendem. Como poderiam? Eles não sabem nem que são adotados.

A aldeia deve ser toda plantada de seringueiras na próxima estação. O território de caça dos Olinka já foi destruído e os homens têm que ir cada vez mais longe para achar alguma caça. As mulheres passam todo o tempo no campo, cuidando das plantações e rezando. Elas cantam para a terra e para o céu e para suas mandiocas e amendoins. Cantos de amor e de adeus.

Nós todos estamos tristes aqui, Celie. Eu espero que a vida seja mais feliz para vocês.

Sua irmã,

Nettie

Querida Celie,

Imagina, o Samuel também pensou que as crianças fossem minhas! Foi por isso que ele me animou a vir para a África com eles. Quando eu apareci na casa deles, ele pensou que eu estivesse seguindo os meus filhos, e coração mole como ele é, não teve coragem de me mandar embora.

Se eles não são seus, ele falou, de quem são?

Mas eu tinha algumas perguntas a fazer a ele, primeiro.

Onde você conseguiu as crianças? eu perguntei. E Celie, ele me contou uma história que fez meus cabelos se arrepiarem no final. Eu espero que você, pobrezinha, esteja pronta para ouvi-la.

Era uma vez um fazendeiro muito bem de vida que era dono de umas terras perto de uma cidade. A nossa cidade, Celie. E como sua fazenda ia bem e tudo em que botava a mão prosperava, ele decidiu abrir um armazém, e tentar a sorte vendendo comestíveis também. Bom, seu armazém ia tão bem que ele convenceu seus dois irmãos a ajudá-lo e, com o passar dos meses, eles estavam indo cada vez melhor. Aí os comerciantes brancos começaram a se reunir e reclamar que esse armazém estava tirando deles toda a clientela negra e que a loja de ferragens que o homem havia montado atrás do seu armazém estava atraindo também alguns dos brancos. Isso não podia continuar. E então uma

noite, o armazém do homem foi queimado, sua ferraria destruída, e o homem e seus irmãos arrastados para fora de suas casas no meio da noite e enforcados.

O homem tinha uma mulher que ele adorava, e eles tinham uma menininha, de quase dois anos de idade. Ela também estava grávida de outra criança. Quando os vizinhos trouxeram para ela o corpo do marido, ele estava mutilado e queimado.

Essa visão quase a matou, e seu segundo nenê, também uma menina, nasceu naqueles dias. Embora o corpo da viúva tenha sarado, sua cabeça nunca mais foi a mesma. Ela continuava a preparar o prato do marido na hora do almoço como sempre fazia antes e sempre estava cheia de conversas sobre os planos que ela e o marido tinham feito. Os vizinhos, mesmo sem essa intenção, acabaram excluindo ela cada vez mais, em parte porque os planos dos quais ela falava eram maiores do que qualquer coisa que eles poderiam imaginar para a gente negra, e em parte porque sua ligação com o passado era tão lamentável. Ela ainda era uma mulher bonita, e ainda era dona de terras, mas não havia ninguém para trabalhar nelas, e ela mesma não sabia como trabalhar; além do mais, continuava esperando que seu marido terminasse o almoço que ela tinha preparado para ele e fosse ele mesmo para a roça. Em pouco tempo não havia nada para comer que não fosse trazido pelos vizinhos, e ela e suas crianças pequenas cavavam pelo quintal o melhor que podiam.

Quando a segunda criança ainda era um nenê, um estranho apareceu na cidade, e encheu a viúva e suas crianças de atenção; em pouco tempo, eles estavam casados. Quase imediatamente ela ficou grávida pela terceira vez, ainda que sua saúde mental não tivesse melhorado. Cada novo ano daí em diante, ela ficava grávida, cada ano ela ficava cada vez mais fraca e mais desequilibrada mentalmente, até que, muitos anos depois de ter casado com o estranho, ela morreu.

Dois anos antes que ela morresse, teve uma menina mas ela estava muito doente para cuidar. Depois um menino. Essas crianças foram chamadas de Olivia e Adam.

Essa foi a história que o Samuel contou, quase palavra por palavra.

O estranho que havia se casado com a viúva era alguém que o Samuel conheceu muito antes dele encontrar Cristo. Quando o homem apareceu na casa do Samuel, primeiro com Olivia e depois com Adam, o Samuel se sentiu não só incapaz de recusar as crianças, mas como se Deus tivesse respondido às preces dele e da Corrine.

Ele nunca contou para Corrine sobre o homem ou sobre a “mãe” das crianças porque ele não queria nenhuma nuvem sobre a felicidade dela.

Mas depois, saindo do nada, eu apareci. Ele botou dois mais dois juntos, se lembrou de que seu velho companheiro de andanças era um malandro, e me recebeu sem fazer perguntas. O que, para falar a verdade, sempre me intrigou, mas que eu atribuí à caridade cristã. A Corrine uma vez me perguntou se eu estava fugindo de casa. Mas expliquei que eu já era uma mocinha, que minha família era muito grande e pobre, que já era hora de eu sair e ganhar minha própria vida.

Lágrimas ensopavam minha blusa quando o Samuel terminou de me contar tudo isso. Eu não pude, naquela hora, começar a contar para ele a verdade, mas, Celie, eu posso contar tudo para você agora. E eu rezo com todo o meu coração para que você receba pelo menos essa carta, mesmo se não receber nenhuma das outras!

O Pai não é nosso pai!

Sua devotada irmã,

Nettie.

Querido Deus,

É isso, a Shug falou. Arruma sua trouxá. Você vem comigo para o Tennessee.

Mas eu me sinto tonta.

Meu pai foi linchado. Minha mamãe era louca. Todos meus meio-irmão e irmã num são meus parente. Meus filho num são minha irmã nem meu irmão. O Pai num é o pai.

Você deve tá durmindo.

Querida Nettie,

Pela primeira vez na minha vida eu quis ir ver o Pai. Então eu e a Shug vistimo as nossa calça nova de flor azul que combinam e os grande chapéu molengo que combinam também, só que as rosa do dela são vermelha, as minha são amarela, e a gente subiu no Packard e deslizou pra lá. Agora eles puseram asfalto pra cima e pra baixo nas estrada do condado e cinquenta quilômetro parece que num são nada.

Eu vi o Pai uma vez depois que eu saí de casa. Um dia eu e Sinhô____, a gente tava enchendo a carroça na frente da loja. O Pai tava com May Ellen e ela tava tentando arrumar a meia. Ela tava dibruçada sobre uma perna inrolando a meia num nó encima do joelho, e ele tava batendo na calçada com a bengala dele, tap-tap. Parecia que ele tava era pensando em bater nela com a bengala.

Sinhô____ foi pra junto deles todo amigo, com a mão estendida, mas eu continuei enchendo a carroça e olhando pros saco. Eu nunca pensei que jamais eu fosse querer ver ele outra vez.

Bom, era um belo dia da primavera, um pouquinho de frio no começo, como se fosse perto da Páscoa, e a primeira coisa que a gente reparou depois que a gente entrou no cercado era como tudo tava verde, como se a terra do Pai já tivesse quente e pronta pro trabalho, mesmo se o chão nos outro lugar inda num tivesse bastante quente. Então por toda a pista tinha margarida e junquilha

e narciso e todo tipo de florzinha silvestre da primavera. Aí a gente reparou que todos os passarinho tavam cantando suas musiquinha, por todos os canto das sebe que tavam elas também cheia de florzinha amarela que cheiravam como as trepadeira da Virgínia. Era tudo tão diferente do resto do caminho por onde a gente tinha passado, que a gente ficou quieta mesmo. Eu sei que isso parece engraçado, Nettie, mas até o sol pareceu parar um pouquinho mais sobre a cabeça da gente.

Bom, Shug falou, tudo isso é bunito demais. Você nunca falou que era tão bunito.

Num era assim tão bunito. No tempo da Páscoa costumava inundar por aqui, e as criança todas ficavam com gripe. De todo jeito, eu falei, a gente já tá chegando na casa e lá com certeza num é essa beleza.

Num é essa beleza? ela perguntou, enquanto a gente subia uma longa curva da colina queu num lembrava, e dava direto na frente de uma grande casa amarela de dois andar com janela verde e um telhado altíssimo de ripas verde.

Eu dei uma risada. A gente deve ter pego o caminho errado, eu falei. Essa deve ser a casa de algum branco.

Mas era tão bunito que a gente parou o carro e ficou só olhando.

Que árvores são aquelas todas florida? Shug perguntou.

Eu num sei, eu falei. Parece pêsego, ameixa, maçã, talvez cereja. Mas seja o que for, elas são uma beleza.

Tudo em volta da casa, tudo atrás, só árvore florida. E aí mais margarida e junquilha e rosa subindo sobre tudo. E todo o tempo os passarinho de todo o resto do condado descansavam nessas árvore no caminho pra cidade.

Finalmente, depois que a gente olhou um bocado, eu falei, está tudo tão quieto, num tem ninguém em casa, eu acho.

Não, a Shug falou, na certa tão na igreja. Num lindo domingo como esse.

Então é melhor a gente ir embora, eu falei, antes que quem quer que seja que more aqui volte. Mas logo depois que eu falei isso meu olho viu uma figueira que ele reconheceu, e a gente escutou um carro subindo pelo caminho. E quem tava no carro era o Pai e uma mocinha que parecia filha dele.

Ele saiu pela porta do lado dele, e foi abrir a porta do lado dela. Ela tava vistida linda de morrer num vistido rosa, um grande chapéu rosa e sapatos rosa, uma bolsinha rosa pindurada no braço dela. Eles olharam pra chapa do nosso carro e então vieram subindo pra ver quem era. Ela botou a mão dela no braço dele.

Bom dia, ele falou, quando ele chegou na janela da Shug.

Bom dia, ela falou divagar, e eu posso jurar que ele num era o que ela tava esperando.

Posso fazer alguma coisa por vocês? Ele num tinha me visto e na certa num me veria, mesmo se olhasse pra mim.

Shug falou, bem baixinho, Esse é ele?

Eu falei, É.

O que espantou Shug e me espantou também foi como ele parecia novo. Ele parecia mais velho do que a minina que tava com ele, mesmo ela tando vistida que nem mulher, mas ele parecia muito jovem pra alguém que era alguém que tinha filho grande e quase neto crescido. Mas então eu lembrei que ele num era meu pai, só era pai dos meu filho.

O que sua mãe fez, a Shug perguntou, assaltou uma creche?

Mas ele num é tão novo assim.

Eu trouxe Celie, a Shug falou. Sua filha Celie. Ela queria visitar você. Ela tem umas pergunta pra fazer.

Ele pareceu pensar um segundo. *Celie?* ele falou. Como Quem é Celie? Depois falou, Vocês desçam e vamo pra varanda. Daisy, ele falou pra mocinha que tava com ele, vai falar pra Hetty num servir o jantar. Ela apertou o braço

dele, ficou na ponta do pé e deu um beijo no queixo dele. Ele virou e viu ela ir pelo caminho, subir a escada e passar pela porta da frente. Ele seguiu a gente pela escada até a varanda, ajudou a gente a pegar as cadeira de balanço, então falou, Bom, o que é que vocês querem?

As criança tão aqui? eu perguntei.

Que criança? ele falou. Aí ele riu. Oh, elas foram embora com a mãe delas. Ela acabou me deixando, você sabe. Voltou pra casa dos pais dela. É, ele falou, você deve se lembrar de May Ellen.

Porque ela foi embora? eu perguntei.

Ele riu mais ainda. Ficou velha demais pra mim, eu acho.

Aí a mocinha voltou e sentou no braço da cadeira dele. Ele falava com a gente e fazia carinho no braço dela.

Essa é Daisy, ele falou. Minha nova esposa.

Poxa, Shug falou, você num parece ter nem quinze anos.

E num tenho, Daisy falou.

Fico surpresa da sua família ter deixado você casar.

Ela deu de ombro, olhou pro Pai. Eles trabalham pra ele, ela falou. Vivem na terra dele.

Eu sou a família dela agora, ele falou.

Eu me sentia tão mal queu quase engasguei. A Nettie tá na África, eu falei. É missionária. Ela me escreveu contando que você num é nosso Pai verdadeiro.

Bom, ele falou. Então agora você sabe.

Daisy olhou pra mim morrendo de pena. É coisa bem dele num contar isso pra vocês, ela falou. Ele me contou como ele criou duas minina que num eram nem filhas dele, ela falou. Eu acho queu num acreditava muito nisso, até agora.

Não, ele nunca contou pra elas, Shug falou.

Que velhinho querido, Daisy falou, beijando ele no alto da cabeça. Ele fazia e fazia carinho no braço dela. Olhou pra mim e deu uma risada.

Seu pai num sabia como se virar, ele falou. Os branco lincharam ele. Uma história muito triste pra contar pras mininha pobrezinha, ele falou. Qualquer homem teria feito o queu fiz.

Talvez não, Shug falou.

Ele olhou pra ela, depois olhou pra mim. Ele pode jurar que ela sabe. Mas o que importa pra ele?

Acredite em mim, ele falou, eu sei como eles são. A chave pra todos eles é o dinheiro. O problema com nosso povo é que logo que saíram da escravidão eles num quiseram dar mais nada pro branco. Mas o fato é que você tem que dar alguma coisa pra eles. Ou seu dinheiro ou sua terra ou sua mulher ou sua bunda. Então o queu fiz foi logo de cara oferecer dinheiro pra eles. Antes de plantar uma semente, eu deixei claro pra esse e praquele que uma semente de cada três que ele plantava era pra *ele*. Antes de muer um grão de trigo, também a mesma coisa. E quando eu abri a antiga loja do seu pai na cidade; eu comprei o meu próprio rapazinho branco pra cuidar dela. E o que foi melhor, falou, é queu comprei ele com dinheiro dos branco.

Pergunta logo pro homem ocupado as suas coisa, Celie, Shug falou. Eu acho que o jantar dele tá ficando frio.

Onde o meu papai tá enterrado, eu perguntei. Isso era tudo realmente queu queria saber.

Do lado da sua mãe, ele falou.

Tem algum túmulo, perguntei.

Ele olhou pra mim como se eu fosse doida. Gente linchada num tem túmulo, ele falou. Como se isso fosse coisa que todo mundo devia saber.

E mamãe tem um? perguntei.

Ele falou, Não.

Os passarinho cantavam tão doce quando a gente foi embora como quando a gente chegou. Depois, logo que a gente entrou na estrada principal, parece

que eles pararam. Na hora que a gente chegou no cemitério, o céu tava cinzento.

A gente procurou pela Mãe e pelo Pai. Esperando achar algum pedaço de madeira que dissesse alguma coisa. Mas a gente num achou nada, só ervas daninha, e carrapicho e flores de papel murchando num túmulo. Shug achou uma ferradura que o cavalo de alguém perdeu. A gente pegou aquela velha ferradura e a gente rodou e rodou junta até que ficamos tonta e caímos no chão, e onde a gente caiu a gente enterrou a ferradura.

Shug falou, Agora nós duas somos a família uma da outra, e me beijou.

Querida Celie,

Eu acordei essa manhã decidida a contar tudo para a Corrine e o Samuel. Eu fui até a cabana deles e puxei um banco para perto da cama da Corrine. Ela já está tão fraca agora que a única coisa que ela pode fazer é cara inamistosa — e eu posso dizer que não estava sendo bem-vinda.

Eu falei, Corrine, eu vim aqui para contar a verdade para você e o Samuel.

Ela falou, o Samuel já me contou. Se as crianças são suas, por que você não falou logo?

Samuel falou, Não, querida.

Ela falou, Não venha me chamar de querida. Nettie jurou pela Bíblia que iria dizer a verdade, e ela mentiu.

Corrine, falei, eu não menti.

Eu virei um pouco as costas para o Samuel e cochichei para ela: Você viu minha barriga, eu falei.

O que é que eu sei sobre gravidez, ela falou. Eu nunca tive essa experiência eu mesma. Por tudo que eu sei, a mulher pode ser capaz de fazer todas as marcas desaparecerem.

Elas não podem fazer desaparecer as marcas de estrias, eu falei. As estrias ficam bem dentro da pele, e a barriga de uma mulher estica muito deixando uma pequena barriguinha depois, como todas as mulheres por aqui têm.

Ela virou o rosto para a parede.

Corrine; eu falei, eu sou a tia das crianças. A mãe delas é a minha irmã mais velha, Celie.

Então eu contei para eles a história toda. Só que Corrine não ficou convencida.

Você e o Samuel têm me contado tantas mentiras, quem pode acreditar em qualquer coisa que vocês falam? ela perguntou.

Você tem que acreditar na Nettie, o Samuel falou. Ainda que a parte sobre você e o Pai tenha sido um verdadeiro choque para ele.

Aí eu me lembrei que você me contou que havia visto a Corrine e o Samuel e a Olivia na cidade, quando ela estava comprando tecido para fazer vestidos para ela e Olivia, e como você tinha me mandado até ela porque era a única mulher que você já tinha visto com dinheiro. Eu tentei fazer a Corrine se lembrar daquele dia, mas ela não conseguiu.

Ela está ficando cada vez mais fraca, e a menos que ela possa acreditar em nós e voltar a amar as crianças, eu temo que iremos perdê-la.

Ah, Celie. A incredulidade é uma coisa terrível. Como também é o mal que fazemos aos outros sem saber.

Reze por nós,

Nettie.

Querida Celie,

Todos os dias desde a semana passada eu tenho tentado fazer a Corrine se lembrar de ter encontrado você na cidade. Eu sei que se ela pudesse pelo menos se lembrar do seu rosto, ela acreditaria que Olivia (e também Adam) são filhos seus. Eles acham que Olivia se parece comigo mas é só porque eu me pareço com você. Olivia é a sua cara e tem os seus olhos, iguaizinhos. Fico admirada por Corrine não ter notado a semelhança.

Você se lembra da principal rua da cidade? Eu perguntei. Lembra do poste que ficava na frente do armazém de secos e molhados do Finley? Lembra como o armazém cheirava a casca de amendoim?

Ela diz que se lembra de tudo isso, mas de nenhum homem falando com ela.

Depois eu me lembrei das colchas de retalhos que ela tem. Os homens de Olinka fazem lindas colchas de retalhos cheias de animais e pássaros e gente. Assim que a Corrine viu essas colchas, ela começou a fazer uma que alternava um quadrado com figuras aplicadas e nove quadrados lisos, usando as roupas que não serviam mais nas crianças, e alguns dos seus vestidos velhos.

Eu fui até o baú dela e comecei a tirar as colchas.

Não toque nas minhas coisas, a Corrine falou. Eu ainda não morri.

Eu segurei uma depois outra na luz, tentando achar a primeira que eu me lembrava que ela fez. E tentando me lembrar, ao mesmo tempo, dos vestidos

que ela e Olivia usavam nos primeiros meses que vivi com eles.

Ahá, eu falei, quando achei o que estava procurando, e coloquei a colcha em cima da cama.

Você se lembra de quando comprou esse pano? Eu perguntei, apontando para um retalho florido. E desse pássaro xadrez?

Ela acompanhou os desenhos com o dedo, e vagarosamente seus olhos foram se enchendo de lágrimas.

Ela era tão parecida com a Olivia! Ela falou. Eu fiquei com medo dela querer Olivia de volta. Então eu me esqueci dela o mais depressa que pude. Tudo que eu me deixei lembrar foi como o vendedor me tratou! Eu estava agindo como alguém porque eu era a esposa do Samuel, e formada no Seminário Spelman, e ele me tratou como uma negra ordinária. Oh, eu fiquei tão magoada! E fiquei com tanta raiva! E foi nisso que eu pensei, e até contei para o Samuel, a caminho de casa. Não falei nada sobre sua irmã — como ela se chamava? — Celie? Nada sobre ela.

Ela começou a chorar realmente. Eu e o Samuel seguramos suas mãos.

Não chore. Não chore, eu falei. Minha irmã ficou contente de ver Olivia com você. Contenta de ver que ela estava viva. Ela pensava que seus dois filhos estivessem mortos.

Pobre coitada! o Samuel falou. E nós ficamos lá sentados, conversando um pouco e de braços dados um com o outro até que a Corrine adormeceu.

Mas, Celie, no meio da noite ela acordou, virou-se para o Samuel e falou:

Eu acredito. Mas morreu mesmo assim.

Sua irmã na tristeza,

Nettie

Minha querida Celie,

Justo quando eu penso que aprendi a conviver com o calor, a umidade constante, até com as minhas roupas molhadas, o suor debaixo dos braços e entre minhas pernas, a minha amiga chega. E cólicas e dores e sofrimentos — mas eu preciso agir como se nada estivesse acontecendo, ou seria um embaraço para o Samuel, as crianças e para mim. Sem mencionar o povo da aldeia que acha que as mulheres quando recebem as suas amigas não devem ser vistas.

Logo depois da morte de sua mãe, Olivia recebeu *sua* amiga; ela e Tashi cuidam uma da outra é o que eu acho. Nada me foi dito sobre isso, e eu não sei como tocar no assunto. O que me parece errado; mas se você falar com uma menina Olinka sobre suas partes íntimas, sua mãe e seu pai ficam aborrecidos, e é muito importante para Olivia não ser vista como uma estranha. Embora o único ritual que eles tenham para celebrar a condição de mulher seja tão sangrento e dolorido, que eu proibi Olivia até de pensar nisso.

Você lembra como eu fiquei assustada quando a minha menstruação veio pela primeira vez? Eu pensei que tivesse me cortado. Mas graças a Deus você estava lá para me dizer que estava tudo bem.

Nós enterramos a Corrine à maneira dos Olinka, embrulhada em panos, debaixo de uma grande árvore. Toda a sua doce maneira de ser foi com ela. Toda sua educação e o coração cheio de boas intenções. Ela me ensinou tanto!

Eu sei que sempre vou sentir a falta dela! As crianças ficaram aturdidas com a morte da mãe. Elas sabiam que ela estava doente, mas a morte não é uma coisa que elas pensam em relação aos pais e a elas mesmas. Foi uma pequena e estranha procissão. Todos nós vestidos de branco e com nossos rostos pintados de branco. Samuel parece perdido. Eu acho que eles não passaram nem uma só noite separados desde que se casaram.

E você como vai, querida irmã? Os anos vieram e se foram sem uma palavra sua. Só o céu acima das nossas cabeças é o que temos em comum. Eu olho muitas vezes para ele como se, de alguma maneira, refletida na sua imensidão, um dia eu me encontrarei olhando nos seus olhos. Os seus queridos, grandes, límpidos e lindos olhos. Ah, Celie! Minha vida aqui não é nada além de trabalho, trabalho, trabalho, e preocupações. A juventude que eu poderia ter tido já passou por mim. E eu não tenho nada meu. Nem marido, nem crianças, nem amigos, com exceção do Samuel. Mas, sim, eu *tenho* crianças, Adam e Olivia. E eu *tenho* amigos, Tashi e Catherine. Eu tenho até família — essa aldeia que está passando por tantas dificuldades.

Agora os engenheiros vieram para inspecionar o território. Dois homens brancos vieram ontem e passaram algumas horas andando pela aldeia, principalmente olhando as fontes. A educação inata dos Olinka é tal que eles se apressaram a preparar comida para eles, embora só reste pouca coisa de valor, já que muitas roças que cresciam nessa época do ano foram destruídas. E os homens brancos se sentaram para comer como se a comida fosse desprezível!

Os Olinka entendem que nada de bom pode vir das mesmas pessoas que destruíram suas casas, mas os costumes são difíceis de morrer. Eu mesma não falei com os homens, mas o Samuel falou. Ele disse que a conversa deles era só sobre trabalhadores, quilômetros de terra, chuvas, sementes, máquinas e coisas assim. Um deles parecia completamente indiferente ao povo em volta dele — simplesmente comendo e depois fumando e olhando pensativamente a distância

— e o outro, um pouco mais jovem, parecia entusiasmado por aprender a língua. Antes que ela desapareça, ele falou.

Eu não gostei de ver o Samuel falando com nenhum deles. Nem com o que se deslumbrava com cada palavra, nem com o que olhava através da cabeça do Samuel.

O Samuel me deu todas as roupas da Corrine, e eu estava realmente precisando, embora nenhuma de nossas roupas seja apropriada para esse clima. Isso é verdade até para as roupas que os africanos usam. Eles costumavam usar muito pouco, mas as damas inglesas introduziram o “mãe Hubbard”, uma roupa longa, incômoda, mal-ajustada, e completamente sem forma, que inevitavelmente acaba se arrastando para dentro do fogo, causando muitas queimaduras. Eu nunca consegui usar uma dessas roupas que parecem ter sido feitas para gigantes, portanto fiquei contente por ganhar as coisas da Corrine. Ao mesmo tempo, eu receio usá-las. Eu me lembro dela me dizendo que nós devíamos parar de usar as roupas uma da outra. E essa lembrança me dói.

Você tem certeza de que a Irmã Corrine gostaria disso? eu perguntei para o Samuel.

Sim, Irmã Nettie, ele falou. Tente não usar os medos da Corrine contra ela. No final ela entendeu, e acreditou. E perdoou o que houvesse para ser perdoado.

Eu devia ter falado alguma coisa mais cedo, eu falei.

Ele me pediu para falar sobre você, e as palavras escorreram como água. Eu estava morrendo de vontade de falar com alguém sobre nós. Eu contei para ele sobre as cartas que escrevo para você todo Natal e Páscoa, e o quanto teria significado para nós se ele tivesse procurado você depois que eu fui embora. Ele sente muito ter hesitado em se envolver.

Se ao menos eu tivesse compreendido então o que eu sei agora! ele falou.

Mas como poderia? Existem tantas coisas que nós não compreendemos. E tanta infelicidade acontece por causa disso.

Amor e Feliz Natal para você.

Sua irmã,

Nettie

Querida Nettie,

Eu num escrevo mais pra Deus, eu escrevo pra você.

O que aconteceu com Deus? Shug perguntou.

Quem é ele? eu falei.

Ela olhou pra mim séria.

Diaba assim como você é, eu falei, com certeza num deve tá preocupada com Deus.

Ela falou, Um minutinho, por favor. Espere só um minuto aí. Só porque eu num fico pregando feito umas pessoa que a gente conhece por aí num quer dizer queu num tenho religião.

O que que Deus fez por mim? perguntei.

Ela falou, Celie! Como se tivesse ficado horrorizada. Ele deu a vida pra você, uma boa saúde, e uma boa mulher que ama você até a morte.

É, eu falei, e ele me deu um pai linchado, uma mãe louca, um cachorro ordinário como padrasto e uma irmã queu na certa nunca mais vou ver. De todo jeito, eu falei, o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é homem. E age igualzinho aos outro homem queu conheço. Trapaceiro, esquecido e ordinário.

Ela falou, Dona Celie, é melhor você falar baixo. Deus pode escutar você.

Deixa ele escutar, eu falei. Se ele alguma vez escutasse uma pobre mulher negra o mundo seria um lugar bem diferente, eu posso garantir.

Ela falou e falou, tentando me afastar da blasfêmia. Mas eu blasfemo tanto quanto eu quiser.

Toda minha vida eu nunca me importei com o que as pessoa pensavam de coisa alguma queu fizesse, falei. Mas no fundo do meu coração eu me importava com Deus. O que ele ia pensar. E acabei descobrindo que ele num pensa. Só fica sentado lá na glória de ser Deus, eu acho. Mas num é fácil tentar fazer as coisa sem Deus. Mesmo se você sabe que ele num tá lá, tentar fazer sem ele é duro.

Eu sou pecadora, Shug falou. Porque nasci. Eu num nego isso. Mas depois que você discobre o que tá esperando por você, o que mais você pode ser?

Os pecadores se divertem mais, eu falei.

Você sabe por quê? ela perguntou.

Porque você num fica o tempo todo se preocupando com Deus, eu falei.

Não, num é isso, ela falou. A gente fica sim muito preocupado com Deus. Mas depois que a gente sente que Deus ama a gente aí a gente quer fazer o melhor que pode pra agradar ele com o que a gente gosta de fazer.

Você tá me dizendo que Deus ama você e que você nunca faz nada por ele? Quero dizer, nunca vai na igreja, canta no coro, alimenta o pastor e tudo isso?

Mas se Deus me ama, Celie, eu num tenho que fazer tudo isso. Só se eu quiser fazer. Há um porção de outras coisa queu posso fazer queu espero que Deus goste.

Que coisa? perguntei.

Ah, ela falou. Eu posso ficar deitada só admirando o queu tô vendo. Ser feliz. Me divertir.

Bom, isso sim é que tá me parecendo blasfêmia.

Ela falou, Celie, fala a verdade, você alguma vez encontrou Deus na igreja? Eu nunca. Eu só encontrei um bando de gente esperando ele aparecer. Se

alguma vez eu senti Deus na igreja foi o Deus queu já tinha levado comigo. E eu acho que todo o pessoal também. Eles vão pra igreja pra repartir Deus, não pra achar Deus.

Algumas pessoa num tem ele pra repartir, eu falei. São as pessoa que num falavam comigo quando eu tava lá pelejando com a minha barriga e com as criança do Sinhô ____.

Certo, ela falou.

Aí ela falou: Me diga como é o seu Deus, Celie.

Ah, não, falei, eu tenho muita vergonha. Nunca ninguém me perguntou isso antes, então eu fiquei meio assim pega de surpresa. Depois, quando penso nisso, num parece que é muito certo. Mas é tudo queu tenho. Aí eu dicidi defender ele, só pra ver o que a Shug ia falar.

Tá bom, eu falei. Ele é grande e velho e alto e tem uma barba cinza e branca. Ele usa roupa branca e anda discalço.

Tem olho azul? ela perguntou.

Assim meio cinzento. Frio. Mas são grande. Com as pestana branca, eu falei.

Ela deu uma risada.

Por que você tá rindo? perguntei. Eu num acho engraçado. Como você esperava que ele fosse, igual Sinhô ____?

Isso não seria nenhuma melhora, ela falou. Então ela me falou que esse velho homem branco é o mesmo Deus que ela costumava ver quando rezava. Se você espera encontrar Deus na igreja, Celie, ela falou, é ele que vai aparecer, porque lá é o lugar onde ele mora.

Por quê? eu perguntei.

Porque é ele que tá na Bíblia branca dos branco.

Shug! eu falei. Foi Deus que escreveu a Bíblia, os branco num tem nada a ver com isso.

Então porque ele é igualzinho a eles, hein? ela falou. Só que é maior. E mais cabeludo. Porque a Bíblia é igualzinha a tudo que eles fazem, só tem eles fazendo isso e aquilo, e tudo que tem dos negro é os negro sendo amaldiçoado?

Eu nunca pensei sobre isso.

A Nettie falou que algum lugar na Bíblia fala que o cabelo de Jesus era que nem a lã do cordeiro, falei.

Bom, Shug falou, se ele chegasse em qualquer uma dessas igreja que a gente tá falando, ele teria que alisar o cabelo antes pra alguém prestar atenção nele. A última coisa que os negro querem pensar do deus deles é que ele tem cabelo pinxaim.

Isso é verdade, eu falei.

Num há jeito de ler a Bíblia sem pensar que Deus é branco, ela falou. Aí ela suspirou. Quando eu descubri que eu pensava que Deus era branco, e era homem, eu perdi o interesse. Você ficou chateada porque parece que ele num escuta as suas oração. Hum! O prefeito escuta alguma coisa que os negro falam? Pergunta pra Sofia, ela falou.

Mas eu num tenho que perguntar pra Sofia. Eu sei que os branco nunca escutam os negro, e pronto. Se eles escutam, eles só escutam o bastante pra poder dizer procê o que você deve fazer.

Aqui tá a coisa, Shug falou. A coisa que eu acredito. Deus tá dentro de você e dentro de todo mundo. Você vem pro mundo junto com Deus. Mas só quem procura essa coisa lá dentro é que encontra. E às vez ela se manifesta mesmo se você num tá procurando, ou num sabe o que que tá procurando. Os problema fazem isso pra maioria das pessoa, eu acho. A tristeza, nossa! A gente sentir que é uma merda.

Uma coisa? eu perguntei.

É. Uma coisa. Deus num é homem nem mulher, mas uma coisa.

Mas como? eu perguntei.

Num é como nada, ela falou. Num é um show de cinema. Num é uma coisa que você pode ver separado de tudo o mais, incluindo você. Eu acredito que Deus é tudo, Shug falou. Tudo que é ou já foi ou será. E quando você consegue sentir isso, e ficar feliz porque tá sentindo isso, então você encontrou ele.

A Shug é uma coisa bunita, deixa eu falar. Ela franziu um pouco a testa, olhou pro pátio, encostou pra trás na cadeira, parecia uma grande rosa.

Ela falou, Meu primeiro passo pra longe do velho homem branco foi as árvore. Depois o ar. Depois os pássaro. Depois as outra pessoa. Mas um dia quando eu tava sentada bem quieta e me sentindo uma criança sem mãe, o queu era mesmo, eu senti: aquele sentimento de ser parte de tudo, de num ser separada de nada. Eu vi que se eu cortasse uma árvore meu braço ia sangrar. E eu ri e chorei e corri em volta de toda a casa. Eu sabia exatamente o que era. Na verdade, quando isso acontece, você percebe na hora o que é. É uma espécie assim de você sabe o que, ela falou, rindo e passando a mão bem na parte de cima da minha coxa.

Shug! eu falei.

Ah, ela falou. Deus ama todos esses sentimento. Eles são uma das melhores coisa que Deus fez. E quando você sabe que Deus ama eles, você gosta inda mais. Você aí pode relaxar, e acompanhar tudo que tá acontecendo, e louvar a Deus gostando do que você gosta.

Deus num acha que é indecente? eu perguntei.

Não, ela falou. Foi Deus que fez. Escuta, Deus ama tudo que você ama — e uma porção de coisa que você num ama. Mas mais do que tudo o mais, Deus ama a adimiração.

Você tá dizendo que Deus é vaidoso? eu perguntei.

Não, ela falou. Num é vaidoso, só quer repartir uma coisa boa. Eu acho que Deus deve ficar fora de si se você passa pela cor púrpura num campo qualquer e nem repara.

E o que ele faz quando tá fora de si? eu perguntei.

Ah, ele faz outra coisa. As pessoa acham que agradar a Deus é tudo que interessa a ele. Mas qualquer idiota no mundo pode ver que ele sempre tá é tentando agradar a gente de volta.

É? eu falei.

É, ela falou. Ele tá sempre fazendo piquenas surpresa e espalhando elas em volta da gente quando a gente menos espera.

Você quer dizer que ele quer ser amado, como a Bíblia diz.

É, Celie, ela falou. Todo mundo quer ser amado. A gente canta e dança, faz careta e dá buquê de rosa, tentando ser amado. Você já reparou que as árvore fazem tudo que a gente faz pra chamar atenção, menos andar?

Bom, a gente conversou e conversou assim sobre Deus, mas eu inda tô sem saber. Tô tentando botar aquele velho homem branco pra fora da minha cabeça. Eu vivi tão ocupada pensando nele queu na verdade nunca reparei nada do que Deus faz. Nem na espiga de milho (como será que ele faz isso?) nem na cor púrpura (de onde será que ela vem?). Nem nas florzinha silvestre. Nada.

Agora que meus olho tão abrindo, eu pareço boba. Perto de cada moita de arbusto do pátio a maldade de Sinhô ___ parece que diminui. Mas não de todo. Porque é como a Shug fala, Você tem que tirar o homem da sua vista antes de poder ver alguma coisa.

O homem corrompe tudo, Shug fala. Ele tá na sua cumida, na sua cabeça, e o tempo todo no rádio. Ele tenta fazer você pensar que ele tá em todo lugar. E quando você pensa que ele tá em todo lugar, você começa a pensar que ele é Deus. Mas ele num é. Quando você tiver tentando rezar e o homem se estatelar lá no fim, diga pra ele se mandar, Shug fala. Invoque as flores, o vento, a água, a pedra.

Mas isso é difícil, eu posso dizer. Ele tá lá há tanto tempo que num quer se mexer. Ele ameaça com raio, dilúvio e terremoto. A gente briga. Eu mal rezo na

verdade. Toda vez que eu invoco uma pedra, eu acabo tendo é que atirar com ela.

Amém.

Querida Nettie,

Quando eu falei pra Shug queu tava escrevendo procê e não mais pra Deus, ela deu uma risada. A Nettie num conhece essas pessoa, ela falou. Considerando pra quem eu escrevia, eu achei até engraçado.

Foi a Sofia que você viu trabalhando na casa do prefeito. A mulher que você viu carregando os pacote da mulher branca aquele dia na cidade. Sofia é a mulher do Harpo, filho do Sinhô____. Os polícia prenderam ela por disacatar a esposa do prefeito e por devolver os murro dele. Primeiro ela ficou na prisão trabalhando na lavanderia e morrendo aos pouco. Aí a gente conseguiu que ela fosse pra casa do prefeito. Ela tinha que durmir num quartinho debaixo da casa, mas era melhor que na prisão. Tinha pulga, eu acho, mas num tinha rato.

De qualquer jeito, ela ficou lá com eles onze ano e meio, deram pra ela seis mês de bom comportamento e assim ela voltou pra casa mais cedo pra família dela. Os filho mais velho já tavam casado e tinham ido embora, os mais novo estranharam ela, num sabiam quem ela era. Eles acham que ela age engraçado, parece velha e mima demais a mocinha branca que ela criou.

Ontem todo mundo jantou na casa da Odessa. Odessa é irmã da Sofia. Ela criou as criança. Ela e o marido dela Jack. A mulher do Harpo, a Tampinha, e o próprio Harpo.

Sofia sentou naquela mesa grande como se num tivesse espaço pra ela. As criança esticavam a mão passando por ela, como se ela num tivesse lá. Harpo e Tampinha agiam como um velho casal. As criança chamavam Odessa de mamãe. Chamavam Tampinha de mamãe. Chamavam Sofia de “dona”. Os único que pareciam prestar alguma atenção nela era o Harpo e a filhinha de Tampinha, Suzie Q. Ela sentou na frente de Sofia e piscava os olho pra ela.

Logo que o jantar acabou, a Shug empurrou a cadeira e acendeu um cigarro. Chegou a hora de contar uma coisa procês, ela falou.

Contar o quê? Harpo perguntou.

A gente vai embora, ela falou.

É? Harpo falou, procurando o café. E depois olhando pro Grady.

A gente vai embora, Shug falou de novo. Sinhô___ pareceu abobado, como ele sempre fica quando Shug diz que tá indo pralgum lugar. Ele baixou e começou a esfregar a barriga, olhou pro outro lado da cabeça dela como se nada tivesse sido dito.

O Grady falou, Pessoas tão formidáveis, essa é a verdade. O sal da terra. Mas... é hora de ir embora.

A Tampinha num disse nada. Ela tava com o queixo colado no prato. Eu também num disse nada. Eu fiquei esperando o pau quebrar.

Celie vem com a gente, Shug falou.

A cabeça do Sinhô___ girou direto. O que que você disse? ele perguntou.

A Celie vai pra Memphis comigo.

Só por cima do meu cadáver, Sinhô___ falou.

Se essa é sua vontade, assim será. Shug falou, fria como uma espada.

Sinhô___ começou a levantar da cadeira, olhou pra Shug, caiu sentado outra vez. Ele olhou pra mim. Eu pensei que finalmente você tava feliz, ele falou. O que tá errado agora?

Você é um cão ordinário, é isso que tá errado, eu falei. Já é hora de deixar você e começar a viver. E o seu cadáver será o bom começo que eu preciso.

O que que você disse? ele perguntou. Istatelado.

Todo mundo em volta da mesa ficou de boca aberta.

Você afastou minha irmã Nettie pra longe de mim, eu falei. E ela era a única pessoa no mundo que me amava.

Sinhô___ começou a gaguejar. MasMasMasMasMas. Parecia um tipo de motor.

Mas Nettie e meu filho logo vão voltar pra casa, eu falei. E quando ela voltar, a gente junta pra dar uma surra em você.

A Nettie e seus filho! Sinhô___ falou. Você tá parecendo louca.

Eu tenho filhos, eu falei. Tão sendo criado na África. Boa escola, muito ar puro e exercício. Tão ficando muitíssimo melhor que os idiota que você nem mesmo tentou educar.

Peraí, o Harpo falou.

Ah, perai o diabo, eu falei. Se você num tivesse tentado mandar na Sofia os branco nunca teriam pego ela.

Sofia tava tão surpresa de me escutar falando assim que ela até parou de mastigar por uns dez minuto.

Isso é mentira, Harpo falou.

Tem um pouco de verdade sim, Sofia falou.

Todo mundo olhou pra ela como se tivessem surpreso dela tá lá. Parecia uma voz vindo do túmulo.

Todos vocês eram criança malcriada, eu falei. Vocês fizeram da minha vida um inferno na terra. E o seu pai aqui num vale o cocô de um cavalo morto.

Sinhô___ levantou pra me dar um tapa. Eu avancei com a minha faca de mesa pra mão dele.

Sua vaca, ele falou. O que as pessoa vão dizer, você fugindo pra Memphis como se num tivesse uma casa pra cuidar?

Shug falou, Albert. Tenta pensar como se você tivesse bom senso. Porque qualquer mulher deve dar um ovo pelo que as pessoa pensam é um mistério pra mim.

Bom, o Grady falou, tentando trazer a luz. Uma mulher num consegue um homem, se as pessoa falam.

Shug olhou pra mim e a gente riu. Aí a gente começou a dar e dar risada. Então a Tampinha começou a rir. Depois a Sofia. A gente quase morreu de rir.

Shug falou, Eles num são demais? A gente falou *Hum. hum*, e batemo na mesa, e limpamo a água dos olho.

Harpo olhou pra Tampinha. Fica quieta, Tampinha, ele falou. Dá má sorte pra mulher rir de homem.

Ela falou, Tá bem. Ela sentou reta, ingulindo a respiração, tentando num mexer a boca.

Ele olhou pra Sofia. Ela olhou e riu na cara dele. Eu já tive minha má sorte, ela falou. Eu já tive o bastante pra poder rir o resto da minha vida.

O Harpo olhou pra ela como na noite que ela bateu em Mary Agnes. Uma pequena faísca cruzou a mesa.

Eu tenho seis filho com essa mulher doida, ele resmungou.

Cinco, ela falou.

Ele tava tão fora de si que num conseguiu nem dizer, Você disse o quê?

Ele olhou pra minina mais nova. Ela é malumorada, malvada, moleca, teimosa demais pra viver nesse mundo. Mas é dela que ele gosta mais. O nome dela é Henrietta.

Henrietta, ele falou.

Ela falou, Sim senhooooor... como eles falam na rádio.

Tudo que ela diz confunde ele. Nada, ele falou. Aí ele falou, Vai e pega um copo d'água pra mim.

Ela nem mexeu.

Por favor, ele falou.

Ela foi e pegou a água, botou perto do prato dele, deu um beijo no queixo dele. Falou, Papaizinho. Sentou de novo.

Você num vai levar nem um tostão do meu dinheiro, Sinhô___ falou pra mim. Nem um mísero tostão.

Eu alguma vez pedi dinheiro seu? eu falei. Nunca pedi nada pra você. Nem mesmo a sua maldita mão em casamento.

Shug fez a gente parar bem aí. Espera, ela falou. Um momento. Mais uma pessoa vai com a gente. Num adianta Celie ser a única a ficar recebendo a carga toda.

Todo mundo meio que olhou pra Sofia. Era ela quem num tinha um lugar muito certo ali. Era a estranha.

Num sou eu, ela falou, e o olhar dela dizia, Foda-se quem teve tal pensamento. Ela esticou a mão pra pegar um biscoito e depois meio que afundou mais o traseiro dela no banco. Uma olhada pra essa mulher grande de cabelo cinza, olhar de louco, e você já num consegue nem mesmo perguntar. Nada.

Mas só pra deixar isso bem claro de uma vez por todas, ela falou, eu tô em casa. Pronto.

Odessa, a irmã dela, veio e botou os braços em volta dela. Jack chegou mais perto.

É claro que você tá em casa, o Jack falou.

Mamãe tá chorando? uma das criança da Sofia perguntou.

A dona Sofia também, outra falou.

Mas Sofia chora depressa, como tudo que ela faz.

Quem é que vai? ela perguntou.

Ninguém disse nada. Ficou tudo tão quieto que a gente podia escutar as brasa se apagando no fogão. Parecia que elas tavam caindo uma na outra.

Finalmente, Tampinha olhou pra todo mundo por dibaixo da franja. Eu, ela falou. Eu vou pro Norte.

Você vai pra onde? o Harpo falou. Ele tava tão surpreso. Ele começou a gaguejar, gaguejar, igualzinho ao pai. Parecia nem sei o quê.

Eu quero cantar, Tampinha falou.

Cantar! Harpo falou.

É, Tampinha falou. Cantar. Eu num canto em público desde que Jolentha nasceu. O nome dela é Jolentha. A gente chama ela de Suzie Q.

Você num pricisou cantar em público desde que Jolentha nasceu. Eu dei pra você tudo que você pricisava.

Eu priciso cantar, Tampinha falou.

Escuta Tampinha, Harpo falou. Você num pode ir pra Memphis. Isso é tudo que há pra ser falado sobre o assunto.

Mary Agnes, Tampinha falou.

Tampinha, Mary Agnes, qual é a diferença?

Muita, Tampinha falou. Quando eu for Mary Agnes eu vou poder cantar em público.

Aí então a gente escutou uma batidinha na porta.

Odessa e Jack olharam um pro outro. Entra, o Jack falou.

Uma mulherzinha branca bem magrinha apareceu na porta.

Oh, vocês tão comendo, ela falou. Me desculpa.

Tá bem, Odessa falou. A gente já tá acabando. Mas sobrou bastante. Porque você num senta e faz companhia pra gente. Ou eu posso arrumar alguma coisa pra você comer na varanda.

Oh, Deus, Shug falou.

Era Eleanor Jane, a minina branca pra quem Sofia trabalhava.

Ela olhou em volta até ver Sofia, então parece que soltou a respiração. Não obrigada, Odessa, ela falou. Eu num tô com fome. Eu só vim ver Sofia.

Sofia, ela falou. Será que a gente pode conversar na varanda um minuto.

Tá bem, dona Eleanor, ela falou. Sofia levantou da mesa e elas foram pra varanda. Um pouquinho depois a gente escutou dona Eleanor soluçando. Depois ela começou mesmo a buáauáaa.

O que que conteceu com ela? Sinhô___ perguntou.

Henrietta falou, Probleeeeeemasss... como alguém na rádio.

Odessa deu de ombro. Ela sempre tá atrapalhando, falou.

É bebida demais naquela família, Jack falou. Depois, eles num conseguem que o minino deles fique no colégio. Ele fica bêbado, briga com a irmã, vai atrás de mulher, persegue os crioulo, e isso num é tudo.

Mas já é bastante, Shug falou. Pobre Sofia.

Logo Sofia voltou e sentou de novo.

O que que conteceu? Odessa perguntou.

Muita confusão lá na casa, Sofia falou.

Você vai ter que ir lá? Odessa perguntou.

É, Sofia falou. Daqui a pouco. Mas vou ver se dou um jeito de voltar antes das criança ir pra cama.

Henrietta pediu licença, disse que tava com dor de barriga.

A filhinha da Tampinha e do Harpo chegou perto, olhou pra Sofia, perguntou, Você tem mesmo que ir dona Sofia?

Sofia falou. É, e pegou ela no colo. Sofia tá na condicional, falou. Tem que fazer tudo certinho.

Suzie Q botou a cabecinha dela no peito da Sofia. Pobre Sofia, ela falou, igualzinho ela ouviu a Shug falar. Pobre Sofia.

Mary Agnes, querida, o Harpo falou, olha como Suzie Q gosta da Sofia.

É, Tampinha falou, as criança sabem o que é bom logo que olham. Ela e Sofia sorriram uma pra outra.

Vai cantar, a Sofia falou, e eu cuido dessa aqui até você voltar.

É mesmo? Tampinha falou.

É, Sofia falou.

E cuide do Harpo também, Tampinha falou. Por favor, senhora.

Amém.

Querida Nettie,

Bom, você sabe, onde tem homem sempre tem problema. Quando a gente tava indo pra Memphis, parecia que o Grady tava no carro todo. Não importa de que jeito a gente trocava de lugar, ele sempre queria ficar perto da Tampinha.

Enquanto eu e Shug durmia e ele tava guiando, ele contou pra Tampinha tudo sobre a vida em Memphis, Tennessee. Eu num consegui dormir direito com ele delirando sobre os bar, as roupa e 45 marca de cerveja. Falou tanto de coisa pra beber me deu vontade de fazer pipi. Então a gente teve que encontrar um lugar na estrada que tivesse moita pra gente poder aliviar.

Sinhô___ tentou fazer de conta que ele num tava importando deu ir embora.

Você vai voltar, ele falou. Num tem nada lá no Norte pruma pessoa como você. Shug tem talento, ele falou. Ela canta. Ela tem garra, ele falou. Ela pode falar com qualquer um. Shug faz vista, ele falou. Quando ela levanta as pessoa olham pra ela. Mas você, o que que você tem? Você é feia. Magricela. Você tem um jeito engraçado. Você é medrosa demais pra abrir a boca na frente das pessoa. Tudo o que você pode conseguir lá em Memphis é ser impregada da Shug. Botar o lixo dela pra fora e quem sabe fazer a cumida. Você também num é nem boa cozinheira. E essa casa nunca ficou limpa de verdade depois que a

minha primeira mulher morreu. E também ninguém é tão louco ou atrasado pra querer casar com você. O que você vai fazer? Impregar numa roça? Ele deu uma risada. Quem sabe alguém deixa você trabalhar na ferrovia.

Chegou mais carta? eu perguntei.

Ele falou, O quê?

Você me escutou, eu falei. Chegou mais carta da Nettie?

Se tivesse chegado, ele falou, eu num ia dar procê. Vocês duas são da mesma laia, ele falou. Um homem tenta ser bom com vocês, vocês dão o fora nele.

Eu amaldiçoo você, falei.

O que você quer dizer? ele falou.

Eu falei, Até você num me fazer mais mal, tudo que você tocar vai apudrecer.

Ele riu. Quem você pensa que é? ele falou. Você num pode amaldiçoar ninguém. Olhe pra você. Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher. Vá pro diabo, ele falou, você num é nada.

Até você num me fazer mais mal, eu falei, tudo que você até pensar num vai dar certo. Eu falava direto pra ele, como vinha pra mim. E parecia que era das árvore que vinha pra mim.

Onde já se viu uma coisa dessa, Sinhô___ falou. Eu na certa num surrei você o bastante.

Cada surra que você me deu você vai sofrer duas vez, eu falei. Então eu falei, É melhor você parar de falar porque tudo queu tô dizendo procê num vem só de mim. Parece que quando eu abria a minha boca o ar vinha e formava as palavra.

Merda, ele falou. Eu devia ter deixado você era presa. Só sair pra trabalhar.

A prisão que você tava planejando pra mim é a mesma onde você vai apudrecer, eu falei.

Shug chegou perto da gente. Ela olhou pra minha cara e disse Celie. Aí ela virou pro Sinhô _____. Para, Albert, ela falou. Num diz mais nada. Você só vai fazer tudo ficar pior pra você.

Eu vou dar um jeito nela! Sinhô falou e pulou pra cima de mim.

Um redimuinho vuou pela varanda no meio da gente, encheu minha boca com pó. O pó falou, Tudo que você fizer pra mim, já tá feito pra você.

Quando eu vi, Shug tava me sacudindo. Celie, ela falou. E eu voltei a mim.

Eu sou pobre, eu sou preta, eu posso ser feia e num saber cozinhar, uma voz falou pra toda coisa que tava escutando. Mas eu tô aqui.

Amém, Shug falou. Amém, amém.

Querida Nettie,

Então como é aqui em Memphis? A casa da Shug é grande e rosa e meio que parece um celeiro. Só que onde a gente bota o feno, ela tem quarto e banheiro e um salão enorme onde ela e a banda dela tem vez que trabalham. Ela tem um gramado imenso ao redor da casa e um punhado de monumentos e uma fonte na frente. Ela tem estátua de gente que eu nunca ouvi falar e nem nunca espero ver. Ela tem um punhado de elefante e tartaruga em todo lugar. Uns pequeno, outros grande, uns na fonte, outros debaixo das árvores. Tartaruga e elefante. E por toda a casa. As cortinas tem elefante, as colchas da cama tem tartaruga.

Shug me deu um quarto grande no fundo que dá pro quintal e pros arbustos descendo pro riacho.

Eu sei que você gosta do sol da manhã, ela falou.

O quarto dela é bem na frente do meu, na sombra. Ela trabalha até tarde, dorme tarde, levanta tarde. Num tem nem tartaruga nem elefante nas mobílias do quarto dela, mas tem umas estátuas espalhadas pelo quarto. Ela dorme em seda e cetim, até no lençol. E a cama dela é redonda!

Eu queria fazer pra mim uma casa redonda, ela falou, mas todo mundo acha que isso é atrasado. Você num pode botar janela numa casa redonda, eles falam. Mas eu fiz uns planos, de todo jeito. Qualquer dia desses... ela falou, mostrando pra mim uns papéis.

É uma casa redonda enorme, meio que parecendo um tipo de fruta. Ela tem janela e porta e um punhado de árvore ao redor.

De que é que ela é feita? eu perguntei.

Barro, ela falou. Mas eu num importaria se fosse de concreto. Eu imagino que é possível fazer um molde pra cada seção, derramar o concreto dentro, deixar ele secar, tirar do molde, colar as parte de algum jeito e aí você teria a casa.

Bom, eu gosto dessa que você já tem, eu falei. Essa outra parece meio piquena.

Essa num é ruim, Shug falou. Mas é queu acho engraçado morar num quadrado. Se eu fosse quadrada, então na certa eu ia achar melhor, ela falou.

A gente falou muito sobre casa. Como elas são construída, que madeira as pessoa usam. Conversamo do que botar em volta da sua casa pra você poder usar. Eu sentei na cama e comecei a desenhar um tipo de borda de madeira em volta da casa de concreto. Você pode sentar aqui, eu falei, quando você ficar cansada de tá dentro da casa.

É, ela falou, e vamo botar um toldo encima. Ela pegou o lápis e botou a borda de madeira na sombra.

Aqui tem um canteiro de flor, ela falou, desenhando.

E tem gerânio, eu falei, desenhando também.

E uns elefante de pedra bem aqui, ela falou.

E uma tartaruga ou duas bem aqui.

E como a gente vai saber que você também mora aqui? ela perguntou.

Pato! eu falei.

Quando a gente acabou a nossa casa, parecia que ela podia nadar ou vuar.

Ninguém cozinha como a Shug quando ela cozinha.

Ela acorda cedo de manhã e vai no mercado. Só compra coisa fresca. Então ela volta pra casa e senta na escada do fundo cantarolando e discascando ervilha ou limpando as verdura ou peixe ou o que que ela comprou. Aí ela bota todas as panela no fogo de uma vez e liga o rádio. A uma hora tudo tá pronto e ela chama a gente pra mesa. Presunto e verdura e galinha e broa de milho. Pickles de cenoura e ervilha e molho. Pickles de quiabo e casca de melão. Bolo de caramelo e torta de cereja.

A gente come e come e bebe um vinhozinho doce e cerveja também.

Aí a Shug e eu cáimo na cama dela escutando música pra que toda essa cumida tenha uma chance de se ajeitar. É frio e escuro no quarto dela. A cama é boa e macia. A gente deita com o braço ao redor uma da outra. Tem vez que Shug lê o jornal em voz alta. As notícia sempre parecem loucas. As pessoa fazendo confusão e brigando e dando cotoco umas pras outra, e nunca nem ligando pra paz.

As pessoa são insana, Shug fala. Mais sem cabeça que mariposa... Nada feito por doido assim pode durar. Escuta, ela falou. Aqui tão eles construindo uma barragem pra poder inundar a terra de uma tribo de índio que tava lá desde o começo. E olha isso, eles tão fazendo um filme daquele homem que matou aquelas mulher todas. O mesmo cara que faz o papel do assassino agora tá fazendo o papel do padre. E olha esses sapato que eles tão fazendo, ela falou. Tenta andar um quilômetro com um sapato desse, ela falou. Você vai voltar pra casa mancando. E você viu o que eles tão tentando fazer com aquele homem que matou o casal chinês de pancada. Nada.

É, eu falei, mas tem coisa boa.

Certo, Shug falou, virando a página. O senhor e a senhora Hamilton Hufflemeier tão feliz em anunciar o casamento de sua filha June Sue. Os Morris de Endover Road tão organizando uma rifa em favor da Igreja Episcopal. A

senhora Herbert Endenfail esteve a semana passada nos Adirondack visitando a sua mãe duente, a distinta senhora Geoffrey Hood.

Todas essas cara parecem muito felizes, Shug falou. Grandes e rosada. Olho claro e inocente, como se eles num subessem que os outros tão se fudendo na primeira página. Mas eles são as mesmas pessoa, ela falou.

Mas logo depois de cuzinhar um lauto jantar e fazer uma grande confusão limpando a casa, Shug volta ao trabalho. Isso quer dizer que aí ela num pensa mais no que come. Num pensa mais onde dorme. Ela ficou na estrada durante semanas uma vez, voltou pra casa com os olho inchado, respirando mal, pesada e meio que disleixada. Mal tinha lugar pra parar e tomar um bom banho, muito menos pra lavar o cabelo, na estrada.

Deixa eu ir com você, eu falei. Eu posso passar sua roupa, pintiar seu cabelo. Seria como nos velhos tempo, quando você tava cantando no Harpo's.

Ela falou, Não. Ela consegue fingir que num tá chatiada na frente de um público só de estranhos, a maioria branco, mas num vai conseguir fingir na minha frente.

Depois, ela falou. Você num é minha impregada. Eu num trouxe você pra Memphis pra isso. Eu trouxe você pra cá pra amar você e ajudar você a se levantar.

E agora ela tá na estrada há duas semana, e eu e o Grady e a Tampinha agitamo pela casa tentando fazer as nossa coisa junto. Tampinha tá indo a um punhado de bar e o Grady leva ela. E ele também parece que tá fazendo uma piquena roça lá atrás da casa.

Eu fico sentada na sala custurando e custurando calça. Eu agora tenho calça de toda cor e tamanho que existe debaixo do sol. Desde que a gente começou a fazer calça lá em casa, eu num fui mais capaz de parar. Eu mudo o tecido, mudo a istampa, mudo o cóis, mudo o bolso. Eu mudo a barra, mudo o tamanho da perna. Eu faço tanta calça que a Shug brinca comigo. Eu num sabia o queu tava

inventando, ela fala, rindo. Tem calça encima de todas as cadeira, pinduradas no armário. Moldes de jornal e pano tudo encima da mesa e espalhado pelo chão. Ela volta pra casa, me dá um beijo, passa pela bagunça. Fala, antes de sair de novo, Quanto dinheiro você acha que precisa *essa* semana?

Aí finalmente um dia eu fiz um par de calça perfeito. Pra minha doçura, é claro. Era de um jersey azul escuro bem macio com umas tirinha fininha vermelha. Mas o que fez ela ficar tão perfeita é que era totalmente confortável. Porque Shug come muita porcaria na estrada, e bebe, e a barriga dela incha. Assim as calça tem que ficar solta mas sem perder a forma. Porque Shug tem que impacotar as coisa dela de um jeito que num amassa, essas calça são macia, num amarrotam de jeito nenhum, e as istampa do tecido tão sempre vivas e brilhante. E são bem cheias ao redor das canela porque se ela quiser cantar com elas ou usar como um tipo de vestido longo, ela pode. Depois, quando Shug bota essas calça, ela fica um estouro.

Dona Celie, ela falou, Você é uma maravilha de se ter.

Eu baixei a cabeça. Ela deu a volta na casa se olhando em todos os espelho. Num importa do jeito que ela olhava, ela sempre tava bem.

Você sabe como é quando a gente num tem nada pra fazer, eu falei, quando ela começou a exhibir as calça pro Grady e pra Tampinha. Eu fico sentada aqui pensando no que fazer pra ganhar a vida e quando vejo eu já tô começando um novo par de calça.

Agora Tampinha viu um par que *ela* gostou. Oh, dona Celie, ela falou. Eu posso vistir essa?

Ela vistiu um par da cor do pôr do sol. Alaranjado com umas pinta meio cinza. Ficou ótima. O Grady olhou pra ela como se tivesse com vontade de comer ela inteira.

Shug pegou nas peça de pano queu deixo pindurada em todo canto. São todas macia, florida, viva e pegam a vista. Esses pano tão muito longe daquele

tecido duro do exército que a gente tinha quando começou, ela falou. Você devia era fazer um par especial pra mandar pro Jack, agradecendo.

Pra que ela foi dizer isso. Na próxima semana eu tava procurando nas loja, gastando mais dinheiro da Shug. Eu sentei olhando pro quintal tentando ver na minha cabeça como seria um par de calça pro Jack. Jack é alto e meigo e quase nunca diz nada. Adora as criança. Respeita a esposa dele, Odessa, e todas as irmã briguenta da Odessa. Qualquer coisa que ela quer, ele tá lá. Mas nunca fala muito. Isso é o principal. E aí eu me lembrei de uma vez que ele me tocou. E parecia que os dedo dele tinham olho. Parecia que ele conhecia o meu corpo todo, mas ele só tocou no meu braço perto do cotovelo.

Eu comecei a fazer as calça pro Jack. Elas tinham que ser marrom. E macia e forte. E tinham que ter bolso grande pra ele poder botar as coisa das criança. Bolinha de gude e cordão e muedinha e pedra. E tinha que ser fácil de lavar e tinha que ser mais apertada nas perna do que as de Shug pra ele poder correr se tivesse que tirar uma criança do meio da estrada ou qualquer coisa assim. E tinha que ser de um jeito que ele pudesse deitar com elas quando ele abraçasse Odessa na frente da lareira. E...

Eu sonhei e sonhei e sonhei com a calça do Jack. E cortei e custurei. E terminei. E mandei elas pra ele.

A próxima coisa que escutei foi que Odessa queria um par.

Aí Shug quis mais dois par igualzinho ao primeiro. Depois todo mundo da banda dela queria um. Aí começaram a vir pedidos de todo lugar onde Shug ia cantar. Logo eu tava atolada.

Um dia quando Shug chegou em casa, eu falei, Você sabe, eu adoro fazer isso, mas logo eu vou ter que sair e dar um jeito de ganhar a vida. Parece que isso tá me atrasando.

Ela deu uma risada. Vamo botar uns anúncio no jornal, ela falou. E vamo aumentar bem o preço dessas calça. E vamos fazer inda mais, vamo deixar você

ficar com esse salão como ateliê e vamo botar mais umas mulher aqui pra cortar e custurar, enquanto você fica lá atrás e desenha. Você já tá ganhando sua vida, Celie, ela falou. Mulher, você tá indo em frente.

Nettie, eu tô fazendo uma calça pra você pra espantar o calor da África. Macia, branca, fininha. Com o cóis de cordão. Você nunca mais vai ter que sentir calor usando muita roupa. Eu tô pensando em fazer ela a mão. Cada ponto que eu custurar vai ser um beijo.

Amém.

Sua irmã, Celie

Calças Populares, Ilimitada.

Avenida Shug Avery

Memphis, Tennessee

Querida Nettie,

Eu tô tão feliz. Eu tenho um amor. Eu tenho um trabalho. Eu tenho dinheiro, amigos e tempo. E você tá viva e logo vai voltar pra casa. Com nossas criança.

Jerene e Darlene vieram pra me ajudar no negócio. Elas são gêmea. Nunca casaram. Adoram custurar. Depois, Darlene tá me ensinando a falar melhor. Ela falou que dizer A GENTE num é muito bom. Dá na cara que é caipira. Você fala A GENTE quando a maioria das pessoa fala NÓS, ela falou, e as pessoa pensam que você é boba. Os negro pensam que você é caipira e os branco acham graça.

E que me importa? eu perguntei. Eu tô feliz.

Mas ela falou queu vou ficar mais feliz falando como ela fala. Nada pode me fazer mais feliz a num ser ver você outra vez, eu penso, mas num digo nada. Toda vez queu falo uma coisa do jeito queu falo, ela me corrige até queu diga de outro jeito. Logo eu sinto que num vou mais dar conta nem de pensar. Meu pensamento começa a pensar alguma coisa, fica confuso, aí volta e assim meio que disiste.

Você acha mesmo que esse esforço vale a pena? eu perguntei.

Ela falou, Vale. Ela me trouxe um punhado de livros. Tudo cheio de branco, falando de uva e de gato.

E eu tô lá interessada em gato? eu penso.

Darlene continua tentando. Pensa como Shug vai se sentir melhor com você educada, ela falou. Ela num vai sentir vergonha de levar você pros outros lugar.

A Shug num tem vergonha de nada, eu falei. Mas ela num acredita que isso é verdade. Shug, ela falou um dia quando Shug tava em casa, você num acha que seria bacana se Celie falasse correto?

Shug falou, Ela pode falar até na língua dos sinais, queu num me importo. Aí ela foi fazer um chá de ervas pra ela e começou a falar que tava pensando em alisar o cabelo.

Mas eu deixo Darlene ficar preocupada. Tem vez queu penso nas uva e nos gato, outras não. Eu acho que só um idiota ia querer ver você falando de um jeito que parece esquisito pra sua cabeça. Mas ela é meiga e ela custura bem e a gente tem que ter alguma coisa pra ficar discutindo enquanto a gente trabalha.

Eu agora tô ocupada fazendo uma calça pra Sofia. Uma perna vai ser púrpura, a outra vermelha. Eu sonho que Sofia vistindo essa calça, um dia ela vai pular por cima da lua.

Amém,
Sua irmã, Celie

Querida Nettie,

Ir pra casa do Harpo e da Sofia é como se fosse igual aos velhos tempo. Só que a casa é nova, pra baixo do bar, e é muito maior do que era antes. E eu também tô diferente. Tô de um jeito diferente. Tô com uma calça azul iscuo e uma blusa de seda branca justa. Sandalinhas baixa vermelha sem salto e uma flor no meu cabelo. Eu passei pela casa de Sinhô___ e ele tava sentado na varanda e nem viu quem eu era.

Na hora queu levantei minha mão pra apertar a campainha, eu escutei um barulho. Parecia uma cadeira caindo. Aí eu escutei uma discussão.

O Harpo falou, Quem já ouviu falar de mulher carregando caixão? Isso é tudo queu tô tentando dizer.

Bom, Sofia falou, então você já disse. Agora você pode ficar calado.

Eu sei que ela é sua mãe, Harpo falou. Mas mesmo assim.

Você vai ajudar a gente ou não? Sofia falou.

O que que vai ficar parecendo? Harpo falou. Três mulher forte carregando o caixão parece que deviam era tá em casa fritando galinha.

Três dos irmão nosso vão tá com a gente, do outro lado, Sofia falou. Eu acho que parece que eles tem é mão de lavrador.

Mas as pessoa tão costumada é com homem fazendo esse tipo de coisa. As mulher são mais fraca, ele falou. As pessoa acham que elas são mais fraca, falam

que elas são mais fraca, de qualquer jeito. As mulher tem que ir com calma. Pode chorar, se quiser. Mas não tentar dominar.

Tentar dominar, Sofia falou. A mãe tá morta. Eu posso chorar e ir com calma e também levar o caixão. E quer você ajude ou não a gente com a cumida e as cadeira e a reunião depois, isso é exatamente o que vou fazer.

Eu fiquei bem quieta. Depois de um tempo o Harpo falou bem tranquilo pra Sofia, Por que você gosta disso, hein? Por que você sempre acha que tem que fazer as coisa do seu jeito? Eu perguntei isso uma vez pra sua mãe quando você tava na cadeia.

E o que ela falou? Sofia perguntou.

Ela falou que você achava que o seu jeito era tão bom quanto o jeito dos outro. Além disso, era seu.

Sofia deu uma risada.

Eu sei que num era o momento melhor, mas eu bati na porta assim mesmo.

Ah, dona Celie, Sofia falou, abrindo a porta. Como você tá bem! Ela num tá bem, Harpo? Harpo olhava pra mim com se ele nunca tivesse me visto antes.

Sofia me deu um grande abraço e me beijou na testa. Onde tá dona Shug? ela perguntou.

Ela tá na estrada, eu falei. Mas ficou muito sentida quando soube que sua mãe morreu.

Bom, Sofia falou, mamãe brigou pelo que é bom. Se tiver um céu em algum lugar ela vai tá bem no meio.

Como tá você, Harpo? Ainda tá comendo muito?

Ele e Sofia riram.

Eu acho que a Mary Agnes num vai poder vir dessa vez. Sofia falou. Ela teve aqui menos de um mes atrás. Você precisava de ver ela e Suzie Q.

Não, eu falei. Ela finalmente tá trabalhando contratada, cantando em dois ou três bar da cidade. As pessoa tão gostando muito dela.

Suzie Q tá tão orgulhosa dela, Sofia falou. Adora ver ela cantar. Adora o perfume dela. Adora os vistido que ela usa. Adora botar os chapéu e os sapato dela.

Como é que ela tá indo na escola? eu perguntei.

Ah, muito bem, Sofia falou. É esperta como um diabinho. Desde que passou a raiva pela mãe ter ido embora e que ela descobriu queu era a mãe verdadeira da Henrietta, ela ficou bem. Ela adora Henrietta.

Como tá Henrietta?

Mau, Sofia falou. A carinha dela sempre tá que nem um dia de tempestade. Mas quem sabe ela vai crescendo e deixando disso. O pai dela demorou quarenta ano pra aprender a ser gentil. Ele era ruim até com a própria mãe.

Você continua vendo ele? eu perguntei.

Tanto quanto a gente vê Mary Agnes, Sofia falou.

Mary Agnes num é mais a mesma, Harpo falou.

O que você quer dizer? eu perguntei.

Eu num sei, ele falou. A cabeça dela vagueia. Ela fala como se tivesse bêbada. E cada vez que ela vira parece que tá procurando o Grady.

Os dois fumam muita maconha, eu falei.

Maconha, ele falou. Que é isso?

Uma coisa que faz você se sentir bem, falei. Uma coisa que faz você ter visão. Uma coisa que faz o seu amor aparecer. Mas se você fuma muito faz você ficar com a cabeça parecendo que tem febre. Confusa. Precisa sempre ficar agarrado com alguém. O Grady planta maconha no quintal, eu falei.

Eu nunca ouvi falar de uma coisa dessa, Sofia falou. Ela cresce no chão?

Como erva, falei. Se o Grady tivesse ela em fila teria meio alqueire.

E ela cresce muito? Harpo perguntou.

Cresce, falei. Cobre a minha cabeça. E é bem copada.

E que parte eles fumam? ele perguntou.

A folha, eu falei.

E eles fumam tudo isso? ele perguntou.

Eu dei uma risada. Não, ele vende a maior parte.

Você já provou? ele perguntou.

Já, eu falei. Ele faz cigarro com ela, e vende os cigarro. A maconha estraga seu hálito, falei, mas vocês querem provar um?

Não, se ela faz a gente ficar maluco, Sofia falou. Já é duro o bastante tentar levar a vida sem ser maluco.

É igualzinho ao uísque, eu falei. Você tem que ficar no controle. Você sabe que tomar um pouco aqui e ali num faz mal pra ninguém, mas quando você num pode se ligar sem tá com a garrafa, aí você tá com problema.

Você fuma muito, dona Celie? Harpo perguntou.

E eu pareço idiota? Eu perguntei. Eu fumo quando quero falar com Deus. Eu fumo quando eu quero fazer amor. Ultimamente eu e Deus fazemo amor muito bem de todo jeito. Quer eu tenha fumado maconha ou não.

Dona Celie! Sofia falou. Chocada.

Mulher, eu tô abençoada, eu falei pra Sofia. Deus sabe o queu tô querendo dizer.

A gente sentou na mesa da cozinha e acendemo um. Eu mostrei pra eles como chupar a fumaça. Harpo ficou sufocado. Sofia engasgou.

Logo Sofia falou, Que engraçado, eu nunca escutei esse sonzinho antes.

Que som? Harpo perguntou.

Escuta, ela falou.

A gente ficou bem quieto escutando. Bem clarinho, a gente escutou uhmmmmmmmmmmmmmmmmmm.

De onde vem? Sofia perguntou. Ela levantou e foi olhar lá fora. Num tinha nada. O som foi ficando mais forte. Uhmmmmmmmmmmmmmmmmmm.

Harpo foi olhar pela janela. Nada lá fora, ele falou. O sonzinho falou UMMMMMMMMMM.

Eu acho que sei o que é, eu falei.

Eles falaram, O quê?

Eu falei, Tudo.

É, eles falaram. Isso faz muito sentido.

Muito bem, Harpo falou no funeral, aí vem as amazonas.

Os irmãos delas também, eu cochichei de volta. Como você chama eles?

Eu não sei, ele falou. Os três sempre defenderam a irmã maluca. Mas eles não se mexem pra nada. Eu imagino o que a esposa deles não devem ter que aguentar.

Todos eles marcham bem firme, sacudindo a igreja, e colocam a mãe da Sofia na frente do altar.

As pessoas tão chorando e se abanando e tentando olhar as crianças, mas eles não ficam encarando nem Sofia nem a irmã dela. Eles fazem como se sempre tivesse sido assim. Eu amo as pessoas.

Amém.

Querida Nettie,

A primeira coisa que eu reparei no Sinhô___ foi como ele tá limpo. A pele dele brilha. O cabelo tá escovado pra trás.

Quando ele andou até o caixão pra rever o corpo da mãe de Sofia ele parou, murmurou alguma coisa pra ela. Deu uma palmadinha no ombro dela. Na hora que voltou pro banco dele, ele olhou pra mim. Eu ergui meu leque e olhei pro outro lado.

A gente voltou pra casa do Harpo depois do funeral.

Eu sei que você num vai acreditar nisso, dona Celie, Sofia falou, mas o Sinhô___ tá agindo como se tivesse tentando ficar religioso.

Um diabo como ele é, eu falei, tentar é tudo que ele pode fazer.

Ele num vai na igreja nem nada assim, mas já num é tão apressado pra julgar. Ele tá trabalhando duro também.

O quê? eu falei. Sinhô___ trabalhando!

É verdade. Ele fica lá na roça desde o nascer até o pôr do sol. E limpa a casa igualzinho uma mulher.

Até cozinha, Harpo falou. E mais ainda, lava os pratos quando ele acaba.

Não, eu falei. Vocês devem tá brincando.

Mas ele num fala muito nem fica em volta das pessoas, Sofia falou.

Parece que a loucura tá chegando perto de mim, eu falei.

Nessa horinha, Sinhô___ entrou.

Como vai você, Celie, ele falou.

Bem, falei. Eu olhei nos olho dele e vi que ele tava com medo de mim. Bom, ótimo, eu pensei. Deixa ele passar pelo queu passei.

Shug num veio com você dessa vez? ele falou.

Não, eu falei. Ela tem que trabalhar. Mas tá muito triste com a morte da mãe da Sofia.

Qualquer um tá triste, ele falou. A mulher que trouxe Sofia pro mundo trouxe muita coisa.

Eu num disse nada.

Eles fizeram um bunito funeral, ele falou.

Foi sim, eu falei.

E tantos netinho, ele falou. Bom. Doze criança, todas ocupada se multiplicando. Só a família dava pra encher a igreja.

É, eu falei. Isso é verdade.

Quanto tempo você vai ficar aqui? ele falou.

Talvez uma semana, eu falei.

Você sabe que a minina da Sofia e do Harpo tá muito doente? ele falou.

Não, eu num sabia, eu falei. Eu vi a Henrietta junto com os outro. Ali tá ela, eu falei. Ela parece muito bem.

É, ela parece bem, ele falou, mas ela tem um tipo de doença no sangue. O sangue parece que coagula nas veia dela de vez em quando, faz ela ficar mal pra cachorro. Eu num acho que ela vai resistir, ele falou.

Oh, meu Deus do Céu, eu falei.

É, ele falou. É duro pra Sofia. Ela inda tem que tentar ajudar aquela mocinha branca que ela criou. A mãe dela já morreu. A saúde dela num é muito boa também. Depois, Henrietta é um osso duro de roer quer tando doente ou não.

Ah, ela é mesmo um problema, eu falei. Aí eu lembrei de uma carta que a Nettie escreveu contando de uma doença que as criança têm lá na África. Eu acho que ela falou parece alguma coisa de coágulo de sangue. Eu tentei lembrar o que ela tinha falado que os africano faziam, mas num consegui. Conversar com Sinhô___ era uma surpresa tão grande que eu num conseguia pensar em nada. Nem mesmo numa coisa pra dizer.

Sinhô___ ficou parado esperando eu dizer alguma coisa, olhando pra casa dele. Finalmente ele falou, Boa noite, e foi embora.

Sofia falou que depois que eu fui embora, Sinhô___ vivia como um porco. Tão fechado na casa que fedia. Num deixava ninguém entrar até que finalmente Harpo forçou e entrou. Limpou a casa, fez cumida. Deu um banho no pai dele. Sinhô___ tava fraco demais pra reagir. Depois, muito abalado pra se importar.

Ele num conseguia dormir, ela falou. De noite ele achava que escutava morcego batendo na porta. Outras coisa faziam barulho no telhado. Mas a pior parte era ter que escutar o próprio coração. Ele ficava bem enquanto havia luz do dia, mas assim que escurecia o coração ficava doido. Batia tão alto que sacudia o quarto. Parecia tambor.

O Harpo foi pra lá muitas noite dormir com ele, Sofia falou. Sinhô___ ficava todo incolhido num canto da cama. Olho pregado em várias peças da mobília, pra ver se elas num vinham pra cima dele. Você sabe como ele é piqueno, Sofia falou. E como Harpo é grande e forte. Bom, uma noite eu fui lá pra dizer uma coisa pro Harpo — e os dois tavam lá na cama pregado no sono. Harpo tava segurando o pai nos braço.

Depois disso, eu comecei a gostar de novo do Harpo, Sofia falou. E logo a gente começou a trabalhar na nossa nova casa. Ela deu uma risada. Mas eu falei que foi fácil, foi? Se eu falei, Deus vai me fazer cortar o meu próprio chicote.

O que fez ele melhorar? eu perguntei.

Oh, ela falou. O Harpo fez ele mandar procê o resto das carta da sua irmã. Logo depois disso ele começou a melhorar. Você sabe que a maldade mata, ela falou.

Amém.

Minha querida Celie,

Nessas alturas eu esperava estar em casa. Olhando para seu rosto e dizendo Celie, é mesmo você? Eu tentei imaginar o que os anos trouxeram para você em peso e rugas — ou como você penteia seu cabelo. De uma magricela, uma coisinha pequeninha eu fiquei bem rechonchuda. E alguns dos meus cabelos já estão brancos!

Mas o Samuel me fala que ele me ama mesmo rechonchuda e grisalha.

Isso surpreende você?

Nós nos casamos no último outono, na Inglaterra, onde tentamos conseguir ajuda das igrejas e da Sociedade Missionária para os Olinka.

Enquanto eles puderam, os Olinka ignoraram a estrada e os construtores brancos que vieram com ela. Mas com o passar do tempo eles tiveram que prestar atenção neles por que uma das primeiras coisas que os construtores fizeram foi dizer para o povo que eles tinham que viver em outro lugar. Os construtores queriam o local da aldeia para sede da plantação de borracha. É o único sítio em muitos quilômetros que tem uma fonte permanente de água fresca.

Protestando e forçados, os Olinka, junto com seus missionários, foram colocados num pedaço árido de terra que não tem nenhuma gota de água durante seis meses no ano. Durante esse tempo, eles têm que comprar água dos

plantadores. Na estação chuvosa há um rio e eles estão tentando cavar buracos nos arredores das pedras para fazer cisternas. Até agora eles estão coletando água nos tambores de óleo que os brancos trouxeram e jogaram fora.

Mas a coisa mais horrível que aconteceu foi com relação às folhas-de-teto que, como eu devo ter escrito para você, o povo adora como um deus e usa para cobrir as suas cabanas. Bem, nessa faixa árida de terra os plantadores ergueram as barracas dos operários. Uma para os homens e uma para as mulheres e crianças. Mas, como os Olinka juraram que nunca viveriam numa moradia que não fosse coberta pelo deus deles, a folha-de-teto, os construtores deixaram essas barracas descobertas. E continuaram a passar os tratores na aldeia dos Olinka e em tudo mais por quilômetros em volta. Incluindo até o último pequenino caule da folha-de-teto.

Depois de quase insuportáveis semanas no sol quente, nós fomos acordados uma manhã pelo som de um grande caminhão chegando no conjunto. Ele tava cheio com folhas de flandres enrugadas.

Celie, nós tivemos que *pagar* pelas folhas de flandres. O que acabou com as magras economias que os Olinka tinham, e quase levou todo o dinheiro que eu e o Samuel tínhamos conseguido economizar para a educação das crianças quando voltarmos para casa. O que pretendemos fazer cada ano desde que a Corrine morreu, mas só ficamos cada vez mais e mais envolvidos com os problemas dos Olinka. Nada pode ser mais feio que uma folha de flandres enrugada, Celie. E enquanto eles se esforçavam para colocar as folhas desse frio, duro, cintilante, feio metal, as mulheres entoaram um ensurdecido lamento de tristeza que ecoou para fora das paredes das cavernas por quilômetros e quilômetros de distância. Foi nesse dia que os Olinka reconheceram pelo menos uma derrota temporária.

Embora os Olinka já não peçam mais nada da gente, além de ensinar suas crianças — porque eles podem ver como nós e Deus somos pobres — Samuel e

eu decidimos que tínhamos que fazer alguma coisa a respeito desse último ultraje, mesmo se a maioria das pessoas de quem a gente se sentia mais próximo tivesse fugido para juntar-se aos *mbeles* ou povo da floresta, que vivem bem no coração da selva, recusando-se a trabalhar para os brancos ou serem governados por eles.

Por isso nós viajamos, com as crianças, para a Inglaterra.

Foi uma viagem incrível, Celie, não apenas porque nós tínhamos quase esquecido como era o resto do mundo, e de coisas assim como navios e lareiras e lampião de rua e aveia, mas porque no navio conosco viajava a mulher branca missionária sobre a qual havíamos escutado falar anos atrás. Ela agora está aposentada do trabalho missionário e voltava para morar na Inglaterra. Ela estava viajando com um meninozinho africano que ela apresentou como seu neto!

Certamente era impossível ignorar a presença de uma senhora branca idosa acompanhada de uma pequena criança preta. O navio estava em polvorosa. Todo dia ela e a criança caminhavam pelo convés sozinhos, e os grupos das pessoas brancas ficavam em silêncio quando eles passavam.

Ela é uma mulher vistosa, de fibra, olhos azuis, com cabelo da cor da prata e da grama seca. Um queixo pequeno e quando ela fala parece que está gargarejando.

Eu estou entrando nos sessenta e cinco, ela falou, quando nos encontramos dividindo uma mesa no jantar uma noite. Vivi nos trópicos a maior parte de minha vida. Mas, ela falou, uma grande guerra está chegando. Maior que a primeira que eles estavam começando quando eu viajei. Será duro para a Inglaterra mas eu espero que sobrevivamos. Eu perdi a outra guerra, ela falou. Nessa eu quero estar presente.

Samuel e eu nunca havíamos realmente pensado na guerra.

Ora, ela falou, os sinais estão em todo lugar da África. Na Índia também, eu suponho. Primeiro se constrói uma estrada até onde você guarda suas coisas. Depois as árvores são arrancadas para fazer navios e móveis para o capitão. Depois plantam sua terra com uma coisa que você não pode comer. Depois você é forçado a trabalhar para eles. Isso está acontecendo em toda a África, ela falou. Em Burma também, eu suponho.

Mas o Harold aqui e eu decidimos ir embora. Não foi Harry? ela falou, dando um biscoito para o menino. A criança não disse nada, só começou a mastigar pensativamente seu biscoito. Adam e Olivia logo o levaram para explorar os salva-vidas.

A história de Doris — o nome da mulher é Doris Baines — é muito interessante. Mas eu não vou aborrecer você com ela como nós com o passar do tempo acabamos nos aborrecendo.

Ela nasceu numa família muito rica na Inglaterra. Seu pai era lorde Qualquer Coisa. Eles estavam sempre indo ou dando festas que não eram nada divertidas. Além disso, ela queria escrever livros. Sua família era contra. Totalmente. Eles esperavam que ela se casasse.

Eu, *casada!* ela exclamou. (Realmente, ela tem as ideias mais estranhas.)

Eles fizeram tudo para me convencer, ela falou. Vocês não podem imaginar. Eu nunca vi tantos rapazinhos criados a leite em toda minha vida como vi quando tinha dezenove e vinte anos. Cada um mais tedioso que o outro. Pode alguma coisa ser *mais* tediosa que um inglês de classe alta? ela falou. Eles me fazem pensar num cogumelo com sangue.

Bom, ela continuou falando, por infundáveis jantares, porque o capitão nos colocou permanentemente na mesma mesa. Parece que a ideia de se tornar missionária começou a lhe ocorrer uma noite quando ela estava se aprontando para mais um tedioso encontro com algum pretendente, deitada no banheiro pensando que um convento seria melhor que o castelo onde ela vivia. Ela

poderia pensar, ela poderia escrever. Ela poderia ser a dona de seu próprio nariz. Mas espere. Como freira ela não seria dona de seu próprio nariz. Deus seria o dono. A irmã diretora. A irmã superiora etc. etc. Ah, mas uma missionária! Nos confins da Índia, sozinha! Parecia uma bênção.

E assim ela cultivou um pio interesse pelos pagãos. Enganou os pais. Enganou a Sociedade Missionária, que ficou tão encantada com o seu rápido domínio das línguas que a enviou para a África (que azar!) onde ela começou a escrever romances sobre tudo que existia sob o sol.

Meu nome de escritora é Jared Hunt, ela falou. Na Inglaterra e mesmo nos Estados Unidos, eu sou um grande sucesso. Rica, famosa. Uma eremita excêntrica que passa a maior parte de seu tempo em caçadas selvagens.

Bom, ela continuou, várias noites depois, vocês acham que eu prestava muita atenção aos pagãos? Eu não via nada de errado com eles, como eles eram. E eles pareciam gostar *muito* de mim. Eu na verdade tinha condições de ajudá-los bastante. Eu era uma escritora, afinal de contas, e escrevi resmas de papéis em favor deles: sobre a sua cultura, seu comportamento, suas necessidades, tudo isso. Vocês ficariam surpresos se soubessem quanto vale escrever bem quando você está atrás de dinheiro. Eu aprendi a falar a língua deles sem erros, e escrevia nela relatórios inteiros para enganar os missionários metidos. Eu abri primeiro o cofre-forte da família em quase um milhão de libras, antes de conseguir alguma coisa das sociedades missionárias ou de velhos amigos ricos da família. Eu construí um hospital, uma escola primária. Um colégio. Uma piscina — o único luxo que eu me permiti, já que nadando no rio se corre o perigo de ser atacado pelas sanguessugas.

Vocês não acreditariam como tudo era cheio de paz! ela falou, num café da manhã, na metade do caminho para a Inglaterra. Dentro de um ano tudo que dizia respeito a mim e aos pagãos funcionava como um relógio. Eu falei para eles logo no começo que a alma deles não era uma preocupação minha, que eu

queria escrever livros e não ser perturbada. Por esse prazer eu estava preparada para pagar. Até muito bem.

Um dia, num assomo de apreciação, o chefe — sem dúvida, não sabendo mais o que fazer — me presenteou com um par de esposas. Eu acho que no geral, eles não me consideravam uma mulher. Parecia que eles tinham algumas dúvidas sobre o que exatamente eu era. De todas as maneiras, eu eduquei as duas mocinhas o melhor que eu pude. Mandeí-as para a Inglaterra, é claro, para aprender medicina e agricultura. Recebi-as muito bem em casa quando retornaram, dei-as em casamento a dois jovens rapazes que sempre estavam por ali, e começou o melhor período da minha vida como avó dos seus filhos. Eu devo reconhecer, ela sorria, eu me tornei fabulosa como *vovo*. Eu aprendi com os Akwee. Eles nunca batem nas crianças. Nunca trancam elas em outra parte da cabana. Eles fazem uns malditos cortes por volta da puberdade. Mas a mãe de Harry, a doutora, vai mudar tudo isso, não é mesmo, Harold?

De todos os modos, ela falou, quando eu chegar à Inglaterra eu vou dar um basta a essa maldita usurpação dos ingleses. Eu vou dizer para eles o que fazer com sua maldita estrada e suas malditas plantações de borracha e com seus malditos plantadores e engenheiros queimados de sol mas mesmo assim tediosos. Eu sou uma mulher muito rica e eu sou a *proprietária* da aldeia dos Akwee.

Nós escutamos tudo isso quase sempre num silêncio respeitoso. As crianças estavam encantadas com o jovem Harold, embora ele nunca dissesse nenhuma palavra na nossa presença. Ele parecia gostar muito de sua avó e estar bem acostumado com ela, mas a sua verbosidade provoca nele uma espécie de prudente observação muda.

Mas conosco ele é bem diferente, Adam falou. Adam é realmente um fã ardoroso de crianças, e pode se entender com qualquer uma depois de meia hora. Adam faz piada, ele canta, banca o palhaço e sabe jogos. E ele tem o mais

ensolarado dos sorrisos, quase todo o tempo — e grandes saudáveis dentes africanos.

Enquanto eu escrevo sobre o sorriso ensolarado dele, eu percebo que ele tem estado extraordinariamente tristonho nessa viagem. Interessado e excitado, mas não realmente *ensolarado*, a não ser quando está com o pequeno Harold.

Eu vou ter que perguntar para Olivia o que está acontecendo. Ela está entusiasmada com o pensamento de voltar à Inglaterra. A mãe dela costumava contar para ela sobre as casas de campo cobertas de palha dos ingleses e como elas a faziam se lembrar das cabanas de folha-de-teto dos Olinka. Mas elas são quadradas, ela falava. Mais parecida com a nossa igreja e a escola do que nossas casas, o que Olivia achava muito estranho.

Quando chegamos à Inglaterra, o Samuel e eu apresentamos as queixas dos Olinka ao bispo do ramo inglês da nossa igreja, um homem jovem usando óculos que sentou folheando uma pilha dos informes anuais do Samuel. Ao invés de falar sobre os Olinka, o bispo quis saber quanto tempo tinha passado desde a morte da Corrine e porque, logo que ela morreu, eu não voltei para os Estados Unidos.

Eu realmente não entendi aonde ele estava querendo chegar.

Aparências, Senhorita ____, ele falou. Aparências. O que os nativos vão pensar?

Sobre o quê? eu perguntei.

Ora, ora, ele falou.

Nós somos como irmão e irmã um para o outro, Samuel falou.

O bispo sorriu afetadamente. Sim, ele falou.

Eu senti minhas faces queimando.

Bom, teve mais coisas assim, mas porque preocupar você com isso? Você sabe como algumas pessoas são, e o bispo era uma dessas. Samuel e eu saímos sem que ele dissesse uma só palavra sobre o problema dos Olinka.

Samuel estava tão furioso. Eu estava amedrontada. Ele falou que a única coisa que nós podíamos fazer, se quiséssemos continuar na África, era nos juntar aos *mbeles* e encorajar todos os Olinka a fazer o mesmo.

Mas e se eles não quiserem ir? eu perguntei. Muitos deles são muito velhos para mudar para a floresta. Muitos estão doentes. As mulheres têm crianças pequenas. E ainda têm os jovens que querem bicicletas e roupas inglesas. Espelhos e panelas coloridas. Eles querem trabalhar para os brancos para ter essas coisas.

Coisas!, ele falou, com desgosto. Malditas *coisas!*

Bem, de todas maneiras, nós temos um mês aqui ainda, vamos tentar fazer o melhor desse tempo.

Porque nós tínhamos gastado tanto do nosso dinheiro com as folhas de flandres e a viagem, tivemos que passar um mês de pobres na Inglaterra. Mas foi muito bom para nós. Começamos a nos sentir como uma família, sem a Corrine. E as pessoas que encontrávamos nas ruas, nunca deixavam (se chegavam a falar conosco) de expressar o sentimento de que as crianças eram muito parecidas com nós dois. As crianças começaram a aceitar isso como natural, e começaram a sair sozinhos para ver as paisagens que interessavam a eles. Deixando o pai e eu com nossos prazeres mais tranquilos, mais calmos, um dos quais é a simples conversação.

O Samuel, é claro, nasceu no Norte, em Nova York, e cresceu e foi educado lá. Ele conheceu a Corrine através de sua tia que foi missionária, junto com a tia da Corrine, no Congo Belga. Samuel frequentemente acompanhava a tia Althea até Atlanta, onde a tia Theodosia de Corrine morava.

Essas duas senhoras haviam passado por coisas maravilhosas juntas, disse Samuel, rindo. Elas foram atacadas por leões, pisadas por elefantes, fugiram de enchentes, foram guerreadas pelos “nativos”. Os casos que elas contavam eram simplesmente incríveis. Ali estavam elas sentadas num sofá acolchoado, duas

elegantes e distintas senhoras em tufos e laços, contando essas histórias estupendas na hora do chá.

Corrine e eu como adolescentes gostávamos de estilizar essas histórias em comédias. Nós as chamávamos de coisas assim como TRÊS MESES NUMA REDE OU DOLOROSAS ANCAS DO CONTINENTE NEGRO ou, ainda, UM MAPA DA ÁFRICA: UM GUIA PARA A INDIFERENÇA NATIVA DO MUNDO SANTO.

Nós ríamos delas, mas estávamos encantados com essas aventuras, e com as senhoras que as contavam. Elas eram tão sóbrias. Tão distintas. Você na verdade não poderia imaginar as duas realmente construindo — com as próprias mãos — uma escola na selva. Ou matando cobras. Ou combatendo africanos que pensavam que, já que elas usavam vestidos com coisas que pareciam asas atrás, deveriam ser capazes de voar.

Selva? Corrine ria pra mim e eu pra ela. E só o som da palavra nos fazia chegar quase à histeria, enquanto calmamente fingíamos tomar nosso chá. Porque, é claro, elas não percebiam que estavam sendo engraçadas, e para nós elas estavam, muito. Certamente o ponto de vista popular que prevalecia na época sobre os africanos contribuía para nossa diversão. Os africanos não apenas eram selvagens, eles eram desengonçados, selvagens incapazes, como os seus desengonçados e incapazes conterrâneos em casa. Mas nós, cuidadosamente, para não dizer estudadamente, afastávamos essa conexão muito aparente.

A mãe da Corrine era uma mãe e dona de casa dedicada que não gostava de sua irmã mais aventureira. Mas nunca impediu Corrine de visitá-la. E quando Corrine completou a idade suficiente, ela a enviou para o Seminário Spelman onde a Tia Theodosia tinha se formado. Esse era um lugar muito interessante. Foi criado por duas missionárias brancas da Nova Inglaterra que usavam vestidos idênticos. Começou no porão de uma igreja mas logo mudou para umas instalações do Exército. Finalmente essas duas senhoras conseguiram

grandes somas de dinheiro de alguns dos mais ricos homens dos Estados Unidos, e assim o lugar cresceu. Edifícios, árvores. As moças aprendiam tudo: ler, escrever, aritmética, costura, limpeza, culinária. Mas mais do que qualquer outra coisa elas aprendiam a servir a Deus e à comunidade negra. O seu slogan oficial era TODA NOSSA ESCOLA PARA CRISTO. Mas eu sempre pensei que o slogan não oficial deveria ser NOSSA COMUNIDADE COBRE O MUNDO, porque tão logo uma jovem saía do Seminário Spelman ela começava a pôr a mão na massa em qualquer trabalho que pudesse fazer para seu povo, em qualquer lugar no mundo. Era realmente incrível. Essas jovens muito polidas e distintas, algumas delas nunca tendo posto o pé fora de sua própria cidadezinha, exceto para ir ao Seminário, não vacilavam em fazer sua mala e ir para Índia, África, Oriente. Ou para Filadélfia ou Nova York.

Mais ou menos sessenta anos antes da fundação da escola, os índios Cherokee que viviam na Geórgia foram forçados a deixar suas casas e andar, pela neve, para os campos de reassentamento no Oklahoma. Um terço deles morreu no caminho. Mas muitos deles se recusaram a deixar a Geórgia. Eles se esconderam como pessoas negras e com o tempo acabaram se misturando com a gente. Muitas dessas moças de raça mista estavam no Spelman. Algumas se lembravam do que realmente eram, mas a maioria não. Se alguma vez pensavam sobre isso (e se tornou cada vez mais difícil pensar sobre os índios porque não havia nenhum por perto), elas pensavam que eram amareladas ou meio avermelhadas e com os cabelos ondulados por causa de ancestrais brancos, não índios.

Até Corrine pensava assim, ele falou. No entanto, eu sempre senti seu sangue índio. Ela era tão calma. Tão reflexiva. E podia apagar a si mesma, seu espírito, com uma rapidez que realmente espantava, quando sabia que as pessoas em volta não iriam respeitá-la.

Não parecia difícil para Samuel falar sobre Corrine quando nós estávamos na Inglaterra. Não era difícil para mim escutar.

Tudo parece tão improvável, ele falou. Aqui estou eu, envelhecendo, um homem cujos sonhos de ajudar os outros só foram isso, sonhos. Como Corrine e eu quando crianças teríamos rido de nós mesmos. VINTE ANOS OS BOBOS DO OESTE OU A DOENÇA DA BOCA E DA FOLHA-DE-TETO: UM TRATADO SOBRE A FUTILIDADE NOS TRÓPICOS etc. etc. Nós fracassamos tão completamente, ele falou. Nós nos tornamos tão cômicos quanto Althea e Theodosia. Eu acho que a consciência que a Corrine teve disso alimentou sua doença. Ela era muito mais intuitiva do que eu. Seu dom para compreender as pessoas era muito maior. Ela costumava dizer que os Olinka eram ressentidos conosco, mas eu não via isso. Mas eles eram sim, você sabe.

Não, eu falei, não é ressentimento. Realmente é indiferença. Algumas vezes eu acho que a nossa posição é como a do mosquito nas costas de um elefante.

Eu me lembro de uma vez, antes da Corrine e eu nos casarmos, Samuel continuou, Tia Theodosia fez uma de suas reuniões caseiras. Ela fazia essas reuniões todas as quintas. Convidava vários “jovens sérios” como ela dizia, e um deles era um jovem estudante de Harvard chamado Edward. Duboyce era o sobrenome, eu acho. Enfim, Tia Theodosia estava falando sobre suas aventuras na África, chegando ao momento em que o rei Leopoldo da Bélgica a presenteou com uma medalha. Bem, Edward, ou talvez seu nome fosse Bill, era um tipo muito impaciente. Você via isso nos olhos dele, podia ver na maneira como ele mexia com o corpo. Ele nunca ficava parado. Quando Tia Theodosia chegou perto da parte sobre sua surpresa e alegria em receber essa medalha — que validava seu serviço como uma missionária exemplar nas colônias do rei — o pé de Duboyce começou a bater no chão rápida e incontrolavelmente. Corrine e eu olhamos um para o outro em alarma. Claramente aquele homem

tinha escutado essa história antes e não estava preparado para escutá-la pela segunda vez.

Senhora, ele falou, quando Tia Theodosia terminou sua história e passou sua famosa medalha pela sala, a senhora sabe que o rei Leopoldo cortou as mãos dos trabalhadores que, na opinião dos plantadores das colônias, não preenchiam a sua cota de borracha? Mais do que se orgulhar dessa medalha, a senhora deveria considerá-la como um símbolo de sua cumplicidade inconsciente com esse déspota que matou de trabalho e brutalizou e acabou por exterminar milhares e milhares de africanos.

Bem, Samuel falou, o silêncio caiu sobre a reunião como um raio. Pobre Tia Theodosia! Há alguma coisa dentro de todos nós que deseja uma medalha pelo que fazemos. Que deseja ser admirado. E os africanos certamente não lidam com medalhas. Eles mal parecem se importar com a existência dos missionários.

Não seja amargo, eu falei.

Como posso não ser?, ele falou.

Os africanos nunca nos pediram para vir, você sabe. Não adianta culpá-los se sentimos que não somos bem-vindos.

É pior do que apenas não ser bem-vindo, Samuel falou. Os africanos nem mesmo nos *veem*. Eles nem mesmo nos reconhecem como os irmãos e irmãs que eles venderam.

Oh, Samuel. Por favor.

Mas sabe, ele começou a chorar. Oh Nettie, ele falou. Essa é a questão, você não vê. Nós amamos eles. Nós tentamos de todas as maneiras mostrar para eles esse amor. Mas eles nos rejeitam. Eles nunca nem escutam os nossos sofrimentos. E se eles escutam, falam coisas estúpidas. Por que vocês não falam nossa língua? eles perguntam. Por que vocês não podem se lembrar das tradições antigas? Por que vocês não estão felizes nos Estados Unidos, se lá todo mundo tem um carro?

Celie, nesse momento eu achei que devia colocar os braços em volta dele. E foi o que eu fiz. E palavras há muito tempo enterradas no meu coração subiram aos meus lábios.

Eu passei a mão por seu querido rosto e sua cabeça e o chamei de querido e meu amor. E aconteceu, querida, querida Celie, que a solicitude e a paixão logo se apossaram de nós.

Eu espero que quando você receber a notícia do comportamento de sua irmã daí em diante você não fique chocada ou inclinada a me julgar muito severamente. Especialmente quando eu contar para você como foi uma alegria total. Eu me senti transportada pelo êxtase nos braços do Samuel.

Você pode ter adivinhado que eu o amei durante todo esse tempo, mas eu não me dava conta. Oh, eu o amava como um irmão e o respeitava como um amigo, mas Celie, agora eu o amo de corpo, *como um homem!* Eu amo o seu andar, seu tamanho, sua forma, seu cheiro, o pinxaim de seu cabelo. Eu amo a textura de sua mão. O rosado de seu lábio interior. Eu amo o seu grande nariz. Eu amo suas sobrancelhas, eu amo seus pés. E eu amo os seus queridos olhos nos quais posso ver claramente a vulnerabilidade e a beleza de sua alma.

As crianças perceberam imediatamente a nossa mudança. Eu acho, minha querida, que nós estávamos radiantes.

Nós amamos muito um ao outro, Samuel contou para eles, com seu braço em minha volta. Nós pretendemos nos casar.

Mas antes, eu falei, preciso contar a vocês uma coisa sobre minha vida e sobre a Corrine e sobre uma outra pessoa. E foi então que contei para eles sobre você, Celie. E sobre o amor que a mãe deles Corrine tinha por eles. E sobre eu ser tia deles.

Mas onde está essa outra mulher, a sua irmã? Olivia perguntou.

Eu expliquei o seu casamento com Sinhô____ da melhor maneira que eu pude.

Adam imediatamente ficou alarmado. Ele tem uma alma muito sensível que escuta o que não é dito tão claramente como o que é.

Nós todos vamos voltar para os Estados Unidos logo, Samuel falou pra tranquilizá-lo, e vamos cuidar dela.

As crianças compareceram conosco para uma cerimônia simples em Londres. E foi naquela noite, depois do jantar do casamento, quando nós todos estávamos nos preparando para deitar, que Olivia me contou o que estava perturbando seu irmão. Ele estava sentindo falta da Tashi.

Mas ele também está muito chateado com ela, Olivia falou, porque quando partimos, ela estava planejando marcar o rosto.

Eu não sabia disso. Uma das coisas que nós pensamos que tivéssemos ajudado a parar era a marcação ou corte tribal nas faces das jovens mulheres.

Essa é a maneira como os Olinka podem mostrar que ainda conservam suas antigas tradições, Olivia falou, mesmo tendo o homem branco tirado quase todo o resto. Tashi não queria isso, mas para fazer seu povo se sentir melhor, estava resignada. Ela também vai passar pela cerimônia de iniciação feminina, ela falou.

Oh, não, eu falei. Isso é tão perigoso. E se ela se infectar?

Eu sei, Olivia falou. Eu falei para ela que ninguém na Europa ou América corta pedaços do próprio corpo. E de todas maneiras ela deveria ter feito isso quando tinha 11 anos, se fosse mesmo fazer. Ela já está muito velha para isso agora.

Bem, alguns homens são circuncidados, eu falei, mas isso é só a remoção de um pedaço de pele.

Tashi ficou feliz sabendo que a cerimônia de iniciação não era feita na Europa ou na América, Olivia falou. Isso faz a cerimônia ainda mais valiosa para ela.

Eu entendo, falei.

Ela e Adam tiveram uma briga terrível. Não igual a nenhuma que eles tiveram antes. Ele não estava brincando com ela nem a caçando pela aldeia nem tentando amarrar folha-de-teto no cabelo dela. Ele estava tão zangado que poderia ter batido nela.

Bem, foi uma boa coisa ele não ter feito isso. Tashi teria apertado a cabeça dele no tear.

Eu ficarei feliz quando voltar pra casa, Olivia falou. Não é só Adam que sente falta de Tashi.

Ela me beijou e ao pai dizendo boa-noite. Logo Adam entrou também para fazer o mesmo.

Mamãe Nettie, ele falou, sentado na cama ao meu lado, como você sabe quando realmente ama uma pessoa?

Algumas vezes você não sabe, eu falei.

Ele é um rapaz bonito, Celie. Alto e de ombros largos, com uma voz profunda e carinhosa. Eu contei para você que ele escreve versos? E adora cantar? Ele é um filho para você se orgulhar.

Carinhosamente, sua irmã,

Nettie

P.S.: Seu irmão Samuel também lhe manda seu amor.

Minha querida Celie,

Quando nós voltamos para casa todo mundo parecia feliz por nos ver. Quando contamos para eles que o nosso apelo à igreja e à Sociedade Missionária havia fracassado, eles ficaram muito desapontados. Literalmente limparam o sorriso do rosto junto com o suor, e retornaram, abatidos, para suas barracas. Nós fomos para nossa casa, uma combinação de igreja, casa e escola, e começamos a desfazer nossas malas.

As crianças... eu percebo que não devo mais chamá-las de crianças, elas cresceram, foram à procura da Tashi; uma hora mais tarde voltaram sem voz. Não descobriram sinais dela. Catherine, sua mãe, está plantando seringueiras longe da vila, disseram para eles. Mas ninguém tinha visto Tashi durante todo o dia.

Olivia ficou muito desapontada. Adam estava tentando fingir que não estava preocupado, mas reparei que ele estava com ar absorto mordendo a pele em volta das unhas.

Depois de dois dias ficou claro que Tashi estava se escondendo deliberadamente. Os seus amigos contaram que enquanto nós estávamos fora ela passou tanto pelo sacrifício facial quanto pelo rito da iniciação feminina. Adam ficou pálido com essa notícia. Olivia simplesmente chocada e mais preocupada que nunca em encontrá-la.

Mas foi só no domingo que vimos Tashi. Ela tinha emagrecido muito, e parecia apática, de olhos vazios e cansada. Seu rosto ainda estava inchado com meia dúzia de incisões pequenas e profundas, no alto de cada face. Quando ela estendeu sua mão para Adam, ele se recusou a segurá-la. Ele só olhou para as cicatrizes dela, virou-se e saiu.

Ela e Olivia se abraçaram. Mas foi um abraço quieto, pesado. Nada parecido com o comportamento risonho, barulhento que eu esperava.

Tashi está, desgraçadamente, envergonhada de suas cicatrizes na face, e agora mal consegue levantar sua cabeça. Elas devem ser doloridas também porque parecem irritadas e vermelhas.

Mas isso é o que o povo tribal está fazendo com suas mulheres jovens e também com os homens. Entalhando a sua identidade como povo no rosto de suas crianças. Mas as crianças consideram essas cicatrizes como atraso, uma coisa da geração dos seus avós, e muitas vezes resistem. Então a cicatriz é feita à força, sob as mais terríveis condições. Nós providenciamos antissépticos e algodão e um lugar para as crianças chorarem e cuidarem de suas feridas.

Todo dia Adam nos pressiona para voltarmos para casa. Ele já não pode suportar viver como nós vivemos. Já não existem nem árvores perto de nós, só pedras gigantes e pequenas. E cada vez mais os seus companheiros estão fugindo. A verdadeira razão, claro, é que ele já não consegue suportar seus sentimentos conflitantes em relação a Tashi, que está começando, eu acho, a reconhecer o tamanho de seu engano.

Eu e o Samuel estamos muito felizes, Celie. E tão gratos a Deus por isso! Nós ainda mantemos uma escola para as crianças menores; os que têm de oito anos em diante já estão trabalhando nos campos. Para pagar o aluguel pelas barracas, imposto sobre a terra, e para comprar água e lenha e comida, todo mundo tem que trabalhar. Assim, nós ensinamos aos menores a cuidar dos nenês, cuidar dos velhos e doentes, e atender a mães parturientes. Nossos dias

estão mais cheios do que nunca, nossa estadia na Inglaterra já é só um sonho. Mas todas as coisas parecem brilhar porque eu tenho uma alma amorosa com a qual dividi-las.

Sua irmã,

Nettie

Querida Nettie,

O homem que a gente conhecia como Pai tá morto.

Como é que eu inda chamo ele de Pai? Shug me perguntou isso outro dia.

Mas, tarde demais pra chamar ele de Alphonso. Eu nunca nem me lembro da mamãe chamando ele com esse nome. Ela sempre disse, Seu Pai. Eu acho que era pra fazer a gente acreditar mais. De qualquer maneira, a mulherzinha dele, Daisy, me chamou no telefone no meio da noite.

Dona Celie, ela falou, eu tenho más notícia. O Alphonso tá morto.

Quem? eu perguntei.

Alphonso, ela falou. Seu padastro.

Como ele morreu? perguntei. Eu pensei em assassinato, atropelamento por caminhão, queimadura de raio, doença ruim. Mas ela falou, Não, ele morreu durmindo. Bom, não durmindo mesmo, ela falou. A gente tava passando o tempo junto na cama, você sabe, antes da gente dormir.

Bom, eu falei, meus pêsame.

Obrigada, senhora, ela falou, e eu pensei queu tivesse ficado com a casa também mas parece que ela pertence a você e sua irmã Nettie.

O que que você disse? eu perguntei.

Seu padastro morreu faz uma semana, ela falou. Quando a gente foi pra cidade escutar o testamento ontem, você poderia ter me derrubado com um

sopro. Seu pai verdadeiro era o dono da terra e da casa e da loja. Ele deixou tudo pra sua mãe. Quando sua mãe morreu, tudo passou pra você e sua irmã Nettie. Eu num sei como Alphonso nunca falou isso pra você.

Bom, eu falei, nada que venha dele eu quero.

Eu escutei Daisy prender a respiração. E a sua irmã Nettie, ela falou. Você acha que ela pensa a mesma coisa?

Eu acordei um pouquinho aí. Na hora que a Shug se virou e me perguntou quem era, eu comecei a ver a luz.

Num seja idiota, Shug falou, me cutucando com o pé. Você agora tem sua própria casa. Seu pai e sua mãe deixaram ela pra você. Aquele cachorro do seu padrasto é só um fedor que tá passando.

Mas eu nunca tive uma casa, falei. Só de pensar em ter uma casa minha basta pra me dar medo. Depois, essa casa queu tô ganhando é maior que a de Shug, tem mais terra em volta. E mais, ela vem junto com uma loja.

Meu Deus, eu falei pra Shug. Eu e a Nettie temo uma loja. O que a gente vai vender?

Que tal calça? Shug falou.

Então a gente desligou o telefone e corremo pra casa outra vez pra examinar a propriedade.

Uns dois quilômetro antes de chegar na cidade a gente passou na entrada do cemitério dos negro. Shug tava durmindo que nem pedra, mas uma coisa me disse queu devia entrar. Logo eu vi uma coisa que parecia um pequeno arranha-céu e eu parei o carro e desci pra ver. Claro, tinha o nome do Alphonso lá. Tinha muitas outras coisa também. Membro disso e daquilo. Líder de empresário e fazendeiro. Esposo e pai honrado. Bom para os pobre e desvalido. Ele tava morto há duas semana mas flores fresca inda tavam infeitando o túmulo dele.

Shug desceu do carro e veio pra perto de mim.

Finalmente ela bocejou alto e espreguiçou. O filho da puta tá bem morto, ela falou.

Daisy tenta fingir que tá feliz de ver a gente, mas ela num tá. Ela tem dois filho e parece que tá grávida de outro. Mas ela tem boas roupa, um carro, e Alphonso deixou todo o dinheiro dele pra ela. Depois, eu acho que ela deu um jeito de ajeitar o pessoal dela quando tava morando com ele.

Ela falou, Celie, a velha casa que você lembra foi derrubada pra Alphonso construir essa. Ele conseguiu um arquiteto de Atlanta pra fazer a planta e todos esses azulejo vieram de Nova York. A gente tava na cozinha quando ela falou isso. Mas ele botou azulejo em todo lugar. Cozinha, banheiro, varanda dos fundo. Tudo em volta das lareira na sala da frente e de trás. Mas essa casa fica com o lugar, é claro, ela falou. Eu certamente vou levar a mobília por que Alphonso comprou ela especialmente pra mim.

Por mim, tá bem, falei. Eu mal posso aguentar ter uma casa. Assim que Daisy me deixou com as chave eu corri de um quarto pro outro como se tivesse louca. Olha isso, eu falava pra Shug. Olha aquilo! Ela olhava, ela ria. Ela me abraçava sempre que tinha uma chance e eu ficava parada.

Você tá andando direitinho, dona Celie, ela falou. Deus sabe onde você mora.

Então ela tirou uns incenso de cedro da bolsa e acendeu e deu um pra mim. A gente começou bem lá no topo da casa, no sótão, e a gente foi queimando eles até o porão, espantando todo o mal e dando lugar pro bem.

Ah, Nettie, nós temos uma casa! Uma casa grande o bastante pra gente e pras nossas criança, pra seu marido e Shug. Agora você pode voltar pra casa porque você tem uma casa pra onde voltar!

Carinhosamente, sua irmã,

Celie

Querida Nettie,

Meu coração tá partido.

Shug ama outra pessoa.

Quem sabe se eu tivesse ficado em Memphis no último verão isso num tinha acontecido. Mas eu passei o verão arrumando a nossa casa. Eu pensei que se você chegasse mais cedo, eu queria que tudo tivesse pronto. E tá tudo muito bunito agora, e confortável. E eu achei uma boa senhora pra morar lá e tomar conta de tudo. Aí eu voltei pra casa pra Shug.

Dona Celie, ela falou, que tal uma comida chinesa pra celebrar a sua volta?

Eu adoro comida chinesa. Então a gente foi pro restaurante. Eu tava tão excitada por tá de volta em casa que nem reparei como Shug tava nervosa. Ela é uma mulher grande mas elegante e jeitosa a maior parte do tempo, mesmo quando tá zangada. Mas eu reparei que ela num conseguia pegar direito nos pauzinho. Ela derrubou o copo d'água. Num sei porque o pastelzinho dela veio aberto.

Mas eu pensei que ela tava era muito feliz de me ver. Então eu me ajeitava e fazia pose pra ela e me impanturrei com sopa de *wantan* e arroz frito.

Finalmente chegaram os biscoitinho da sorte. Eu adoro biscoitinho da sorte. Eles são tão bunitinho. E eu logo li a minha sorte. Dizia, porque você é o que é, seu futuro será feliz e brilhante.

Eu ri. Passei pra Shug. Ela olhou e sorriu. Eu me senti em paz com o mundo.

Shug abriu bem devagar o pedaço de papel dela, como se tivesse com medo do que tava escrito.

E então? eu perguntei, olhando ela ler. O que ele diz?

Ela olhou pro papel, olhou pra mim. Falou, Ele diz queu tô apaixonada por um rapaz de dezenove ano.

Deixa eu ver, falei rindo. E eu li ele alto. Um dedo queimado se lembra do fogo, ele dizia.

Eu tô tentando dizer pra você, ela falou.

Tentando me dizer o quê? Eu sou tão estúpida que inda num tinha percebido. Por uma coisa, já tinha passado muito tempo desde queu havia pensado em rapaz e eu nunca havia pensado em homem.

No ano passado, Shug falou, eu contratei um novo rapaz pra banda. Eu quase num contratei porque ele num tocava nada, só flauta. E quem já ouviu falar de *blues* com flauta? Eu não. A própria ideia parecia maluca. Mas foi minha sorte que a flauta era justamente a única coisa que tava faltando no *blues* e no minuto queu escutei Germaine tocar eu tive certeza disso.

Germaine? eu falei.

É, ela falou, Germaine. Eu num sei quem deu esse nome meio bobo pra ele, mas combina.

Então ela começou a elogiar esse rapaz. Como se eu tivesse morrendo pra saber todas as qualidade dele.

Ah, ela falou. Ele é piqueno. É bonito. Tem uma bunda bonita. Você sabe, realmente alto, magro e bundudo. Ela tava tão costumada a me contar tudo, que ela falava e falava, ficando cada vez mais animada e com ar de apaixonada. Quando ela acabou de falar do gingado que ele tinha pra dançar e voltou a falar do cabelo anelado e cor de mel dele, eu tava me sentindo uma merda.

Acaba com isso, Shug, eu falei. Você tá me matando.

Ela parou no meio do elogio. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas e o rosto todo enrugado. Ah, meu Deus, Celie, ela falou. Eu sinto muito. Eu estava morrendo de vontade de contar pra alguém, e é pra você que eu sempre conto as coisas.

Bom, eu falei, se as palavras matassem, eu estaria precisando de uma ambulância.

Ela botou o rosto entre as mãos e começou a chorar. Celie, ela falou, através dos dedos, eu ainda amo você.

Mas eu fiquei sentada lá olhando pra ela. Parecia que toda minha sopa *wantan* tinha virado gelo.

Por que você tá tão transtornada? ela perguntou, quando a gente voltou pra casa. Você nunca pareceu se importar muito com o Grady. E ele era meu marido.

O Grady nunca fez seu olho brilhar, eu pensei. Mas não falei nada, eu tô muito longe.

Claro, ela falou. O Grady é tão chato, meu Deus. E quando você acaba de falar de mulher e de maconha, você acaba com o Grady. Mas mesmo assim, ela falou.

Eu não falei nada.

Ela tentou rir. Eu fiquei tão contente quando ele se ligou pro lado da Mary Agnes que eu não sabia como fazer, ela falou. Eu não sei quem tentou ensinar pra ele o que fazer na cama, mas deve ter sido um vendedor de móveis.

Eu não falei nada. Quietura, frieza. O nada. Chegando bem depressa.

Você reparou que quando eles foram junto pro Panamá eu nem derramei uma lágrima? Mas pensando bem, realmente, ela falou, o que eles foram fazer no Panamá?

Pobre Mary Agnes, eu pensei. Como alguém poderia imaginar que o velho e bobo Grady acabaria cuidando de uma plantação de maconha no Panamá?

Claro que eles tão fazendo moooontõões de grana, Shug falou. E Mary Agnes se veste melhor do que todo mundo lá, pelo jeito que ela conta nas carta. E pelo menos o Grady deixa ela cantar. Os pedacinho das música que ela inda consegue lembrar. Mas realmente, ela falou, Panamá? Onde fica isso, afinal? É lá pros lado de Cuba? A gente tem que ir pra Cuba, dona Celie, sabe? Tem um monte de cassino por lá e muita diversão. Muita gente negra parecendo com a Mary Agnes. Mas tem preto mesmo, como a gente. Tudo da mesma família. Tentam passar por branco, mas aí alguém fala na vó e pronto.

Eu num falo nada. Eu rezo pra morrer porque assim eu nunca mais vou ter que falar.

Tá bem, Shug falou. Tudo começou quando você tava lá na sua casa. Eu sentia saudade, Celie. E você sabe queu sou uma mulher muito quente.

Eu fui e peguei um pedaço de papel queu tava usando pra cortar molde. Eu escrevi um bilhete pra ela. Dizia, Cala a boca.

Mas Celie, ela falou, eu tenho que fazer você entender. Olha, ela falou. Eu tô ficando velha. Eu tô gorda. Ninguém mais me acha bonita, só você. Ou pelo menos é o queu penso. Ele tem 19 ano. É uma criança. Quanto tempo isso vai poder durar?

Ele é um homem. Eu escrevi no papel.

É, ela falou. Ele é. E eu sei o que você pensa dos homem. Mas eu num penso assim. Eu nunca seria bastante idiota pra levar nenhum deles a sério, ela falou, mas tem homem que pode ser muito divertido.

Me deixa em paz, eu escrevi.

Celie, ela falou. Tudo queu peço são seis meses. Só seis meses pra ter meu último voo. Eu preciso disso Celie. Eu sou uma mulher muito fraca pra num

precisar. Mas se você me der só seis meses, Celie, depois eu vou tentar fazer a nossa vida junta ser como era antes.

Mas sem fazer muita força. Eu escrevi.

Celie, ela falou. Você me ama? Nessa altura ela tava ajoelhada, lágrimas caindo por todo lugar. Meu coração doía tanto que eu não podia acreditar. Como ele podia continuar batendo, sentindo desse jeito? Mas eu sou uma mulher. Eu amo você, eu falei. Aconteça o que acontecer, faça o que você fizer, eu amo você.

Ela soluçou um pouco, encostou a cabeça na minha cadeira. Obrigada, ela falou.

Mas eu não vou ficar aqui, eu falei.

Mas Celie, ela falou, como você pode me deixar? Você é minha amiga. Eu amo essa criança e eu tô morta de medo. Ele tem um terço da minha idade. Um terço do meu tamanho. Até um terço da minha cor. Ela tentou rir de novo. Você sabe que ele vai me magoar mais do que eu tô magoando você. Não me deixa, por favor.

Nessa hora a campainha da porta tocou. Shug enxugou o rosto e foi atender, viu quem era e deixou a porta aberta. Logo depois eu escutei um carro indo embora. Eu voltei pra cama. Mas o sono pra mim foi um estranho essa noite.

Reze por mim,

Sua irmã,

Celie

Querida Nettie,

A única coisa que me faz ficar viva é ver a Henrietta lutar pela vida dela. E minina, como ela luta! Toda vez que ela tem um ataque ela grita tanto que poderia acordar os morto. A gente faz o que você falou que o povo da África faz. A gente dá inhame pra ela comer todos os dia. Mas é a nossa sina que ela odeia inhame e num é lá muito educada pra fazer a gente entender isso. Todo mundo a léguas em volta daqui tenta fazer pratos de inhame que num tenha gosto de inhame. A gente recebe prato de inhame com ovo, pastelzinho de inhame, inhame com cabrito. E sopa. Meu Deus, o pessoal faz sopa de tudo, menos de sola de sapato, tentando matar o gosto do inhame. Mas a Henrietta diz que inda sente o gosto, e é capaz de jogar seja o que for pela janela. A gente diz pra ela que em pouco tempo ela vai passar três meses sem comer inhame, mas ela fala que parece que esse dia nunca vai chegar. Enquanto isso, as junta dela ficam todas inchada, ela fica ardendo de quente, fala que a cabeça parece que tá cheia de homenzinho branco com martelo.

Tem vez quando eu visito Henrietta eu encontro com Sinhô____. Ele mesmo é que inventa as próprias receita enganadora que ele traz. Por exemplo, uma vez ele escondeu o inhame na manteiga de amendoim. A gente senta perto do fogo com o Harpo e a Sofia e joga uma ou duas mão de baralho, enquanto Suzie Q e Henrietta escutam o rádio. Tem vez que ele me leva pra casa no carro dele. Ele

inda vive na mesma casinha. Ele mora lá tanto tempo que o lugar já ficou parecido com ele. Duas cadeira reta sempre na varanda, virada contra a parede. A grade da varanda com latas de flor. Mas agora ele conserva tudo pintado. Limpo e branco. E adivinha o que ele coleciona só porque gosta delas? Ele faz coleção de conchas. Todos os tipo de concha. Búzio, caracol e todo o tipo de concha do mar.

Na verdade, foi assim que ele conseguiu me fazer entrar na casa dele de novo. Ele tava falando pra Sofia de uma concha nova que ele tinha que fazia um barulho bem alto de mar quando você botava ela no ouvido. A gente foi ver. Era grande e pesada e cheia de manchas como uma galinha e foi dito e feito, a gente podia escutar ondas ou uma coisa parecida rebentando no ouvido. Nenhum de nós jamais viu o mar, mas Sinhô___ aprendeu muito sobre ele nos livro. Ele faz pedido de concha também de um livro, e elas tão esparramada por todo o lado.

Ele num fala muito sobre elas enquanto a gente tá olhando, mas ele segura cada uma como se ela tivesse acabado de chegar.

Shug uma vez tinha uma concha do mar, ele falou. Faz muito tempo, quando a gente primeiro se conheceu. Uma coisa branca e grande parecida com um leque. Ela inda gosta de concha? ele perguntou.

Não, eu falei, agora ela gosta é de elefante.

Ele esperou um pouco, botou as concha de volta no lugar. Aí ele me perguntou, Você gosta de alguma coisa em especial?

Eu gosto de passarinho, eu falei.

Você sabe, ele falou, você costumava me fazer lembrar de um passarinho tempo atrás quando você chegou pra morar comigo. Você era tão magrinha, Deus do Céu, ele falou. E qualquer coisa que acontecia, você parecia pronta pra voar pra longe.

Você viu isso, eu falei.

Eu vi, ele falou, só queu era muito idiota pra me importar.

Bom, eu falei, a gente sobreviveu.

A gente inda é marido e mulher, você sabe, ele falou.

Não, eu falei, a gente nunca foi.

Você sabe, ele falou, você parece muito bunita desde que Shug foi pra Memphis.

É, eu falei. Shug tomou conta direitinho de mim.

Como é que você ganhou a vida por lá? ele perguntou.

Fazendo calça, eu falei.

Ele falou, Eu reparei todo mundo da família quase que só usando calça que você fez. Mas você quer dizer que você fez um negócio disso?

É isso mesmo, eu falei. Mas eu comecei mesmo foi aqui na sua casa pra num matar você.

Ele olhou pro chão.

Shug me ajudou a fazer o primeiro par queu fiz, eu falei. E aí, como uma boba, eu comecei a chorar.

Ele falou, Celie, me fala a verdade. Você num gosta de mim porque eu sou homem?

Eu assuei meu nariz. Tire as calça deles, eu falei e os homem ficam parecendo sapo, eu acho. Num importa o tanto que você beija eles, pelo que sei, sapo é o que eles continuam sendo.

Tô entendendo, ele falou.

Na hora queu voltei pra casa eu tava sentindo tão mal que num pude fazer nada a num ser durmir. Eu tentei trabalhar numas calça nova queu tô tentando fazer pra mulher grávida, mas só o pensamento de alguém ficando de barriga me faz querer chorar.

Sua irmã,

Celie

Querida Nettie,

A única carta que Sinhô___ botou diretamente na minha mão foi um telegrama que veio do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Ele diz que o navio que trazia você e as criança e seu marido da África foi afundado por minas alemã perto da costa de um lugar chamado Gilbraltar. Eles acham que todos vocês se afogaram. Além disso, no mesmo dia, todas as carta que eu escrevi pra você todos esses ano voltaram fechada.

Eu fico sentada aqui sozinha nessa casa enorme, tentando custurar, mas de que vai adiantar custurar? O que vai adiantar qualquer coisa? Começa a parecer que é difícil demais continuar a viver.

Sua irmã,

Celie

Minha querida Celie,

Tashi e a mãe dela fugiram. Elas foram se juntar aos *mbeles*. O Samuel e as crianças e eu estávamos discutindo o assunto ontem, e percebemos que nós nem sabemos com certeza se os *mbeles* existem. Tudo que sabemos é que dizem que eles vivem no interior da floresta, que eles aceitam fugitivos, e que eles atacam as plantações dos homens brancos e tentam destruí-los ou pelo menos fazer com que eles se retirem desse continente.

Adam e Olivia estão com o coração partido porque eles amam e sentem falta da Tashi, e porque ninguém que se juntou aos *mbeles* jamais voltou. Nós tentamos mantê-los ocupados por perto da aldeia e porque está tão cheio de malária nessa época do ano, eles têm muito o que fazer. Ao destruírem os campos de inhame dos Olinka e os substituírem por lataria e comidas em pó, os plantadores destruíram a única coisa que os fazia resistentes à malária. É claro, eles não sabiam disso, eles só queriam tomar as terras para a borracha, mas os Olinka comem inhames para prevenir contra a malária e controlar a doença do sangue crônica há milhares e milhares de anos. Deixados sem uma quantidade suficiente de inhame, o povo — o que restou deles — está adoecendo e morrendo a uma velocidade alarmante.

Para falar a verdade, eu temo por nossa própria saúde. Mas o Samuel acha que nós provavelmente vamos estar bem, pois já lutamos contra a malária nos

primeiros anos de nossa chegada aqui.

E como vai você, querida irmã? Quase trinta anos já se passaram sem uma palavra entre nós. Por tudo que sei, você pode estar morta. Com a hora de voltarmos para casa se aproximando, Adam e Olivia fazem perguntas sem fim sobre você. Às vezes eu falo para eles que Tashi me lembra você. E já que não existe para eles ninguém melhor que Tashi, eles ficam radiantes. Mas você ainda terá o mesmo espírito aberto e honesto da Tashi, eu fico imaginando, quando nós nos encontrarmos novamente? Ou será que a criação dos filhos e o abuso do Sinhô___ conseguiram destruí-la? Esses são pensamentos que eu não sigo com as crianças, somente com meu amado companheiro, Samuel, que me aconselha a não me preocupar, confiar em Deus, e a ter fé na alma resoluta de minha irmã.

Deus é diferente para nós agora, depois de todos esses anos na África. Mais espírito do que antes, e mais interno. Quase todo mundo acha que ele parece com alguma coisa ou com alguém — uma folha-de-teto ou Cristo — mas nós não. E não estar amarrados ao que Deus parece, nos libertou.

Quando voltarmos para os Estados Unidos nós vamos conversar longamente sobre isso, Celie. E talvez o Samuel e eu fundemos uma nova igreja na nossa comunidade, que não tenha ídolos nem nada parecido e onde o espírito de cada pessoa vai ser encorajado a se encontrar diretamente com Deus, sua crença de que isso é possível sendo fortalecida por nós como pessoas que também acreditam.

Há pouco para se fazer aqui como divertimento, como você pode imaginar. Nós lemos jornais e revistas que chegam de casa, jogamos alguns jogos africanos com as crianças. Ensaíamos as crianças africanas em algumas partes das peças de Shakespeare — Adam foi sempre muito bom fazendo Hamlet no seu famoso solilóquio do Ser ou não Ser. A Corrine tinha noções firmes sobre o que as crianças deviam aprender e conseguiu que toda boa obra anunciada no

jornal fizesse parte da biblioteca deles. Eles sabem muita coisa, e eu penso que não vão se chocar com a sociedade americana, exceto com o ódio à gente preta, o que aparece muito claramente nas notícias. Mas eu me preocupo com a independência de opinião e franqueza no falar muito africanas, e com o extremo egoísmo deles.

E nós vamos ser pobres, Celie, e vão se passar anos, sem dúvida, antes que nós tenhamos nossa própria casa. Como eles vão reagir à hostilidade dirigida a eles, tendo sido criados aqui? Quando eu penso neles nos Estados Unidos, eu os vejo bem mais jovens do que aparentam ser aqui. Muito mais ingênuos. O mais terrível que temos que enfrentar aqui é a indiferença e uma certa superficialidade compreensível nos nossos relacionamentos — excluindo nosso relacionamento com Catherine e Tashi. Afinal, os Olinka sabem que nós podemos partir mas eles têm que ficar. E, é claro nada disso tem a ver com cor. E_____.

Querida Celie,

Ontem à noite eu parei de escrever porque Olivia entrou me dizendo que Adam sumiu. Ele só pode ter ido atrás da Tashi.

Reze pela segurança dele.

Sua irmã,

Nettie

Minha querida Nettie,

Tem vez que eu acho que a Shug nunca me amou. Eu fico de pé parada na frente do espelho olhando pra mim nua. O que ela poderia amar? eu pergunto pra mim mesma. Meu cabelo é curto e pinxaim porque eu num estico ele mais. Uma vez a Shug falou que ela gostava assim e num precisava. Minha pele é escura. Meu nariz é apenas um nariz. Meus lábio é só lábio. Meu corpo é só um corpo de mulher passando pelas mudança da idade. Nada especial aqui pra alguém amar. Nada de cabelos enrolado cor de mel, nada de bunitinho. Nada novo ou jovem. Mas meu coração deve ser novo e jovem pois parece que ele floresce com a vida.

Eu converso muito comigo, de pé na frente do espelho. Celie, eu falo, a felicidade no seu caso foi só um engano. Só porque você nunca tinha tido felicidade antes da Shug, você pensou que já era tempo de ser um pouco feliz, e que ia durar pra sempre. Até pensou que as árvore tavam com você. A terra inteira. As estrela. Mas olha só pra você. Quando a Shug partiu, a felicidade desapareceu.

Tem vez que eu recebo cartão postal da Shug. Ela e Germaine em Nova York, na Califórnia. Indo visitar Mary Agnes e Grady no Panamá.

Sinhô___ parece que é o único que entende como eu me sinto.

Eu sei que você me odeia por ter separado você da Nettie, ele falou. E agora ela tá morta.

Mas eu num odeio ele, Nettie. E eu num acredito que você tá morta. Como você tá morta se eu inda sinto você? Talvez, como Deus, você se tornou uma coisa diferente com que vou ter que falar de um jeito diferente. Mas você num tá morta pra mim, Nettie. E nunca vai tá. Tem vez quando eu fico cansada de falar sozinha queu falo com você. Eu até tento também chegar até nossas criança.

Sinhô___ inda num acredita queu tenha filho. De onde você arrumou essas criança? ele perguntou.

Meu padrasto, eu falei.

Você quer dizer que ele sabia que foi ele que fez mal pra você todo esse tempo? ele perguntou.

É, eu falei.

Sinhô___ sacudiu a cabeça.

Depois de toda a maldade que ele já fez eu sei que você fica espantada porque eu num odeio ele. E num odeio ele por duas razão. Uma, ele ama Shug. E duas, Shug amava ele. E além disso, porque parece que ele tá tentando fazer alguma coisa dele mesmo. Eu num digo isso só porque ele tá trabalhando e faz a limpeza e aprecia algumas coisa que Deus criou por diversão. Eu digo porque quando você fala com ele agora ele escuta realmente, e uma vez, quando a gente tava conversando, ele falou de repente, Celie, eu tô convencido que essa é a primeira vez queu tô vivendo na terra como um homem de verdade. É uma experiência nova.

A Sofia e o Harpo sempre tão tentando me casar de novo com algum homem. Eles sabem que eu amo a Shug mas pensam que amor entre mulher é só por um acaso, e qualquer uma à mão deve servir. Toda vez queu vou no Harpo's um vendedorzinho todo educado fica encima de mim. Sinhô___ tem

que vir me ajudar. Ele fala pro homem, Essa senhora é minha esposa. O homem desaparece porta afora.

A gente senta, toma uma bebida gelada. Conversa dos nossos tempo com a Shug. Conversa da vez que ela chegou em casa doente. Da musiquinha sacana que ela costumava cantar. De todas as boas noitada que a gente passou no Harpo's.

Você já tinha começado a custurar bem nesse tempo, ele fala. Eu lembro dos vistido bonito que a Shug usava.

É, eu falei. Shug sabe como usar um vistido.

Lembra da noite que a Sofia quebrou os dente da Mary Agnes? ele perguntou.

Quem pode esquecer? eu falei.

A gente num fala nada dos problema da Sofia. Disso a gente inda num consegue rir. Além do mais, Sofia continua tendo problema com aquela família. Bom, problema com a dona Eleanor Jane.

Você num sabe, Sofia fala, o que essa minina me fez passar. Você lembra como ela costumava vir atrás de mim toda vez que ela tinha um problema em casa? Bom, depois, ela começou a vir atrás sempre que qualquer coisa boa acontecia. Logo que ela pescou aquele homem com quem ela casou, veio correndo pra mim. Ah, Sofia, ela falou, você tem que conhecer o Stanley Earl. E antes queu pudesse dizer qualquer coisa, lá tava o Stanley Earl no meio da minha sala.

Como vai, Sofia, ele falou, sorrindo e esticando a mão. A Eleanor Jane já me falou tanto de você.

Eu fico imaginando se ela falou pra ele que eles me faziam dormir debaixo da casa, Sofia falou. Mas eu num perguntei. Eu tentei ser educada e gentil. Henrietta aumentou o volume do rádio no quarto de trás. Eu tive quase que gritar pra ser ouvida. Eles ficaram lá olhando as fotografia das criança

pinduradas na parede e falando como os meus minino ficam bem nas farda do exército.

Onde eles tão lutando? o Stanley Earl queria saber.

Eles tão no serviço aqui mesmo na Geórgia, eu falei. Mas logo eles vão ir pro estrangeiro.

Ele perguntou se eu sabia em que parte do mundo eles vão ficar? França, Alemanha ou no Pacífico?

Eu num sei onde fica nenhum desses lugar, então eu falei, Não. Ele falou que ele queria ir lutar mas tem que ficar cuidando da plantação de algodão do pai dele.

O exército tem que usar muita roupa, ele falou, se for lutar na Europa. Pena que eles num tão lutando na África. Ele ri. Eleanor Jane sorri. Henrietta bota o rádio no volume mais alto que tem. O rádio toca uma música de branco bem sem graça sobre num sei o que. O Stanley Earl estala os dedo e tenta bater no chão com um pé enorme. Ele tem uma cabeça longa que sai retinha do corpo e o cabelo cortado tão curto que fica em pé. Os olho dele é de um azul bem claro e quase nem pisca. Meu Deus, eu penso.

A Sofia praticamente me criou, Eleanor Jane fala. Num sei o que teria sido da gente sem ela.

Bom, Stanley Earl fala, todo mundo por aqui foi criado por um negro. É por isso que a gente cresceu tão bem. Ele pisca pra mim e fala pra Eleanor Jane, Bom, benzinho, é hora da gente ir andando.

Ela levantou como se alguém tivesse enfiado um alfinete nela. Como vai a Henrietta? ela perguntou. Aí ela cochichou, Eu trouxe pra ela uma coisa com inhame tão escondido que ela nunca vai suspeitar. Ela correu pro carro e voltou com uma panela de atum.

Bom, Sofia falou, uma coisa a gente tem que dizer da Eleanor Jane, os prato que ela prepara quase sempre enganam a Henrietta. E isso é muito importante

pra mim. É claro que eu nunca conto pra Henrietta de onde eles vêm. Se eu contasse, eles iam direto pela janela. Ou então ela vomitava, como se eles tivessem feito ela ficar doente.

Mas finalmente chegou o fim pra Sofia e dona Eleanor Jane, eu acho. E num teve nada a ver com a Henrietta, que odeia tudo que tem a ver com a Eleanor Jane. Foi a própria Eleanor Jane e o nenê que ela foi e teve. Toda vez que Sofia virava lá tava Eleanor Jane enfiando o Reynolds Stanley Earl na cara dela. Ele é uma coisinha branca gordinha com tão pouco cabelo que até parece que tá indo pro exército.

Num é um amor o Reynoldinho? Eleanor Jane falava pra Sofia. Papai adora ele, ela falou. Adora ter um neto com o nome dele e que é a cara dele também.

Sofia num falava nada, continuava lá passando a roupa da Suzie Q e da Henrietta.

E ele é tão esperto, Eleanor Jane falava. Papai falou que ele nunca viu um nenê tão inteligente. A mãe do Stanley Earl diz que ele é mais inteligente do que o Stanley Earl quando ele tinha essa idade.

Sofia continuava quieta.

Finalmente Eleanor Jane reparou. E você sabe como são os branco, num deixam ninguém em paz. Quando eles querem muito uma coisa, eles num sossegam até conseguir, mesmo se isso for matar você.

Sofia tá muito calada essa manhã, Eleanor Jane falou, como se tivesse falando com o Reynolds. Ele olha pra ela com os olhão dele.

Você num acha que ele é um amor? ela perguntou de novo.

Ele é bem gordo, Sofia falou, virando o vestido que ela tava passando.

Mas ele é um amor também, Eleanor Jane falou.

É o mais gordo que pode, Sofia falou. E é alto.

Mas ele é um amor também, Eleanor Jane falou. E ele é inteligente. Ela vai e dá um beijo na cabecinha dele. Ele passa a mãozinha na cabeça e fala buuu.

Ele num é o nenê mais esperto que você já viu? ela perguntou pra Sofia.

Ele tem a cabeça de um tamanho bom, Sofia falou. Você sabe que muita gente dá muito valor ao tamanho da cabeça. Num tem muito cabelo também. Com certeza ele num vai ficar com calor nesse verão. Ela dobra a roupa que tava passando e bota na cadeira.

Ele é mesmo um amor, e é inteligente, engraçadinho e *inocente*, Eleanor Jane falou. Você num adora ele? ela perguntou assim direto pra Sofia.

Sofia suspirou. Largou o ferro. Olhou pra Eleanor Jane e pro Reynolds Stanley. Esse tempo todo eu tava num canto com a Henrietta, jogando cartas. Henrietta fazia de conta que a dona Eleanor Jane tava morta, mas nós duas escutam o jeito como a Sofia largou o ferro. O barulho que ela fez parecia familiar e estranho ao mesmo tempo.

Não senhora, Sofia falou. Eu num adoro o Reynolds Stanley Earl. Bom. É isso que você tá tentando saber desde que ele nasceu. Então agora você sabe.

Eu e a Henrietta olhamo pra cima. A dona Eleanor Jane botou o Reynolds Stanley bem depressa no chão onde ele tava engatinhando e derrubando todo tipo de coisa. Ele vai direto pro monte de roupa que a Sofia tinha acabado de passar e puxa tudo pra cima da cabeça dele. Sofia pega as roupa, arruma tudo direitinho, e fica de pé junto da tábua de passar com o ferro na mão. Sofia é o tipo da pessoa que qualquer coisa que ela pega na mão fica parecendo uma arma.

Eleanor Jane começa a chorar. Ela sempre gostou da Sofia. Se num fosse ela, Sofia num tinha conseguido sobreviver morando na casa do pai dela. Mas e daí? Sofia nunca quis ficar lá, em primeiro lugar. Nunca quis deixar os próprio filho.

Tarde demais pra chorar, dona Eleanor Jane, Sofia falou. Tudo que a gente pode fazer agora é rir. Olha pra ele, ela falou. E ela começou a rir. Ele inda num sabe nem andar e já táqui na minha casa fazendo bagunça. Eu pedi pra ele vir?

E eu lá me importo se ele é uma gracinha ou não? O queu penso vai fazer alguma diferença na maneira que ele vai me tratar quando crescer?

Você num gosta dele porque ele parece com papai, a dona Eleanor Jane falou.

Você é que num gosta dele porque ele parece o *seu* pai, Sofia falou. Eu num sinto nada por ele. Eu num amo ele. Eu num odeio ele. Eu só queria que ele num ficasse solto o tempo todo bagunçando as coisa dos outro.

O tempo todo! O tempo todo! A dona Eleanor Jane falou. Sofia, ele é só um bebê. Num tem nem um ano. Ele só veio aqui cinco ou seis vezes.

Pra mim é como se ele tivesse sempre aqui, Sofia falou.

Eu num entendo, dona Eleanor Jane falou. Toda mulher negra queu conheço gosta de criança. Esse seu jeito num é normal.

Eu gosto de criança, Sofia falou. Mas toda mulher negra que falou que ama o seu filho tá mentindo. Elas num amam o Reynolds Stanley nem um pouco mais do que eu. Mas se você é tão mal-educada a ponto de perguntar pra elas, o que você esperava que elas respondesse? Tem negro que tem tanto medo dos branco que é bem capaz de dizer que gosta até da plantação de algodão.

Mas ele é só um nenê! Eleanor Jane falou como se dizendo isso fosse resolver tudo.

O que você quer de mim? Sofia falou. Eu gosto de você porque de todo mundo da casa do seu pai você foi a única que mostrou alguma bondade humana. Mas por outro lado, de todo mundo da casa do seu pai, você também foi a única que recebeu alguma coisa de mim. Bons sentimento é tudo queu tenho pra oferecer pra você. Eu num tenho nada pra oferecer pros seus parente, só o que eles oferecem pra mim. Eu num tenho nada pra oferecer pra ele.

Reynolds Stanley já tava encima do catre da Henrietta parecendo que ia currar o pé dela. Depois ele começou a mascar a perna dela e a Henrietta esticou a mão pro parapeito da janela e pegou uma bolacha pra ele.

Eu sinto que você é a única pessoa que gosta de mim, Eleanor Jane falou. Mamãe só gosta do Júnior, ela falou. Porque é dele que papai gosta mesmo.

Bom, você tem seu próprio marido pra amar você agora.

Parece que ele num ama nada além daquela plantação de algodão, ela falou. Dez da noite e ele inda tá lá trabalhando. Quando ele num tá trabalhando, tá jogando pôquer com os amigo. Meu irmão vê mais o Stanley Earl que eu.

Quem sabe você deve largar ele, Sofia falou. Você tem parentes em Atlanta, vai pra lá ficar com eles. Arranja um trabalho.

A dona Eleanor Jane sacode o cabelo pra trás, faz de conta que nem escutou isso, uma ideia tão doida.

Eu tenho os meus próprio problema, Sofia falou, e quando o Reynolds Stanley crescer, ele vai ser um deles.

Mas ele num vai ser, a dona Eleanor Jane falou. Eu sou a mãe dele e num vou deixar ele ser ruim pros negro.

Você e que exército? Sofia falou. A primeira palavra que ele vai falar na certa num vai ser nada que ele vai aprender de você.

Você tá me dizendo que eu num vou poder nem amar meu próprio filho, a dona Eleanor Jane falou.

Não, Sofia falou. Num é isso que eu tô falando. Eu tô falando que *eu* num vou poder amar o seu próprio filho. Você pode amar ele o tanto que você quiser. Mas seja pronta pras consequência. É assim que os negro vivem.

O pequeno Reynolds Stanley tá todo encima da cara da Henrietta agora, babando e chupando. Tentando beijar. A qualquer momento eu acho que ela vai bater nele pra valer. Mas ela fica bem quietinha enquanto ele examina ela. De vez enquanto ele parece que tá olhando ela bem no olho. Aí com um pulo ele senta no peito dela e sorri. Ele pega uma das carta de baralho e tenta dar uma mordida.

Sofia vem e tira ele de cima dela.

Ele num tá me chatiando não, Henrietta fala. Ele tava fazendo cosquinha.

Mas ele tá me chatiando, Sofia falou.

Bom, a dona Eleanor Jane falou pro nenê, pegando ele, nós num somo bem-vindo aqui. Ela falou isso com muita tristeza mesmo, como se ela num tivesse mais nenhum outro lugar pra ir.

Obrigada por tudo que você fez pela gente, Sofia falou. Ela também num parecia lá muito bem, e até um pouco d'água tava no canto do olho dela. Depois que a dona Eleanor Jane e o Reynolds Stanley foram embora, ela falou, É nessas hora assim que a gente sabe que num foi a gente que fez esse mundo. E todos esses negro falando de amar todo mundo inda num olharam direito pro que eles pensam que tão falando.

Então, o que tem mais de novidade?

Bom, sua irmã é louca demais pra se matar. Quase sempre eu fico me sentindo como uma merda mas eu já senti como merda antes na minha vida e o que aconteceu? Eu tive uma linda irmã chamada Nettie. Eu tive uma outra linda amiga chamada Shug. Eu tive umas lindas criança crescendo na África, cantando e escrevendo verso. Os primeiro dois meses foram um inferno, eu posso dizer pro mundo. Mas agora os seis meses da Shug vieram e passaram e ela num voltou. E eu tento ensinar meu coração a num querer nada que ele num pode ter.

Além disso, ela me deu tantos ano bom. E mais, ela tá aprendendo coisas nova na nova vida dela. Agora ela e o Germaine tão morando com um dos filho dela.

Querida Celie, ela escreveu pra mim, Eu e Germaine fomo parar em Tucson, Arizona, onde um dos meus filho tá vivendo. Os outro dois tão vivo e tão bem mas num quiseram me ver. Alguém falou pra eles queu vivo uma má vida. Esse aqui falou que ele queria ver a mãe dele, fosse o que fosse. Ele vive numa casinha redonda de barro do jeito que tem muito por aqui, chamado

adobe, então você sabe queu tô me sentindo como em casa (sorriso). Ele é um professor também e trabalha na reserva indígena. Eles chamam ele de Homem Branco Preto. Eles tem uma palavra que significa isso também, e isso chateia muito ele. Mas mesmo quando ele tenta falar pra eles como ele se sente, eles num parecem se importar. Eles são tão alheios que nada que um estranho fala importa muito. Quem num for índio num tem valor nenhum pra eles. Eu odeio ver ele magoado assim, mas essa é a vida.

Foi o Germaine que teve a ideia de procurar meus filho. Ele reparou como eu sempre gosto de vistir ele e de brincar com o cabelo dele. Ele num fez essa sugestão de maldade. Ele só falou que se eu soubesse como os meus filho tavam, eu na certa ia me sentir melhor na vida.

Esse filho com quem a gente tá ficando chama James. O nome da mulher dele é Cora Mae. Eles tem dois filho chamados Davis e Cantrell. Ele falou que achava engraçado na mãe dele (minha mãe) que ela e o vovô eram tão velho e bravo e empacado no jeito deles. Mas mesmo assim, ele sentia muito amor da parte deles, ele falou.

É, meu filho, eu falei pra ele. Eles tinham muito amor pra dar. Mas além de amor eu precisava de compreensão. Eles tinham pouco disso.

Eles *tão* mortos agora, ele falou. Há nove ou dez anos. Eles mandaram todos nós pra escola até quando puderam.

Você sabe queu nunca penso na mãe e no pai. Você sabe como eu acho que sou durona. Mas agora que eles tão mortos e eu vejo que meus filho tão bem, eu gosto de pensar neles. Talvez quando eu voltar eu possa colocar umas flor no túmulo deles.

Ah, ela agora escreve pra mim quase toda semana. Cartas longa e cheia de novidades, e de coisas que ela achava que tinha esquecido. E mais, as coisa sobre o deserto e os índio e as montanha rochosa. Eu queria tá viajando com ela, mas graças a Deus ela pode fazer isso. Tem vez que eu morro de raiva dela.

Sinto que eu bem que podia arrancar os cabelos da cabeça dela. Mas aí eu penso, a Shug tem direito de viver também. Ela tem o direito de ver o mundo em qualquer companhia que ela escolher. Só porque eu amo ela, não tira nenhum dos direitos que ela tem.

A única coisa que me chateia é que ela nunca fala nada de voltar. E eu sinto falta dela. Eu sinto tanta falta da amizade dela que se ela quisesse voltar arrastando o Germaine, eu dava as boas-vindas para os dois, ou morria tentando. Quem sou eu para dizer para ela quem ela deve amar? Meu negócio é só amar muito ela e de verdade, eu mesma.

Sinhô___ perguntou para mim outro dia o que é que eu amo tanto na Shug. Ele falou que ama o jeito dela. Ele falou que, para falar a verdade, Shug tem mais jeito de homem que a maioria dos homens. Eu quero dizer que ela é direta, honesta. Fala o que pensa e o diabo que leve o resto, ele falou. Você sabe que a Shug é de briga, ele falou. Igualzinho a Sofia. Ela tá decidida a viver a vida dela e ser ela mesma não importa o quê.

Sinhô___ acha que tudo isso é jeito de homem. Mas o Harpo não é assim, eu falo para ele. Você não é assim. O que Shug faz é coisa de mulher, eu acho. Principalmente porque ela e a Sofia é que são as pessoas que têm esse jeito.

Sofia e Shug não são como os homens, ele falou, mas elas também não são como as mulheres.

Você quer dizer que elas não são nem como você nem como eu.

Elas não dependem de ninguém, ele falou. E isso é diferente.

O que eu amo mais na Shug é o que ela já passou, eu falei. Quando você olha nos olhos da Shug você sabe que ela passou pelo que passou, que ela viu o que viu, fez o que fez. E agora ela sabe.

Isso é verdade, Sinhô___ falou.

E se você ficar no caminho dela, ela vai e fala com você.

Amém, ele falou. Aí ele falou uma coisa que de verdade me deixou surpresa porque foi tão refletido e cheio de sentido. Quando se trata do que as pessoa fazem junto com o corpo delas, quem é que vai saber como são as coisa. Mas quando se trata de amor, eu sei como é. Eu amei e eu fui amado. E eu agradeço a Deus por ele ter feito eu compreender que o amor num acaba só porque tem gente que range os dente. Eu num fico surpreso por você amar Shug Avery, ele falou. Eu amei Shug Avery a vida toda.

Que pedra acertou em você? eu perguntei.

Num foi pedra, ele falou. Só experiência. Você sabe, todo mundo é capaz de aprender um pouco cedo ou tarde. Tudo que é prciso fazer é viver. E eu comecei a ter minha parte bem pesada mais ou menos desde quando eu falei pra Shug que era verdade queu batia em você porque você era você e não ela.

Eu contei pra ela, eu falei.

Eu sei, ele falou, e eu num culpo você. Se uma mula pudesse falar pros outro como ela é tratada, ela falava. Mas você sabe, tem mulher que ia até gostar de saber que seu homem bate na esposa dele porque a esposa dele num é ela. Shug uma vez foi assim com Annie Julia. Nós dois bagunçamo a vida da minha primeira esposa. E ela nunca contou pra ninguém. E pior, ela num tinha ninguém pra contar. Depois que casaram ela comigo, o pessoal dela fez como se tivesse jogado ela cisterna abaixo. Ou pra fora da face da terra. Eu num queria ela. Eu queria a Shug. Mas meu pai era o patrão. Ele me deu a esposa que ele queria queu tivesse.

Mas a Shug defendeu você, Celie, ele falou. Ela falou, Albert você tá maltratando uma pessoa queu amo. Então pra você, eu num tô mais aqui. Eu num podia acreditar, ele falou. Até então, a gente sempre teve fogo um pro outro, como duas pistola. Disculpa, ele falou. Mas era assim. Eu tentei rir do assunto. Mas ela tava falando sério.

Eu tentei gozar a cara dela. Você num ama a velha idiota da Celie, eu falei. Ela é feia e magra e nem pode se comparar com você. Ela num sabe nem trepar.

Porque queu fui falar aquilo. Pelo que ela me conta, Shug falou, ela num tem nenhuma razão pra trepar. Você entra e sai como um coelho na toca. E mais, ela falou, Celie contou que você nem sempre tá limpo. E ela virou o nariz.

Eu queria matar você, Sinhô ___ falou, e eu dei mesmo uns tapa em você umas vez por conta disso. Eu num entendia por que você e Shug se davam tão bem juntas e isso me chatiava o diabo. Quando ela era grossa e má com você, eu entendia. Mas quando eu olhava e via vocês duas sempre arrumando o cabelo uma da outra, comecei a ficar preocupado.

Ela inda gosta de você, eu falei.

É, ele falou. Ela gosta de mim como se eu fosse irmão dela.

O que tem de ruim nisso? eu perguntei. Os irmão dela num gostam dela?

Eles são uns palhaço, ele falou. Eles inda agem como o idiota queu fui.

Bom, eu falei, todos nós temo que começar de algum lugar se a gente quer melhorar, e é o nosso próprio ser que a gente tem pra segurar.

Eu fico mesmo triste por ela ter deixado você, Celie. Eu lembro como senti quando ela me deixou.

Aí o velho diabo botou os braço dele em volta de mim e a gente ficou lá bem quieto na varanda. Depois, eu encostei meu pescoço duro no ombro dele. Aqui tamo nós, eu pensei, dois velho bobo deixados pelo amor, fazendo companhia um pro outro debaixo das estrela.

Noutras vezes, ele quer saber dos meus filho.

Eu contei pra ele que você falou que os dois usam túnicas longa, parecida com vistido. Isso foi no dia que ele veio me visitar quando eu tava custurando e perguntou pra mim o que as minha calça tinham de tão especial.

Qualquer pessoa pode usar elas, eu falei.

Homem e mulher num devem vistir a mesma coisa, ele falou. Homem é que deve vistir calça.

Então, eu falei, você devia ir falar isso pros homem da África.

Falar o quê? ele perguntou. Foi a primeira vez que ele pensou no que os africanos fazem.

O povo da África tenta vistir o que fica confortável no calor, eu falei. Claro, os missionário tem lá as ideia deles sobre as roupa. Mas se deixar com os africano, eles vestem quase nada às vezes, ou muito, de acordo com a Nettie. Mas tanto homem como mulher bem que apreciam um vistido novo.

Túnica você falou antes, ele falou.

Túnica, vistido. Num é calça, de qualquer maneira.

Bom, ele falou. Diabos.

E os homem também custuram na África, eu falei.

Eles custuram? ele perguntou.

É, eu falei. Eles num são tão atrasados como os homem daqui.

Quando eu era piqueno, ele falou, eu costumava custurar junto com mamãe porque era isso que ela sempre tava fazendo. Mas todo mundo ria de mim. Mas sabe, eu gostava de custurar.

Bom, ninguém vai rir de você agora, eu falei. Toma, me ajuda a linhavar esses bolso.

Mas eu num sei como é, ele falou.

Eu mostro procê, eu falei. E mostrei.

Agora a gente fica aqui sentado, custurando, conversando e fumando cachimbo.

Imagina, eu falei pra ele, o povo da África onde a Nettie e as criança tão acreditam que os branco são filho dos preto.

Não, ele falou, como se isso fosse interessante mas o pensamento dele tava mesmo era no próximo ponto.

Eles deram outro nome pro Adam assim que eles chegaram lá. Eles falaram que os missionário que tinham ido antes da Nettie e eles chegarem contaram pra eles tudo que eles sabiam sobre Adão do ponto de vista dos branco. Mas eles sabiam quem era o Adão do próprio ponto de vista deles. E há muito mais tempo.

E quem era? Sinhô___ perguntou.

O primeiro homem que era branco. Num era o primeiro homem. Eles falam que ninguém é tão louco pra achar que pode saber quem foi o primeiro homem. Mas todo mundo reparou no primeiro homem branco porque ele era branco.

Sinhô___ franze a sombrancelha, olha pras linha de cor diferente que a gente tem. Bota a linha na agulha, passa o dedo na língua, faz um nó.

Eles falam que todo mundo antes de Adão era preto. Daí um dia uma mulher, que eles mataram logo em seguida, apareceu com esse nenê sem cor. Eles primeiro pensaram que fosse alguma coisa que ela tinha comido. Mas depois outra mulher teve um e também as mulheres começaram a ter gêmeo. Então o povo começou a matar esses nenê branco e esses gêmeo. Então na verdade Adão num foi nem o primeiro homem branco. Ele só foi o primeiro homem branco que o povo num matou.

Sinhô___ olhou pra mim bem pensativo mesmo. Ele num é um homem feio, você sabe, quando você repara bem. E agora começou mesmo a parecer que ele tem sentimento escondido atrás do rosto.

Bom, eu falei, você sabe que o povo preto até hoje inda tem o que eles chamam de albino. Mas você nunca ouviu falar do povo branco tendo qualquer coisa preta a num ser quando algum homem preto andou se misturando. E nenhum povo branco tava na África muito tempo atrás quando tudo isso aconteceu.

Então esses Olinka ficaram sabendo de Adão e Eva através dos missionário branco e eles ouviram falar de como a serpente enganou Eva e de como Deus

expulsou os dois do Paraíso. E eles tavam muito curiosos sobre isso porque depois que eles expulsaram as criança branca da aldeia eles nunca mais tinham pensado nelas. A Nettie falou uma coisa sobre os africano, Longe dos olho, longe do pensamento. E outra coisa, eles num gostam de nada em volta deles agindo diferente ou parecendo diferente. Eles querem que todo mundo seja igual. Então você sabia que alguém que fosse branco num ia durar muito. Ela falou que ela acha que o povo africano jogou fora o povo Olinka branco por causa da parência deles. Eles expulsaram gente como a gente, os que viraram escravo, pelo jeito que eles agiam. Parece que essa gente num fazia nada certo num importa o tanto que tentasse. Bom, você sabe como os negro são. Ninguém pode dizer nada pra eles até hoje. Eles num querem ser mandado. Todo negro que você vê tem um reino na cabeça.

Mas imagina o que mais, eu falei pro Sinhô____. Quando os missionário chegaram na parte que Adão e Eva tavam nu, o povo Olinka quase morreu de rir. Principalmente porque os missionário tentaram fazer que eles vistissem as roupa por causa disso. Eles tentaram explicar pros missionário que foram *eles* que expulsaram Adão e Eva da aldeia porque eles tavam nu. A palavra que eles usam pra *nu* é branco. Mas já que eles tão coberto pela cor eles num tão nu. Eles disseram que qualquer um olhando prum branco pode dizer que ele tá nu, mas o povo preto num tá nu porque eles nem podem ficar nu porque eles num são branco.

É, Sinhô____ falou. Mas eles tavam errado.

Certo, eu falei. Adão e Eva provam isso. O que eles fizeram, esse povo Olinka, foi expulsar os próprios filho, só porque eles eram um pouco diferente.

Eu aposto que eles inda fazem o mesmo tipo de coisa até hoje, Sinhô____ falou.

Ah, do jeito que a Nettie conta, esses africano são uma confusão. E você sabe o que a Bíblia fala, o fruto num cai muito longe da árvore. E tem mais, eu

falei. Imagina quem eles falam que a serpente era?

A gente, sem dúvida, Sinhô___ falou.

Certo, eu falei. Os branco, filho de peixe, peixinho é. Eles ficaram tão furioso por terem sido expulso e de dizerem que eles tavam nu que dicidiram esmagar os negro onde quer que eles encontrassem os negro, assim como fariam com uma serpente.

Você acha? Sinhô___ perguntou.

Isso é o que esses Olinka falam. Eles falam que do jeito que eles sabem da história antes das criança branca começarem a chegar, eles também sabem o futuro depois que o maior deles for embora. Eles dizem que eles conhecem essas criança em particular e que elas vão matar umas as outras, elas inda tão brava demais porque não foram querida. Elas vão matar outras pessoa que também tem alguma cor. Na verdade, elas vão matar tanto na terra e tantos negro que todo mundo vai começar a odiar eles como eles odeiam a gente hoje. Aí eles vão ser a nova serpente. E sempre que alguém encontrar um branco em algum lugar, ele vai ser esmagado por quem que num é branco, exatamente como eles fazem com a gente hoje. E algumas pessoa entre os Olinka acham que a vida vai continuar assim pra sempre. E que a todo milhão de ano mais ou menos alguma coisa vai acontecer na terra e o povo vai mudar de aparência. As pessoas podem começar a ter duas cabeça um dia, pelo o que a gente sabe, e aí quem tem só uma cabeça vai expulsar todos eles pra outro lugar. Mas alguns deles num pensam assim. Eles acham que depois que a maioria do povo branco já num tiver mais na terra, o único jeito de parar de fazer alguém virar serpente vai ser todo mundo aceitar todo mundo como filho de Deus, ou como filho de uma só mãe, num importando o jeito que eles são ou de como agem. E imagina o que mais da serpente?

O quê? ele perguntou.

Esse povo Olinka adora ela. Eles falam quem sabe, talvez, ela seja nosso parente. Mas com toda certeza é a coisa mais inteligente, mais limpa, mais rápida que eles já viram.

Esse povo na certa deve ter um monte de tempo só pra sentar e pensar, Sinhô___ falou.

A Nettie contou que eles são muito bons pra pensar, eu falei. Mas eles pensam tanto em termos de milhões de ano que têm dificuldade pra conseguir atravessar um ano só.

E então que nome eles deram pro Adam?

Alguma coisa que tem o som de Omatangu, eu falei. Quer dizer, um homem não nu mais ou menos perto do primeiro que Deus fez que sabia o que ele era. Muitos homem que vieram antes do primeiro homem eram homem também mas nenhum deles sabia que era. Você sabe o tempo que demora pra alguns homem reparar em alguma coisa, eu falei.

Demorou muito pra eu reparar que você era uma companhia tão boa, ele falou. E ele riu.

Ele num é a Shug, mas ele começa a ser uma pessoa com quem eu posso conversar.

E num importa o tanto que o telegrama diga que você tá afogada, eu inda recebo carta sua.

Sua irmã,

Celie

Querida Celie,

Depois de dois meses e meio Adam e Tashi voltaram! Adam alcançou Tashi e sua mãe e alguns membros da nossa aldeia quando eles estavam se aproximando da aldeia onde havia vivido a mulher missionária, mas Tashi não queria saber de voltar, nem Catherine, e então Adam as acompanhou até o acampamento dos *mbeles*.

Ah, ele falou, é um lugar extraordinário!

Você sabe, Celie, na África existe uma grande depressão na terra que eles chamam de Vale da Fenda, mas é do outro lado do continente e não do lado onde estamos. Entretanto, de acordo com Adam, existe uma “pequena” fenda no nosso lado, com centenas de hectares de comprimento e que é até mais profunda do que a grande fenda que tem milhares de hectares. É um lugar tão profundo na terra que só pode ser visto por ar, Adam acha, e mesmo assim iria parecer ser apenas um *canyon* coberto de vegetação. Bem, neste *canyon* vivem milhares de pessoas vindas de várias tribos da África e até um negro que — Adam jura — veio do Alabama! Tem roças. Tem uma escola. Uma enfermaria. Um templo. E tem homens e mulheres guerreiros que de fato saem em missões de sabotagem contra as plantações dos brancos.

Mas tudo isso parece mais maravilhoso contando do que como experiência vivida, se eu posso julgar por Adam e Tashi. O pensamento deles parece estar

completamente fixado um no outro.

Eu queria que você os tivesse visto chegando de volta à aldeia. Cambaleando. Sujos como porcos, cabelos despenteados. Com sono. Exaustos. Fedidos. Deus sabe como. Mas ainda discutindo.

Só porque eu voltei com você, não pense que estou dizendo sim ao casamento, Tashi fala.

Oh, sim, você está, Adam fala, com muita ênfase, mas através de um bocejo. Você prometeu pra sua mãe. *Eu* prometi pra sua mãe.

Ninguém na América vai gostar de mim, Tashi fala.

Eu vou gostar de você, Adam fala.

Olivia correu e abraçou Tashi. E correu para preparar comida e um banho.

Ontem à noite, depois que Tashi e Adam dormiram quase o dia todo, nós tivemos uma conferência de família. Nós os informamos que já que a maioria de nossa gente tinha se juntado aos *mbeles*, e já que os plantadores estavam começando a trazer trabalhadores do norte, e como já estava mesmo na hora, nós estávamos partindo de volta para casa em questão de semanas.

Adam anunciou seu desejo de casar com Tashi.

Tashi anunciou sua recusa em casar.

E depois, com aquela sua maneira honesta e direta, deu suas razões. A mais importante delas é que, por causa das cicatrizes no seu rosto, os americanos vão considerá-la uma selvagem, vão marginalizá-la, e também as crianças que ela e Adam vierem a ter. Que ela tinha visto as revistas que recebemos de casa e tinha ficado claro para ela que os pretos na verdade não admiravam os pretos retintos como ela e especialmente não admiravam as mulheres de pele preta retinta. Eles clareiam os rostos, ela falou. Eles esticam os cabelos. Eles tentam parecer brancos.

Também, ela continuou, eu tenho medo de que alguma dessas mulheres que imitam as brancas atraia Adam e ele me deixe. Aí eu não vou ter país, nem povo, nem mãe, e nem marido e irmão.

Você teria uma irmã, Olivia falou.

Então Adam falou. Ele pediu Tashi para perdoar a primeira reação estúpida que ele teve em relação ao ritual das cicatrizes. E para perdoar a repugnância que ele sentiu diante da cerimônia de iniciação das mulheres. Ele assegurou Tashi que era ela que ele amava e que nos Estados Unidos ela teria um país, um povo, parentes, irmã, marido, irmão e amante, e que qualquer coisa que acontecesse com ela nos Estados Unidos seria também o destino e a escolha dele.

Oh, Celie.

Então, no dia seguinte, nosso menino apareceu com cicatrizes idênticas às de Tashi no seu rosto.

E eles estão tão felizes, tão felizes, Celie. Tashi e Adam Omatangu.

O Samuel os casou, é claro, e toda a gente da aldeia compareceu para desejar felicidades e abundância de folha-de-teto para sempre. Olivia ficou do lado da noiva e um amigo de Adam — um homem muito velho para se juntar aos *mbeles* — ficou do lado dele. Imediatamente depois do casamento nós deixamos a aldeia, viajando num caminhão que nos levou até ao barco numa enseada da costa que dá direto para o oceano.

Em algumas semanas, nós estaremos em casa.

Carinhosamente,

sua irmã,

Nettie

Querida Nettie,

Sinhô___ fala muito com a Shug no telefone ultimamente. Ele falou que logo que contou pra ela que minha irmã e a família dela tinham desaparecido, ela e Germaine conseguiram um contato direto com o Departamento de Estado, tentando descobrir o que tinha acontecido. Ele falou que a Shug disse que quase morre só de pensar que eu tô aqui sofrendo sem saber de nada. Mas nada aconteceu lá no Departamento de Estado. Nada lá no Departamento de Defesa. É uma guerra muito grande. Tanta coisa tá acontecendo. Um navio perdido é como nada, eu imagino. Depois, negro num conta pra essa gente.

Bom, eles num sabem nada, e nunca souberam de nada. Nunca vão saber. E daí? Eu sei que você tá a caminho de casa e que talvez só chegue quando eu tiver noventa ano, mas um dia desses eu espero mesmo ver o seu rosto.

Enquanto isso, eu impreguei Sofia como vendedora na nossa loja. Continuei com o branco Alphonso pra tomar conta, mas Sofia tá lá pra atender os negro porque eles nunca tiveram ninguém nas loja pra atender só eles e ninguém nas loja pra tratar eles bem. A Sofia também é muito boa pra vender as coisa porque ela faz como se num tivesse importando se você vai comprar ou não. É como se num fosse com ela. E se você decide mesmo comprar, bom, aí ela troca umas palavra gentil com você. Depois, aquele homem branco tem medo dela. Qualquer outro negro ele tenta chamar de tio, tia ou coisa assim. A primeira vez

que ele tentou fazer isso com a Sofia ela perguntou pra ele com que negro a irmã da mãe dele tinha casado.

Eu perguntei pro Harpo se ele importava se a Sofia fosse trabalhar.

Por queu vou importar? ele falou. Ela parece que tá feliz. E eu posso cuidar do que aparecer lá em casa. Além do mais, ele falou, a Sofia me arrumou uma ajudazinha pra quando a Henrietta precisar de alguma coisa especial pra comer ou se ela ficar doente.

É, Sofia falou. A dona Eleanor Jane vai olhar Henrietta e prometeu sempre cozinhar pra ela alguma coisa que ela possa comer. Você sabe, os branco tem muitas máquina na cozinha deles. Ela faz coisas com inhame que nem dá pra acreditar. Semana passada ela foi e fez sorvete de inhame.

Como foi que isso aconteceu? eu perguntei. Eu pensei que vocês duas tinham brigado.

Ah, Sofia falou. Finalmente deu na cabeça dela de perguntar pra mãe porque eu fui trabalhar pra eles.

Mas eu acho que isso num vai durar, o Harpo falou. Você sabe como eles são.

O pessoal dela tá sabendo? eu perguntei.

Eles sabem, Sofia falou. Eles tão fazendo como a gente sabia bem que eles iam fazer. Quem já ouviu falar de uma mulher branca trabalhando pros negro, eles gritam. Ela fala pra eles, Quem já ouviu falar de uma pessoa como Sofia trabalhando pra escória.

Ela traz o Reynolds Stanley com ela? eu perguntei.

Henrietta falou que num se importava se ele viesse.

Bom, o Harpo falou, eu tô convencido de que ela vai parar, se os homens da família dela tão contra ela ajudar você.

Deixa ela parar, Sofia falou. Num é pra minha salvação que ela tá trabalhando. E se ela num aprender que tem que julgar as coisa por ela mesma,

ela nunca vai mesmo ter uma vida.

Bom, você pode contar comigo de qualquer maneira, o Harpo falou. E eu gosto de todo julgamento que você faz. Ele levantou e deu um beijo na cicatriz do nariz dela.

Sofia sacudiu a cabeça. Todo mundo aprende alguma coisa na vida, ela falou. E eles riram.

Falando de aprender, Sinhô___ falou um dia desses quando a gente tava custurando na varanda, Eu comecei a aprender as coisa um tempo atrás quando eu sentava na minha varanda, olhando por cima da grade.

Um miserável. Era isso que eu era. E eu não podia entender porque a gente vive se tudo que a vida faz na maior parte do tempo é fazer a gente se sentir mal. Tudo que eu queria na vida era a Shug Avery, ele falou. E por um tempo, tudo que eu queria na vida era eu. Bom, a gente não conseguiu ficar um com o outro, ele falou. Eu arranjei Annie Julia. Depois você. E todas as minha criança malcriada. Ela arranjou o Grady e sabe lá mais quem. Mas mesmo assim, parece que ela se saiu melhor do que eu. Muita gente ama a Shug, mas ninguém me ama a não ser Shug.

É difícil não amar a Shug eu falei. Ela sabe como amar de volta.

Eu tentei fazer alguma coisa pras criança, depois que você me deixou. Mas já era muito tarde. Bub passou duas semana comigo, roubou todo meu dinheiro, dormia bêbado na varanda. Minhas minina tão tão passada com os homem e a religião que mal conseguem conversar. Toda vez que elas abrem a boca é pra pedir alguma coisa. É de partir meu sofrido coração.

Se você sabe que seu coração tá sofrido, eu falei, é porque então ele não tá tão estragado como você pensa.

De qualquer maneira, ele falou, você sabe como é. Você faz uma pergunta pra você mesmo e ela leva você a fazer mais quinze. Eu comecei a imaginar por

que a gente precisa de amor. Por que a gente sofre. Por que a gente é preto. Por que tem homem e tem mulher. De onde as criança vêm mesmo. Num demorou muito pra descobrir queu quase num sabia nada. E se você pergunta por que você é preto ou é um homem ou uma mulher ou uma moita isso num quer dizer nada se você num pergunta por que é que você tá aqui, pronto.

E o que é que você acha? eu perguntei.

Eu mesmo acho que a gente tá aqui pra se admirar. Pra admirar. Pra perguntar. E admirando as grandes coisa e perguntando sobre as grande coisa é que a gente vai aprendendo as coisa pequena, quase que por acaso. Mas a gente nunca sabe mais sobre as grandes coisa do que sabia quando começou. Quanto mais eu admiro as coisa, ele falou, mais eu amo.

E as pessoa, eu aposto, começam a amar você de volta, eu falei.

É mesmo, ele falou, surpreso. O Harpo parece que gosta de mim, a Sofia e as criança. Eu acho que até o diabinho da Henrietta gosta um pouquinho de mim, mas isso é porque ela sabe que pra mim ela é um mistério tão grande quanto o homem da lua.

Sinhô___ tá ocupado fazendo o molde de uma camisa pras pessoa usarem com as minha calça.

Tem que ter bolso, ele fala. Tem que ter manga frouxa. E definitivamente num pode ser usada com gravata. As pessoa que usam gravata parece que tão sendo linchada.

E aí, justo quando eu sei que posso viver contente sem a Shug, justo quando Sinhô___ pergunta se eu quero casar com ele de novo, dessa vez no espírito tanto quanto na carne, e justo depois queu falo que não, eu continuo num gostando de sapo, mas vamo ser amigo, a Shug me escreve dizendo que tá voltando pra casa.

Agora. A vida é ou não é assim?

Eu tô tão calma.

Se ela voltar, fico feliz. Se ela num voltar, fico contente.

E aí eu fico imaginando que era essa a lição queu tinha que aprender.

Ah, Celie, ela falou, descendo do carro, vistida como uma estrela, senti mais falta sua do que da minha própria mãe.

A gente se abraçou.

Entra pra dentro, eu falei.

Ah, a casa tá tão bunita, ela falou quando a gente chegou no quarto dela.

Você sabe queu adoro o rosa.

Também tem uns elefante e tartaruga chegando pra você, eu falei.

Onde é o seu quarto? ela perguntou.

Lá no fundo do corredor, eu falei.

Vamo lá ver, ela falou.

Bom, é aqui, eu falei, parada na porta. Tudo no meu quarto é púrpura e vermelho a num ser o chão que tá pintado de amarelo vivo. Ela foi direto até o pequeno sapo púrpura que tava na minha prateleira.

O que é isso? ela perguntou.

Ah, eu falei, uma pequena lembrança que o Albert fez para mim.

Ela olha estranho pra mim por um minuto, eu olho pra ela. A gente ri.

Onde tá o Germaine? eu perguntei.

Na universidade, ela falou. Wilberforce. Num se pode esperdiçar todo aquele talento. Mas a gente acabou, ela falou. Ele é que nem parte da família agora. Como se fosse meu filho. Talvez meu neto. O que você e o Albert têm feito? ela perguntou.

Quase nada, eu falei.

Ela falou, Conhecendo o Albert, posso até apostar que ele tem feito alguma coisa sim, com você tão bunita como tá.

A gente custura, eu falei. Conversamo besteira.

Que besteira? ela perguntou.

Pra você ver, eu penso. A Shug com ciúme. Sou até capaz de inventar uma história só pra fazer ela sofrer um pouco. Mas não.

A gente conversa sobre você, eu falei. De como a gente ama você.

Ela sorri, bota a cabeça no meu peito. Suspira longamente.

Sua irmã,

Celie

Querido Deus. Queridas estrela, queridas árvore, querido céu, querida gente.
Querido tudo. Querido Deus,

Obrigada por trazer minha irmã Nettie e nossas criança pra casa.

Quem será que vem lá adiante? o Albert perguntou, olhando pra estrada. A gente podia ver a poeira levantando.

Eu e ele e Shug sentados na varanda depois do jantar, conversando. Não conversando. Balançando na cadeira e espantando os mosquito. Shug fala que ela num quer mais cantar em público — bom, quem sabe uma ou duas noite no Harpo's. Tá pensando quem sabe em aposentar. Albert fala que quer que ela experimente a nova camisa dele. Eu falo da Henrietta. Sofia. Meu jardim e a loja. Como tão indo as coisa. O hábito de custurar é tão grande queu vou alinhavando uns retalho, vendo o queu posso fazer com eles. O tempo tá fresco pra fim de junho e sentar na varanda com o Albert e a Shug é muito agradável mesmo. A semana que vem vai ser o 4 de julho e a gente planejou uma grande reunião da família ao ar livre aqui em casa. Só espero que esse tempo bom num vá embora.

Pode ser o carteiro, eu falei. Só que ele tá vindo muito depressa.

Pode ser a Sofia, Shug falou. Você sabe que ela guia que nem uma doida.

Pode ser o Harpo, Albert falou. Mas num era.

Aí o carro parou debaixo das árvore do quintal e todas aquelas pessoa vistida como velhos saíram do carro.

Um homem alto e grande de cabelo branco com um colarinho branco engomado, uma mulher gordinha com o cabelo branco arrumado com trança no alto da cabeça. Um jovem alto e duas jovem bem robusta. O homem de cabelo branco disse uma coisa pro motorista e o carro foi embora. Eles todos ficaram de pé lá — embaixo perto da estrada cercados de caixa, saco e todo tipo de coisa.

Nessa altura meu coração tava na minha boca e eu num conseguia mexer.

É a Nettie, o Albert falou levantando.

Todo mundo lá embaixo na estrada olha pra gente. Eles olham a casa. O quintal. Os carro da Shug e do Albert. Eles olham os campo em volta da casa. Aí eles começam a andar bem devagarinho pro nosso lado.

Eu tô tão assustada que num sei o que fazer. Parece que minha cabeça parou. Eu tento falar, nada vem. Tento ficar de pé, e quase caio. Shug abaixa e me dá uma mão. O Albert aperta o meu braço.

Quando o pé da Nettie pisa na varanda eu quase morro. Eu fico de pé meio tonta entre o Albert e a Shug. Nettie também tá meio tonta entre o Samuel e quem eu penso que deve ser o Adam. Aí nós duas começamo a gemer e a chorar. Corremo uma pra outra como a gente fazia quando era criança. Mas a gente tá se sentindo tão fraca que quando tocamos uma na outra nós duas caímos. Mas o que importa? Nós sentamos e ficamos lá na varanda uma nos braços da outra.

Depois de um tempo, ela falou *Celie*.

Eu falei, *Nettie*.

Passou mais um tempinho. A gente olhou em volta pros joelhos das pessoas. A Nettie num largava a minha cintura. Este é meu esposo Samuel, ela falou,

apontando pra cima. Estas as nossas criança Olivia e Adam e esta é Tashi, a mulher de Adam, ela falou.

Eu aponte pra minha gente. Esta é a Shug e este é o Albert, eu falei.

Todo mundo disse prazer em conhecer. Aí a Shug e o Albert começam a abraçar todo mundo, um depois do outro.

Eu e a Nettie finalmente levantamo do chão da varanda e eu abracei minhas criança. Eu abracei Tashi. Depois abracei o Samuel.

Por que é que a gente sempre faz essa reunião de família no 4 de julho? a Henrietta pergunta, fazendo um beijo cheio de reclamação. É tão quente.

Os branco tão ocupado comemorando a independência deles da Inglaterra no 4 de julho, Harpo falou, e aí a maioria do pessoal preto num tem que trabalhar. A gente pode passar o dia celebrando um ao outro.

Ah, Harpo, a Mary Agnes falou, tomando um pouco de limonada, eu num sabia que você sabe história. Ela e a Sofia tão fazendo juntas a salada de batata. Mary Agnes voltou pra casa pra buscar a Suzie Q. Ela deixou o Grady, mudou de volta pra Memphis e mora com a irmã e com a mãe. Elas vão cuidar da Suzie Q enquanto ela trabalha. Ela tá com um monte de música nova, ela fala, E num tô assim tão derrubada que num possa mais cantar.

Depois de um tempo com o Grady eu num conseguia mais pensar, ela falou. Depois, ele num é boa influência pra nenhuma criança. Eu também num era, claro, fumando tanta maconha.

Todo mundo olha pra Tashi com muita admiração. Eles olham pras cicatriz dela e do Adam como se fosse assunto deles. E falam que nunca suspeitaram que as moça da África podiam ser tão *bunitas*. Eles formam um belo casal. Falam de um jeito meio esquisito mas a gente já tá costumando.

O que é que seu povo mais gosta de comer lá na África? a gente pergunta.

Ela fica meio vermelha e fala *churrasco*.

Todo mundo ri e faz ela pegar mais um pedaço.

Eu me sinto meio estranha perto das criança. Por uma coisa, elas cresceram. E eu vejo que elas pensam que eu e a Nettie e a Shug e o Albert e o Samuel e o Harpo e a Sofia e o Jack e a Odessa como muito velhos e não sabemos o que tá acontecendo. Mas eu não acho que nós somos velho de jeito nenhum. E a gente tá tão feliz. Pra falar a verdade, eu acho que a gente nunca se sentiu tão jovem assim.

Amém

Eu agradeço a todos neste livro por terem vindo.

A.W., autora e médium.

O TEMPLO DOS MEUS FAMILIARES

**ALICE
WALKER**

Autora de
A cor púrpura

JOSÉ
OLYMPIO
Jo

ALICE WALKER

O TEMPLO DOS MEUS FAMILIARES

Tradução

nina rizzi

1ª edição

JO JOSÉ
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2024

THE TEMPLE OF MY FAMILIAR by Alice Walker Copyright © 1989 by Alice Walker.
Mediante acordo com a autora. Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © José Olympio, 2024

Título original: *The Temple of My Familiar*

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.
Todos os direitos reservados. É proibido reproduzir, armazenar ou transmitir partes deste livro,
através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Direitos desta tradução adquiridos pela
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 — 3o andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas
promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

ISBN 978-65-5847-158-5

Produzido no Brasil
2024

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W178t

Walker, Alice, 1944-

O templo dos meus familiares [recurso eletrônico] / Alice Walker ; tradução Nina
Rizzi. - 1. ed. - Rio de Janeiro : José Olympio, 2024.

recurso digital

Tradução de: The temple of my familiar

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5847-158-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Rizzi, Nina. II. Título.

24-88429

CDD: 813
CDU: 82-31(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

*Para Robert,
em quem a Deusa brilha*

*“Se mentiram sobre Mim,
mentiram sobre todas as coisas.”*

LISSIE LYLES

NOTA DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Em respeito às escolhas lexicais da autora Alice Walker – e considerando as idiossincrasias étnico-raciais e culturais dos Estados Unidos e do Brasil –, ao traduzir termos em inglês referentes à cor da pele dos personagens, optou-se por privilegiar soluções o mais próximo possível do original. Teve-se em vista também seu estilo literário, que se diferencia do de vários autores e autoras ao indicar a tonalidade da pele das personagens, relacionando-a não só a cores, mas também a outros referentes (café e chocolate, por exemplo). Essa característica traz para o texto diversidade étnico-racial e a reflexão de que *black*, *brown* e *people of color* não são categorias suficientes para abarcar todas as pessoas não brancas. Dessa forma, *brownskin* e *brown skin* foram vertidos para “pele marrom”; *brown*, para “marrom”; *people of color*, ou *colored people*, para “pessoas de cor”; *black*, para “preto” ou “negro”; *high-yellow*, para “negra de pele clara”; entre outros exemplos. Não obstante, não se ignora o debate em curso no Brasil acerca do uso dessas palavras e expressões, no qual o leitor e a leitora são convidados a se aprofundar.

O templo dos meus familiares

Parte I

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Parte II

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Parte III

Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 36

Parte IV

Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41

Parte V

Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49

Parte VI

Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Agradecimientos

PARTE I

No velho país da América do Sul, a avó de Carlotta, Zedé, era costureira; na verdade, ela estava mais para uma fada da costura. Ela criava roupas, principalmente capas, feitas de penas. Essas capas eram usadas por dançarinos, por músicos e por sacerdotes em festivais tradicionais de povoados e passavam por inúmeras gerações. Quando bem criança, a mãe de Carlotta, que também se chamava Zedé, era incumbida de coletar as penas de pavão usadas nas capas. A pequena Zedé ficava esperando enquanto a dona dos pavões, gorda e suada, os segurava com o rosto pálido, as mãos arranhadas, e arrancava as belas penas uma a uma. Foi então que Zedé começou a entender o choro melancólico do pavão. A princípio, a menina ficou intrigada com o fato de uma criatura tão bonita (embora reconhecidamente com pés horríveis) emitir um som tão parecido com o de uma alma atormentada. Em seguida, ela visitava o homem que cuidava dos papagaios e das cacatuas, e assistia mais uma vez ao doloroso arrancar das penas. E, então, visitava a senhora que era especializada em “penas encontradas” e que era mais pobre que os outros, mas tinha um semblante mais sereno. Esta senhora achava que cada pena que encontrava era um presente dos Deuses, e suas penas incomparáveis – adornadas nos espetaculares cocares dos sacerdotes – sempre davam um toque especial de graça, coisa que a cerimônia exigia.

A pequena Zedé ia para a escola todo dia de manhã com um uniforme azul e branco impecável, e suas duas longas tranças, quase na altura da cintura, aquecendo suas costas. No ensino médio, passou a usar o cabelo curtinho, logo abaixo das orelhas, e o jogava para trás com impaciência enquanto a mãe reclamava da má qualidade das penas modernas. Hoje em dia, ela explicava, eles não deixam mais as penas amadurecerem. Eram arrancadas enquanto ainda estavam relativamente verdes. Portanto, toda a riqueza que ela fora capaz de expressar em suas criações estava agora perdida.

O *compound* em que viviam consistia em duas casinhas, uma para dormir, outra para cozinhar – a cozinha nunca era acessada pelo pai nem pelos irmãos de Zedé –, e havia abacateiros, mangueiras e coqueiros por toda parte. No quintal da frente dava para ver o rio, onde deslizavam os

barquinhos *prahus* dos pescadores que pareciam cardumes flutuantes de favas de baunilha secas, sua mãe sempre dizia.

A vida era tão tranquila que Zedé não percebia que eram pobres. Ela só descobriu isso quando seu pai, que trabalhava na plantação de banana que também conseguia ver de sua casa, ficou doente. Na mesma época, por coincidência, as festas tradicionais do povoado foram proibidas. Por quem foram proibidas, ou “proscritas”, como seu pai disse, Zedé não tinha certeza. Os sacerdotes, especialmente, ficaram sem nada para fazer. Os dançarinos e os músicos dançavam, faziam música e se embebedavam nos bares, mas os sacerdotes apenas perambulavam pelas ruas cabisbaixos e perdidos, revelando subitamente os velhos fracos que eram.

Seu pai, um homem pequeno, cansado, de pele marrom com cabelos pretos grisalhos, morreu enquanto ela dedicava-se como bolsista na universidade, bem longe, na capital barulhenta. Sua mãe agora ganhava a vida vendendo seus incríveis artigos de penas para a loirinha gringa insensível que tinha uma boutique no térreo de um hotel novo, gigantesco, que apareceu perto de seu povoado, aparentemente da noite para o dia. Às vezes, sua mãe ficava na rua perto do hotel e observava as gringas que compravam seus brincos de penas, pingentes e xales – e até os cocares de sacerdotes – e os colocavam enquanto andavam para cima e para baixo pela rua estreita e poeirenta. Nunca olhavam para ela; nunca nem sequer a viam, ela sentia. Seu trabalho continuava magnífico nas pessoas, mas quem os usava ficava muito estranho.

Houve protestos durante quase todo o último ano em que Zedé estava na universidade, onde se formou professora. Vez ou outra, a caminho da aula, ela tinha de desviar de pedras, tijolos, garrafas e todos os tipos de veículos furiosos. Ela mal notava as pessoas envolvidas. Algumas eram agricultores; algumas, estudantes como ela. Outras, policiais. Como sua mãe, tinha uma mente fabulosamente focada. Assim como Zedé, a Velha, nunca desviou sua atenção dos detalhes de seu ofício, mesmo que o mercado tivesse mudado e outras pessoas estivessem produzindo vasos rachados e tecidos de má qualidade para os dólares de turistas ignorantes, Zedé marchava para a escola ignorando qualquer coisa que pudesse atrasá-la.

Ela nem se deu conta da ameaça, que veio do nada, pensou ela, de fechar a escola. E mesmo assim, incrivelmente, um dia fecharam a escola. Não

deram nem um aviso. As portas estavam simplesmente trancadas. Sentou-se nos degraus que levavam às salas de aula por dois dias. Soube depois que alguns de seus colegas de classe foram encarcerados; outros, fuzilados.

Mas ela já havia cumprido quase todos os requisitos para se tornar professora e, quando lhe pediram que subisse as ladeiras para dar aula numa sala sem paredes e com estudantes sem uniforme, ela aceitou. Ensinou o básico (higiene, leitura, escrita e números) durante seis meses antes de ser presa por ser comunista.

Nunca conversou com Carlotta sobre os anos que passou na prisão, embora tenha sido lá que Carlotta nasceu. Era uma prisão que não parecia uma prisão. Parecia o povoado indígena confiscado na floresta do país. Os indígenas haviam sido “removidos”, e todas as suas terras ricas, embora subtilizadas, viraram plantações de mamão. Pessoas encarceradas foram trazidas para o povoado justamente para plantar, cultivar e explorar essas árvores para o mercado de exportação.

Como sua mãe fugiu com ela, Carlotta não sabia. Talvez o pai dela fosse um desses guardas – homens sem instrução, fascinados, embora ressentidos, por uma mulher jovem e bonita como Zedé saber ler e escrever. Mais tarde, quando a mãe de Carlotta descreveu os barquinhos prateados que deslizavam rio abaixo como cardumes flutuantes de favas de baunilha secas, ela pensou que talvez tivessem fugido em um deles. Talvez tenham flutuado pelo Canal do Panamá, confundidas pela Guarda Costeira dos Estados Unidos com um pedaço de alga marinha, depois flutuado até a costa da América do Norte e, enfim, para a Baía de São Francisco.

Foi em São Francisco que as memórias de Carlotta começaram. Ela era uma criança preta e séria, com olhos amendoados e cabelos pretos brilhantes. Em poucos anos falava inglês sem sotaque, idioma que a mãe inicialmente teve dificuldade de entender, mesmo quando Carlotta falava com ela. Anos mais tarde, ela já falava muito bem, mas o sotaque era tão forte que parecia ainda falar espanhol. Zedé não pôde, portanto, lecionar nas escolas públicas da Califórnia. E, por sua timidez, teria tido medo de tentar.

As duas moravam numa espelunca de apartamento mal iluminado em cima de uma mercearia tailandesa, numa área da cidade habitada pela

escória da sociedade. Embora chovesse muito, algumas pessoas não moravam propriamente em casas, mas dormiam nas portas dos estabelecimentos ou em carros abandonados. Sua mãe conseguiu serviço em uma fábrica clandestina na esquina. Não havia nenhum homem na vida de Zedé. Eram apenas as duas. À mãe cabia suprir alimento e roupas, e a Carlotta, cozinhar, limpar e, obviamente, ir à escola.

A escola era um sofrimento para ela, mas, como tantas outras coisas ruins que lhe aconteceram, nunca disse isso à mãe. Zedé, encurvada, com uma expressão de ansiedade no rosto aos trinta e cinco anos, era uma mulher pequena e fúnebre, tinha medo de barulho, de outras pessoas e até mesmo de desfiles. Quando os gays desfilaram fantasiados no Halloween, ela tirou Carlotta do banquinho ao lado da janela e fechou as cortinas. Mas não antes de Carlotta ter avistado um dos enormes cocares de penas que sua mãe fazia, um tanto furtivamente, em casa, cocares de penas de pavão, faisão, papagaio e cacatua, quase resplandcentes demais para a cidade cinzenta e cheia de névoa. Quem usava o cocar era um homem pequeno e branco, que carregava um cetro de cristal e não usava muitas peças de roupa. Ele estava tomando uma cerveja.

A partir desse vislumbre do desfile de Halloween, Carlotta marcou o início da nova carreira de sua mãe. Durante o dia ela costurava jeans, camisas e gravatas em estilo country e western na fábrica onde trabalhava. Em casa, comiam principalmente arroz e feijão. Com o dinheiro que a mãe conseguia economizar, compravam penas em uma das grandes lojas de importação. Carlotta chegou a trabalhar em uma dessas lojas, chamada World Import, primeiro como faxineira no depósito, entre as caixas de mercadoria tão baratas, tão coloridas e bonitas, de países como o de sua mãe (ela não via a América do Sul como *seu* continente), depois como repositora de mercadorias e, então, como caixa.

Estava entrando na faculdade e só podia trabalhar depois das aulas e nas férias de verão. Muito mais tarde na sua vida, ouviu a história de um homem que trabalhava numa fábrica de equipamentos agrícolas e que todos os dias passava pelos guardas nos portões empurrando um carrinho de mão. Todos os dias, os guardas desconfiados iam ver se o carrinho de mão estava vazio. Sempre estava. Vinte anos depois, quando o homem já estava rico, ele contou o que roubou por tanto tempo: carrinhos de mão. O mesmo aconteceu com Carlotta; só que ela roubava penas, que sempre

levava nas mãos, como se fosse tirar o pó de alguma coisa. Penas de pavão principalmente. Ao longo dos anos, montes e mais montes delas, porque sua mãe havia descoberto que as estrelas do rock dos anos 1960 gostavam de penas e que com uma capa de pavão espetacular ela conseguia alimentar e vestir a si mesma e a Carlotta por um ano.

Em seu último ano da faculdade, Carlotta entregou uma dessas capas a um astro do rock tão famoso que até ela já tinha ouvido falar dele – um homem franzino, de pele retinta, que usava uma faixa na cabeça e era, pensou, um tanto parecido com ela mesma. Foi a sua indigeneidade que ela viu, não a sua negritude. Viu na maneira como ele olhou de verdade para ela, a enxergou de verdade. Com uma concentração calma e desapegada de um xamã. Ele estava chapado, mas mesmo assim... Ela já havia entregado muitas capas, xales, cocares, vestidos, tiaras de contas e penas, sandálias e jeans para estrelas do rock e suas comitivas, e, na empolgação de experimentar o que ela trazia, eles nunca prestavam atenção em Carlotta. Nunca questionaram como era feita a magia das roupas e dos adornos de penas. Nunca se perguntaram sobre os dedos espetados, o rosto e os olhos inquietos de sua mãe. Ela não esperava que fizessem isso. Ela os achava demoníacos. Odiava a aparência deles, tão pálidos, brutos e suados; não gostava das drogas, sempre expostas de qualquer jeito. Cachimbos e tigelas com penas eram vendas fixas – não tinha certeza se sua mãe sequer sabia ou se importava com o que era feito desses artefatos. Carlotta aprendeu a esperar silenciosamente, discretamente, “como uma índia”, até os compradores – a única palavra que sua mãe usava para se referir a eles – pararem de admirar o próprio reflexo e começarem a procurar, atrapalhados, o talão de cheques, que sempre demoravam para encontrar. Quase sempre pediam desconto. Às vezes, ela falava com eles no espanhol incompreensível da mãe e fingia não conseguir entender sua língua. E, às vezes, um comprador especialmente feliz, indo a algum baile ou desfile, lhe dava uma gorjeta ou notava que ela era atraente.

Ela não era “atraente”. Bonita, talvez. Os olhos eram preocupados e atentos – poderia muito bem ainda estar flutuando, apreensiva, no barco de fava de baunilha –, o rosto cansado, a boca difícil de imaginar com um sorriso, até ela sorrir. No entanto, ela exalava um ar quase tropical que parecia um perfume. Quando os homens olhavam para ela, pensavam em

comerciais de TV de lugares distantes do Pacífico, mas, quando de fato a enxergavam, o que era raro, pensavam naqueles lugares secos e áridos mais perto de casa. Ela os fazia pensar na chuva.

Talvez fossem seus cabelos que de tão pretos pareciam estar molhados. Ou os cílios que pareciam varrer e refletir a luz. Até mesmo o cabelo que crescia além da linha da raiz e caía no rosto, nas têmporas e na testa, formava cachos finos, como aqueles nos cabelos lisos depois do banho.

O astro do rock Arveyda viu tudo isso. Viu também a capa. Ele a vestiu. Resplandecente dentro da chuva iridescente dos olhos cegos de pavão, ele se empertigou diante do olhar atento de Carlotta. Foi ele quem disse o que ninguém mais sequer havia pensado.

Tirou a capa, colocou-a nos ombros dela e a virou para o espelho.

— Mas é lógico – disse ele –, isso foi feito somente para você.

Ela olhou a imagem dos dois no espelho. A suntuosa pele marrom dele; o nariz parecido com o dela, os olhos também (mas brincalhões e astutos); o cabelo crespo e encaracolado. Os lábios desenhados. As mãos pequenas. Os quadris sensuais, baixos e marcados, com jeans justos e um pouco surrados. Até suas botas tinham penas. E ela olhou para si mesma – praticamente uma irmã gêmea dele. Pele mais clara, cabelo mais liso, olhos como os barcos de fava de baunilha –, mas...

— Você quer dizer que foi feito para o meu tipo – respondeu ela, soando como se tivesse sotaque, embora não tivesse. Foi apenas por causa de sua aparência.

Ele riu. Abraçou-a.

— Nosso tipo.

Pela capa, pagou a Zedé cinco mil dólares, que Carlotta, feliz da vida, levou para a mãe. Foi o máximo que Zedé tinha recebido até então. Com o dinheiro, Carlotta sabia que comprariam um carro.

A segunda capa que ela entregou a Arveyda, presumindo que fosse para a irmã, como ele dissera, na verdade era para ela. Embora às vezes ele usasse sua capa no palco – porque quando ele tirava ficava ótimo e as fãs enlouqueciam –, a única ocasião que podiam usar suas capas juntos em público era em desfiles.

Com as capas mágicas que sua mãe havia feito, eles eram de fato pena do mesmo pássaro.

— O alimento que você come faz a diferença – aconselhou ele. Por ela, só comia doce, bombinhas de chocolate ou os bolinhos recheados *Twinkies*, e o inevitável arroz com feijão. Não conhecia nada de saladas e achava que odiava frutas. – Agora você é jovem – comentou ele –, e a natureza colabora com sua beleza. Mas um dia ela cansa dos péssimos hábitos alimentares e não colabora mais. E aí, como você vai ficar?

Carlotta pensou na mãe. Na idade que ela parecia ter. Como sua pele estava cansada; como seu cabelo era sem brilho. Os dentes de trás estavam caindo.

Arveyda estava deitado de lado numa cama repleta de travesseiros de seda. O quarto fedia a incenso, e havia um leve aroma de comida indiana. Apenas uma persiana deixava entrar a luz do parque, e uma bruma tomava conta do lugar.

— Você é rico. Pode comer o que quiser. – Depois, se contradizendo, ela emendou: – Dieta... não acho que o que a pessoa come tem a ver com a aparência dela. Está tudo nos genes. Algumas pessoas que são muito pobres – e ela já não se considerava pobre – continuam muito bonitas mesmo na velhice.

— Os pobres têm uma aparência melhor quando envelhecem – respondeu Arveyda – porque conseguiram chegar até lá. Seja como for, é um risco – continuou ele, acariciando o rosto dela, os cabelos finos que grudavam na frente da orelha. – Ah, os genes com certeza ajudam. – Ele admirou o próprio corpo esbelto no espelho que corria ao longo da parede ao lado da cama. Tentou imaginar o corpo do pai, um corpo que nunca tinha visto. – Mas se alimentar bem conta muito mais que o restante.

Quando ela ia visitá-lo, ele lhe oferecia sucos naturais, travessas cheias de frutas-do-conde, goiaba, mamão. Ele era louco por mangas. Somente, porém, aquelas do México. Não gostava das do Haiti.

— Uma tristeza, sabe.

Ficou ainda mais magra, comendo o que ele comia e como ele comia. Nada pesado pela manhã, nunca. Frutas e mais frutas, até no meio da noite.

Ele dizia que comer profiterole e carne transformava as pessoas em assassinos.

Ele corria.

Correndo com ele pelo Golden Gate Park, viu rostos como o dela que a fizeram se perguntar se porventura teria parentes na Baía de São Francisco. Ela passou a reconhecer uns outros grupos étnicos “exóticos”. Por algum motivo, tinha um carinho especial pelo povo Hmong, que lhe parecia particularmente intenso e antigo; carregavam seus bebezinhos nas costas, vestiam roupas coloridas e vibrantes, carregadas de espelhos, sinos, conchas e contas. A bola felpuda (como era feita?) no topo de seus chapéus provocava nela o desejo de estender a mão e tocá-la. Os bebês e suas mães, trancafiados numa língua ainda mais estrangeira que a de Zedé, faziam compras, tranquilos, no comércio local. Apontando para esta ou aquela coisa norte-americana. Murmurando com perplexidade. Dando o dinheiro com confiança aos caixas das lojas, que eram sempre pacientes, respeitosos e curiosos. Era uma cultura palpável que estava presente na confecção das roupas dos bebês. Ninguém nas Américas, exceto os indígenas (chamados de “índios”, descobriu ela, porque um explorador italiano os considerou, à primeira vista, como estando *in dios*, em Deus), tinha vivido tempo o suficiente como cultura para criar uma estética cotidiana tão poderosa. Olhando para um bebê hmong, era de se lamentar que desembocasse no Tenderloin, em algumas das ruas menos coloridas ou cultas da cidade. Carlotta também amava as mulheres samoanas. Amava o peso característico de seus corpos e os maxilares quadrados. A aparente bondade e equanimidade. Rainhas naturais. E os homens balineses; ela sempre conseguia reconhecê-los por causa da expressão de horror em seus rostos enquanto olhavam os vidros e o concreto da cidade. Nada naquilo os atraía, de forma alguma.

— Os exercícios são para o corpo o que o pensamento é para a mente — disse Arveyda, ofegante.

Ela, que nunca se exercitava, mas estava sempre para lá e para cá, fazendo coisas para a mãe, corria com facilidade. Respirar, correr e nunca pensar nisso como eventos separados. Saía na frente dele sem esforço, as pernas torneadas em disparada. Depois, na casa dele, tomavam banho e se deitavam na cama sob o sol.

Ele era de Terre Haute, Indiana, onde a mãe foi uma das três mulheres negras que organizaram e fundaram a própria igreja: a Igreja do Envolvimento Perpétuo. A mãe, que se chamava Katherine Degos, era uma das pessoas mais intrometidas que ele conhecia; não via limites, fossem do corpo ou da mente. Ela não conseguia não se meter na vida das outras pessoas; opinava em tudo. A igreja era como uma fachada para essa tendência de interferência, que, talvez, em outras circunstâncias, a teria envolvido em confusão. Era uma mulher com muita energia, estava sempre rodopiando, e a primeira vez que Arveyda ouviu a expressão “dervixe rodopiante” pensou nela como uma descrição de sua mãe.

Mas então, um dia, no meio de um rodopio, quando ele tinha dez anos, depois de ter separado inúmeras brigas, trazido ao mundo inúmeros bebês, assado e distribuído inúmeros bolos e refeições de peru – porque “fazer algo” para os outros era a maneira dela de fazer parte da vida deles –, ela simplesmente parou, se sentou e ficou olhando pela janela dos fundos da casa por três anos. Sua igreja foi dissolvida. As mulheres, cujos bebês ela havia trazido ao mundo, esqueceram como ela era. Os famélicos olhavam com desprezo para seu corpo bem alimentado. Ela não se importava; começou a brincar com maquiagem, pintando o rosto, tingindo os cabelos, fazendo as unhas como se estivesse criando uma obra de arte com o corpo e, com a mente, percorreu grandes distâncias desertas.

Ela desistiu de tentar melhorar o mundo e, em vez disso, se recusou a reparar nele. Quando adolescente, Arveyda não sentia nenhuma ligação forte com a mãe. Ele era bom com a banda, péssimo em todo o restante. Ela parecia não se importar. Todas as pessoas do bairro o elogiavam por sua música; ele cantava e tocava violão e flauta. Ela não o elogiava. Ela olhava através dele. Um dia, a foto de seu pai – que esteve durante toda sua vida num porta-retratos de moldura prateada na mesinha de cabeceira ao lado de sua cama – desapareceu.

“Nada, absolutamente nada, pode substituir o amor.” Era isso que ela queria em sua lápide, mas uma das suas irmãs, a tia Frudier, a quem ela deixou esta diretiva, considerou arriscado demais. Então, sua mãe foi

enterrada sob uma pedra cinza-claro que continha apenas seu nome, não tinha nem o ano de nascimento. Ele, no entanto, pensava nisso como uma chave que poderia usar mais tarde para entendê-la, quando soubesse mais a seu respeito. Quem era ela, essa mulher que era sua mãe? Ele não sabia.

Deitado com Carlotta em sua cama espaçosa, o edredom macio e gelado de cetim azul sob suas pernas, Arveyda lhe contou curiosidades e partes de sua vida. Da figura paterna que ele de alguma forma encontrou na adolescência, enquanto sua mãe olhava, apática, pela janela. Simon Isaac. Ou tio Isaac. Não que ele ousasse chamar o sr. Isaac de “tio” na cara dele, apenas no coração; sabia que nunca deveria chamar ninguém de “tio”, exceto outra pessoa negra.

O sr. Isaac era verdureiro no bairro onde Arveyda morava com a mãe. Alto e de ossatura grande, com olhos castanhos taciturnos e uma juba de cabelo ruivo e crespo, ficava sentado na porta da loja tocando violino.

Todas as crianças da vizinhança se amontoavam ao redor dele, as moedinhas espremidas na palma da mão para comprar os doces que ficavam temporariamente esquecidos. Ele as hipnotizava com aquela música perfeitamente linda e improvável – nenhuma das crianças tinha visto um violino antes. E nenhuma ficava mais encantada do que Arveyda, cujos dedos iam furtivos e instintivos parar na caixa do violino. “Rabeca” era a palavra para violino que Arveyda ouvira certa vez em casa. Ele se aproximava cada vez mais para poder sentir a doçura das vibrações no centro de seu corpo; a abertura quase orgástica na base de sua virilha. Foi natural, quando ele finalmente teve um violão barato e uma flauta, se sentar em um engradado de Coca-Cola perto da cadeira reta do sr. Isaac e tocar. Natural, também, que o sr. Isaac incentivasse seus esforços com lampejos rápidos de alegria em seus olhos repentinamente amigáveis; e que, com frequência, à medida que tocavam juntos com cada vez mais facilidade, ele parecia esquecer a presença de Arveyda e só no fim de uma música olhava para ele – marrom, magricelo, empoleirado no engradado de Coca-Cola – e, com um sorriso torto, bagunçasse seus cachos crespos.

— E o que aconteceu? – perguntou Carlotta, imaginando Isaac, o Verdureiro, tocando violino e sem nunca trabalhar.

— Ele era da Palestina. As pessoas do seu povoado que não estavam mortas ou doentes demais para se mudar vieram para cá, para os Estados Unidos. Ele costumava me contar como foi a viagem de barco para cá.

Como estava lotado. Como todos estavam com medo de ficar doentes. Tinha tido uma epidemia, algum tipo de praga. E as pessoas estavam todas juntas e realmente fediam, ele disse, de medo. E, quando chegaram à Ilha Ellis, no dia em que chegaram mesmo, ele descobriu um furúnculo na orelha esquerda, um furúnculo grande e purulento, como uma bola de beisebol saindo da orelha, que foi como ele descreveu. Ou como um saco de ovos de aranha, quando se sentia mais modesto. Ele tinha certeza de que tinha pegado a doença. E imediatamente a equipe médica “de jaleco branco”, ele sempre dizia assim, subiu a bordo e furou o furúnculo enquanto estavam muito nervosos com um possível contágio. Ele não foi autorizado a sair do navio durante duas semanas, enquanto “aqueles que estavam em posição de autoridade” debatiam se ele deveria ser mandado de volta para a Palestina. Depois disso, levaram-no para um quartel em quarentena, e lá, dia após dia, ele “apodreceu educadamente”, como gostava de dizer. Sua orelha começou a sarar, mas o restante começou a se sentir “não tão fantástico”.

— Ilha Ellis? – perguntou Carlotta.

Arveyda explicou que a Ellis era como a Ilha Angel, só que na Costa Leste.

Zedé e Carlotta conseguiram não ir para a Ilha Angel, onde a maioria dos imigrantes asiáticos ficava detida, às vezes por anos, antes de ser autorizada a entrar no país, graças à ajuda de amigos norte-americanos ricos, como Zedé mencionou misteriosamente uma vez.

— Foi lá, na Ilha Ellis – continuou Arveyda –, que o tio Isaac viu pela primeira vez um homem nativo de cor. Ele estava limpando o chão com uma vassoura. Não era que ele nunca tivesse visto pessoas de pele marrom, ele me falou uma vez; os árabes na Palestina eram marrons, mas a cor parecia apenas superficial, enquanto aquele homem que ele observava limpando, levemente manco enquanto murmurava letras de músicas e cantarolava baixinho, era completamente de cor, não só a pele e a carne, mas os ossos também. Foi a primeira coisa que ele compreendeu as pessoas de cor: que provavelmente era a maneira gingada como aquele homem limpava, parecendo estar cantando em sua cabeça, que irritava as pessoas brancas, não apenas a cor de sua pele. Na verdade, ele não entendia como alguém poderia se opor a isso. Era difícil de imaginar algo mais claro, como um marrom. “Mesmo que você só gostasse de luvas de

couro de bezerro”, tio Isaac disse, “mesmo que só achasse lindo um belo par de mocassins cor de sangue! Mesmo que só comesse chocolates Hershey!” E ele ria.

“Acontece que este homem – continuou Arveyda – era um músico que trabalhava na Ilha Ellis como zelador para poder sustentar a si mesmo e à sua família.

“Não demorou muito, e todas as outras pessoas no quartel foram declaradas livres de doenças e foram embora, restaram apenas os dois. Eles conversavam sobre música, usando as mãos, os olhos, sons estranhos e até pulando de um pé só e saltitando. O nome do homem de cor era Ulysses, e, depois que Isaac deixou a ilha Ellis, nunca mais viu nem ouviu falar do homem. Mas ele sempre se lembrava de que em seu último dia naquele lugar, justo quando pensava que ia enlouquecer com o isolamento e o tédio, Ulysses veio com a notícia, muito antes de qualquer anúncio oficial, de sua iminente libertação, e trouxe-lhe também uma revista cheia de imagens do mundo em que estava prestes a entrar, onde nem um único rosto se parecia com o de Ulysses. Tio Isaac disse que ficou olhando as fotos com toda a atenção, com um pavor gelado se instalando em seu peito; que tipo de mundo era aquele, no qual seu amigo sempre presente não aparecia? E então, do bolso de seu casaco marrom folgado, com buracos puídos nos cotovelos, Ulysses tirou uma maçã vermelha brilhosa e ofereceu-lhe. Este presente foi o aperto de mão e o abraço de Ulysses. E isso deixou o sr. Isaac com fome. Pois, incapaz de abraçar uma pessoa de cor, já que Ulysses avisou que era praticamente ilegal fazê-lo, o que ele poderia oferecer? Nada era dele ainda.”

Carlotta passou a mão no cabelo acima da orelha de Arveyda. Depois, beijou seus olhos. Ela não tinha de passar por nada do tipo, pensou, feliz. Nunca. Nunca. Nada. Nada. Isso a fez se sentir terrivelmente livre, e ela se deitou no calor reconfortante dele, o brilho da pele complementando o brilho da sua. Ela se aninhou em toda essa *bondade*, que lhe parecia ser a própria carne da terra. Uma pena como as pessoas são tão tolas, pensou ela, por não saberem o bastante para tentar chegar perto daquilo que só poderia lhes fazer bem.

— Era uma maçã mágica – disse Arveyda, sorrindo nos cabelos dela. — Isso aconteceu antes da época das maçãs envenenadas e cheias de drogas. Músicos costumavam carregar apenas coisas saudáveis. É sério. — Ele riu. —

Houve até um tempo em que o pessoal da música não fumava baseado. Mas provavelmente nunca um em que não tomavam vinho.

Carlotta sorriu com ele.

— Houve até um tempo – Arveyda olhou com malícia para o rosto dela –, e eu sei que você não vai acreditar nisso, em que a música era tocada suavemente, para ser ouvida. Só os mortos precisam de música alta, sabe. Eu chamo esse rock alto de “música do Drácula”, porque você olha em volta e todo mundo está igual a um zumbi, surdos e sem alma, mortos, pulando no chão pesados e sem jeito. Até as pessoas de cor são zumbis hoje em dia. É o suficiente para murchar seus cabelos curtos.

— Você estava falando sobre frutas – disse Carlotta, com uma risadinha.

— Pois eu estava. Então, o tio Isaac mordeu a maçã e pensou no seu futuro. Na Palestina, ele vendia frutas e legumes do pomar com o pai, um homem peludo e virtuoso. Ele tentou fazer a mesma coisa nos Estados Unidos. Sua cesta se transformou num carrinho, o carrinho numa barraca, a barraca numa mercearia. Ele se tornou um sucesso. Mas isso não o deixou feliz, mesmo depois de realizar sua jovem ambição de estudar “na universidade” e aprender a tocar violino. Sentia falta do calor, dos pêssegos e dos árabes. Porque os árabes viviam perto dele na Palestina, assim como as pessoas de cor viviam perto dele em Terre Haute. Muitos dos mortos que ele deixou para trás, seus amigos, eram árabes.

“Quando ficou sabendo que haveria um Estado judeu, recebeu isso como uma desculpa para voltar. Mas ele estava voltando mesmo era para o sol, para as tâmaras, para as amêndoas, para as laranjas, para as uvas, para o som da língua árabe que enchia sua cabeça quando menino, ainda que tivesse falado apenas frases aprendidas na rua. Voltaria para ajudar todos a construir, ele falou. E um belo dia fechou sua mercearia e foi embora.”

Foi na mãe que Arveyda pensou na primeira vez em que se encontrou com Zedé. Aquela mulher pequena, triste, de aparência indígena e tão orgulhosa, dissera-lhe Carlotta, de ser espanhola.

Zedé sentava-se no meio de uma sala decorada espalhafatosamente com sofás azul-celeste com franjas na parte de baixo e luminárias com damas coloniais espanholas passeando interminavelmente em torno das bases. Ela estava juntando penas de pavão para fazer capas, usando as penas quebradas e meio danificadas como peças inseridas em bolsas de ombro.

Ela o observou com desconfiança, os olhos baixos e rigidamente controlados, como os de um pássaro. Ele conseguia ver que a confundia. Pele marrom, cabelos crespos, corpo lindo, sorriso a postos. Ela o olhou com tristeza, como se se lembrasse dele, e ele achou que ela fungava, como se estivesse resfriada ou prestes a chorar.

Quando Arveyda foi conhecer a mãe de Carlotta, não sabia o que esperar. Zedé tinha a pele mais amarelada¹ que a de Carlotta, e seu cabelo tinha um tom ruivo descolorido, crespo, em um estilo matronal. Ficou surpreso em ver como ela era mesmo jovem. Essa mulher que, em vida, conheceu magia e sacerdotes, num país onde, por exemplo, a televisão e a caminhonete – até muito recentemente, imaginou ele – eram desconhecidas. Uma mulher que foi presa como comunista, passou anos na prisão – pelo menos três, era o que Carlotta achava – e depois, de algum jeito, conseguiu chegar à América do Norte. Ele se inclinou sobre a mão de Zedé e a teria beijado, mas ela puxou a mão com timidez e enfiou-a no bolso do avental.

Ela estava com uma roupa do mais opaco verde-escuro e, por baixo do ninho que era seu cabelo castanho crespo, queimado e sem vida, seus olhos oblíquos brilhavam.

— Como vai? – perguntou ela no estilo retraído das aulas noturnas na Universidade Estadual de São Francisco.

— Vou bem. E você? – devolveu ele na mesma moeda. Então, porque a pequenez e o acanhamento dela o comoveram, ele acrescentou: – Nada mal.

Carlotta e ela, em sua nova prosperidade, moravam agora em um apartamento espaçoso e bem iluminado na rua Clement, cheia de restaurantes. De um deles, Zedé encomendou o jantar, que serviu com timidez, enquanto Carlotta mostrava o apartamento para Arveyda.

Sozinho como enquanto crescia e como estava agora, Arveyda ficou chateado pelo intenso isolamento das duas. Havia fotos sentimentais de pores do sol e árvores, crianças brancas felizes correndo atrás de balões, mas nenhuma de parentes ou de pessoas que se parecessem com Zedé e Carlotta. No quarto de Zedé, na mesinha de cabeceira, havia uma foto antiga dela e de Carlotta, tirada logo que chegaram a São Francisco. O rosto tenso de Zedé, aparentemente assustado até com o fotógrafo, estava

parte na sombra. Carlotta, com o rosto lunar e uma pulseira de contas no pulso minúsculo, se inclinava para fora dos braços da mãe, como se estivesse ansiosa para abraçar a nova terra. No rosto de ambas ele reconheceu a tensão da opressão, da desapropriação, da fuga.

Ele as teria em sua vida por bastante tempo, pensou, se acomodando para uma saborosa refeição vietnamita e sorrindo de uma para a outra, como um homem de escolha insólita.

1. *Yellower skin* no original. [N. E.]

— É como se você tivesse saído – disse a mãe de Carlotta, chorando após aquele primeiro encontro – e trazido seu pai para casa. Ai, ai! – gritava ela, batendo na cabeça com a palma da mão, um gesto de dor que Carlotta nunca tinha visto, mas que ficou tentada a imitar na mesma hora.

— Ele era índio,² seu pai, e tinha o cabelo crespo.

Mas agora Carlotta e Arveyda estavam casados há três anos. E tiveram dois filhos que sua mãe adorava.

— Arveyda te ama – disse Zedé. – Você pode ter certeza disso. Mas ele e eu também nos amamos desde o início.

2. *Índio* no original. [N. E.]

Arveyda era rico. Ele tinha mais dinheiro, Carlotta pensava às vezes, do que o governo do país da sua mãe. Certa vez, para provar que ela nunca mais passaria necessidade, ele pegou milhares e milhares de dólares no banco e espalhou-os por todo o quarto com um ventilador. Depois se deitaram nas notas, como se estivessem nas folhas de uma floresta, e fizeram amor.

Carlotta não precisava de nenhum dinheiro dele agora. Ela havia cursado literatura feminina na faculdade. Era isso que ensinaria. Tirar os filhos de Arveyda e Zedé era a única maneira de fazê-los sofrer como ela sofria. Ela não sabia na época quanto estava se machucando.

Resistiu por meses a abrir as cartas deles enquanto viajavam pelo México e pela América Central e do Sul, preferindo pensar neles como mortos. Mas, ainda assim, eram sua única família no fim das contas.

Na verdade, só sua mãe escreveu. Cartas curtas, aflitas, e com perfume forte, que lembravam Zedé vividamente.

“Mija, mi corazón”, assim todas começavam. (Minha filha, meu coração.) E era possível ouvir o choro de Zedé. Mas, à medida que as cartas continuavam a chegar, Carlotta, lendo as páginas com círculos enrugados das lágrimas evaporadas, sentiu uma animação no astral da mãe que nunca sentira.

Arveyda e Zedé viajaram por países de incrível exuberância natural. Zedé nunca tinha visto rios como os de lá, os peixes... conheceu um peixe monogâmico, escreveu ela; quando pescaram um no barco e o fizeram para o jantar, seu companheiro nadou furiosamente ao redor do barco e os seguiu por quilômetros... Cada árvore, fruta, pássaro e céu.

Carlotta imaginou a mãe na amurada de um navio, relaxada no corpo de Arveyda, o sol encontrando reflexos brancos em seu cabelo preto, novamente liso.

“A comida, tudo é bom. Muy delicioso!”, escreveu ela. E Carlotta se lembrou do caranguejo refogado com cebola e pimentão de que sua mãe gostava, e essa era a guloseima que faziam uma vez por mês depois que sua mãe começou a vender os artefatos com penas. Agora ela pensava na mãe comendo o que gostava o tempo todo, se tornando elegante e talvez

um pouco rechonchuda, as rugas ao redor dos olhos e na testa se preenchendo. Sua pele perdendo a palidez e ficando bronzeada e vibrante. Ela se deu conta de que nunca conheceu Zedé em paz. Sempre fora ansiosa, preocupada, frenética com as exigências da vida para as duas.

Eles tinham dormido juntos apenas uma vez, Arveyda e Zedé, antes de contarem a Carlotta.

Arveyda trouxera as crianças para Zedé cuidar no fim de semana, como de costume. Seus corpinhos marrons e quentes faziam coisas mágicas com ela. Ela os segurava, se contorcendo e esperneando, ou sonolentos e contentes, em seus braços, e suas preocupações pareciam distantes. Naquele dia, estavam brincando na cama grande de Zedé, as crianças no meio, Arveyda e ela nas beiradas. Era um dia cinzento e chuvoso, e o quarto dela era todo rosa. Tocava uma música suave, de um homem, Sidney Bechet, de quem ela gostava. As crianças adormeceram. Enquanto Arveyda levantava seus corpos inertes para levá-los para o outro quarto, ele próprio quase dormindo também, ela sentiu, como já tantas vezes e tantas vezes tentou esconder, um profundo desejo por ele. Mas ele é tão jovem, pensou. El padre de mis nietos. El esposo de mi niñita. Meu genro. Nesse instante, deu uma risadinha, porque sempre confundia a palavra “genro” com “tenro”.

Arveyda olhou para ela, o bebê adormecido nos braços, um bracinho rechonchudo aberto em paz. O desejo para ele era como uma nota musical, facilmente lida. Ele sabia.

Quando voltou, se sentou no chão ao lado da cama. Sua voz falhava.

— Não podemos fazer nada sobre isso, né?

— Não – respondeu ela com a voz trêmula também. Tentou rir. – Eu sou avó. É isso. – Ela quis dizer: “Isso é tudo.”

— Mas eu te amo – disse ele. – Não como uma avó... talvez um pouco como uma mãe. – Ele se desculpou com o sorriso que estava em sua voz. Seu rosto ainda virado para ela. – Não – completou ele –, como uma mulher. Zedé. Eu amo a Carlotta; não se preocupe. Eu também te amo.

Há quanto tempo isso estava crescendo entre eles?, ela se perguntou. Desde o primeiro dia, desde o primeiro encontro. Ela sentiu o cheiro do seu cabelo quando ele se inclinou em direção a sua mão. A picância, o

cheiro das flores do povoado. Ela retirou a mão e a escondeu, em chamas. Afinal, ele era de Carlotta. Carlotta o havia encontrado.

— Não podemos fazer nada, exato – disse ela com firmeza. Mas com um ponto de luz brilhante, quente, crescendo em seu coração e entre as pernas, ela de repente ficou molhada.

Sua mão tremia quando tocou o cabelo dele, e o cheiro dele – o cheiro de bebês bem alimentados e que dormem em segurança – chegou às suas narinas. O cabelo dele. Havia mechas grisalhas. Brilhos em vermelho e castanho.

Armado, firme, um pouco crespo. Exatamente a sensação da seda crua. O único cabelo assim – *pelo negro* – do mundo. Passou os dedos por ele, puxando. Testando o toque leve e resignado. Tentando ser *la madre*. Tentando ser *amigos*. Seu útero se contraiu tão forte que quase gritou.

Rezou para que Arveyda não se virasse e olhasse para ela. Ele olhou. A centímetros de distância. Seus dentes brancos, seu bigode e barba. Os olhos castanhos tão cheios de dor. Seu hálito doce. Como coco. Sorriu ao pensar em coco; ela era uma campesina! Ele se inclinou para beijar o sorriso. Ela recuou.

— E você, Zedé? – perguntou ele. – Sou apenas um genro para você? Eu sei que nunca poderemos fazer nada... mas quero saber.

— Ah, eu – ela começou a dizer, tentando soltar uma risadinha que negasse seu coração quente e a luz em seu ventre, a umidade quase chegando a suas coxas. O sorriso, tão falso, tão incapaz de todo o engano que lhe era exigido, se transformou em lágrimas. Arveyda segurou o rosto dela nas mãos. Que se tornou mais jovem desde que ele a conheceu. Os olhos de pássaro não se moveram tanto, a contração desapareceu. Restava apenas a tristeza dos despossuídos do amor. Ele a beijaria para que tudo fosse embora.

Zedé só fizera amor duas vezes na vida. Até conhecer Arveyda não tinha sequer pensado em sexo; estava sempre muito ocupada e suas lembranças eram muito dolorosas. Embora tivesse feito sexo, foi breve. Às vezes, a filha era a única prova de que um homem fizera amor com ela. Agora era como se tivesse um novo corpo. Arveyda beijava tudo, do jeito que ela gostaria que alguém que ela amasse a tivesse beijado quando estava *embarazada*. Sob seus lábios, ela sentiu o florescimento de seu útero murcho, e sob sua língua, seu sexo fechado ganhou vida. Os pelos de seu

corpo eriçados feito árvores. Na verdade, a luz que sentia dentro de si, no ventre e no coração, agora a cobria completamente; ela se sentiu dissolver na luz.

Mais tarde, deitados na cama, exausta pelos orgasmos que abalaram seu centro, Zedé traçou voltas e mais voltas na verruga preta no mamilo direito de Arveyda. Ambos estavam relaxados e frenéticos.

— Isso não vai acontecer de novo – disse ela. – Não pode.

Seus lábios foram atraídos pela verruga. Ela o beijou sem pensar.

— Não – respondeu Arveyda. – Me desculpe. Foi tudo culpa minha. – Seu rosto estava perdido nos cabelos dela. Ele cresceu novamente entre suas coxas. Ela ficou molhada.

— Mamacita. Papai. – Era o filho mais velho, Cedrico, chamando, acordando.

Durante meses, eles se evitaram. Mas ela adorava sua música e colocava para tocar no aparelho de som o tempo todo, então ela trapaceava. Ele nunca saiu de perto dela, embora estivesse se apresentando em outras cidades e outros países. Ela ouvia a música e, às vezes, chorava. Algumas vezes, chorando, se deitava na cama rosa, com a mão entre as pernas. Havia uma música, em particular, de seu último álbum, que a deixava de joelhos. Ela sabia que ele compôs enquanto pensava nela. Ela poderia gozar apenas ouvindo tal música.

Arveyda vivia com as roupas que ela fazia para ele, ganhando finalmente o apelido de “Pássaro”, ou, como ele adorava traduzir, “Charlie Parker, o Terceiro”. Envolto em sua capa de penas, com suas botas aladas, ele enviava sua alma voando para Zedé enquanto mantinha seu corpo, pensamento e atenções em Carlotta, a quem não deixou de amar. Só que agora começou a achar que era Zedé o que ele amava em Carlotta. Olhando com toda a atenção para o rosto de Carlotta, ele procurava vestígios de Zedé. Quando encontrou, beijou-os com reverência.

Como se diz à pessoa amada que também está apaixonado pela mãe dela? Além disso, provavelmente era ilegal. Arveyda quebrou a cabeça pensando no problema; sua música, tão suave e oscilante, agora era torturada e estridente. Às vezes, nos ensaios, e até nas apresentações, ele tocava o violão em transe.

A música de Arveyda era tão linda que ninguém se importava com o tempo que ele ficava tocando. Lá estava ele, suas pernas finas em jeans leve, as botas de camurça marrom com penas brilhando nas luzes estroboscópicas, uma parte de seu peito afilado revelada; seu rosto, o rosto de uma pessoa profundamente espiritual, intenso, atrás do violão ou da flauta. Não era à toa que ele era rico e famoso: Arveyda e a sua música eram remédios, e, vendo-o ou ouvindo-o, as pessoas sabiam disso. Aglomeravam-se ao redor dele como faziam antes com os sacerdotes. Ele não as decepcionava. Sempre que tocava, era com o coração e a alma. Sempre, embora pudesse estar muito cansado, ele tocava com fervor e devoção. Mesmo que a música fosse sobre transar – e, porque ele adorava transar, muitas eram sobre isso –, era sobre a foda que o universo promove através de nós enquanto fode com ele mesmo. O público sentia tanto isso que havia uma piada sobre a quantidade de bebês Arveyda concebidos em noites de show na lua cheia.

Ele tocava para a mãe falecida e para o pai que mal conheceu; a saudade de ambos saía do violão em lamentos e lágrimas. Havia uma nota melancólica na música que ele tocava quando sentia falta deles. Carlotta tinha a pele negra clara amarelada.³ A cor jovem e esperançosa da imigrante, a cor do equilíbrio, a cor das folhas de outono, metade das flores do planeta, a cor da resistência e do otimismo. Verde era a sua cor, um verde suave, a melhor cor para os olhos e para o coração. E Zedé... A cor de Zedé era pêssego, ou rosa, ou coral. As cores do útero, as cores da mulher. Quando tocava para ela, fechava os olhos, acariciava e entrava em seu corpo, que imaginava translúcido feito uma concha. Ele se lembrava de fazer amor com ela e se imaginava como a luz dentro da concha rosa, translúcida. Muitas vezes ele chorava enquanto tocava.

Carlotta não conseguia acreditar na beleza da nova música, por mais dissonante que às vezes fosse, e lamentosa. Ela ficava sentada na plateia vendo-o tocar e, embora morasse com ele, sentia como se fosse um estranho, distante dela, distante de qualquer pessoa. Se ela conseguisse arrastar Zedé para uma apresentação, recorreria a ela, emocionada com um novo riff. Mas Zedé inevitavelmente mantinha a cabeça baixa. Carlotta nunca se lembrou de como se deu conta pela primeira vez.

Durante meses, Arveyda e Zedé mal se viram. Isso, Carlotta sabia. Arveyda vivia viajando; na maioria das vezes Carlotta ia com ele. Zedé ficava na casa dela e cuidava das crianças. Toda noite, enquanto estavam fora, Carlotta ligava para saber como estavam. Cedrico estava comendo? Angelita estava fazendo xixi na cama? Sentiam saudades dela e de Arveyda? Zedé respondia às perguntas com energia e entusiasmo. Sim, Cedrico sentia saudades, mas era “un niño muy grande”. Sim, Angelita fazia xixi na cama, mas isso era sinal de sorte (alguma superstição do velho país, Carlotta presumiu, e Zedé nunca explicou), e os dois estavam comendo como loucos. E assim por diante. Depois de um resumo das atividades na cidade onde estavam hospedados, e depois de Zedé mencionar qualquer pequena notícia que tivesse, um silêncio constrangedor se instaurou.

— Você não quer saber sobre Arveyda? – Carlotta tinha de perguntar.

— Ah, quero, muito – respondia a mãe. Mas então Carlotta tinha a nítida impressão de que a mãe não estava ouvindo. Ela não tinha como saber que cada palavra sobre Arveyda era uma facada.

Toda noite ela contava a Arveyda sobre as crianças. Ele nunca perguntava nada sobre Zedé.

— Você não quer saber sobre minha mãe? – perguntou uma vez com raiva, desprezando a indiferença dele ao sacrifício que sua mãe fazia para cuidar dos filhos.

— Óbvio que quero, quero, sim – murmurou ele, distraído, depois olhou abstraído e taciturno para a porta.

A princípio ela pensou que fosse ódio. Mas como eles poderiam se odiar? Eram os melhores amigos dela que, era o que achava, se gostaram logo de cara.

Quando iam buscar as crianças, depois de semanas de ausência, Arveyda nem se dava ao trabalho de agradecer a Zedé. Ele mal olhava para ela. Zedé, para uma pessoa tão retinta, ficava muito pálida.

Certa noite, jantando em um restaurante, Carlotta finalmente se manifestou. Eles ficaram sentados como paus durante toda a refeição.

— O que eu fiz para merecer a tortura requintada que vocês dois estão me infligindo? – perguntou ela no que esperava ser um tom de brincadeira.

— O que você quer dizer? – rebateu sua mãe rapidamente.

Carlotta olhou para Arveyda.

— Vocês nunca mais conversam, nem sequer olham um para o outro. Isso é um inferno para mim. Qual é o problema? Vamos, pelo menos olhem um para o outro.

Pensou ter visto pânico nos olhos da mãe. Mas Zedé levantou a cabeça e olhou para Arveyda. Arveyda, porém, pediu licença, se levantou da mesa de cara fechada e saiu.

Ela os observou naquele esforço até que também ficou exausta e um dia forçou sua mãe chocantemente jovem, vulnerável, inexperiente, aterrorizada e pálida como cinzas a pôr a história para fora.

Quando confrontou um cansado Arveyda, agora demasiado apático para pensar em criar trabalhos novos e, Carlotta suspeitou, procurar drogas, ele apenas disse:

— Os gregos saberiam como lidar com isso. Eu não. Zedé e eu somos culpados por nos apaixonarmos.

— Mas ela é minha mãe – esbravejou ela.

— Nem me fala.

— Ela é mais velha que você!

— *Jura?* – zombou ele.

— Mas ela é avó dos seus filhos – disse Carlotta.

— Ela é também artista – Arveyda retrucou.

— Como você pode amar a minha mãe? – Ela chorava.

— Você não a ama? – perguntou ele.

Eles conseguiriam sair dessa, pensou ela, se Arveyda e a mãe nunca tivessem transado. Mas, quando perguntou, ele foi direto:

— Fizemos amor uma vez. Não temos intenção de fazer isso de novo. – Ele fez uma pausa. – Pedir sua compreensão e perdão parece a personificação do sentimentalismo barato.

Mas e a dignidade dela?

Zedé veio vê-la, abraçando as pernas de Carlotta, o rosto pressionado nos joelhos, as lágrimas tão abundantes que encharcaram a saia da filha.

— Eu posso namorar agora. Em breve, prometo, vou me casar com alguém que amo. Nós iremos embora. Para o México, talvez. Vou tentar sair do seu caminho.

O coração de Carlotta estava partido. Ela o sentiu inchar com lágrimas e rachar. O que sabemos sobre qualquer coisa, afinal?, refletiu ela. A cena

com a mãe esvaziou-a de qualquer conhecimento. Mais uma vez, como quando era criança, ela sentiu que não sabia de nada. Se a cadeira em que estava sentada de repente se transformasse numa canoa que flutuava pela janela no rio das lágrimas de Zedé, ela não ficaria surpresa.

3. *Yellow* no original. [N. E.]

Uma característica curiosa no rosto de Suwelo eram as sobrancelhas. Eram como crescentes exagerados sobre seus ousados olhos pretos e prematuramente grisalhas, o que às vezes lhe dava um olhar de coruja. Era assim que estava agora, sentado à janela de um trem a caminho de Baltimore, o corpo alto e um pouco acima do peso curvado para aproveitar o restante da luz da tarde que passava por cima de seu ombro. Mordia distraidamente o lábio inferior carnudo e bem delineado, enquanto tentava ler o novo romance de um velho conhecido seu:

“Forçando a cabeça de Jackie para trás, ele estocava... nela, esperando... Meia hora depois, estava em cima dela, fazendo-a gemer de prazer, enquanto galopava com seus cavalos até um final divino.”

Sem paciência, folheou as páginas, procurando por mais notícias de Jackie, alguma palavra sobre o desenvolvimento desse relacionamento sem atrativo algum, mas não encontrou nada. Em outros momentos do romance ela foi vista se vestindo, fofocando com as amigas e saindo para fazer compras de mercado. Embora fosse o principal interesse amoroso do livro, ela nem transou outra vez, provavelmente para seu alívio, pensou Suwelo, enquanto espiava a cena horripilante de sedução do herói com uma estudante de um terço de sua idade, na qual as drogas tinham um papel de destaque.

Sua geração de homens havia decepcionado as mulheres – e a eles mesmos –, refletiu ele, tirando os óculos de armação de tartaruga e acariciando a ponta de seu nariz generoso e um tanto brilhante. Apesar de todo o seu ativismo e desenvolvimento político durante os anos 1960, de toda a sua compreensão da abrangência da opressão, para a maioria dos homens, o lugar preferido das mulheres continuava sendo o lar; a posição preferida das mulheres, onde quer que estivessem, de braços.

Ele jogou o livro de lado; em seguida, pegou-o novamente pensando em se perguntar do que realmente se tratava. Tratava-se de um roubo, do julgamento do acusado, o herói, da sua condenação e execução (porque todas as testemunhas do crime tinham sido assassinadas), e da constatação, pela cidade, mais tarde, de que o homem executado era inocente.

Mas ele não era totalmente inocente, pensou Suwelo. Ele estuprara Jackie, ainda que, como Suwelo viu agora, na última página houvesse um bilhete do herói para a enlutada Jackie, lembrando-a de todos os bons momentos que passaram e de como ele estava feliz por tê-la como sua “sua mulher”.

Suwelo bocejou. Então sorriu ironicamente ao pensar nas próprias tentativas fracassadas de fazer de Fanny ou Carlotta “sua mulher”.

Seu tio-avô Rafe já havia sido cremado quando Suwelo chegou à casa. Foi uma cerimônia rápida e tranquila que homenageou Rafe como alguém discreto, ativo na comunidade, um homem de paz. Olhando ao redor da pequena sala, Suwelo ficou surpreso ao ver, em sua maioria, mulheres, idosas, corcundas, pálidas e empoadas, várias delas, e só dois homens, com ternos verde-musgo da cor de rapé característicos de senhores de cor, apoiados em bengalas e com cara de quem se perguntavam se seriam os próximos.

As cinzas de seu tio-avô lhe foram apresentadas em um frasco antigo e falso de boticário que lhe era familiar; achava que vira o original num museu. Depois que os amigos foram embora, Suwelo ficou sozinho na casa que tio Rafe havia deixado para ele. Era uma pequena casa geminada, típica da antiga Baltimore, numa rua que, ao longo dos últimos anos, fora implacavelmente gentrificada. A casa de seu tio foi reformada por fora, acompanhando a gentrificação, provavelmente para aplacar os novos vizinhos *yuppies*, mas por dentro era a mesma de quando Suwelo era menino. Pés-direitos altos, madeira escura, cômodos cheios de argueiros, móveis antigos e pesados, uma enorme mesa de jantar toda arranhada com base em forma de pata de leão. Ainda havia um elevador de alimentos em funcionamento, que durante anos seu tio usara para subir com o carvão do porão.

Enquanto andava pela casa, limpíssima e imaculada, com capas brancas nas poltronas e cadeiras e guardanapos engomados reluzindo intensamente a luz suave dos candelabros antigos, Suwelo percebeu que não era tão pequena assim no fim das contas. Começou a subir, para investigar os três andares. Haviam passado óleo no corrimão recentemente; estava brilhando sob sua mão. Existiam fotos por toda parte, os rostos tão vívidos que ele se viu parado, olhando, como se fossem

os rostos cativantes de estranhos na rua. Reconheceu outros parentes: seu avô, seus outros tios-avôs, suas tias. Sua prima Rena. Seu marido, Mose. Sua mãe, sentada com um olhar assustado e desiludido em um balanço no gramado, e, ao lado, seu pai. O pai dele. Seu pai perdeu um braço na Segunda Guerra Mundial. Na foto, com a manga da blusa levantada e o chapéu na cabeça de um jeito todo convencido, ele ainda estava orgulhoso. Mas não por muito tempo. Suwelo suspirou profunda e cansadamente ao ler a inscrição: “Para Unk, amor, Louis e Marcia.” E, suspirando, passou pelo olhar impetuoso do pai, pelo ar de cativa indefesa da mãe, e subiu a escada. Ele não podia, não ia pensar neles; ele queria ser feliz. Era estranho e bom ser proprietário de uma casa, embora pretendesse vendê-la o mais rápido possível. O dinheiro que tio Rafe também lhe deixara duraria cerca de um ano, tempo suficiente, ainda mais com o dinheiro da venda da casa e com o tempo que isso lhe dava, para colocar sua vida em ordem.

Com todo aquele espaço que, por ser tão silencioso e desprovido de vida, parecia realmente muito grande, Suwelo se divertiu ao descobrir que o tio Rafe escolhera o menor quarto da casa para ser seu. Era algo entre um quarto e um armário, de frente para o quarto principal, que era quatro vezes maior, e com a cama de solteiro do tio ocupando quase o quarto inteiro. Esse quarto também foi arrumado e limpo de forma impiedosa. Embora parecesse pobre e vazio, a arrumação era praticamente clínica. A cama barata de madeira tão polida que resplandecia. As janelas brilhavam e as persianas estavam arrumadas com precisão. O colchão de borracha havia sido lavado e dobrado ao pé da cama, como uma enfermeira – ou um soldado do exército – teria feito.

Ele supôs que a enfermeira tinha limpado tudo. Ficou se perguntando. Ao lado da cama do tio havia várias pilhas organizadas de revistas da *National Geographic*. E jornais, uma revista *Life*, uma *Ebony*, várias edições da *Jet*, que, Suwelo lembrou, seu tio amava. Havia também – ele parou, pegou e abriu – um livro velhinho, *Servidão humana*. Ele levou o livro consigo enquanto vagava pelo restante da casa.

Enfim, se instalou no quarto principal. Parado diante da janela lateral que dava para o quintal, avistou uma mulher negra – jovem, elegante, talvez na casa dos trinta, arrancando ervas daninhas do jardim. Enquanto observava, um homem asiático, muito bonito e com um sorriso estampado no rosto, saiu para abraçá-la. Segundos depois, duas crianças

com idade de quem já devia frequentar a escola foram correndo até eles. Aparentemente, alguém disse alguma coisa engraçada, pois todos riram, e o menino, de seis ou sete anos, começou a empilhar e descartar os detritos que sua mãe indicou.

Do outro lado, um casal branco estava dando uma festa, e deviam estar em um dos grupos que ele viu, supôs. Havia cerca de uma dúzia de pessoas; estavam conversando, ouvindo música e bebendo com vontade. Eram muito barulhentos, mas não havia nada de assustador na ocasião.

Em ambos os lados da casa do tio – ele ainda não pensava nela como sua –, os quintais tinham um aspecto de reestruturação cuidadosa, canteiros elevados para legumes e flores, por exemplo, que combinavam com as casas recentemente modificadas. O quintal de seu tio era diferente. Era apenas o quintal, muito simples, plano, com uma fina camada de grama bem aparada e um carvalho que se espalhava pelos fundos de três quintais. Debaixo desta árvore tinha um “celeiro” feioso, falso e de metal que seu tio deve ter usado como depósito de ferramentas.

O quarto em que ele estava tinha pé-direito alto, três janelas grandes que davam para a rua, uma lareira, móveis maciços de carvalho que tinham uma presença (como se várias pessoas enormes e pretas habitassem o quarto) e uma cama gigante que era a coisa mais convidativa que ele havia visto até então em sua viagem. Cansado, sentou-se na cama, maravilhado com o trabalho na madeira, o entalhe antigo e elegante, e com a altura que estava do chão.

Uma cama de rainha ou rei. A roupa de cama, o cobertor leve e o edredom eram imaculados, cor de marfim, e a colcha, uma manta extremamente antiga, rendada e feita à mão, tão delicada que ele hesitou por um instante antes de colocá-la de volta. As fronhas eram debruadas com renda.

Ele planejara ficar uma semana, apenas o tempo que levaria para colocar a casa à venda, resolver pendências do tio e receber o dinheiro que lhe fora deixado. Quando se deu conta, duas semanas se passaram. Toda noite ele ligava para Fanny. Toda noite a voz dela era a mesma: fria, distante, sem qualquer interesse por ele. Ele perguntava se ela estava dormindo bem, pois sabia que há muito tempo era atormentada por pesadelos. Algo a ver com o príncipe Charles sorrir para ela, mas com dentes de África. Também perguntava se ela estava comendo bem. A cada pergunta ela só

murmurava com aquele tom ausente que tanto o irritava: “Tudo bem, tudo bem.” Nas noites passadas em claro, ele se dedicava a mais uma faxina na casa do tio. Começou com todas as caixas de quinquilharia no porão. Havia muitas caixas com roupas velhas; em uma delas ele encontrou botões de pérolas e um vestido de noiva – velho, mofado, comido por traças. E mais caixas e caixas com revistas e livros. Centenas de romances, mas também livros ensinando a falar inglês, sobre botânica, sobre navegação. Na terceira semana, alugou um caminhão e foi até o lixão.

Aos poucos, ia esvaziando cada andar. Na cozinha, encontrou pouca coisa para jogar fora. O que não o surpreendeu; desde o primeiro dia na casa ele foi alimentado, como seu tio deve ter feito antes dele, pelas senhorinhas que estavam na cerimônia pós-cremação. Embora senis e lentas, não haviam perdido nenhuma de suas consideráveis habilidades culinárias. Suwelo nunca tinha comido tão bem na vida: três grandes refeições por dia, servidas à porta de forma tão pontual quanto o nascer do sol. Elas não paravam para conversar. A campainha tocava, ele ia atender, duas senhorinhas escoradas e guiando uma à outra iam em direção a um carro ou subiam a rua. Às vezes, se viravam e acenavam. De vez em quando, ele chegava à varanda a tempo de cumprimentá-las.

À noite, ele se sentava em frente à velha televisão, comendo o succulento jantar de frango ensopado ou peixe refogado, e sua vida, pela primeira vez desde que era criança, parecia protegida por anjos, materialmente sólida, espiritualmente segura. Ele estava quase feliz.

Na casa do tio Rafe, Suwelo sempre estava num estado de espírito bastante ocioso. Sua vida havia estagnado, pelo menos a vida que ele achava estar construindo com Fanny, e ele ficou no aguardo. Às vezes ele sentia como se seus pés literalmente não tocassem o chão. Era um alívio. E às vezes também, pensava ele, era algo que aquele dinheiro, suficiente para sustentá-lo por um tempo sem se preocupar, lhe permitia fazer. Mais um dos muitos privilégios dos ricos, mas apenas se fossem inteligentes o bastante para não estragar esse tempo ocioso pensando em dinheiro.

A essa altura, Suwelo já havia garantido o seu. Ele conferia sua caderneta com frequência para provar a existência: US\$ 26.867,03. Era isso que ele tinha para se virar. Além de uma casa antiga e recentemente valiosa em perfeitas condições. Uma casa que o seduzia aos poucos. Não eram apenas

os tetos, tão altos que os pássaros entravam pelas janelas abertas e ficavam alguns minutos antes de voar novamente, ou os móveis antigos e confortáveis nos quais ele afundava quase a perder de vista. Não eram os pratos de comida deliciosa que apareciam sem parar. Na verdade, era – ele refletiu sobre isso – o quarto principal. A cama.

Esparramado em sua maciez felpuda, a manta de babados nos ombros, as costas apoiadas nos travesseiros rendados e estaladiços, os olhos sonolentos por causa do fogo na lareira e da taça de vinho que se permitia à noite, Suwelo experimentou uma sensação de bem-estar que o surpreendeu. Na verdade, se alguém pudesse vê-lo, com os olhos de coruja fixos no fogo, a boca relaxada, o corpo mole, diria que ele *parecia* atordoado, como se alguém lhe tivesse batido uma vez, com força, na cabeça e ele tivesse deitado para se recuperar.

Foi na sua ociosidade que ele começou a ver quanto seu tio Rafe havia escrito. Nas capas dos livros e nas margens, nos blocos de notas e até em alguns rótulos de frascos de remédios. Suwelo fez uma imagem do tio – que não o via desde a época da faculdade, há quase vinte anos –, um velho gagá, trêmulo e resmungão, um solteirão lendo sobre o mundo, mas que aos poucos perdia seu lugar nele, falando sozinho enquanto escrevia pequenas anotações.

“Nada bom. Forçado. Banal. Eu poderia fazer melhor.” Uma sinopse rabiscada em um livro de Ernest Hemingway: “Grande fanfarronice. He-Man”, vinha em seguida na contracapa.

“Presidente biruta. As pessoas não enxergam? Elejam um louco. O que ganham? Loucura.” Em um jornal velho, com uma foto de Eisenhower na primeira página, amarelada e rasgada ao meio.

“Entre a cruz e a espada. Eleitores de cor. Dois partidos, mas apenas uma raça por trás deles: a branca.” Na capa da *Life*.

A princípio, essas anotaçãoezinhas do tio divertiram Suwelo. Embora ele mesmo estivesse se aproximando da meia-idade, tinha a opinião comum entre os relativamente jovens de que os idosos chegam tão perto da realidade quanto uma caricatura.

“Lissie me ligou hoje. Chorando. Uns branquelos mexeram com ela. O ônibus estava lotado de brancos voltando de um jogo. Fizeram-na descer e seguir o caminho andando. Estava toda vestida com renda branca. Ficou enlameada.” Isso estava escrito, por incrível que pareça, numa caixa de

sapatos no armário do quarto principal. Uma caixa de sapatos que continha, na verdade, um par de sapatos femininos brancos e fora de moda. Tamanho 35. Muito sujos.

“Lissie vai me matar. Preciso ser forte. Maldição.” Escrito, incrivelmente, em um guardanapo de linho usado e embolado no bolso de uma calça preta velha e elegante.

“Preciso dizer a Lissie que não se preocupe com...” Neste não tinha conclusão, como se seu tio tivesse sido interrompido enquanto escrevia o bilhete no verso de um envelope.

Mas quem era Lissie?

Ele começou, quase inconscientemente, a examinar de novo os quadros nas paredes. Havia fotos do tio Rafe de quando era muito jovem, logo depois de ter chegado da Ilha. Devia ser seu primeiro dia no emprego como carregador de vagão-leito no Baltimore Limited, o trem que “destruiu” os trilhos entre Baltimore e Nova York, sobre o qual tio Rafe falara como se fosse um parente. Ele estava com um sorriso enorme no rosto e ostentava seu quepe azul e vermelho de porteiro, todo feliz. Adorava falar sobre a quantidade de comida que “ela” recebia, como ela era quando sua “raiva aumentava”. Como ela “seguia os trilhos”. Como nenhum dos outros trens “chegaria aos pés dela”. (O que significava, perguntou-se ele, “chegar ao pé” de alguma coisa, especialmente de um trem. Como essa expressão surgiu pela primeira vez na língua?) A mente de Suwelo costumava divagar, mesmo quando tio Rafe ficava mais animado com a vivacidade de suas lembranças. Seus olhos castanho-escuros e meio sombrios brilhavam, e uma vez ele disse algo sobre uma gorjeta miserável que um avaro milionário branco lhe dera e riu estrondosamente, as têmporas salientes, a cabeça caída para trás, a boca aberta, revelando dentes tortos, mas muito brancos e fortes.

Ele foi carregador durante cinquenta anos. Carregava, principalmente, bagagens de pessoas brancas. Às vezes, para tirar umas “feriazinhas no trabalho”, ele se esgueirava atrás de uma linda mulher “de pele marrom” com “um corpo violão”, a caminho do vagão fuliginoso da Jim Crow, e insistia em carregar a bolsa dela. Esses eram os momentos que tornavam seu trabalho suportável, e ele aprendeu a criar encontros tão breves, pequenos instantes de deleite para si mesmo, enquanto o trem corria pelos trilhos. Ele se dava bem com crianças (que quase imediatamente o

tratavam como “tio”) e seus animais de estimação. Jovens mães viajando sozinhas o adoravam. Era prestativo, modesto, ágil e sabia seu lugar – as pessoas viam isso facilmente em seu comportamento – porque ele, como tantos homens de cor, havia aperfeiçoado a arte de fazer as coisas mais íntimas por e para pessoas brancas, sem olhar para elas uma única vez. Era uma habilidade inestimável.

No fim da viagem, suas novas “amizades” vinham com moedinhas de cinco centavos, dez centavos e, às vezes, de vinte e cinco centavos num aperto de mão. De vez em quando, cinquenta centavos. Ele ria, conversando com Suwelo e os outros parentes reunidos ao seu redor (e em torno das montanhas de boa comida que sempre tinha na casa do tio Rafe) sobre como a comida sofisticada do trem, de que ele pouco gostava, era distribuída pela janela aos mendigos e como, num período da Depressão, ele desenvolveu uma “pança”, na qual carregava presunto e rosbife suficientes para alimentar a família órfã no fim da rua.

— Os crioulos roubam. Pois é mesmo! – disse ele, rindo como um louco.

Suwelo imaginou seu tio pelo ponto de vista do seu posto como um homem branco. Uma presença alta, arredondada, embora nunca gorda, um tanto carrancudo; um ser cujos olhos eram tão inexpressivos como os olhos vítreos de um brinquedo. (Suwelo achava que os próprios olhos ousados, mas estranhamente nada reveladores, pareciam os do tio.) Um homem grande e preto, um urso, curvando-se para os brancos, servindo-os por cinquenta anos. O cheiro de seus cabelos sempre em seus rostos, seus pequenos desejos e necessidades na viagem de Baltimore a Nova York, o ímpeto para a maior parte de sua atividade, as palavras “Cabineiro!” ou “*Ei, rapaz*”, seu sinal para entrar em ação genuinamente encantada ou, pelo menos, interessada. Que pesadelo, pensou Suwelo, um pesadelo dos infernos. E como era estranhamente comovente o tio Rafe adorar comer, beber vinho e dançar (ele dançou de forma tão bela até a velhice) em sua casa – o alojamento espaçoso e organizado de um solteirão de pedra, ou assim pensava Suwelo –, com a família e amigos, e se sentava numa boa e contava sobre seus dias no trem, e não apenas gargalhar, mas fazer todo mundo gargalhar junto.

E a *intensidade* da gargalhada! A maneira como parecia vir de tão fundo que até arranhava a parte interna dos pés. Ninguém mais gargalhava daquele jeito. Parecia que nada mais era engraçado o bastante. Quando

seu tio e seus convidados paravam de rir, ficavam mais leves, mais serenos; até suas atividades eram realizadas com mais graça. Era como se o riso os aliviasse e compartilhá-lo pusesse tudo que era risível e insuportável em sua devida perspectiva.

Como ele gostaria de poder rir daquele jeito agora, depois da bagunça que tinha feito com sua vida junto de Fanny. E depois da covardia que havia demonstrado em seu relacionamento com Carlotta. Fanny adorava gargalhar, exibindo o espaço irresistível entre os dentes da frente, como se ainda vivesse na África, onde o diastema é distintamente um sinal de beleza; uma lacuna que às vezes beliscava sua língua. Mas ele não conseguia se imaginar parte das risadas agora. Seu lugar seria o do branco avarento, aquele que explorava; ou das crianças e de suas mães agradecidas, que mesmo assim nunca *enxergavam*. Pensou em Fanny e Carlotta rindo juntas – dele.

Certa manhã, um senhor, que Suwelo reconheceu como um dos dois que compareceram à cerimônia pós-cremação de seu tio Rafe, tocou a campainha. Ele estava parado ali com a camisa de trabalho, calças velhas e botas, cambaleante. Depois de um mínimo de gentilezas – “Bom dia. Está quente depois de um tempo, hein. Como vai?” –, ele anunciou que veio “cortar a grama”.

Sem dizer uma palavra, Suwelo o conduziu pela casa e saiu pela porta dos fundos. Uma vez no quintal, observou o velho destrancar o galpão e pegar um cortador de grama tão antigo quanto todo o restante da casa. Ele começou a empurrá-lo para a frente e para trás pelo minúsculo gramado, cortando as pontas das macias folhas de grama com grande maestria e serenidade. Suwelo ficou impressionado.

— Eu me chamo Suwelo – disse quando o velho terminou, guardou o cortador, passou o ancinho na grama e devolveu as ferramentas ao galpão. Suwelo ficou ao seu lado enquanto ele lavava as mãos na água da torneira externa e usava um grande lenço amarelado para secar o suor do rosto.

— Eu sei quem você é – disse o velho. – Conheci seu pai e sua mãe. E o conheci quando você era menino, antes de mudar seu nome. “Louis Jr.”, a gente o chamava. Ou “Louizinho”. – Ele suspirou. – Você não vai se lembrar de mim. Meu nome é Jenkins. Harold D., de Davenport. Mas pode me chamar de Hal. – Ele sorriu. – As crianças sempre me chamavam de “senhor Hal”. Muito prazer. – Ele estendeu a mão úmida, que Suwelo

pegou, surpreso com a suavidade e fragilidade, a mão de alguém que agora trabalhava duas ou três horas por mês, no máximo.

Suwelo ofereceu uma xícara de café ao senhor Hal, que aceitou. O senhor Hal se sentou confortavelmente à mesa da cozinha, como se estivesse acostumado a sentar ali. Quando ele se mexeu na cadeira e sentiu o ligeiro desnível das pernas, soltou o tipo de grunhido exasperado que alguém dá quando uma peça de mobília a irrita o tempo inteiro há vários anos.

— Se importa se eu trocar? – perguntou ele, já se levantando da cadeira irritante. – Aquela...

— Você conhece meu tio há muito tempo? – perguntou Suwelo.

— A vida inteira, praticamente. Éramos meninos na Ilha. Nós dois viemos de povos que fabricavam móveis. Fomos juntos para a Primeira Guerra Mundial, a Grande Guerra. Casamos... – Aí ele parou. Olhou para o seu sapato.

Ele era um homem bem pequeno. Sua cabeça era alongada; o cabelo, naquele tom de cinza estranho que parece ser cabelo branco ficando preto novamente, curto. O bigode era bem cuidado, escovado acima do lábio. A pele era queimada de sol e macia do jeito que a pele dos idosos e dos bebês são. Seus olhos eram extraordinariamente grandes e, pensou Suwelo, belos. Por belos, quis dizer que havia neles uma qualidade de paciência, de terem aprendido quando falar e quando permanecer em silêncio. Como os olhos de muitos idosos, tinham um tom azulado e as pupilas escuras eram bem grandes.

— Tenho mexido nas coisas do meu tio – disse Suwelo.

— Ele deixou muitas coisas, né. Nunca abria mão de nada. A menor coisa que ele conseguia guardava.

Isso foi dito com naturalidade e em tom de “não te invejo”.

— Ah, estou gostando – disse Suwelo. – Sinto que estou conhecendo meu tio pela primeira vez. Queria que tivesse o nome das pessoas nas fotos que tem aqui. Os rostos são tão expressivos. Parece que todos estão tentando falar, mas sem os nomes não consigo ouvir.

— A maioria das mulheres é Lissie – contou o senhor Hal. – Os homens são vários. Seu pai. Primos. Tios. Avô. Talvez uma tia ou outra mulher, mas não me lembro de mais ninguém.

— Mas tem muitas mulheres – pontuou Suwelo.

— Lissie é muitas mulheres.

— Na verdade, estou feliz que você tenha mencionado Lissie – disse Suwelo. – Já vi muito o nome dela por aqui.

O senhor Hal estudou Suwelo. Seus grandes olhos passavam por ele da cabeça aos pés. Suwelo se sentiu lavado pelo olhar do homem, rigorosamente avaliado.

— Você a conheceu, né?

— Não, acho que não – respondeu Suwelo.

— Ela é uma das mulheres que traz sua comida às vezes.

— Ah – disse, decepcionado. Ele pensou nas senhorinhas magras se apoiando uma na outra ou se virando para acenar ao entrarem no carro. Ele adorava que cozinhassem para ele e ficou realmente surpreso que fizessem isso, mas as achava velhas demais para dirigir.

— Ela nem sempre foi velha – disse o senhor Hal. – Nenhum de nós.

Num sobressalto, Suwelo se deu conta de que em sua vida real, a vida na Califórnia, longe da aconchegante casa geminada do tio em Baltimore, ele nunca esteve perto de idosos. Não sabia que uma das habilidades que adquiriam com a idade era a capacidade de ler mentes. Pois enquanto estava sentado ali, encabulado, sabia que o senhor Hal o lia. Facilmente, casualmente, como ele mesmo lia um livro.

— Você é casado? – perguntou o senhor Hal.

— Eu fui – respondeu Suwelo.

O senhor Hal esperou.

— Eu estraguei tudo. Neste momento não sei o que está acontecendo com a gente. Estou sem saber o que fazer.

— Aposto que ela é muito bonita.

Isso soou falso para Suwelo. E indigno. O senhor Hal já estava velho demais para se preocupar com a mera beleza. Até *ele* estava. De qualquer forma, Fanny era bonita?

— A beleza já não é mais o que costumava ser – respondeu Suwelo. – Provavelmente nunca foi.

— Não leve isso tão a sério – disse o senhor Hal, rindo.

Suwelo riu também.

— Mulheres... – o senhor Hal completou, com bom humor. – Ruim com elas e pior... Você sabe o restante, eu *sei!* – Eles se entreolharam e riram de novo.

Suwelo acompanhou o senhor Hal até um caminhão em ruínas. O senhor Hal se apoiou no volante como se estivesse descansando o peito enquanto rezava para que o caminhão pegasse. Quando pegou, depois de muito tanger e grunhir, ele se virou para Suwelo.

— Quando Lissie vier da próxima vez, pergunte a ela sobre ela.

Todas essas pessoas muito velhas dirigindo por aí, pensou Suwelo, depois se perguntou sobre o índice de acidentes. Mesmo agora o senhor Hal acelerava o motor como um adolescente com deficiência auditiva.

— Ela era namorada dele? – perguntou Suwelo mais alto que o barulho.

— Melhor que isso – o senhor Hal respondeu acelerando. – Lissie era nossa esposa.

Suwelo voltou para casa e parou diante da primeira foto que viu. Uma mulher muito jovem, descalça, com cara de obstinada, usava um vestido longo e escuro, olhando para a frente com altivez. Estava diante de cinco cadeiras de madeira novas, lindas e vintage. O chão em que ela estava era arenoso, e ele notou que o vestido dela estava remendado perto da bainha. Em uma das cadeiras havia uma cesta inacabada, cujas pontas puídas nas laterais faziam com que parecesse uma grande aranha prestes a subir pelo encosto da cadeira.

As cadeiras eram maravilhosas: altas, de madeira clara e brilhosa, com assentos de junco e encostos cheios de detalhes esculpidos. Ele nunca tinha visto nada parecido.

Continuou observando as fotos de cima a baixo nas escadas e nos cômodos. A jovem com as cadeiras era a única mulher que não conhecia. Voltou várias vezes e sempre conseguia identificar as tias e primas, mas não aquela jovem. E então notou pontos clareados ovais e quadrados onde antes havia fotos penduradas nas paredes. Alguém as retirara.

— Lissie e eu namoramos desde que ela usava vestidos longos e eu bermudas – contou o senhor Hal a Suwelo alguns dias depois, enquanto estavam sentados à mesa da cozinha para tomar café. – Deve ter começado, a gente sentir algo um pelo outro, quando éramos praticamente bebês. Você sabe, ou talvez vocês, jovens, não saibam, mas naquela época existia certo tipo de vida no campo que tinha muitas vantagens. Nem tudo eram *night riders* e brancos sendo descabidos. É lógico que tinha disso também; acabei acreditando que eles não conseguem evitar, e a gente meio que gostaria que eles estudassem essa tendência. Mas não vão, pelo menos não nesta vida. Talvez na próxima. Mas eles batiam nas pessoas, e, se fosse uma criança, depois que te batiam e não te matavam, ou não roubavam ninguém da família, ou da família de amigos, eles desapareciam. Aleluia! A gente realmente não pensava neles até eles causarem mais sofrimento. Eles são as pessoas mais assustadoras de todas, e vou ser sincero: tenho medo deles. Eles pegam o que querem, não ligam para nada, e é isso que a gente sente quando os conhece. E então sempre tentei ter uma vida na qual não era necessário conhecê-los.

“Mas o campo é um lugar grande, e é lindo, e as ilhas do outro lado da baía de Charleston são muito especiais. E à noite, depois de trabalhar no campo, às vezes visitávamos uns aos outros, nossas famílias faziam isso, sabe, e nos sentávamos na varanda. Bem, os adultos. Ficavam sentados lá, comendo, fumando, e entretidos em longas conversas, com palavras pequenas, bem pequenas. Às vezes, uma hora se passava e eles não diziam quase nada, mas o mundo, o firmamento do céu e as muralhas do inferno tinham ficado cobertos.

“Mas então, antes de nos conhecermos bem, quando bebês, Lissie e eu brincávamos juntos. A casa do pai e da mãe dela era de frente para a praia, mas não pensávamos lá como “praia” naquela época; era só o quintal deles, e a gente podia se sentar naquela varandinha e ver o sol se pôr na baía. Era uma bela vista. Às vezes, todos nós ficávamos lá observando: as crianças, os adultos, os cães de caça, os gatos e até as cabras. Apenas sentados ou de pé, observando o pôr do sol em silêncio... Se bem que talvez não os gatos, pelo menos não perto da gente, porque eu tinha, e

tenho, por alguma razão, um medo mortal de gatos, e isso entristecia Lissie, que tinha um carinho genuíno pelos bichinhos. E, mesmo que eu não consiga me lembrar de nós quando éramos bebês, quase consigo me lembrar disso, e a Lissie se lembra perfeitamente, ela conta, e gosto de pensar em nós, dois bebês marrons e gordinhos, com nossos patuás de assa-fétida pendurados no pescoço, olhando o pôr do sol juntos, com os animais, e babando um na cara do outro.

“Todo mundo ria ao ver a atração entre a gente. Assim que começamos a andar, cambaleávamos juntos, enfiávamos na boca tudo que aparecesse no caminho e mordíamos o nariz um do outro com nossos dentes de leite. Mas aí ela virou uma menininha, e eu, um garotinho, e por vários anos seguimos caminhos separados. Até que a dona Beaumont abriu uma escolinha nos fundos da casa dela para os filhos das pessoas, e Lissie e eu voltamos a ficar juntos. Não era nem amor, exatamente. Era mais parecido com o que estes jovens têm hoje quando saem para protestar juntos contra a guerra nuclear; mais como afinidade. Nós apenas gravitamos em torno um do outro, porque era onde a vida parecia mais segura e melhor. Lissie sentia isso, eu sentia isso. A dona Beaumont até reconheceu isso, e todo mundo naquela escolinha. Hal e Lissie, Lissie e Hal, diziam.

“Ela nunca foi santa. Na verdade, era malvada. As coisas sempre tinham de ser do jeito dela. Mas nem sempre comigo. Eu até conseguia fazer com que ela mostrasse seu lado bom, de vez em quando. Às vezes ela pegava o lanche das crianças menores e me dava um pedaço, e ficávamos ali comendo o que tinha e observando a criança de quem ela tinha tirado a comida chorar. Lissie apanhou mais do que qualquer outra pessoa na escola. Ela era uma líder nata. Mesmo quando era bem pequena, ela era boca dura. Outras meninas tiveram problemas com os meninos que as intimidavam. A Lissie, não. Ela mandava nos meninos, da mesma forma que mandava nas meninas e se metia em briga num piscar de olhos. Quer dizer, brigava como o próprio diabo. Ela tinha dentes grandes, brancos, e, quando brigava com alguém, mirava os dentes afiados na pessoa. Quase mordeu a orelha de um menino que tentou bater nela, depois disso se tornou uma rainha. Ela falava, e as águas se abriam.

“Eu tinha um pouco de medo da Lissie, para falar a verdade. Ela era implacável. E contava mentiras para as pessoas só para rir da confusão que causava. Conseguia ser malvada de verdade. Uma vez, o senhor Beaumont

quase fechou a escola porque Lissie disse, alto o bastante para ele ouvir: ‘Parece que o Henry Aiken’ (que era um brutamontes grandalhão que parecia um cavalo sentado na carteira) ‘perdeu alguma coisa debaixo da mesa da dona Beaumont.’ É verdade que ele sempre ficava de olho nos tornozelos da dona Beaumont, mas era inofensivo, e o comportamento da dona Beaumont era irrepreensível. Foi uma grande confusão na escola. Dona Beaumont e Henry foram ridicularizados. O sr. Beaumont acabou saindo como idiota, principalmente porque a dona Beaumont se separou dele por um tempo, saiu da comunidade e quase perdeu o emprego de professora. O sr. Beaumont teve que ir até a casa da mãe dela e implorar para que voltasse. A Lissie, minha pequena Lissie, só riu.

“Nunca tinha coisa o suficiente acontecendo que a entretivesse, então ela costumava olhar para a vida das pessoas como se fossem peças de teatro. Sempre estava movimentando as pessoas. Mas era boa comigo. Ela me protegia. Uma coisa curiosa sobre mim era que, ao contrário dos outros colegas, eu não conseguia brigar. Simplesmente não conseguia. Era tão rude e grosseiro. Sempre preferia fugir de uma briga. E, você sabe, quando você foge das brigas acaba se atraindo. Eu costumava pensar que deveria ter outras maneiras de resolver as diferenças. Mas ninguém na nossa ilha tinha ouvido falar delas. Os adultos às vezes resolviam na conversa, mas então, nas noites de sábado, também começavam a se atacar. E Lissie assumia as coisas por mim. Ela ficava ali, firme, os pés descalços porque nenhum de nós tinha sapatos para ir à escola, só aqueles que usávamos aos domingos para ir à igreja, e ela estufava o peito ossudo, mostrava os dentes brancos e conseguia arrebentar como o melhor e o pior dos meninos, mesmo que fossem o dobro da altura dela. Isso não a assustava. Ela nunca demonstrava medo. Na verdade, quando começava a contar todos os membros que planejava cortar e todos os cortes nos quais planejava esfregar areia, a voz dela ficava um tanto fria e desinteressada e seus olhos focavam bem longe, bem além da cabeça de seus oponentes. Era bem assustador. E ela era tão pequena. Tão preta. Ela era, tipo, *concentrada*, se é que você me entende. Tipo, em qualquer lugar que se agarrassem, ela resistia e batia em você também, porque, bem, o olhar entediado dela dizia que já havia lidado com esses tipos antes e ela esperava mesmo algo mais interessante para fazer do que esfregar o chão com a bunda deles numa hora daquelas. De onde vinha isso? Essa forma

particularmente concentrada de energia que era Lissie? Quando ela me contou, fiquei surpreso, mas ao mesmo tempo não fiquei.”

Eles eram exatamente como Carlotta os imaginara. Parados juntos na amurada de um navio. Não era bem um navio; apenas o veleiro verde-oliva de Arveyda, com velas pretas e amarelas, que ele conduzia com a mesma maestria meditativa com que tocava flauta. Neste pequeno barco ele viajava pelas águas do mundo sempre que as coisas em terra ficavam demasiado intensas. A tranquilidade do barco era reconfortante, e, quando cansava de navegar, ligava o motor do barco, que zumbia energicamente, como uma mosca grande e persistente, ou só permitia que o balançasse como quisesse, com o vento.

Eles viajaram para o sul.

Sob o céu aberto, com os reflexos da água turquesa próxima da costa de seu país iluminando seus olhos tristes, Zedé se tornou uma mulher diferente. Disse adeus ao inglês hesitante que vinha da timidez, da excitação apaixonada ou do medo. Embora sua voz muitas vezes falhasse devido ao esforço para não chorar pela dor das experiências revividas, ela falava com uma eloquência que assustava Arveyda, que a abraçava não como amante, mas como a escuta que poderia, enfim, reconectá-la ao seu mundo enquanto ela falava.

— Você não consegue compreender os costumes do meu país, principalmente como eram quando eu era criança. Tudo estava mudando, é verdade, mas mesmo assim muitos dos velhos costumes podiam ser vistos por toda parte. Nossas mães nos ensinavam a fazer amor e a ter filhos quando nos tornávamos senhoritas, é lógico, mas também nos ensinavam a história de nossa civilização o tempo todo.

“Sempre vou me lembrar da cachoeira gigantesca que tinha lá – continuou Zedé – igual à que vi nas fotos da Jamaica. Era um lugar mágico. Íamos lá tomar banho quando ficávamos menstruadas, grupos inteiros de meninas e suas mães. Era sempre na lua cheia. Era morno. Até a água; mas também era refrescante em nossa pele e em nossos cabelos compridos. Não havia ninguém, antigamente, que não tivesse cabelo comprido. A gente só tinha! Era isso! Ninguém pensava muito nisso também. Usávamos amarrado embaixo ou no topo da cabeça, ou puxado para trás com pedaços de barbante ou cabinhos de flores, de vários jeitos. É, e algumas mulheres faziam umas tiaras de miçanga que eram lindas e bem deslizantes, como pele de iguana. Isso!

“Enfim, todas nos reuníamos perto de Ixtaphtaphahex, a Deusa, pois era isso que seu nome significava, nossas mães faziam a comida e as meninas subiam e desciam pelas laterais das cachoeiras buscando nacos de madeira para fazer fogo. Depois de comer e tomar banho, formávamos um círculo perto do fogo e, se alguém estivesse fazendo uma tatuagem, sua mãe trabalhava nela, esfregando a tinta, enquanto a mãe de outra menina contava histórias de muito tempo atrás.

“Foi assim que eu ouvi falar sobre os sacerdotes pela primeira vez. Os sacerdotes do nosso povoado não tinham traços de alegria. Sempre pareciam, pelas suas expressões amargas, estar sofrendo, como se tivessem desistido de algo que agora os atormentava com ansiedade. É óbvio que eram temidos, se não respeitados, e é óbvio que o medo também parecia respeito, eu acho. Geralmente é, né? Porque, aonde quer que fossem, o povo se curvava diante deles e trabalhava para alimentá-los. O povo construía as casas deles. Mas também, as pessoas faziam todas essas coisas sem alegria. E foi só quando os sacerdotes lideraram os cortejos nas cerimônias, abençoando o povoado, as colheitas e os animais, que o povo recebeu uma satisfação deles. E a razão para isso foi: seus trajes! As roupas eram feitas por mulheres como minha mãe, que às vezes trabalhavam o ano inteiro nos trajes de penas, contas e conchas que os sacerdotes usavam. E todos os anos, quando os sacerdotes passavam pela multidão, os trajes eram ainda mais resplandecentes do que os do ano anterior. Olha, algumas vezes as roupas deslumbravam tanto os olhos que o coração inflava só de pensar que tal beleza podia ser feita e existir. As pessoas não conseguiam acreditar que algo tão lindo fosse feito por mãos humanas, especialmente por aquelas pobres mulheres corcundas como minha mãe, sentadas no chão de terra de sua cabana.

“Minha mãe tinha uma cabana especial, com paredes de taipa e o telhado de capim, onde trabalhava. Ela ficava lá por dias seguidos às vezes. Conseguíamos vê-la de nossa casa, mas aprendemos desde cedo a não incomodar quando estava fazendo trabalhos sagrados, confeccionando trajes para os sacerdotes. Eu costumava me esconder nos arbustos de taioba que cresciam ao lado da grande mangueira do nosso quintal e ficava observando-a trabalhar. Tinha dias que ela não fazia absolutamente nada. Minha mãe, sabe, fumava cachimbo, um cachimbinho de barro com penas na piteira, e ela se sentava com as costas apoiadas nas paredes da cabana e

fumava olhando para longe, como se estivesse abençoando os milhares de hectares de bananas. Às vezes, sim, ela falava sozinha, bem alto, e eu pensava que ela tinha me descoberto escondida, observando-a. Mas não, mesmo que eu andasse na frente dela nessas horas, duvido que me notaria.

“Então, batia o cachimbo vez ou outra – ela tinha um apanhador dos sonhos feito de sinos, bem baixos e muito agradáveis –, e aí batia o cachimbo nesses sinos que ficavam pendurados ao lado da porta e ouvia o som suave e leve. E, se ela gostasse do som na hora, assentia uma vez, e aí começava.

“Ela fazia capas e cocares de grande beleza e costurava como se fosse num passe de mágica, de verdade. Não havia pés de galinha ao redor dos olhos da minha mãe, como há ao redor dos meus, porque ela quase nunca olhava para o que estava fazendo. Seus dedos sabiam exatamente o que fazer e tinha um semblante sonhador. Apenas suas costas, de tanto tempo curvadas, estavam ligeiramente tortas.

“Às vezes, depois de uma longa jornada de trabalho, ela perdia esse estado precioso. Voltava para casa, cozinhava, limpava e ralhava a gente como qualquer mãe. E a gente sempre ficava muito feliz quando ela voltava, embora estivesse só a alguns passos de distância no quintal. Meu pai, mais que todos, ficava feliz de ter a mulher de volta. E ele ficava feliz em saber que o trabalho estava indo bem, porque aí minha mãe sorria para ele. Se as coisas não estivessem indo bem, ela o tolerava como se fosse um fardo e uma intrusão, e todas as palavras que dirigia a ele, sempre poucas, eram bem duras. Se ele tentasse conversar quando ela estava pensando em trabalho, ela respondia com uma expressão de quem está com dor de barriga.

“Ela era uma pessoa que não podia ser apressada. Parece uma coisa pequena. Mas na verdade é uma qualidade incrível, bem antiga. Fazia tudo no mesmo ritmo de antes, sabia a hora do dia ou da noite pela umidade da atmosfera e continuava seu trabalho como se fosse viver para sempre, e para sempre era muito, muito tempo. Esse é o tipo de mulher que minha mãe era. Quando você olha para mim, dá para ver um pouco dela, mas eu perdi esse ‘para sempre’; e, por isso, me apresso às vezes.

“Agora, a história dos sacerdotes é triste, e não creio que os homens do meu povoado soubessem que as mulheres a conheciam nos mínimos detalhes. Infelizmente, mesmo no meu humilde povoado, as mulheres

eram consideradas inferiores e os homens não lhes contavam os segredos que consideravam necessário ter. Mas nós sabíamos! De tudo! Sempre tivemos nossos segredos.

“Nossas mães nos ensinaram que antigamente, bem antigamente, quando elas eram suas avós e suas avós eram velhas – porque somos nossas avós, sabe, só que somadas de muitas coisas novas e diferentes –, naquela época só mulheres podiam ser sacerdotas. Sim! Foi isso que nos contaram. Mas, na verdade, no início elas não eram sacerdotisas para si mesmas; eram os homens que as tornavam sacerdotisas. Mas então os homens esqueceram o que haviam feito. Pois bem, o que aconteceu foi que no início, mais ou menos na mesma época em que o tucano foi criado, também existia a mulher, e no processo de vida e de transformação ela produziu um ser um pouco diferente de si mesma. Isso a assustou. Mesmo assim, ela manteve o pequeno homem consigo por muito tempo, até que ele ficou ansioso para descobrir se existia, em algum outro lugar, mais da sua espécie. Ele foi embora, e, com certeza, havia outros como ele, entre os quais viveu. Esses primeiros homens eram tão novos um para o outro que tudo que fizeram foi se entreolharem por séculos! Eles ficaram muito felizes por serem encontrados. Mas isso significava que não tinham nenhuma autoconsciência sobre sua aparência, além da evidência pendente de masculinidade, o clitóris alongado. Eles não tinham nenhum conceito de vestimenta.

“A mulher estava inteiramente acostumada consigo mesma, enquanto o homem ainda estava entusiasmado com seu relativo ineditismo. A mulher já estava interessada em adornos. Na verdade, ela já fazia alta-costura! Sim! Pode rir, e eu sei que é curioso. Mas! A mulher nem sabia que se interessava por alta-costura. Ela brincava mais consigo mesma, sabe. Tornava o que já tinha interessante para si mesma e para as outras mulheres. Então ela tinha peitos de fora! Ela tinha uma barriga macia e marrom, e pernas fortes e marrons. E daí que ela tinha pelos na bunda que brilhavam como as asas de um pássaro? A mulher estava entediada. E então começou a brincar com sua aparência. Usou penas, conchas, pedras, flores. Usou folhas, cascas, areia colorida. Usou lama. As unhas dos pássaros! Durante dias, as irmãs e ela ficaram pairando na beira dos espelhos de água da selva, tentando uma coisa e outra. Passavam o restante do tempo coletando comida. De vez em quando, recebiam um

homem com quem brincavam, brincadeiras sexuais principalmente, até que se cansavam dele; então o abandonavam.

“Mas foram esses homens abandonados que, com o tempo, se encontraram e corroboraram a experiência uns dos outros entre as mulheres, vestidas de forma tão estranha com suas cores e penas, e espalharam a notícia entre outros homens que não tinham tido essa experiência. Então um dos homens contou sobre um nascimento entre as mulheres. Isso foi decisivo. Eles logo imaginaram uma mujer muy grande, maior que o céu, produzindo, de alguma forma, a terra. Uma deusa. E assim, se a produtora da terra foi uma mulher grande, uma deusa, então as mulheres deveriam ser suas sacerdotisas e deveriam possuir poderes grandiosos e sobrenaturais.

“O que a mente não entende, ela adora ou teme. Estou falando aqui da mente do homem. Os homens tanto adoravam quanto temiam as mulheres. Eles ficavam longe delas, mas as espionavam sempre que possível. A elegância que as mulheres portavam provava seu caráter sobrenatural. Os homens, sem os séculos de experiência das mulheres em roupas e adornos, só conseguiam fazer imitações muito desmazeladas. As mulheres riam deles. Talvez o erro mais fatal em todo o domínio das respostas humanas ao esforço sincero! Então, a princípio, para mostrar sua intenção de adoração, os homens, que eram melhores caçadores do que as mulheres, mas apenas porque as mulheres haviam descoberto que conseguiriam viver muito bem com outros alimentos além da carne, reuniram aquelas coisas que sabiam que as mulheres gostavam ou que poderiam vir a gostar, como penas, ossos, cascas para tinturas, dentes e garras de animais, e levavam, de joelhos, para elas, que os recebiam como donas de casa em uma liquidação.

“Demorou muito até que as mulheres comessem a exigir esses presentes, assim como demorou muito até que os homens percebessem que algumas das crianças que as mulheres estavam fazendo tinham uma notável semelhança com eles. Estranhamente, os homens não gostavam das crianças; era como se as crias os deixassem nervosos, até os meninos, que eles sempre proviam, ou que quase sempre corriam para se juntar a eles, e que, digamos assim, eles criavam. Durante séculos, a comunidade masculina girou em torno da feminina, e as mulheres mal notaram isso, a

não ser para fazer exigências sobre a quantidade e o número de coisas que recebiam.

“Muitas avós viveram e morreram nessa época. Época em que eram temidas, adoradas, mimadas, em que pessoas curvavam-se perante elas. E então, um dia, houve uma rebelião. Os homens ficaram fartos das mulheres que adoravam. E a essa altura já tinham feito uma descoberta importante sobre a capacidade da mulher de produzir vida. A descoberta, que foi muito bem escondida pelas mulheres por muito tempo, era que a vida que aquela mulher produzia saía de um buraco delas! Mas não do buraco que o homem também tinha, como se suspeitava (e é lógico que tentaram muitas coisas estranhas nesse buraco!), e sim de um diferente. Então pensavam que qualquer pessoa com tal buraco lá na parte de baixo do corpo poderia gerar vida.

“E é aqui que entra a tristeza. Porque as mulheres, embora facilmente entediadas, conseguiam se divertir muito com a vida. Vestindo-se bem, elas riam. Olhando para os espelhos imóveis dos lagos da selva, elas riam. A vida delas testemunhava pouquíssima dor, exceto pelo desconforto que sentiam no parto, mas logo se esqueciam disso. Elas também morriam relativamente jovens, ou por ataques de animais ou porque sua expectativa de vida era curta, de modo que não sentiam a dor lancinante da velhice. Em suma, foi durante esse período de rebelião que os homens decidiram que poderiam e seriam sacerdotes. Que poderia ser eles por quem a vida passava! Começaram a operar a si mesmos, eliminando e descartando sua masculinidade, e tentando abrir um buraco através do qual a vida pudesse surgir.

“Eles morreram que nem moscas. É por isso que, ainda hoje, as famílias ficam tristes quando um menino decide ser sacerdote. Aqui está a origem do celibato, da perda dos próprios filhos. Pois, antigamente, se tornar sacerdote significava que era preciso prescindir dos próprios órgãos genitais!

“Mas escuta, chico mio – disse Zedé, acariciando o rosto de Arveyda –, as coisas eram assim mesmo quando eu era criança. Não. Não a parte dos órgãos genitais, porque eles foram aprendendo alguma coisa com o número de homens que morreram, as mortes os tornaram cada vez mais sagrados! Mas eles cortavam as bolas. Esqueceram-se do buraco por onde passa a vida. Esqueceram que era isso que estavam tentando fazer. Doía

muito pensar e falar sobre o assunto, também não adiantava de nada, na verdade. A futilidade quase os prostrou. O que eles lembravam era que deveriam ser como as mulheres, e caso se castrassem em uma certa idade, na época da puberdade quando escolheram ou foram escolhidas para o sacerdócio, poderiam soar como mulheres e falar ao universo na voz de uma mulher.

“Mas, ah, e a dor! Essas operações raramente eram bem-feitas. O calor, as moscas e o suor! O ódio pela mulher, cuja dor se limitava ao parto e talvez a algumas cólicas todos os meses. E que continuava gerando vida, se enfeitando e não dando a mínima para isso.”

— Lissie significa “aquela que se lembra de tudo” – explicou dona Lissie a Suwelo, seus olhos pretos, sob as pálpebras enrugadas, tão brilhantes e fixos como os de um falcão –, mas agora estou velha e meus neurônios... Os neurônios são que nem bateria, né? Estão morrendo, milhões de uma vez. Das minhas vidas anteriores no Egito e na Atlântida, não me lembro de nada. Menciono esses lugares apenas porque todo mundo menciona, ainda mais as pessoas que têm necessidade de se sentir melhor consigo mesmas nesta vida, mas não conseguem. Para ser sincera, nunca tive nenhuma lembrança desses lugares, e, não fosse pela existência de pirâmides e pelas evidências de civilizações antigas submersas que agora estão vindo à luz, duvidaria da existência deles. Como sei que existiram, em minha mente racional, devo presumir que os neurônios de que precisaria para me lembrar delas, tendo tantos milhares de anos ou mais, atrofiaram. Mas, por outro lado, não lembro com o meu cérebro, de qualquer maneira, e sim com a minha memória, que está de alguma forma separada mas contida nele. Carregado, sinto que meu cérebro está com memória. É, como eu disse, que nem uma bateria.

Suwelo ficou encantado com aqueles quase cem dreads branco-prateados finos e modelados na cabeça da dona Lissie, que formavam uma auréola para seu rosto retinto e faziam com que parecesse, mesmo nas sombras da casa do tio Rafe, queimado pelo sol. Os dreads cresciam para todos os lados, mas tinham um caimento suave nos ombros e desciam por suas costas eretas, como um manto da mais brilhosa lã. Quando ele a viu pela primeira vez, entre as outras mulheres idosas na sala do tio Rafe, ela, como as demais, estava com a cabeça coberta. Ele nunca teria imaginado, em uma pessoa tão velha, um cabelo tão selvagem, abundante e glorioso. Dava-lhe a aparência curiosa de uma criatura antiga que, mesmo em repouso, está prestes a desabrochar.

Ele tinha a inexplicável sensação de que ela era sua avó verdadeira e que sua avó, que pintava o cabelo branco de loiro para realçar uma semelhança distante com Patricia Nixon, era uma impostora. Isso intrigou Suwelo, que, na abstração de seus pensamentos, olhava fixamente para as tranças

da cantora de reggae de dona Lissie desde que ela começou a falar se perguntando quantas deveriam ser.

— Exatamente cento e treze – disse ela, como se ele tivesse perguntado, antes de continuar sua história.

“Não é, no entanto, o passado mais antigo que eu conhecia quando criança, mesmo quando era bebê, mas o passado recente de até alguns milhares de anos atrás. Sempre fui uma mulher negra. Digo isso, espero, sem qualquer arrogância ou orgulho indevido, pois sei que foi apenas sorte. E digo que foi sorte por causa do esforço que os outros precisam fazer para tentar descobrir quem são e o que deveriam estar fazendo, e acham difícil entender por causa de todas as vozes divergentes e discordantes que são obrigados a ouvir. Tenho uma amiga nesta vida que me lembra a mim mesma, alguém que sempre foi, em todas as vidas, uma mulher negra. Cada palavra que ela fala revela essa experiência e tem base na antiga lógica de sua existência como quem ela é, e, quando ela tenta fabricar as vozes de outras pessoas que não existiam em seu antigo ser, dá para ouvir isso imediatamente em sua voz. Torna-se a voz de uma pessoa quase desencarnada, embora suas palavras permaneçam incisivas, lúcidas e brilhantemente habilidosas. Mas então, sempre que está livre para falar como ela mesma, tudo fica irregular, e ouvi-la é como caminhar com pedrinhas nos sapatos. E sentimos que, se ela nos julgasse, seria bastante dura. Mas por debaixo da armadura de sua voz e de sua pele existe essa pessoa gentil. Mas quantos anos se passaram para essa gentileza aparecer!

“Eu nunca fui uma pessoa gentil. Talvez nas vidas de que não me recordo, mas em todas das que me lembro fui brigona, sempre a que criava confusão. Alguém que se entediava facilmente com outras pessoas e se ofendia se tentassem apresentar um ponto de vista fraco. Porque a maioria das pessoas, como você sabe, não se lembra de nada das outras vidas, e, não importa quantos anos tenham, a memória não fica melhor. Elas realmente pensam que, quando nasceram, seu cérebro era uma lousa em branco. Eu já até ouvi isso ser dito! Que bebês não têm memória; que são vazios de conhecimento e experiência; que, na verdade, não há ninguém lá. Isso é uma loucura. É lógico, as memórias que os bebês têm aparecem como sonhos indecifráveis para eles porque já não estão mais nesses contextos e porque eles não têm a capacidade de falar nenhuma língua, não só as línguas que falavam antes. De todos os períodos da vida,

a primeira infância é o mais lamentável e o mais confuso. Lá está você, sem ninguém que conhece, cercado por gigantes que talvez nunca tenha imaginado que existiam. Ficam soprando um hálito desagradável em você, untando sua pele com sabe-se lá Deus que mistura estranha é essa, dando coisas para comer que, em uma vida anterior, poderia ter sido um tabu. É horrível! E, enquanto você fica ali olhando ao redor, vai acumulando inteligência suficiente para entender que aquela é a próxima sala de aula, aquelas pessoas são a próxima lição que você deverá aprender. Ah, que horror! É por isso que os bebês dormem tanto. Imaginam onde e de quem nascem tantos deles. Dormem para evitar o choque dessa coisa cruel que lhes foi infligida e para evitar o inevitável sentimento de total desamparo.

“Eu não gostava nem um pouco dos meus pais. Minha mãe era um tanto atrapalhada e obviamente sem instrução; falava não só uma língua que eu nunca tinha falado, como também uma língua recém-inventada. Ela falava de ‘batateira’, ‘manguaça’, ‘matá porco’ e ‘chupeta de açúcar’. Ela existia num transe e, quando eu chorava, respondia com uma distração que me deixava sem fôlego. Eu costumava ficar deitada na cama e observá-la andando de um lado para o outro pela casa, com roupas desleixadas, os passos arrastados, quase cambaleando, da varanda da frente até a cozinha. Ela cheirava a rapé. De vez em quando, se arrastava até a lateral da varanda e cuspiam no mato. Eu sabia que nunca tinha visto, em nenhuma das minhas vidas, uma pessoa mais burra que ela.

“E ainda havia meu pai. Enquanto minha mãe era só atrapalhada – tinha o hábito de me trocar de um jeito que a fralda velha e suja sempre entrava em contato com minha cabeça –, meu pai era um caso perdido. Ele reunia todos os estereótipos do pai inepto de recém-nascido numa pessoa só. Falava a mesma língua estranha que minha mãe, quer dizer, resmungava, e levei anos para dominá-la, enquanto em outras vidas fui capaz de dominar novos idiomas em questão de minutos, embora levasse meses até eu conseguir falar. Não consegui falar por anos e, por causa dessa frustração com o idioma, eu também brigava.

“O pior de tudo era que eu nunca tinha conhecido essas pessoas! Nunca. Eram completos estranhos para mim. Não reconhecia seu cheiro, não reconhecia seus movimentos, seus ritmos, de que tanto repetiam, não reconhecia, como disse, a sua fala. Deus sabe que não reconhecia nem sua alimentação! Essas pessoas viviam à base de pão de milho, feijão-de-lima e

repolho cozido de vez em quando. Isso em tempos de abundância. O restante do tempo viviam de gordura, xarope de sorgo e biscoitos.

“Naquelas primeiras semanas e meses, dormi o máximo que pude. E, mesmo maiorzinha, eu dormia. Na verdade, essa é uma das razões pelas quais a alimentação das crianças da Ilha melhorou. Eu acabava dormindo na aula da dona Beaumont, e um dia a enfermeira visitante percebeu. Então começaram a fazer testes com as outras crianças e descobriram que nenhuma de nós tinha vitamina C, D ou A suficiente em nossa dieta. Nós nunca comíamos frutas, verduras, nunca tomávamos leite. Havia bastante disso na Ilha, sabe, mas era tudo vendido, cada pedacinho, para o continente, desde a época da escravidão. Naquela época, na escravidão, o povo era açoitado por provar o leite, roubar as verduras ou comer a fruta; conseqüentemente, quase cinquenta anos depois, as pessoas tinham de ser forçadas a comer essas coisas. E odiavam peixe! Muitas vezes ouvi minha mãe reclamar que frutas lhe davam gases, que o leite causava urticária e que só as pessoas brancas, ela achava, comiam “comida de coelho”, que era como ela se referia às verduras. Minha mãe e as outras mulheres da Ilha tiveram de ser incentivadas a voltar a ter pequenas hortas. Houve uma época em que todas as pessoas tinham horta, assim como porcos e galinhas, mas de uma forma ou de outra perderam os animais e as sementes, talvez numa das grandes enchentes que às vezes ocorriam como resultado de tempestades costeiras. Lindas tempestades, devo dizer. Mas também mortais. Depois, durante muitos anos, não tiveram dinheiro para comprar sementes nem animais, e morar numa ilha não ajudava, porque tudo tinha de ser trazido num ou dois barcos pequenos e frágeis, e a viagem levava cerca de dez horas. O superintendente da plantação arrancava qualquer vegetal que crescesse em seus quintais e que se parecesse com qualquer coisa plantada no campo. E as pessoas poderiam perder suas casas, porque ninguém era dono das próprias casas.

“Mas tinha uma mulherzinha – ela era branca e tinha uma mulher negra que a ajudava –, ela começou a suscitar debates no continente sobre a situação das crianças da Ilha, e, logo, grandes barcos cheios de pessoas brancas vieram nos examinar. Foi a primeira vez que vi tanto branco junto! Eles tinham muitas formas e tamanhos diferentes, e eram muito saudáveis por terem comido a *nossa* comida a vida inteira. Eu não sabia disso na época, é lógico: eles tinham dentes saudáveis porque os meus

estavam podres; podiam comprar óculos para enxergar melhor, enquanto meu amigo Eddie não conseguia ver um palmo à sua frente e nunca aprenderia a ler; como eles... Bem, você entendeu. Todos tinham uma qualidade distinta por estarem afastados da vida real. Era como se estivessem de um lado da ampulheta e nós, do outro, e não pudéssemos ter nenhum impacto real sobre o que acontecia do lado deles, o lado do desconhecido, mas eles, sim, podiam ter um grande impacto sobre nós. E eu senti que era porque estávamos onde a vida estava. Pois, mesmo em nossa fragilidade, nós ríamos. Tanta coisa era tão divertida para nós! Eles não podiam rir livremente. Seus rostos pareciam punhos. Quando quase tocavam na gente, ficavam confusos e olhavam para ver o que os outros membros do grupo estavam fazendo. Nós nos reunimos em grupos, enterrando os pés descalços na areia, e olhamos para eles como se fossem um zoológico. Apenas um homem, baixo, gordo e desgredado, ficou animado, com ou sem a gente. Ele partiu para a praia em frente à escola e tirou a maior parte das roupas, sem olhar para nós. Pegou um pote com sabão líquido e começou a soprar bolhas. Logo estávamos todos lá com ele, correndo atrás das bolhas e observando-as flutuar baía adentro.

“Na época, houve uma grande comoção para nos dar óleo de fígado de bacalhau, porque alguém percebeu que eu dormir era o menos importante. Muitas crianças tinham pernas que pareciam pretzels. Na Ilha tinha tantas pessoas com pernas tão tortas que as com pernas retas pareciam deformadas. Era para isso que precisávamos do óleo de fígado de bacalhau, para prevenir algo chamado ‘raquitismo’. Foi engraçado também porque naquela época, na Ilha, as pernas arqueadas nas mulheres eram consideradas atraentes, inclusive havia quem reclamasse que as mulheres de pernas retas ‘não fazem lhufas’. Digo, sexualmente. Minha mãe teve a coragem de tentar me dizer que eu não precisava tomar aquilo se não quisesse. Mas me lembrei de crianças doentes e deformadas de centenas de anos antes e fiquei perplexa que isso ainda acontecesse. Mas eu exigi que nos dessem o óleo de fígado de bacalhau com suco de laranja. Porque, quando perguntaram aos pais se as crianças deveriam tomar puro ou com suco de laranja, entraram num debate e tentaram fazer disso uma questão moral. Diziam que seus filhos não eram maricas, por Deus e pela avó dele! Que beberiam qualquer coisa que lhes dessem ‘como um

homem de verdade’! Acredita? Isso realmente faz a gente se perguntar sobre a consideração geral do plano universal divino.

“Bem, eu não era um homem. Nunca fui. Se não me dessem com suco de laranja, eu disse, não tomaria óleo de fígado de bacalhau. E, se eu não tomasse o óleo de fígado de bacalhau, ninguém mais na escola tomaria. Todo mundo sabia que essa era a mais pura verdade. Além disso, o óleo de fígado de bacalhau, tomado puro, tinha um gosto horrível.

“Poucas coisas são mais confusas para as pessoas do que o processo de recuperar ou alcançar a saúde. É um dos grandes mistérios. E, quando penso em minha querida mãe, quando a mente dela começou a clarear – porque ela também foi, aos poucos, induzida a restabelecer a horta, comprar umas galinhas para os ovos e evitar o café doce e xaroposo que ela adorava –, mesmo agora, bem depois de sua velha cabeça estar fria, tenho que rir! Ela começou, pela primeira vez desde que era menina, a se lembrar dos seus sonhos. E foi, naquela primeira manhã depois de tantas noites mortas e uma viva, como se ela tivesse visto um fantasma. Por semanas, ela só conseguia falar sobre seus sonhos. As pessoas, os acontecimentos, as terras fabulosas que via, ela nunca compreendeu que eram as *suas* terras, as casas que visitava e que ‘pareciam tão familiares’, a comida que comia. Na verdade, ela estava sempre comendo em seus sonhos. Leite, frutas e verduras! E tudo que sonhava que comia ela procurava até encontrar. Então ampliou a horta, os animais, começou a vender o excedente aos vizinhos, até que comprou o próprio barquinho. E partiu para o continente com sua bolsinha de moedas. Ela se prostrava mentalmente diante de uma laranja. Bananas a deixavam louca.

“O jeito como falava continuava estranho, mas deixou de ser ininteligível à medida que ela acrescentava mais de si mesma. Parou de arrastar os pés. Seu gosto por rapé sumiu. Comecei a vê-la com outro olhar, com menos impaciência e desprezo. Foi a partir dessa época que nos tornamos mais que mãe e filha. Nos tornamos amigas.”

— Agora, o Hal. Hal. Graças a Deus ele existia. Era a única pessoa que eu sentia já ter conhecido. Gostava de contar histórias sobre nós, quando éramos bebês, babando na cara um do outro e tentando ficar perto o suficiente para sair engatinhando. Essa é a verdade do Senhor! Quando fiz contato com Hal pela primeira vez, quando meus dedos gordinhos conseguiram pegar um pedaço do seu rosto gordo, meus pensamentos começaram a fluir. Aqui, finalmente, estava algo, alguém familiar. Agora eu sei que algumas pessoas gostam de dizer que o homem com quem se casaram, ou a mulher, já foi sua avó. Não posso reivindicar nada assim. Não sei quem Hal foi e, durante todos esses anos, não tive sucesso em lembrar ou descobrir. O que posso dizer é que ele era familiar, confortável; e, mais, emocionalmente reconhecível. E ele sentia o mesmo. Não tenho muitas lembranças de vidas que não tenham Hal em algum lugar no meio delas. Eu tinha de vê-lo todos os dias. Quando ele precisava ir a algum lugar, por exemplo, na época em que foi para o exército, eu queria ter morrido.

“Nenhum de nós nunca se torna tudo o que potencialmente podemos ser. Pelo menos não na maioria das nossas vidas. Hal, por exemplo, ele era um artista. Um pintor. O que ele fazia de melhor e que sabia muito bem era desenhar, em qualquer superfície. Desde bebê! Ele pegava um graveto e ficava na areia cavando e desenhando, feliz como um molusco. Mas o pai dele odiava isso, e eu o vi tirar o graveto e apagar o desenho com o pé; e Hal era um bebê! Desenhar era algo que o pai dele queria fazer, algo para que talvez realmente tivesse talento, mas não se ganha a vida fazendo desenhos, imagino que era isso que pensava, e talvez seu pai também tivesse cortado suas asas cedo, proibindo-o de tentar. Ele deve ter sido o feitor de alguma plantação na época da escravidão. Mas era tão cruel! Era como ver alguém forçado a se cegar. E era muito irracional também. O sr. Jenkins, o pai de Hal, se tornou um grande fabricante de móveis, principalmente cadeiras. Esculpia desenhos belíssimos nos móveis. E foi com a venda dessas cadeiras que ele e a família conseguiram viver melhor do que todos nós. Era lindo também ver aquelas cadeiras altas, polidas e brilhantes, no barquinho, flutuando no mar! Mesmo assim, ele odiava a

tendência artística do filho. Por quê? Hal passou a vida inteira alheio dos medos do pai.

“Quando ele quebrou esse compromisso com a arte, com a beleza, com o registro, com o testemunho, com o sim ao espírito da vida, cujo único pedido na maioria das vezes é apenas que reconheça que realmente o vê, ele quebrou algo em Hal. Hal não conseguia, por exemplo, se defender; não se considerava digno de defesa. Ele nunca aprendeu a lutar. E olha, o mais incrível, seus olhos ficaram debilitados! Mas eu sempre o defendi; eu sabia que ele precisava ser lembrado de que não havia problema em ver. E, em qualquer canto que pudéssemos nos encontrar em privacidade, eu o forçava a desenhar. Se eu não tivesse feito isso, teria ficado cego como um morcego em menos de um ano. Seu pai ameaçou tirá-lo da escola se ele desenhasse. Então, durante anos, tive uma grande reputação como artista. Era tudo obra de Hal – contido e furtivo, como se seu pai estivesse olhando por cima de seu ombro, mas ainda assim expressivo, cru e puro. E tenho orgulho de dizer que me lembro de quase todas as pinturas que ele fez. Ele desenhou até a hora que teve de ir para o exército. Depois disso, por um bom tempo, não produziu nada. E com certeza, durante esse tempo, Hal me disse mais tarde, ele era um vagabundo qualquer. Mas pelo menos o exército finalmente o deixou sair por causa de sua vista ruim, embora tenha mantido outros homens de cor cujas deficiências eram quase tão lamentáveis quanto a dele. Fiquei muito feliz por ele ter voltado para casa e a pintar, porque um artista talentoso como Hal consegue pintar a memória da qual a própria pessoa talvez tenha começado a duvidar. Na verdade, perdi as contas de quantas vezes ele fez isso.”

— Certa vez, eu estava conversando com um acadêmico africano, um homem de uma dessas grandes universidades. Ele era muito magro, preto, aprumado e usava aquele chapeuzinho em estilo africano, igual aos dos soldados dos Estados Unidos só que com cores vivas, e ele parecia bem, eu acho, mas tinha uns olhos sem vida e eu quase tremi enquanto ele falava comigo. Era como se ele fosse um zumbi educado, de fala mansa e com movimentos bruscos. Mas, enfim, ele começou a falar sobre quanto era clichê quando as pessoas negras daqui diziam que seus ancestrais tinham sido vendidos por um tio para ser escravizados. Meio que debochou quando disse isso e se recostou na cadeira. Não respondi nada, porque ele

já havia decidido que a verdade, se contada várias vezes, pode ser considerada inacreditável, e eu já vivi o suficiente para ver isso acontecer muitas vezes. Algumas pessoas realmente acreditam que a verdade pode ser desgastada. Mas, de qualquer forma, foi meu tio quem me vendeu. O mesmo tio que vendeu muitas mulheres com seus filhos, e é fácil entender por que isso aconteceu. Era a organização africana da vida familiar.

“Meu pai morreu de infarto quando eu tinha dois anos. Ele era velho, e eu, a caçula de sua esposa mais nova; mesmo que ele tivesse vivido mais, teria parecido e sido alguém de outro século. Por lei, minha mãe e seus filhos passaram a ser responsabilidade do irmão dele, que era ainda mais velho, um praticante maometano que se banhava e rezava o dia inteiro. Ele tinha tantas esposas, filhos e pessoas escravizadas que não sabia mais onde enfiá-los. Uma das esposas de um dos seus filhos o incentivou a nos vender e foi o que ele fez. Ela queria comprar algumas bugigangas desses homens brancos que, depois da estação das chuvas, inundaram muito a nossa parte do mundo. Espelhos! Ninguém nunca viu tantos espelhos aparecerem do nada ou desaparecer tão rapidamente. Tecidos de cores berrantes, pias de lata brilhante e coisas que aparentemente não tinham nenhuma utilidade: quinquilharias; por exemplo, dançarinas de porcelana e cavalheiros elegantes. Mas isso aconteceu já na estação seca, porque fazia muito calor; deve ter sido lá para novembro ou dezembro. Minha mãe me mandou até a horta para pegar quiabos com sementes ainda nos talos, eu estava cantarolando, batendo com um graveto nas ervas daninhas no caminho empoeirado. Eu tinha uns treze anos na época. Vivíamos numa cabaninha humilde, isolada e escondida no *compound* do meu tio. Havia quatro homens enormes agachados na beira do canteiro de quiabos, e eles pareciam e cheiravam mal, então me virei para voltar correndo para casa. Bem, eles me pegaram, me amarraram, e um deles me jogou por cima do ombro como se eu fosse um saco de arroz. Depois foram para a cabana e pegaram minhas duas irmãs, meu irmão e minha mãe.

“Minha mãe só implorava e suplicava por misericórdia, porque já tinha ouvido falar de traficantes de pessoas, mas esses brutamontes não ouviam. Eram como o acadêmico africano meio zumbi de quem falei. Talvez fosse isso, de fato, quem ele era naquela época. Enfim, aí os caras pegaram e arrastaram a gente até a casa do meu tio, e ele apareceu. Minha mãe tentou se prostrar diante dele, como era costume em nosso país, mas

estava tão amarrada que caiu de lado. Um dos lados do rosto dela ficou cheio de terra e seus joelhos estavam esfolados. Agora eu sei que ela nunca foi amada, porque nunca foi vista de verdade, a não ser pelos filhos, que a amavam. Tinha quatro filhos, mas estava só no fim da adolescência. Uma mulher de aparência forte, um pouco rechonchuda, meio preta-avermelhada,⁴ de olhos grandes e soturnos. Sua especialidade era tecer, e, embora fôssemos pobres, o pouco de algodão que nosso tio nos deixava ficar da colheita que cultivávamos para ele ia para as roupas que usávamos, lindas mantas e ponchos feitos com cores vivas e coloridas com tintas naturais. Ela aprendeu a tingir e tecer com a mãe, que aprendeu com a mãe, e assim por diante.

“Meu tio fez com que tirassem as roupas de nós, porque eram tecidos no estilo característico de nossa aldeia; nossas cores eram amarelo, vermelho e branco, e nos deu roupas simples de algodão cru. A essa altura eu já estava em pé e amarrada na frente de meu tio, junto a minhas irmãs e meu irmão. Não tentamos nos curvar diante dele. Nem choramos, como nossa mãe. Nós odiávamos aquele homem. Mas a verdade é que provavelmente estávamos em choque. Lembro-me de que os homens deram ao meu tio uma moeda de prata com um furo, e ele pegou quatro moedas menores e colocou em nossas mãos. Havíamos caminhado vários quilômetros antes que eu percebesse que ainda segurava a que ele me deu. Era dinheiro árabe, com letras escritas e tudo mais.

“Fomos obrigados a correr durante quase quinze dias sem parar, ou assim pareceu, até chegarmos ao grande forte de pedra na costa. Foi então que vimos os homens brancos. Estavam de pé por toda a área do forte, e éramos apenas um pequeno grupo de muitas pessoas convergindo para o forte naquela época. Dois homens brancos vieram nos inspecionar. Examinaram nossos ouvidos, nossos órgãos genitais – você não acreditaria na meticulosidade com que faziam isso nem nos lamentáveis protestos das mulheres –, nossos dentes e nossos olhos. Eles nos fizeram pular para cima e para baixo para testar a força de nossas pernas. Nossos pés sangravam. Minha mãe tinha mergulhado numa espécie de sonambulismo e fazia tudo que lhe mandavam, como se estivesse num sonho. Nós, crianças, copiamos as reações dela, embora estivéssemos vividamente alertas, tanto que nós

quatro conseguimos esconder nossas moedas de prata, antes de sermos revistados, nos emaranhados de nossos cabelos.

“Os homens brancos, cujos cheiro e aparência não se assemelhavam em nada com o que já tínhamos imaginado, seu suor parecia vinagre, pagaram aos outros que nos trouxeram, que deram meia-volta e voltaram correndo pelo caminho por onde viemos. Eu queria correr atrás deles e matá-los, mas os brancos chamaram uns outros negros, que pareciam à vontade perto do forte, e fomos levados até um cercado, que era como um porão embaixo do forte. Já estava lotado de pessoas deprimidas e assustadas. Quando viram minha mãe e os filhos dela serem empurrados porta adentro, muitos dos homens ficaram tristes e viraram o rosto, envergonhados, para a parede. Esses eram homens vendidos, escravizados por causa da sua crença religiosa, que não era tolerada pelos maometanos. Eles mantinham a antiga tradição de devoção à mãe, e ver uma mãe ser vendida e escravizada – o que não perturbava nenhum maometano se ela não fosse convertida à sua religião – era uma grande tortura para eles.

“Foi durante as centenas de anos de escravidão na África que esta religião foi finalmente destruída, por mais que centenas de anos antes do tráfico de pessoas ela já estivesse sob ataque. Houve, nos primeiros dias, invasões aos templos das mulheres, que ficavam em bosques sagrados cheios de árvores, as mulheres e crianças foram arrastadas pelos cabelos e forçadas a se casar com homens de clãs de maioria masculina. As que não foram forçadas a isso foram ou executadas ou vendidas a um povo de língua diferente. Os homens decidiram que seriam os criadores e começaram a destronar a mulher sistematicamente. Vender mulheres e crianças por quem não desejavam mais assumir responsabilidade, ou vender pessoas que eram mentalmente enfermas ou que de alguma forma os ofendiam, se tornou uma nova tradição, uma forma de vida aceitável. Mais tarde, o mesmo aconteceu com a ideia, sob o jugo dos maometanos, de que um homem poderia possuir várias mulheres, tal como possuía muito gado ou cães de caça.

“Os Adoradores da Mãe possivelmente seriam os mais difíceis de ser quebrantados entre os africanos, pois eram devotados à Deusa e haviam se acostumado a ser camaleões (aprendemos muito, muito, ao longo do tempo, com os lagartos!); mas foram quebrantados. É por isso que a maldição final contra a África/Mãe/Deusa – filho da puta! – ainda está na

língua. Isso teria sido impensável nos velhos tempos, e uma pessoa que dissesse isso teria a língua cortada na hora. Nossos novos mestres tinham o talento de nos colocar cruelmente – de maneiras que eram vergonhosas e degradantes até para si mesmos, se tivessem o bom senso para notar – contra qualquer coisa que um dia amamos.

“Eles nos alimentavam com um pouco de mingau de milho, que pegávamos com as mãos em uma longa gamela de madeira fora do cercado, duas vezes por dia. Podíamos ver o céu durante os dez minutos que tínhamos para comer. De manhã cedo, antes de o sol raiar, deixavam a gente sair para nos aliviarmos. A constipação sempre foi um problema para mim; o medo e a ansiedade me mantinham presa. Mas os casos de disenteria eram frequentes e muitas pessoas, enquanto esperavam – pelo que, não sabíamos –, adoeceram e morreram. Mais tarde, percebi que os homens que nos compraram para vender já tinham calculado quantos de nós corríamos o risco de morrer e, portanto, tinham capturado mais pessoas do que provavelmente precisariam.

“Depois de uma semana na paliçada, minha mãe adoeceu. Não havia espaço para nenhum de nós deitar confortavelmente, mas um dos Adoradores da Mãe forçou um pequeno espaço junto à parede, na direção em que a minha mãe podia virar a cabeça para respirar e, quando as dores a atingiam, ela conseguia se ajoelhar. Ela estava doente, com vômitos e disenteria, doenças das mais difíceis de esconder. Sua enfermidade mais profunda se devia à vergonha de ficar suja e exposta a estranhos, na presença envergonhada e indefesa dos seus filhos. Nunca houve mulher mais meticulosa ou modesta do que minha mãe. Ela tomava banho pelo menos uma vez por dia, e suas roupas estavam sempre imaculadas. Eu me lembro de como o óleo sempre tinha um cheiro doce em seus cabelos! Não conseguia aceitar tanta sujeira em sua pessoa.

“No sétimo dia ela queria morrer. Os homens brancos enviaram uns brutamontes que a arrastaram pelos calcanhares, um deles tampou o nariz com um pano enquanto a arrastavam, colocaram o corpo dela numa carroça e a levaram embora. Eu a invejei. Tive pena de mim mesma. Eu não sabia como pedir aos estranhos ou mesmo às minhas irmãs e ao meu irmão que me matassem.

“Por isso, sou muito ressentida com meu antigo lar, e quem vai dizer que não tenho esse direito?

“Ninguém está dizendo isso. Eu estava lá.

“Você não acredita que eu estava lá? Tenho pena de você.

“Nos anos 1960, me passei por uma griô por um tempo. Fingi que tinha viajado para a África e aprendido as histórias da diáspora diretamente com os antigos contadores de histórias e conservadores de registros de lá. Não tive que ir a lugar algum. Lembrava o suficiente da história para contar, muito obrigada. Teve uma professora branca que veio assistir a uma de minhas palestras sobre a travessia do Atlântico num navio negreiro. Ela era uma daquelas apaixonadas pela África que protegia tanto o continente que alegava que Idi Amin foi incriminado injustamente. Ela se levantou e disse: ‘Gostaria que você tentasse não dizer *Eu me lembro disso e eu me lembro daquilo* sobre suas experiências africanas. Você está afirmando mais do que poderia saber e, além disso, confunde as pessoas.’ Bem, pedi desculpas por isso. Simplesmente escapou. Eu me lembrava de tudo o que estava falando, mas sabia que a maneira profissional de apresentar minha experiência era repassá-la como se tivesse sido contada para mim. Algumas pessoas não entendem que é da natureza do olho ver desde sempre e da natureza da mente recordar tudo o que já foi conhecido. Ou era essa a natureza até o homem começar a pôr as coisas no papel. A professora continuou, dizendo que não conseguia nem imaginar como deve ter sido no navio negreiro. A quantidade de pessoas, a sujeira, a dependência absoluta de homens loucos para dirigir o navio, a ausência de representação e controle.

“Isso te faz rir? Não?

“Seja como for, lá estava eu, naquela vida, vendo o cabelo de todo mundo ser raspado. Poucos dias antes de deixarmos a costa, nos obrigaram a ajoelhar na areia do lado de fora do forte e começaram a cortar grandes tufo de cabelo e depois a raspar nossas cabeças. Como você sabe, pessoas africanas têm muito cabelo, e algumas tinham madeixas desde a infância que iam até os joelhos, quase. Foram brutalmente cortados, provocando lamentos profundos e ranger de dentes, depois veio a raspagem das cabeças e, para os homens, das barbas e dos bigodes com uma navalha seca e, sem dúvida, cega. Os negros que fizeram isso, a mando de seus senhores brancos, examinavam os dreads cortados com cautela. Escondidos nos cabelos estavam todos os tipos de pequenos itens preciosos, lembranças de casa: contas de ouro, alfinetes de prata, pedaços

de grigri. No meu cabelo, no do meu irmão e no das minhas irmãs descobriram as moedas de prata. Tudo isso era embolsado pelos brutamontes que nos seguravam, e eles grunhiam de satisfação sempre que descobriam esses objetos. Às vezes reconhecemos esses mesmos rostos nas ruas de nossas cidades grandes; são os jovens que passam droga, ou que aterrorizam os mais novos enquanto levam o pouco dinheiro que estava nos bolsos das crianças menores para comprarem o almoço. Eles ainda estão presentes, aqueles rostos; nunca são difíceis de encontrar.

“Foi durante o corte do cabelo que fiquei surpresa ao ver um *compound* bem grande, composto por vários casebres, a uma curta distância do forte. Durante as três horas que levaram para cortar nossos cabelos, nos encharcar com um líquido fedorento e enxaguar nossas bocas com vinagre, prevenção de escorbuto, tive tempo de perceber que era habitado por mulheres de cor de todas as idades, muitas de pele negra clara amarelada ou de pele marrom-claro,⁵ e algumas quase brancas; a área em frente aos casebres estava repleta de crianças igualmente variadas. Ver isso foi incrível para mim, que nunca tinha visto pessoas de tons tão diferentes, e eu era jovem demais para entender o que o estabelecimento era, e que obviamente tinha sido por gerações, o bordel do forte. Fiquei sabendo disso depois, por meio de uma das jovens de pele clara que foi vendida para o nosso barco junto a seu filho pequeno. Seu mestre branco, se reconhecendo como um gordo, porco e desagradável ao nariz e ao tato, finalmente se convenceu da tão evitada verdade de que ninguém tão bonita quanto essa mulher poderia amá-lo, mesmo sendo sua escrava. Certa noite, muito bêbado, ele apostou a mulher e o filho dela num jogo de cartas, presumindo estar ensinando seus capangas africanos a jogar.

“Depois de cortarem nossos cabelos, alguns de nós, num estilo que fazia pensar em árvores, fomos marcados com pedaços de ferro quente moldados em configurações sonhadas por aqueles que, na América, nos compraram sem nem nos ver. Fui marcada com um C, de Croesus, que neste caso não era o nome de uma pessoa, mas o nome de uma propriedade, bastante pobre, também, como se revelou. Éramos reconhecidos por essas marcas, e, se um de nós morresse, a marca era verificada e eliminada do livro de registros em que todos estávamos inscritos.

“Quando pressionavam o metal na pele da nádega ou do braço, a dor era lancinante. O inchaço e a queimação continuavam por dias. Embora os traficantes escravistas salpicassem as nossas feridas com um pouco de vinagre e óleo de palma, nada acalmava como o leite do seio de uma mãe que amamenta, um remédio com o qual todos os africanos estavam familiarizados, e, embora a maioria já não acreditasse na adoração da mãe, este remédio era como o último vestígio de seu poder e acreditavam firmemente em seu valor. Para nossa felicidade havia entre nós mães que amamentavam, mas que estavam sem seus bebês. Não eram permitidos bebês no navio negreiro, nem mães com gravidez muito avançada. Alguns dos bebês foram simplesmente esmagados contra o chão pelos captores de suas mães, alguns foram deixados na trilha para morrer, alguns vendidos, ou, menos comumente, adotados por um clã que não acreditava nem participava do comércio escravista – ou seja, se recusavam a vender ou comprar pessoas – e para quem as crianças pequenas, até recentemente inseparáveis da fonte de toda a vida, eram especialmente sagradas. Também fui descobrir essas pessoas no navio negreiro, pois um deles, quando voltava da comercialização de sua mercadoria de sal, foi capturado por um traficante branco e seus capangas negros, que se recusaram a ouvir seus protestos de que os fabricantes de sal estavam isentos de serem capturados, sob uma lei específica. Ao que imagino que a resposta do traficante foi: ‘Na escravidão, nenhum crioulo existe sob uma lei específica.’

“Os seios das mães que amamentavam eram um refúgio para os mais jovens entre nós, que tinham permissão para tomar o leite. Não fosse isso, algumas das crianças mais assustadas e traumatizadas teriam morrido. E, para o restante de nós, havia graça na incrível bondade dessas jovens mães que se moviam entre nós o melhor que podiam, com uma gota aqui e outra gota ali em nossas feridas purulentas. Quando eu era criança, contei essa história a Hal porque ele era o único que não ria de mim por dizer que eu me lembrava disso; quando dei por mim, ele tinha pegado um giz de cera e começado a pintar. Pintou o rosto de uma das mulheres como se ele mesmo a tivesse visto. Foi uma visão que não se tem com frequência, mas eu sempre vou me lembrar de como aquilo me fez sentir; os pequenos, e os não tão pequenos, meninos e meninas grudados nos lados e na barriga de nossas jovens enlutadas, que os amamentavam em pé,

amontoados no fétido barracão, no inferno que o homem branco era permitido, e às vezes até encorajado, a construir em nossa própria terra. E, embora eu fosse grande, teve um momento em meu desespero em que, na tristeza pela morte de minha mãe e no medo da jornada desconhecida que teria pela frente, eu também mamei. Na verdade, por um período antes de deixarmos o continente e por um tempo a bordo do navio, regredi à infância, chegando até a fase de chupar dedo. A primeira vez que fui estuprada por membros da tripulação a bordo do navio, eu estava acorrentada e chupando dedo. Na segunda vez, me acorrentaram de modo que os meus braços e pernas ficaram abertos e o meu polegar fora do meu alcance. Não havia nada que me consolasse. Mas no porão do navio, em algum lugar na terrível escuridão, eu sabia que as mães que me amamentaram também estavam deitadas, e às vezes imaginava que seus gemidos de desespero eram canções de conforto para mim e para os próprios filhos perdidos.

“Na manhã em que navegamos, nos levaram até à costa do oceano e lá, em pequenas filas de três, nos puxaram acorrentados pela água salgada para limpar nossa pele. Então, nos arrastaram para o navio. Na prancha que subia ao convés, nossa última peça de roupa, a tira de algodão em volta dos quadris, foi arrancada, e fomos forçados a entrar no navio carecas, marcados e nus, como viemos ao mundo. Lutei para manter aquele último e pequeno símbolo de modéstia, mas um homem branco me deu uma pancada na cabeça quase sem olhar para mim, e, como ele tinha olhos azuis, pensei que ele fosse cego e entrei no navio com o restante.

“Sobre o modo como acondicionavam os escravizados, você já leu, e infelizmente tudo o que leu, e muito mais, é verdade. Éramos amontoados como se fôssemos sardinhas, numa viagem de dois meses. Na verdade, as sardinhas não deveriam ser embaladas dessa forma e, se estivesse em meu poder, nunca seriam. Nossas cabeças ficavam coladas umas às outras, uma longa corrente nos unindo pelos pés ao longo de uma fileira, presa à parede do navio, e não havia nenhum movimento que não fosse contestado pelos vizinhos, que eram quatro. Na verdade, um ritual quase diário era o corte das unhas das mãos e dos pés porque havia, como você pode imaginar, muitos arranhões num esforço bastante fútil de proteger algum pequeno grau do espaço pessoal de cada um.

“Aqueles que sobreviviam agradeciam aos que morriam, e muitos, especialmente entre as crianças, morreram assim que saímos do continente africano. A falta de comida, a falta de ar e de exercício, nenhum de nós tinha estado longe do ar e da luz! Tudo isso contribuiu, mas muitos de nós morreram de raiva. Eu mesma estava consumida pela raiva e impotente até para arranhar a pessoa ao meu lado. Meu coração estava estirado, dilacerado. Eu sentia! E fiquei feliz quando, por motivos próprios, os traficantes escravistas nos transferiram para o outro lado do porão e pude me deitar do lado direito, aliviando assim, até certo ponto, a pressão e a congestão em meu coração.

“Depois de um mês e meio de horror realmente incontestável – os ratos, o cheiro de uma cabeça morta cheia de feridas no colo, os gritos de mulheres e homens estuprados por esporte dos demônios que se passavam por tripulação, o doloroso período menstrual das mulheres e o sangue escorrendo, os abortos espontâneos, os pedidos de misericórdia de todos, não apenas dos que sofriam de disenteria e claustrofobia –, depois de uma eternidade, fomos levados ao convés por mais tempo do que a nossa habitual meia hora corrida por dia, enquanto limpavam o porão, e vários homens e mulheres dançaram bastante na lateral do navio e no mar. Fomos incentivados, de repente, a lembrar a nossa cultura – que, para os brancos, era o mesmo que cantar e dançar – e a demonstrá-la. Apareceram tambores. De repente, surgiu uma enfermaria para cuidar dos doentes. Baldes de água salgada foram jogados sobre nós. Nossas cabeças carecas ficavam escurecidas com as botas pretas se houvesse sinais de cinza. Homens e mulheres recebiam roupas que podiam ser encontradas nos armários do navio, de modo que se via um homem alto e de peito largo vestindo nada além de uma camisa de pirata muito pequena com babados ou um chapéu de pano, preso por um barbante, sobre suas partes íntimas. Ou uma jovem usando um lenço para o mesmo propósito. Recebi um pedaço de pano desbotado que parecia ter sido uma lona de vela náutica, e, com gratidão, o envolvi no corpo enquanto observava a alegria sombria daquelas pessoas que de repente eram “libertas” no convés ensolarado, mas frio. Para nos aquecer, fomos obrigados a dançar, com um chicote batendo em nossos pés como única fonte de inspiração.

“Em poucos dias avistamos a terra, as moças entre nós que foram engravidadas à força e que eram jovens demais para entender, ou para

entender que por terem sido entregues já grávidas aos novos proprietários conseguiram um bônus para o comandante do navio cujos diversos filhos e filhas – pois ele também era um estuprador, junto ao restante da sua tripulação – entraram na escravidão norte-americana conosco, muito antes de saírem dos nossos corpos. Os traficantes escravistas não se importaram. A cor fez com que a própria semente desaparecesse para eles; só enxergavam a cor do ouro. Mas não se o ouro fosse a cor de uma criança. Ficamos com essa semente amarga e – injustamente para as crianças – sobrecarregadas com o nosso ódio pelo fruto.

“Fui vendida para um fazendeiro, minhas irmãs e meu irmão para outros. Nunca mais nos vimos nem ouvimos falar um do outro. Pari uma menina de aparência bizarra e com olhos cinzentos oito meses depois de deixar o navio. A jovem proprietária da fazenda de Croesus queria que ela fosse criada como escravizada de companhia do filho que ela mesma esperava. Isso nos rendeu um quarto parecido com um armário sob a varanda dos fundos. Quando minha filha tinha dois anos, fugi da casa e fui para a floresta, mal avancei e caí, quase que imediatamente, numa armadilha que o feitor tinha, disse ele, preparado para os ursos. Esmagou o osso da minha perna esquerda. O feitor guardou minha surra – por fugir, mas também por burrice: ninguém, declarou ele, era tão burro a ponto de cair numa armadilha tão grande e óbvia, embora eu nunca tivesse visto ou ouvido falar de algo tão hediondo – para quando eu estivesse forte o suficiente para aguentar. Ele esperou quase um mês; estava bêbado, e sua raiva por ainda ser pobre, apesar de seus sonhos de riqueza, o fez seguir em frente. A tensão de perder uma parte do meu corpo, nomeadamente a perna e o pé, acompanhada pela perda também da minha filha – dada para outra mulher para criar – a quem, contra toda a natureza, aprendi a amar, era uma condição que espancamentos cruéis só poderiam agravar. Por baixo, meu corpo enfraquecido parou de resistir – em outras palavras, eu morri.”

4. *Reddish-black* no original. [N. E.]

5. *Yellow or light brown* no original. [N. E.]

— O chamavam de Jesús – sussurrou Zedé, agarrando a mão de Arveyda, embora permanecesse de costas para ele – porque não conseguiriam pronunciar seu nome verdadeiro nem que ele contasse o que significava, o que não fez, e ele era escravizado como todos nós. Só que era em seu povoado que éramos mantidos cativos. Também o chamavam de “indio loco” porque todo mundo de seu clã havia fugido, mas ele não conseguiu. Fugia um pouco, se escondia na selva, que conhecia intimamente, assim como os animais. Sempre esteve por lá, sabe. Não houve nenhum momento na vida em que ele não estivesse naquele pedaço de terra. Então ele se escondia, depois voltava todo sorrateiro e andava pelo povoado na calada da noite. Não roubava nada, nem comida, e isso era muito intrigante para todos, tanto para os escravizadores quanto para nós mesmos.

“A razão pela qual ele voltava, uma razão que os escravizadores nunca souberam e não teriam entendido de qualquer maneira, é porque ele era o protetor das pedras sagradas do povoado. Eram três rochas simples e de aparência comum que deveriam ficar sempre numa determinada área do centro do povoado. Se ninguém nunca dissesse que eram especiais, vai por mim, não daria para saber disso, nunca. Elas se mesclavam perfeitamente à terra. E, no entanto, depois que Jesús as indicou para mim e me mostrou a configuração sagrada – ∴ –, que era igual ao símbolo do abrigo contra bombas nucleares, as pedras se destacaram para mim e passou a ser difícil eu ficar em silêncio quando elas eram chutadas ou quando simplesmente andavam em cima delas. Quando eram chutadas, pelos soldados em sua sombria ociosidade por exemplo, ou quando alguma pobre alma era espancada e o sangue era derramado sobre as pedras, ou quando um pedaço de comida que alguém deixou cair as tocava – nossa! Isso significava outra visita definitiva de Jesús, que teria de arriscar a vida e o corpo para voltar à posição original das pedras, lavar o sangue, limpar a comida e o que fosse preciso. Quando o conheci melhor, entendi que nunca lhe teria ocorrido salvar a si mesmo se isso significasse abandonar seu dever com as três pedrinhas – mais ou menos do tamanho e da cor de

ovos marrons de pombo. Assim como um cachorro sempre volta ao local onde um osso está enterrado, Jesús voltava às pedras. Cuidar delas era sua vida, e assim foi por milhares de anos! Ele acreditava piamente que, se as pedras não fossem cuidadas, o seu povo, os Krapokechuan, ou ‘seres humanos’, ficariam dispersos para sempre e nunca mais encontrariam um lar. Porque a casa deles era onde estavam as pedras, sabe. Em nenhum outro lugar. É algo que os norte-americanos não compreendem; sei disso.

“Finalmente o capturaram. Como lamentamos! Porque, embora a maioria de nós tivesse vergonha da nossa parte indígena, a sua presença era como a de um espírito guardião, um anjo, e nas vezes em que conseguíamos vislumbrá-lo, enquanto ele se esgueirava pelo povoado em horas estranhas da noite, nos convenciamos de que ele era de fato bondoso. Era tão novo! Com as madeixas de cabelo até a cintura. Usava apenas um tecido amarrado na cintura e lindas penas vermelhas de papagaio nas orelhas.

“Nossos captores não entendiam a língua dele, e, quando o espancaram, ele ficou em silêncio. Fizeram-no trabalhar com a gente, derrubando a floresta com um facão. Os homens usavam facões, picaretas e serras para derrubar e arrancar as árvores e os cipós, e as mulheres usavam enxadas e rastelos para completar a matança da terra. Esse era o nosso trabalho, dia após dia, desde o canto do galo de madrugada até o anoitecer. Os vigias forçavam as mulheres a copular com eles, e em pouco tempo cada vigia escolheu sua “esposa” escravizada favorita. O que me escolheu não me forçou, mas esperou a melhor hora. Ele era alguém que batia, queimava e matava sem emoção ou remorso, mas ainda assim conseguia se apegar à crença de que alguém ia querer dormir com ele sem o uso da força. Era uma questão de orgulho para ele. Só me dei conta de que fui escolhida pela forma como ele olhava para mim e porque os outros homens me deixavam em paz, e muitas vezes eu ouvia as outras mulheres gritando ou orando em meio ao choro noite adentro.

“Não planejei amar Jesús. Mas como era diferente dos outros! Tenho em mim, no fundo, sempre em algum lugar, o amor do sacerdote, mas do *verdadeiro* sacerdote, daquele que zela, que protege. E, acima de tudo, aquele que é mais do que seus trajes chiques. Se há algum espírito que considero totalmente erótico, é esse. *Aieee!* Jesús era um sacerdote que eu sentia como se as árvores caíssem diante dele para serem abençoadas,

porque, obviamente, derrubá-las era para ele uma tortura comparável a ser ele mesmo cortado. Eles choravam o tempo todo, Jesús e suas árvores. Ele as conhecia a vida toda. E desde todas as suas vidas anteriores.

“Assim como foi com a gente, *querido*, eu não sabia o que estava acontecendo ou o que fazer a respeito. Seus olhos falavam. Meu útero saltava. Não ria! Sei que foi expresso na linguagem dos imbecis, mas foi assim que aconteceu! Descobrimos que eu conhecia algumas palavras de sua estranha língua. A palavra para água era ‘ataras’, a palavra para madeira, ‘xotmea’ e a palavra para amor, ‘oooo’. A palavra para amor, sério, *quatro* os! Eles não tinham como nos vigiar a cada minuto. Durante uma hora que eles não puderam testemunhar e nunca irão possuir, fiz amor com ele. Ele fez amor comigo. Fizemos amor juntos. Eles o tinham amarrado pelos pés para que não pudesse abrir as pernas. Entrei na cabana dele e, sem falar nada, o acariciei e beijei por um bom tempo antes de trazê-lo à boca. Quando me coloquei em cima dele, ele estava chorando, e eu também, ele tinha um dos meus seios na boca e seu cabelo úmido era como uma névoa quente no meu rosto. *Ai*, eles nunca serão donos da paixão!

“A segunda e última vez foi igual à primeira, só que ainda mais intensa. Eu soube o instante exato em que Carlotta foi concebida. A semente voou para dentro de mim, onde eu estava tão aberta, e caí de cima de Jesús já adormecida. Foi dormindo juntos que nos encontraram. A primeira coisa que ele fez, o vigia que me escolheu para transar com ele, foi cortar o cabelo de Jesús. Fez isso devagar, fria e metodicamente, como se já estivesse pensando em fazer isso há muito tempo, usando um facão muito afiado, e, quando o cabelo preto, longo, grosso e áspero cobriu suas botas empoeiradas, ele bateu os pés para afastá-lo, como se estivesse esmagando o desejo.

“Ele nunca me tocou, nem para me bater. Naquela noite, os outros homens, os vigias, um após o outro, vieram à pequena cabana na floresta onde me colocaram. Enquanto isso acontecia comigo, mataram Jesús. Ao amanhecer, enquanto eu estava lá deitada e sangrando, trouxeram o corpo dele e o jogaram em cima de mim. Depois, pregaram a porta, que era a única abertura. A garganta de Jesús havia sido cortada. Também removeram sua genitália. Foi estuprado de todas as maneiras possíveis. Não havia sequer um pedaço de pano para cobri-lo. Eu estava nua.

“Passaram dias e noites. As moscas vieram às centenas. Os ratos. O mau cheiro. Bati na porta até que minhas mãos, também cobertas de moscas, pingavam sangue. Eu gritei. Havia apenas os sons da selva lá fora. Quando consegui dormir, tive pesadelos com o corpo do homem que amei. Estava tão silencioso. Eu o amaldiçoei por ser o motivo de minha morte.

“E então, uma noite, ouvi um barulho do lado de fora da porta – suave, quase inaudível. A porta se abriu aos poucos, e os tristes e bárbaros membros do clã de Jesús encheram a pequena cabana. Eles envolveram seu corpo num grande cobertor antes de se virarem para mim, nua, tremendo, morrendo no chão de terra. E vi que também tinham um cobertor para mim.

“Eu teria ficado com eles se pudesse. Eles entenderam, como ninguém jamais entenderia, a forma da minha fragilidade. Eu estava totalmente destruída: por não poder confiar em ninguém, por nunca mais poder alcançar o amor, por ele ter sido trazido até mim. Mas eles estavam sempre fugindo e os soldados sempre atrás deles. Quando Carlotta nasceu, me fizeram entender que eu deveria ir embora e salvá-la, salvar Jesús. Me levaram para uma casa onde indígenas viviam como o gringo os deixava viver; estavam todos ocupados fazendo bugigangas para o dólar turístico, que o homem branco que os controlava e “protegia” dos soldados recebia a maior parte. Eles esconderam a mim e à minha bebê. Apreendi a fazer a cerâmica verde viva deles. Como eu sabia espanhol, ajudei as mulheres a vender os produtos nas ruas de uma cidade não muito distante, cheia de descendentes ricos dos conquistadores espanhóis e dos ianques de olhos vazios. Não ganhei nada além do necessário para comida. Meus amigos me contaram sobre uma escola dirigida por gringos onde eu poderia arranjar emprego como criada. Esse foi o início do meu voo para a América do Norte.

“A minha separação do povo de Jesús foi algo que o mundo nunca vai ver, nem compreender o significado. Não tenho certeza se eu mesma entendi o significado. Só sei que me deram os últimos símbolos restantes de quem eram no mundo – penas do papagaio vermelho africano para minhas orelhas, papagaio trazido para seu povoado há centenas de anos pelos homens de cabelos crespos, de um continente que chamavam de Zuma, ou Sol, e me entregaram, para dar a Carlotta, as três pedras do tamanho de um ovo de pombo.”

— Foi na La Escuela de Jungla que percebi pela primeira vez que os norteamericanos são muy dementes. Eram muitos hectares de grama e árvores neste lugar, e nunca vi na vida tantas flores e frutas! Parecia um pequeno paraíso, e eu tinha certeza de que eu e mi cariñito seríamos mais felizes lá. Havia uma hacienda com telhas vermelhas no telhado e longos quartos brancos com muitas samambaias chegando ao teto, sofás e cadeiras nunca imaginadas, tão grandes, tão macias. E contornos e cores incríveis. O chão, mesmo da varanda, também era ladrilhado com enormes blocos quadrados, da cor do arrebol quando o sol se põe, que eu conhecia muito bem porque o meu trabalho era limpá-los todos os dias. Foi nessa hacienda, nos quartos amplos do andar de cima, que os gringos ficaram quando trouxeram os filhos para a escola. Quando partiam, pensavam que os filhos ficariam num daqueles quartos – amplo, arejado, cheio de vegetação e móveis escuros, antigos e polidos, com um papagaio enjaulado na janela. Mas não. Na parte de trás da hacienda, numa clareira no meio de um bambuzal, ficava el barrio de los alumnos. Eles moravam em cabanas como os camponeses mais pobres e ficavam drogados e desligados na maior parte do tempo.

“Alguns deles eram loucos e vinham de famílias tão envergonhadas da loucura que nem os colocava num hospício em qualquer parte da América do Norte. Alguns eram deficientes físicos, com transtornos psiquiátricos, desfigurados ou cegos. Apenas os servos indígenas mais pobres viram esses em algum momento. Mas também havia aqueles que eram políticos extremistas na América do Norte. Porque todos eram adultos, esses “estudantes”; eu te contei isso? E alguns quase de meia-idade. Havia os radicados doentes do coração – uma palavra que ouvia muitas vezes da gringa que me ajudou a escapar – que acreditavam que nada que seus pais faziam era certo, e às vezes, essa gringa contou, ela mesma não ia à mesa de jantar dos pais bem-vestida, com o cabelo penteado, nem com sapatos! Ela era muito rica, sabe. Esse comportamento entristeceu profundamente seus pais. Nem eles conseguiram ignorar isso.

“Quando conheci essa gringa, ela estava muito suja, descalça e vestia trapos. Ela estava varrendo o quarto de alguém chamado “O Deficiente”,

um gringo peludo que lutou na guerra entre a Coreia e os Estados Unidos e que tinha um cheiro horroroso. Ela ficou muito feliz ao ouvir uma palavra em espanhol, porque tinha contato principalmente com los indios, e o Deficiente havia sido alimentado com tantas drogas que sua língua estava perdida. Ela estava limpando o quarto dele porque a india embarazada estava sentada debaixo de uma árvore próxima, com dores de parto. Ela era muy immensa, pobre também, esfarrapada, descalça, mas não suja, e o pai dos seus filhos estava longe, numa guerra que ela não compreendia.

“Perguntei o nome dela para a gringa, e ela me olhou por muito tempo antes de dizer. O centro de seus olhos era grande no meio do rosto sujo, e ela parecia virar mentalmente muitas páginas de um livro antes de encontrar o símbolo de quem ela era. ‘Mary Ann’, ela respondeu. ‘Me llamo Zedé’, eu disse. Ela riu. Estava muito chapada.

“Eu ri com ela. Já fazia muito tempo que eu não ria.

“Eu fiquei lá, deixa eu ver, por dois anos. E foi aí que Carlotta me ajudou muito. Todo mundo a achava maravilhosa porque ela nunca chorava. Não estou dizendo que nunca derramou uma lágrima; não, nunca chorou a ponto de alguém escutá-la. Ela chorava do jeito que se sorri. A dona da hacienda gostava de vê-la engatinhando pelo chão de ladrilhos, nua, exceto pelas contas do pulso, enquanto eu lavava e encerava. Eles não sabiam que eu sabia ler e escrever e tentavam o tempo todo falar comigo no que pensavam ser a língua indígena ou o espanhol reservado aos criados e escravizados. Eles me chamavam de Consuelo. Connie, abreviando. Faça isso, Connie. Faça aquilo, Connie. É, eu nunca disse a eles meu nome verdadeiro. Disse a eles que me chamava Chaquita. Como a banana, a gringa comentou rindo com o marido. Como a banana! Mesmo assim, quando havia convidados, ela me chamava de Consuelo, porque gostava de se ouvir dizendo isso.

“Mary Ann fez amizade com los politicos extremistas da América do Norte, mas eles eram pobres. Não importa o que ela – ‘a vadia rica’ – fizesse, era ridicularizada por eles. Quando um desses negros radicales foi preso, a namorada dele tentou matá-la; um dia, foi até a porta dela com um facão e começou a golpeá-la. Depois desse ataque, que lhe deixou cicatrizes no pescoço, nos braços e no peito, Mary Ann deixou o pequeno apartamento perto do gueto negro de São Francisco e foi para a Fazenda

Fox Hollow, propriedade dos pais em Nova Jersey. Lá ela começou a falar abertamente em matar os pais, dos quais se tornou dependente, e em aceitar, como ela mesma disse, casos de drogas. Com tristeza, os pais observaram seu declínio. Eles não eram boas pessoas – tinham dinheiro demais para terem sido boas pessoas –, mas amavam a filha. Mary Ann os descreveu como pessoas que assassinaram seis rios e massacraram doze lagos, porque fabricavam uma substância mortal que estava sempre nadando para longe deles. À sua maneira, eles estavam satisfeitos por ela se recusar a aprender como roubar, trapacear e criar coisas mortais. Mesmo assim, ela herdou pouco menos de um bilhão de dólares, ganhos com a sujeira que os pais faziam e queriam que ela fosse pelo menos competente; não aquele desastre, cheia de cicatrizes, desgredada, drogada, planejando assassinatos e murmurando junto dos cabelos loiros que pareciam lã de ovelha. Para sua sorte, numa festa que os Republicanos deram em sua propriedade, alguém lhes falou de La Escuela de Jungla. Parecia a resposta aos seus sonhos, especialmente porque, quando perguntaram sobre o lugar entre amigos, ninguém tinha ouvido falar dele, ou pelo menos foi o que disseram. Então, eles foram de avião para lá na mesma hora, com Mary Ann embrulhada e amarrada entre eles, e em três dias ela dividiu um quarto grande e lindo com móveis escuros de madeira maciça e um papagaio vermelho enjaulado. Seus pais desapareceram. O quarto lindo desapareceu. Até as roupas dela desapareceram. As drogas não desapareceram. Aumentaram.

“Enquanto estava lá, vi que as cartas dos pais dela acumulavam poeira na grande mesa dos gringos. Fiquei tão surpresa ao ver que em uma das cartas o pai tentou enfiar aqui e ali uma ou duas palavras em espanhol. Pelo menos se referiu a Mary Ann como ‘mi hija’. Eu mesma escrevi uma carta para eles contando o destino da filha. Fiz isso em parte porque passei a gostar de Mary Ann, mas também para me rebelar contra os gringos e afirmar quem eu era. Sim, eu sabia ler e escrever. E sabia que ler e escrever tinham grande poder. Eu não era uma escrava índia e burra; não era Consuelo. Senti um prazer enorme ao ver minha caligrafia, a escrita de uma pessoa com formação universitária, e o branco do envelope me deu uma sensação de dignidade. Os pais dela chegaram de helicóptero em menos de um mês e levaram a filha para casa. Fiquei feliz em vê-la livre. Como eu disse, comecei a gostar dela, por mais que, muitas vezes, ela não

conseguisse se fazer entender; seu cérebro já estava bem confuso. Era uma pessoa doce que não sabia como ser rica num mundo como este, onde uma grande riqueza o faz pensar em grandes crimes. Os gringos não suspeitaram de que fui eu que alertara os pais dela e continuaram a discutir com Carlotta e a me tratar como se eu fosse um pedaço de madeira que respira. Eles ganharam muito dinheiro com pessoas como os pais de Mary Ann. E às vezes os pequenos alumnos-prisioneros morriam de solidão e de má alimentação, de tédio intenso e de sujeira; e as cartas com os cheques para seus cuidados continuavam chegando. Isso me deixava triste, mas nunca mais escrevi outra carta.

“Uma noite sonhei que seria resgatada da vida que tinha ali, que seria levada embora num barco. Mas La Escuela ficava nas montanhas, longe do oceano, de que já tinha ouvido falar, mas nunca visto, e, além disso, os únicos barcos que já tinha visto eram uns pequenos que minha mãe costumava dizer que pareciam favas de baunilha seca. Mas um dia, enquanto limpava uma das cabanas do barrio estudantil, ouvi alguém chamar meu nome. Meu nome verdadeiro. Olhei para cima, e era Mary Ann! Estava com uma camisa preta, presa às calças de alguma forma, e lindos coturnos cor-de-rosa. Nunca imaginei tais zapatos! Dois homens armados a acompanhavam, e ela brilhava com a vida de antes de eu conhecê-la, pronta para a luta! Seus curiosos olhos azul-claros, que faziam os indígenas persignarem-se, estavam cheios de luz. Ela me abraçou e disse a mim que corresse e buscasse Carlotta. Foi o que fiz, sem hesitar. Na saída, passamos pelos corpos dos cães, cujas gargantas tinham sido cortadas, assim como o arame farpado. Isso me deixou triste, porque eu gostava dos cachorros. Eles eram meus únicos amigos naquele lugar e nunca latiram para mim. Mas fiquei feliz com o arame farpado. ‘É como na TV!’, Mary Ann repetia sem parar, rindo. Eu nunca tinha visto TV; não sabia o que ela queria dizer. Agora eu sei quanto ela estava certa. Ainda assim, o que fez, embora fosse que nem na TV para ela, fez para mim e para mijá toda a diferença do mundo.

“Em um carro tipo turístico – muy grande, tipo casita –, passamos perto da praia e estacionamos debaixo de algumas árvores. Bem na hora do pôr do sol, um lindo navio, todo de madeira reluzente, metal brilhante e velas brancas, um navio que parecia estar cantando suavemente na água, apareceu. Nossos dois pistoleiros puxaram um pequeno barco do meio do

mato, e foi assim que chegamos ao iate. Um iate de propriedade de Mary Ann, chamado *Recuerdo*.

“Lo siento que teve uma grande tempestade na costa do Norte da Califórnia um dia antes de chegarmos a terra. O mastro se partiu ao meio, o barco capotou, todas as pessoas que nos salvaram, mortas! A Guarda Costeira nos viu e chegou a tempo de resgatar a mim e a Carlotta. Outro iate estava perto de nós no início da nossa atribulação, mas, estranhamente, desapareceu.

“No barco, perguntei a Mary Ann como ela criou coragem para fazer o que fez, e ela me explicou que, enquanto se limpava das drogas das quais dependeu por anos, teve uma conversão religiosa. Baseado em algo de que ela se lembrava vagamente da escola dominical, algo que Cristo teria dito. Algo sobre ‘os mais humildes’. Nem se preocupou em pesquisar, me contou. Sua mente sussurrou, ‘os mais humildes, os mais humildes’, até que ela ‘se distanciou... como um mantra’, e nos projetou – eu e Carlotta – para dentro! Depois, começou a sonhar também que nos via de novo, felizes, num lindo barco. Percebeu que a política dela não estava errada – porque, como radical, tentou apoiar ‘o menor deles’, mas eram pessoas que não conhecia, com quem não havia reciprocidade; tentou aliviar o sofrimento de pessoas que não conseguiam ver que ela também sofria, nem acreditar que poderia sofrer. Ela me amava, me disse, porque eu tinha visto isso. É verdade que pude enxergar seu sofrimento, mas ainda mais verdadeira foi a satisfação que senti quando, ao desferir um golpe nela, libertei em mim aquela que chamavam Chaquita, Connie e Consuelo.

“Infelizmente, o sofrimento dos ricos é visto por poucos. Quando os pais de Mary Ann chegaram, não vi nada, apenas que estavam de mãos dadas. Eles me questionaram sobre a viagem, a natureza da tempestade; perguntaram se Mary Ann estava feliz. Conteí a eles que ela partira como uma estrela cadente. Eles convenceram a migrar de que Carlotta e eu deveríamos ser permitidas a ficar na América do Norte. Pediram uma foto minha e de Carlotta, mais tarde enviaram uma cópia para nós. Eles desapareceram. Não tive notícias deles desde então. Às vezes penso no casal bem velhinho, sentado numa jangada feita com o dinheiro deles, flutuando num rio massacrado, procurando um lugar para aportar. Mas não, essas personas ricas, todas elas, se foram no ar. Lá *fora*, no que chamam de ‘espaço’, onde esperam encontrar um lar.

“Fiquei muito feliz por ter passado parte do meu tempo no barco costurando uma bolsinha para os brincos de penas e as pedras de Jesús. Estava com ela no pescoço e não os perdi. Gracias a Dios!”

— Quando você me pergunta sobre paz, Suwelo – disse dona Lissie –, se alguma vez em toda a minha vida vivenciei paz, ficaria um tanto perplexa. Será possível que depois de centenas de vidas eu não tenha conhecido a paz? Mas parece que é isso. Vida após vida, conheci a opressão: de pais, irmãos, parentes, governos, países, continentes. E até do meu próprio corpo e da minha própria mente. Uma parte de cada vida foi gasta curando as feridas causadas por essas forças. Nas lembranças, eu diria que só tem momentos – no máximo dias – de paz, exceto os tempos em que fui xamã ou sacerdote e vivi, durante meses a fio, num estado de transe. Mas, como você provavelmente já sabe, esses períodos abençoados são férias, até certo ponto, da vida, e um grito de uma criança ou um latido de cachorro pode nos forçar a voltar para casa.

“No mundo dos sonhos da minha memória, porém, existe algo. Não me lembro com exatidão, como me lembro das outras coisas que lhe contei. Mas a memória, assim como a mente, tem a capacidade de sonhar, e, assim como a memória existe num nível de consciência mais profundo do que o pensamento, o mundo onírico da memória está num nível ainda mais profundo. Vou lhe contar do sonho no qual repousam minha memória e minha mente. Quando penso nisso, percebo que havia pelo menos uma base pacífica.

“Na memória desse sonho somos pessoas bem pequenas, todo mundo, não só as crianças, que são muito pequenas, e as crianças moram com as mães e as tias; nossos pais e tios estão por perto, e nós os visitamos e somos visitados por eles, mas moramos com as mulheres. Estamos numa floresta que, pelo que sabemos, cobre toda a superfície da terra. Não existe conceito de finitude, em nenhum sentido. As árvores eram como catedrais, e cada uma delas era um prédio de apartamentos à noite. Durante o dia brincávamos debaixo das árvores, como hoje as crianças urbanas brincam nas ruas. Nossas tias e mães buscavam comida, ora nos levando com elas, ora nos deixando aos cuidados das grandes árvores. Quando conhecêssemos cada galho, cada buraco e cada fenda de uma árvore, nada ou nenhum lugar seria mais seguro, poderíamos rapidamente nos esconder de qualquer coisa que estivesse nos perseguindo. Além disso,

partilhávamos a árvore com outras criaturas, que, de forma barulhenta ou silenciosa – havia uma píton, por exemplo –, cuidavam de nós. Bem, nossas tias e mães muitas vezes ficavam cansadas depois de um dia colhendo alimentos – raízes e frutas, principalmente – e, de vez em quando, cruzando. Naquela época, não nos suportavam, as crianças, e por isso fomos mandadas para as árvores dos nossos primos. Nossos primos, assim como nossos pais e tias, moravam em árvores diferentes da nossa e era divertido visitá-los.

“Nossos primos eram grandes – tão grandes quanto nós éramos pequenos –, pretos e peludos, com dentes grandes, rostos pretos e achatados e olhos penetrantes, inteligentes e gentis. Eram estranhos para nós porque viviam juntos como uma família; ou seja, os pais e tios moravam com as mães e tias, e todos brincavam e cuidavam das crianças. Eles também nos amavam e conversavam com alegria quando nos aproximávamos deles. Nós engatinhávamos porque eles eram tão serenos, as árvores tão silenciosas que barulhos altos os assustavam e alarmavam. Éramos, em comparação, fazedores regulares de barulho. A única analogia que penso nesta vida seria a experiência, como crianças pequenas, de sermos enviados para o sul para passar o verão na casa dos avós. Vovô e vovó eram velhos e decrépitos, tranquilos, suaves e desacostumados ao barulho. Eles sabem que uma visita dos ‘avós’ os satisfazia por um tempo, mas todo dia fazem questão de demonstrar que estão felizes por você estar lá. O mesmo acontece com nossos primos. E eu adorava os primos bebês, de rostos brancos e sem pelos, que estavam sempre empoleirados nas costas de alguém. Era uma sensação gostosa segurar um priminho debaixo do queixo, e como os pais se encantavam com esse jeito de segurá-los! Não tínhamos pelos no corpo, sabe, para os dedinhos puxarem. Foi com esses primos que aprendi a amar os bebês e a querer dar à luz quando crescesse.

“Havia muita segurança em torno de suas árvores. Os pais e tios eram gigantescos e malvados quando provocados, com um rugido que doía os ouvidos. As mães e tias mostravam os dentes, agressivas. Conseguiram morder o pescoço mais feroz. Eu praticava mostrar os dentes e morder como elas. Minha imitação agradou muito a todas. Mas elas só eram ameaçadoras quando alguém ou alguma coisa entrava em seus domínios sem ser convidado. Nós – nossas mães e tias, pais e tios também – éramos sempre bem-vindos e quase sempre, se houvesse algo a temer, nos

reuníamos nas árvores dos primos. Eles tinham unhas compridas e afiadas nas mãos e nos pés, braços fortes e dentes maciços que despedaçavam animais bem grandes com um só golpe. Sempre nos protegeram e se divertiam muito fazendo isso. Depois de destruírem um intruso, conversavam, felizes da vida, e davam tapinhas nas costas uns dos outros.

“Também gostavam de alimentar a gente, as crianças. Faziam tudo como se fosse um jogo. Eu gostava de ir caçar com eles porque, ao contrário de nossos pais e mães, que por comer carne matavam animais pequenos o tempo todo, os primos só comiam plantas. Escondiam raízes em buracos que já haviam cavado só para que nós, desajeitados e com mãos irremediavelmente fracas, as encontrássemos.

“Minha mãe, que se chamava Guta Ru, muitas vezes ficava zangada comigo; conseqüentemente, eu passava muito tempo com os primos. Os dias eram longos e agitados, com a coleta de alimentos e a higiene ocupando boa parte deles. Mas quantas aventuras vivemos nas caças por comida; além dos primos, quantos parentes fascinantes tínhamos, e cuidar da aparência foi a experiência sensual mais satisfatória que já tive, na memória do sonho e fora dela. Por me faltarem pelos no corpo – do que me ressentia muito! –, eu sempre era arrumada rapidamente em comparação a eles, que levavam quase o dia inteiro. Os dentes grandes e frios clicando em meu corpinho fumegante eram maravilhosos. A língua áspera procurando piolhos também. Pelo menos eu tinha cabelo na cabeça, uma tonelada. Eles poderiam trabalhar nisso por uma ou duas horas, e eu ficava, sob seus dentes e línguas, toda feliz.

“Eles sempre tentavam me vestir. Folhas, peles de animais mortos, musgo, casca de árvore. Era engraçado. Mas foi com os experimentos deles que aprendi a me vestir e a querer estar vestida; aprendi a colocar pedaços de pele de leopardo ou pantera na frente e atrás do corpo, eles gostaram, embora eu pudesse dizer que consideravam minha fantasia uma espécie de dispositivo protético. Eram praticamente incapazes de compreender as coisas separadas; viviam e respiravam como uma família, depois como um clã, depois como uma floresta, e assim por diante. Se eu me machucasse e chorasse, eles choravam comigo, como se minha dor fosse transposta para seus corpos como num passe de mágica.

“Quando cheguei à idade de acasalar, acasalei com um dos meus companheiros de brincadeiras, um menino que conhecia e amava minha

vida toda. Depois que acasalamos e eu engravidei, era esperado que ele, por costume, voltasse a ficar com os homens. Ele se recusou. E eu me recusei com ele. Queríamos muito estar o tempo todo com nossos bebês, como vimos acontecer nas árvores dos nossos primos. Bem, você sabe como os adultos são. Nunca mudaram; não aceitariam isso. As mulheres reclamaram que ele só atrapalharia e possivelmente influenciaria nosso ciclo menstrual comum; os homens insistiram que precisavam dele para cerimônias e caçadas. Eles nos puniram nos isolando dos outros. Aguentamos o máximo que pudemos. Mas, quando o bebê nasceu, fugimos para ficar com os primos, que, na maioria das situações, assumiam uma atitude decididamente mais progressista do que nossos pais. Ficamos felizes com eles lá. E acharam natural que quiséssemos morar juntos. Eles fizeram uma cama especial de musgo para dormirmos.

“Percebo que, em nossa pequenez, éramos como crianças eternas e que nossos bebês eram como bonequinhas minúsculas para eles. Éramos tão pequenos que um dos bebês deles era pesado demais para carregarmos quando completou uma semana. Em contraponto, os primos conseguiam carregar a mim e ao meu companheiro num braço só, ou agarrados às costas peludas, com a maior felicidade.

“Eles não eram nada violentos – quer dizer, nunca iniciaram algo –, mas muito atenciosos. Costumava olhar para eles e me perguntar como é que nós, tão pequenos, tão nus, tão facilmente briguentos, havíamos nos dividido.

“Na memória dos sonhos, de repente, surgem dias e noites de terror e os rostos de pais e tios que se pareciam conosco, mas que eram muito maiores. Eles carregavam varas com pontas afiadas e as atiravam em nossos primos, atingindo-os no peito. Para nosso horror, tiravam a pele dos nossos primos e, às vezes, cozinhavam e comiam seus corpos. Nós, tão pequenos, eles espantavam como se fôssemos moscas, e corríamos para o topo das árvores gritando e chorando.

“Com o passar do tempo e depois de muitos ataques, nossos primos e nós mesmos – as pessoas pequenas, como agora nos reconhecíamos – fomos levados para os confins mais remotos da floresta. Aprendemos a fazer varas pontiagudas e envenenar sua ponta também. Aprendemos a fazer zarabatanas e estilingues. A confiança que existia entre nós tinha desaparecido. Já não éramos vistos como indefesos e fofos, e, de nossa

parte, havia aqueles entre nós que se orgulhavam de finalmente ter os meios para fazer com que nossos primos gigantes tivessem medo.

“Mas meu companheiro e eu nunca nos esquecemos do que aprendemos com os primos. Educamos nossos filhos para serem o mais parecidos possível com eles; e ficamos juntos até a morte, assim como os primos. Foi essa forma de vida que aos poucos se instalou em todos os grupos de pessoas que viviam na floresta, pelo menos durante muito tempo, até que a ideia de propriedade – que veio do modo como a floresta passou a ser vista como pedaços que pertenciam a essa ou àquela aldeia – entrou em mecanismos humanos. Foi então que os homens, por serem mais fortes, pelo menos durante os períodos em que as mulheres estavam fracas devido à gravidez, começaram a pensar em mulheres e crianças como propriedade também. Isso já tinha acontecido, e nossos próprios pais tinham se esquecido, mas o sistema de divisão deles entre homens e mulheres era uma consequência de um período anterior, quando mulheres e homens tentaram viver juntos – e é interessante ver hoje que mães e pais estão voltando à velha maneira de apenas se visitarem e não quererem morar juntos. Este é o padrão de liberdade até que o homem já não deseje dominar as mulheres e as crianças ou tenha sempre de provar o seu controle. Quando o homem viu que poderia possuir uma mulher e seus filhos, se tornou ganancioso e quis tantas quantas conseguisse ter. Tem um cantor africano popular, contemporâneo, que tem vinte e sete esposas. Idi Amin tinha tantas que as que dizem que ele matou nem fazem falta.

“Minha vida com os primos é a única lembrança onírica de paz que tenho. Numa das piores vidas, muitas vidas depois, por algum acidente, tive permissão para me casar com outro homem que eu mesma escolhi e amei, e houve paz por um tempo, uma bela ‘justeza’ no mundo, mas porque eu aparentemente nasci sem hímen e, portanto, não havia manchas de sangue para mostrar aos aldeões depois de nossa noite de núpcias – durante a qual eu respondi a ele com paixão, ou, como ele afirmou mais tarde, com pudor –, ele me denunciou ao povoado e meus pais me expulsaram. Depois disso, fui o tipo mais baixo de prostituta para os homens do povoado, incluindo o marido que amei, até morrer de infecção e exposição aos dezoito anos.”

Qual é a contribuição dos seres humanos?, Suwelo pensava morosamente, enquanto esperava pela chegada de dona Lissie certa tarde. A história dela sobre os primos animais o comovera, e a cada dia ele se sentia mais consciente dos próprios “parentes” não humanos no mundo.

As abelhas contribuía com o mel, mas na verdade não – ele era tirado delas. O que, ele agora se perguntava, as abelhas comiam; certamente não faziam mel para os seres humanos. As flores que forneciam mel tanto para as abelhas quanto para as pessoas, as flores que sempre estavam ali, dando algo: beleza, alegria, pólen e sementes. Elas não se importavam com quem as via, a quem ofertavam. E de pé, Suwelo também percebeu, com desgosto, que usava mocassins de couro. Que eufemismo, “couro”. Uma verdadeira não palavra. Em lugar algum estava escondida a verdade sobre o que era o couro. A pele de alguma coisa. E seus óculos de armação de tartaruga. Ele os tirou e olhou com ar míope, segurando-os com o braço esticado. Eram imitações. Plástico, provavelmente. Mas isso o deixou ainda mais triste, pois sabia que a única razão para imitar qualquer coisa era que a fonte real havia secado. Provavelmente não havia mais tartarugas para matar. E o que é, afinal, o plástico? É abundante e barato. Mas até o plástico tinha de vir de algum lugar. Do que foi feito o plástico? O que precisou morrer? Ele sabia que era um produto do petróleo e por isso presumiu que o plástico era feito da própria força vital do planeta. Quando todo o petróleo foi drenado, ele imaginou o planeta tremendo e encolhendo, como uma laranja espremida, sugada até a morte.

Ficou feliz quando ouviu dona Lissie bater à porta. A batida foi firme e decidida, como sempre. Quando abriu a porta, foi instantaneamente cumprimentado pelos olhos vivos e irônicos – que pareciam dizer: “Bem, o que mais há de novo, se é que há alguma coisa?” – no rosto velho e com lindos ângulos. Seu cabelo brilhante estava coberto por um xale de lã da cor das papoulas da Califórnia, a flor favorita de Fanny. Só isso fez Suwelo sorrir. Ela usava um casaco de pelo de camelo e sapatos pretos de cano alto com cadarços. Sua respiração estava curta devido ao esforço por trazer uma grande caixa de papelão escada acima. Suwelo rapidamente estendeu a mão e pegou a caixa.

Ela entrou no hall e tirou o xale e o casaco, pendurando-os no cabide e se olhando no espelho sob a luz que pouco iluminava. Usava um leve vestido amarelo com uma grande estampa de pata preta em relevo, ou talvez fosse uma flor, pensou Suwelo, olhando-o de perto, logo acima do coração. Em poucos minutos estavam sentados na sala de visita, tomando o chá que Suwelo fizera enquanto aguardava sua chegada e vendo o que tinha na grande caixa.

— Quando seu tio morreu – disse dona Lissie –, eu não sabia ao certo quem ficaria com a casa. Eu não queria que essas fotos fossem para qualquer pessoa. São especiais, e eu queria que apenas quem as entendesse ficasse com elas.

Suwelo ficou feliz que dona Lissie o considerasse essa pessoa. Por todas as paredes da casa havia espaços vazios onde as fotos tinham sido penduradas. Suwelo parou muitas vezes diante deles, tentando imaginar como eram as imagens. Dona Lissie tirou cada uma delas, as desembrulhou e colocou viradas para baixo no banco de carvalho ao lado do sofá. Depois, com cuidado, amassou os embrulhos de jornal e os colocou na caixa. Então, tirou um pano de sua bolsa de couro preto e começou a polir o vidro de cada retrato. E, por fim, os enfileirou no banco, recostou-se e convidou Suwelo a olhar.

Antes de olhar as fotos, porém, ele observou com atenção o rosto idoso ao seu lado e tentou identificar a jovem em frente às elegantes cadeiras esculpidas, descalça, com as roupas remendadas e os cabelos com tranças. Procurou o nariz lindo, a boca macia, as bochechas redondas. Talvez ela estivesse lá. Era difícil dizer. Depois, notando a textura áspera e bela das molduras de carvalho e pinho, começou a olhar as fotos, que eram treze. Dona Lissie explicou que já tinha uma cópia da única foto que havia deixado em casa e que, portanto, não a retirou quando pegou as restantes.

Suwelo lembrou-se da observação do senhor Hal: “Lissie é muitas mulheres.” E esperava ver muitas fotos da mesma mulher vestida de maneira a parecer diferente; e era verdade, em cada uma das imagens a cadeira – uma daquelas da foto deixada para trás – era a mesma, e o traje variava muito. O que ele viu, porém, foram treze fotos de treze mulheres totalmente diferentes. Uma era alta, outra era muito baixa; uma era negra de pele clara com olhos claros, outra tinha a pele retinta com olhos de obsidiana. Uma tinha cabelo até a cintura, o cabelo da outra mal cobria o

crânio. Uma parecia acrobática, saudável e reluzente. Outra parecia ter deficiência e muito dificilmente conseguiria andar.

Ele escolheu duas fotos e as ergueu à sua frente. Em uma delas, uma melindrosa baixa e negra de pele clara⁶ olhava corajosamente para a câmera, lábios contraídos e um olhar dissoluto no que pareciam ser olhos verdes, um cacho de cabelo claro e um ponto de interrogação de cabeça para baixo no meio da testa; na segunda, uma moça alta, preta e desengonçada, com a graça triste de uma empregada doméstica, mas também do campo, olhava com olhos cansados para uma câmera e um cinegrafista em quem não confiava. Usava um uniforme branco de empregada, e seu cabelo ralo estava impiedosamente alisado e preso sob um boné branco. Não havia nenhuma semelhança entre as duas mulheres. Na verdade, não havia entre nenhuma das treze mulheres. Não lembravam nem a elegante avó que estava ao lado de Suwelo.

— Eu fugi com o fotógrafo, um homem de cor de Charleston, que tirou essa foto – dona Lissie contou, apontando para a melindrosa. – Ele era casado. Quando descobri, fugi dele. Estava grávida nessa época. Foi assim – disse, apontando para a imagem em que usava uniforme de empregada – que eu estava quando ele me encontrou de novo. Fui uma de suas modelos por trinta anos, intermitentemente. Muito depois do fogo que havia entre nós ter se extinguido. Tínhamos fascínio um pelo outro. Ele nunca, em todo o seu trabalho como fotógrafo, fotografou alguém como eu, que nunca conseguia apresentar o mesmo “eu” mais de uma vez, e eu nunca na minha vida havia encontrado alguém que conseguisse reconhecer quantas mulheres diferentes eu era. Ah, algumas pessoas, até minha mãe e meu pai, comentavam como eu não parecia ter, como eles diziam, “nenhuma forma definida”, mas para eles eu parecia o suficiente comigo mesma no dia a dia, de modo que não importava. Mas Henry Laytrum começou a me fotografar uma ou duas vezes por ano, e o resultado é esse que você vê; houve outras, mas nessas as diferenças são mais marcantes.

“Sim – disse ela, como se respondesse a uma pergunta de Suwelo –, aquelas duas sou eu. Todas essas – prosseguiu ela, com um movimento do braço –, eu sou todas elas. Henry Laytrum, com sua velha câmera de caixa e sua cadeira, esculpida pelo pai de Hal, que conseguia desmontar e levar aonde quer que fosse, foi capaz de fotografar as mulheres que fui em

muitas de minhas vidas anteriores. Foi um presente tão maravilhoso esse que ele me deu, embora tenha sido tão desonesto comigo sobre seu casamento, só me contou depois de termos fugido juntos, eu nunca contei o segredo que tanto o intrigava e confundia. E, então, comecei a me entender, porque no início fiquei com medo de me ver como tantas pessoas diferentes! Depois de anos de escavação e exploração de memórias, anos de compreensão de que não sou como a maioria das outras pessoas, anos de raiva e confusão por causa disso, anos lutando contra todo mundo! Mas finalmente me dei conta de que minha memória e as fotografias corroboravam exatamente uma à outra. Eu tinha sido essas pessoas, e elas ainda estavam em algum lugar dentro de mim. Quando Henry Laytrum apontava sua câmera, diferentes imagens apareciam. Com o tempo, passei a adorar ver qual de mim iria aparecer. Henry Laytrum revelava as fotos, corria para me ver, espalhava tudo na varanda e nos apresentava. ‘Dona Lissie’, ele dizia, inclinando-se para mim e para a foto mais recente, ‘diga olá!’ E eu respondia. Era um impulso. Os eus que eu pensava terem desaparecido para sempre, existindo apenas na minha memória, ainda estavam lá! Fotografáveis. Às vezes, me emocionava profundamente.

“Houve guerra no mundo todo. Esses brancos aqui, tentando governar toda a América, e os da Europa, tentando governar o mundo todo. Até que veio a Depressão. A impressão de que eu tinha era que a gente ouvia falar de um enforcamento, ou alguma outra coisa monstruosa feita com pessoas de cor, toda vez que piscava os olhos. Mas isso era o que estava acontecendo comigo. E, por ser uma mulher de cor, ninguém jamais saberia disso. Fiquei meio feliz, porque sou o tipo de mulher que gosta de se divertir em paz.”

Suwelo balançou a cabeça. Não sabia se poderia acreditar ou não. E se perguntou se acreditar em coisas como o cometa Halley não seria a mesma coisa. Seria?

— Você se lembra do que eu disse sobre perder meu pé e minha perna depois de ser pega numa armadilha para ursos?

— Ah... – respondeu Suwelo, o olhar indo instantaneamente para a imagem da pequena menina de olhos tristes, muito preta e deficiente. Não que desse para ver o ferimento, o pé e a perna faltando, mas ao olhar para

o rosto pálido, onde o espírito parecia já ter desistido, dava para saber que era aquela.

— Agora, assim... – disse dona Lissie, vendo no rosto triste de Suwelo o peso da comiseração com um eu que ela já havia superado. – É como eu era na época em que fiquei com os primos e passei aquele tempo todo nas árvores. – Ela entregou a Suwelo a foto mais feliz de todas, na qual ela aparecia atarracada, miúda, com uma cintura como a de uma vespa, o cabelo em cachos grossos, os olhos brilhantes e risonhos, os dentes fortes e brancos alegremente à mostra num amplo sorriso. Uma pigmeia.

6. *High-yellow* no original. [N. E.]

Então era por isso que acreditavam que os africanos comiam gente, refletiu Suwelo, pensando no que dona Lissie lhe contara, na visita anterior à última, sobre os primos. Alguém, milênios depois da época de que ela falava, se deparou com os crânios e ossos roídos desses parentes malfadados. Mas então, obviamente, na opinião de dona Lissie, seus primos *eram* pessoas, mais parecidas ainda com pessoas do que a gente da sua própria ramificação da família. Ele ficou sentado olhando para a foto de dona Lissie tirada há milhares de anos; imaginou seu companheiro tirando-a e rindo com ela enquanto fazia caretas para ele. Imaginou os filhos deles rastejando sob as árvores semelhantes a catedrais; árvores tão grandes quanto Chartres, ela dissera. Ele imaginou os enormes primos pretos e peludos balançando com seus filhotes e os filhotes de dona Lissie também, trepados em suas costas. Pensou nos grandes rostos retintos e nos pequenos, mais pálidos.

Ainda pensava nisso quando ouviu a caminhonete do senhor Hal e, em seguida, a batida suave e hesitante à porta. Suwelo deixou-o entrar, ajudou-o a tirar o casaco e, como sabia que o senhor Hal apreciava um bom café, apressou-se em preparar uma xícara para ele.

Suwelo já estava na casa do tio Rafe há mais de dois meses. Não havia se esquecido de Fanny nem da Califórnia, e havia uma placa de “Vende-se” lá fora, no minúsculo gramado, mas passavam-se dias em que não pensava nela. Ou, se pensava, era para ficar triste por ela não poder compartilhar o que ele estava vivenciando. Fanny amava os idosos e os conhecia de uma forma que ele não conhecia. Era muito mais provável que Suwelo se sentisse envergonhado com eles, como uma suspeita de que sentiam a impaciência que frequentemente era seu estado de espírito. Mas não era só impaciência com *eles* que sentia; era com a situação que os jovens e os idosos de hoje herdaram (e muitas vezes esquecia que ele próprio estava envelhecendo): não ter tempo suficiente nem para falar, falar mesmo, um com o outro, nem para ouvir. Digamos que alguém estivesse em um evento incomum, uma festa em casa, e se encontrasse ao lado de uma antropóloga que apenas dissesse casualmente: “Bem, quando eu estava no Afeganistão nos anos trinta... blá-blá-blá.” O que essa pessoa faz? O que

realmente gostaria de fazer é agarrá-la pelo colarinho, arrastá-la para casa e sentá-la em uma cadeira grande e confortável, sentar-se aos pés dela (ou dele, conforme o caso) por uma semana, enquanto ela falava. Na festa, o máximo que provavelmente se ouviria seria uma anedota maliciosa sobre viagens de camelo e a falta de estradas. Era enlouquecedor.

Era mais provável que Fanny, e não ele, ficasse grudada em um idoso raro por uma noite inteira, completamente absorta, embora tanto ela quanto o idoso tivessem de se esforçar para ouvir um ao outro, por causa do barulho dos outros convidados.

Suwelo estava amando o que estava acontecendo com ele e ficou grato pelo tempo que seu tio Rafe lhe proporcionou para conhecer sua casa, suas amizades, uma vida que ele não poderia ter aprendido de outra forma a não ser que lhe fosse subsidiada. Ele se lembrou da primeira vez que esperou que dona Lissie e sua amiga, dona Rose, trouxessem seu almoço e as convidou para entrar. Dona Rose recusou às pressas dizendo que tinha netos esperando por ela em casa, mas dona Lissie entrou como se esperasse o convite e ficou na entrada de uma forma bastante majestosa, pensou ele, como se o aguardasse se livrar de algum convidado anterior. Eles se entreolharam por um bom tempo. Naquele dia, foi a dignidade dela que ele notou primeiro; sua postura ereta. Em seguida, sua reserva, a maneira como ela disse “como vai?” tão formalmente, e nada mais, enquanto ele permanecia ao seu lado, esperando que ela desse o primeiro passo para a sala, onde, ele imaginou, ela devia ter se sentado inúmeras vezes antes. Mas ela não se mexeu. Achou que ela parecia bastante imponente, para alguém que não era muito alta. E então também tomou consciência dos convidados na sala.

— Desculpe. Com licença – disse ele às pressas e, entrando rapidamente na sala, desligou a TV. – Estou acostumado a usá-la como companhia – disse, a título de desculpa. E pensou que ela certamente assistia às novelas, então completou: – Estou ficando mais parecido com meus primos e minhas tias a cada dia que passa; todos assistem às novelas.

— Assistem ao quê? – perguntou dona Lissie.

— Às histórias na TV, sabe – disse Suwelo, pensando que a abreviatura moderna para histórias na TV a confundia. Afinal, era *bem* idosa. – Qual a senhora vê?

— Não vejo TV – respondeu ela, sentando-se em uma cadeira ao lado e, ao mesmo tempo, passando a mão no xale azul com franjas que estava em cima do aparelho desde que Suwelo chegou à frente da tela.

Então é esse o seu propósito, pensou Suwelo, pois tinha olhado para o xale azul, um grande e vívido poncho mexicano, e pensou que fosse uma toalhinha bem da peculiar.

Hoje o senhor Hal sentou-se na mesma cadeira que dona Lissie costumava escolher, ao lado da TV, e, como ela, prestou mais do que uma atenção superficial à posição do xale. Suwelo assistia à TV muito menos agora que dona Lissie e o senhor Hal conversavam com ele, ou, como ele às vezes pensava, transmitiam para ele, da mesma forma que a TV fazia. Ele tinha o hábito de cobri-la sempre que estava desligada. O senhor Hal contentou-se em puxar uma ponta do xale e endireitá-lo. Concluído esse pequeno ritual, um gesto que parecia concebido de forma inconsciente para encerrar completamente o ponto de vista errôneo e trivial, o senhor Hal recostou-se para retomar a narrativa de onde havia parado. Pois as conversas de Suwelo com dona Lissie e ele não eram conversas. Estavam mais para entregas. Suwelo ficava grato em recebê-las.

— Você não sabe, ou talvez saiba – disse o senhor Hal, o semblante felicíssimo com o café e os pensamentos no rosto –, como é maravilhoso quando você sabe que alguém o ama, e não tem o que fazer. Você pode ser bom, pode ser um demônio, e, ainda assim, aquele alguém o ama. Pode ser um fracote, pode ser forte. Pode saber muito ou quase nada. Esse tipo de amor, quando pensamos sobre ele, parece um quebra-cabeça, podemos passar a vida inteira tentando desvendá-lo. Se você se enche de vaidade, não pode deixar de pensar que o que amam é algo que você mesmo criou. Ou talvez seja seu dinheiro ou seu carro. Mas há algo... É como amar um determinado lugar. Você simplesmente ama, só isso. E, se tiver sorte, enquanto estiver vivo, poderá visitar o lugar. E o lugar “sabe” do seu amor, você sente. Esse era e ainda é o amor entre Lissie e eu.

O senhor Hal ajeitou-se para ficar mais à vontade na cadeira, deu um grande gole no café, assim como faziam tio Rafe e todos os velhos senhores sulistas que Suwelo já conhecera, e prosseguiu.

— Então os brancos queriam que todos nós, rapazes, seu tio Rafe também, fôssemos para o exército, para lutar na Grande Guerra, ou pelo menos foi o que disseram. A verdade é que queriam que fôssemos servos

dos homens brancos que lutaram. Eu não pintava nada digno na época, já disse que usava tinta de parede? Lissie não me pressionava, por algum motivo, e eu não sabia qual seria meu próximo passo. Mas eu era negro e saudável, e os brancos me queriam como ração na guerra deles. O mais longe que estive da Ilha foi, tipo, a um quilômetro da costa. Queriam que lutássemos com pessoas que nenhum de nós tinha ouvido falar, e eram brancos também. Bem, não que lutássemos de fato, só que servíssemos aos nossos senhores brancos enquanto *eles* lutavam.

“De qualquer forma, isso significava deixar a Ilha, deixar minha família e deixar Lissie. Não consigo nem imaginar como viveria assim. Lissie também não, mas ela não podia lutar contra o exército do homem branco, embora eu não duvide que teria tentado. Ela odiava os brancos e disse que não tinha nenhuma boa lembrança de mil anos lidando com eles. Mas você sabe, por tudo o que Lissie me contou, que ela não tinha boas lembranças de ninguém. Ficava furiosa a maior parte do tempo por eu ter ido embora. E, com essa raiva, teve a ideia de que deveríamos nos casar. Eu estava com medo de dizer não. Além disso, era o que todo mundo estava fazendo, se casando, e lhe digo com toda convicção e sinceridade hoje que não tínhamos a menor ideia do que era o casamento. Além disso, eu amava Lissie – quando foi que não amei Lissie? –, e ela me amava tanto, tanto, que às vezes me sufocava.

“Eles falavam daquela época na Ilha como a época da grande erupção. A erupção era de gente se casando. Como a maioria, nos casamos na varanda da casa de Lissie, com vista para a baía. Era um dia lindo de primavera, e eu estava doido para pintá-lo. Jamais esquecerei que foi uma mulher que nos casou; tínhamos dois pregadores na Ilha, ambos chamados pelo espírito, e a gente vivia muito afastado do restante do mundo para saber que o espírito não chamava as mulheres. Depois ainda tinha Lissie encarando todo mundo e dizendo que *lembrava* que as mulheres foram chamadas *primeiro* e que esse chamado era algo que os homens tiraram delas. Bem, ninguém ia brigar com Lissie por algo que ninguém considerava importante. Tínhamos duas pessoas chamadas pelo espírito, uma mulher e um homem. Parecia certo. Como se houvesse dois tipos diferentes de genitores, uma mulher e um homem, sabe. Foi só quando entrei no exército e vi que todos os pastores, padres e capelães, não importa aonde fossem – e olha que fomos até a França –, eram homens

que eu pensei no que Lissie havia dito e em como enojada ficou quando disse isso. É lógico que em momentos diferentes a própria Lissie foi curandeira, feiticeira e sacerdotisa de vários gêneros, então ela sabia do que estava falando. Ela estava com tanta *raiva*. O ser humano mais bravo que já vi em todos os meus anos de vida. Porque ela viu pessoas perdendo terreno na batalha contra a ignorância e sabia no que aquilo ia dar, qualquer que fosse a batalha, porque já tinha visto tudo aquilo acontecer.

“Então, realmente, não sei por que ela pensou que o casamento era a resposta para a gente. Mas fui na dela e torci pelo melhor. Aqui estava uma mulher que eu amava, que me amava e me deixava pintar – ela não se importava de passar uma manhã inteira diluindo tinta de parede para eu usar dali a uma hora, e ela era uma catadora regular de papelão e possíveis pedaços de madeira, já que eu pintava em todo e qualquer suporte, e ela incentivava isso, às vezes até, pode-se dizer, me *forçava* a isso, e eu não conseguia não aceitar. De sua parte, acho que ela queria tornar o vínculo entre nós mais evidente para outras pessoas, não precisávamos que isso fosse mais evidente para nós mesmos, e sabe como é: tentar transformar um vínculo privado em público é como tentar transformar água em vinho quando você prefere água a vinho, e, de qualquer forma, você nem é Cristo.

“Mas o que a gente sabia? Lá estávamos nós juntos na cama naquela noite depois do casamento. Estava morto de cansaço e partiria pela manhã. Lissie estava ainda mais cansada do que eu, pois tinha passado a manhã pescando no barco; foi o que comemos no nosso casamento, peixe frito. Mas, de alguma forma, havia um pensamento de que precisávamos ter um ao outro, como dizem. Foram uns dois minutos bem confusos, e nada foi feito, ou assim pensei. Choramos e nos beijamos algumas milhões de vezes e sussurramos um para o outro todos os nossos pequenos segredos, falhas e esperanças, e então, deitados como crianças nos braços um do outro – suspeito que Lissie ainda chupa o dedo –, adormecemos. Na manhã seguinte, parti.

“Bem, eu não enxergava nada bem, não servia nem para ser cocheiro, e logo fui mandado de volta para casa. Lissie e sua mãe abriram uma lojinha na Ilha, num espaço da varanda da sua casa. Vendiam produtos da horta e outras coisas, como querosene, fósforos, anil, bicarbonato de sódio, que a mãe dela trazia de barco do continente. Também vendiam peixe. Eu me

lembro disso porque, quando voltei para o quartinho de Lissie, tudo ali cheirava a peixe.

“Lissie estava grávida, apaixonada por limões e sal. Toda hora que a via, tinha meio limão salpicado de sal na boca. Ela era saudável e forte, pescava no barco da mãe, e logo eu estava saudável e forte como ela, porque também passei a pescar e pegar caranguejos, e era algo que eu fazia bem. E, com o incentivo de Lissie, voltei a pintar, com o sol nos olhos, me curando, e a umidade da baía. Os quadros pequenos que eu fazia, Lissie pendurava na loja, e às vezes as pessoas ali da Ilha mesmo se apaixonavam por um quadro e lhe pediam para guardar, mas os brancos do continente, que passavam para tomar uma bebida gelada, compravam. Vendia cada quadro por um dólar, ou às vezes por menos de um dólar; só o suficiente para o custo da tinta. Mas, ainda assim, fiquei feliz em saber que alguém além de mim e Lissie gostava do que eu fazia.

“A essa altura nós já tínhamos adquirido um pouco mais de conhecimento, e nosso amor sempre foi forte, por isso nos deixamos ser livres. Ela já estava grávida, então não precisávamos esquentar a cabeça com isso, e, bem, a gente fodia o tempo todo. Me perdoe falar assim. Acho que Lissie estava feliz naquela época. Sei que estava. Eu adorava olhar para ela enquanto ela corria para lá e para cá. Era como uma *folha* que cai da árvore ao vento, sempre em movimento, rápida como a luz. E inteligente. Logo ela deu um jeito de a gente se mudar da casa de sua mãe para um lugar próprio, e foi na nossa casa que a paixão atingiu o auge e depois se tornou uma espécie de platô. Esse tipo de amor, com... Como vocês chamam isso hoje em dia?... O sexo não é nada parecido com o que se vê na TV ou no cinema. Nem parecia uma grande coisa na época. É algo muito *bom*, gostoso, sabe? É algo muito parecido com comida. Ou dormir. A gente transava, dormia, comia e pescava, e eu pintava, ela fazia o trabalho dela, e o sol brilhava, ou chovia, e a pesca ou era boa ou todos os peixes tinham ido para outra parte da baía. Não tinha costura, não. Era pano inteiro. Então, comer um pedaço de pão que realmente abalava as papilas gustativas me fazia pensar em foder Lissie. Ou ela me foder; Deus sabe que ela conseguia. Tomar água gelada no barco debaixo do sol deixava a gente de joelhos. Lissie estava sempre rindo. Com sua falta de jeito, seus peitos pesados que eu gostava tanto de chupar, sua bunda fofa, sua barriga que pairava sobre minha cabeça que nem um melão quando eu

fazia amor com a... periquita dela, digamos assim. Ou, como falamos na hora, quando eu 'a tive na minha língua'. Eu adorava tê-la assim no barco. Se a baía estava calma, e às vezes parecia vidro, nos esquecíamos de pescar, e ela ficava grande e nua, equilibrada no barco, e abria as pernas só o suficiente. *Ah.*

“Quando fazíamos amor, nunca pensávamos em mais ninguém ou em qualquer outra coisa. Bem, pelo menos nunca fiz isso. Tipo, quando tomava um copo de água, não levava minha mente para outro copo de água que tentava fingir que também estava tomando. Essa maneira de amar a pessoa que está com você do jeito que ela é parece totalmente fora do alcance de metade das pessoas que fazem amor no mundo hoje. E eu acho que é uma pena.

“Mas, de qualquer jeito, tudo acabou, Suwelo. Essa parte da vida. Acabou porque nasceu nossa filha Lulu. E não foi culpa dela. Não foi culpa de ninguém, acho. Tento dizer a mim mesmo que tinha de acabar, aquele tempo em que tudo era água pura e fresca para a minha sede, pão bom para a minha fome. Aquela época em que, na verdade, Lissie e eu corríamos o risco de se perder um no outro e em nós mesmos. Porque, quando eu estava com Lissie, não me importava se nenhum de nós dois sumíssemos.

“Eu me lembro de uma vez que um fotógrafo, o primeiro a ser visto na Ilha, veio comprar uma cadeira do meu pai e, ao ver Lissie, pediu para tirar uma foto dela parada ao lado da cadeira. Ficamos fascinados pela ideia de tirar fotos, da qual já tínhamos ouvido falar, embora nunca tivéssemos visto um fotógrafo ao vivo, e ele era um homem de cor! Ajeitamos seu tripé e batemos algumas vezes na grande caixa preta que o homem disse que fazia a foto, mas nossa vontade mesmo era não ser incomodados; que a nova ciência de tirar fotos era ótima e magnífica, mas tínhamos coisa melhor para fazer, como descansar. Tenho certeza de que cheirávamos a sexo. Aquele cheiro que alguns casais têm, ou costumavam ter. Agora tudo é disfarçado com perfume. Mas Lissie tinha um cheiro forte, e eu adorava. Menos quando outros homens percebiam e começavam a farejar ao seu redor. Como aquele fotógrafo. ‘Você é casada?’. Perguntou para ela. Eu estava lá, meu pai e minha mãe estavam lá, Lissie estava tão grávida que só conseguia ver um pé de cada vez. ‘Você é casada?’, aquele canalha perguntou.

“Lulu nasceu numa noite tão silenciosa que pensamos que o mundo inteiro estava prendendo a respiração. Tanto eu quanto Lissie estávamos ansiosos pelo nascimento. Tínhamos colocado um berço ao lado da cama e tudo mais. Nenhum de nós sabia que um desastre estava prestes a atingir nossa vida amorosa e que, entre as primeiras dores do parto e a saída da placenta, eu seria um homem mudado. Mas, mesmo que *soubéssemos*, o que poderíamos ter feito? Já me fiz essa pergunta um milhão de vezes. Mas o destino nos pregou uma peça.

“Naquela época, mulheres grávidas como Lissie não iam ao médico só porque estavam grávidas. Seria o mesmo que ir ao hospital porque os seios começaram a apontar. Era algo natural que acontecia com as mulheres, e uma boa mulher, ou seja, uma mulher sensata, sempre tinha uma avó para ajudá-la a se cuidar. Lissie tinha duas. Tinha a mãe Eula, Eula Mae, e a mulher com quem Lissie mais se parecia no mundo, Dorcy, Dorcy Hogshead, sua avó. Dorcy era um demônio. A bruxa velha mais briguenta e rabugenta que já existiu. No entanto, era uma gênica como parteira. Seu povo sempre alegou que Lissie puxou a ela e que essa era a razão pela qual era tão má. Nunca acreditaram na memória de Lissie, sabe. Nunca entendi como eles mesmos não conseguiam acreditar nisso. Lissie lembrava e relatava coisas das quais ninguém nunca tinha ouvido falar, coisas que ninguém jamais poderia ter contado a ela. Coisas que nunca leu porque não estavam nos livros que tinha. Mas então isso foi tido como sonho. Os pais dela disseram que ela sonhava e não lembrava, e as coisas que não sonhava ela ouvia da vovó Dorcy.

“Então a vovó Dorcy ficava cuidando de Lissie o tempo todo. E ela tinha muitas memórias também, e isso lhe dava muito poder, assim como deu a Lissie, mas ela não tinha o tipo de fé que Lissie tinha em si mesma, portanto se contentou com a crença de que podia interpretar os próprios sonhos e os de outras pessoas. Mas, na verdade, o que ela estava fazendo era unir o passado em algum tipo de padrão para que pudesse ser compreendido no presente. Acho que ela provavelmente ficou assustada com o presente. Muitas pessoas ficam. Era uma mulher idosa que se lembrava de ter visto os navios de guerra que passaram pela Ilha para disparar os primeiros foguetes contra o Forte Sumter no início da Guerra Civil, o que ela disse ter visto. Ela se parecia muito com Sojourner Truth, sabe aquela foto dela com turbante, vestido longo, xale e um cachimbo de

barro branco. A vovó fumava cachimbo e, às vezes, algumas pessoas diziam, soprava a fumaça nos bebês para fazê-los espirrar e ganhar vida. Sei que ela dizia que, por mais malvada que as pessoas dissessem que ela era, nunca bateu num dos pequeninos que ela trouxe ao mundo, e você sabe que dar um tapa num bebê recém-nascido era e é algo automático. Vovó Dorcy achava bárbaro.

“Ela morava do outro lado da ilha e, de vez em quando, montava uma mula para ver Lissie, e às vezes a mãe de Lissie ia buscá-la e a trazia de volta de barco. E era bom ter Eula por perto também, enquanto Lissie estava grávida, porque ela ficou *doida* com comida e sempre verificava tudo que entrava na boca de Lissie. Quando ela mesma estava grávida, Eula vivia principalmente com uma dieta de gordura, xarope e giz branco comestível que as mulheres grávidas escavavam num buraco nas colinas, mas ela não deixava Lissie comer mais que um dedal vez por outra porque ela dizia que aquela vontade era um sinal de que Lissie precisava comer beterraba, que muitas vezes fazia para a neta, e que, se comesse o giz em excesso, que era cheio de ferro que o corpo não conseguia absorver de qualquer jeito, prendia o intestino e enfraquecia os vasos sanguíneos nas extremidades baixas. Portanto, essas duas mulheres ficavam em cima de Lissie o tempo todo, perto do fim de sua gravidez.

“E aí, um dia, cerca de uma semana antes do dia que achavam que a bebê chegaria, pegaram o barco para pescar. Acho que deve ter sido a época da corvina; era o peixe favorito da velha Dorcy. Logo depois que elas saíram, Lissie sentiu a primeira pontada, e eu corri até a praia e tentei acenar para que voltassem. Elas pensaram que eu estava acenando para me despedir, então acenaram também e remaram para o horizonte. Eu sabia que voltariam em duas ou três horas no máximo, então não me preocupei, Lissie também não se preocupou. Mas o que você acha que aconteceu?

“No barco, Eula Mae e sua mãe começaram a discutir de qual lado do barco pescar e, conforme a conversa foi ficando mais acalorada e remetendo a disputas cada vez mais antigas, mãe e filha quase saíram no soco. O temperamento da Dorcy era horrível; faltava perspicácia. A certa altura, ela apontou o remo para Eula, que o arrancou da mão dela e o jogou na baía. Então, Dorcy pegou o outro remo e jogou na água também. Agora, imagina uma coisa dessas? Que bom que Lissie e eu não ficamos

sabendo nada disso na época. Então, lá estavam elas, sem peixe, sem vento, loucas como dois chapeleiros, sentadas, furiosas uma com a outra, de braços cruzados, fazendo bico, num barco que não ia nem para a frente nem para trás, nem para os lados, pelo restante do dia.

“Em casa, Lissie começou a se preocupar. Não tanto por ela mesma, mas com a mãe e a avó. Depois de umas três horas, Lissie falou que a bolsa estourou. Foi aí que eu entendi que, se as duas mulheres não se apressassem e voltassem, eu teria que fazer o parto da nossa filha. Agora você pode rir se quiser, mas por mais que visse que Lissie estava nitidamente enorme, até começando a suar de dor, e a bebê investindo dentro dela, pelo que eu sabia, ainda não parecia haver nenhuma possibilidade de ela parir uma criança; parecia bem improvável. Não sei o que pensei na hora. Ninguém nunca contava nada, se você fosse um menino, sobre parto. Simplesmente não contavam. E, sempre que uma mulher tinha um filho na Ilha, o marido era mandado para fora de casa. Geralmente ficavam perto do fogão grande que tínhamos na loja. Depois de um tempo, um dos filhos mais velhos vinha buscá-lo e, com um olhar assustado e envergonhado, voltava para casa. Acho que em algum lugar dentro de mim eu ainda acreditava que as cegonhas traziam os bebês, eu certamente estava rezando para que isso acontecesse, então comecei a me perguntar o que faria se isso fosse apenas um boato e as cegonhas realmente não fizessem seu trabalho. Pensando bem, eu também não tinha a menor noção de como eram as cegonhas.

“Lissie andava de um lado para o outro no quarto, mas logo as dores ficaram tão fortes que ela teve de se deitar, depois começou a sair um fio de um muco aguado dela. Ajudei Lissie a se deitar na almofada de borracha com um lençol por cima, segurei sua mão e a beijei umas mil vezes, toda vez que ela soltava um gemido, o que realmente doía meu coração. Aí ela me disse: ‘Você tem que fazer o parto, Hal. É uma menina.’ – ela sabia disso porque a bebê sempre esteve mais para baixo – ‘E quero que você saiba que, caso aconteça alguma coisa, quero que o nome dela seja Lulu’.

“Lulu era o nome de Lissie quando fez parte de um harém na parte norte da África, antes de qualquer área ser deserta. Naquela época não era nem chamado de ‘harém’, e sim de um outro nome que não consigo lembrar. ‘Choro’, eu acho. Mas era realmente o tataravô de todos os

haréns de que ouvimos falar ou lemos hoje. Ela disse que Lulu a fazia pensar nas colinas e nos campos verdes onde costumavam montar suas tendas de pele de animal, e em como ela era feliz no harém, porque o senhor era velho e doente e tinha centenas de mulheres que o cansava só de ver, imagina fazer alguma coisa, e Lissie (Lulu) teve dois amores. Um deles era uma mulher do harém, Fadpa, e o outro era um dos eunucos, Habisu, cuja função era impedir que as mulheres fugissem. Costumavam ficar juntos e conspirar sobre como fugir, mas Habisu tinha medo de deixar a segurança do harém e gostava dos doces que as mulheres compartilhavam com ele e das roupas coloridas que usava. Ele era de uma família pobre e achava que não era uma coisa tão ruim abrir mão de suas bolas por alojamento e alimentação tão agradáveis. Agora eu não sei se isso era verdade mesmo ou se Lissie estava caluniando o pobre Habisu. Ela ria muito e me chocava também, me contando sobre sua vida como Lulu. Falava sobre Fadpa e olhava para mim, percebendo que eu não entendia nada, e só ria muito. Era uma ótima dançarina, disse que começou a dançar por causa do tédio, e aí ensinou dança às meninas que foram capturadas, ou compradas, e trazidas para o harém. Ela tinha horário de aula regular. E ensinou como fazer amor com uma mulher usando apenas as mãos e a língua a todos os eunucos, que, segundo ela, passaram a amá-la de verdade. É lógico que alguns deles não se importavam com esse tipo de coisa com as mulheres. Havia alguns que apenas se sentavam lá e conversavam sobre roupas e comida e comiam sem parar. No aniversário dela faziam bolos recheados com sua coisa favorita: tâmaras. Fadpa e ela viviam, junto às outras mulheres e aos eunucos, completamente isoladas do resto da sociedade daquela época e do restante do mundo em geral. Com o tempo, se tornaram devotamente religiosos.

“E então chegaram ao ponto em que conseguiam realizar milagres. Milagres, Lissie diz que aprendeu, como Lulu, são o resultado direto da concentração. O maior milagre que realizaram foi conseguir a liberdade do harém na idade bastante avançada de noventa e seis e cento e três anos, que foi concedida pela bisneta do seu senhor. Elas oraram e concentraram toda sua energia nisso durante oitenta anos. Essa mulher havia sido mandada para um lugar distante, para a escola, onde se passava por homem, e, quando voltou para casa, ficou chocada ao ver aquelas velhas trancadas atrás do palácio do avô. Ele já tinha morrido e levado com ele

algumas das moças mais jovens e bonitas de seu harém. Seus filhos mal-encarados simplesmente jogaram as mulheres nas chamas em cima do corpo estalando e sangrando do pai, com toda calma, uma por uma. Elas, obviamente, gritavam, arranhavam e se agarravam nos tornozelos dos filhos, mas, como dizem, é assim que as coisas são.

“Lulu e Fadpa ainda tinham uns bons anos pela frente, embora seus rostos enrugados parecessem duas passas; então, se estabeleceram como videntes e viveram livres, ou até satisfeitas, até o dia de suas mortes, que receberam com muito prazer, porque o que notaram, quando já estavam fora da segurança do harém, foi que, no mundo dos homens, sempre existe guerra. Elas não suportavam o barulho e a confusão das batalhas incessantes. Ansiavam pelo silêncio e pela paz do harém, e pelas horas de cozinhar, comer e dançar, ou de ver as mulheres mais jovens dançarem. E, quando os homens se aproximavam delas e perguntavam sobre sua sorte, elas bocejavam. Viam um futuro de guerra e luta para todos os homens. Tão cristalino quanto o sol. Suas palmas eram de um tom forte de vermelho. Mas, em vez disso, Lulu e Fadpa diriam que viam uma centena de mulheres bonitas trancadas num quarto de onde o homem à frente delas, sozinho, tinha a chave e pelo menos meia noite da paz preferida de um homem. Isso os agradava. Se acrescentassem que também viam bandejas de tâmaras, figos, prata e ouro, a felicidade dos homens era completa. Acostumaram-se a dar camelos, cabras e esposas de outros homens aleatoriamente. Ficaram bastante famosas.

“Eu gostava do nome Lulu. Parecia mais um som do que um nome, mas e daí? Quando nossa Lulu nasceu, vi que ela faria qualquer um pensar em verde. Era toda dourada, mel e âmbar, o que fazia a gente pensar em amores-perfeitos. Ela sozinha era uma primavera.

“Agora, a tarefa mais difícil estava na minha frente. Estava muito calor. Lissie suava muito. Eu tinha muita água fervendo no fogão. Essa preparação, pelo menos, eu sabia que precisava ter. Então, Lissie começou a gemer de verdade. Foi horrível. Timidamente e com medo crescente, consegui olhar para baixo, entre suas pernas. Eu esperava ver a cabeça da bebê. Talvez. Já que algo estava acontecendo naquela direção. E Lissie gemia muito. Mas não era. Parecia uma bochecha. Ou uma bochecha no rostinho, ou uma bochecha numa bundinha. Olhei de novo. A barriga de

Lissie se contraiu, como se a bebê tivesse se virado. Agora parecia mais um ombro. Olhei de novo, com mais atenção. Parecia um joelho. Ou era um lado?

“Vou lhe dizer, me senti como Prissy em *E o vento levou*.

“Lissie estava tão esticada e aberta que não sei como ela não se dividiu ao meio. E, enquanto eu estava ali observando, vi que estava prestes a começar. Ao mesmo tempo, seus gemidos se transformavam em gritos. Eu não estava aguentando. Meu instinto foi simplesmente sair pela porta e acabar comigo mesmo. Não suportava a ideia de que estava causando essa dor a ela. Fazer amor com ela causou esse comportamento triste e lamentável nela. Ela não era mais a Lissie, entende? Não parecia nem um animal. Estava fora de si, fora de controle. Estava tão machucada que nem conseguia me dizer o que fazer. A bebê estava obviamente presa, tentando sair de lado. Lissie estava de um dos tons de cinza mais estranhos que eu já tinha visto.

“De vez em quando, eu corria para a varanda e olhava para a baía em busca de Eula e daquela idiota da vovó Dorcy, mas nem sinal delas. Além disso, estava anoitecendo depressa. Procurei no alto da colina alguns clientes que pudessem estar chegando à loja. Não tinha viva alma. Ninguém além de mim, Lissie e a pequena Lulu.

“Orei pedindo forças e orei por minha esposa e minha filha. Daí lavei muito bem as mãos, passei vaselina e untei Lissie também com vaselina e o que consegui do bebê. Fiz Lissie rir disso uma vez; disse que a vaselina era uma coisa importante que ela e a mãe tinham em comum: a mãe dela usava no rosto e dizia que era isso que deixava a pele dela tão jovem, e eu passava na bunda da Lissie. Enfim, comecei a empurrar com toda a delicadeza o bebê, meio que girando-o devagar. E comecei a conversar com ela, dizendo a ela que saísse, que tudo estava pronto para ela e que a gente sabia que era demais para ela, mas que não queríamos fazer mal. Sei lá o que eu disse; estava morrendo com a dor que Lissie estava sentindo. Odiando a mim mesmo e toda a humanidade. Quer dizer, comecei a fazer algumas promessas sérias a Deus. Depois de um tempo identifiquei o braço da bebê, na verdade a parte de cima do ombro. Então, de alguma forma, segurei o braço, que não parecia maior que um polegar, e fiquei nisso, o tempo todo dizendo a Lulu como seria bom tê-la aqui, e finalmente a tirei. Ai, meu Deus, e agora?, eu pensei. E Lissie desmaiou.

Acordou logo depois, mas parecia destruída, e eu vi em seus olhos as centenas de vezes que ela havia sofrido durante o parto e jurei que isso nunca aconteceria outra vez, e meu desejo por ela, de fazer sexo com ela, ou com qualquer mulher, morreu, e aí também me tornei um eunuco. Eu simplesmente soube que nunca mais seria capaz de fazer amor com uma mulher.

“E então Lissie meio que riu e disse: ‘Achei que alguém deveria me dizer para fazer força.’ Esse tempo todo ela ficou sem fazer força porque esquecemos, mas acabou que, segundo sua mãe e Dorcy, *não* forçar era a coisa certa a fazer. Eu, sem dúvida, tinha me esquecido disso, se é que alguma vez soube, e agarrei Lulu pela mão, era como apertar a mão de um coelhinho escorregadio, e enfiei a outra mão em Lissie e com os dedos meio que puxei a axila e a mandíbula de Lulu, e aí eu disse: ‘Bem, vamos lá e faça força então.’ E ela fez uma força como se estivesse gozando e realmente pareceu gostar disso quase da mesma maneira. O que me chocou profundamente. E aí Lulu nasceu, fungando e espirrando mesmo sem ninguém lhe dar um tapa ou soprar fumaça na cara dela, e por um minuto me senti muito confuso e deixado de lado. Coloquei Lulu em cima da barriga de Lissie, que a enxugou com um pano, e comecei a procurar uma faca para cortar o cordão umbilical, e, quando a encontrei, ela estava na água fervente do fogão e quente demais para ser manuseada imediatamente; Lissie já tinha cortado o cordão com os dentes.

“‘Nossa, parece borracha’, ela disse fazendo uma careta e cusindo no pano. E eu olhei para Lissie sentada agora com a bebê nua ao lado de seu corpo também nu e pensei comigo mesmo como ela estava primitiva.

“Quando veio a placenta, um pedaço de coisa ensanguentada, com aparência de fígado, que me fez sentir ainda mais tonto do que estava, ela embrulhou num jornal e me deu para enterrar no fundo da casa, para dar sorte, para a gente ter uma casa cheia de bebês. Quando ela não estava olhando, joguei no fogo. Não queimou. Apagou o fogo.”

— Lissie teve mais quatro filhos – o senhor Hal continuou contando, olhando para o restinho do café, que já estava frio há tempos –, mas três deles morreram quando ainda eram bebês. Eu pari todos, embora nenhum fosse meu. Um deles era menino, filho daquele fotógrafo que mencionei. Ele morreu antes de seu segundo aniversário. Outro foi de algum outro amante que ela teve, e os dois últimos eram de seu tio-avô Rafe. Eles eram bastante saudáveis, mas só um filho do Rafe chegou à idade adulta: seu tio Cornelius, que foi morto em serviço na Marinha. E Lulu sempre foi saudável, desde o momento em que nasceu. Lissie nunca quis que ninguém além de mim fizesse o parto de seus bebês, assim como ela não queria que ninguém além de mim fosse o pai. Eu queria estar com ela também. Cheguei a ponto de adorar fazer o parto e eu amava os bebês. Desenvolvemos um acordo, digamos assim. Mas, antes, nós dois derramamos rios de dor.

“Um mês depois do nascimento de Lulu, Lissie estava em cima de mim. ‘Que que tá acontecendo?’ ela perguntou. ‘Você não me ama mais?’ (Acho que você percebeu que tanto eu quanto Lissie podemos falar do jeito antigo ou do novo quando temos vontade.) Para mim, parecia que eu a amava mais do que nunca. Demais para arriscar colocá-la naquele tipo de dor novamente. ‘Ah, às vezes até dói pra caralho’, ela disse, quando contei como me sentia, ‘mas, se fica muito bom, eu logo supero.’ ‘O quê?’, perguntei. Nunca, nunca mesmo, pensei que isso a machucaria; embora eu deva dizer que às vezes me perguntava como as mulheres não se machucavam em geral. Algumas são tão pequenas, e os homens, tão grandes. ‘Olha’, ela disse, ‘temos Lulu, uma garotinha maravilhosa que se parece com Fadpa. Agradeço a Deus por cada dor!’ Ela estava se esfregando em mim, colocando as mãos em lugares que costumava controlar. Mas nada aconteceu. Bem, ela sabia uma ou duas coisas sobre eunucos e o que eles podem fazer, e sabia, por experiência própria, que eu ainda poderia amá-la se tivesse desejo, o problema era que eu não tinha desejo. Era como se tudo entre um homem e uma mulher que tivesse alguma coisa a ver com a criação de uma nova vida simplesmente me assustasse. Eu nem queria vê-la pelada. Eu não queria me ver. Eu estava envergonhado. Como outros homens poderiam continuar batendo em suas esposas com mais e mais bebês nascendo estava além da minha

compreensão. Não estava além da de Lissie. Ela queria mais trepadas e mais bebês também, e, quanto mais eu dizia não, mais quente e furiosa ela ficava.

“Finalmente um dia ela fugiu com o fotógrafo de Charleston e me deixou com Lulu. Voltou pouco antes de seu filho, Jack, nascer. Eu nunca disse uma palavra a ninguém. Todo mundo sabia que não era meu. Não liguei para Eula nem para aquela maldita vovó Dorcy. Aqueci a água e peguei a vaselina. Jack nasceu rápido, saiu de Lissie sem problemas. Naquela época, eu já tinha aprendido umas coisas com Dorcy, então fiz Lissie se agachar, apoiando-se nas barras do berço de Lulu, e peguei o bebê quando ele saiu, por detrás dela. Ela estava doente, a Lissie. Fraca por trabalhar como uma escravizada na casa de uma mulher branca, pela má alimentação e por estar grávida de um homem que ela sentia vontade de matar. Ele era casado, imagina. Já tinha um monte de filhos, o canalha. Mas Lissie estava farta de mim e apaixonada por ele. Então, olha isso, tentar se vingar de mim por ter perdido o sentimento por ela a deixou ainda mais doente do que já estava.

“Ela voltou para a nossa cama, ela e Jack. Porque Lulu não desistia do berço. E retomamos a nossa vida da melhor maneira que pudemos: pescando, vendendo produtos e outras coisas na loja. Às vezes eu ajudava meu pai a fazer móveis. Ele era rabugento e difícil de conviver, mas eu o amava e sabia que ele também me amava; desde que eu não pintasse, estava tudo bem. Não creio que ele gostasse muito de Lissie, mas ela se importava. Ela sempre falava alto com as pessoas que não gostavam dela e de quem ela também não gostava, só para envergonhá-las. E dava um pedaço de peixe ou uma torta só para ver a pessoa gaguejando em agradecimento. Ela era o demônio com algumas pessoas. Enquanto meu pai gaguejava, ela olhava para ele com olhos arregalados e inocentes e ria. Lissie tentou ajudar na loja, mas meu pai alegou que as mulheres atrapalhavam. Então ela parou de ir para a loja e passou a costurar, cuidar das crianças e sair para pescar na baía. Eram crianças doces e felizes, mas nossa casa era triste. Parecíamos estar apenas vivendo os movimentos da vida; e, embora nos amássemos com verdadeira devoção, sabíamos que tínhamos perdido algo precioso. A dor que sentíamos era quase impossível de suportar. Às vezes, abatida, ela se arrastava até os meus braços, ou eu

me arrastava até os dela e a gente simplesmente se deitava junto, olhando a baía, relembando o passado, e chorávamos.

“Seu tio Rafe era meu melhor amigo. Ele tinha ido para o exército; quando saiu, trabalhou para um velho viúvo, um francês, dono desta casa. Consegui comprar a casa quando o velho morreu e sempre me dizia que eu deveria morar com ele. Isso foi antes de ele conseguir o emprego na ferrovia; na época ele trabalhava num matadouro. Era um trabalho péssimo para alguém como o seu tio, tão meticuloso e tão, você sabe, moderado, mas ele era grande e forte e, de alguma forma, conseguiu aguentar por alguns anos. Ele não estava disposto a arriscar perder a casa, a única coisa com que ele se importava muito até então. E, também, a Depressão estava vindo com tudo. Na Ilha, o dinheiro tinha praticamente desaparecido. Os tempos estavam difíceis. Havia muitas doenças entre as crianças, causadas pela falta de alimentos de qualidade. Perdemos o pequeno Jack por causa de um resfriado que num bebê mais saudável teria sido curado. Fiquei acordado noite após noite com o garotinho. Ele se parecia com a mãe, e foi difícil para nós deixá-lo ir. Achei que Lissie fosse morrer, ela o amava tanto. Depois que ele morreu, deixamos nossa casinha e saímos da Ilha, era triste demais ficar, vai ser só por um tempinho, pensamos; então aceitamos o convite de Rafe e fomos ficar com ele. Lissie, Lulu e eu ficávamos no último andar, e eu consegui um emprego como vendedor de porta em porta. Eu vendia peixe, caranguejo e ostra. No verão, pêssego e melão. Isso nos bairros ricos e brancos de Baltimore, onde os tempos nunca pareciam ser muito difíceis. Na verdade, para os ricos estáveis, você sabe, tempos difíceis significam apenas preços mais baixos, por isso eles conseguem ótimas pechinchas em tudo e se dão melhor do que nunca.

“Finalmente, e nem um minuto antes, porque ele estava cansado de tantas mortes e dizia que o sangue do matadouro ficou debaixo das suas unhas, e isso *não* seria tolerável, Rafe conseguiu o emprego como carregador de vagão-leito. Lissie costurava e começou a fazer faxina, e, com todo o nosso salário reunido, nos viramos. Este era um bairro branco na época, como está voltando a ser agora, mas havia duas casas no bairro com pessoas de aparência espanhola que provavelmente eram gângsteres. Uma dessas casas ficava do outro lado da rua, e a outra ficava ao lado. Os homens falavam com a gente do jeito mais agradável possível, e, por isso,

não tínhamos muito medo deles, embora tivessem o hábito de se sentar nas escadas vestidos de qualquer jeito, desmontar, limpar e remontar uma considerável coleção de armas. Acho que foi a presença deles que impediu que os brancos realmente nos expulsassem daqui. Eles tiveram um ataque quando o velho francês morreu e a sobrinha deixou Rafe comprar a casa. Enfim, ela morava na França e gostava de Rafe. Gostava mesmo dele, se é que você me entende. O que sabia ela ou se importava com o ‘preconceito maluco dos americanos’, como ela dizia, com um sotaque que fazia parecer a coisa mais boba. E Rafe também estava disposto a pagar mais pela casa do que qualquer pessoa branca.

“Com certeza os vizinhos acharam a casa boa demais para ‘crioulos’. E, na verdade, *estávamos* lá ilegalmente. Não acho que pessoas negras fossem permitidas naquela parte da cidade naquela época. Mas éramos tão discretos que quase nunca nos viam. Nunca nos sentávamos nem ficávamos no gramado da frente, nem na varanda; a gente simplesmente não considerava aquilo parte da casa. Havia um beco atrás da casa, e sempre passávamos pelos fundos. Mas logo outra casa foi vendida para negros de pele mais clara, e depois mais outra. Estes também não gostavam da gente, éramos retintos comparados a eles, mas deixamos de nos importar e começamos a relaxar um pouco. Mantivemos essa casa impecável, com a grama e os arbustos aparados. Nos primeiros anos trabalhávamos na grama e nos arbustos à noite. Foi melhor do que qualquer coisa que sonhamos viver.

“Lissie gostava muito de Rafe, e ele gostava dela e de Lulu. Eu tinha muita consideração por Rafe e acredito que ele também tinha por mim. Lembro-me de contar a ele tudo sobre Lissie e eu. Não fiquei envergonhado nem com medo de que ele entendesse da forma errada. Ele ficou curioso sobre nosso relacionamento, porque, na casa dele, eu e ela dormíamos em quartos separados. Ela dormia no quarto dos fundos com vista para o quintal, e eu dormia no quarto da frente que dava para a rua, com a bebê. Lulu, digo.

“Toda a paixão que eu tinha pela mãe dela estava ligada ao meu amor por Lulu, e desde pequena ela conseguia me envolver com seus dedinhos. Eu adorava aquela criança. Lissie era uma boa mãe, mas distante. Não era presente para a criança. Sempre em algum lugar, vagando através dos tempos. Ela começou a sair com o fotógrafo de novo, não para dormir

com ele (ela o odiava nesse sentido), mas para modelar. Ele não conseguia entender como ela era tão diferente de uma foto para outra; ele contou que às vezes nem conseguia acreditar que a fotografia que havia tirado era de Lissie e que, só para puni-lo, ela nunca contou nada. Ele era o tipo de pessoa egocêntrica que não conseguiria ouvi-la ou sequer acreditar se ela tivesse falado. Ela estava entusiasmada com o resultado de cada foto, e acabei entendendo que Deus conseguiu, com a fotografia, mostrar a Lissie que ela estava certa ao pensar que era tantas mulheres quanto pensava que era. Foi um grande alívio para ela saber que não era louca.

“A vida é muito diferente quando você tem um grande amigo. Já vi pessoas sem amizades especiais, amizades íntimas. Homens, especialmente. Por alguma razão, os homens não costumam fazer e manter amizades. Isso é uma tragédia, eu acho, porque de certa forma, sem um amigo homem próximo, você nunca consegue ver a si mesmo. Isso acontece porque parte da nossa formação é feita por outras pessoas; e muito da nossa formação vem de amizades próximas que são parecidas com a gente. Minha amizade com Rafe era muito especial. Eu era a pessoa caseira, o marido e pai, o pintor. Tranquilo. Precisava de Lissie para me guiar pela mão. Ele era até fisicamente diferente de mim: maior e mais alto, mais escuro também. Eu o admirei durante toda a minha vida. Ele era todo solteirão! Nenhuma mulher ficava com Rafe por mais de algumas semanas. Ele ficava intenso por algumas noites, mas sempre voltava para casa para terminar a noite na própria cama, e então um dia eu perguntei quando, ou se, ele ia sair, e ele disse que não. ‘Não, mano.’ E riu. Fiquei feliz, no fundo, porque isso significava que ele ficaria em casa com a gente. Lissie fazia algo especialmente gostoso para o jantar; e eu tinha certeza de que teríamos uma bela lareira acesa. E Lissie, Rafe, Lulu e eu íamos para sala depois do jantar para uma noite de cartas e discos, que eram os mais recentes, porque seu tio também era um dançarino maravilhoso, além de todo o resto.

“Às vezes parecia que ele estava muito triste por causa de sua mais recente namorada para vir se divertir conosco; então ele ficava no quarto, usava o quarto grande na época, e lia romances de dez centavos deitado na cama. Rafe gostava de roupões e chinelos, e lembro que ele usava um quimono azul e branco bem elegante, de seda, que, segundo ele, vinha do Japão. Ele era muito elegante! Passava pomada no cabelo, modelava não só

o bigode, mas também as sobrancelhas, e fumava cigarros de cravo. Não, ele não era uma fada; só um homem distinto! Ele tinha uma vitrola no quarto e fotografias de várias de suas amigas em cima da lareira, aí colocava uma coisa bem sugestiva e melancólica para ouvir, e ficava lá fumando, lendo e bebendo a noite toda. Pela manhã já estava curado *daquela* amiga em particular e, se fosse seu dia de folga, estaria pronto para brincar com Lulu.

“Perto de sua mãe e de mim, Lulu amava seu tio Rafe. Às vezes eu pensava que ela o amava mais do que a nós. Ele estava com a barba feita e vestido de maneira como ela sempre o via, e ela não tinha permissão para entrar em seus quartos. Nós três éramos extremamente cuidadosos com sua privacidade. Muitas vezes nem sabíamos se ele estava em casa, não havia nenhum som vindo do seu andar. E aí Lulu começava a arrastar os pés ao passar de um lado para outro diante da porta do quarto dele, e logo dizia que ouviu o tio Rafe gargarejando.

“A gente poderia ter se mudado, mas ficar na casa de Rafe era aconchegante e parecia que éramos uma família de verdade. Numa casa onde dois homens cuidavam dela, Lissie se recuperou da fraqueza que teve após a perda de Jack. Recuperou sua força e seu estilo, e começou a engordar um pouco. Eu via que ela estava chegando a um florescimento do seu ser mulher que quase fazia a gente parar de respirar. *Maturidade*. Seus olhos ganharam maior profundidade com a tristeza; sua boca se arqueava num sorriso que ainda continha um pequeno indício da atemporalidade da dor. Até a testa dela me pareceu humilhada de algum modo, e por causa disso me peguei tocando-a com mais frequência, penteando seu cabelo para trás, alisando suas sobrancelhas. Mas o mais envolvente naquele momento era a maneira como ela falava. Fazia pensar na água, tão macia e suave, mas às vezes também se ouvia como as corredeiras. Ela ria mais também, uma risada experiente. Havia em sua voz e em sua risada um som que me emocionava tanto: o som de aceitação de sua sorte e... o som de gratidão.

“Lissie me perdoou porque ela entendia. Ela ainda me amava, mas me deixou ir. E estava grata por estar viva e ainda assim ter tudo o que tinha. Ela tinha Lulu, Rafe e a mim, por exemplo.

“Ela se dedicou o máximo que pôde, considerando suas distrações inerentes, a ser a mãe de Lulu, que era uma moleca nata que fazia Lissie

correr atrás dela. Ela cuidou sempre de mim; continuou me incentivando a pintar e encontrou um lugar onde meu trabalho poderia ser vendido a turistas, no centro de Baltimore. Eu não usava mais tinta de parede, mas aquarelas e óleos, e isso era o paraíso para mim. Também me incentivou a fazer aulas de inglês e de botânica à noite, oferecidas na nova escola para pessoas de cor. Com as aulas de inglês, ficou mais fácil para mim conversar com pessoas que nem sempre entendiam o inglês que falávamos na Ilha, e, com as de botânica, melhorei a forma como desenhava as plantas.

“Anos depois, amigos nossos adivinharam o que poderia ter acontecido. Amigos que reconheceram a semelhança do nosso filho Anatole, que tem esse nome do velho francês, com Rafé. Sei que tiveram pena de mim. Sem dúvida pensaram que Lissie e Rafé estavam tendo um caso pelas minhas costas. Este não era o caso.

“Fazia anos que eu tinha feito amor com Lissie, tanto tempo que nunca pensava nisso, nem me lembrava direito que tinha sido possível. Ainda gostávamos da companhia um do outro. De vez em quando, fazíamos compras juntos ou caminhávamos com Lulu até a escola dela. Podíamos nos abraçar ou dar as mãos, mas sempre fizemos isso. Na verdade, voltamos ao ponto em que éramos crianças, antes de Lissie realmente começar a notar seu tio Rafé. Notar como homem, você sabe.

“Quando eu penso hoje, vejo que isso estava destinado a acontecer. Tanto Lissie quanto Rafé eram ouro sobre azul. Quando nós três nos arrumávamos para ir a uma festa, até a pequena Lulu fazia “uuuh!” para os dois. Eles tinham exuberância. Ambos adoravam roupas, e Lissie gostava de ser uma mulher diferente em cada baile. Adorava lantejoulas, enfeites brilhantes e xales com borlas e franjas. Rafé gostava de camisas de seda branca, chinelos brilhantes e casaco com gola de pele. Era o tipo de negro que, quando se arrumava para sair, carregava luvas de pele de bezerro e uma bengala de cabeça prateada. Ele se considerava um malandro e, na medida em que conseguia realizar suas aventuras antes das duas da manhã, quando precisava estar em casa, aconchegado em sua cama, ele era.

“Na verdade, ele era um par perfeito para Lissie.”

— Ontem eu sonhei que estava lhe mostrando meu templo – contou dona Lissie. – Não sei onde ficava, mas era uma estrutura simples, quadrada, de um cômodo só, tinha bastante adobe, parecia uma das casinhas do sudoeste, com caibros se projetando na linha do teto e janelas recuadas. Era pintado com um suntuoso tom de coral enferrujado e tinha muitos desenhos, muitos, em turquesa e azul-escuro, como símbolos dos povos nativos americanos para chuva e tempestade, pintados na parte de cima. Era lindo, mesmo que pequeno, e me lembrei de ter ido para as cerimônias lá, vestida com um longo manto branco de algodão. Eu era alta e imponente, meu cabelo, preto e pesado, preso num coque. A outra coisa em que o meu templo me fez pensar foram as pirâmides do México, embora eu esteja feliz de que não eram feitas de pedra, e sim de lama pintada.

“Enfim, meu familiar – o que chamam hoje em dia, infelizmente, de ‘animal de estimação’ – era uma criatura pequena e incrivelmente bela, parte pássaro, porque tinha penas, parte peixe, porque sabia nadar e tinha uma forma peixe/pássaro, e parte réptil, porque andava por aí como as lagartixas e estava por todos os cantos enquanto eu conversava com você. Tinha movimentos graciosos e inteligentes, e uma expressão travessa e cheia de humor. Era *vivo!* A propósito, você, Suwelo, era um homem branco, aparentemente, naquela vida, muito educado, muito bem-sucedido e muito interessado em nossos costumes.

“Meu pequeno familiar, do tamanho da minha mão, escorregava e deslizava para lá e para cá num lugar fora do templo onde estávamos sentados. Sua cor predominante era azul, mas também era vermelho e verde, e tinha manchas douradas e cereja. E roxo. Sim. Tinha a cabeça de um pássaro. Eu já disse isso?

“O jeito que ele ficava de um lado para o outro distraía tanto, enquanto nós dois conversávamos, que o peguei nas mãos, levei-o um pouco para longe de nós e o coloquei no chão com uma tigela de vidro transparente por cima. Porém, assim que voltei e me sentei, ouvi um barulho semelhante ao de um tiro abafado. Fui até a tigela e vi que o familiar tinha conseguido sair dali. Havia um pequeno buraco no alto. Olhei em volta e

encontrei outra tigela, uma tigela branca e pesada, bastante escorregadia e com laterais muito grossas. Meu familiar estava deitado olhando para mim com curiosidade, descansando de seu trabalho. Ele não tentou correr quando coloquei a tigela branca em cima dele. Um pouco antes de me sentar, ouvi outro barulho. Quando voltei, meu familiar estava correndo furiosamente na neve. De repente, tudo ficou muito frio. Estava muito lindo como sempre, meu familiar. Como, ou até mesmo por que, eu fiz o que fiz em seguida está além da minha compreensão, mas acho que foi um reflexo estúpido do orgulho humano. Pois eu já entendia muito bem que toda essa atividade por parte do familiar tinha a ver com liberdade e que, com minhas ações, eu estava destruindo nosso relacionamento. De qualquer forma, para não ficar para trás – e de repente havia dezenas do seu povo, pessoas brancas, assistindo a esse concurso –, aprisionei meu lindo pequeno familiar debaixo de uma banheira de metal. Prestei pouca atenção ao frio ou à neve e nem pensei em como isso seria cruel e torturante para ele. Ele definitivamente não conseguiria escapar dali. Voltei para onde estávamos sentados, você e eu, e tentei continuar nossa conversa, que era sobre templos e sobre meu templo em particular. O sol estava se pondo e banhava de dourado a pequena e brilhante estrutura de coral. Foi uma visão esplêndida. Senti tanta felicidade por ser minha e pensei nessa paz que tomou conta de mim, profunda, como o sono, quando entrei por suas portas.

“Em seguida, ouvimos um estrondo, como se viesse de um vulcão, debaixo de onde estávamos sentados. Como se a energia estivesse sendo sugada em fluxos de todos os lugares e convergindo para um ponto debaixo da neve. Todos nós, você, eu e aquelas pessoas brancas vestidas tão estranhamente, com saltos altos e casacos de pele, fomos atraídos para a banheira que tremia e parecia estar nos últimos degraus de um enorme edifício de pedra branca, numa cidade e num século diferente. Não podíamos acreditar que uma criatura pequena, do tamanho de uma mão, conseguisse quebrar um metal com sua frágil cabeça de pássaro. Espantados, vimos quando, com um poderoso assovio e como se viesse das profundezas do mar, o pequeno familiar irrompeu pelo fundo da banheira e saiu para o ar livre. Ele olhou para mim com dó ao passar. Então, usando as asas nunca usadas até então, voou para longe. E eu fiquei lá, só com você e o povo dele nos degraus de um prédio de pedra fria, da

cor de uma dentadura barata, num mundo diferente do meu, num século que eu nunca entenderia. A não ser pela lembrança do lindo pequeno familiar, tão alegre e leal a mim, e a quem eu tão impensadamente, por orgulho e distração, trai.”

— Era mosca para tudo quanto é lado. – Foi o que Arveyda contou a Carlotta sobre o lugar onde ela nasceu.

— E o que você acha? – perguntou ele.

Ela não sabia o que achar. Arveyda estava de volta, mas sua mãe, não. Ela tentou não pensar em Zedé.

— Estava tendo uma gravação de um filme lá! Em Guatuzocan! – disse ele.

Carlotta nunca tinha ouvido esse nome.

— Era sobre uma antiga deusa indígena – continuou ele –; alta e loira, como Bo Derek, que se apaixonou por um antropólogo branco moderno que tropeçou na entrada de uma caverna e entrou na era pré-histórica em que a deusa viveu. Foi muito engraçado quando entendemos que não havia nada a fazer a não ser rir. Sua mãe encontrou uma de suas amigas antigas, uma mulher que parecia ter cem anos, embora não fosse mais velha que Zedé, e elas ficaram sentadas debaixo de uma árvore assistindo à produção do filme a maior parte do dia. A amiga, Hidae, bem retinta e enrugada, foi contratada como figurante e representava os antigos indígenas ignorantes dos quais surgira a loira e inteligente “deusa indígena”, aparentemente albina. Elas viram muita graça na vestimenta da deusa. Era um biquíni feito com penas de pombo, desses que são vendidos aos turistas. Ela usava esmalte e batom que pareciam sangue. Na cabeça, era obrigada a usar um cocar colossal, e nesse cocar havia pulgas. A deusa coçava a cabeça, abanava moscas, caía por causa da umidade e do tédio, ficava pálida com os sanduíches de mortadela e observava o antropólogo branco roubar todos os tesouros de seu povo sem mover um dedo, porque... ela o amava!

“Mas era um trabalho. Quer dizer, para Zedé, a amiga e para os outros do povoado. Como Zedé fala inglês, conseguiu um emprego na equipe de produção. Ela traduzia. A prisão onde você e sua mãe ficaram realmente se tornou um povoado. Ou melhor, voltou a ser um povoado, porque já era um povoado que pertencia ao povo do seu pai, los indios. Como na Austrália, onde os condenados finalmente se tornaram um país, os guardas

e escravizados que haviam se estabelecido em Guatuzocan para cultivar mamão se tornaram um povoado.

“Das pessoas escravizadas que sua mãe conheceu, apenas Hidae e outros seis sobreviveram. Os outros sucumbiram à má alimentação, ao trabalho árduo, ao calor e às doenças da selva, além do terrorismo dos guardas. A maioria das mulheres que tiveram bebês de seus captores estava morta, mas eles não. Continuaram estuprando cada novo lote de mulheres e tornando esposas–escravizadas aquelas que preferiam, ignorando as idosas e maltratadas por quem não sentiam mais desejo. Essas mulheres tiveram filhos. Isso colocou os guardas na curiosa posição de serem senhores dos próprios descendentes e dos descendentes uns dos outros, e onde antes havia harmonia no poder sobre tantas pessoas indefesas agora havia ódio e repulsa. Cada captor, olha isso, inevitavelmente gerou um filho favorito que não queria reconhecer ou que fosse maltratado por qualquer outra pessoa com autoridade além dele. Depois, houve também o inevitável estupro de suas filhas por amigos treinados para não se importar com a semelhança da garota com seus colegas. Às vezes, nem reconheciam mesmo. Um inferno.

“Os campos de mamão estavam rendendo boas colheitas, e o dinheiro da venda foi revertido para os proprietários das plantações da Europa e da América do Norte; o trabalho continuou pesado, embora não fosse tão horrível quanto o desmatamento da selva e a monocultura. No começo, ficamos perplexos porque a produtora cinematográfica estava fazendo um filme sobre a vida histórica dos indígenas pré-gringos no meio de uma enorme e moderna plantação de mamão, com fileiras muito ordenadas. Mas, quando Zedé perguntou ao diretor do filme, ele ressaltou que estava fazendo um filme progressista e não estereotipado, algo muito incomum para os norte-americanos fazerem; a plantação mostrava que os índios não eram nada preguiçosos, mas trabalhadores, desde os primeiros tempos. ‘Ah, pronto!’, disse sua mãe quando relatou isso para mim e para os outros indígenas mais velhos. E todos caímos na gargalhada.

“Os captores e os cativos se descobriram como uma família, e as crianças nascidas no povoado cresceram naquela situação confusa de meio escravos e meio livres. Eles não compreendiam nem o desprezo com que seus pais tratavam suas mães, nem o profundo medo que eles tinham dessas mulheres que eram tão indefesas; também não compreendiam o ódio

insondável que suas mães sentiam pelos seus pais, cujas missões de violação entre as mulheres se tornaram cada vez mais camufladas em afeto à medida que a descendência bastarda começou a crescer. As primeiras lembranças desses filhos eram dos gritos abafados das mães e a raspagem do que eles pensavam ser a espinha dorsal de suas mães no chão.”

— Não importa se você me ama ou não – disse Arveyda. – Talvez eu não mereça ver você nem meus filhos. Mas quero lhe dar o presente de conhecer sua mãe, o que acho que você não faria sem mim, porque ela mesma não poderia lhe contar; ela estava muito envergonhada, e quero lhe dar exatamente o que gostaria que alguém me desse e que, já que minha mãe está morta, ninguém jamais poderá me dar.

Carlotta sentia que odiava os homens; seus desaparecimentos, suas ausências e a presunção no regresso. Pensou na tola Angel Clare e se viu como Tess. Pensou em Tea Cake e se viu como Janie. Estava convencida de que Helga Crane era uma idiota. E decidiu que o único homem em toda a vida e literatura que merecia sua admiração era Leonard Woolf. Mas é lógico que ela e sua turma ainda não haviam começado a ler seu *A Village in the Jungle*. Talvez ela devesse segurar a empolgação.

Arveyda queria contar a ela sobre Zedé em algum lugar lá fora, debaixo das árvores. Ao ar livre. Se alguém consegue ver todo o céu, nenhuma mensagem, nem mesmo a de alguém que a despreza, destruirá você. Mas Carlotta estava sentada em sua sala com móveis baratos, os braços e as pernas esbeltas cruzados. Ela não estava escutando. Não conseguia entender o que ele dizia. Era como se os dois estivessem bêbados. Além disso, estava passando um desenho engraçado do Papa-Léguas e as crianças riam e batiam palmas.

Nessa atmosfera, Arveyda parou de falar. Ele olhou para seus filhos jogados no chão, que ignoravam sua presença. Ele não os culpava. Afinal, quem era ele, esse homem que os abandonara? Além disso, parecia importante para eles ver se o Papa-Léguas conseguiria chegar ao seu destino depois de tantos atentados cruéis contra sua vida.

Quando o desenho terminou, Arveyda, apesar das objeções indignadas, desligou a TV. Ele fechou cuidadosamente as portas de madeira do armário e, pegando o violão onde o havia colocado, atrás da porta da frente, sentou-se em frente a ele, em uma cadeira reta da cozinha. Começou a afinar o violão enquanto seus filhos, olhando para ele e fingindo bocejos, se aconchegavam no sofá com a mãe. Olhavam para o pai como se fosse um intruso. Arveyda dedilhou as cordas do violão. Seu antigo nome era Selume, segundo o ancestral oráculo africano, o osso ou runa que denota juventude. Sentiu que deveria, depois de todas as suas viagens, pensar em algo novo.

Teve uma ideia.

— Você está com as três pedrinhas que sua mãe lhe deu? – perguntou ele a Carlotta.

A princípio ela não respondeu. Estava pensando em como o odiava e tentou se lembrar das três pedrinhas que Zedé lhe dera, depois tentou lembrar onde elas estavam.

— Você pode pegar? – De alguma forma, ele não tinha dúvidas de que as veria.

Talvez elas tenham diamantes e rubis em seu núcleo, Carlotta pensou, irritada com a própria docilidade, ao sair da sala.

As gavetas da cômoda estavam arrumadas e organizadas, como sempre. Ela realmente não teve problemas para encontrar as três pedrinhas. Ficavam sempre guardadas em linha reta no fundo da gaveta de lingerie. Ela as pegou e voltou para a sala.

Arveyda estendeu a mão, e Carlotta jogou as pedras para ele.

Ele se inclinou sobre o violão e colocou as pedras no chão, não em linha reta, mas em forma de pirâmide.

— É assim a forma original delas, como o símbolo de um abrigo nuclear – disse ele. – São um presente do seu pai e do seu povo para você.

Na verdade, isso soava bastante sem sentido, para não dizer bizarro. A mente de Carlotta divagou. Ficou se perguntando como é que não as havia perdido; ela nunca as guardou na bolsa que Zedé fez especialmente para guardá-las. De alguma forma, deve ter pensado naquelas simples pedrinhas como suas joias e as queria expostas. Ela as mantinha à vista em cima da cômoda quando era criança. “Elas são muito especiais”, dissera Zedé, tocando-as com emoção à noite, quando entrava no quarto de Carlotta e a

colocava na cama. “Essas pedras têm um significado para você”. Mas nunca lhe disse qual era esse significado.

Arveyda estava sentindo algo incrível quando se sentou sobre as pedras, começando a dedilhar seu violão. Ele sabia, finalmente sabia, por que se apaixonava tão facilmente, até pela mãe da própria esposa. É porque era músico e artista. Os artistas, agora entendia, eram apenas mensageiros. Sobre artistas recaía a responsabilidade de unir o mundo. Uma tarefa espantosa, mas que ele se sentia à altura, em sua própria vida. Sua fé era de que a dor que causou aos outros e a si mesmo – tão mal escondida nas informações transmitidas – não levaria à destruição, mas à transformação.

Ele começou a cantar suavemente para seus filhos e sua esposa. Uma música sobre um país que usava o verde como vestimenta preferida; uma terra de rios e de barcos que de longe o faziam se lembrar das vagens de favas secas de baunilha. Cantou sobre as pessoas que vieram para este país há muito tempo, de uma terra chamada Sol, sobre como descobriram o rio que corre até o oceano – e sabiam também daquele que flui até os céus, mas não tinham meios de atravessá-lo –, sobre como conheceram as pessoas que já estavam lá e como algumas fugiram juntas para compartilhar a compreensão do mundo umas com as outras, e fundaram grandes civilizações quase por acidente, embora as grandes civilizações nunca percebam ou se vangloriem por serem grandes; e como, com o tempo, entraram em colapso e as pessoas partiram em todas as direções e viveram a vida simples de pequenos povos em todos os lugares. Caçar, pescar, rezar, fazer amor e ter filhos. Ele cantou sobre as penas vermelhas dos papagaios em suas orelhas – pois haviam trazido o papagaio com elas; eram os seus familiares, símbolo da sua essência – e os longos cabelos grossos que serviam de travesseiro para suas cabeças. Ele cantou sobre a vinda dos escravizadores e o destino cruel das pessoas escravizadas. Ele cantou sobre duas pessoas que se amaram por um tempo e como uma delas morreu de uma forma horrível, sem nada para deixar além da semente que se tornou uma criança, alguns brincos vermelhos de pena de papagaio e três pedras insignificantes. Ele cantou sobre a confusão e o terror da mãe: as cicatrizes que ela nunca poderia revelar à criança porque ainda a machucavam. O amor pelo pai selvagem da criança, um torniquete amargo preso na garganta.

As crianças já estavam dormindo há muito tempo quando Arveyda chegou à parte que Carlotta mais queria ouvir. Arveyda cantou baixinho quanto a mãe, ainda longe, amava e sentia falta da filha. Quanto ela estava triste por tê-la machucado. Quanto rezou para que a criança a perdoasse e um dia consentisse em vê-la novamente. Ele cantou sobre como a mãe sentia falta dos netos. Cantou sobre o perigo que a mãe corria agora, em seu antigo país, porque, trabalhando com a equipe gringa de produção cinematográfica como fachada, ela estava tentando encontrar a própria mãe, que não via desde que os soldados chegaram a sua pobre pequena escuela de los indios há muitos, muitos anos e a levaram embora. Essa foi a única razão pela qual ela não estava neste momento abraçando sua filha, se sua filha ao menos permitisse. Ele cantou sobre a coragem de Zedé, sobre seu orgulho em não sobrecarregar a filha com uma história insuportável. Ele cantou sobre sua verdadeira humildade. Cantou até que Zedé, pequena e hesitante, ficou visível, um pouquinho, diante da filha.

Carlotta não sonhara que seu coração entorpecido pudesse ser ainda mais partido, ou que o quebrar o abriria.

Arveyda estava de volta. Sim. Cantando como nunca. Carlotta viu que agora ele não precisaria nem de penas nem de capa.

Sob o olhar penetrante e marejado de lágrimas de Carlotta, Arveyda fechou os olhos, para não perguntar nada a si mesmo. Ele sabia que estava cantando por suas vidas. Verdadeiro artista, aquele que Deus mostra, ele sabia que não ousava duvidar do poder de sua canção.

Êxtase é a floresta de pé e o cheiro de pão saindo do forno. Suwelo esforçou-se para ouvir a música calorosa e exuberante ao telefone, entre os versos gélidos das palavras de Fanny. É isso que ela ouve até hoje, pensou ele, surpreso. O álbum antigo de Arveyda. Ela deve ter comprado um novo depois que se mudou; o que compraram juntos era um longo arranhão. Ela tinha se cansado de tanto tocá-lo. E ele se lembrou de como ela segurava o álbum contra o peito, um álbum no qual não havia nada além de uma grande sequoia, com um pedaço de pão embaixo, e como ela o balançava em êxtase a cada nota, e como às vezes ficava tão plena com a doçura da música que chorava. E ele já ficou observando-a cambalear, dançar e chorar. A música a levava a um lugar, pensou ele, que nada mais em sua vida levava. Era tudo um êxtase para ela.

E uma vez, quando Arveyda veio à cidade para fazer um show, ele comprou ingressos para ir. Finalmente o veriam. E no começo Fanny ficou muito feliz, e ele riu de sua animação com os dedos desajeitados enquanto ela se vestia. Todas as suas melhores roupas. Tudo em tons de lavanda, índigo profundo e genciana. Ela é tão linda, ele pensou.

— Você vai poder dar uma olhada nele – brincou Suwelo. – Ele vai estar no palco, e com os ingressos que comprei acho que a gente fica em um lugar bom. Mas ele não vai conseguir vê-la, você vai ser só mais uma cabeça.

Ela riu, banhando-se com um perfume que ela mesma fizera e que cheirava incrivelmente a água doce.

Mas então, justamente quando estavam saindo do apartamento, logo que entraram no corredor, ela parou, e nada do que ele dissesse a fazia andar. Quando ele a pegou pelo braço, ela parecia presa ao chão. Quando ele fingiu arrastá-la, ela se agarrou ao batente da porta com uma força que quebrou uma de suas unhas.

Ela estava com medo de ver a pessoa que criou a beleza que era tanto o que sua alma ansiava que acabou a fazendo chorar.

Suwelo entendeu isso vagamente, mas também ficou aborrecido, porque agora perderia o show – embora ela implorasse a ele que fosse e levasse outra pessoa. E ele gastara muito dinheiro nos ingressos.

— Arveyda não é velho? – perguntou ela, esperançosa. (Ele não era.) – Vou esperar até ele morrer, ou até que eu morra, e então... eu o verei.

E o que poderia Suwelo responder a tal amor, constrangido por um fatalismo e um medo muito maiores?

— Ah, minha bebezinha – disse ele, com exasperação e impotência, abraçando-a, sabendo, sem ver seu rosto, que lágrimas de desejo escorriam por suas bochechas.

A primeira vez que viu Carlotta, o que ele pensou? Fanny o acusou de ver apenas a pele âmbar e a longa cabeleira preta. O corpo atraente. Uma mulher de cor, sim, mas sem o tipo de passado doloroso que ameaçaria sua percepção de si mesmo como homem ou que inibisse seu prazer por ela como mulher. Mas, na verdade, ele teve esses pensamentos mais tarde, depois de ter começado seu romance com Carlotta. A primeira vez que a viu, em uma reunião do corpo docente em que ela parecia inquieta e cercada, ele pensou que ela parecia uma Coretta King latina muito mais jovem. Em algum lugar ele tinha visto uma foto da sra. King, parecendo aflita e traída, uma linda mulher, pensou ele, mas escorregando inexoravelmente no atoleiro da Famigerada Viuvez. Corra, corra, ele quis gritar para ela. Não deixe que a fechem na tumba! Mas talvez fosse assim, em parte, que ela se sentia, como se parte dela estivesse sepultada com o marido. Mas decerto havia mais de sua vida para viver? Suwelo só admirava uma coisa em Jackie Onassis, cujo destino poderia ter sido semelhante, exceto por sua astuta recusa em deixar que assim fosse: o sucesso absoluto em escapar do marido morto, Jack. Na foto da sra. King da qual se lembrou, ela estava com um grande grupo de mulheres nativo-americanas e parecia mais indígena do que a maioria delas. Carlotta, segundo suas observações, tinha aquela mesma expressão aflita e traída. Mas, à medida que a observava mais de perto, ignorando os outros integrantes do corpo docente, que eram brancos e cuja universidade ele também entendia ser, mais ele percebia que aquela não era realmente a aparência da sra. King. Ou talvez fosse, mas isso o comoveu porque via, sentia a dor e tentou removê-la do rosto lamentoso de alguém muito mais próximo de casa: ele se sentiu atraído por Carlotta porque a expressão em seu rosto era idêntica à de Fanny quando ela descobriu que ele a havia traído. Ele passou todo o tempo que esteve com Carlotta tentando remover o reflexo, no rosto dela, da dor de Fanny. Sem ousar, porém, uma única vez, forçá-la a contar-lhe a causa. Uma vez que soube que ela estava separada do marido, com dois filhos para criar sozinha, uma vez que viu sua espelunca e uma vez que ouviu suas amargas queixas sobre o racismo do Departamento de Estudos Femininos onde ela trabalhava, ele presumiu

que entendia sua dor. Agora ele entendeu que provavelmente não tinha entendido nada, e ainda lhe ocorreu que ato superficial e, em última análise, fraudulento era dormir com uma pessoa que não conhecia.

Ele começou, mais do que nunca, a valorizar a história que o senhor Hal e a dona Lissie lhe contavam incansavelmente.

— Meu pai não era tão alegre quanto minha mãe – disse Hal. – Ela gargalhava o tempo todo; ria de verdade. Não conseguia se segurar. Tudo era engraçado para ela. Mas sempre teve uma nuvem escura sobre a cabeça do meu pai. Agora, você pode até não acreditar, mas você mora na Califórnia no fim das contas. Leio os jornais de vez em quando, por isso sei que muitos homens que saem com outros homens estão morrendo. Sempre que leio sobre isso, penso no meu pai, porque acho que ele teria ficado feliz. Ele não era uma pessoa má, não me leve a mal, mas ele simplesmente odiava essas pessoas e essas eram as únicas pessoas a quem o ouvi expressar algum ódio. Mesmo com os brancos em geral, ele nunca agia da mesma maneira que faria com os homens “desmunhecados”. Enquanto estava em seu leito de morte, ele me contou por quê.

“Ele cresceu na ilha, numa fazenda que pertencia a uns brancos do continente e era administrada por um feitor negro. Não era a época da escravatura – as pessoas escravizadas tinham sido libertas legalmente há muito tempo –, mas era bastante parecida, sabe, pela forma como as coisas ainda funcionavam. Enfim, em alguns feriados, como Natal, Páscoa, e sempre no verão, esses brancos vinham para a fazenda na Ilha. O verão era mais fresco lá, muito mais agradável do que no continente. Eles navegavam em seu iate – eram ricos – e traziam todo mundo de sua casa do continente: a cozinheira, as empregadas, o adestrador de cavalos, até os jardineiros. Meu pai era um faz-tudo, então ajudava a descarregar o iate, e o pagavam em laranjas, que quase nunca comíamos na Ilha e que tinham um sabor equivalente ao do ouro. Enfim, essas pessoas tiveram um filho, Heath, e ele começou a fazer as coisas com meu pai. Os dois meninos se gostaram de cara, mas meu pai se irritava porque sempre tinha que ficar em seu lugar. Heath tinha total acesso à casa de meu pai, por exemplo, e nos verões costumava comer lá, bem na cozinha com os outros, mas meu pai, Davi, em homenagem ao pequeno Davi da Bíblia aliás, nunca podia passar dos degraus da porta dos fundos da casa de Heath. Se você fosse negro e não trabalhasse na casa, não tinha permissão. Era assim que as coisas eram.

“O pai e a mãe de Heath eram mais cordiais um com o outro que afetuosos, e nenhum deles falava muito com Heath. Mesmo assim, o pai era feliz por Heath e meu pai serem amigos; a mãe nunca deu bola para isso. Ela bebia.

“Heath e meu pai eram amigos de infância, se viam nas férias e no verão, por muitos anos. Então Heath foi para a faculdade, e o meu pai se casou. Em algum momento, Heath também se casou, e ele e a esposa vieram morar na Ilha, na casa grande que Heath amava e que agora pertencia a ele por causa dos seus pais. Meu pai estava bastante feliz no casamento. Não sei se ele esperava fogos de artifício e aquela coisa toda. Na Ilha as pessoas se casavam jovens, criavam muitos filhos, você e a família trabalhavam duro, comiam, dormiam e faziam seu culto o melhor que podiam. E morriam. Era isso. E isso era o bastante para a maioria das pessoas. Entretenimento? As histórias e os rumores das pessoas lá no continente eram o seu entretenimento.

“Ter Heath por perto de novo e pra valer foi ótimo, e administraram da melhor maneira possível, agora que eram mais do que nunca desiguais aos olhos da sociedade e da lei – em outras palavras, eram homens adultos –, continuaram sua vida, sua amizade. Heath, porém, começou a beber e não gostava de negros. Era um daqueles brancos que, bêbado, dizia a um negro com quem estava abraçado: ‘Sabe, fulano, eu não gosto de crioulos, mas de você eu gosto!’, então essa suposta amizade entre ele e meu pai caminhava numa linha tênue entre a raiva e o medo. Naturalmente, meu pai odiava o racismo de Heath. Assim como ele o temia como um homem branco, mesmo quando riam e jogavam juntos. Meu pai não tinha ideia – e acho que o próprio Heath não sabia – que Heath era enamorado por ele. Digo, amor desse tipo muito peculiar. Foi uma espécie de compreensão que se apoderou de ambos, imagino, quando viram quanto tempo Heath passava em nossa casa e quanto ele e meu pai, apesar de tudo, gostavam.

“Eu me lembro dele como se fosse hoje. Um cara corpulento, atarracado, não exatamente gordo, rosto avermelhado, uma cor intensa que às vezes parecia ir e vir em seu rosto. Cabelo que, se muito no sol, ficava quase branco. Dentes substanciais e hálito mentolado. Um cara tipo Teddy Roosevelt.

“Foi Heath quem incentivou meu pai a deixar o trabalho agrícola e se tornar fabricante de móveis. Ele via e admirava as coisas que meu pai

esculpia nas horas vagas: principalmente os brinquedos, as camas e os berços das crianças. Não creio que ele suportasse ver o amigo trabalhando no campo como um escravo. Ele não se importava com as outras pessoas, entende; achava que trabalhar como um escravo em sua fazenda era o que mereciam. Mas não Davi, com sua expressão pensativa, sua esposa sempre grávida e sua casa cheia de filhos descalços; ajudou meu pai a montar uma loja e comprou as primeiras peças que ele fez, uma mesa e algumas cadeiras. Ele encontrou um mercado para o trabalho do meu pai no continente e vivíamos muito bem. Muito melhor do que quando trabalhávamos no campo, plantando batatas e colhendo feijão.

“Ele queria meu pai.

“Mesmo em seu leito de morte, esse era um conceito difícil – sem brincadeira – para meu pai adotar. Foi curioso também como, independentemente das palavras que encontrasse para me contar sobre a situação, elas sempre me faziam rir. Até ele, finalmente, conseguiu rir, embora fosse uma gargalhada vazia. Não estava rindo de Heath, mas dessa possibilidade de um modo de vida que lhe parecia totalmente fora do reino da natureza. Dois homens juntos, como um homem e uma mulher? Era demais. O que São Francisco pensaria de meu pai?

“Resumindo, a amizade logo foi arruinada. Os melhores sentimentos um pelo outro não tinham para onde ir. Eles não conseguiam nem se sentar numa barraca de cachorro-quente em algum lugar para discutir o problema. Eles teriam sido presos só por isso. Heath foi ficando mais bêbado e emburrado, além de odiar cada vez mais os negros. Falava muito sobre como seu pai o tratava quando menino, ridicularizando-o e espancando-o por ser lento para entender as coisas que lhe diziam e para aprender a ler. Contou isso para explicar sua capacidade de compreender como ‘os crioulos se sentiam’, mas o que isso realmente explicava era por que ele tentava tantas vezes fazer com que aqueles que conhecia se sentissem tão mal quanto ele mesmo se sentia. Perto dele, meu pai recuava para o que chamava de seu antigo crioulisto de não saber nada. Coçando a cabeça e murmurando baixinho. ‘Se sentindo um idiota.’ E é óbvio que dá para perceber que o chamava de ‘senhor Heath’ desde a adolescência. Mas a pretensão de ignorância do meu pai não o protegeu. Um dia, Heath entrou na loja e, antes que meu pai se desse conta de alguma coisa, ele o abraçava bêbado e, como ele disse, ‘chorava nas

minhas costas'. Mas meu pai se sentia muito seguro porque podia ver minha mãe e alguns de seus amigos, as crianças brincavam a poucos metros da porta aberta. Heath bebia muito e brigava com a esposa. Logo a poeira baixava. Era sempre assim. Meu pai fazia café, preparava uma bolsa de gelo e alguma coisa para Heath comer. Mas dessa vez, talvez porque o meu pai se sentisse tão seguro, ele realmente se deixou sentir o corpo lamurioso envolto nele. Se deixou sentir a tristeza e a vergonha. Talvez ele tenha sentido amor. Seja como for, sem nunca ter sonhado que isso era possível, e olhando para si mesmo como se alguém tivesse enfiado um pedaço de pau pela perna da calça enquanto ele não estava olhando, ele respondeu a Heath, que começou a acariciá-lo.

“Foi um momento que mudou a vida dele. Sem entender como isso era possível, meu pai queria ser desejado por esse homem que o abraçava e queria querer. Contou que viu minha mãe pela porta e a chamou, mas sua voz estava tão fraca que não conseguiu chegar até ela. Então, alguns minutos depois, como se sentisse que algo estava errado e que ele estava com problemas, ela mesma foi rapidamente até a porta. Heath, acariciando meu pai e sentindo sua resposta, observou minha mãe se aproximar, por cima do ombro de meu pai, e disse: ‘Fala para ela não entrar.’ E foi o que meu pai fez.

“Ele nunca mais foi a mesma pessoa depois disso. Ficou sombrio, quase nunca mais sorria. Mas continuou vendo Heath, e ainda me lembro da amargura sombria das brigas deles. Brigas cheias de poucas palavras escolhidas a dedo, cruéis e mordazes, e muita bebida. Porque, com o tempo, meu pai começou a beber tanto quanto Heath. Sempre que meu pai lia sobre o linchamento de um homem negro por brancos e que cortaram as partes íntimas do homem e as enfiavam na sua boca, ele disse que entendia o verdadeiro motivo. Ele tendo passado isso ou não, tenho certeza de que é algo que deve ter querido gritar para o senhor Heath. Que sabia que havia algo de natureza sexual acontecendo em qualquer linchamento.

“Pelo restante da vida, odiou qualquer coisa que considerasse gay. Odiava arte e até as esculturas com as quais ganhava a vida acabou por fazê-las com nojo. Ele foi um escultor perfeito para os móveis pesados que se tornaram moda naquele período antes da Grande Guerra. Seus leões esculpidos rosnavam, seus grifos mordiam, seus corvos gritavam. Garras,

dentes e gotas de sangue por toda a parte. Tudo me fazia estremecer quando criança, e minha mãe não conseguiu encontrar nada naquelas obras que encorajasse sua famosa risada, mas os brancos compravam; depois os negros também. Até nas casas dos pobres ali mesmo na Ilha podiam ser vistas. Geralmente gostavam de que seus móveis e todo o restante fossem descomplicados e simples; só Deus sabe o que realmente pensavam daquilo.

“Meu pai odiava as minhas pinturas. Isso o fazia pensar que havia algo de errado comigo. Durante toda a minha vida ele tentou me impedir de pintar. Quando Heath finalmente morreu, de ataque cardíaco, meu pai, o único negro autorizado a comparecer ao funeral, ainda estava amargurado. Minha mãe, geralmente alegre em qualquer situação, nunca agiu como se soubesse de alguma coisa, apenas que Heath era um homem branco, embora bêbado, que gostava do seu marido, Davi, e às vezes jantava em nossa casa, e sempre elogiava a comida.

“Meu pai não teria se importado se a peste matasse todos os gays do mundo. Ele odiava Heath porque Heath o forçou a olhar para o pouco de Heath que havia em si mesmo. Ninguém o preparou para essa visão. Nem poderia fingir que não tinha visto. Muitas vezes pensei na batalha que meu pai deve ter travado consigo mesmo quando Heath o abraçou na loja. O que aconteceu com ele naquele dia permaneceu um peso em sua alma. Ele morreu muitos infelizes anos depois, de insuficiência hepática. Era um cheiro ruim, mas tão ruim que pintar sobre a tinta velha das paredes não foi suficiente. Depois que ele morreu, tivemos que raspar a tinta das paredes, queimá-la e depois pintar as paredes várias vezes para cobri-la. Esse fedor, eu pensei, devia ser o cheiro podre daquela parte do meu pai que ele assassinou e tentou enterrar, longe das outras pessoas e de si mesmo.

“Quando contei a Lissie sobre o preconceito de meu pai contra homens ‘desmunhecados’ e o ódio por essa parte dele, e sobre o que havia acontecido naquela primeira vez entre Heath e ele, a primeira coisa que ela disse foi que meu pai tinha sido tratado como uma mulher; essa foi uma das razões pelas quais ele se sentiu tão mal; e que a forma como ele respondeu só o fez se sentir pior. Toda a sua existência estava sendo comprometida pelo que estava acontecendo, e mesmo assim ele não conseguiu evitar uma resposta erótica. Ela também disse que ele estava

errado ao pensar em gays como não natural. Ela disse que os homossexuais existiram em todos os séculos em que ela esteve – e riu nessa hora – e afirmou ter visto comportamento queer mesmo entre primos e primas, sempre o epítome do comportamento moral no que diz respeito a Lissie. Um dos primos, ela contou, não só a ensinou *como* se vestir, mas a *se* vestir.”

Finalmente, um dia, Suwelo contou uma história para seus amigos. Sentaram-se para tomar chá e comer biscoitos na sala, e ele começou devagar, com uma voz suave e arranhada.

— Ela estava nos fundos, no jardim, entre as rosas. Era uma noite quente de abril, limpa e brilhante como um dia de outono, e não havia nada para ver no jardim. As roseiras já tinham sido podadas e os ramos, queimados. E, no entanto, quando penso naquela noite, vejo-a entre rosas desabrochando, como parecia no verão anterior, marrom e saudável, olhos brilhantes e pretos, pele corada, cabelo curto, encaracolado e crespo. Ela usava uma saia longa, com estampa alegre, e uma camiseta. Tinha luvas de jardinagem nas mãos e tentava enrolar parte de uma roseira trepadeira na treliça.

“Ah, Suwelo’, disse ela, quando me notou na calçada perto da porta dos fundos, ‘você está em casa’.

“Ela parecia feliz por me ver ali. Mas não correu para me beijar como antes. Senti um aperto por isso, mas realmente não esperava mais nada. Afinal, já estávamos discutindo o divórcio há meses. Eu me aproximei de onde ela se esforçava para colocar a rosa, e ela recuou um pouco quando me estendi para ajudá-la. Ela era pequena, franzina e *escura*, ali ao sol, e eu adorava seu cheiro, como de costume, algo floral e fresco que me fazia desejar poder abraçá-la com tanta facilidade e sem preocupação como antes.

“Eu me recordo muito bem desta noite porque ela tocou no assunto do divórcio de novo.

“‘Não é que eu não o ame mais’, falou ela. ‘Eu sempre vou amar você. Provavelmente.’ Ela sorriu para mim. ‘Mas eu não quero continuar casada.’

“Esta não foi uma declaração nova. Mas o que ela disse em seguida foi:

“‘Você vai encontrar outra mulher logo, ou melhor, uma mulher vai logo o encontrar. Você vai ver.’

“‘Eu não quero outra mulher’, respondi.

“‘Isso não importa. Você vai ser o sujeito mais raro possível: negro, livre, com um bom emprego. Vão abocanhá-lo rapidinho.’

“Já estávamos jantando nesse ponto. Ela não era o que se pode dizer uma grande cozinheira, mas cozinhou bem. Em uma hora ela assou costeletas de porco com alho e alecrim, do jeito que eu gosto, fez salada e cozinhou arroz. O tempo todo, fiquei sentado à mesa da cozinha, observando-a.

“O único problema nisso”, disse ela fazendo uma careta para o prato e colocando mais sal, ‘é que ela vai ficar com ciúmes’.

“É o quê?”, perguntei. ‘Do *que* que você está falando? *Ela* vai ficar com ciúmes. Quem é *ela*? Ciúmes de quê?’

“*Ela*, ué, sua nova esposa. Vai ficar com ciúmes de mim. Veja só, não quero terminar nosso relacionamento; quero mudar essa situação. Não quero ficar casada. Nem com você, nem com ninguém. Mas também não quero perdê-lo.’

“Bem, você não pode largar o doce e querer comê-lo.’

“Mas por que não?”, perguntou ela, séria. ‘Vamos supor que você seja meu doce. Quero curti-lo, amá-lo, confiar em você, ser sua amiga. Mas que merda’, disse do nada. ‘Não dá certo. O que você acha que significa largar o doce e querer comê-lo?’

“O que isso significa, para nós, é que você não pode fazer o que quer desta vez. Se você me ama, fique comigo.’

“Eu vou ficar. A maior parte do tempo. Mas solteira. E num andar separado.’

“Eu gemi. Foi isso que ganhei quando concordei em comprar uma casa com mais de um andar.

“A gente era mais feliz antes de se casar’, disse ela.

“*Todo mundo* é mais feliz antes de se casar.’

“Então por que as pessoas se casam?’

“Porque tudo leva ao casamento. Não diga que não fomos felizes no casamento’, disse eu, quase com raiva. ‘Fomos muito felizes.’

“Não me sinto livre.’

“Quando foi que você se sentiu livre?’

“Ela considerou a pergunta.

“Você tem razão. Nunca me senti livre, nunca na minha vida inteira. E quero me sentir livre.’

“No escritório, vários dos meus colegas disseram quanto lamentavam meu divórcio. O nosso foi o último casamento estável e, aparentemente, feliz que eles tinham conhecimento. Algo no jeito como davam

condolências me fez perceber que consideravam nosso término culpa de Fanny. Para um homem, até que eram educados com ela, mas nunca gostaram muito dela. E, sempre que ela vinha ao escritório para me ver antes de sairmos para almoçar, era fria, distante, nunca conseguia conversar muito. E ainda tinha a maneira como se vestia. Quanto mais curtas eram as minissaias das esposas dos outros homens, as dela eram mais compridas. E ela usava lenços esvoaçantes de seda, e uma vez, numa conversa com um dos rapazes, mencionou o cachimbo dela com a maior naturalidade. Um cachimbo mais para enfeite do que qualquer outra coisa, na verdade. Comprei para fumar baseado, é verdade; porque ela nunca aprendeu a bolar um; mas ela fumava muito pouco. No entanto, certas coisas não se falam no escritório do seu marido numa universidade nem um pouco radical, nem sequer liberal, onde todo instrutor que não seja branco já é suspeito de fumar maconha, trepar com alunas nas escadas e esconder submetralhadoras no cabelo; e eu já tinha falado sobre isso com ela.

“‘Eu envergonho você?’”, perguntou ela.

“‘Como poderia me envergonhar?’”, perguntei, inclinando-me na mesa para beijá-la, segurando sua mão.

“‘Liberdade deve significar nunca ter que (ou ser capaz de) envergonhar ninguém’”, falou ela.

“E pedi nosso almoço para a gente escapar de outra discussão sobre *aquele* assunto.

“Ficou cada vez mais difícil conversar com ela à medida que a separação se aproximava. Ela me implorava para não me afastar.

“‘Mas é só casamento que eu não quero’”, insistia ela, ‘e não você.’

“Mas eu não conseguia entender isso. Ah, eu *finji* que conseguia. Mas meu coração não aguentava. Eu me senti abandonado, rejeitado, à deriva. Afinal, ela era uma pessoa que conheci e amei durante boa parte da minha vida. Quando nos casamos, considerei uma *união* natural, uma verificação jurídica do que já era fato. Éramos um, na minha opinião. E ser casado apoiava legalmente essa opinião.

“‘Você acha que sua nova mulher vai deixar a gente passar um tempo juntos?’”, perguntou, porque estava convencida de que eu realmente me casaria de novo.

“Eu odiava expressões como ‘passar um tempo’. Eram tão hippies.

“Só uma vez a cada poucos meses, se ela ficar chateada com uma frequência maior?”

“Ela estava sentada ao pé da cama. Eu estava deitado. Ela colocou a mão no meu joelho.

“Eu sei que vou me sentir mais sexy com você depois do divórcio”, afirmou ela.

“Promessas, promessas”, disse eu com amargura. E ela afastou a mão.”

PARTE II

Bem-aventurados são aqueles que aprenderam que a invocação deliberada do sofrimento é tanto um bumerangue quanto a invocação deliberada da alegria.

— *O Evangelho Segundo Shug*

— Minha mãe, Celie, foi muito influenciada pela cor – disse Olivia. Ela estava conversando com Lance, o homem com quem não tinha certeza de que se casaria. Estavam caminhando por ruas espaçosas e arborizadas após o fim do expediente no único hospital para pessoas negras de Atlanta, o Harrison Memorial. Para os transeuntes, aparentavam ser um casal incomum: ela, baixa e retinta; ele, alto e bem mais claro, com cabelos cor de areia e ondulados que, em certas circunstâncias, na cidade rigidamente segregada, o classificariam como branco.

Olivia falava com a simplicidade e sinceridade que a caracterizavam, e Lance ouvia com a atenção de alguém que, por sorte, está finalmente ouvindo as boas-novas de uma vida que poderia ter perdido.

— No ano em que a conheci – continuou Olivia –, quando eu tinha trinta e poucos anos, ela era fascinada pela cor azul. Não o azul vivo do céu, ou o azul monótono dos ternos de sarja de domingo, mas um complexo azul royal com reflexos metálicos. Uma combinação de azul-petróleo e um azul vibrante que ela um dia, em suas intermináveis vasculhadas em lojas de tecidos por todo o país, encontrou em êxtase. Era um azul que, segundo ela, transmitia energia ou, nas palavras dela, poder. Uma pessoa vestindo esse azul ficaria subitamente mais confiante, forte, presente e intensa do que nunca. Ela me fez um terninho que me deu todas essas qualidades quando usei, exatamente como ela previu, e eu fiquei triste quando minha filha, Fanny Nzingha, enquanto me ajudava a fazer torta de pamonha, derramou molho de pimenta nele e a mancha não saía de jeito nenhum, não importa quantas vezes o levei para a lavanderia. Anos depois comprei outro terninho azul, mas não era tão perfeito quanto o que minha mãe havia feito. E, embora fosse o mais próximo do mesmo tom de azul que encontrei, não emitia nenhuma energia específica. Na verdade, sempre me sentia um pouco nervosa quando o usava. Era como usar a sombra do meu terninho antigo.

“Não sei se ela sempre gostou de cores. Sua infância foi infeliz, e passou a maior parte da juventude criando os filhos de outra mulher, enquanto os próprios filhos, meu irmão, Adam, e eu, fomos criados por nossa tia Nettie, que era missionária na África. Também fomos criados por nossa

mãe adotiva, Corrine, até a adolescência. Ela morreu de febre e foi enterrada fora do povoado onde morávamos. Meu pai, Samuel, também era missionário, mas quando voltamos para os Estados Unidos ele já havia perdido a fé havia muito tempo; não nos ensinamentos espirituais de Jesus, o profeta e ser humano, mas no cristianismo como religião de conquista e dominação infligida a outros povos. Ele e tia Nettie, com quem ele se casou após a morte de nossa mãe adotiva, passaram muitas longas noites comigo e com meu irmão discutindo maneiras de ajudar melhor nosso povo a descobrir o próprio poder de se comunicar diretamente com 'Deus'. Todos nós tínhamos começado a perceber, na África – onde as pessoas adoravam muitas coisas, incluindo plantas de telhado, que usavam para cobrir as suas casas –, que 'Deus' não era um monólito e não era propriedade de Moisés, como fomos levados a acreditar, e não é separado de nós, nem ausente de qualquer mundo que se habitasse. Assim que esse canal fosse desobstruído, por assim dizer, muito do que o nosso povo tinha aprendido sobre religião, muito do que nos diminuía e mantinha na opressão, desapareceria naturalmente. Foi tão difícil para o povo africano, na nova religião que trouxemos, sentirem que 'Deus' o amava, por exemplo; enquanto nas religiões tradicionais que praticavam consideravam isso mais ou menos garantido.

“‘Como ministro, sou totalmente desnecessário para a salvação de qualquer outra pessoa’, meu pai teve coragem de admitir. ‘Certamente é uma das piadinhas do universo que eu deva ser um ministro para fazê-los perceber isso.’

“A religião que alguém descobriu por si mesma era uma história da terra, do cosmos, da própria criação; e qualquer ‘propósito’ que uma pessoa quisesse poderia ser encontrado não no longo caminho da eternidade, mas na própria cidade, na sua casa, no seu país. *Neste mundo*. Até porque, como este mundo é um planeta girando no céu, já estamos todos *no céu!* O Deus descoberto por si não fala em dar a outra face. Em dar a César o que é de César. Mas apenas da beleza e excelência da terra, do universo, do cosmos. Da criação. Das possibilidades de alegria. Poderíamos dizer que o homem branco, em seu duplo papel de guia espiritual e de prostituta religiosa, estragou até a forma mais literária da experiência de Deus. Fazendo a Bíblia dizer tudo o que era necessário para manter suas fazendas funcionando e usando-a como uma ferramenta degradadora das mulheres

e escravizadora dos negros. No entanto, as antigas religiões africanas, nas quais a mutilação dos corpos das mulheres por vezes figurava de forma tão proeminente, também deixavam quase tudo a desejar. Mesmo nesses casos, o homem, na sua insegurança e com o sentimento de não ser digno de amor, se tornou o único canal para Deus, se não, por vezes, o verdadeiro Deus em si. Meu pai comentava muitas vezes sobre o modo como os aldeões temiam os homens santos e se prostravam diante deles – como os católicos temem e se curvam diante do papa –, tanto que o verdadeiro destinatário das suas súplicas e orações, o próprio Deus, foi muitas vezes esquecido. Ainda assim, havia um pequeno ponto a favor do homem de cor.

“Qual é uma verdade absoluta sobre o homem de cor nesta terra?’, meu pai perguntava. ‘Ele admite espírito’, ele mesmo respondia. E com isso queria dizer espírito em tudo, não apenas em Deus ou no Espírito Santo, que já foi o Feminino na Divindade, ou Jesus Cristo.

“Durante essas discussões, observava minha mãe magicamente criar roupas naquele tom específico de azul, que ela acabou apelidando de ‘Azul Poder’.

“Eu era fascinada por ela. A propósito, ela dividia severamente o cabelo preto ao meio e fazia duas tranças que se encontravam nas costas e eram invertidas. Aliás, ela só usava calças, até para ir à igreja. Mas calças tão sofisticadas que só outras mulheres notavam que eram calças. A propósito, ela falava pouco, aparentemente por causa do hábito de silêncio da infância e da juventude, e como, quando falava, havia uma alegria, uma franqueza, que às vezes era bem-humorada, mas sempre convincente. Ela era uma oradora literal. O que expressava era tanto o que sentia quanto o que era.

“Morávamos numa casa antiga e espaçosa no centro da Geórgia, que ela havia herdado dos pais. O pai dela foi linchado por brancos; e sua mãe, em consequência desse assassinato terrorista, enlouqueceu. Meu irmão e eu fomos fruto do estupro de nossa mãe pelo seu padrasto, um homem muito admirado pelos negros e brancos da comunidade onde morava. Foi ele quem nos deu ao nosso pai, Samuel, que, com a nossa mãe adotiva, Corrine, e a tia Nettie, partiu com a gente para a África quando éramos crianças.

“A África que encontramos já tinha sido violada em grande parte do seu sustento. Seu povo havia sido vendido como escravo. Considerando os ‘mercados’ internos e externos, esse ‘comércio’ já durava mais de mil anos; e sem dúvida começou quando as primeiras civilizações da África entraram em declínio, por volta dos anos seiscentos. Milhões de árvores haviam sido enviadas para a Inglaterra, Espanha e outros países europeus para fazerem bancos e altares naquelas grandes catedrais europeias de que tanto se ouvia falar; os minerais e metais haviam sido extraídos e as terras, plantadas com borracha, cacau, abacaxi e todos os tipos de culturas para o benefício de invasores estrangeiros. Quase disse, como fazem os estrangeiros, ‘investidores’. E a própria África havia se tornado – foi feita –, na imaginação mundial, uma região desabitada, exceto pela sua população de animais selvagens e exóticos. Nos mapas da África de quinhentos anos atrás, como alguém salientou, os europeus colocavam elefantes onde havia cidades.

“Saí dos Estados Unidos quando tinha seis anos. Eu não lembro, mas me lembro do oceano. O brilho da água interminável, o balanço intenso e constante do navio, a perturbação sobre se tanta água, pela sua densidade, não poderia, se alguém pisasse nela, se tornar uma espécie de terra vítrea. E me lembro de sentir o cheiro do oceano no meu rosto e de alguém mencionar naquele mesmo momento que o mar era salgado. Se era sal, me perguntei, por que não era branco e granulado, como o sal que tinha em casa? Mas a água tinha gosto salgado. E isso me intrigou até que ouvi tia Nettie dizendo com tristeza para minha mãe que, bem, talvez essas águas fossem as lágrimas e o suor de todas as pessoas sofredoras da terra. Ela chorou muito durante a viagem, e nenhum de nós, nem minha mãe e meu pai, sabia o porquê.

“Durante vários anos depois de chegarmos à África, fiquei bastante doente. Tive crises recorrentes de malária, assim como todos na nossa família. E fui atormentada por erupções cutâneas, feridas e outras irritações de pele, que eram agravadas, terrivelmente, pelo calor. Tia Nettie, a quem às vezes chamávamos de ‘Mama Nettie’, me elogiava por não ser tão reclamona. Pelo que me lembro agora, eu estava muito triste para reclamar. Às vezes fazia tanto calor que eu não conseguia nem falar. Na minha adolescência eu fiquei bem melhor.

“Eu era de fato feliz. E por que não? Eu dividia todos os meus dias com a companhia da minha melhor amiga, Tashi. Brincávamos de casinha, tomávamos banho no rio, recolhíamos alimentos silvestres e lenha na mata. Uma floresta de magnífica fecundidade, densidade e mistério. Havia árvores na floresta com milhares de anos e muito maiores do que as cabanas em que vivíamos. Não havia nada que não compartilhássemos, e eu a amava mais do que teria amado minha própria irmã, tanto ou mais do que amei meu irmão, Adam, que, de um garoto mais velho que nos provocava, perseguia, puxava nossas tranças e fazia fofoca a nosso respeito para nossas mães, tornou-se confidente de Tashi, depois seu pretendente e, muitos anos depois, seu marido.

“É no ano anterior ao casamento deles que minha história começa. Pois foi nesse ano que Tashi passou a ser mais companheira do meu irmão do que minha. Isso me causou muita amargura, porque me senti muito só, e também a companhia deles era considerada por todos onde morávamos como algo querido e inevitável. Até para Tashi era assim. E os dias de nossas alegrias de menina juntas se tornaram coisa do passado. Percebendo que era assim que deveria ser, me preparei para isso e me voltei para meu irmão e Tashi com uma expressão de amorosa disposição para servi-los. Mas tanta doçura e luz têm um preço, e muitos pensamentos sombrios de vez em quando passavam pela minha cabeça. Foi a primeira vez que vi que é possível amar muito as pessoas e ao mesmo tempo se ressentir de sua felicidade, em parte porque as amamos.

“Enquanto toda a atenção se voltava para Adam e Tashi, fui deixada por conta própria, amplamente ignorada, ou, devo dizer, despercebida. Corrine já tinha morrido há muito tempo. Os europeus vieram e destruíram o povoado que havia sido nossa casa. Tínhamos sido transferidos para um trecho rochoso e árido, cercado por uma vasta plantação de borracha pertencente a ingleses e administrada por eles, cujo trabalho no campo era feito inteiramente por nossos amigos. Esse sistema de plantação consumiu as pessoas em menos de sete anos e o solo também; além de destruir efetivamente as seringueiras selvagens nativas, que antes cresciam abundantemente em todos os lugares. Onde antes havia florestas frondosas, agora havia erosão generalizada. Muitos de nossos amigos estavam morrendo de febres diversas, desnutrição e excesso de trabalho. Ou fugindo para se juntarem aos Mbeles, um grupo mítico,

assim pensávamos, de guerrilheiros africanos que viviam nas profundezas da floresta, a muitos e muitos quilômetros de distância.

“Havia um jovem africano que, por último, permaneceu naquele *compound* feio, empoeirado e com telhado de zinco que era a nossa casa comum. Seu nome cristão era Dahvid, e, como era só o que ele usava, nunca ouvi seu nome tribal, até anos depois. Dahvid ficou no *compound* por minha causa. Mas eu não sabia que era esse o motivo. Ele era um jovem carrancudo, inquieto, às vezes endiabrado, que parecia não pensar em ninguém, acreditei, muito menos nas garotas; e às vezes ele tornava minha vida mais difícil do que o necessário com seus comentários irritados e grossos, e seu comportamento rude comigo e com minha família, o que meu pai interpretou como a maneira de Dahvid protestar contra a catástrofe que se abateu sobre o povo Olinka e os reduziu à virtual escravidão. No entanto, o porquê de ser dirigido contra nós, eu não entendia, já que não era nossa culpa que os europeus tivessem vindo.

“Em outras ocasiões, quando não estava sendo abusivo e nos chamando de ‘a cunha do homem branco’, Dahvid era muito charmoso. E confesso que nessas situações sentia um carinho por ele, assim como por Adam. Entendi que os requisitos para os homens no mundo eram muitas vezes tais que só uma máquina poderia satisfazê-los, ou alguém sem sentimentos e com muita força sobrenatural. Dahvid sozinho não poderia expulsar os europeus, por exemplo. Não podia nem impedir que olhassem para ele e para todos nós como se tivéssemos nascido para ser seus animais de carga ordenados por Deus. Muitos chegaram a ponto de considerar que os próprios africanos não tinham o direito de estar na África, uma vez que era plano dos brancos dominar o continente; os africanos representavam apenas a pesada responsabilidade do genocídio.

“No ano em que Adam trouxe Tashi de volta dos Mbeles, para quem ela correu em sua desorientação com a destruição de seu povo e a insistência de Adam para que ela fosse com ele para os Estados Unidos, me tornei receptiva às perguntas persistentes de um dos jovens engenheiros ingleses que queriam aprender a língua Olinka. Pedi permissão à minha nova mãe, Mama Nettie, e ao meu pai antes de começar, à noite, quando o trabalho acabava, a tentar ensiná-lo. Ele era um homem alto, queimado de sol e feio, cuja seriedade e atenção o tornavam atraente. E durante horas ficamos sentados com as costas apoiadas nas tábuas ásperas do nosso

barracão, e lhe ensinei a língua Olinka, que eu falava tão fluentemente quanto falava inglês, e que também sabia escrever, porque meu pai e Mama Nettie criaram um Alfabeto Olinka. A criação desse alfabeto tinha sido ideia de Corrine. Ela era Cherokee por parte de mãe, e sua avó materna esteve envolvida na criação do alfabeto Cherokee e foi editora do primeiro jornal Cherokee impresso na língua Cherokee. O fato de terem um jornal foi uma das razões pelas quais os Cherokee foram considerados um dos cinco povos indígenas ‘civilizados’ dos Estados Unidos. Isso, no entanto, não impediu que o homem branco queimasse suas casas e reassentasse o que restava do povoado em Oklahoma quando descobriu que queria suas terras.

“Um dia, porque ainda estava muito quente e porque simplesmente aconteceu e ninguém pareceu se importar com o que fazíamos, todos os pensamentos estavam voltados para a busca de Adam por Tashi, andamos um pouco longe do *compound* e ficamos conversando um com o outro em Olinka, à sombra de uma rocha enorme. E o homem, cujo nome era Ralston Flood, inclinou seu rosto peludo, avermelhado e suado, e me beijou. Por educação, surpresa, tédio, solidão, retribuí. Quer dizer, coloquei as duas mãos em seus braços na duração do beijo. Então, quando terminou – esperei até que ele estivesse de costas e conversando em Olinka à minha frente –, esfreguei a boca com a ponta da minha blusa.

“Isso o Dahvid não viu. Aparentemente, ele se virou durante o beijo, porque também procurava frescor naquela noite à sombra da rocha.

“Durante dias depois disso ele não falou comigo. O inglês, tendo provado algo que achava necessário provar, não tentou mais nenhum beijo. Pouco tempo depois, tendo aprendido a língua o suficiente para dar ordens aos trabalhadores Olinka no campo, ele deixou de vir para receber instruções diárias. Nem senti falta dele depois dos primeiros dias, embora estivesse sozinha a maior parte do tempo. Não sozinha, se contar todas as pessoas doentes e arrasadas que meus pais e eu visitávamos constantemente, mas sozinha porque não havia, sem a presença de Adam, Tashi e a mãe dela, ninguém com quem rir ou conversar de fato.

“Eu sabia que os Olinka consideravam crime ter quaisquer relações com os europeus e que eram contra eu ensinar a sua língua aos ingleses. ‘Que nos ordenem buscar e carregar coisas em sua própria língua desprezível’, diziam, porque gostavam de imitar os estrangeiros e ridicularizá-los pelas

costas. Para os Olinka, a língua inglesa, tal como falada pelos seus captores, tinha um som doentio e regurgitante, e era tão desprovida de nuances e música como uma pedra. Mesmo assim, quando meu pai pediu permissão para eu ensinar o inglês, não recusaram. Porque eu não era uma delas. Como eu era mulher, a permissão foi dada de má vontade e com a atitude de que não se responsabilizariam por mim nem pelo possível resultado daquilo.

“Dahvid não reportou meu ‘crime’ aos anciãos restantes. O crime de ter recebido o beijo do inglês. Ele não precisava, assumiu a responsabilidade de me castigar. E, em retrospecto, seu castigo tomou um rumo previsível. Como não recusei o inglês, não deveria recusá-lo também. E então, uma noite, eu o beijei. No mesmo lugar sombreado onde beijei o inglês. Mas, como já era de se esperar, um beijo só não foi o suficiente.

“E foi assim que, quando voltei para os Estados Unidos com Adam e sua noiva Tashi, meu pai Samuel e minha tia Mama Nettie, eu estava, como Celie, minha mãe de sangue, imediatamente percebeu – mas não disse nada –, ‘robusta’ com o filho de Dahvid. Do mesmo jeito que Tashi estava ‘robusta’ com o de Adam.

“Mas o que eu deveria fazer com um bebê? O conselho geral da minha família foi que eu o tivesse; Tashi se ofereceu lealmente para me ajudar a criá-lo com os seus filhos. Minha filha nasceu no dia nove de setembro, aniversário de Liev Tolstói, o maior escritor que já existiu, para mim, e um dos maiores demônios, em todo caso, um dos meus favoritos. Era um dos dias mais quentes do ano. Minha própria mãe, agora parteira, além de ser a melhor costureira do mundo, fez o meu parto.

“Assim que a cabeça da minha bebê apareceu, minha mãe gritou: ‘Minha pequena Fanny!’ Antes mesmo de ela ver que era uma menina. Ela não conseguiu evitar. ‘Fanny’, um nome que aparentemente representava liberdade para ela, um nome que sempre quis para si mesma. Ela odiava ‘Celie’. Mesmo assim, no instante em que respirava fundo para continuar dando o nome, gritei um ‘Nzingha!’ muito cansada e fraca!”

— Minha lembrança mais antiga é de um pássaro vermelho com uma ventosa nas patas e de duas velhinhas se beijando – contaria Fanny mais tarde à irmã, depois de descobrir que tinha uma. – O pássaro vermelho era feito de tecido, penas e borracha, as duas velhinhas que me deram eram de carne e osso e tinham um cheiro delicioso. O passarinho podia ficar preso em qualquer superfície não gordurosa: uma vidraça, a cabeceira do meu berço, e, quando o puxei com toda a força, ele deu um baque satisfatório e caiu na minha mão. A princípio não percebi a semelhança entre a coisa em minha mão, de seus olhos amarelos brilhantes e a cauda verde-amarelado, com as criaturas que voavam do lado de fora da porta. As duas senhoras se esforçaram muito para me ensinar, e, enquanto uma delas me pegou nos braços, admirando meu pássaro quase espremido até a morte, a outra continuou dizendo “shhh” e apontando para uma criatura que estava sentada cantando alegremente num arbusto próximo. Uma criatura que não se parecia em nada com meu pássaro vermelho. Por exemplo, meu pássaro não cantava, vivia no meu antebraço. Sua cabeça cabia na minha boca.

“De alguma forma, porém, devo ter entendido a conexão, porque em algum momento eu disse ‘pássaro!’ e essa foi a primeira palavra que falei. Também era o apelido da minha avó.

“Acontece que o pássaro, qualquer pássaro, era precioso para minha avó Celie, assim como as tartarugas e os elefantes eram preciosos para sua amiga, dona Shug. Enquanto eu engatinhava pela casa, explorando-a com meu primo de primeiro grau Moraga Bentu, ou Benny, seu apelido, eu estava constantemente cavalgando, encostada, babando sobre alguma pedra, metal ou pedaço de tecido dessas criaturas preciosas. Comparados com o restante da casa, os dois quartos da minha mãe eram simples e desinteressantes. Havia objetos nas paredes, tecidos, máscaras e aqui e ali um colar de conchas ou contas grandes, mas nada que me deixassem tocar, mesmo que fosse alto o suficiente para alcançar.

“Minha mãe não me interessava muito. Enquanto a Manhota (como eu chamava a vovó Celie) e a Mama Shug (como eu chamava a dona Shug) estavam sempre prontas para um beijo, algumas risadas, um abraço, um

passeio até o jardim ou pelo menos até a varanda, já minha mãe era – sinto dizer isso – uma mulher chata, que quase nunca ria e estava sempre com o nariz enfiado num livro.

“Eu costumava me sentar no chão, aos pés dela, depois de engatinhar pela casa até me cansar, e olhava para ela, esperando que deixasse o livro de lado por um momento e brincasse comigo. Ela fazia isso de vez em quando, mas havia uma qualidade superficial em suas carícias que me irritava. Em vez de me submeter à sua insinceridade e, assim, parecer aceitá-la, eu me afastava dos seus braços com um grito. Imediatamente uma ou minhas duas amigas chegariam e eu seria abraçada com toda a seriedade, beijada de forma inteligente, trocada se precisasse e alimentada com alguma coisa, quer precisasse ou não. Eu era indecentemente gorda, tão gorda e redonda quanto a Mama Shug. Quando nos deitávamos juntas, era como se uma pequena bola pousasse sobre uma bola maior. E gostávamos imensamente do contato das nossas barrigas gordas! Nenhuma de nós poderia imaginar que a outra fizesse algo que machucasse. E estávamos certas.

“Este período da minha vida foi de longa felicidade. Muito pouco do que eu considerava ameaçador para mim aconteceu. Logo aprendi a dar tão pouca atenção à minha mãe como ela dava a mim, e minha vida foi uma série de acontecimentos fascinantes e sorrisos espontâneos. As pessoas que visitavam nossa casa geralmente dirigiam sua atenção a Benny, é verdade, porque nas próprias casas os rapazes eram mais valorizados. Em nossa casa, porém, valia a pena ser menina, e todos os meus modos de menina eram aprovados. Eu me enfeitava com todas as elegâncias que apareciam na minha frente numa rotina de vasculhar as gavetas de todo mundo. Espiava por baixo dos vestidos e observava os misteriosos fechos das calças masculinas. Eu tentei cozinhar. Tentei cortar madeira do jeito que vi a melhor amiga da Manhota, a dona Sofia, fazer. Tentei construir uma casa com madeira e fazer persianas com pedaços de palha. Imaginei-me num carro, como o da Mama Shug, e dirigia bastante. Trazia dinheiro para casa e levava todo mundo para sair.

“‘Vamos, gente’, eu dizia para Benny e os brinquedos que dividíamos, enquanto íamos para uma discoteca a quilômetros de distância.

“Às vezes eu me imaginava fazendo as coisas que minha mãe e meu avô faziam. Eu ‘lia’. Ou imaginava que era Papai Albert, que tinha sido o

marido da Manhota, e olhava para o espaço.”

Finalmente Fanny disse um dia:

— Escuta, Suwelo, eu te amo demais para me divorciar sem o seu consentimento. Você tem sido maravilhoso comigo. Sem você, como eu teria crescido? Mas vou viajar por um tempo, com minha mãe. Vamos para a África para visitar os Olinka. O país deles é livre agora, e meu pai quer me ver.

De Londres, ela escreveu-lhe:

“O hotel onde estamos hospedados é horrível. Não tem telefone nos quartos, e as recepcionistas são hostis. Houve um incêndio num dos andares superiores há um tempo e ainda está com odor de carbonizado no ar. Os novos proprietários são do Oriente Médio. Ficam sentados no saguão observando o carregador, africano; a faxineira, das Antilhas; as pessoas que trabalham na sala de jantar, indianas, árabes e gregas; e as recepcionistas hostis, loiras inglesas. Um dia minha mãe falou: ‘Olha, não é nem seguro isto aqui; consigo passar para a rua por esta janela’, o que ela fez. Mas não ficamos muito lá. Passamos a maior parte do tempo no Centro Africano, onde minha mãe dá palestras sobre os anos em que viveu na África, onde cresceu como uma negra-americana da infância à juventude.

“Mamãe é um pedacinho de couro, como ela diz, mas *tão* bem-feita! Ela nem se incomodou com o horrível escrutínio dos guardas do aeroporto, que parecem pensar que todo mundo que visita a Inglaterra e não é branco quer ficar aqui de vez. Que presunção! Sento-me e ouço as histórias dela, e sinto vergonha de tê-la ignorado por tantos anos. Como já lhe disse, provavelmente muitas vezes, quando eu era criança, ela não tinha nenhuma autoridade real em nossa casa, que era governada pelas duas rainhas, a Manhota Celie e a Mama Shug. Ao lado das duas, e mesmo ao lado da tia-avó Nettie, que a criou, a chama da minha mãe era fraca. Até o tio Adam tinha certa exuberância que faltava à minha mãe.

“Em vez disso, ela tem uma lucidez surpreendente sobre as coisas, expressa de maneira direta e despretensiosa. Ouvi-la aqui fez com que eu me desse conta de por que estudantes em suas aulas na escola de enfermagem sempre têm um bom desempenho acadêmico e um pouco de

sua tranquilidade enraizada na alma. Essa é uma qualidade que ela herdou da mãe adotiva, ela conta.

“O público dela aqui é maravilhoso. Estudantes africanos, asiáticos, caribenhos e brancos de todos os cantos do mundo. Não é exagero dizer que a tratam com reverência, quase como se ela fosse um documento sagrado. Porque ela realmente pode contar, passo a passo, toda a história da colonização da África, o papel da igreja e o impacto psíquico e físico do seu trabalho sobre os próprios missionários. Ela sempre deixa bem claro que os missionários *são* pessoas iguais a quaisquer outras e que muitos deles têm sonhos reais e honrados quando partem para os litorais de outro mundo. Uma coisa que ela disse ontem à noite realmente me impressionou, porque é apenas uma daquelas pequenas coisas em que a gente nunca pensa. Ela disse que, quando os missionários chegaram a Olinka pela primeira vez, não existia tal coisa como lixo; todo o povoado era varrido duas vezes por dia, de manhã e à tarde, pelas mulheres. Mas então, à medida que o domínio dos colonizadores se intensificava e as pessoas eram obrigadas a pagar impostos e comprar produtos importados de má qualidade, só a missão era limpa. De modo que qualquer pessoa que passeasse pelo povoado presumiria que as pessoas eram naturalmente desleixadas e que só os estrangeiros se preocupavam em manter alguma limpeza.

“Minha mãe ainda parece uma missionária, com seu jeito arrumado e cabelo solto natural. E, de fato, será que já houve um nome que soasse mais missionário branco do que o dela: *Olivia*, pelo amor de Deus! Isso nos faz lembrar de Vanessa Redgrave ensinando os nativos nos trópicos! Mas agora, aqui no Centro, vejo centenas de fotos de africanos daquela época, e ela é igual a eles, só que um pouco mais clara. O estilo deles era definido, muito simples, muito sério. Nenhuma joia, ou quase nenhuma. Seus olhos, sérios, dedicados, muito abertos e diretos, são as joias da época. Os estudantes querem saber tudo: de onde vinha a água? Do rio. Onde as pessoas faziam compras? Não havia lojas até depois da colonização. Troca, sim. Quantas pessoas brancas ela viu na infância e adolescência? Pouquíssimas. Quantos animais selvagens? Pouquíssimos. Os Olinka achavam que os brancos apresentavam uma aparência ‘imatura’, como se fossem fetos, mas crescidos. Esse era inevitavelmente o comentário deles

ao ver uma pessoa branca pela primeira vez. Então tendiam a tratar a pessoa ou pessoas brancas com solicitude, como se fossem frágeis.

“‘Esse comportamento não foi compreendido e saiu pela culatra’ disse minha mãe. E os estudantes riram.

“No entanto, foi na África central que ficamos sabendo que meu pai foi preso. Você pode até pensar que, por nunca o ter visto, eu não ficaria hesitante. Mas fiquei. Depois de ter lido os livros do meu pai e agora, em Londres, de ter visto uma de suas peças, uma pequena produção estudantil, mal interpretada e mal encenada, consigo imaginar por que as autoridades o prenderam. Minha mãe diz que se surpreende por ele não ter sido preso antes. Os estudantes debatiam sobre isso após a palestra. Mencionaram o Prêmio Internacional Alternativo para a Paz que meu pai recebeu no ano anterior, aparentemente logo quando o governo estava prestes a prendê-lo. Na verdade, passaram uma escavadeira pela última de suas peças e demoliram o teatro.

“Esta última peça se chamava *A Taxa* e é sobre tributação. É uma peça anti-impostos; em outras palavras, o tipo de peça que nenhum dramaturgo nos Estados Unidos escreveria e que nenhum produtor produziria, embora todos chorem por causa dos impostos. Tenho tentado imaginar e pensado como seria bom. De qualquer forma, alguns dos estudantes da palestra já tinham recebido exemplares de *A Taxa* e estavam planejando montar uma produção. Pelo visto, a libertação não reduziu em nada os impostos do povo, nem aumentou seus rendimentos. Argh! Como não conseguem ver o resultado dos impostos – as estradas estão quase sempre esburacadas, os hospitais carecem de medicamentos e as escolas carecem de *lápiz*, sem mencionar que *quase toda a gente não tem comida* o suficiente –, as pessoas estão dizendo que não, não, não vamos pagar os malditos impostos! Meu pai teve a ideia para a peça a partir de um protesto real – “motim”, segundo o jornal controlado pelo governo local, que os estudantes dizem ser financiado pela CIA –, encenada por mulheres e crianças, que invadiram a casa do presidente no dia em que ficaram sabendo quanto do dinheiro ia para os EUA e para a URSS em armas que os seus filhos, com a péssima educação e fracos devido à fome, não conseguiriam operar, presumindo que queriam fazer tal coisa. Mas o problema é que para quem se junta às forças armadas há comida, mas não há educação. Meu pai acha que a razão pela qual milhões de africanos estão se exterminando nas guerras é

que as superpotências têm enormes reservas de armas obsoletas das quais têm de se livrar. Parece que só as mulheres percebem que os filhos de todos estão sofrendo.

“Mas esta é a preocupação das mães africanas no mundo todo, né? A educação dos filhos, as inevitáveis despesas escolares, de alguma forma extraídas do dinheiro ganho com lavagem e passagem das roupas, do trabalho no campo e nas minas. Qualquer tipo de trabalho.

“Os estudantes não chamam meu pai pelo seu nome complicado, Abajeralasezeola, o que é apenas um ligeiro improvisado em relação a ‘Dahvid’, na minha opinião, e que também nunca consigo falar direito. Eles o chamam de ‘Ola’. Ola precisa dizer isso. Ola escreve assim e assado. Ola está certo ou errado em tal e tal questão. Em outras palavras, ele é deles. Estão resignados com sua prisão. Das duas uma, dizem: ou ele ficará preso por um bom tempo, possivelmente torturado ou então fuzilado de primeira. ‘Ninguém no país tem inteligência para tentar *reabilitá-lo*’, disse um jovem; ou ele vai ter que fugir do país. ‘Sim’, disse uma jovem exilada do Quênia, que tinha cantado uma bela canção de boas-vindas para a minha mãe, ‘ele vai se juntar a nós; ao continente africano no exterior.’

“‘Tantos eLivross’, minha mãe disse no caminho de volta ao nosso miserável hotel. ‘São tantos agora como antes da libertação. Como pode isso?’ Ela estava cansada e muito triste. Seus olhos cheios de lágrimas. Abracei minha mãe e fiquei encantada com a forma como minha cabeça se eleva sobre a dela. Como é que pode, as mães encolhem mais e mais? E as *mãozinhas*!

“No aeroporto fora da capital, meu pai veio nos receber. Minha mãe e ele foram cordiais. Apertaram as mãos solenemente, mas olharam com afeto, embora com certa cautela, nos olhos um do outro. Pensei: é isso aí, minha mãe não entra em um carro com qualquer um! Fiquei surpresa de ele ser tão comum. Um homenzinho preto com olhos destacados e cabelos grisalhos desgrenhados, rente à cabeça. Ele parecia exausto, na verdade, e como se tivesse acabado de sair da cama. Ou da prisão.

“Como ele e eu éramos estranhos, houve certo constrangimento, mas senti que, com sua sensibilidade, ele saberia o que eu estava pensando. Consequentemente, tentei censurar os pensamentos sobre seus joelhos ossudos e a maneira como seus shorts cáqui enormes balançavam ao vento enquanto caminhávamos.

“No entanto, quando estávamos prestes a entrar em seu carro, ele me deu um abraço rápido, determinado e muito tímido – Suwelo, também sou mais alta que *ele*, acredita? –, e colocou um anel no meu polegar. Era dele; percebi pela marca em seu dedo. Eu também entendi o gesto. Foi algo que eu mesmo poderia ter feito. Dominado pela confusão e pela emoção, ele simplesmente queria me dar algo tangível, imediatamente, para tentar compensar os anos perdidos. Foi interessante a emoção que senti de repente; porque, como você sabe, nunca tive consciência de sentir falta de um pai, e certamente não dele em particular.

“Ele riu quando viu minha mãe avaliar o carro com os olhos arregalados. Não era o calhambeque de um presidiário. Tinha uma bandeira. Tinha um emblema.

“Lógico que tenho um carro legal, ele comentou. ‘Sou o ministro da Cultura.’

“Minha mãe sabia disso.

“‘Ah, Dahvid’, ela disse. ‘Estamos muito orgulhosos de você. Pelo menos não é uma Mercedes, ela acrescentou, sorrindo.

“‘Só porque os alemães não eram nossos patrões!’, Ola disse. E só tinha humor, eu pensei, nenhum resquício de amargura em sua voz.

“Como se lesse meus pensamentos, ele disse: ‘Não adianta ficar com raiva. Vou só dirigir meu lindo carrinho até que o tirem de mim.’

“‘Ouvimos dizer que você estava na prisão’, minha mãe falou.

“‘E eu estava!’ ele gritou mais alto que o barulho dos táxis impressionantes que passavam zunindo. Olhei o árido campo africano pela janela. Minha mãe diz que o clima mudou drasticamente ao longo dos anos. Só chove esporadicamente agora, e em grandes áreas do país há secas severas. Por toda a estrada havia mulheres andando, para cima e para baixo. Algumas carregavam bebês nas costas e bacias na cabeça. ‘Eles me soltaram hoje cedo. Eu disse que receberia visitantes importantes dos Estados Unidos.’ Ele fez uma pausa. ‘Uma boa amiga e... minha filha.’ Eles ainda não são criminosos completamente embrutecidos, esses bandidos no poder. Conheço todos muito bem. Ainda não estão prontos para se livrar de mim. Quem ia cumprimentar visitantes alfabetizados? Na verdade, não acho que tenham decidido exatamente o que fazer. Eles querem que o mundo os admire, sabe?

“Ele riu, quase que feliz, do absurdo daquilo tudo.

“Eu ri com ele. O que posso dizer, Suwelo? Foi como se eu estivesse me escutando rir. Eu sabia exatamente de que região da alma vinha sua risada. Estavam partindo o coração de meu pai, e ele se via pequeno, como um besouro, em seu trabalho árduo para miná-los, e ainda havia uma pequena parte dele que não se sentia em desvantagem. ‘Enquanto as pessoas não tiverem medo da verdade, haverá esperança’, alguém me disse uma vez; e pensei nisso enquanto olhava para a nuca grisalha do meu pai. ‘Porque, uma vez que eles tenham medo, aquele que as conta não tem a menor chance.’ E hoje a verdade ainda é bela, como Keats sabia, mas tão assustadora.

“Os bairros pelos quais passamos eram pobres, secos e empoeirados, e as casas ficavam atrás de muros de adobe. Esses muros foram pintados com os mais vívidos desenhos abstratos. As mulheres que pintavam, meu pai explicou. Era uma tradição que, como ele disse, não conseguiram abandonar.

“‘Eu adorei!’, disse.

“‘Que bom, fico feliz’, ele respondeu. Nos arredores de uma dessas comunidades, mas num bairro abruptamente mais próspero, ficava o *compound* do meu pai, pintado com as cores mais berrantes de todas! Só em São Francisco achariam a casa do meu pai bonita. Saí do carro e a primeira coisa que fiz foi tocar nas cores, cerca de meia dúzia delas: laranja, amarelo, azul, verde, roxo, vermelho, marrom, branco e castanho. Mais de meia dúzia. Parecia, na verdade, o desenho de um tapete muito lindo, mas numa casa de adobe!

“A casa do meu pai Ola é muito simples. Porque ele é o ministro da cultura... ‘Porque eu sou o ministro da cultura’, ele diz, todo altivo, ‘tenho de viver numa casa que seja do estilo nativo!’ Mas tem todas as conveniências lá. Dois banheiros, quatro quartos, uma ampla sala, uma varanda que circunda totalmente o pátio interno. Também tem flores e, como ele também é agricultor, uma grande horta. Ele tem empregados. Uma mulher pequena e tímida e sua filha, que cozinham e limpam; um jovem alto e magro, que cuida dos jardins; e duas ou três outras pessoas, que apenas ficam por lá, supostamente como guarda-costas ou, como diz Ola, ‘supostamente como espões’.

“Bem. Estou sentada aqui na varanda com um gim-tônica, como Isak Dinesen faria, escrevendo para você. Um brinde a todas as crianças que

crecem sem os pais. O mundo está cheio de nós... e, mesmo assim, algumas de nós conseguimos!”

Na noite anterior ao dia que Suwelo ouviu de Fanny Nzingha sobre seu primeiro encontro com Ola, ele teve um sonho confuso; ia ao mercado arranjar comida suficiente para durar para sempre, no entanto, quando chegou lá, não tinha como transportar a montanha de comida que escolheu – e seus bolsos eram bizarramente pequenos. Lá estava ele, no Grande Supermercado da Vida, sem carrinho, com bolsos que não comportavam um canivete.

A comida reluzente balançava em montes sedutores bem acima de sua cabeça, enquanto, aos poucos, ia se dando conta de que estava no inferno, ele – um homem baixo e infantil em seu sonho – foi se encolhendo no chão, com o polegar e o indicador na boca. Quando Suwelo acordou desse sonho infernal, estava chorando, para sua surpresa, pois chorar era bem raro para ele. Ficou deitado na cama tentando pensar nas aulas da manhã, mas a cada pensamento passava um carrinho de compras novo e reluzente.

Então ele se lembrou.

O sonho aconteceu na casa que haviam comprado nos subúrbios do leste; antes que Fanny se sentisse à vontade de dirigir até lá. Fanny era assim: dirigia bem, nadava bem e até corria bem. Mas então havia longos períodos em que simplesmente não conseguia fazer nenhuma dessas coisas. Os joelhos que corriam ficavam enferrujados, os braços que nadavam começavam a ranger, os olhos condutores ficavam embaçados. Ela se movia lentamente, com cautela, como uma tartaruga, como se a qualquer momento esperasse sentir o céu cair sobre sua cabeça.

Felizmente havia transporte público. Na verdade, funcionava muito bem e foi um dos motivos pelos quais escolheram a casa. Isso e o pequeno riacho que corria nos fundos. E a única janela oval na frente da casa, com vidro chanfrado cor de malva. E o amplo espaço para jardim (a compostagem já feita pelos moradores que partiram) na parte detrás da casa. Eles amaram, se apaixonaram pela casa, embora o trabalho que fizeram para “restaurá-la” – encanamento novo, fiação nova, paredes e assim por diante – quase os tivesse matado de cansaço. Havia também um supermercado a cinco quarteirões de lá.

Um dia, quando chegou em casa, Fanny estava toda sorridente e, do armário do corredor, arrastou alegremente um carrinho de compras novinho em folha. O tipo de carrinho que mulheres idosas e matronas com bebês pequenos são vistas arrastando ou esbarrando no meio-fio. Ele sorriu ao pensar em Fanny Nzingha usando aquela coisa.

— Gostou? – perguntou ela. – De agora em diante, chega de braços pesados carregando sacolas de mantimentos. Ninguém mais fica corcunda. Essa coisa é maravilhosa! – E ela o rolou de um lado para o outro sobre o tapete colorido da Guatemala que um amigo lhes dera e que se estendia por todo o corredor.

Durante semanas ela ficou satisfeita. Gostava da caminhada até o mercado. Permitia que ela conhecesse a vizinhança. Ela gostava de acordar cedo para pegar os alimentos mais frescos. Mesmo que isso significasse uma corrida louca para chegar ao trabalho a tempo. Esse contato de dona de casa com o início da manhã a preparava para retomar o ritual matinal diário da corrida. Agora ela também podia ir vendo, empurrando o carrinho, o que estava aprendendo a fazer com habilidade, como poderia dirigir pela vizinhança. E um dia, a caminho do mercado, ela passou por uma piscina pública que nunca havia notado do carro. Pois bem.

De vez em quando, tentava convencê-lo a ir ao mercado, usando o carrinho. Ele rapidamente pegava a lista de compras, colocava o casaco e corria para o carro. Dirigiria os cinco quarteirões, jogava os itens que comprou no banco traseiro e voltava para casa em questão de minutos. Fanny ficou um pouco confusa, mas, no geral, agradecida, embora o lembrasse da grande caminhada que ele estava perdendo e que, na verdade, uma caminhada rápida de ida e volta até o mercado, empurrando o carrinho, era exatamente o que precisava para enrijecer qualquer flacidez incipiente. Dica. Dica.

Um dia, por sorte, o carro estava na oficina para uma revisão de rotina. Ele não conseguiu buscá-lo porque tinha se atrasado para tudo naquele dia. O trânsito era tanto que quase ficou feliz por não ter um carro, temporariamente. Então pegou um ônibus para casa.

Lá estava Fanny, que também havia pegado um ônibus para casa, com seu aventalzinho de gato, fazendo pão, agitada: um monte de massa crescia sob a toalha úmida perto da pia, e com as mãos cobertas de farinha ela fazia uma lista.

Suwelo suspirou interiormente.

— Faça uma lista pequena. De uma sacola só – disse ele.

— Mas acabou tudo – respondeu ela, escrevendo freneticamente. – Nós nunca deveríamos fazer festas em que servíssemos nossa comida. Nossos amigos comeram tudo.

Ele havia se esquecido da festa que deram na noite anterior. De fato, até a pasta de amendoim havia acabado.

Suwelo se aproximou e lhe deu um beijo na nuca.

— Uma sacola, tá bem? – repetiu ele.

Ela continuou escrevendo. Ele notou que ela colocou duas dúzias de laranjas (os dois adoravam suco de laranja de manhã) e uma garrafa grande de leite!

— Minhas costas não vão aguentar tudo isso.

Ela tirou os olhos da lista, que não era tão longa, afinal, e lançou um olhar interrogativo para ele.

— Mas você não se lembra?... – começou ela.

E terminaram em uníssono:

— *Temos um carrinho!*

Finalmente chegou a hora de se explicar.

— Fanny, senta aqui um pouco.

Ela sentou-se no joelho dele.

— Eu preciso te confessar uma coisa para você.

Ela parecia pronta para ouvir.

— O carrinho me lembra aquelas velhinhas com cabelos de cores engraçadas, lenços de rede e corcundas de viúva. – Ela parecia intrigada. – Me lembra mulheres jovens que de repente ficam muito gordas para suas calças jeans, fazendo careta enquanto empurram e arrastam crianças de rosto inexpressivo ao mesmo tempo. Me lembra – ele continuou, pensando nela e em seu entusiasmo pelo objeto – jovens e cavalos de corrida brilhantes de mulheres que voluntariamente se colocam em arreios – Ela saiu do colo dele.

— Ele te lembra as mulheres.

— Minha mãe empurrava um carrinho. Minha avó também – disse Suwelo.

— Sim, sua *esposa* empurra um carrinho – Fanny respondeu.

— Eu só não me vejo empurrando isso. Me desculpe.

— Entendo. Me pergunto se você se vê comendo. – E pegou o monte de massa de pão e jogou na lata de lixo azul a seus pés.

Ah, eles fizeram muitas refeições deliciosas juntos depois disso. Mas nunca mais foi a mesma coisa. Houve um pequeno assassinato, ali, na cozinha iluminada e acolhedora, onde, até aquele momento, ambos se sentiam leves, livres, quase como se estivessem desempenhando seus papéis. O carrinho desapareceu e Suwelo sentiu-se péssimo com todo o episódio. Ele encontrou um serviço de entrega de alimentos e passou a ligar para fazer os pedidos. Começou a aprender a cozinhar, pescar e refogar legumes, ou lasanha. Ele corria para chegar em casa antes dela, que voltou a ter medo de dirigir no trânsito e continuou pegando o ônibus. Ela não nadava nem corria mais. Ele estaria lá cozinhando, com jazz no rádio e uma taça de vinho esperando por Fanny. Ela entrava, suspirava, jogava os sapatos longe e ficava vagando pela cozinha. Pegava o vinho, aceitava o beijo de Suwelo. Mas havia aquela coisinha assassinada entre eles. Quanto mais ele tentava reanimar, mais morta ficava.

— Fui criado para ser de uma certa maneira – dizia ele com frequência em conversas que não eram sobre o pequeno assassinato, mas inteiramente sobre outras questões, ou assim ele pensava.

E ela murmurava: “É. É, *you*”, não com a compreensão que ele procurava desajeitadamente, mas com um silencioso espanto.

— Eu não sabia nada, Fanny, quando você nasceu – sua mãe começou a contar –, sobre os Estados Unidos, ou sobre qualquer uma das Américas, sendo bem sincera. Para começar, foi muito estranho ver tantas pessoas brancas, e ver a tristeza gigantesca das cidades. Nova York era horrível. Atlanta, por mais que fosse menor, também parecia inabitável porque muitas coisas, pessoas e edifícios, ficavam amontoadas. Mas então entramos em algumas casas que as pessoas prontamente abriram para nós, as pessoas da nossa igreja, e vimos que, apesar de tudo, ainda era possível alcançar certa graciosidade de vida. Isso era notável, ainda mais entre as pessoas negras, porque foi bem no fim da Segunda Guerra Mundial. Os soldados negros estavam voltando para casa e recusando-se a ser segregados nos ônibus e restaurantes, e os homens brancos os acusavam o tempo todo de estuprar mulheres brancas, de olhar para mulheres brancas, chamavam de “observação imprudente”, e muitos homens negros acabaram na prisão por isso! Ou até mesmo por responder a uma mulher branca que falasse com eles. Não preciso nem dizer que quase nunca havia uma branca envolvida. De qualquer maneira, nenhuma dos Estados Unidos. Elas eram educadas. Os homens brancos tinham apenas visto o vermelho enquanto lutavam na Europa, na França e na Itália, principalmente, onde as mulheres brancas não pareciam se importar com a cor dos homens dos Estados Unidos, o dinheiro deles era verde. Além disso, homens de cor sabem mesmo se divertir.

“Finalmente aprendi isso quando fui morar na casa da minha mãe. Ela tinha medo dos homens, sexualmente, mas sabia aproveitar a companhia deles. Muitos homens vinham regularmente visitar ‘dona Celie e dona Shug’. Quase sempre eram homens com algum tipo de talento. Tinha o sr. Burgess, ‘Burgie’ como chamavam, que tocava trompa. Trompa francesa! Yancy Blake, que tocava guitarra. O pequeno Petey Sweetning, que tocava piano. Pensando bem, devia haver tantos músicos por causa da dona Shug, que era uma ótima cantora de blues, embora raramente cantasse em público. Havia poetas e homens que contavam piadas, os que hoje vocês chamariam de ‘comediantes’, e, sério, todo tipo de gente: mágicos, malabaristas, bons lançadores de ferraduras, um homem que fazia

acolchoados ou bordados. 'A escravidão nos deixou uma série de habilidades!', dizia muitas vezes um senhor, um velho otimista, que era o rei do churrasco. Essas pessoas eram notáveis em muitos aspectos, mas talvez a coisa mais notável sobre elas, era que, mesmo vivendo numa parte do país onde havia tanta opressão contra pessoas negras, ou contra qualquer pessoa que fosse considerada 'inferior' ou 'estranha', eles não tinham absolutamente nenhuma autopiedade. Na verdade, os frequentadores da nossa casa costumavam se cumprimentar da seguinte forma quando se encontravam: 'Todos que estão no banquete!', diziam, e trocavam um aperto de mãos ou um abraço. Às vezes, diziam isso rindo, às vezes, chorando. Mas sempre afirmavam que ainda estavam no banquete da vida.

"Eram muitas risadas, limonada gelada e flores, e sempre havia muitas crianças e muitos idosos também, que a Manhota ajudou a criar. Você deve imaginar que devia ter algumas pessoas na comunidade que não entravam na nossa casa. Eles chamavam a Mama Celie e a Mama Shug de 'macho-fêmea'. Mas sempre pensei que os melhores homens e mulheres eram nossos amigos, pois geralmente estavam tão ocupados vivendo de alguma maneira estranha e nova que encontraram, e estavam tão entusiasmados com isso que realmente não se importavam. E, além disso, a Mama Shug tinha padrões realmente elevados; e, se você pisasse numa formiga na presença de Mama Celie e não implorasse perdão, nunca mais seria convidado para ir à casa dela, embora essa sensibilidade com os animais nem sempre tenha sido o estilo de Mama Celie. Foi algo que ela aprendeu, pois aprendeu tantas coisas, com a Mama Shug.

"Mas realmente não havia lugar para mim lá. Não mesmo. Fui acolhida e amada, mas também cresci. Depois de alguns anos, comecei a me sentir sufocada pela competência delas, pela experiência em tudo, pelas habilidades que me fizeram sentir que meus atributos consideráveis não eram necessários. E elas simplesmente assumiam a tarefa de criar você. Nessa época, também, a Mama Shug decidira fundar a própria religião e usava a casa, e às vezes isso era muito difícil, por causa da maneira como estruturou tudo. Seis vezes durante o ano, durante duas semanas, ela fazia a 'igreja'. Dez a vinte 'aspirantes' apareciam e tinham que dormir em algum lugar. Geralmente era no chão, ou, quando tinha mais gente que o esperado, no celeiro ou no galpão. Todos que vinham traziam informações

sobre sua vida e jornada. Trocavam e compartilhavam essas informações. Essa era a substância da igreja. Algumas dessas pessoas adoravam a Ísis. Alguns adoravam árvores. Alguns pensavam que o ar, porque só ele está em toda parte, era Deus. ('Então Deus não está na Lua', alguém disse.) A Mama Shug achava que só havia uma coisa que alguém podia dizer sobre D-E-U-S, e era: não tem nome.

“Não sei como conseguiam falar sobre isso, enfim, se não tinha nome, ou se cada pessoa lhe dava um nome diferente. Ah, sim, eu me lembro! Eu estava contando para elas, Mama Celie e dona Shug, como os Olinka às vezes murmuram em vez de usar palavras, e isso explicava a musicalidade da fala deles. O murmúrio tem significado, mas expressa algo que é fundamentalmente inexprimível em palavras. Então, quem ouve pode interpretar o murmúrio a partir da própria experiência, e saber que existe uma compreensão comum possível, mas que a verdadeira compreensão será sempre uma questão de grau.

“Se, por exemplo, você perguntar a alguém na prisão que está pra baixo: ‘Como você está?’, essa pessoa poderá responder: ‘Hmmm, *ugh*’, e você vai entender, mais ou menos. Pois é assim que esse alguém realmente se sente. Se a pessoa respondesse ‘ótima’ ou ‘péssima’, dificilmente seria a mesma coisa. Nenhum trabalho seria necessário de sua parte. Eles teriam rotulado.

“E aí foi assim que resolveram. Passaram a murmurar o lugar que D-E-U-S ocuparia. Todos na casa falavam muito sobre o *hummm!*

“E então, para resumir uma longa história, deixei essas pessoas *hummm-distraídas* lá e fui para Atlanta me matricular na faculdade de enfermagem da Spelman. Minha mãe adotiva também tinha estudado lá, sabe, e o lugar despertou muito meu interesse. Ela era uma dama! Uma palavra que sei que sua geração despreza, mas naquela época tinha um significado substancial. Significava alguém com autorrespeito implacável. Além disso, ‘mulher’ era usado, bem, para alguém que podia procriar, era um termo estritamente biológico e, por estar associado à escravidão, considerado depreciativo. Quando morávamos na África, fui enviada à Inglaterra para estudar enfermagem, então eu já tinha bastante conhecimento. Também ajudei em casa uma jovem médica africana, que se formou na Inglaterra; uma escritora inglesa excêntrica pagou por seus estudos. Mesmo assim, eu precisava de diploma para trabalhar nos Estados Unidos. Não foi fácil. Eu

era mais velha que os outros alunos e tinha um filho, mas todos tinham interesse pela minha vida na África, e várias vezes me pediam que falasse nos eventos. Pensando bem, ninguém nunca me perguntou se eu era casada, eles logo iam me chamando de ‘senhora’ e se comportavam como se pensassem que eu fosse casada. Com muito respeito. Mas se bem que todo mundo, digo, os estudantes, eram respeitosos. Respeitosos até demais, eu achava às vezes. Eram tão gratos por estarem ali – um dos poucos lugares onde uma jovem de cor podia buscar instrução – que agiam como se os professores e administradores da faculdade fossem deuses. Na verdade, agiam precisamente como os africanos colonizados que foram educados na nossa missão em Olinka. Muito respeito por pessoas que nem sempre são respeitadas com você é um sinal claro de insegurança, e essa gratidão abjeta me deprimiu bastante. Bem, eu não estava lá para fazer campanha. Consegui meu diploma no tempo certinho e me candidatei a uma vaga no hospital negro da Hunter Street, o Harrison Memorial. Pedi que te trouxessem assim que consegui o emprego.

“Era um lugar maravilhoso! Não só porque foi lá que conheci seu padrasto. É lógico que eu era preta demais para a família dele, e praticamente uma africana, uma africana de verdade, ainda por cima – mas vamos por partes. Quando Lance – os pais lhe deram o nome de Lancelot – se formou na faculdade de medicina, já estava farto do preconceito colorista; ele simplesmente não aguentava mais. Todos os cadáveres em que trabalharam eram de uma certa gama de tons entre marrom-escuro e preto, e isso o radicalizou em relação à disparidade econômica que existia em linhas intrarraciais. Começou a achar que não existiam pessoas pobres e indigentes que eram negras mais claras, e isso o deixou muito triste. E as marcas de golpes fortes nos corpos com que ele e os outros estudantes eram obrigados a trabalhar! Dia após dia, seu coração ficava despedaçado. Houve uma mulher, por exemplo, que caminhou 113 quilômetros para levar seu filho doente a um médico cuja existência era apenas um boato para ela. Ela morreu de insuficiência cardíaca; o bebê, de desidratação causada por diarreia. Ambos os corpos se tornaram propriedade da faculdade de medicina de Lance.

“Lá, foram cortados enquanto alguns colegas de Lance contavam piadas e outros falavam sobre a comida que queriam para o jantar.

“Todo mundo achava que a vida de um médico era tão glamorosa! Nunca entendi isso. Quando fui trabalhar no hospital e tive a oportunidade de trabalhar com ele, percebi que era, muitas vezes, um trabalho deprimente e que matava nossas almas. Havia pessoas que adoeciam simplesmente pela forma como viviam e comiam: uma dieta de gordura, biscoitos, açúcar, carne e fritura. O resultado era câncer de cólon, úlceras, congestão hepática e arterial. A ignorância da dieta adequada era surpreendente. Tinha gente tão viciada em Coca-Cola que só tomavam isso o dia todo, com amendoim salgado, comprado em pacotinhos. E se *gabavam* disso! Porque isso era ‘bom’. Que era disso que gostavam; e, nossa, era isso que iam comer! Nem fale sobre verduras na mesma sala que eles; só coelhos comem cenouras, e couve-flor não dá no Sul, que eles saibam, *então pronto!*”

“Eu não estava à procura de um marido. Às vezes pensava em Dahvid; aquele dia em que você foi concebida era como a lembrança de um sonho. Sabia que todo o país estava empenhado na luta. Imaginei que Dahvid também estivesse lutando, ou ferido, ou morto. Além disso, você era uma companhia que dava bastante trabalho e mais que suficiente, pensei, para mim. Durante a semana, você frequentava a creche da Spelman, onde todos a adoravam; aos sábados íamos fazer as compras da semana. Aos domingos íamos à igreja. Uma vida agradável e ordenada.

“Mesmo quando Lance começou a deixar claro que se importava comigo, eu fiquei na retaguarda. Sempre fui tímida, retraída – essa característica que destoava tanto da casa cheia de alegria da minha mãe, cheia de arremessos de ferraduras, mágicos serrando pessoas em três, guitarristas e malabaristas, e com os quais você ficava tão impaciente. Eu era bem comum e preta, como minha mãe, muito mais escura que as outras enfermeiras, e não ‘brincava’. E sempre ficava me perguntando, também, como um homem que se aproximasse de nós se comportaria com você. Já tinha ouvido muitas histórias assustadoras de outras mulheres, e da minha própria mãe. Ainda me partia o coração pensar em como ela tinha sido abusada pelo padrasto, que só lhe contou que não era seu pai biológico quando estava crescida. Engraçado. Nunca conseguiria pensar nele como *meu* pai. A verdade é que nunca senti que tinha um pai biológico, além do meu pai adotivo Samuel, e, mesmo quando descobri que tinha um, não conseguia compreender. De modo que, até hoje, sinto

quase como se eu fosse produto do divino espírito santo. Como Jesus, que também não sabia quem era seu pai biológico. Muitas vezes pensei que foi essa falta de conhecimento do seu pai terreno que o levou ao seu pai ‘celestial’, pois há em todos nós um anseio por saber de onde viemos, e as origens não costumam parecer improváveis para uma criança solitária e sem pai. Isso foi considerado um pensamento blasfemo quando me aventurei a expressá-lo; mas a questão de quem engravidou Maria, aquela jovem judia, e em que circunstâncias, possivelmente assustadora ou feliz – devido à triste experiência de abuso da minha mãe quando jovem –, sempre foi uma questão na minha cabeça. Se José não era o pai de Jesus, e ‘Deus no céu’ também não, e Maria, por causa dos costumes, do medo ou da depressão, não podia falar sobre o que aconteceu com ela, quem era o pai?

“Bem, você pode ver como para mim todas as histórias atuais são de fato antigas, e as antigas são atuais. E foi devido aos longos e lânguidos dias na África, dias que pareciam durar semanas, que credito esta sensação que tenho de que, realmente, *não há nada de novo sob o sol* e que nada no passado é mais misterioso do que o comportamento do presente.

“Então, me conectei com o verdadeiro pai da minha mãe, meu avô Simon, que foi linchado quando ela era apenas um bebê. Ele era trabalhador, um empreendedor. E muito bem-sucedido; por isso que os brancos o mataram. Mataram muitos homens negros esforçados, pois o sucesso de um homem negro era muito pior para eles do que o seu fracasso. Os fracassados, eles poderiam transformar em escravos, entretenimento para si mesmos e animais de estimação. Minha mãe e eu somos bem parecidas com ele. A casa e a loja dela, onde fazia e vendia o tipo de calça que sempre usava, se tornaram a luz que iluminava a cidade, pelo menos para as pessoas negras. E penso que sou como meu avô, na minha firme determinação e fé de que posso cuidar de mim mesma. Assim que você nasceu, soube que não haveria trabalho que eu não fizesse para alimentá-la, abrigá-la e vesti-la.

“Lance se apaixonou pela minha determinação e fé. Mas eu tinha medo de sua melancolia. Era uma qualidade triste, quase apática, que as pessoas nitidamente mestiças costumavam ter. Não é à toa que existia um estereótipo do ‘mulato⁷ trágico’! Penso agora que grande parte da sua

energia era consumida pelo seu esforço para viver honrosamente como eram (e *quem* eram?), com suas duas heranças – preta e branca –, guerreando constantemente entre si e desprezando aqueles no meio do caminho. Achava que não conseguiria suportar esse peso; e eu não podia ser a fachada dele na comunidade negra nem a personificação do desprezo dele pelos brancos. Tia Nettie costumava dizer: ‘Não carregue os fardos de ninguém que sejam mais pesados que os seus.’ E os de Lance eram muito pesados.

“Mas você sabe o restante dessa história. Nós nos cortejamos, nos casamos... Foi tão bom ter um confidente e um ombro amigo de novo! Alguém, além de Tashi, para finalmente contar sobre aqueles tristes últimos minutos com Dahvid; aqueles primeiros momentos de alegria, minha pequena Fanny, com você. Foi ideia de Lance que você fosse nossa dama de honra; decidir como você se sentia em relação ao casamento e se expressar. E ele foi um marido fiel e um pai correto até o dia de sua morte. Você se lembra de como estávamos felizes naquele dia, no casamento, na varanda da casa da minha mãe? Chega de tristeza para nós, juramos. E não só nós três, mas também nossa família e os convidados, mágicos, lançadores de ferraduras, malabaristas, tocadores de trompa e quem quer que fosse, e *todos nós estávamos de vermelho?*”

7. *Mulatto* no original. [N. E.]

“Você não vai acreditar quem está no quarto no fim do meu corredor”, escreveu Fanny. “Bessie Head!”

Quando Suwelo leu essas palavras, fez um esforço para se lembrar de algo. Mas o que tentava lembrar era consequência de uma ação, não a ação em si. E ele não sabia ao certo se lembrava-se da consequência.

Equilibrando a carta no joelho, tirou os óculos e fechou os olhos por um instante. Surgiu diante dele uma visão dos cômodos vazios e austeros da casa que haviam comprado. As paredes eram de pervinca desbotada com detalhes em branco-acinzentado. Deveriam pintar, ele sentiu, imediatamente. Ele preferia paredes brancas. Na verdade, poderia viver em um interior totalmente branco, amarelo ou da cor da casca de ovo. As cores fortes o oprimiam porque exigiam ser notadas; exigiam uma resposta. O branco ao seu redor concentrava a atenção da cor em si mesmo, ou nos móveis, na arte.

Duas mulheres eram donas da casa, professoras como ele e Fanny, e a deixaram em condições razoáveis. Tinham varrido a casa, lavado o carpete do andar de cima. No andar de baixo, no centro da sala, deixaram uma garrafa de champanhe e um bilhete desejando-lhes felicidade na casa, como haviam tido. No escritório do andar de cima, alguém havia deixado uma pequena pilha de livros. Ele os pegou, um por um, e analisou. Todos escritos por uma escritora chamada Bessie Head. Havia um bilhete dizendo que ali estava alguém extraordinário e que não deveria tomar champanhe e tentar lê-la ao mesmo tempo.

A sra. Head era negra; havia uma pequena foto dela na contracapa do livro menor. Ele achou vagamente racista que as mulheres, ambas brancas, tivessem deixado livros de uma negra. Após alguns dias, não pensou mais no assunto.

Meses depois, Fanny depositou um dos livros, *Maru*, na mesa ao lado dele, enquanto ele completava a tarefa de preencher cheques para pagar as contas do mês. Ele olhou para o livro, desconfiado. Ela estava sempre tentando fazer com que ele lesse livros que, na sua opinião, não tinham nada a ver com sua vida. Ele era professor; ensinava história americana;

era nisso que era bom. Ele leu muito. Além disso, nunca tinha lido um livro de uma mulher.

— Quem é ela, afinal? – perguntou ele. – Ela não é africana?

— É – respondeu Fanny. – Ela é incrível. *Leia*.

Ele o pegou e folheou as páginas. Leu uma linha inescrutável e colocou de volta na mesa.

— Coloque na minha mesa – disse ele. – Vou tentar ler.

Por fim, todo o pequeno montante estava empilhado em sua mesa. Um dia ele se cansou de vê-los ali e passou tudo para o chão.

— Ela mudou a minha opinião sobre a África – disse Fanny. – Mudou a forma como penso sobre muitas coisas!

— Bons escritores fazem isso – murmurou ele, distraído.

Mas ele não queria mudar a forma como pensava na África. Além disso, quando queria saber mais sobre a África, lia um escritor homem.

Como se ouvisse o que ele pensava, um dia ela trouxe para ele *Two Thousand Seasons*, de Ayi Kwei Armah. Ela tinha acabado de ler e estava chorando.

— É inacreditável como um homem consegue entender tanto! – disse ela chorando.

Esse livro também ficou acumulando poeira no chão ao lado de sua mesa.

Muito mais tarde, ele a viu relendo o mesmo livro, mas com uma capa diferente. Ela estava franzindo a testa e sublinhando trechos.

— Por que está lendo isso de novo?

— Imprimiram uma segunda edição – disse ela, furiosa –, mas parece que está mexido.

— Tem certeza? Por que fariam isso? Acha que foi de propósito?

— Você chegou a ler a primeira edição?

— Não – admitiu ele.

— Então você não vai entender.

Ela dormiu no quarto de hóspedes, seu “escritório”, naquela noite.

Mas por que ele deveria ler todos os livros que mudaram a vida *dela*? Ela tinha tempo para esse tipo de livro. Ensinava literatura! Ele precisava ler os livros exigidos por sua profissão. O ensino da história norte-americana. Isso era simples de entender. No entanto, ele poderia passar horas e horas assistindo à televisão, o que destruía os ensinamentos de sua profissão.

Depois da garrafa de champanhe que as duas mulheres deixaram, havia rios de vinho. TV, sofá e vinho. Se ao menos sua esposa parasse de ler livros e mudar sua vida, ele às vezes pensava, com um humor suave e induzido pelo vinho, e só chegasse perto e se aconchegasse no sofá com ele. Aí pelo menos o futebol da NFL às segundas-feiras à noite seria perfeito.

As pessoas o abandonam, o astral delas simplesmente some, porque você não leu um livro que as animou? Ele sabia agora que a resposta era sim.

“Ela tem mais ou menos a nossa idade”, Fanny escreveu. “E é gordinha. Não, inchada. Ela diz que não está bem há muito tempo. Sua cor é um tom peculiar de marrom por causa do amarelo-acinzentado⁸ de sua pele. Em seus olhos, às vezes, a gente vê o brilho mais surpreendente de verde, um marrom-verde-água de lago. Eu queria fazer tantas perguntas para ela com base nas coisas que li em seus livros. Mas ela parecia tão vulnerável e as perguntas pareciam tão intrusivas! Quer dizer, lá estava ela, sentada sob o guarda-chuva na varanda, com um roupão e calçados nada novos – chinelos, para ser mais exata –, o cabelo curto secando depois do banho, tomando seu chá matinal. ‘Sua mãe era *mesmo* uma sul-africana branca?’, tive vontade de perguntar. ‘Seu pai era preto *mesmo*? Me conta de novo como eles se conheceram. Não lembro mais o que tinha escrito no livro. Foi *mesmo* sobre você e seus pais que você escreveu? Ela foi mandada para um manicômio mesmo? E o que aconteceu com *ele*? Foi logo depois da publicação do seu primeiro livro que a expulsaram da África do Sul? Onde está o pai do seu filho?’ Você sabe, Suwelo, nunca conheci uma refugiada de verdade.

“Quando meu pai nos apresentou, ele disse:

“A grande escritora Bessie Head.’

“Ela murmurou:

“A grande escritora *desconhecida* Bessie Head.’

“Li tudo que você publicou até agora’ disse eu a ela. E foi tão legal ver sua reação. Primeiro ela ficou olhando para mim, como se não tivesse certeza se ouviu direito. Então, ficou nitidamente feliz, como uma criança, mas também achei que se sentia um tanto boba.

“‘É, pois é’, disse ela depois, ‘eu conto com o anonimato. Eu realmente consigo fazer as pessoas se sentirem desinformadas e culpadas’. Ela tem

um senso de humor impassível.

“Seu trabalho é conhecido nos Estados Unidos. Já li seus livros em algumas aulas minhas. Eu chamo você de ‘Tolstói da África.’”

“Ela enrijeceu.

“Você leu sobre como ele tratava a esposa?”

“Bem, espero de verdade que você não tenha esposa.”

“Ela então riu de forma franca.

“Ela está indo para Londres por motivos médicos. E, disse ela, para transmitir o choque de sua presença empobrecida aos seus editores. Aparentemente ela recebe muito pouco pelo trabalho, e posso certamente testemunhar que seus editores nada fazem para promovê-lo. Ela nos mostrou fotos da sua vida em Botsuana, onde é uma entre milhares de refugiados sul-africanos. Lá tem só uma cabana quase vazia, com apenas uma mesinha sobre a qual repousa sua máquina de escrever. Não tinha foto do filho.

“Ela comentou que escritores norte-americanos são bem estranhos. Teve um que foi visitá-la e trouxe inúmeras fotos suas. Nos Estados Unidos, eu disse a ela, as escritoras precisam de imagens para lembrar a todos que existem.

“Ela chamou isso de uma atividade tipicamente estadunidense, infantil e trivial.

“Se o seu trabalho existe, você existe. Pergunte a Deus’, resmungou ela.

“No verão passado, no festival de artesanato feminino em Vermont, comprei dois lindos xales de lã com estampa tie-dye. Um é vermelho, com um sol amarelo; o outro, marrom, com um sol laranja e roxo. Dei o marrom para ela, para a ‘fria’ Londres. Consigo até imaginá-la lá, uma comum mulher de cor das colônias, para as pessoas que a notam na rua. Mas que escritora! De que outra forma saberíamos tudo que sabemos sobre a psique da África do Sul? Sobre o sexismo da África? Sobre o povo Bush do Kalahari? Sobre Botsuana? Somente porque Bessie Head está ali sentada no deserto, na sua cabaninha, escrevendo, que temos conhecimento de um modo de vida que fluiu durante milhares de anos, que de outra forma estaria ausente do registo humano. Isso não é pouca coisa, não!”

Não era. E ainda assim, por um momento, Suwelo quis que fosse. Ele queria que a história norte-americana, as coisas que ensinava, fosse para

sempre o centro da atenção de todos. O que alguns homens brancos queriam, pensavam e faziam. Pois ele gostava da maneira como podia chegar a alguns rostos de homens negros mais tarde. E, em seguida, traçá-los no sentido contrário até que aparecessem antes mesmo de Colombo. Era como um ponto-cruz no tricô, ele imaginava, seu método de ensino de história, tricotando todas as peças, linhas e cores que haviam sido omitidas do desenho original. Mas considerar as escritoras africanas e os bosquímanos do Kalahari! Parecia um pouco demais.

“Ola levou a sra. Head ao aeroporto”, continuou Fanny. “Quando ela estava entrando no carro, eu disse que tinha uma confissão a fazer: embora eu tivesse adorado todas as suas histórias, e especialmente *Maru*, não tinha entendido seu livro mais volumoso, *A Question of Power*.”

“Ah”, ela começou a dizer, com seu sotaque de mestiça sul-africana, ‘não me surpreende nem um pouco. É o mapa de uma alma sendo destruída, e os demônios que normalmente só se imagina por trás das pálpebras ganham nome e cara. Eles deixaram o crânio da vítima e ficam em seus quartos. Há algumas pessoas que se conectam de cara com o livro, mas é porque estiveram nessa situação’. Ela se virou para abraçar minha mãe e se despedir. Então disse: ‘Aqueles pessoas que entendem logo de cara nem precisam ler. Estão todos olhando para o espaço de forma bem pacífica agora.’

“No geral, devo dizer que senti que ela não gostou muito de mim. Eu estava me achando muito sólida, muito complacente. Muito sensata. A maioria das pessoas que escrevem, imagino, realmente adora o brilho da loucura nas outras pessoas; a tortura, para eles, deve ser pessoas que falam e agem sempre monocromáticas. Ela é uma das pessoas mais cautelosas que já conheci. Na verdade, ela ficava olhando para trás enquanto falava comigo. Ela tem luz, obviamente, muita luz, mas é definitivamente difusa.

“Quando Ola voltou do aeroporto, contou para a gente que ela teve um colapso mental há alguns anos e ficou simplesmente arrasada. Ela recuperou a saúde cuidando de uma horta comunitária experimental. Em Botsuana, precisa se apresentar às autoridades todos os dias.

“‘Que vida...’ disse minha mãe.

“‘Pois é, faz com que os pequenos problemas que consigo causar aqui pareçam bem pequenos. Ela está pagando por quem é com sua vida. Mas não é o que todos nós fazemos?’”

— Em todo livro que você escreve tem um sujeito chamado Francis – dizia Ola certa manhã a um escritor branco da cidade, quando Fanny chegava para tomar o café. – Isso é acidental ou existe um significado inescrutável que o leitor deve saber?

— Ah, que isso! – respondeu o homem. – Tem só um Francis, no meu primeiro livro. Aí tem uma Frances, com *e*, e no meu último livro, um Frank.

— Mas não é tudo meio que o mesmo nome? – insistiu ele.

— Bom dia, Ola – cumprimentou Fanny, beijando sua cabeça enquanto ele passava um braço em volta dela. Ele estava com o humor jovial, como às vezes dizia, de um fugitivo condenado com inclinações literárias.

— Esta é minha filha, ela mora nos Estados Unidos – disse ele, orgulhoso. – Fanny, este é Henry Bates, membro fundador de nossa confraria de escritores, que veio me alertar para ficar longe de perigo.

Henry Bates era pequeno e branco, tinha os cabelos claros e uma barriga de cerveja.

— Eu já falei, só porque ele conhece ou é parente de todos no governo, não significa que não se cansarão dele – disse o homem a Fanny.

— Ela não sabe que somos parentes de ninguém – disse Ola e se virou para Fanny. – Não somos realmente parentes daqueles imbecis do governo, porque obviamente não estamos em progressão. Você conhece o ditado hindu que diz que você só é parente de quem está em progressão espiritual? Mas alguns dos seus tios ocupam posições de autoridade. E você sabia que, quando me prenderam, depois de passar a escavadeira durante a minha peça; foi um final e tanto, né, você tem que admitir! Enfim, dois deles foram à minha cela só para “bater um papo”. A política lhes dava dor de cabeça, então queriam conversar sobre futebol. Futebol. São homens que nunca leram um livro na vida. Nunca ficam acordados durante um espetáculo inteiro. Se não leram ou viram até a quinta série, não sabem nada sobre isso.

— O que você está tentando fazer? – perguntou-me um deles. – Quer que o mundo ache a gente ruim? – Ele estava falando sério.

— Obenjomade, me escuta. Olha para minha boca e limpe os ouvidos; NÃO POSSO FAZER VOCÊ PARECER PIOR DO QUE É. Afinal, sou apenas um ser humano.

— Mas Abajeralasezeola – disse ele, paciente –, o governo está se esforçando ao máximo.

— Só o presidente, suas esposas, suas amantes, seus ministros, seus familiares e o exército têm o que comer. Só os seus filhos têm condições de ir à escola. O governo deveria se esforçar mais. Sabe, asfaltar uma estrada de vez em quando. Construir um hospital. E, falando nisso, por que é que, toda noite, depois do toque de recolher, as únicas pessoas que vemos estão com farda do exército? Entre outras coisas, daria para achar que somos um país exclusivamente masculino. E você sabe o que o mundo pensaria disso. E, pensando bem, para que um toque de recolher? Uma coisa, pelo menos, que os africanos sempre tiveram foi a noite. Com a “liberdade”, parece que perderam até isso.

— Vá, banca o engraçadinho. Todo mundo sempre ri das suas peças. Mas você não deveria zombar das pessoas que estão se esforçando para fazer algo pelo país, agora que o homem branco foi embora.

— Olha para a minha boca, Obenjomade, segundo filho da terceira esposa de meu pai; limpe os ouvidos: O HOMEM BRANCO AINDA ESTÁ AQUI. Mesmo quando vai embora, ele não deixou essas terras.

— Mas, Abajeralasezeola, por que você não ajuda a gente, em vez de ficar aí criticando? Por que você não escreve peças que mostrem o melhor de cada um? Você poderia mostrar como o governo está tentando alimentar, vestir e educar as pessoas, mesmo que os brancos tenham deixado tudo uma bagunça. Por que não escrever uma peça sobre como explodiram a universidade, a estação de rádio e os hospitais e as pontes que construíram, em vez de entregá-los a nós?

— Obenjomade, abra suas orelhas adoravelmente grandes: TODOS NO MUNDO SABEM TUDO QUE HÁ PARA SABER SOBRE O HOMEM BRANCO. Esse é o significado essencial da televisão, MAS NÃO SABEM QUASE NADA SOBRE SI MESMOS.

— O homem branco? – perguntou ele.

— Não, o povo – disse eu.

— Mas, Abajeralasezeola – disse ele, enfim, rindo –, você é o único que pensa como você.

— Você está errado, Obenjemade. AS MULHERES PENSAM COMO EU.

— Mas, Abajeralasezeola – disse ele com indiferença –, QUEM LIGA PARA O QUE AS MULHERES PENSAM?

Henry Bates e Fanny estavam rindo das expressões no rosto de Ola enquanto ele falava. Ele não parecia ter sessenta anos. Parecia um menino, travesso até, quando ria com vontade.

Na prisão, chegou a dormir no chão, contou ele, e achava que isso havia curado sua neurite. Na verdade, essa seria uma fala de sua próxima peça, acrescentou.

Henry Bates ergueu as mãos.

Ola ficou sóbrio do nada.

— Ah, Henry Bates – disse ele –, presta atenção no que eu digo: ONDE ESTAVA VOCÊ E SUAS PREOCUPAÇÕES QUANDO FUI PRESO E TORTURADO PELOS BRANCOS? Quando meu povo parar de agir como o homem branco, poderei escrever peças que mostrem o que eles têm de melhor!

8. *Sallowness* no original. [N. E.]

Ele não podia contar ao psiquiatra que estava apaixonado por uma mulher que tinha o costume de se apaixonar por espíritos.

— Mas por que não pode contar para ele? – perguntou-lhe Fanny certa vez, enquanto ele tentava explicar seu sentimento de inadequação, de vergonha. – Para que serve um psiquiatra que não entende de espíritos?

Em muitos aspectos, na maioria das vezes, ela era uma pessoa comum. Suwelo olhava-a desesperadamente enquanto ela perguntava isso. Ela estava com os braços levantados, jogando os longos cabelos trançados de um lado para o outro, virando-se para lá e para cá na cadeira. Em sua autoabsorção feminina e na atual indiferença a outras visões de mundo, ela o fez pensar em Cleópatra.

O psiquiatra era um judeu de meia-idade que nunca dizia nada sobre si mesmo, o que tornava difícil de compartilhar algo. Semana após semana, Suwelo esperou por um sinal de que havia um ser humano genuíno lutando à sua frente. Alguém que tivesse a mínima chance de compreender sua situação. Mas nada.

— Espíritos? – perguntou ele, movendo um peso de papel, como aquele de *Cidadão Kane*, levemente sobre os documentos que formavam uma pilha organizada em sua mesa.

— Isso – respondeu Suwelo. – No momento... – Ele fez uma pausa. Parecia improvável. Parecia inútil. O que o dr. Bernie Kesselbaum saberia?

— Sim?

— No momento é um homem chamado... Chefe John Horse. – Pronto, ele já tinha dado um nome. Quase chorou com o esforço. – Mas não são necessariamente homens – adicionou ele depressa. Nem precisava ser pessoas, mas ele achou melhor guardar o apego de Fanny às árvores e às baleias, pois queria ver primeiro até onde isso iria.

A expressão de Kesselbaum era impassível. Suwelo odiava a impassibilidade.

— Quem é Chefe John Horse?

Um longo silêncio se seguiu.

— Adivinhe quem eu encontrei hoje! – gritou ela, feliz.

— Quem? – perguntou ele, mexendo a sopa de aspargos cremosa quando ela entrou voando pela porta.

— Chefe John Horse!

Ele estava acostumado com esses entusiasmos, mas sempre o machucavam. Sempre sentiu que não era o suficiente para ela e imaginou meses de solidão por vir, quando ele pareceria mal existir.

— Ah! – respondeu ele, com falso interesse. – E onde foi... Quem?... Chefe John Horse?... Ao vivo? – Mas ele podia ver que, por um tempo, quem quer que fosse, o Chefe John Horse estaria presente em sua esposa.

De forma desconexa, ela lhe contou sobre esse homem que era um chefe, um chefe indígena negro, dos Seminoles da Flórida, antes de a Flórida se tornar um estado (“É lógico, antes de ser um estado”, murmurou ele, pensando em como era difícil imaginar a existência da terra antes de ser um estado), e sobre como os Seminoles se recusaram a escravizar pessoas negras que tinham escapado da escravidão e como foram aceitos na nação Seminole. Houve inúmeras lutas, disse ela (os olhos brilhando, como se tivesse presenciado tudo), quando os traficantes de escravos brancos os perseguiram. Houve uma longa marcha até o México. Anos trabalhando para o governo mexicano, lutando contra bandidos mexicanos. Então, depois do fim da escravatura nos Estados Unidos, o Chefe John Horse e o seu povo – homens, mulheres, crianças – regressaram ao Texas. Isso foi na década de 1870, contou ela, e Suwelo ficou mais uma vez surpreso, como sempre ficava, porque, embora fosse um historiador, nunca tinha ouvido nada sobre isso. Lá, como o exército dos EUA nunca conseguiu vencê-los e percebeu que nunca os venceria, contratou-os para ajudar a livrar o Texas do mesmo tipo de bandidos contra quem John Horse e seu bando lutaram no México.

Suwelo contou essa história para Kesselbaum até onde se lembrava.

Ele disse a Fanny com desdém:

— Ah, ele era um soldado búfalo. – Com isso, ele quis dizer um assassino de indígenas. Para o homem branco.

Ela olhou para ele de forma estranha. Então, disse com toda a calma do mundo:

— Sim e não. A vida inteira ele procurou um pouco de terra que os brancos não cobiçavam, um pouco de paz. Não conseguiu nenhuma das duas coisas. Mas esse era o sonho.

— E o que aconteceu com ele? – perguntou Suwelo.

— Caminhou em direção ao pôr do sol. Voltou para o México. Pelo menos lá o governo valorizava as habilidades dele como soldado e lhe deu algumas terras. Mais do que este país já fez. Aqui ele nem recebia pensão!

Seus olhos adquiriram aquele olhar distante que indicava que estava voltando para o México com John Horse; que estavam ocupados recolhendo mulheres, crianças e pessoas negras de rostos brilhantes que sonhavam com uma vida livre pela frente.

Ele não aguentou.

— E ele era uma pessoa real? – perguntou Kesselbaum. – Na história, digo.

— Ah, era, sim – respondeu Suwelo. – Eu me sinto sortudo quando são pessoas reais, porque, assim, podemos conversar um pouco sobre elas. É mais difícil quando ela fica possuída por um espírito, mas não sabe quem ou o que é.

— E isso acontece bastante?

— Uma vez a cada dois anos, ou mais. Mas às vezes é apenas uma breve paixão. Seguimos suficientemente felizes. Como duas pessoas de mãos dadas atravessando um rio raso. Então, ela entra numa corrente profunda que só existe para ela, e é arrastada. Enquanto é carregada pela corrente, fico sozinho, esperando... nada. Se ela se lembra de dizer bom dia na maioria dos dias, já é uma maravilha. Fazer amor é um desastre. Nunca sei quem está lá. Eu, para ela, com certeza não estou, embora ela afirme o contrário.

Durante muito tempo Fanny não teve orgasmos com ele; ela aprendeu como chegar a um com umas de suas amigas. Isso foi numa época em que toda mulher consciente carregava um espéculo e um espelho na mochila e, parecia para Suwelo, num piscar de olhos, caíam juntas de barriga para cima formando um círculo e ensinavam umas às outras as coisas mais surpreendentes. Ainda assim, quando ele lhe perguntava o que experimentou durante o orgasmo, ela afirmava que havia experimentado um nascer do sol, uma montanha ou uma cachoeira, assim como o experimentou. Às vezes, ela sussurrava apenas “aventura” ou “resistência” ou “fuga!” Isso o confundia bastante.

— Muitas pessoas têm um interesse fervoroso por figuras históricas – disse o psiquiatra.

Isso era verdade. Mas Fanny Nzingha encontrava primeiro em si mesma o espírito que a possuía. Depois é que encontrava um personagem histórico que o exemplificasse. Isso dava a ela o estranho aspecto de trindade: ela, o espírito, o personagem histórico, todos sentados à mesa ao mesmo tempo.

A intensidade o desgastou.

Assim como lidou com todos os amantes espirituais da esposa, fez um trabalho de detetive com John Horse sem que ela soubesse. Recebeu ajuda do livro *Black Indians*, de William Loren Katz, no qual a história de John Horse é contada com certo detalhe. Um tanto envergonhado, deu o volume a Fanny de presente de aniversário. Chefe John Horse, ele leu, morto há cem anos. Uau! Obviamente, esses velhos espíritos como o de Horse nunca morriam. Tinha um parceiro indígena chamado “Wild Cat”. Casara-se com uma mulher Seminole. Depois com uma mexicana. Provavelmente indígena também.

— O que você ama nessas pessoas? – perguntou a ela certa vez.

— Sei lá. Elas abrem portas dentro de mim. É como se fossem chaves. Para cômodos dentro de mim. Encontro uma porta lá dentro e é como se eu ouvisse um zumbido atrás dela, e então, de alguma forma, entro com a chave que os antigos me dão, e são, e, enquanto tropeço na escuridão do quarto, começo a sentir uma agitação em mim mesma, o zumbido da sala, e meu coração começa a se expandir com o sentimento absoluto de coragem, ou amor, ou audácia, ou compromisso. Torna-se uma luz, e a luz entra em mim, por osmose, e uma parte de mim que antes não estava nítida ganha nitidez. Eu irradio esta luz expandida. Felicidade.

E isso, Suwelo sabia, chamava-se “estar apaixonado”.

“Ola contou para a gente ontem à noite”, Fanny escreveu na carta seguinte, “que uma peça que ele está pensando em escrever em algum momento futuro, ‘embora admita’, comentou brincando, ‘que o futuro dele era logo, logo!’, é sobre Elvis Presley.

“‘O Elvis Presley?’, perguntou minha mãe. ‘Nosso Elvis Presley?’

“‘O próprio sr. Rocket Sockets?’ Entrei na conversa.

“‘Exatamente’, confirmou Ola, sorrindo.

“‘Bem’, emendou Ola, aproveitando nossa perplexidade, ‘em nosso país também temos muitas aldeias diferentes, assim como vocês nos Estados Unidos. Vocês têm aldeias negras, indígenas, anglo-saxônicas e judaicas; aldeias asiáticas, chicanas e do Oriente Médio. E assim por diante. Aqui temos os Olinka, os Ababa, os Hama e a aldeia branca, da qual derivam várias sub ou minialdeias.

“‘Agora, todas essas aldeias tentam manter suas identidades tribais, e isso é natural para o homem, que perpetua sua identidade genética controlando a mulher que usa para a produção de seus filhos, mas não é necessariamente natural para a natureza, que produz para qualquer um. Então, com o tempo, muitas fronteiras raciais são ultrapassadas e novos povos, criados. É fascinante ver o amor ou o ódio que é expresso por essas novas pessoas, que, afinal de contas, não têm uma categoria tribal exata na qual possam ser aprisionadas.’

“‘Mas o que isso tem a ver com Elvis Presley?’, perguntou minha mãe.

“‘Ele vai aparecer na minha peça só como uma metáfora. Ele será uma espécie de veículo para o que tento pontuar.’

“‘Que é o quê?’

“‘Que nele os estadunidenses brancos encontraram uma razão para expressar seu desejo e apreço pelos nativo-americanos reprimidos e pelas partes negras de si mesmos. Essas qualidades não europeias que todos ali têm dentro de si e ao seu redor, constantemente, mas que desde o nascimento foram treinados para negar.’

“‘Conversamos noite adentro sobre isso; Ola acabou colocando alguns de seus preciosos discos de Elvis Presley e Johnny Cash para tocar.

“‘Não escuto esses caras do jeito que vocês escutam’, disse ele. ‘Eu os escuto para saber para onde o sucesso comercial e cultural de massa leva as pessoas, uma parte cuja linhagem está escondida até delas mesmas, num mundo, ou, neste caso, num país, que insiste na amnésia racial, cultural e histórica se você acordar num século e se descobrir “branco”.’

“De acordo com Ola, Elvis Presley e Johnny Cash são indígenas. Um estrangeiro percebe isso logo de cara, disse ele; os americanos que não. Disse que isso explica o estilo de roupa de Elvis. Seu amor por camurça e franjas, por prateado. E, óbvio, culturalmente, ele era tão negro quanto todos os outros brancos do Mississippi.

“‘Mas ele não tinha olhos azuis?’, perguntou minha mãe.

“‘Provavelmente as únicas coisas brancas que ele tinha. Olhos azuis são que nem dinheiro; eles o fazem branco’, respondeu Ola.

“Presumindo que meu pai esteja certo; o que poderia ter significado ser tão ‘bem-sucedido’ como Elvis? Vamos supor que por trás daqueles olhos azuis e lábios carnudos, e sob aquele espesso cabelo preto de índio, houvesse mais: um velho ancestral indígena. Vamos supor que ele também, ou ela, assistisse. Se ele fosse indígena, provavelmente seria Choctaw, pois esse é o povo que existia, e talvez ainda exista, em sua região do Mississippi. Vamos supor que os seus antepassados se escondessem entre os brancos, como muitos dos Cherokee se escondiam entre os negros e brancos, tentando fugir dos soldados que capturaram indígenas para a longa marcha até Oklahoma – a Trilha das Lágrimas. Vamos supor que aquele requebrado que as multidões tanto adoravam fosse originalmente um movimento da dança circular. Pois veríamos que são muito parecidos, se assistíssemos em câmera lenta. Vamos supor que aquele estilo de cantar soluçado dele já tenha sido um grito de guerra. Ou um chamado de amor indígena.

“Continuamos conversando noite adentro, ouvindo os grilos e admirando o brilho cálido das estrelas. As pessoas são chamadas de ‘estrelas’ não só porque brilham, com o brilho da autoexpressão e a satisfação que isso traz, mas porque as qualidades que exemplificam são, no que diz respeito às vidas humanas, eternas. Somos atraídos pelo seu brilho, pelo seu calor, pela sua luz, mas estarão sempre distantes de nós. Tão distantes que nunca conseguimos acreditar na nossa inseparabilidade. Nunca acreditamos que também somos compostos pela luz que elas têm.

Ola tem certeza de que os seres humanos desejam, acima de tudo, amar uns aos outros livremente, independentemente da aldeia, e que, quando finalmente forem capazes de amar abertamente – embora a verdadeira essência da pessoa em quem se concentrara seja camuflada pelos ditames da sociedade –, há sempre a qualidade reveladora do reconhecimento psíquico, isto é, a histeria; o choro do útero.

“O rapaz Choctaw com cabelos pretos, compridos, lábios carnudos e olhos sensuais é o companheiro que as damas pioneiras teriam escolhido, se tivessem tido chance, disse Ola. E pela primeira vez imaginei Elvis realmente lindo: pele queimada de sol, ágil, correndo com leveza pelas florestas selvagens do Mississippi, o cabelo batendo na cintura. Suas tataranetas ainda choram sua perda. E, para minha surpresa, eu também!

“Se Ola for eLivros, ele disse que talvez venha para os Estados Unidos, e ele e eu poderemos escrever essa peça juntos. Ele falou isso num tom provocativo, percebendo meu estado choroso e que obviamente tinha me emocionado muito.

“Nunca imaginei que gostaria tanto de ter um pai. É como ter outra mente interessante, um tanto semelhante à sua, mas também diferente de uma forma estranha, para explorar.”

— Eu não me importaria de morrer se morrer fosse tudo – disse dona Lissie a Suwelo. – Os mais velhos costumavam dizer isso o tempo todo na Ilha. Alguém testemunharia isso com um sincero *hum-hum*. E eu achava que eles sabiam mais sobre a vida do que pensavam. Porque morrer, posso lhe garantir, é o de menos. Morrer é agradável até. Você simplesmente se afasta de tudo, inclusive da tortura, e queima em silêncio, como uma vela. Voltar é que não é agradável, e tenham eles bom senso de saber disso ou não, todo mundo, bem, quase todo mundo, volta. Não me pergunte como ou por quê. Eles simplesmente voltam, sabe. Posso valorizar a ideia de que vir aqui muitas vezes não é um milagre maior do que vir apenas uma vez. Essa é a verdade.

“É só ver como estão as coisas no mundo hoje. Os rios envenenados, ar envenenado e as crianças se transformando em criaturas diante dos nossos olhos. Os líderes parecem caixas vazias, e os políticos parecem drogados. É um mundo assustador. Não se pode ir a lugar algum. Não se pode comer nada. Quase não dá para fazer amor direito. E isso é só hoje. Há dias em que o melhor pensamento que se pode ter é o de que um dia vamos morrer e deixar tudo isso para trás.

“Suwelo, deixa eu lhe contar, você não pode deixar isso para trás. A vida neste lugar é a sua vida para sempre. Você sempre estará aqui; e o chão debaixo de você. E você não vai morrer até que *a terra* morra. E ela *está* morrendo, e as pessoas também – mas, Suwelo, o meu medo não é que nós, as pessoas e a terra em que vivemos, morramos. Tudo morre um dia, possivelmente. Mas parece que vai demorar muito e a morte será dolorosa e lenta. É a diferença entre ser vendado e morto por um tiro na primeira saraivada de balas e ser torturado até a morte, bem devagar, por homens pagos pela hora de trabalho. Não é uma simples luta entre a vida e a morte. Isso é muito fácil, eu acho. É entre a vida eterna e a morte eterna, e a eternidade é muito tempo.

“Estou cansada disso. Não cansada da vida. Mas com medo do que será a vida e como será na próxima vez em que eu vier.”

Suwelo estava agora no trem voltando para a Califórnia. Ele atravessou as Montanhas Rochosas e o deserto. Pensou nos meses que passou na casa do tio Rafe e quase se persignou. Pensou em Fanny. Em quem ela era de verdade e em como cada um de *seus* eus anteriores deve ter sido. Embora Fanny tivesse deixado São Francisco e escrito que não queria vê-lo, ele desejou poder encontrá-la novamente, da perspectiva de alguém que acreditava que o amor verdadeiro nunca morre e que só sofremos se lutar... e que, tão certamente quanto a luta leva ao sofrimento, o sofrimento leva ao conhecimento de como não o fazer. Afinal de contas, existiram vidas e vidas, e só o amor é uma cura e um bálsamo. Amor por si só, leite materno.

Ele finalmente havia vendido a casa e agora teria dinheiro para viver tranquilamente enquanto talvez escrevesse uma história “oral” – um daqueles livros informais, cheio de “ele disse” e “ela disse”, que ele sempre desprezou – sobre o senhor Hal e a dona Lissie. Antes de deixar Baltimore, ele foi até o endereço de Lissie e descobriu que era também o endereço do senhor Hal. Os dois amigos idosos pintavam serenamente no quintal, um estreito canteiro de verbena rosa separando seus cavaletes. Eles não pararam enquanto Suwelo se sentava nos degraus dos fundos, observando-os. Pintavam, com pinceladas carinhosas, o que estava bem na frente deles: a parte detrás de sua pequena casa de ripa de madeira branca, uma grande e alta nogueira cercada de hera na frente, um jardim lateral com flores e frutas crescendo e dividindo o mesmo espaço. Havia dalias gigantes e ipomeias azuis decorando a casa e o milharal. O sol estava quente e o dia, uma eternidade; Suwelo logo se deitou na varanda e caiu no sono.

Quando os dois velhos amigos se sentavam ao seu lado, enquanto despertava do sono, ele sentiu como se soubesse tudo e ao mesmo tempo nada sobre eles. Ele sabia que haviam enviado Anatole para a Universidade Fisk e que ele se tornara professor de alemão em Tuskegee. Ele sabia que Lulu, talentosa e audaciosa, cantora e dançarina por excelência, havia partido, animada, com uma equipe de comédia musical para Paris. Paris, infelizmente, caiu nas mãos de Hitler enquanto ela estava lá. Lulu e muitos dos outros artistas negros e de cor que trabalhavam lá na época nunca mais foram ouvidos. Ele sabia que seu tio Rafe amava dona Lissie e que amava seu melhor amigo, e dela, sua alma gêmea e algum dia, marido, o senhor Hal. Ele sabia que viveram juntos de forma mais ou menos

harmoniosa durante muitos anos e ficaram amigos até a morte do tio Rafe. Ele sabia que dona Lissie era de fato uma pessoa extraordinária, sua raridade seria reconhecida e valorizada apenas por pessoas com menor credibilidade, mesmo que falassem sobre isso com outras pessoas – e aparentemente tio Rafe, o senhor Hal e a própria dona Lissie mantiveram silêncio. Mas os três eram pessoas raras, pensou Suwelo, pois tinham uma ligação direta com a vida, e não com o seu reflexo; os mistérios em que se encontravam, simplesmente por estarem vivos e por se conhecerem, os levaram muito mais a fundo na realidade do que a “sociedade” muitas vezes permite que as pessoas cheguem. Eles se viram nascidos em um universo fabuloso e misterioso, cheio de pessoas fabulosas e misteriosas; nunca se distraíram da maravilha desse presente. Eles aproveitaram ao máximo.

— Estou indo embora – disse Suwelo, espreguiçando-se e ficando de pé.

— E sabemos que vamos com você – dona Lissie respondeu, entregando-lhe, com um sorriso, um pequeno pacote achatado embrulhado em papel pardo e amarrado com um barbante. Ela enfiou um envelope cor-de-rosa grosso no bolso da camisa dele. Um rato saiu da casa e parou, piscou para o sol e voltou correndo para dentro. Um pássaro caiu atordoado na varanda; havia voado de encontro a uma vidraça, onde sem dúvida viu o reflexo do céu.

Quando Suwelo voltou para a rua, passando pela velha caminhonete do senhor Hal, estacionada certinha ao lado do elegante Datsun cinza de dona Lissie, ele carregou consigo a imagem dos dois velhos acenando para ele, de mãos dadas e sorrindo, ao que parecia, a própria palavra “adeus”.

E eles o pintaram, uma parte de suas vidas, deitado na varanda dos fundos, cercado por todas as coisas que amavam. Dormindo.

Mas o que havia no pacote? Qual era o presente que tinham dado? Suwelo respirou fundo enquanto puxava o barbante com todo o cuidado. O papel pardo fez um barulho quando Suwelo passou os dedos por baixo. A princípio, ele pensou que lhe tivessem dado uma pilha de álbuns, pois o pacote tinha o exato tamanho, embora bastante leve. Mas não, eram pinturas. Ele as ergueu e ficou olhando, primeiro uma, depois outra, por um longo tempo. Eram obviamente autorretratos. Talvez não obviamente, pois em uma pintura estava escrito “Autorretrato, Lissie

Lyles” e na outra, “Autorretrato, Harold D. Jenkins”. Ao fundo das pinturas, todas as coisas familiares que os dois amigos adoravam pintar: suas árvores, seu milho e suas ipomeias, a flor-aranha rosa e creme. O centro delas é que era diferente de tudo que Suwelo já tinha visto. Pois, em vez de rostos, como num retrato, havia apenas os contornos da parte superior do corpo, a forma de um homem e a forma de uma mulher, e essas linhas circundavam o azul, o espaço infinito, pintado com tal intensidade, profundidade e desejo que era tão luminoso e convidativo quanto o céu. Curiosamente, Suwelo virou as pinturas, como se aquele espaço infinito pudesse ter vazado para o outro lado. O que viu o fez sorrir e abraçar as pinturas junto ao peito, enquanto o trem atravessava um longo túnel cinza rumo a uma escuridão ainda mais preta. No verso do autorretrato de Lissie Lyles estavam as palavras, em letras esmeraldas, “Pintado por Hal Jenkins”. No autorretrato de Hal, em vermelho vibrante, estavam as palavras “Pintado por Lissie Lyles”.

Suwelo, agora em casa, ficou intrigado com o gordo envelope cor-de-rosa, que levou ao nariz e cheirou. Tinha o cheiro de dona Lissie – rosas brancas à moda antiga sob um sol quente de verão. Ao virá-lo, ficou surpreso ao ver, na caligrafia antiga de dona Lissie, todas as pontas acentuadas e todas as letras arredondadas: “Nos queimaram tão completamente que nem deixamos fumaça.” Ele não sabia o que esperava encontrar ao abrir a carta, mas as páginas em branco que tinha em suas mãos, mais de uma dúzia, pareceram-lhe uma mensagem estranha, até mesmo para dona Lissie.

Passaram-se dias antes que ele entendesse, e então, no meio da noite, teve um estalo. Esta parte da carta de dona Lissie foi escrita com tinta invisível. No momento em que se deu conta disso, ele soube que só precisava de uma vela para ler a carta. Levantando-se da cama, ele foi à procura de uma. Por sorte encontrou uma caixa – um presente anterior de dona Lissie e o senhor Hal – em cima da geladeira. Ainda de pijama, curvado sobre a mesa da cozinha, a vela perto do verso da primeira folha de papel e o frio da cerração de São Francisco penetrando seus ossos, ele começou a ler... o que a princípio parecia ser um delírio religioso.

“A religião que me ensinaram na infância, crescendo na Ilha”, escreveu dona Lissie, “faz com que as pessoas tentem devorar a terra, já que nos ensinaram que ‘tudo é para o homem’, enquanto nunca pediram ao homem que fosse nada em particular. Bem, somente para ‘Deus’, mas quem sabia o que era isso?”

“Hmmm”, Suwelo soltou, bocejando e coçando o queixo.

“As primeiras bruxas a morrer na fogueira foram as filhas dos mouros.” *Mouros?*, refletiu ele com ceticismo. “Foram elas (ou melhor, nós) que pensaram que a religião cristã que florescia na Espanha permitiria que a Deusa da África ‘passasse’ para o mundo moderno como ‘a Madonna Negra’. Afinal, era assim que deuses e deusas iam de época em época antes, embora o Islã, nossa religião oficial há bastante tempo já, não tivesse nada a ver com essa noção; em vez disso, famílias inteiras na África que adoravam a Deusa eram comumente mortas, vendidas como escravas ou convertidas ao Islã sob a ponta da espada.

“Sim”, e aqui Suwelo imaginou um suspiro longo e hesitante, “eu fui uma daquelas hereges ‘pagãs’ que queimaram na fogueira.

“Eles nos queimaram primeiro – bem, éramos muito visíveis. Mesmo depois de séculos de convivência entre os europeus. Podemos pensar em Desdêmona e Otelo, se não conseguir abordar de nenhum outro jeito, na tentativa de captar pelo menos um vislumbre da nossa presença na Europa. A Inquisição acabou por viajar para onde estava, também, a alagada Veneza, um lugar úmido e de alguma forma ainda bonito, e ouviam-se gritos e viam-se sombras iluminadas por fogueiras que ricochetearam nas paredes do Palácio do Doge, na Praça de São Marcos, durante meses a fio.

“Mas você nunca se perguntou por que, no pequeno trecho da história em que os brancos não conseguiram impedir Shakespeare de, pelo menos, tentar contar (aquele dramaturgo ‘misterioso’ sobre o qual tão pouco se sabe), só existem mouros (definidos como homens) e nenhuma moura? Posso lhe dizer que estávamos lá, um pouco mais claros do que quando estávamos na África, sim, mas imagine os filhos de Desdêmona e de Otelo. Estávamos lá, com certeza, e fomos educadas para sermos filhas de nossos pais, nossos pais que amavam aprender mais do que tudo, e que abraçaram uma religião que os aterrorizara na África, e que viajavam pelo mundo e se casavam com estranhas e bárbaras a fim de aprender mais sobre seus modos curiosos e estrangeiros. Nossos pais, coitados, cujo único crime foi amarem a Mãe deles, mas que, ao procurarem protegê-la e a si próprios, ajudaram a nos transformar a todos, então, num outro espírito e numa outra raça.

“Os inquisidores massacraram nossos pais e tomaram suas propriedades para a igreja, assim como fizeram com os judeus. Os nossos pais africanos, que, fugindo da ditadura religiosa do Islã, vestidos com suas capas, vieram para a Espanha, recuperaram o fôlego, perceberam que eles próprios e sua incrível beleza e erudição eram admirados e, em sua maior parte, se estabeleceram ali. Alguns avançaram para a França, Alemanha, Polônia, Inglaterra, Irlanda, Rússia. Um ou dois ficaram em Veneza e serviram de inspiração para uma peça famosa. Bem, você entendeu o cenário. Se não me engano, é apenas na Polônia que Nossa Senhora Negra, a Grande Mãe de Todos – a Mãe África, se preferir – ainda é abertamente adorada. Talvez seja por isso que dizem que os polacos não são muito inteligentes.

“Mas, durante esse tempo de que estou falando”, continuava a carta, e o cheiro da vela de sebo de repente passou a incomodar o nariz de Suwelo, “e que tentei apagar da memória porque é tão horrível, eles nos destruíram. Disseram que a mãe do seu Cristo branco (loira, de olhos azuis, mesmo na Espanha onde os cabelos são pretos) nunca poderia ter sido uma mulher negra, porque tanto a cor preta quanto o sexo feminino eram do demônio. Éramos bruxas do mal, para dizer o contrário. Nós *éramos* bruxas; era a nossa palavra para curandeiras. Trazíamos seus filhos ao mundo; curávamos seus doentes; lavávamos e arrumávamos os corpos de seus mortos. Éramos tudo menos do mal. Auxiliamos a Vida, e não gostavam nada disso. Sempre que viam o nosso poder, sentiam que eles mesmos não tinham nenhum. Se sentiam a lua para o nosso sol. E, no entanto, como toda mulher sabe, a lua também tem poderes grandiosos. Estamos conectadas a todos os três planos – passado, presente, futuro – da vida; o homem também, mas não se permite ver isso. Se deixou ensinar que a própria mãe é má e aderiu a religiões nas quais seu único papel, depois de nutri-lo e criá-lo com seu sangue, é calar a boca.”

Suwelo imaginou a carranca de dona Lissie.

“Você acredita nisso?”, a carta continuava. “É como se cada homem obrigasse todos os outros a sair noite adentro sem uma vela, a sair entre os que falam sem língua, a sair entre os que veem sem um olho, a sair entre os que estão em pé sem perna.

“Se você quiser se juntar à companhia dos homens’, diziam, ‘você deve fazer algo em relação à sua mãe.’ O homem manso pergunta: ‘O que devo fazer?’, com os dentes já batendo do frio que ele sentirá sem o calor da melhor amiga. Rá! ‘Queremos que você cale a boca de sua mãe’, respondem. ‘Não dê ouvidos a nada que ela venha a sugerir. Em troca, nós o ajudaremos a fingir que você criou a si mesmo. Apenas a ignore. Não a ouça. Deixe que chore, que gema, deixe que morra de fome.’ Isso é o que fizeram com suas próprias mães; certamente foi o que fizeram à Mãe África.

“Eles nos queimaram tão completamente – as mulheres pretas tão recentemente, relativamente falando, da África – que, ao contrário de judeus, homossexuais, ciganos, artistas e rebeldes, que também queimaram, para não mencionar as mulheres ricas, cujas propriedades roubaram antes mesmo de suas cinzas esfriarem, não tiveram nem

vestígios de fumaça. A ligação entre a mulher negra e a branca foi totalmente rompida; a irmandade de sangue que as mulheres africanas partilhavam com as mulheres europeias desapareceu como se nunca tivesse existido. Na França, não restou nada. Notre-Dame. Nossa Senhora. Não a nossa Senhora *Negra*. Na Inglaterra, nada; a menos que encontre entre os remanescentes dos celtas o modo de vida deles destruído em pedacinhos. Na Irlanda, rumores sobre ‘pessoas pequenas’ e todas aquelas piadas ignorantes sobre ‘irlandeses negros’.

“Em Veneza, onde Otelo era um nobre, existem hoje inúmeras estátuas de mouros, vestidos com librés de escravizados. Na Espanha – bem, há toda aquela arquitetura ‘mourisca’, com *cores* exuberantes demais para ser facilmente explicada.

“Quando me queimaram na fogueira, eu os amaldiçoei; o que mais uma mulher preta pode fazer? Não me importei que cobiçassem minha casa e as terras que meu pai me deixara. Eu teria dado a eles, para pelo menos salvar a vida de meus filhos, amontoados ao meu redor, e cujos gritos queimavam meus ouvidos mais que o fogo. Mas o que me recusei foi a abrir mão da minha essência; nem conseguiria. Pois era simplesmente o seguinte: não compartilho a visão deles da realidade, tenho e prezo a minha própria. E, quando você olha para o mundo hoje, ele se ajusta exatamente à minha maldição, mas com uma exceção: aqueles que amaldiçoei não sofrem sozinhos; tudo e todos sofrem. Não era isso que queria. Demorou muito para aprender a lição: não se pode amaldiçoar uma parte sem condenar o todo. É por isso que a Mãe África – amaldiçoada por todos os seus filhos, negros, brancos e os que estão no meio –, está morrendo hoje e, depois dela, a morte chegará a todos os outros lugares do mundo.”

Então, houve uma mudança abrupta de tom, e Suwelo notou, um tanto alarmado, que, à medida que lia cada linha, ela desaparecia; dona Lissie não só escreveu sua história com tinta invisível, mas também com tinta invisível para uma leitura única. Ele aproximou a página da vela bruxuleante para ter certeza. Ergueu as outras folhas até a chama. Estavam em branco. Ele suspirou, balançou a cabeça e continuou lendo.

“Agora, a mulher”, continuava a carta, “por bem e por mal, e com uma forte memória do Éden africano em suas baterias, mantém vivo um sentimento pelos outros animais, embora geralmente estivesse reduzida a

cuidar e alimentar um animal pequeno, um gato doméstico. Bem, lá estava ela, negra, com sua vassoura e seu gato, o cabelo que nem palha. Você já se perguntou por que as roupas e os cabelos das bruxas são sempre pretos?”. Suwelo sabia que dona Lissie, ao escrever isso, riu alto.

“Nunca esquecemos que é possível se comunicar com qualquer coisa que tenha olhos grandes o bastante! Então lá estávamos nós, as mulheres retintas, murmurando familiarmente para cada rato, vaca ou cabra do lugar. Os escritores de contos de fadas depois deram grande importância a essa tendência. Éramos jogadas na cama de homens com idade para serem nossos avós, em países onde, ao contrário da África, o banho simplesmente não existia; em estados longe de seres humanos de qualquer espécie. Os animais e nossos filhos eram o nosso mundo. Achávamos, ridiculamente, que os animais e os nossos filhos, pelo menos, não seriam tirados de nós. Mas os inquisidores, criados para nos controlar, declararam que ‘associar-se’ com animais era um crime, punível com a queima na fogueira! E os nossos filhos caíram nas mãos de seus pais, os seus ‘senhores’, que os trocaram por ouro, tal como negociavam farinha, terra e tecidos.

“Os inquisidores alegaram que éramos fodidas e amamentadas por touros, cabras e todo tipo de criaturas animais malformadas. Além disso, deram ao seu demônio – a coisa negra que representava as pessoas que eles mais desprezavam e das quais desejavam ser vistos como diferentes – cascos fendidos afiados, chifres pontiagudos e um rabo. Fizeram com que parecesse não só natural, como também moral, matar, tão brutalmente quanto possível, sem nenhum sentimento além de autojustificação lasciva, qualquer animal ou criatura escura que se visse.

“Havia algo na relação que ela tinha com os animais e com os filhos que satisfazia profundamente as mulheres. Era disso que o homem tinha ciúmes.

“Os animais podem lembrar; pois, como a visão, a memória é renovada a cada nascimento. Mas nunca falarão a nossa língua; não por falta de inteligência, mas pela construção diferente de seu aparelho fonador. No mundo dos homens, alguém deve falar por eles. E é por isso que, em resumo, Suwelo, existem deusas e bruxas.”

Alguns meses depois da volta de Arveyda de suas viagens com Zedé e de ele ter contado a Carlotta a comovente história da vida de sua mãe, ela notou que os brincos vermelhos de pena de papagaio haviam se desmanchado; finos fios de ouro ainda passavam por suas orelhas, mas haviam se soltado das penas, agora retalhos sujos que precisavam ser alisados com um ferro. Certo dia, levando consigo o restinho das penas vermelhas e finas como tecido, ela parou em uma loja em São Francisco onde qualquer coisa, dependendo do tamanho e do nivelamento, poderia ser plastificada. Em poucas horas, um colar foi feito para ela e, então, ela começou a usar as penas envoltas em plástico transparente e rígido no pescoço. Na sua caixa de joias em casa, continuou guardando as pedras, até que um dia percebeu que tinham passado toda a sua existência, nos milhares de anos antes de chegarem aos seus cuidados, ao ar livre. Ela as tirou da caixa e colocou-as casualmente em sua formação original – que agora via como uma pirâmide ou triângulo, ou o sinal das mulheres para a paz – sob a saliência arqueada de um carvalho gigante da Califórnia no arboreto de São Francisco. Debaixo desta árvore ela passou sempre a almoçar, fazer alongamentos de ioga, correr sem sair do lugar, meditar e rezar.

Foi depois que começou a usar o novo colar que ela voltou, pela primeira vez em anos, a sonhar. Em seu primeiríssimo sonho, era uma criança numa caverna com a mãe, só que essa mãe não era Zedé, mas alguém muito maior e mais retinta, e essa mãe estava pintando, agitada, algo nas paredes com cores vibrantes. Carlotta foi incentivada a pintar também, e por isso pintou as paredes e a si mesma. Sua mãe tinha a pele retinta, bronze, e ela tinha cabelos pretos ondulados que iam até a cintura, mas agora, atrás dela, assomando nos pontos mais altos da caverna, vinha suavemente seu pai, um homem gigante, barbudo e feroz. Mas não, ele estava sorrindo. E era ainda mais retinto que sua mãe, e seu cabelo não tinha brilho. Então, os três ficaram juntos na entrada da caverna, da mesma forma como uma família pequena de São Francisco ficaria parada na porta, olhando para um dia chuvoso. Só nesse momento que estavam na luz que Carlotta percebeu que, se estivessem mesmo numa caverna,

não era uma natural; as laterais da entrada, onde seus dedos repousavam, eram lisas como vidro. Olhando para cima, viu que a entrada da caverna era de fato uma porta e que a viga era feita de pedra lisa na qual uma fera estranha com a cabeça de uma pessoa muito feia, de nariz grande e lábios compridos, estava magnífica e assustadoramente esculpida. Mas Carlotta não sentiu medo.

PARTE III

— Libertar Zedé e Carlotta foi o último ato que fiz como Mary Ann Haverstock – contava a dramaturga Mary Jane Briden, após três décadas morando na África, aos seus amigos americanos e africanos. – Foi uma das coisas mais emocionantes que já fiz, e estava lúcida! Estava com uma confusão mental por causa das drogas fazia tanto tempo que, quando voltei à selva para buscá-las, tudo, cada árvore, cada arbusto, cada estrela, o sol, para mim foi como se tivesse acabado de ser criado. Enquanto avançávamos mato adentro, eu fazia “ooh” e “aah” para cada pequeno barranco de samambaias, cada pequeno riacho, os menores pontos de luz capturados nas gotas de orvalho condensado nas folhas. Eu sorri o tempo todo. Admirando, a cada passo, minhas lindas botas rosa, tão brilhantes e floridas contra a verdejante terra tropical escura.

“Foi fácil matar os cães e entrar furtivamente no *compound* escolar. Foi fácil pegar Zedé e Carlotta, fácil chegar à costa e ao meu barco, o *Recuerdo*. A viagem para São Francisco foi tranquila e linda. Zedé, exausta de excitação e da própria fuga, dormiu como se estivesse morta. Cuidei de Carlotta, que estava crescida, uma menina gordinha como um buda. A tripulação e eu não tínhamos previsto a tempestade. Planejamos um ato de desaparecimento muito mais simples. Entraríamos em contato com a Guarda Costeira e diríamos que o *Recuerdo* estava com o mastro quebrado. Quando chegassem, já teríamos partido há muito tempo em meu outro barco, que acompanhou nossa jornada o tempo todo. Mas veio a tempestade, e, depois de chamar a Guarda Costeira, fugimos, sem nunca imaginar que o *Recuerdo*, o mais navegável dos saveiros, ia virar e jogar seus ocupantes no mar. Mas eu tinha me certificado de que Zedé e Carlotta sempre usassem os coletes salva-vidas no convés, então imagino que foi isso que as salvou.

“Depois li os jornais com a história do meu barco naufragado e das duas estranhas que estavam no barco e foram tiradas do oceano e trazidos para terra. Meus pais, eu também li, viajaram para encontrá-las. Isso numa segunda matéria, depois de os jornais descobrirem quem eram os pais da dona do barco. E tinha uma foto encantadora de mamãe e papai de mãos dadas voltando para a limusine. Fiquei triste ao vê-los; pareciam tão velhos

e perdidos. Os jornais não pouparam nada e se debruçaram sobre as minhas ‘escapadas juvenis equivocadas e de mistura racial e radical’ com a típica alegria reacionária/conservadora de William Hearst. Mamãe ainda estava tão frágil quanto um pardal depois de anos passando fome para poder ter o tamanho de uma criança ao lado do desajeitado um metro e noventa de altura de papai. Nunca cogitei, depois que descobri como homens e mulheres faziam amor, imaginá-los fazendo amor, com ele por cima. Eu podia sentir como ela ficaria sem respirar enquanto suas minúsculas costelas sustentavam abdômen, peito, ombros e pescoço pesados de meu pai. Apesar disso, não acho provável que ela reclamasse. Isso era tudo que ela conhecia. O pai dela também era enorme, e sua mãe era menor e mais frágil do que ela. A família gostava de dizer, sobre a mãe da minha mãe, que pesava talvez uns cinquenta quilos, quando ensopada. Na verdade, fui enfaticamente lembrada desse fato, enquanto crescia, enquanto me sentava à mesa e me recusava a comer qualquer coisa que não fosse purê de batata com manteiga acompanhado de achocolatado.

“Não havia razão para eles pensarem que eu estava viva ou lamentarem excessivamente por mim. Porque, poucos meses depois de ter idade para herdar meu dinheiro, dei um show e doei tudo. Recebi olhares severos de desaprovação. Mas, de verdade, eu tinha muito; e às vezes ficava mexida quando descobria que, em algumas semanas, simplesmente por deixar meus investimentos de lado, ganhava mais, às vezes até três vezes mais, do que consegui doar no mesmo período. Havia uma sensação terrível de ‘monetismo’ crescente; dias em que me sentia por todo o mundo como um campo, ou uma floresta, sendo invadido por trepadeiras kudzu. Sentia que ia me afogar em todo o meu dinheiro, e o pânico desse sentimento só começou a diminuir quando fiz planos de desistir para sempre de ser quem eu era.

“Como posso dizer isso sem pegar mal? Eu estava ansiosa para deixar de ser quem eu era. Eu já tinha escolhido um novo nome, ‘Rowena Rollins’, que depois vi que só poderia usar confortavelmente no papel. Ao me estabelecer na África, adotei o nome ‘Mary Jane Briden’, me livrando de ‘Ann’, do qual nunca fui muito fã, e de ‘Haverstock’, que parecia só um pseudônimo para dinheiro, e acrescentando um nome que – pensando agora – havia alguma possibilidade de casamento. Profeticamente, foi na África que me tornei, ainda que só no nome, uma noiva. Mas eu não sabia

como viver no mundo sem dinheiro suficiente. Isso significa que não doe todo o meu dinheiro, como meus pais pensavam, me dizendo várias vezes que, quando eu ficasse velha e sem um tostão, me arrependeria do meu comportamento “tolo”. Fui abrindo várias contas em bancos estrangeiros com meu novo nome, alguns números longos e alguns nomes de outras pessoas, todas falecidas. Em outras palavras, guardei o suficiente para viver e fazer tudo o que pudesse modestamente escolher no mundo, e deixei o *Recuerdo* afundando decididamente no esquecimento, assim como minha antiga vida, e parti no *Nova Era*, gêmeo do *Recuerdo*, exceto por uma pequena cobra turquesa bordada em suas velas. Depois de anos de deliberação quase que inconsciente, esse símbolo emergiu como meu emblema pessoal de expressão espiritual. A cobra, que troca de pele, mas é sempre ela mesma e, devido ao seu conhecimento dos lugares secretos da terra, vive livre da ameaça de extinção, aparentemente inerradicável; e turquesa, cor de limpeza do corpo e do espírito, percepção de memórias e de cura poderosa.

“Eu me lembro de como me senti quando a tempestade diminuiu e a neblina começou a se dissipar. Durante todo aquele ano, usei macacões pretos e, sentada numa cadeira de praia com minha xícara fumegante de chá de camomila e meus coturnos cor-de-rosa apoiados na grade, senti, pela primeira vez que consigo lembrar, não apenas mentalmente lúcida e bem definida em relação à paisagem do meu universo, mas também realmente *vívida*; em suma, livre.

“Eu não sabia de fato para onde estava indo e então voltei ao passado. Mas um passado mais antigo, não um que eu conhecesse. Fui para Londres e perambulei pelos parques, pelos museus e pelas bibliotecas por uns bons meses, ouvindo atentamente, falando quando podia, até que desenvolvi uma espécie de sotaque britânico. Peguei então o trem para Hampstead e para a casa de repouso para pessoas extremamente ricas e idosas onde *ela* estava. Eu não conseguia decidir, enquanto esperava no saguão de cores suaves e iluminação tranquila, se deveria me passar por jornalista ou estudante; com certeza precisaria de alguma justificativa para meu interesse na vida de Eleanora Burnham. Mas eu não contava com o fato de ser conhecida por ela no passado. O passado antigo. O passado de antes de eu nascer, ou até de pensar em nascer.

“Elly’, resmungou ela para mim imediatamente. ‘Você finalmente voltou para casa! E o que você trouxe para mim?’

“Ela era o ser humano mais velho, mais frágil e de aparência mais etérea que já tinha visto, minha tia-avó Eleanora. Seus olhos fundos e azuis brilhantes dominavam seu rosto magro cheio de rugas. Seu cabelo branco e ralo pendia em duas marias-chiquinhas sem brilho sobre a camisola vermelha com decoração étnica. A camisola parecia ser usada tanto de dia quanto de noite, pois, quando me inclinei sobre ela, senti o cheiro de alguém que, embora limpa, nunca saía da cama.

“Mas por que ela me chamou de ‘Elly’, um apelido do próprio nome?

“‘Elly Peacock!’, exclamou ela, feliz, com um sorriso estampado e sem um dente na boca. Eu me sentei na beirada de uma cadeira ao lado da cama.

“A enfermeira piscou para mim.

“‘Ela vai e volta’, contou, sorrindo. ‘Às vezes acha que eu sou a mãe dela... e’, disse, olhando para a saia curta, ‘vestida indecentemente.’

“Olhei para a mulher loira e gordinha de meia-idade. Achei que se parecia um pouco comigo, uma versão country eslava, russa ou inglesa do século XVIII.

“‘Acho que Elly é *essa* pessoa’, disse a enfermeira, me entregando uma fotografia antiga numa moldura prateada e manchada. Duas jovens, com cabelos claros e penteados para cima, cheios de presilhas e elásticos, e vestidas iguaizinhas, com longos vestidos pretos com renda na gola e nas mangas, olhavam com toda a calma para as rodas de uma bicicleta vintage construída para duas pessoas. ‘Eleanora e Eleandra’ estava escrito com uma caligrafia araneiforme embaixo. Imediatamente me vi em Eleandra. ‘Ela está aqui há tanto tempo que acho que conheço toda a família’, comentou a enfermeira. ‘Ou talvez seja eu quem está aqui há muito tempo. Alguns dias ela me leva de volta até o século dezoito, se eu deixar. Eleandra era gêmea dela’, disse sorrindo.

“Olhei para minha tia-avó, para a cama bem-arrumada em que seu corpo desgastado mal enrugava os lençóis, para as fileiras de fotografias antigas na mesa ao lado da cama e para os frascos de pedrinhas, de todos os tamanhos, cores, graus de rugosidade e suavidade presentes nas fotos.

“‘Ela colecionava pedras’, disse a enfermeira, erguendo as sobranceiras para enfatizar o feito. ‘Na África.’

“Eleanora, no entanto, não deveria ser tratada com condescendência, mesmo em sua condição; ela revirou os olhos para a mulher.

“Não só na África, sua porca’, chiou ela, ou melhor, espumou. ‘Viajei por todo o mundo coletando-as. Sabe, Elly, assim como você, eu sabia o que era ouro e prata de verdade. As pessoas costumavam invadir os lugares onde eu morava, porque eu era uma mulher rica, mas tudo que encontravam eram essas pedras. Uma vez, um ladrão esvaziou todas as garrafas e mordeu cada pedra!’ Ela começou a gargalhar, mas acabou tossindo.

“Bem, *com licença*’, disse a enfermeira, indo para a sala ao lado, de onde ouvi a voz queixosa do paciente cumprimentando-a na porta.

“Você tem que aprender a amar apenas aquilo que não pode ser roubado.’ A velha ofegou. ‘Ora, não sei por que estou *lhe* contando isso; afinal, aprendi isso com você.’

“Mas como você aprendeu isso comigo?’

“Ela olhou para mim, visivelmente confusa.

“Eu não sou a Elly’, disse eu com delicadeza. ‘Eu não sou sua irmã gêmea.’

“Eleanora se animou.

“Lógico que você não é minha irmã gêmea. Aquela patetinha.’ Ela puxou o ar pelas gengivas, como as pessoas com dentes fazem. *Xiii*, foi mais ou menos o som. O som de irritação se juntou firmemente ao desprezo.

“Ninguém aprenderia nada com Elly Burnham. Elly Burnham nunca saiu de casa; logo, não conseguiria voltar. Bem, ela saiu de casa, mas só para se casar, e então sua casa era igual àquela que deixou. Ah, que chatice! Mas Elly *Peacock*, nossa *tia* Elly Burnham *Peacock*... Você sabe, quando ela se dignou a voltar para a Inglaterra, o que fez apenas porque precisava de tratamento para o câncer que acabou matando-a, os jornais só disseram: “A Lady *Peacock* voltou.” E por muito tempo pensei que minha tia era um pavão. Certa vez, quando a vi, com meus próprios olhos, passando em uma carruagem com seu vestido todo pavoneado, verde, preto, roxo e azul, e seu lindo rosto branco protegido por uma pequena sombrinha branca, ainda pensei que talvez ela fosse mesmo um pavão. Nunca tivemos permissão para vê-la de perto, é lógico. Ela era uma vergonha para a Inglaterra e ainda mais para a família. Gostava dos árabes, sabe. Ela amava

os árabes, os cavalos e o deserto, nessa ordem. Ou talvez amasse o deserto, os cavalos e os árabes. Li tudo que consegui encontrar sobre ela e nunca entendi exatamente. Além disso, gostava dos africanos.’

“Quando ela parou para respirar, ou relaxou, como foi o caso – ela realmente parecia ter parado de respirar –, mostrei minhas credenciais falsas:

“‘Sou estudante de jornalismo e estou escrevendo um artigo sobre...’ Parei. Deveria ser sobre o quê? Pessoas ricas? Velhas e ricas? As condições nas casas de repouso para idosos são boas para velhos ricos? Pude ver que as coisas estavam muito bem administradas ali. A roupa de cama de Eleanora era, sem dúvida, dela, ou no mínimo comprada por alguém que tinha conhecimento de roupa de cama. Os lençóis eram daquele material macio e rico que torna o sono delicioso, e a colcha era de renda antiga feita à mão. As fronhas também tinham bordas de renda. E tinha um grande buquê de flores primaveris praticamente estourando do vaso Baccarat ao lado de sua cama. Mas é óbvio que ela era rica o bastante para enviar flores para si mesma para sempre.

“‘África!’, murmurou ela, saindo da soneca que seu longo discurso havia induzido. ‘Eu odiava a África. O calor, os insetos, as sanguessugas, os crioulos.’

“Ela olhou para mim, as sobrancelhas brancas cheias de escaras e os lábios finos, nos quais as rugas haviam se transformado em sulcos, projetando-se em ressentimento.

“Por que será que, eu me perguntei, racistas na própria família são sempre uma surpresa – e uma decepção?

“‘Ah, tia!’, disse eu sem pensar, mesmo assim reivindicando-a como minha tia. Mas ela tinha caído num sono profundo.

“Dei uma boa olhada nela e pensei que parecia uma bebezinha muito velha, muito, muito velha, babando e roncando.

“Ela havia doado seus documentos para uma faculdade para mulheres em Guildford, para onde os Burnham sempre haviam feito doações, e nos dias em que não ia visitá-la eu os visitava. Não só papéis, mas também cestos, tigelas, esculturas e tecidos. Na verdade, havia, numa seção da biblioteca, a ‘Sala Eleanora Burnham’. Era uma réplica de um grande quarto e de uma sala de estar numa antiga casa-grande de fazenda colonial. Lá estava sua cama estreita de solteiro, coberta com mosquiteiro,

uma poltrona e um sofá de vime, estofados com caxemira azul desbotada, e a escrivaninha, pequena e azul, debaixo de uma janela falsa. Os livros eram dela, pelo menos meia dúzia deles, escritos enquanto ela morou nos trópicos, e existiam outros livros antigos: aventuras, romances, estudos de geografia e história, e a Bíblia da família, na qual havia uma lista com, entre outros nomes de família, o de ‘Eleandra Burnham, nascida em 29 de maio de 1823’. A gêmea de minha tia-avó Eleanora, Eleandra, batizada em homenagem a essa tia aventureira, foi listada várias décadas depois e não era nem um pouco parecida com ela, aparentemente. As paredes da sala estavam cheias de vida, com máscaras africanas lindamente ferozes e longos abanadores de moscas feitos de miçangas. Havia também alguns chapéus bwana comidos por ratos e manchados de suor.

“Eu estava interessada principalmente em seu diário e, para acessá-lo, precisava de sua permissão, ou melhor, da permissão de seu tutor. Descobri quem era, um advogado em Londres, e fui visitá-lo. Já que ele não sabia nada da existência do diário.

— Quer dizer que a velha tinha um diário? Para que, o que você acha? — Ele não conseguiu encontrar uma razão para me impedir de ver. Eu tinha pensado com carinho no meu visual, um terno de tweed deselegante, e penteei o cabelo para trás. Usava óculos que me faziam apertar os olhos. Esse disfarce provavelmente não foi necessário, mas ainda assim eu gostei.

“E então, sentada na poltrona de vime em seu ‘quarto’ na biblioteca, com o falso sol africano entrando pela janela e a faculdade para mulheres de Guildford, no que me parecia, em algum outro continente, em vez de apenas do lado de fora da porta fechada (ninguém apareceu, ninguém se importava com Eleanora Burnham, não importa quanto dinheiro e que quantidade de ‘artefatos’ ela havia legado à faculdade em seu testamento, e dos quais a faculdade havia sido informada, então naturalmente a administração esperava, impaciente, ao longo dos anos, pela sua morte), sentada na poltrona, com um volume de cada vez, conforme me foi permitido levar, fiz uma descoberta surpreendente. Longe de odiar a África e os insetos, as sanguessugas e os crioulos, como ela afirmou, a África foi o grande amor da vida da minha tia-avó.

Há uma pequena serpente aqui [ela escreveu em 1922] que é exatamente da cor coral. Vive apenas em certas árvores e sai do seu buraco, bem no alto da árvore, perto do anoitecer. Alimenta-se de aranhas e insetos que também vivem nas árvores e é conhecida por cantar. Os

nativos me contaram que ela canta. Afirmam que a ouviram cantar milhões de vezes e agem como se isso fosse completamente normal. Além disso, perguntam por que eu não tinha ouvido e por que isso era tão estranho para mim. Tudo canta, eles dizem.

Mas eu não. Isso, porém, não admitia dizer a eles.

Bem, hoje pelo menos vi a criaturinha. Me falaram em qual árvore na beira do meu quintal eu deveria ficar de olho, e não é que hoje, bem ao anoitecer, veio essa pequena coral, mostrando a língua, deslizando afetadamente pela árvore em busca de jantar e encontrando vários *hors d'oeuvre* rechonchudos no caminho. Observei-a desaparecer na grama e senti que, embora a cor fosse tão vívida como os nativos me levaram a pensar, ainda não conseguia acreditar que ela cantava. Achava que talvez estivessem apenas brincando comigo.

Outra entrada:

Eu não consigo imaginar viver cem anos, mas os nativos muitas vezes vivem muito tempo. Dizem que é porque tudo que comem é vivo. O grão que comem é tão vivo que, se o plantassem em vez de comê-lo, cresceria. Eles comem frutas, grãos, que transformam em mingaus, e legumes. Comem muitas verduras cozidas e quiabo, que crescem silvestres. Comem pouca ou nenhuma carne e, quando solicitados a preparar pedaços grossos de carne para mim e para meus convidados ingleses, ou outros europeus, a cozinham como se fosse ofensivo.

Mas como tinha a sua tia-avó se interessado tanto pela África para viver lá?

Eleanora tinha agora cem anos. Mary Jane se perguntou se isso a agradava. Se isso a fazia pensar nos antigos “nativos” que ela conheceria. Uma palavra tão carregada de significado, “nativos”. Para pessoas como sua tia-avó, isso significava selvagens. Não era uma palavra que Mary Jane conseguisse imaginar sua tia-avó usando para se referir a si mesma, embora ela fosse nativa da Inglaterra.

Sua tia-avó nascera em 1885, no dia 23 de março. Era do signo de Áries, o que explicava sua natureza impulsiva e teimosa. Ela *seria* uma pessoa que adorava voar, por exemplo, muito antes de alguém ter noção de que voar poderia ser seguro. Ela voou, em êxtase, nos primeiros aviões que foram para a África; as pessoas de Áries eram semelhantes aos pássaros. Ela também seguiria seus instintos em relação a outros mundos, outros povos. Mas qual tinha sido a experiência crucial da vida de sua tia-avó? Mary Jane ficava sentada, vários dias por semana, apenas observando a tia-avó dormir e pensando naquela vida, naquela grande vida da classe alta inglesa durante os anos anteriores à Grande (como a chamavam) Guerra. Bem, para começar, gostavam da palavra “grande”. Ela fez um tour pelas “grandes” casas de campo inglesas e esteve em Morley Crofts, em Warwickshire, a antiga casa de seus ancestrais. Ela caminhou pelo chão quadriculado e olhou pelas janelas gradeadas, incrustadas com desenhos celtas em vitrais, que pareciam estranhamente egípcios. Havia uma profusão de serpentes pretas e corais e cajados de pastores adornados com joias. Morley Crofts cobria muitos hectares e parecia mais um castelo medieval do que uma casa. Vastos jardins cercavam-no, e, enquanto ela passeava com os outros turistas – que lhe lembravam ovelhas um tanto patéticas, com seus ternos de poliéster e batendo (e beliscando) tênis novos, exclamando de alegria sobre cada pombal ou gárgula, cada caminho de primulas ou dalias gigantes –, ela imaginou Eleanora sentada aqui e ali entre as estátuas do jardim, lendo um livro ou simplesmente olhando para o espaço, para o futuro distante, para o tempo de Mary Jane, e, com um pequeno sorriso divertido, contemplando.

O próprio avô de Mary Jane deixou a Inglaterra sem um tostão – cortado da riqueza do pai e do avô, acumulada na Irlanda à custa dos irlandeses –, mas com um desejo de aventura e de fazer fortuna. Ele teve um sucesso esplêndido, possuindo minas de cobre no Missouri, campos de petróleo no oeste do Texas e condados inteiros do sul do Alabama e da Geórgia, com plantação de algodão que era colhido por negros analfabetos que ele provavelmente nunca vislumbrou. Seu pai e seu avô notaram seu sucesso, tão parecido com o deles – pois o avô viveu indefinidamente. Às vezes, Mary Jane achava que quase conseguia se lembrar dele, mas era apenas das histórias que se lembrava: sua avareza violenta, seu desprezo pelos adversários mais fracos, seu amor pela riqueza por si só. As histórias que seus filhos e netos contavam sobre ele eram tão contundentes como contos de moralidade e poderiam facilmente ter sido intituladas “Luxúria”, “Avareza”, “Cobiça”, mas, ao contrário dos contos de moralidade, a mensagem nunca foi *contra* essas coisas. De qualquer forma, vendo esse sucesso, os seus antecessores abraçaram-no calorosamente como o verdadeiro herdeiro dos seus genes avarentos e, claro, acrescentaram muitos dos seus vastos recursos, após as suas mortes, aos dele.

Na época em que o próprio pai nasceu, havia necessidade de esconder as garras. Assim, Mary Jane, seu irmão e sua irmã foram criados para serem o tipo de pessoa rica que era tão fundamental para a estabilidade do país como a Terra, mas tão discretas como um tapete. Ah, os chinelinhos de couro envernizado e os suéteres simples de caxemira, os casacos lisos de pelo de camelo, elegantemente batendo na parte traseira dos joelhos, os elegantes vestidos cinza, justos na cintura, soltos em todos os outros lugares, fitas de cabelo discretas, em sua maioria pretas e, sendo este os anos quarenta, às vezes xadrez. E, no entanto, quando Mary Jane e a irmã desciam a Quinta Avenida, perto do apartamento que a família tinha lá, ela sentia que as pessoas olhavam para elas e logo sabiam que eram ricas. E riam de sua prudente caretice e se ressentiam disso.

Quando deixou essa vida para trás – o elegante penteado loiro arrebitado nas pontas como o de Doris Day ou Dina Merrill, os minúsculos brincos de pérola branca, o laço de veludo preto, ou o gorgorão xadrez atrás da nuca – e passou a usar jeans incrustados de tinta e suéteres de gola alta descolados, e o cabelo tinha ficado cheio de frizz (com a ajuda de uma tonelada de produtos químicos) em uma explosão de resistência, bem mais

de uma década antes de isso se tornar obrigatório para crianças brancas ricas e radicais nos anos sessenta, ela entendeu por que, por mais simples que ela e a irmã se vestissem, por mais discretas que tentassem ser, estavam sempre, na verdade, se entregando. Ela concluiu que deviam exalar um cheiro de suficiência silenciosa, de segurança absoluta, tão ausente nos mundos que não habitavam. Esse era o cheiro da classe alta.

Um dia, no diário de Eleanora, Mary Jane leu a palavra “M’Sukta”, escrita nas margens de uma página. Ela gostou do som; no entanto, folheando o restante do diário, não encontrou mais a palavra. Na visita seguinte à tia-avó, ela levou algumas fotos da coleção de Eleanora Burnham para que ela as identificasse. Eram obviamente antigas e raras, e não estavam nas melhores condições, e isso só foi permitido depois que a biblioteca recebeu um telefonema severo do advogado de Londres. A declaração de Mary Jane à bibliotecária de que as fotos não tinham sentido sem a devida documentação – nomes e datas, pelo menos – foi ignorada, e pelo visto, recebida com irritação.

A opinião da bibliotecária-chefe era que todas as fotos com pessoas brancas *estavam* documentadas; pelo menos, todos os brancos estavam nomeados. De vez em quando, também, um empregado ou guia de caça tinha um nome ou apelido. Havia um “Chumby”, por exemplo, que quase não soava africano. Mas o verso de dezenas de fotos de africanos sem brancos não tinha nada escrito. Seus rostos, tão pensativos e comoventes quanto as fotos de indígenas norte-americanos tiradas por Edward Curtis no século XIX, tocaram Mary Jane profundamente. Quase sem exceção, os africanos se vestiam de maneira interessante, muitas vezes espetacular, e isso a surpreendeu e agradou. Os penteados das mulheres, com conchas e penas entrelaçadas, eram fabulosos e faziam com que parecessem, ao mesmo tempo, serenas, majestosas e selvagens. E os tecidos com que eram feitas suas vestimentas! Em um museu perto do apartamento da família em Nova York, Mary Jane viu o tecido Kente, mas cortado em tiras e como decoração em uma manga ou bainha. Nessas fotos, viu um tecido ainda mais incrível, despojado, como Kente, mas brilhando como se tivesse um fio dourado em sua composição. Nessas fotos, viu pessoas africanas cujos olhos, pele e roupas *brilhavam*. Com riqueza, inteligência e *saúde*. Finalmente, foi o brilho da saúde que cativou Mary Jane, pois ela percebeu que a África tinha se tornado tão degradada na mente do mundo que uma

pessoa africana saudável, como as que ela viu nas fotos, era praticamente inimaginável. Eram pessoas que ela presumiu que sua tia-avó havia conhecido, pois todos os olhos que olhavam para a câmera eram gentis, reconhecendo um vínculo especial. Mas se *fossem* pessoas que ela conhecia, Eleanora não poderia mais falar delas. Ela olhou para as fotos que Mary Jane mostrava a ela, uma por uma, através de uma lupa, e as lágrimas derramaram-se sobre suas pálpebras inferiores, vermelhas e inchadas. Foi só na última foto, não era uma foto como as outras, e sim uma pintura, do único rosto partido no meio do lote, uma mulher africana usando as lindas vestimentas de sua aldeia, mas pintada em um interior de pedra cinza do que poderia ter sido uma catedral, que Eleanora foi capaz de pronunciar uma palavra. E a palavra que ela pronunciou, um soluço na verdade, foi “M’Sukta”.

A bibliotecária-chefe mal-humorada, sem saber, tinha resolvido o problema.

— Todas essas fotos – disse ela a Mary Jane, enquanto as devolvia – foram tiradas por Lady *Eleandra Burnham Peacock*. Imagino que você não saiba nada sobre *ela*. Todos seus pertences pessoais foram doados à sua sobrinha, Lady *Burnham*. Por isso que fazem parte da coleção de Lady Burnham. – Ela realmente suspirou quando chegou ao fim da segunda frase. Pegando as fotos com uma das mãos, ela jogou um livrinho com a outra. – Acho que você pode achar isso aqui interessante.

Quando Mary Jane estendeu a mão para pegar, porém, a bibliotecária colocou sobre ele as pontas cor de carmim dos dedos manchados de papel de jornal.

— Você tem que assinar – disse ela, com a petulância odiosa dos burocratas de todo o mundo.

Esse diário tinha uma encadernação de veludo vermelho desbotado e um filete de cetim verde, muito desbotado. Suas folhas estavam amareladas e manchadas de água, e muitas palavras, na caligrafia amontoada e regular de uma jovem que escrevia à luz de uma lanterna sob as cobertas, eram difíceis de decifrar. No entanto, pertencera à primeira – até onde Mary Jane sabia – Eleandra, e ela o abriu com o coração acelerado.

Eu estava passeando com meu primo T., que me faz rir tanto que queria que não fôssemos primos. Seus grandes olhos verdes brilham em seu rosto corado, e seus lábios são tão detalhadamente esculpidos quanto os de uma estátua romana. Eu o provooco o tempo todo

com meu desejo de me casar com ele. É uma piada, claro. Tenho evitado o casamento há muitos anos. T. sabe que quero pintar, assim como sei que ele não tem interesse por mulheres. Em toda a família parece que só nós dois somos estranhos. Os demais são adeptos da adaptação, de serem perfeitamente capazes de tolerar, até mesmo pactuar, e, ousado dizê-lo, de elevar a um estado exaltado a condição de tédio. Como T. e eu coramos de prazer ontem à noite no balé, uma coisa selvagem e rebelde que chocou tanto a mamãe que papai teve que fingir que estava chocado também, quando tudo era uma história, na dança, de nossos primeiros ancestrais, ainda fortemente influenciados pelos povos negros destas ilhas que os precederam, vivos, como todos eles sem dúvida estavam antes dos gauleses e romanos caírem sobre eles. Onde estão agora, os indígenas da Grã-Bretanha? O balé começou com a donzela previsível com galhos de frutas silvestres na cabeça, e, sim, ela certamente estava cantando, mas logo sua música a fundiu nas eras mais sombrias, ou melhor, derreteu o público até o limite daquela época em que os modernos e os antigos se enfrentaram diretamente no ato final da despedida. Houve valorização histórica. É isso que a dança simbolizava. Não importava que a jovem virgem fosse obrigada a dançar até parar de existir; o mundo moderno reconheceu o que estava perdendo. Foi a essa dança, executada por uma jovem donzela vestida com trajes extremamente pequenos, que a mãe se opôs. T. e eu gostamos. A inclinação da cabeça ruiva da donzela, o balanço das suas coxas branco-marfim, maciças como vigas, a barriga arredondada bastante branca e firme. Segurei a mão dele com força entre as minhas e tenho certeza de que meus olhos eram *contas* de luz.

Minha mãe se levantou da cadeira, imponente como sempre, e se foi balançando lentamente pelo corredor, o laço ondulado nas costas, na altura da cintura, parecendo uma borboleta enorme. Meu pai a seguiu, tossindo baixinho, olhando furtivamente para o palco uma ou duas vezes. Fiquei horrorizada que eles parassem para me levar e, se T. não estivesse comigo, tenho certeza de que teriam feito isso. Ele e eu ficamos muito quietos, afetados e adequados, e esperávamos que nenhum de nossos enormes prazeres aparecesse em nossos olhos ou na tensão de nossos corpos. Mas, ah, que emoção ver a dança da nossa história, feita por *italianos*, e de forma tão tumultuada e apaixonada. Ficamos tentados a concluir que nossa história popular primitiva provavelmente também era a deles. Refiro-me às mesmas fogueiras e danças da primavera, e ao brotar das folhas de uva e do milho!

É graças a T. que vou a qualquer lugar interessante. Durante todo o verão, calada em Morley Crofts! Mas então chegam os invernos, e Londres no inverno!

Ontem tive uma experiência bem curiosa de inverno, diferente de tudo que já vivenciei, e mais uma vez foi um presente – embora perturbador, com certeza – de meu primo, meu querido primo T. Estava nevando e quase tão escuro do lado de dentro quanto do lado de fora, e sombrio, já que ninguém mais vem nos ver, ao que parece, por mais tempo. Mas a mãe diz que isso não é verdade. Ela diz que sou eu que me recuso a ver as pessoas – especialmente as que trazem jovens homens em idade de se casar a reboque – que vêm nos visitar. Bem, eu tentei explicar de todas as maneiras que conheço que *não* vou me casar; se estiverem cansados de mim por aqui, simplesmente terão que pensar em alguma alternativa. Se eu me casasse, tenho certeza de que cortaria a minha garganta, ou a dele, em duas semanas. Mas *por quê*, Eleandra?, meus pais lamentam. *Por quê?* É só o que perguntam. E não *sei* por que, exceto que a vida deveria ser mais do que opulência e facilidade material, mais do que servos, cavalos gordos e homens ainda mais gordos cobiçando as filhas e esposas gordas de outros homens. Eu não consigo – ah, mas de que adianta essa raiva? Eles vão me drogar e me casar com um turco rico, sem dúvida, antes que isso aconteça. Não tem perigo disso, diz T., confiante. Ele acha que provavelmente será um grego rico, alguém da marinha, para ser mais preciso. Estes são os estrangeiros ricos que meu pai conhece. Ele, em sã consciência, desistiu de encontrar um

marido para mim entre os ingleses. Às vezes, de fato, eles vêm jantar, esses gregos, de cabelos e olhos escuros, mais calorosos do que qualquer homem na Inglaterra; pelo menos isso eles têm ao seu favor. Ainda assim, prefiro sair pela porta com T... Ele não me deixa chamá-lo de “Theodore”; muito chato e religioso!, reclama ele.

Mas eu estava prestes a escrever sobre a nossa visita ao Museu de História Natural. T. veio me buscar. Temos que inventar todo tipo de mentira sobre para onde vamos, mas seja onde for é totalmente inocente, pelo menos enquanto ainda é dia. E era dia hoje. À noite, é verdade, somos conhecidos por visitar certas “casas” de má fama, mas isto porque T. e eu temos insistido em aproveitar uma educação, uma educação sexual, onde quer que possa ser encontrada. Ele mandou fazer roupas – calças e sobretudo semelhantes aos dele – para mim, e eu enfi meu cabelo preocupantemente longo sob qualquer um dos vários chapéus espaçosos e partimos. Porque, como tão bem diz T., como poderei ser uma grande pintora se nunca *vejo* nada? E, com T. ao meu lado, às vezes sinto que devo ter visto de tudo: homens e mulheres, homens e homens (os olhos do T. brilham!), mulheres e mulheres (interessante), todos com animais, vegetais e frutas. Nós nunca “comparamos”, exatamente. Pagamos para olhar, para analisar, para contemplar. Sou fascinada pelos olhos das mulheres, pelos seus olhares ousados e agressivos, pela sua avaliação profissional. Eles executam os movimentos profissionalmente, rolando e caindo como acrobatas em câmera lenta, algum animal grande em forma de homem os impulsionando de lado, de frente ou de trás – e tendem a estar olhando para o próximo homem que se aproxima e calculando se elas ou a próxima mulher o terão. Sem dúvida, o cálculo envolve quanto dinheiro haverá para os sapatos de Johnny e o leite de Susie. Às vezes, as mulheres estão grávidas, muito grávidas, e há homens adultos, às vezes homens grisalhos, barbudos, avôs, que pagam para chupá-las. Tudo isso pode, por um preço, ser visto. Devo dizer que é dessa chupação que as mulheres mais parecem gostar, e o prazer que elas sentem com isso, por sua vez, me emociona e, arrisco adivinhar, até mesmo a T.

Mas eu estava tentando falar do evento de hoje, no Museu de História Natural. Bem, quando chegamos lá, já era muito tarde e, portanto, estava quase escuro; as luzes bruxuleantes do interior estavam bem fracas, em qualquer ocasião. T. me levou para ver os fósseis e os desenhos humanoides (como sempre os chamo) da humanidade em sua cansativa subida na espiral evolutiva. Esta não foi a minha primeira vez no museu e, como sempre, tive de ser afastada da coleção de novos artefatos maravilhosos – antigos mantos de penas, chamados, se bem me lembro, de *moas*, em homenagem ao pássaro que lhes deu o nome; enormes pedras verdes esculpidas que brilhavam como jade; canoas monstruosamente belas e brilhantemente pintadas – da Nova Zelândia, recentemente explorada, conquistada e, ao que parecia, bastante devastada. Havia fotos de mulheres polinésias exuberantes e sorridentes e de homens robustos e sérios. “Vamos”, disse T. “Se você gosta disso, vai adorar o que vem a seguir”. Segui-o pelos corredores e subi as escadas até chegarmos a uma parte do museu que eu nunca tinha visto. “Feche os olhos”, ele disse enquanto abria a porta devagar.

Quando abri os olhos, vi que T. havia me empurrado para uma sala de tamanho médio (a maioria das salas do museu é enorme), com janelas muito altas e com um cheiro estranho. A princípio parecia uma réplica de parte de um povoado africano. Eram três cabanas, uma de frente para a outra, como sempre fazem para formar um espaço de convivência (li isso num livro), mas um pouco tortas, ligeiramente afastadas uma da outra, suponho que alguém diria, *obliquamente*, para privacidade. Depois havia um celeiro e parte de um muro de barro, assim como todo o resto. Este muro cercava o *compound*, exceto onde foi deliberadamente cortado para dar ao observador um acesso mais nítido à atividade do “povoado”. Olhando para cima, notei que o museu, na intenção de garantir a verossimilhança, tinha até pintado um céu azul. “Venha”, disse T., me puxando para mais perto das casinhas, pois eu tinha parado quando entrei na sala e, por algum motivo, fiquei mais assustada que o normal ao ouvir a pesada porta de madeira se fechando atrás de mim. Isso me deu arrepios. De repente, senti um pouco de medo de T. Afinal, os invertidos não são perigosos? Mas ele estava sorrindo, com uma bonomia estranha e tensa que parecia ser exercida em benefício de outra pessoa; eu certamente nunca tinha visto uma careta assim em seu lindo rosto. Havia cores nessas cabanas e desenhos como eu nunca tinha visto, a não ser em pinturas do oeste dos Estados Unidos. As formas e figuras mais abstratas e totalmente estilizadas em tons vivos de amarelo, laranja e castanho, com preto e branco saltando para encontrar o olhar com a vibrante pele de zebra. Era tão completamente aquilo a que não estávamos habituados que era difícil absorvê-lo. Da mesma forma que admiramos uma pintura, digamos, de um artista inglês ou de outro europeu, por mais estranha que fosse. Era como se faltasse o ponto de referência; não consegui compreender nem os tons emocionais da obra nem seu significado. Parecia natural, de alguma forma, começar a pensar em tudo que havia de “errado” nisso. T. riu da minha expressão, que era, tenho certeza, uma carranca irritada. “Apenas aproveite!”, disse ele. E me aproximei, ainda vagamente incomodada com o cheiro. Não que fosse desagradável. Não, havia algo quase familiar nele. Tive a sensação de já ter sentido aquele cheiro, embora com certeza não nas ruas, nos apartamentos ou nas casas grandes de Londres, nem, com certeza, em Morley Crofts. E então me pareceu que talvez eu tenha sentido aquele cheiro num sonho, pois todo o quarto agora tinha um

aspecto de sonho – o céu azul iluminado acima, como se o sol estivesse ali, as pequenas cabanas aconchegantes. Eu me sentei numa das “varandas” de barro que se estendiam da parede. “Cuidado”, disse T., “o barro é poeirento”. Com certeza, quando me levantei, minha saia estava empoeirada. T. me ignorou. Ele ainda estava com aquele sorriso selvagememente benigno que me era tão estranho. Meu olhar, porém, foi atraído pelas lindas tiras de tecido penduradas em ganchos perto da porta de uma das cabanas. Havia uma figura, de costas para nós, muito realista, que mal se conseguia distinguir, sentada no chão perto da porta da cabana, aparentemente girando.

“Quer saber de uma coisa?”, perguntei a T. “Isso é *muito* mais civilizado do que aquilo que alguns outros países fazem. Acabei de ler um artigo no *Times* – talvez você também tenha lido – sobre os alemães – ou eram os belgas? Não importa, as pessoas que estão colonizando a América do Sul, trouxeram dois de tudo o que acharam até agora: peixes, leopardos, pássaros. Trouxeram até dois indígenas. As pessoas apareceram em multidões para vê-los. Mas os pobres coitados tremiam – eram apenas crianças – o tempo todo e, quando o inverno *chegou, puf*, eles morreram.”

Naquele momento, olhei para T., mas ele estava olhando para a porta da cabana onde a figura girava. Mas a figura não estava mais girando. Ela estava parada na porta!

M’Sukta era pequena, tinha cerca de um metro e vinte, esbelta como um junco e mais preta do que qualquer pessoa que eu já tivesse visto. Ela parecia não ter idade – uma criança muito pequena, uma adolescente ou uma velha bem preservada. Estava vestida primorosamente com um tecido feito de centenas de tiras que decoravam os pinos da porta da cabana, que percebi agora copiar muitas das cores, motivos e símbolos que estampavam as paredes de barro. Seu cabelo estava preso em dezenas de tranças que iam até o meio das costas; no fim de cada uma tinha uma concha. Seus pés pequenos estavam calçados com chinelos de couro macio com contas coloridas. Ela veio em nossa direção segurando seu fuso e carregando uma grande cesta de algodão com a qual fazia linha.

Ela quase não nos reconheceu. Não. Ela não nos reconheceu. Ela simplesmente parecia saber que estávamos lá, e essa foi a sua deixa para sair, se sentar diante de nós com seu traje esplêndido, que obviamente ela mesma havia feito, e começar uma demonstração desse aspecto do modo

de vida de seu povoado. Olhei em volta para ver se outros integrantes da aldeia iam surgir, mas nenhum apareceu.

Não seria necessária nem uma pena para me derrubar.

“O museu a deixa morar aqui”, disse T., ainda sorrindo fixamente para a mulher. Eu nunca tinha notado quanto ele era superficial, sempre disposto a explorar a superfície das coisas. A mulher não deu nenhuma indicação de ter ouvido, visto ou se importado com a nossa presença. Mas houve um aumento, quase imperceptível, no cheiro. Era, percebi, o cheiro do *medo*. Aquela pequena criatura infantil tinha medo de nós! De *mim*! Eu me senti imediatamente colocada em foco. Os animais nos zoológicos tinham medo de mim simplesmente porque outro ser humano tinha ido olhar para eles, mas isso era diferente, de alguma forma. Se ela tinha medo de mim, então era definitivamente toda a minha existência que estava “errada”, e não as cores berrantes de suas roupas ou de sua casa.

“O que você quer dizer com eles a *deixam* morar aqui? De onde ela veio?” Diante dessa pergunta a expressão de T. dizia: uma mulher tão preta, de onde ela viria? “Mas onde ela mora *de verdade*?” Eu estava desesperada por uma resposta, sentindo todo o meu ser, há mais tempo do que eu conseguia me lembrar, envolvido. Minha reação talvez tenha sido única para mim. *Era?*, eu me perguntei. Se sim, isso me deixou com ainda mais medo. Quer dizer, onde era o mundo dessa *mulher*? Para que ela tenha chegado até aqui, diante de *nós*. Pessoas pretas, embora não sejam inéditas nas ruas de Londres, são raras. São poucos os homens que vislumbramos de vez em quando, e *nenhuma* mulher. Ou talvez, pensei agora, eles morassem numa parte de Londres, uma espécie de submundo, que nunca vi. Até nos bordéis, nunca há pessoas realmente pretas, nem pretas chocolate⁹ e extraordinárias, como esta mulher. Apenas indianos e um ou outro árabe um pouco escuro, com vergonha de si mesmo.

T. estava sorrindo. “Ela mora aqui há dez anos”, contou ele, entredentes. E percebi como eram retos, limpos e polidos. Brilhavam como pérolas em contraste com seus lábios vermelhos. E me fizeram pensar no amor de T. pela comida e nele comendo, comendo em vez de falar, caso surgisse algum assunto no jantar que o deixasse desconfortável. Havia muitos desses assuntos. Daqui a alguns anos, pensei, T. estará bem gordo. A gordura do silêncio, a gordura do silêncio, a gordura do... Eu não conseguia parar de pensar nisso, mesmo enquanto me esforçava para ouvir o que T. estava dizendo.

“De início ela foi instalada no andar principal, mas depois de um ano ou mais ela teve um colapso. O menino que estava com ela morreu. Talvez tenha sido o frio”, disse ele, olhando para o teto azul e “quente”. “Esses prédios antigos são arejados e úmidos, feitos apenas para fantasmas. Seja como for, depois da morte do menino, que algumas pessoas atribuíram a um ou outro, ela se interiorizou a tal ponto que todos presumiram que seria a próxima. Eles a observavam o tempo todo, como se ela fosse um elefante doente. Mas, quando lhe deram um pouco de privacidade – ela e o menino ficavam expostos no salão principal do térreo todo dia, exceto às quintas-feiras, quando o museu estava fechado, e, lógico, à noite –, ela se recuperou.”

“Ela nunca tentou escapar?”, perguntei a T., olhando para a dócil criatura debruçada sobre seu fuso, seus dedinhos pretos, num dos quais ela havia colocado um pequeno anel de fio de algodão multicolorido, meio frouxo. Ela usava um fuso de madeira simples, como aqueles que

as esposas dos pastores mais velhos ainda usam na região perto de Morley Crofts. Havia teares de tamanhos diferentes – um deles era um minúsculo tear manual no qual ela fazia tiras coloridas de centímetros de largura – encostados na parede perto de onde ela trabalhava.

T. ficou surpreso com minha pergunta. “Mas para onde ela iria? Pelo que entendi, a aldeia de onde ela veio da África não existe mais. Guerra intertribal, ataque de escravos, esse tipo de coisa. Ela é a última do seu povo.” Havia uma pitada de desgosto em sua voz por “esse tipo de coisa”. Eu recebi isso com entusiasmo. Afinal, eu amo T. “Além disso”, prosseguiu ele, matando totalmente esse sentimento, “você sabe que as mulheres gostam de ficar em casa. Aqui ela tem tudo de que precisa, suas casas, seu celeiro, tem até grãos nele, suas tarefas domésticas, exatamente como ela teria na selva. Ela é extremamente talentosa, como você pode ver. Ela faz as próprias roupas e, você ficará feliz em saber, até coisas para vender. Ele olhou para mim e pegou uma tira de tecido pendurado num dos pinos. Os olhos da mulher piscaram quando ele pegou a tira, mas essa foi sua única reação. Ele amarrou no meu cabelo, fazendo uma faixa como os indígenas dos Estados Unidos usam. Ele colocou um xelim num prato que eu não tinha notado antes. Gostei da tira, fiquei com ela. Eu me curvei rigidamente na direção da mulher. Mas a coisa estava tomada pelo cheiro. Eu teria que lavar muitas vezes.

Escritas na margem em data muito posterior – onde a tinta era mais escura e de cor diferente do restante da escrita na página; além disso, a letra era maior e mais firme – estavam estas palavras, nas quais Mary Jane detectou um indício do que, pelo que ela sabia, era o lendário senso de humor de sua tia-avó: “E foi assim que conheci M’Sukta, a mulherzinha que me carregou para a África!”

9. *Chocolaty black* no original. [N. E.]

Agora, duas vezes por semana, Mary Jane pegava ansiosamente o trem para Guildford. Ela começou a se sentir uma aficionada na Sala Eleanora Burnham. O diário continuava, e ela leu um tanto sem fôlego.

A diligência de M'Sukta na solidão do cativo me impressionou muito. De repente, me senti terrivelmente incompleta. Tão frívola quanto Theodore. Tão superficial. Tão decadente. Afinal, eu estava com vinte e poucos anos, quase velha demais para me casar, mesmo que fosse forçada a isso. Os mercadores gregos de meia-idade que vinham jantar em nossa casa, em Londres, não me olhavam mais com fingido encantamento. Eles saíam correndo depois de comer, pensando em coisas jovens mais bonitas e muito mais novas. Isso foi um alívio. Embora agora o espectro de algum tipo de convento tenha surgido. Minha mãe não me deixava esquecer que em sua época isso já teria sido tentado – digo, minha permanência num convento.

Evitava confrontos com meus pais o máximo que podia, passando tempo com meus antigos tutores. Sempre estudei em casa – ensinada por governantas, tutores, trabalhadores contratados, que eventualmente se tornaram, pensei, quase amigos. Eu percebia agora como eles viviam no mundo. Seus pequenos apartamentos, jantares sem carne, seus casacos surrados. O senso de dever, propósito, experiência. Pois eles tinham *alguma coisa*, essas pobres pessoas que tantas vezes eram vistas pela minha família como estando um degrau acima do cachorro da família e um degrau abaixo do cozinheiro. E, novamente, quão valioso poderia ser o que tinham se seu único destino era a instrução de alguém como eu?

Eu nunca havia notado a evasão singular deles.

— Como devo viver? – perguntei a uma delas. – Essa instrução me preparou para quê?

Ela me olhou surpresa. Decifrei o desconforto em seu rosto. Estava pálida. E tão quieta.

“Ora, senhorita”, ela poderia muito bem ter dito em voz alta, “nós a preparamos para ser uma dama”.

Uma dama.

Aparentemente, só Theodore e eu no mundo achávamos que todas as damas, em todos os lugares, deveriam levar um tiro.

Não sei exatamente por que sentíamos isso, e não era de forma alguma um sentimento constante. Mas havia algo tão artificial nessa coisa toda de ser dama, algo tão distinto das outras pessoas e do mundo. Elas pareciam presas em suas saias longas. Tropeçavam na calçada com seus sapatos apertados, os grandes chapéus de penas flutuando acima delas. E se olham nas vitrines e se admiram. Isso é demais! Percebi que tinha um ódio pelas mulheres – ou melhor, pelas damas – quase que avassalador. E senti isso principalmente quando tive que tirar o sobretudo, a calça e a camisa comprados por T., com os quais me sentia tão à vontade, e ver meus próprios pés, e vestir os trajes de dama, o que me fez sentir como um cachorro preso por uma coleira muito visível.

— Você tem conhecimento de história – gaguejou minha tutora –, de geografia, ciências, literatura e línguas. Você é a jovem mais instruída de Londres. – Ela chegou a ponto de ousar dizer. – Há pouquíssimas coisas que você não conseguiria fazer caso se dedicasse a uma delas.

Eu sabia todas essas coisas, mas nenhuma delas servia para nada quando visitava M'Sukta, o que comecei a fazer regularmente, depois daquela primeira visita com T. A história que eu

conhecia não era a dela, a geografia que eu conhecia colocava uma manada de elefantes onde uma vez era seu povoado, a ciência que eu conhecia não me ensinou a fazer corantes, remédios e outras coisas que M'Sukta sabia fazer; a literatura que li falava sobre selvagens e *blackamoors*, isso quando era educada. As línguas que sei falharam completamente quando estive diante dela. ME TAO ACHE DAKEN SOMO TUK DE. Isto estava gravado na parede do *compound* próximo à porta do celeiro. Fiquei intrigada com a inscrição cada vez que a vi. Era latim? Grego? Uma vez, T. disse, rindo, que, enquanto eu me esforçava para decifrá-la, parecia bastante biruta. Depois ele me mostrou o folheto com a tradução. Era um ditado antigo do povo de M'Sukta, um povo sempre sitiado por uma razão ou outra: ELES NÃO PODEM NOS MATAR, PORQUE, SEM NÓS, ELES MORREM. Dificilmente o que se esperaria da filosofia primitiva de "A Selvagem na Estante", como um jornal local se referiu a M'Sukta, presumindo, com ignorância, que um museu é uma biblioteca. Agora eu tinha um novo dilema: que tipo de pessoa teria esse pensamento como guia de vida? Quanto mais eu ponderava sobre isso, mais enigmático se tornava.

Nesse ponto, os sinais no diário de anos de umidade, traças, de sua existência no fundo dos baús e nas malas de viagem em países distantes começaram, abruptamente, a aparecer. Havia páginas inteiras ilegíveis por causa da tinta desbotada; algumas seções foram literalmente comidas. Mary Jane tentou controlar sua frustração lembrando-se de que nem sabia que *havia* um diário de Eleandra; ela nem sabia que Eleandra existia. Então agradeceu os trechos do diário que conseguiu ler.

Apenas meu tutor de pintura [alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa – essa parte estava apagada] mostrou total impaciência comigo. Sempre o considerei um tanto taciturno e um pintor indiferente. Eu lamentava não ter liberdade, como mulher, para pintar. Eu não poderia ir para a Itália, por exemplo, como ele havia feito, e ele era pobre!

— Nada de autopiedade, por favor – disse ele, ácido. – Posso ir para a Itália trabalhando todos os dias com pessoas como você. – Nesse momento ele se curvou! – Economizando todos os meus ganhos, vivendo de biscoitos. Posso ficar dois meses. Posso pintar o que quiser, em dois meses. Você é uma mulher, mas é rica. As pessoas podem rir, mas não vão machucá-la se você pintar. Você pode pintar o dia inteiro. Pode pintar por meses, até anos, a fio. O que você quiser. E... – Ele não suavizou nada, mas pareceu olhar para mim com um desgosto ainda maior. – Você ainda é talentosa.

— Mas que coisa boa eu pintei? – perguntei. Eu pintava porque gostava, não porque sonhasse em ser boa. Ele me lembrou de uma pequena arte que fiz e que, na verdade, me intrigou enquanto a pintava. Era uma natureza-morta, como todas as minhas pinturas, chamada "Lápide e Fruta". Uma sepultura, uma pedra, frutas em cima do túmulo como flores. Eu não tinha ideia de onde veio a imagem, e disse isso a ele.

— Veio de você. De você, tentando dizer algo a si mesma. – Eu estudei com esse homem, de meia-idade e até que atraente, percebi agora, por três anos. Eu realmente nunca o tinha notado. Sua pele ictérica, suas mãos extremamente brancas e pulsos musculosos. A expressão em seus olhos. Ele trabalhou para minha família, para *mim*, enquanto seus próprios sonhos de crescimento e desenvolvimento como artista se desvaneciam. Dois meses na Itália! Eu sabia que tinham sido, na realidade, a vida dele. Então era este o poder que pessoas como nós

tinham. O poder de escravizar outras pessoas e frustrar seus sonhos. E eu nunca levei minha pintura a sério, enquanto sua vida, vivendo de biscoitos como ele disse, se esvaía lentamente.

Outra página desgastada:

— Essas palavras foram o que me fizeram continuar – contou M’Sukta anos depois, quando pudemos hesitantemente conversar. – Foi um presente dos meus ancestrais para mim, de verdade. Nem as canções significavam tanto para mim – e eu cantava o tempo todo só para ouvir minha língua –, nem saber tecer o tecido tribal, que tem essa magia que acontece enquanto é tecido: a aldeia existe, desde que você saiba como tecer, você também. Essas palavras nunca me chatearam (“me deixaram a cabeça pesada que nem grãos de arroz numa cabaça”) em todos os anos em que vivi no museu (“celeiro para humanos”). Essas palavras me traziam de volta quando a doença e a tristeza (“peso no centro do peito”) ameaçaram me levar embora (“comer a minha alma”). É um milagre (“o fim do arco-íris”) que estejam ali, gravadas na parede de barro ao lado da porta do celeiro, porque o nosso povo não lia nem escrevia; em vez disso, depositavam sua confiança (“peito aberto, sol brilhando) e sua história (“beijos e sobejos aos ancestrais”) na memória (“celeiro principal”) dos seres humanos (“aqueles únicos na terra que pensam no que é justo” – justo –, “duas mãos pegando quantidades iguais de grãos”). Eles acreditavam que tudo que já aconteceu está armazenado como memória na mente humana, ou no celeiro principal daquelas pessoas que são as únicas na terra que pensam no que é justo. A vida do meu povo é lembrar para sempre; cada celeiro principal está cheio. A vida do seu povo é esquecer; seus celeiros (“museus”), e não vocês mesmos, estão cheios. Posso lhe falar com sinceridade (“olhos firmes, coração calmo”) que conhecer o seu povo foi um choque terrível (“crianças tão pequenas fugindo”). Seu povo tem mais medo do que tinham; vocês não têm fé de que eram tão bons ou melhores do que são agora. Este não é o nosso caminho (“trajetória”). Não só éramos tão bons no início como somos agora, como somos iguais (“dois grãos de areia, idênticos”).

Quando ela disse isso, fiquei pensando naquela noite, tanto tempo atrás em Londres, quando fui assistir ao balé com T., aquele balé escandaloso do qual mamãe e papai se retiraram. Eu achava que tinha ficado excitada apenas pela dissonância “selvagem” da música, pela cacofonia estrondosa e de rebanho da dança, que certamente não era balé, sem os movimentos formais, precisos e nada naturais a que estávamos acostumados. Achei que estava respondendo às roupas bizarras. A escassez, por um lado, os trajes e as cores escandalosas, por outro. Tão bárbaro, tão selvagem. Mas talvez T. e eu estivéssemos reagindo ao primeiro vislumbre de nós mesmos antes de nós, e toda a Grã-Bretanha, toda a Europa, sermos pressionados nas formas criadas para nós pela civilização. Talvez a donzela dançando até a morte em seu “casamento” com o sol tenha tocado algo em nossa profundidade. Talvez ela estivesse expressando um sentimento pela natureza que os ingleses posteriormente só expressaram educadamente, com moderação, nos seus jardins e na sua insistência em grandes parques.

Para onde foi então a paixão pelo louvor entre meu próprio povo? Certamente não estava na Igreja, nem na católica nem na Igreja da Inglaterra. Os conquistadores romanos pareciam ter nos tomado isso, e, no entanto, pensei, na dança apaixonada da jovem donzela virginal podia ser vislumbrado parte da verdade sobre quem éramos nós, ingleses. Existia paixão e selvageria em nós antes que fossem domesticadas. Mas na verdade não se tornaram domesticadas, foram apenas reprimidas – e a adoração da natureza se transformou no seu oposto, e o resultado final foi uma natureza selvagem devastada e espoliada, pessoas acorrentadas, e uma pequena mulher negra trancada num museu sob um céu falso.

Foi Sir Henley Rowanbotham quem mandou esculpir as palavras de M'Sukta na parede de barro ao lado do celeiro. Ele era comandante do exército britânico enviado para administrar as necessidades da Companhia Real de Exploração Colonial, Ltda. Os homens sob seu comando garantiam passagem segura por toda a África aos exploradores e empresários da Inglaterra que se vangloriavam, se vissem o suficiente – ao entrar em contato com coisas como febres, areia movediça e mambas – de fazer fortunas sem demora na África, comprar e vender entre os nativos, reivindicar enormes extensões de terra e todos os minerais e diamantes e tudo o mais que pudesse conter ali. O comércio escravagista ainda não tinha acabado, embora estivesse nas últimas, pelo menos no Ocidente, e ainda havia dinheiro a se fazer. Rowanbotham foi profundamente influenciado pelas aventuras de Sir Richard Burton, outro militar, a quem aceitou como seu guia pessoal em relação às coisas nativas. Tal como Burton, pensava-se que ele tinha se apaixonado perdidamente por uma mulher nativa – africana e não persa – e, tal como Burton, ele, de outras formas, mergulhou na vida e nos assuntos nativos. Ele era, de novo igual a Burton, adepto do aprendizado de línguas e tinha uma fascínio genuíno por elas, e passava as longas e úmidas noites tropicais da estação das chuvas sentado numa mesa à janela do Clube Real Colonial, elaborando um alfabeto nativo.

Foi a partir de suas anotações que comecei a compreender o povo de M'Sukta e sua história, além do que eu já tinha aprendido com ela. A aldeia de M'Sukta, os Balawyua, ou Ababa, coloquialmente, sempre foi, desde tempos imemoriais, um matriarcado. Rowanbotham, criado no leste de Londres por uma mãe e três irmãs mais velhas que o adoravam mais que tudo, tinha uma afinidade especial por matriarcados. Foi ele quem, quando toda a sua aldeia foi vendida como mão de obra escrava ou morta, resgatou M'Sukta e arranhou abrigo para ela no Museu de História Natural; e como só ela poderia transmitir a história do antigo modo de vida de seu povo, e porque, a não ser ela e o menino que veio com ela, não havia ninguém que entendesse sua língua, Rowanbotham a apelidou de “pedra de roseta africana”.

Nesse ponto havia a evidência mais enlouquecedora do trabalho de dentinhos minúsculos. As traças tinham mastigado o restante da página; na verdade, o restante do diário começou a encher o ar em torno da cadeira de Mary Jane na forma de uma nuvem de poeira. Isso a fez espirrar. Então era isso. Tudo que ela provavelmente saberia sobre Eleandra Burnham Peacock, pelo menos de seu próprio punho.

Mas certamente uma marca de progresso moral e maturidade espiritual é a capacidade de ser grata por meio de um presente, não? Mary Jane manteve firmemente esse pensamento em mente mais tarde naquela semana, enquanto estava diante da cama vazia de sua tia-avó Eleanora. Ela morreu enquanto Mary Jane estava sentada em “seu quarto” na biblioteca, vasculhando suas coisas.

No funeral estavam presentes apenas Mary Jane e a bibliotecária, o reitor da faculdade, sua enfermeira e o advogado de Londres. Havia um obituário longo, principalmente sobre seus anos na África (sua escrita foi descartada em meia linha), mas também sobre sua semelhança com uma

antiga Lady Burnham, a Lady Eleandra Burnham Peacock. Esse nome trouxe à mente do redator do obituário os nomes de duas outras mulheres inglesas, “ultrajantes em sua época”, que se “tornaram nativas” no grande estilo antivitoriano da Inglaterra: Lady Hester Stanhope e a fascinante e belíssima Lady Jane Digby El-Mezrab. A coisa mais memorável na vida desta foi, pelo visto, que não só deixou a Inglaterra para viver na Arábia, como também se casou com um árabe.

No dia seguinte ao funeral de Lady Burnham, foi relatado que ela havia deixado a maior parte de seus bens para uma sobrinha-neta dos Estados Unidos, Mary Ann Haverstock, que, infelizmente, também está morta. Ela foi descrita como “uma política radical com gosto por negros e psicótica mental com gosto por drogas”. Aliviado por essa desajustada não existir mais, o redator do obituário apressou-se em informar que o patrimônio de Lady Burnham seria destinado ao financiamento de um grupo antropológico do qual ela gostava na África.

Os redatores de obituários eram mais engraçados na Inglaterra do que nos Estados Unidos, pensou Mary Jane. Mas como Eleanora sabia da existência dela? Talvez, durante a época em que se envolveu em escândalos nos Estados Unidos, sua tia ficou sabendo de sua existência e viu algo – notícias sobre os pés descalços enegrecidos de Mary Jane, seus cabelos despenteados, seu envolvimento com um lumpesinato de cor – que pudesse aplaudir.

De volta à biblioteca pela última vez, ela descobriu nas prateleiras os cinco volumes de Eleanora reunidos, com as folhas sem cortes. Ela os pegou, colocou os livros em sua bolsa espaçosa e sorriu ao passar pela bibliotecária um tanto reanimada nos últimos tempos. Mary Jane sabia que estava de partida para a África e pensava nas duas Eleandras, uma tão ávida por experiência de vida, a outra casada humildemente até o esquecimento; sete décadas não conseguiram atenuar o desprezo de seu irmão gêmeo por ela. Ela também pensou em Eleanora, cujos livros, ela esperava, a revelariam a Mary Jane, assim como o diário de Eleandra, “a Lady Peacock”, havia, de uma forma importante, revelado Mary Jane a si mesma.

Ela parou em uma loja de materiais artísticos a caminho do cais – seu navio partiria à meia-noite – e comprou pincéis, terebintina e tintas suficientes para durar um ano.

PARTE IV

Ele – pois não havia dúvida quanto ao seu sexo, embora a moda da época fizesse alguma coisa para disfarçá-lo – estava no ato de cortar a cabeça de um mouro que pendia das vigas. Era da cor de uma bola de futebol velha, e mais ou menos do formato de uma, exceto pelas bochechas encovadas e uma ou duas mechas de cabelo áspero e seco, como o de um coco. O pai de Orlando, ou talvez o seu avô, arrancara-o dos ombros de um robusto pagão que surgira sob a lua nos campos bárbaros de África; e agora balançava, suave e perpetuamente, na brisa que nunca parava de soprar pelos quartos do sótão da gigantesca casa do senhor que o matara.

— *Virginia Woolf, Orlando*

Tenha sempre em mente o presente que você está construindo.
Deve ser o futuro que você deseja.

— *Ola*

— Carlotta não tinha substância – disse Suwelo a uma dona Lissie de costas.

Isso foi antes de ele vender a casa do tio Rafe e voltar para São Francisco. Era um domingo de novembro, e em Baltimore começava a fazer um frio matinal que o lembrava do norte da Califórnia. Ele estava sentado em um banquinho ao lado da pequena mesa de corte na cozinha, limpando com cuidado uma pilha de caranguejos cozidos de Maryland. O senhor Hal estava em um balcão cortando pimentões e cebolas e chorando por causa dos gases da cebola, e dona Lissie mexia com atenção um molho branco que escurecia lentamente, exalando um cheiro amanteigado de pão queimado de que Suwelo não sabia dizer se gostava. Ele não conseguia imaginar como uma base de farinha queimada poderia ficar boa em um ensopado.

— Você mora em São Francisco, com todos aqueles frutos do mar, e nunca comeu gumbo? – O senhor Hal estava incrédulo.

Suwelo os convidou para passar o fim de semana. No fundo, ele provavelmente estava fingindo que eram seus pais, mas não se importava. Eles apareceram naquela manhã mesmo na caminhonete do senhor Hal e trouxeram meia dúzia de sacos de coisas: tomates, pimentões, cebolas, quiabo e filé, duas galinhas, pedaços de bacon e carne bovina, um pedaço de carne de porco, longas peças de linguiça escura cheirosas, uma cesta quase transbordando de caranguejos, um saco de arroz com estampa colorida, jarras de limonada pronta e chá gelado.

Assim que começaram a andar pela cozinha, abrindo gavetas, afiando facas, reclamando que aquele saleiro “do diabo” nunca funcionava, Suwelo percebeu que aquele era o lugar deles. Dona Lissie tirou os sapatos e ficou descalça, e o senhor Hal se acomodou, desabotoando sua camisa branca de manga curta, revelando uma camiseta cor de pêssego, que dizia, na frente: “Ecstasy é para sempre.” Seu cabelo estava mais branco e comprido do que quando Suwelo o conheceu e, com os seus suaves olhos castanhos e os seus modos corteses, mesmo na cozinha, ele parecia um George Washington Carver à vontade, gentil e feliz da vida.

— O que quero dizer sobre não ter substância é que ela era toda imagem. Era toda imagem quando a vi pela primeira vez, toda imagem quando a conheci, e toda imagem...

— Depois que você foi para a cama com ela – dona Lissie completou o pensamento para ele. – Me dê as cascas de caranguejo que você limpou. Preciso ferver para armazenar. – Suwelo as entregou para dona Lissie.

De vez em quando, contava-lhes pequenas histórias da sua vida; embora nunca tenham perguntado. Ele sentia que os conhecia mais intimamente do que conhecia os próprios pais – que haviam morrido em um acidente de carro, resultado de uma das crises de embriaguez do pai, quando Suwelo estava na faculdade – e que tentar não compartilhar sua vida com eles fazia com que se sentisse um ladrão. Além disso, ele precisava de ajuda com Fanny.

— Quando Fanny voltou da África pela primeira vez – Suwelo começou a contar –, sabíamos que o casamento não ia dar certo já que ela realmente não queria. Ela *odiava* isso. *Odiava* a instituição do casamento. Ela disse que o anel que as pessoas usavam nos dedos, simbolizando o casamento, era obviamente um resquício de corrente. Ela não *me* odiava. Isso, pelo menos, eu estava começando a entender. Por um lado, quando regressou da África, onde ficou por seis meses, a única vez na vida em que pôde estar com a mãe e o pai, o seu amor por mim era incontestável. Caímos um sobre o outro numa orgia de reconciliação que durou semanas. E isso só foi possível porque, quando fui buscá-la no aeroporto, disse sem rodeios que a amava e que, para mim, estava tudo bem o divórcio.

— *Humm humm...* – dona Lissie murmurou. Ela virou a panela para que Suwelo visse o tom escuro de caramelo do molho branco. O senhor Hal atravessou a cozinha, com as mãos cheias de cebola e pimentão picados, que jogou na panela. Houve um som abrasador e crepitante, ao que dona Lissie exclamou:

— Ah, merda, o quiabo deveria ter ido primeiro. Mas que seja. Fazer gumbo é como fazer a melhor música, uma arte improvisada. – Ela serviu-se de uma taça de vinho e bebeu enquanto mexia a panela.

— Também sabíamos – Suwelo continuou – que não poderíamos viver na Costa Leste, nos subúrbios de Nova York. Morávamos, acredite, num pequeno enclave de classe média chamado Forest Hills. As casas eram bonitas e tinha árvores e amplos gramados, mas todo mundo estava

sempre tentando fazer as coisas parecerem mais antigas, as casas, as árvores. Às vezes tinha a sensação de que os nossos vizinhos saíam de noite e batiam nas paredes das casas com paus e puxavam os arbustos e as árvores, tentando esticar para ficar numa altura mais imponente. Eles tentavam atribuir o nascimento de alguma pessoa famosa ao local, mas, como as pessoas se mudavam a cada poucos anos e isso sempre acontecia, era difícil de acreditar. Eles finalmente encontraram um jogador famoso de beisebol que certa vez alugou uma casa lá e falaram em colocar uma placa. Nossa casa era a mais antiga de lá. Não tivemos dificuldade nenhuma para vendê-la. Assim que informamos nosso interesse, até mesmo alguns de nossos vizinhos, mudando e envelhecendo, quiseram comprar. Vendemos para outra família negra, porque sabíamos que um dos motivos pelos quais nossos vizinhos queriam comprar nossa casa era para impedir a entrada de outras pessoas negras.

“Mas para onde ir? Fanny passou um verão em Iowa, então ela sabia que não conseguiria respirar no Meio-Oeste. Muito longe dos oceanos, ela disse. E aquela besteira de que a pradaria é parecida com o oceano é para os pássaros. Ainda tem pradaria suficiente para mijar.

“Teve uma vez que passei cinco minutos no Wyoming. Outros cinco em Montana. Na verdade, certa vez, no ônibus, a caminho de Seattle para o casamento de um amigo, passei cinco minutos em cada um desses estados do noroeste. Muito isolado. Não há cor suficiente. Também não há concreto suficiente.

“Então Oakland realmente nos atraiu. Não São Francisco. Porque todo mundo sabia que estava cheio de gays e os parques, infestados de perversos; além disso, fazia frio no verão. Mas conhecíamos pessoas que moravam em Oakland, e, sempre que vinham para o leste, ficavam muito felizes com a perspectiva de voltar para Oakland. Isso nos impressionou. Quase sempre a gente não queria voltar para casa, em Nova York. Os pedestres eram rudes. Os motoristas de táxi, impossíveis. Ficávamos nervosos a cada minuto de nossa existência, do lado de fora da porta de nossa casa.

“Mas o que aconteceu em Oakland? Não conseguimos encontrar um apartamento. Fanny não gostava do calor, e as ruas, ela disse, a remetiam a Los Angeles, que tinha visitado uma vez e *odiado*. Tremendo de ansiedade, cruzamos a ponte da baía. A neblina saía da cidade, como se fosse puxada

por uma mão gigante. O sol refletia nos prédios brancos, e ficamos praticamente cegos. Ao nosso redor havia água. O tempo estava revigorante e a luz era peculiarmente brilhante. ‘Olhamos para as nossas mãos, e elas pareciam novas, olhamos para os nossos pés, e eles pareciam novos também!’” – Suwelo cantou a letra da antiga canção espiritual negra sobre libertação, o que fez dona Lissie e o senhor Hall rirem.

“Encontramos um apartamento grande na rua Broderick, no alto, com vista para um pedacinho da *vermelha* Golden Gate Bridge e um vislumbre das colinas além dela, que descobrimos não serem em São Francisco, mas no condado de Marin. No mesmo instante, começamos a pensar em coisas para fazer que nunca havíamos feito: tai chi, trilhas, aprender a velejar no Lago Merced. Durante todo esse tempo, nosso divórcio estava se encaminhando e estávamos extremamente felizes. Então, se tornou definitivo e fiquei deprimido.

“‘Não tenho mais esposa!’, gritei.

“‘Você tem uma amiga’, respondeu ela. ‘E sua amiga está se mudando para o quarto dela.’

“‘O quê?’

“‘Lembra como você ficou chateado quando eu quis o divórcio?’

“‘Lembro.’

“‘Bem, todo aquele seu sofrimento foi em vão, né?’

“‘Mas, mas, mas’, eu tentava dizer.

“‘Mas o quê?’ Ela riu.

“‘Isso significa que nunca dormiremos juntos?’

“‘Essa é sempre sua primeira preocupação.’ – Ela suspirou, depois respondeu: ‘Não. E espero que isso signifique que, quando dormirmos *juntos*, a gente não durma separados.’

“Mas eu estava com raiva, estava confuso. Fiquei muito, muito magoado. Eu me sentia enganado por ela. Sentia que ela estava me rejeitando.

“Tentei fazer com que ela dissesse que não se mudaria para seu ‘quarto’ – ela estava ocupando os três quartos dos fundos da casa, deixando para mim os mais ensolarados e solitários da frente – até que eu fosse desmamado. Ela riu. Eu *estava* tentando tornar isso engraçado.

“Só até eu *desmamar*, dissera eu, rastejando em seus braços e colocando as mãos debaixo de sua blusa. Eu amava os peitos dela. Suwelo olhou para

dona Lissie, que estava olhando para a panela de gumbo com o cenho franzido.”

— Eu não aguentava nem pensar neles se mudando.

Dona Lissie pegou o resto das cascas e da carne do caranguejo. Suwelo observou enquanto ela os colocava em potes separados. O senhor Hal agora estava limpando cubos de carne em um pequeno monte de farinha. Dona Lissie entregou a Suwelo uma faca e a linguiça. Ele cortou o comprimento de um pênis.

— Você parece muito inocente – comentou dona Lissie.

O que ela quis dizer com isso?, Suwelo se perguntou. Ela quis dizer que essa história fazia parecer que Fanny não o amava? Que não queria ficar com ele? Que ele era uma vítima inocente? Isso fazia Fanny parecer lésbica?

— As lésbicas viviam ao nosso redor, sabe – disse Suwelo, em tom de enfrentamento ao desafio final. – Mulheres lindas, lindas, muitas delas, embora algumas não parecessem tão gostosas. Só de vê-las passeando juntas, subindo as colinas, tomando sol nos parques, comendo ruidosamente nas maiores mesas dos restaurantes de Berkeley, dava vontade de chorar. Elas nos *abandonaram!* Porra, essas vadias eram tão duronas que abandonaram *Deus!* Foi quando estavam descobrindo a Deusa, e o tempo todo era Deusa pra lá e Deusa pra cá. Uma vez eu perguntei a uma mulher negra na rua onde ficava o novo ponto de ônibus, porque estavam consertando o antigo ali na rua em que estávamos, e ela só olhou para mim, fez uma cara de indiferença e respondeu simplesmente: “A Deusa sabe.” Eu fiquei boquiaberto.

— Ahh! – respondeu dona Lissie.

— Então, eu estava com medo de que ela me deixasse por uma mulher. Olha, não estou sozinho. É o grito dos tempos, caso vocês não tenham percebido. Os únicos homens que não têm esse medo vivem em cavernas e selvas em algum lugar, com suas mulheres ainda amarradas no chão à noite por argolas no nariz.

O senhor Hal riu.

Suwelo notou a própria agitação. Ele recostou-se, deu um gole na cerveja que dona Lissie lhe servira e tentou controlar a respiração. Era difícil lembrar o que tinha passado.

— *Fanny sempre saía com essas pessoas* – ele disse.

— Com *que* pessoas? – perguntou dona Lissie, saltando os cubos de carne em óleo, onde colocara tempero de alho. – Certamente não são as pessoas com piercings no nariz.

Agora o senhor Hal deu uma gargalhada.

— Não, Lissie – disse o senhor Hal, entrando na conversa. – As *outras* pessoas. As que criticavam os piercings no nariz.

— Ah, *essas* – disse ela, sorrindo.

Esta foi a primeira vez, por incrível que pareça, que Suwelo sentiu que a dona Lissie e o senhor Hal gostavam dele, não porque ele fosse parente do tio Rafe, mas porque ele era ele mesmo.

Sua história assumiu um aspecto um pouco mais humorístico em sua mente.

O senhor Hal aceitou o que realmente acreditava – e esperava que a realidade não o tornasse um mentiroso –, mas ele pensou que talvez fosse possível que ele tivesse um... baseado.

Mas não conseguiu encontrar.

— Ah, está bem – disse ele a Suwelo –, continue a operação sem anestesia.

— Mas o que eu quis dizer com inocente – explicou dona Lissie – foi: o que você ficou fazendo enquanto Fanny estava na África? Se você é homem – ela disse “homem” exatamente como diria “cachorro” –, você brincou por aí.

— Caí na pornografia – respondeu Suwelo sem rodeios. – Eu estava *solitário*. Caí com tudo nas prostitutas. Mas tenho um coração muito mole. Sempre queria saber tudo sobre a vida delas, a que eu mais gostava tinha *cinco* filhos, e no fim das contas recebia uma dose terrível de palmas. – Ele gostava de dizer “dose terrível de palmas”; soava como o senhor Hal ou a dona Lissie.

— Ô, hélas! – disseram simultaneamente.

E Suwelo pensou: quando foi a última vez que ouvi alguém dizer “Ô, hélas!”? Ele não ouvia essa expressão desde que era menino. Então sentiu que havia recebido algo precioso; como uma fotografia antiga, uma carta antiga ou um perfume de uma época que de outra forma não existiria.

— Eu não contei para Fanny. Lógico que não. Para quê? Felizmente consegui me curar algumas semanas antes de ela voltar para casa. Parei com as prostitutas. Ou melhor, meu membro desistiu delas por mim: se

recusava a funcionar no que temia poder ser um território contaminado. Mas eu estava viciado em revistas femininas, mulheres nuas para espiar em gaiolas de vidro, filmes com bondage e atos sexuais “ao vivo” no palco. Quando pensei no que os seis meses de Fanny na África me proporcionaram, foi prazer sem culpa na pornografia. Minha mulher me deixou, entende, levou minhas coisas legítimas para outro continente, totalmente fora do alcance do meu pau, e me deixou chapado e seco. Bem, eu sabia como me resolver sem ela. Havia muitas outras mulheres no mundo. Essa foi a minha atitude.

— Tome outra cerveja – dona Lissie ofereceu secamente.

— Eu me recuperei dessa depravação. Não precisa ficar tão enjoada. Demorou um pouco, mas...

— O que me mata – dona Lissie interrompeu – é que os homens sempre acham que as mulheres nunca sabem.

— Fanny *não* sabia – respondeu Suwelo. – Mas você teria que conhecer Fanny. Fanny – Suwelo pensou muito sobre como poderia descrever Fanny de maneira simples, para que os dois idosos entendessem –, Fanny, bem, a Fanny é... uma pessoa que vive no mundo dela.

Dona Lissie estava cortando uma das galinhas. A gordura amarela estava amontoada ao lado de sua mão. Como sempre, as galinhas depenadas pareciam bebês pelados para Suwelo, então ele desviou o olhar.

— A senhora é um espírito que teve muitos corpos e viaja no tempo e no espaço dessa forma – disse Suwelo. – Fanny é um corpo com muitos espíritos disparando para diferentes reinos quase todos os dias. Se ela poderia se apaixonar por um poeta russo que morreu lutando na Revolução Russa de 1917, ela não se preocupava muito com o fato de eu sair uma noite por mês com “os meninos”. Embora nunca houvesse “meninos” – acrescentou ele rapidamente. – Eu sempre saía sozinho, meio que escondido, como um criminoso, depois que ela voltou. Eu li todas as coisas das mulheres modernas sobre política e *homens*. Eu sabia que o que estava fazendo era malvisto. Porra, eu sabia que era errado. Eu sentia que era. Mas uma noite eu estava tão irritado com a distração de Fanny que cheguei a assediar uma jovem numa gaiola de vidro. Pude ver que ela não estava prestando atenção em mim, mesmo enquanto se contorcia, gemia e contraía os lábios. Eu sabia que, se ela realmente tivesse olhado, eu teria parecido grande, negro e corpulento, e ela teria ficado assustada, já que

era apenas uma garota na puberdade, metade branca, mascando chiclete, nua e, sem dúvida, drogada, na pequena gaiola suja. Comecei a sacudir a gaiola e a mostrar os dentes como o King Kong. Ela morreu de medo. Acho que a fiz engolir o chiclete.

“Mas Carlotta também vivia no mundo dela, à sua maneira”, Suwelo prosseguiu, tomando outro gole de cerveja. “Ela era tão superfeminina, à moda antiga, que era como se nunca tivesse percebido que havia outras maneiras de uma mulher ser. Ela usava esses saltos de dez centímetros todos os dias. Estou falando de salto alto agulha. Ela até cozinhava – e eu soube disso quando fui para casa com ela – com saltos de dez centímetros. Esses saltos são feitos para fazer o homem sentir que tudo que precisa fazer é empurrar suavemente e a mulher está pronta. Saltos dez dizem: ‘Me come.’ Carlotta ensinava literatura feminina – que Fanny se perguntava se ela já havia lido – com saltos dez. Ela usava roupas que marcavam cada curva de seu corpo delicioso. Roupas que caíam bem. Saias que grudavam. Saias curtas. Maquiagem. Brincos. Cílios postiços algumas vezes. O marido dela, um músico – ela nunca disse o nome dele – a deixou e foi embora do país. Ela não tinha família nem amigos. Apenas os dois filhos, um menino e uma menina. Eu os levava para passear, para o balé e o futebol. Eles logo ficaram dependentes de mim. Fanny tinha ido de novo para a África. Eu sabia que Carlotta queria se casar comigo. Ela sabia que eu já era casado, e Fanny e eu nunca conversamos sobre nosso divórcio; para quê? Era um assunto privado, na verdade. E ela sabia sobre Fanny. A faculdade onde Carlotta e eu lecionávamos era um lugar muito quadrado. Depois de reclamar e ficar doida sobre como tudo era, Fanny largou seu emprego administrativo de meio período lá e abriu uma pequena casa de massagens na mesma rua. Todos, alunos e professores, iam lá. Até Carlotta foi. Fanny nunca soube que Carlotta não gostava dela. Naquele ano Fanny estava convencida de que Jesus era um massagista, que era *isso* que significava a cura original pelo toque que Jesus fez na Bíblia! Ela gostava de impor as mãos. Fez cursos de massagem na Escola de Massagem de São Francisco. E aprendeu a fazer acupressão.

“Carlotta não gostava do estilo de Fanny. Fanny havia desistido de muitas coisas às quais Carlotta ainda se agarrava. O trabalho respeitável, os vestidos e saias, o salão de beleza – Fanny usava o cabelo bem curto –, os saltos altos, o batom. Ela usava camisetas, sandálias e calças largas de tai

chi. Fanny estava mentalmente em Jerusalém, no Mar Morto, passeando pela Galileia. Ela ficou, por cerca de um ano e meio, realmente interessada em ser Cristo. Ou, como ela diria, ‘um Cristo’, que ela dizia que qualquer pessoa poderia ser. Todos adoravam suas massagens porque ela mesma gostava muito. Nunca terminavam na hora marcada, podiam continuar indefinidamente, e havia alguns corpos em que trabalhava que, segundo ela, a inspiravam. Ela colocava uma música suave para tocar – você nunca tinha ideia de quem eram os artistas; simplesmente sabia que nunca tinha escutado em nenhum outro lugar, exceto ali – o incenso para queimar, a sala morna, suas mãos ficavam quentes e escorregadias por causa dos óleos perfumados que usava. Amêndoa doce era meu favorito. Até eu costumava ir até ela, especialmente depois das reuniões do corpo docente. Essas reuniões sempre me deixavam tenso como um tambor. Todos aqueles chefes de departamento, homens brancos, fingindo que os brancos têm tudo por mérito, e é *óbvio* que a faculdade não era racista só porque ninguém nunca tinha ouvido falar de George Washington Carver; como alguém poderia pensar tal coisa?

“Realmente, Fanny desistiu de tudo por muito, muito tempo. Desistiu até dos livros, que adorava!

“Sabe o que ela disse? ‘Prefiro ler as árvores. Não é com a queima de livros que as pessoas precisam se preocupar tanto; são as árvores que estão desaparecendo.’

“Ela deixou de ouvir música, a não ser quando fazia massagem. Até Mozart, que adorava. Acho que gosto do silêncio. É como música para mim. Gosto da natureza eterna do silêncio. É uma música que podemos ouvir na vida e na morte, ela disse.

“Depois, quando seu pai morreu, ela voltou para a África. Foi uma época bem ruim para ela. Tinha acabado de conhecê-lo, e a irmã também. E ela gostava dele. Ele era engraçado, irreverente e rebelde. Ele a fazia rir. A sua mãe, contou ela, que tinha sido missionária na África durante muitos anos, quando jovem, sempre dizia que os africanos eram pessoas bem tristes. Seu pai era tão parecido com ela, ela sentia, que achava graça só de ver parte de si mesma lá fora, no mundo, em outra pessoa. E ele era o pai dela! Ela nem sabia que tinha um.

“Carlotta não conseguia entender que ela me deixava sozinho por tanto tempo. Disse que sentia pena de mim. Ela *tirou* o cabelo dos óculos

escuros, onde sempre caía, e estufou o peito. Tocou seu decote fúcsia. E estendeu as pernas, os saltos dez agulha. Eu já tinha visto mulheres como ela, flexíveis, queimadas de sol, com cinturas finas e secas e seios empinados, em revistas e nuas no palco. De certa forma, sempre que olhava para ela, via aquelas outras mulheres. A primeira vez que a beijei, ela deixou batom em todo o meu rosto.

“Mas eu me acostumei com isso. Cheguei até a desejar o perfume dela, que era tão insistente como uma aldrava de latão. Eu ia para o seu apartamento barato depois da aula e a observava andar pela cozinha de salto alto enquanto fazia o jantar, e, às vezes, eu simplesmente a agarrava e íamos parar no chão da cozinha. Acho que ela não gostava muito disso tudo. Mas, na época, pensei que talvez gostasse. Ela era bastante impassível; uma vez, pensei que o batom tinha sido pintado no formato de um sorriso que ela costumava ter, mas afastei o pensamento e estoquei mais fundo. Eu não tinha ideia de como era difícil para as mulheres relaxarem sexualmente quando os filhos estavam por perto. E os dela ficavam no fim do corredor. Poderíamos trancar a porta da cozinha, o que fazíamos, e era rápido; ainda assim, deve ter sido uma tortura para Carlotta. Ela realmente amava as crianças e era muito religiosa, ainda por cima. E muito religiosa, piedosa e pudica era, com certeza, como aquelas crianças a viam, porque, entre outras coisas, ela estava sempre rezando, acendendo velas, cruzando as mãos e lamentando. Mas ela falava comigo sobre os problemas? De jeito nenhum.

“‘Me conta sobre o seu povo?’ Pedi a ela uma vez, enquanto estávamos deitados pelados depois de um sexo no qual eu literalmente a arrastei para a cama.

“‘Não tenho ninguém’, respondeu ela. Lágrimas, no entanto, escorriam pelas laterais de seu nariz.

“‘Ah, qual é. Todo mundo tem sua gente!’

“‘Eu não tenho’, reafirmou ela.

“‘Me conta sobre seu pai então.’ Pedi. Na verdade, era difícil dizer qual era a nacionalidade dela. Talvez ela *não* tivesse ‘um povo’.

“‘Não tenho pai.’

“‘Isso parecia altamente improvável.

“‘Então me conta sobre sua mãe. Até Deus’, provoquei, ‘segundo rumores, tem uma dessa.’

“‘Não tenho mãe.’ Foi a resposta dela.

“‘Me conta sobre o pai dos seus filhos’, insisti.

“‘Eles não têm pai.’

“Então ela era só um corpo. E estava tudo bem para mim se ela ficasse desse jeito. Depois de transar com ela, eu sempre pensava em Fanny. Eu a acompanhava mentalmente pela África, tentando imaginar as coisas que ela via.

“Só se eu me casasse com Carlotta, ela ia me dizer quem era, talvez. Quem era seu povo, quem era seu pai e sua mãe. Quem era seu marido. Eu nem sabia se eles eram divorciados. Esse era o acordo que ela tinha em mente. Se eu me casasse com ela, aí poderia me confiar seus segredos. Mas eu meio que gostava de ser solteiro. Gostava especialmente de ser solteiro com Fanny. É estranho dizer, mas senti que havia mais liberdade no nosso amor. E não só porque eu estava transando com Carlotta.”

— Homens são *cafajestes* – disse dona Lissie desapaixonadamente, mexendo a panela preta de gumbo com uma colher de pau. O cheiro estava começando a ficar maravilhoso. O senhor Hal encontrou seu baseado, e cada um deles deu uma tragada.

— Vocês iam adorar o norte da Califórnia – disse Suwelo. – Lá a gente planta essas coisas no quintal.

No “quintal”. Amigos emprestaram uma pequena tenda e cinco acres de terra no verão. Eles imediatamente plantaram uma horta com pimentões, tomates, cebolas, couve e maconha. Transportavam água do parque local para a horta, e o esterco vinha das ovelhas dos vizinhos. Suas plantas eram altas, escuras e pungentes. Eles as chamavam de “Mulheres Grandes”. Uma tragada, e dava para entender que se estava onde deveria estar e tudo o mais. Tranquilo. Suwelo e Fanny usavam muito essa palavra.

“A África não é tranquila”, Fanny escrevera numa das suas cartas. “O narcótico local é uma bebida caseira espumosa que o deixa atordoado, e as pessoas fumam cigarros norte-americanos horríveis que poluem o ar, causam halitose e as deixam doentes. Sinto como se não respirasse há três semanas.”

“O enterro do meu pai, o primeiro dos três que ele teria, foi um evento impressionante”, Fanny escrevia agora. “Foi numa das igrejas da capital, que era frequentada só por brancos antigamente, a três quarteirões do Ministério da Cultura. Eu não tinha ideia do que vestir para um funeral africano de tão alto nível, mas, quando liguei para minha mãe na Geórgia – que disse que queria ir pessoalmente, mas a artrite no quadril estava muito pior – e falei onde seria o funeral, ela disse: ‘Você vai de preto.’ Quando contei a ela sobre os outros dois funerais, que aconteceriam no povoado do meu pai, ela disse que em um deles, para os homens do povoado, eu não poderia comparecer, e que no outro eu deveria usar branco, a cor Olinka para o luto, e deveria pintar meu rosto de branco também, minhas mãos, e qualquer outra parte do meu corpo que estivesse à mostra. Por algum motivo, a informação sobre esse último funeral, o funeral do povoado, me alegrou, embora a roupa branca que trouxe comigo, uma blusa e saia simples, parecesse demasiado informal para algo tão formal quanto um enterro. E eu não tinha tinta para me pintar de branco.

“Assisti ao grande funeral nacional, na verdade internacional (dignitários de muitos países: Cuba, Nicarágua, Angola, Alemanha Oriental, Suécia e Dinamarca, entre outros, foram prestar as homenagens de seus países), com parte da minha atenção já focada no próximo, e em onde encontrar tinta branca.

“Minha irmã, Nzingha, se sentou ao meu lado, e seu marido, Metudhi, ao lado dela. Ela olhou para mim durante um dos discursos um tanto elaborados e sorriu. Eu sorri também. No tablado à nossa frente estava o caixão de Ola. Uma criação dele mesmo, um grande tronco de mogno minimamente alisado e polido, cujas extremidades eram inclinadas para cima e para dentro, como as pontas dos chinelos de um califa; o topo oval e oblongo se encaixava no tronco como faria a tampa numa panela.

“No passado, o corpo de Ola teria sido embrulhado em casca de árvore e deixado debaixo de uma outra árvore na floresta. Agora teria que ser enterrado, mas talvez não muito fundo. Eu não suportava a ideia de meu pai ‘jogado nas ruínas da babilônia’, como dizem os Rastas.”

Sozinho no apartamento da rua Broderick que ele e Fanny dividiram, Suwelo esperava, ansioso, pelas cartas de Fanny, que pareciam partes de uma revista africana moderna de aventuras. Eles estavam vivendo em mundos diferentes, embora, às vezes, ele se sentisse muito próximo dela. Sentado à sua mesa perto da janela que dava para uma movimentada rua de São Francisco, ele frequentemente erguia o olhar das palavras dela para pousar os olhos no “seu” canto minúsculo da Golden Gate Bridge, enquanto a névoa refrescante girava em torno da ponte. O mundo dela, naquele momento, era quente e úmido, ele imaginou, e continha toda a cor e todo o drama que o dele não continha. Ele tentou evocar o rosto de Fanny Nzingha e encontrar um lugar para si em cada um dos funerais de Ola.

“Enquanto as homenagens, arrastadas, continuavam, me perguntei se Nzingha estaria pensando no dia em que nosso pai casualmente nos apresentou”, escreveu Fanny. “Ela era assistente dele no Ministério da Cultura e, quando ele levou a mim e a minha mãe lá pela primeira vez, me contou que tinha uma surpresa maravilhosa, alguém bem parecido comigo. Quem? Perguntei. Minha jovem assistente, ele respondeu. Assim que passamos pela porta, entendi o que ele queria dizer, embora Nzingha estivesse usando, como eu viria a descobrir que sempre usava, um volumoso manto tradicional e um turbante combinando. Ela tinha os meus olhos, e percebi pela primeira vez, feliz, que os olhos das novas gerações africanas, depois das de meu pai, eram mais claros que os dos antigos, menos amarelos da fumaça das fogueiras nos barracos e cabanas, menos injetados de sangue. Ela também tinha o meu nariz, o nariz apache que fez meus colegas, quando eu estava no ensino médio, me chamarem de Cochise. Havia também algo de mim em seus movimentos e suas expressões. Só que ela parecia se orgulhar, conforme percebi depois, de uma espécie de intromissão erudita que me pareceu artificial. Quando nos aproximamos, ela estava dando instruções a uma subordinada – essa foi a sensação que passou. Que estava falando não com sua secretária ou assistente, uma mulher facilmente igual a ela, talvez em tudo, menos em formação e salário, e, sim, com algum ser inferior, uma criada, no velho estilo colonial.

“Depois de instruções bastante longas, detalhadas e, na minha opinião, extremamente condescendentes para a mulher, que a ouvia cabisbaixa e com o olhar desviado, Nzingha virou o rosto para ser beijada, o que Ola fez com um estalado retumbante, e que ela suportou.

“‘Minhas duas Nzinghas!’”, exclamou ele expansivamente, inclusive abrindo os braços de alegria. Ele não sentiu um pingo de desconforto ou remorso, pensei depois, nos apresentando dessa forma. ‘Finalmente vocês se conheceram!’

“Com a frieza de uma mulher acostumada a receber dignitários estrangeiros, ela estendeu a mão. Éramos exatamente da mesma cor, um rio em tom marrom grão de café.¹⁰ Trocamos um aperto de mãos.

“Quando ela olhou para mim, depois para minha mãe e depois para seu pai, sorrindo para nós dois, uma leve carranca se formou entre suas sobrancelhas.

“‘Ah’, disse Ola, cujo outro apelido, ‘Brejeiro’, dado a ele pelo povo, era bem merecido, ‘a carranca do reconhecimento!’

“Nós duas estávamos visivelmente confusas. Olhei para minha mãe. Ela estava sorrindo, composta. Obviamente ela esperava por algo assim. Sim, pensei, seria bastante improvável que meu pai não tivesse se casado, não tivesse tido outros filhos. Ele era africano. Talvez ele tenha se casado muitas vezes, tido muitas esposas, muitos filhos. A ideia de que eu poderia ter meia dúzia de irmãos tomou conta de mim. Como me sentia sobre isso? Não sabia. Enquanto isso, minha mão ainda estava agarrada à de Nzingha, assim como a dela à minha. Senti que estava me olhando no espelho, como uma afro-americana (de jeans, camiseta larga e sandálias), e o espelho refletia apenas a africana.

“‘Vocês são irmãs, minhas filhas’, disse nosso pai. ‘Fanny Nzingha, conheça Nzingha Anne.’ Essa era sua grande surpresa, e isso lhe agradou, como todas as surpresas, festas, trocas verbais inesperadas com pessoas nas esquinas.

“Ela foi a primeira a abrir os braços, a me abraçar, o que fez com cuidado, como se fôssemos ambas frágeis e embrulhadas em lenços de seda.

“Um momento depois, depois de gentilezas sobre nossa visita ao país e elogios à minha mãe por seu elegante terninho azul, Nzingha pediu

licença e seguiu majestosamente pelo corredor. Mais tarde, ela me contou que foi ao banheiro, se sentou no vaso sanitário e chorou.

“Ela tentou ser tudo para o pai: linda, uma estudante de raciocínio rápido, sem problemas de disciplina, interessada em resgatar a cultura do país; até se casou cedo na esperança de lhe dar netos. E então descobriu que, no fim das contas, não poderia ser tudo para ele, porque ele tinha minha mãe, uma mulher educada, e tinha a mim, uma filha linda e educada. Tínhamos chegado antes dela e de sua mãe; não tanto em termos de afeto, mas em termos de tempo.

“Eu não entendi isso.

“Pacientemente, uma noite, enquanto bebíamos no seu apartamento colorido e acolhedor, perto do Ministério da Cultura, onde todas as paredes eram decoradas com tecidos e pinturas das mulheres dos povoados, Nzingha me explicou.

“Tínhamos acabado de comer, e ela colocou seus dois filhos, meus sobrinhos, para dormir. Vi que cuidar deles a esgotava e que Metudhi não ajudava em nada. Ele comeu e foi saindo pela porta, murmurando alguma coisa sobre uma reunião.

“‘Estamos tentando trazer de volta à consciência das pessoas que são necessários pai e mãe para criar um filho’, disse ela, tirando os sapatos cansadamente e se afundando no sofá. “‘Essa é apenas uma das muitas crenças que os africanos perderam. Antigamente, o que está acontecendo agora em todo o país teria sido impensável; os homens fazem filhos nas mulheres, e isso é tudo que fazem. Não dão um centavo para comida, roupas ou educação. É um escândalo. Mesmo homens como Metudhi acham que é suficiente fornecer assistência financeira; depois de entregarem uma parte do salário, saem pela porta. Homens que pagam alguma coisa, *qualquer coisa*, são considerados homens *bons*. Toda mulher quer agarrar uma joia rara dessas.’

“O sotaque dela era muito bonito. A maneira como falava, até dessa coisa triste, me fazia sorrir.

“‘Sim, suponho que não adianta chorar’, prosseguiu Nzingha, ‘mas há momentos em que é exatamente assim que me sinto. E me sinto tão frustrada, porque os homens podem sempre falar sem parar sobre a destrutividade do homem branco e, no entanto, não conseguem olhar para as próprias famílias e para a vida dos próprios filhos e ver que essa é

apenas a destruição que o homem branco planejou. Entretanto, as mulheres estão começando a ceder devido ao sucesso flagrante do homem branco e à falta de apoio dos seus homens.’

“As mesmas coisas acontecem conosco nos Estados Unidos, só que lá é com todo mundo; há muito mais mulheres e crianças brancas recebendo assistência pública do que negras, por exemplo. Mas a mídia e o governo tentam fazer com que pareça o contrário.’

“Os homens são destroçados pelo sistema, que nem a gente’, disse Nzingha.

“É. A diferença é que eles ajudam a criá-lo. Pelo menos a parte que oprime as mulheres.’

“Isso é verdade’, concordou ela. ‘E aprendi isso com a vida da minha mãe.’ Nzingha percorreu a sala e apagou as luzes.

“Você não viu a lua até vê-la na África’, disse ela e, como era de esperar, começou a surgir uma lua amarela gigante que logo encheu a janela e depois a sala com sua luz amarela fria.

“Minha mãe adorava a lua’, disse ela, pensativa, sentando-se novamente. ‘Ela adorava desde criança; e ela conseguia enxergar ao luar tão claramente quanto a maioria das pessoas enxergam ao sol. Ironicamente, isso significava que ela cresceria e se tornaria uma grande guerrilheira, aquela que sempre se voluntariava para sair em missões noturnas. Mas estou me adiantando na história da minha mãe. Quer mais café?’, ela perguntou, servindo um pouco mais na minha xícara. ‘Nós plantamos isso, sabe’, ela disse, erguendo a xícara, um incentivo aos produtos de seu país em todos os ambientes.

“Fiquei encantada com a xícara, feita à mão, de um azul-cobalto brilhante, com pequenas cabeças de crocodilo decorando as laterais. Fiquei girando-a sem parar em minhas mãos enquanto minha irmã falava.

“Minha mãe’, disse Nzingha, ‘era do povoado, do mato. Era analfabeta e supersticiosa. Isso quer dizer que ela não falava outra coisa senão a própria língua e não conhecia outros modos além dos de seu povo. Ela não conhecia nada de inglês nem de cristianismo’, acrescentou incisivamente. ‘Quando a repressão se tornou insuportável, ela fugiu e se juntou aos Mbeles, a “resistência” africana. Ela era uma lutadora brilhante – seu codinome era Harriet, como a Tubman; isso não a faz sorrir? – mas não uma estudiosa, pensadora ou até, na verdade, uma pessoa social. Ela era

muito quieta, solitária, falava mais eloquentemente com seus atos do que com suas palavras, que eram muito poucas e pronunciadas como se estivesse cansada. Ela salvou a vida do meu pai, salvou a vida de muita gente, mas, sem uma arma em mãos ou um artefato explosivo no cinto, ficava um tanto perdida. Depois que o povo retomou o país, pouco havia para ela fazer, pois a sociedade tradicional não funcionava mais. Ou assim pareceu a ela. Meu pai se casou com ela quando ainda eram foragidos; ela ficou grávida de mim entre as batalhas. Com a derrubada do regime branco, o patrimônio do meu pai aumentou muito, porque ele foi parcialmente educado de maneira ocidental pelos missionários. Ele foi enviado para a Suécia para continuar seus estudos. Até tentaram mandá-lo para a Rússia! Ah, ele foi para a Rússia, mas voltou depois de duas semanas. Só Ola teria feito isso, voltado tão cedo. Os jovens estudantes que enviamos hoje têm muito medo de perder uma oportunidade como essa; faça o frio que for, não importa, mesmo que os russos sejam rudes; eles não pensariam em voltar para casa antes de conseguirem o que foram buscar. E isso é bom; o país precisa das competências que aprendem lá. Porém, é muito frio, Ola disse. Seu cérebro e todas as outras partes congelaram.’ Ela sorriu. ‘O governo o enviou para a Suécia. Ele ficou fora por vários anos, estudando e aprendendo para o bem do nosso país. Minha mãe ficou cuidando de mim e esperando. Bem ali, na pequena cabana onde ele a deixou, na cabana que ela mesma construía. E, quando ele voltou, não se lembrava mais de como ela salvou sua vida nem de como era heroica. Se ele se lembrava, era do jeito que os escritores se lembram das coisas, como se tivessem acontecido com outra pessoa, e não é preciso ficar preso aos *fatos*.’ Ela pausou. ‘Às vezes tento pensar como deveríamos ser para ele depois dos anos que passou na Suécia. A Suécia também era muito fria, ele disse, mas as mulheres são lindas e calorosas.’

“Nzingha fez outra pausa, colocou as mãos sob o queixo, esfregou-as como se *elas* estivessem com frio e franziu ligeiramente a testa. ‘A minha mãe não tinha escolaridade, mas era extremamente psíquica’, continuou ela, ‘até mesmo politicamente psíquica, o que é raro. Ela sabia que não importava quanto meu pai estudasse, que imitasse pessoas de outras culturas ou moldasse de outra forma um eu “moderno”, ele sempre entraria em conflito com o governo daqui, mesmo que tenha sido esse governo que enviara ele e outros jovens para estudar fora do país. Um

governo que ela ajudou, com imensos riscos e sacrifícios pessoais, a colocar no poder, mas que, uma vez no poder, convenientemente esqueceu que ela existia. Isso é uma verdade para todas as mulheres: elas foram esquecidas. Isso foi antes de nossos homens entenderem que poderia haver uma forma diferente de se relacionar com as mulheres, diferente daquela que tradicionalmente praticavam. É verdade que os homens sempre suspendem o comportamento tradicional em tempos de guerra. Uma mulher era para procriar, uma mulher era para fazer sexo, uma mulher... Bem, na nossa língua a palavra para mulher é a mesma que para celeiro de sementes. Mulheres como minha mãe estavam tão zangadas e magoadas. E meu pai voltou da Suécia e olhou para nós. Eu me lembro como se fosse hoje, embora tivesse apenas cinco ou seis anos. Ele veio num carro grande, com motorista, trazendo presentes. Para minha mãe ele trouxe um jogo de chá de porcelana, azul e branco, com uma capa acolchoada, e para mim uma boneca loira enorme chamada Hildegarde.

“Nossa cabana era arrumada e, achava eu, muito bonita, porque minha mãe pintou da maneira tradicional, com cores ousadas e desenhos geométricos, mas ela foi além e pintou girafas por toda parte, girafinhas que pareciam flutuar nos espaços abstratos.

“Meu pai parecia angustiado. Minha mãe e ele se sentaram num banco do quintal e conversavam em Olinka, mas de vez em quando ele dizia alguma coisa numa língua diferente – inglês, como percebi mais tarde – que só o motorista compreendia. Era como se ele falasse isso em seu benefício; o motorista também era alguém que meu pai conheceu durante a emergência. Brinquei com a boneca grande de olhos azuis e cabelos amarelos e percebi que minha mãe também ficou encantada, ela nunca teve uma boneca, muito mais do que com seu conjunto de chá. Nunca tínhamos visto nada parecido. Ela já tinha visto pessoas brancas, mas não muitas, e apenas quando estava tentando explodir seus prédios ou usinas de energia; nenhuma de nós tinha visto nada tão branco e esplêndido como a boneca.

“Percebi que olhavam para mim de vez em quando e que meu pai parecia descontente.

“Mais tarde, percebi que ele estava descontente por causa do número de furos em minhas orelhas, três em cada uma, e porque eu não estava de blusa. Mas nenhuma das mulheres ou crianças usavam blusas todos os

dias. Para quê? Todo mundo sabia que a pele nua no clima úmido é mais confortável.

“Ele passou a vir regularmente depois disso. Estava escrevendo peças contra o imperialismo. Naquela época, o governo realmente o amava, e, se beneficiando de seu privilégio, ele parecia estar bem feliz. Pelo menos tinha confiança de que seu trabalho poderia ser um instrumento de mudança, uma mudança que seu governo encorajaria, aplaudiria e, acima de tudo, tentaria implementar. Ele era um homem sem filhos, pelo que seus amigos no governo sabiam; pelo menos não se sabia ao certo que ele era casado, e sem dúvida isso começava a incomodá-lo. Toda vez que ele chegava e saía, minha mãe ficava cada vez mais triste. Sempre dormíamos na mesma esteira, e às vezes, durante a noite, eu acordava e ela estava chorando. Minha mãe era o tipo de mulher que conseguia lutar nas montanhas, nas grutas ou nos desfiladeiros durante meses, até anos, ao lado dos homens e explodir centrais elétricas, e ao mesmo tempo aceitar, com evidente gratidão, o abrigo dos braços de sua filha de cinco anos no meio da noite.

“Meu pai veio um dia e levou Hildegarde e a mim. Minha mãe não brigou para que eu ficasse, e eu a culpei. Ela me disse que era para o meu bem (é lógico que eu não conseguia enxergar isso!) e que eu deveria estudar muito e aprender a servir o nosso país. Ela era uma patriota e amava o nosso país, embora pensasse que os homens no poder falavam muito e faziam pouco.’

“Nzingha parou de repente e esfregou os olhos, que começaram a brilhar com lágrimas não derramadas.

“Nós a deixamos lá no povoado para definhar”, disse ela, enfim. ‘Senti muita saudade, no início. Eu não conhecia meu pai, e foi desconcertante perceber, assim que chegamos à capital, que todo mundo o conhecia. Que ele era famoso e popular e morava numa casa grande que combinava com o carro grande. Ele me colocou num internato dirigido por freiras brancas, algumas das cidadãs mais curiosas do nosso novo país, que agora vejo que tinha, aparentemente, tantos brancos quanto negros. Mas isso acontecia somente nas cidades. Naquela época meu pai estava cego para a contradição de me deixar com as freiras, ou fingia estar. Ele queria ter certeza de que eu aprenderia a falar inglês. O futuro do nosso país dependia da capacidade dos seus cidadãos de serem pelo menos bilíngues,

sempre dizia. Essa perspectiva não ajudou minha mãe. Certa vez, numa rara visita que fiz ao povoado para vê-la, falei algumas palavras em inglês e ela ficou furiosa, atirando coisas, não que houvesse muitas coisas lá, e pisoteando tudo. Achei que ela ia me atacar. Ela estava bebendo a cerveja caseira que fazia para vender e fumando um cigarro. E era tão diferente da mãe que eu tinha deixado! Era realmente incrível. Seus olhos estavam vermelhos, o cabelo, opaco e rebelde. Havia uma grosseria em seus maneirismos e uma frouxidão em sua expressão que eu nunca tinha visto e nunca pensei que minha gentil mãe pudesse ter. Nem eu entendia ainda as mudanças na personalidade provocadas pelo luto. Ela estava desleixada, despreocupada. A chuva havia corroído um canto da cabana, e as girafas, que ela repintava todos os anos no início da estação seca, haviam desbotado e pareciam animais fantasmas, sombras, flutuando nas paredes da cabana.

“Voltei só uma vez depois disso, enquanto ela ainda estava viva. Eu fui, mas não saí do carro. Ela veio me ver e se sentou num banquinho ao lado da porta do carro. Entreguei algumas coisas que meu pai tinha mandado para ela. Uma, lembro bem, era um livro sobre a cultura indígena no Camarões; havia muitas fotos das casas das pessoas lá – que eram feitas de barro e decoradas com cores coloridas –, das suas roupas e de seus instrumentos musicais. Ela ficou imediatamente interessada e chegou a ler mais do que a primeira página antes de jogá-lo no chão com indiferença. Ela tinha aquele olhar inchado, desleixado e dissipado que as pessoas têm quando não têm como se ver. Acho que ela nem tinha espelho. Eu não conhecia *aquela* mulher.

“Ela morreu, depois de uma doença prolongada, quando eu tinha dezesseis anos. Provavelmente de câncer. Ou insuficiência cardíaca. Ou desgosto. A causa da morte não tinha nome, no povoado. Apenas os motivos. Ela andava muito cansada, os aldeões disseram, muito solitária. Não havia nada para uma mulher como ela fazer, agora que havia paz e os homens negros governavam o país. Eles não disseram isso com a ironia que minha mãe usaria.

“De qualquer forma, meu pai e eu já tínhamos nos tornado colegas; nosso vínculo era a luta para melhorar o país. Ele estava escrevendo esquetes sobre o comportamento adequado dos trabalhadores no local de trabalho e a importância de um alto nível de produção. Eu ia com ele às

fábricas onde fazia seu trabalho. Por ser sincero e seu trabalho facilmente acessível – e, às vezes, muito simplório –, os trabalhadores gostavam dele. Ele permaneceu, entre funcionários do governo e trabalhadores, muito popular. E naquela época eu era sua queridinha. Eu tinha muito orgulho dele!

“Mas mesmo antes da morte de minha mãe ele vinha mudando. Se tornando menos confortável com essa adoração toda. Ele nunca mais a viu, exceto talvez uma ou duas vezes por acidente, quando os negócios o levaram de volta ao povoado. Meu pai foi responsável pela instalação de uma linha de água do rio até o povoado; os aldeões, que sempre carregaram água do rio na cabeça, o elogiaram muito por isso. No entanto, penso de verdade que, com sua ausência, e ao longo do tempo, minha mãe se tornou poderosamente presente para ele. Talvez seja simplesmente assim com os escritores. É quando não o veem que você importa. Porque aí você pertence a eles de um jeito que permite a posse completa. Você é determinada por eles. Você está controlada. Você é, de modo geral, exagerada.’

“Nzingha, que estava sentada no sofá com as pernas esticadas à sua frente, estremeceu e puxou-as para baixo dela. A sala estava ficando fria. Levantei minhas pernas e coloquei minha saia longa sobre elas. Ela pegou um grande xale de lã listrado em tom de terra que estava num banquinho ao seu lado – daqueles feitos nas cooperativas do Ministério da Cultura e vendidos nas lojas para turistas – e o estendeu sobre nossos joelhos. O café me deixou alerta, mas com calma e passivamente, sob o som de sua voz suave e familiar. Às vezes eu sentia que estava falando comigo mesma.

“‘Escritores’, refletiu ela. ‘Alguém mais causa tantos problemas, a longo prazo? Mas posso lhe dizer o que meu pai diria: escritores não causam problemas tanto quanto os que descrevem. Uma vez descrito, o problema assume uma vida visível para todos, ao passo que, até ser descrito e tornado visível, apenas algumas pessoas conseguem vê-lo. Ainda assim, há algo sobre os escritores...’ Nzingha riu. ‘Como os russos estão descobrindo, são pessoas muito difíceis de reeducar. Acho que é um tipo de arabesco que escritores têm no cérebro, vêm ao mundo com uma certa perspectiva e com o desejo de compartilhá-la. Esse arabesco está totalmente ausente nas outras pessoas; eu não sei por quê.

“Foi a peça do meu pai sobre a minha mãe que dissolveu completamente a confiança do governo nele e causou uma separação lá dentro. Talvez fosse porque “o povo” é composto por homens e mulheres; o governo, apenas por homens. Não que não houvesse uma luta entre as pessoas, tanto nas cidades como nos povoados, sobre as questões levantadas na peça. Houve enormes controvérsias, discussões, conflitos. Embora a peça criticasse impietosamente alguns dos costumes das pessoas, não interpretaram isso como um ataque pessoal, como seres humanos, escolhidos para abusos. Além disso, eles conheciam o trabalho do meu pai muito bem para terem essa opinião. Eles se viam, na peça do meu pai, pela primeira vez como eram mais ou menos, sem a pátina da revolução, as palavras de ordem do imperialismo, ou qualquer preocupação com cotas de produção. Houve uma reação, na verdade, como se tivessem tido um ataque de histeria, e alguém que conheciam bem e de quem gostavam muito os puxou e deu tapas em suas caras. As coisas que se revelaram sobre si mesmos foram extremamente interessantes. Por exemplo, era como se nunca tivessem pensado nas mulheres ou na possibilidade de as mulheres serem seres humanos por direito próprio. Esse foi o maior tapa. As percepções de meu pai sobre a opressão das mulheres, das mulheres negras pelos homens negros, que deveriam ter sido mais compreensivos – tendo criticado por tanto tempo a ignorância do homem branco ao lidar com os negros – deixaram muitas pessoas desconfortáveis, mas também ficaram, em algum momento, estimulados a mudar. As peças do meu pai sempre eram um tanto didáticas; qualquer entendimento que ele obtivesse sobre a vida, não hesitava em compartilhar. As pessoas viram – como meu pai acabou por ver – a luta da minha mãe para ser soldada no exército contra a supremacia branca e a colonização, depois, a sua igualmente difícil batalha para ser esposa e mãe, sem modelos para o novo modo de vida que ela mesma estava ajudando a desenvolver, seguida pela sua completa desilusão com o governo de homens que assumiram o controle do país após o triunfo. Meu pai foi impietoso ao descrever seus próprios fracassos. Suas amantes suecas, com uma das quais teve um filho, o seu carro grande, a sua grandiosa casa em estilo europeu. Seus comparsas no poder e sua assimilação pelo consumo de cerveja, mulheres e futebol. Sua empregada, uma garota humilde do povoado, que agia como se ele fosse Deus e que

lembrava ao público sua esposa descartada. Achei insuportável assistir à cena em que a criança, concebida na paixão da revolta, é tirada da mãe totalmente arrasada. Como ele conseguiu escrever aquilo, assim como uma cena que retratava a decadência e a morte da mãe, era um mistério para mim. Paradoxalmente, durante a escrita dessa peça, e depois, à medida que ia sendo encenada, ele ficou um pouco mais alegre, calmamente rebelde, e diria até radiante.

“A peça foi dedicada à minha mãe, a quem ele finalmente reivindicou publicamente como sua esposa. Pela primeira vez comecei a achar possível imaginá-los juntos, no mesmo quarto, comendo à mesa juntos, dormindo na mesma cama. Comecei a perceber que poderia, de fato, ter havido amor.

“*Bem*, foi a primeira peça do meu pai que o governo proibiu.

“Ele chorou de rir quando foi informado sobre a proibição. A reação dele quando era magoado sempre foi rir feito um lunático. Depois levou a peça aos povoados e a apresentou uma noite em cada povoado até que o governo o pegou. Multaram-no, o jogaram na prisão por uma semana e tomaram sua casa. Foi o começo do fim. Mas pelo menos, como ele costumava dizer, *foi* um começo.’

“Já era muito tarde quando minha irmã terminou esta história e depois improvisou uma cama para mim no sofá. Ela colocou uma almofada bordada sob minha cabeça e o xale de lã em tons de terra sobre meus pés e pernas. A melhor parte foi, quando ia para seu quarto, ela se abaixou e me deu um beijo na testa. Como se estivesse encantada com seu beijo, caí quase instantaneamente num sono profundo e reparador, interrompida apenas pelo retorno de Metudhi, no início da manhã. Depois que ele se acomodou, adormeci novamente; quando vi, já eram dez horas da manhã e eu estava sozinha no apartamento. As crianças estavam na escola, e Nzingha e Metudhi, no trabalho.”

10. *Coffee-bean brown* no original. [N. E.]

— Nosso pai cometeu muitos, muitos erros, principalmente por ignorância – disse Nzingha –, mas no fundo ele era destemido.

Naquele dia, elas estavam fazendo um piquenique nas margens do Lago Wanza. Ao longe havia colinas baixas e azuladas, e, no lago, os barcos de pescadores desgastados pelo tempo balançavam, complacentes, as velas de cor ocre balançando ao vento. Era um dia quente e agradável, com grandes pássaros voando lá no alto e com aquele som de calmaria que lembra um zumbido.

Mais cedo, Fanny ficou contando como tinha sido crescer sem pai e sem a menor menção de um. Sobre suas duas avós, Manhota Celie e Mama Shug; sobre o aconchego de ter sido amada por duas mulheres tão generosas. Elas riram quando Fanny disse o modo como sua mãe lhe contou que seu nome havia sido escolhido. Manhota Celie escolhera Fanny porque era o nome que ela gostaria de ter tido; se ela se chamasse Fanny, teria tido uma vida mais atrevida, ela sentia, repleta de viagens e aventuras. Ela considerava o som de “Fanny” uma aventura. E Fanny pensou que, para ela, havia algo ligeiramente escandaloso, rebelde, nisso. Que virar a “fanny”, bunda, como o nome sugere, para alguém, ou “balançar a bunda na cara de alguém”, era uma ação que ela sempre desejou poder realizar, especialmente quando era criança e jovem, e sofria abusos de todos ao seu redor. Então ela disse “Fanny!” quando Fanny nasceu. E a mãe de Fanny, Olivia, falou que ficou tão surpresa e com medo de ter inventado outro nome peculiar para acompanhá-lo, como Lou ou Jean, que esqueceu como se sentia fraca ao dar à luz e praticamente gritou “Nzingha!”. Ao que Manhota Celie e Mama Shug disseram, em uníssono: “É o quê?” E então Olivia contou sobre Anne Nzingha, a governante de Angola que havia lutado contra os portugueses durante quarenta anos; uma mulher que recusou o título de Rainha e exigiu que seus súditos a chamassem de “Rei”; a mulher que, como Joana D’Arc, sempre se vestia de homem e liderava suas tropas nas batalhas. Ao mesmo tempo mulher, homem, rei, rainha, mestre estrategista e lutadora, filha, mãe, pagã e católica, governante suprema e mulher astuta. De todas as notícias trazidas para casa sobre a África, a mãe de Fanny disse-lhe mais tarde que esta era a

mais interessante para Celie, embora ela nunca conseguisse pronunciar Nzingha corretamente, então ela a chamava de “Zinga”, e apenas quando a repreendia, o que, ocasionalmente, fazia no tom mais suave possível. Geralmente ela a chamava de “Fanny”. Tipo, “Fannnnneeee, quirida, vem cá com a Manhota. Onde que cê tava, docinho? Me dá um pouco de amor!” Que era seguido por um abraço e um beijo estalado na bochecha.

— Ouvi dizer que algumas pessoas negras falam assim nos Estados Unidos. É verdade mesmo? – perguntou Nzingha.

Fanny garantiu que sim e começou a fazer um monólogo na voz de Manhota Celie.

— Posso até vê-la – disse Nzingha, rindo. – Tem muita personalidade dela na maneira como ela diz as coisas. Minha mãe era assim também. Quando ela falava, você sentia que não havia integridade maior na linguagem em lugar algum. – Ela havia aberto uma garrafa gelada de vinho de palma local, que garantiu a Fanny ser o único entorpecente na África que permitia as pessoas se sentirem bem depois de beber, sem possibilidade de uma ressaca desagradável.

Fanny riu com a informação.

— Meu pai tinha muitas ideias sobre educação, sabe – prosseguiu Nzingha, dando um gole no vinho e estalando os lábios em leal apreciação. – E foi difícil para ele entender que ser educado por pessoas que o desprezam também é uma conquista. Ele compreendeu isso, até certo ponto, em sua própria vida, mas quando se tratava de mim... Bem, como ele disse, era preciso sempre revezar entre alternativas, e a educação oferecida aqui em Olinka, depois do ensino médio, que deixava muito a desejar. Eu mesma reconheci isso. *Enfim*. Você nunca saberá o que é miséria até que seja um estudante africano enviado para estudar no Ocidente.

Fanny imaginou a irmã, pequena, preta, sozinha, dirigindo-se para aquele local mítico. Provavelmente nenhuma das roupas que ela tinha levado era quente o suficiente. Ela tomou um grande gole de vinho de palma para afastar o pensamento.

— Fui enviada para a França – contou Nzingha –, para Paris, Sorbonne. – Ela fez uma careta. – Com certeza eu sou a única mulher no mundo que odeia Paris! É um lugar frio, em todos os sentidos. As pessoas são tão cansadas, tão esgotadas espiritualmente. Nada parece movê-los de coração.

Se animam apenas com acontecimentos artificiais, como peças irremediavelmente abstratas, cheias de ideias ainda mais abstratas, por exemplo. A moda os entusiasma. Nada os faz sorrir. Lembro-me de um dia andando pela Champs-Élysées e observando cada rosto que encontrava para ver se alguém sorria. Ninguém, e olhei para centenas de pessoas; e isso porque era um dia quente e lindo. Eu odiava o cinza, a arquitetura pesada, a ausência de árvores selvagens. Não suportava os *pieds noirs* nas lojas ou os outros africanos trêmulos que vendiam bugigangas no Bois. Fiz alguns amigos entre os Dogon. Tinha um pequeno restaurante dogonês perto da Rue des Trois-Portes, não muito longe de Notre-Dame. Eu costumava ir lá sempre que podia. E lá estavam eles: os sorrisos, o carinho, a cortesia, a boa comida que eu esperava encontrar em Paris. Pois, acredite ou não, eu não gostava de comida francesa! Que todos em casa, especialmente quem nunca provou e que só ouviram falar por outras pessoas que estiveram na França, falavam como se fosse uma comida dos deuses. Eu odiava os molhos pesados, os leves também. Eu não tinha tolerância física para nada feito de leite ou creme. A propósito, essa é uma característica africana; eu não sabia disso, no entanto. Eu só sabia que quase tudo que comia me deixava doente. Eu me sentia internamente melecada o tempo todo. E eu estava mesmo! Eca! E a atitude de superioridade dos garçons quando você fazia um pedido. Já fui a muitos restaurantes parisienses com raiva demais para dar uma mordida.

Nesse ponto, Nzingha encheu novamente as taças, deu mais um gole no vinho e sorriu alegremente com o sabor caseiro.

— Eu odiava tudo — disse ela sombriamente, saindo do estado de felicidade. — Eu era tão desagradável quanto uma criança de três anos. Odiava o Louvre! Onde estava em exposição todo o espólio de outros países, porque, na verdade, é para isso que serve a maioria dos museus. Porque esses saqueadores não roubam apenas para si e para as suas casas, roubam para os seus países, seus continentes, para sua raça. Eu não aguentava aquilo. E me perdi lá no Louvre. Não consegui encontrar a saída, e os guardas foram tão inúteis quanto qualquer outro parisiense. Por fim encontrei uma janela aberta, a dois andares do chão, uma borda, subi nela e ia pular. Eu não ia aguentar ficar lá dentro nem mais um segundo. Mas um dos turistas, um norte-americano, um homem, também enfiou a cabeça pela janela casualmente e, enquanto eu estava ali encostada na

parede olhando para baixo, ele disse: “Uau, com certeza falta ar puro neste lugar.” Além de tudo fedia! Todas aquelas coisas mortas. Todos aqueles espíritos frustrados que nunca imaginaram que seus restos mortais acabariam em Paris, atrás de um vidro. O Louvre cheirava ao que era: um túmulo. Então eu ri, aí ele disse, procurando um caminho: “Como você vai sair?” E eu certamente não queria compartilhar aquela borda, ou o salto, com ele, então respondi: “Deixa que eu vou primeiro.” Ele era um daqueles caras altos e esguios que vemos em filmes norte-americanos ambientados no Texas ou em Montana. Mas descobri que ele era da Geórgia, no Sul, lugar do qual eu não sabia nada que não tivesse aprendido no cinema assistindo *E o vento levou*. Mas essa não era a Geórgia que ele conhecia. Ele era pobre; sua família sempre foi. Sabe, é difícil para os africanos acreditarem que existem brancos do Sul que foram ou são pobres. Olhamos para eles de forma estranha quando nos contam isso e pensamos: “O quê? *Pobre?* Depois de tudo!”

Fanny riu. Ela estava se sentindo muito bem com o vinho, e a escravidão sob essa perspectiva nunca havia lhe ocorrido.

— Eles, a família dele, sempre foram *decentes*, ele queria que eu soubesse – disse Nzingha, que estava começando a falar um pouco arrastado e a adquirir aquele tom ligeiramente argumentativo no qual os africanos falam quando bebem com alguém de quem gostam, mas têm uma história para contar da qual não gostam. – Esse era o código de *decência* para pessoas de cor, *seu* povo. Ele estava em Paris, na universidade, como bolsista. Nos vimos muito depois disso. Eu gostava muito do Jeff. Senti o tipo de afeto que se sente por uma criança ou por alguém que vaga pelo mundo absolutamente perdido e ao mesmo tempo confiante de que está encontrando um caminho e pode indicar aos outros. Havia tanta coisa que ele não conseguia entender.

“Quando ele deixou sua cidade natal, na Geórgia, toda a cidade foi lá, embora não as pessoas de cor com quem todos eram tão decentes! E ele ficou emocionado com tudo desde o dia em que chegou. O mofo do Louvre era o maior infortúnio da visita. Ele não conseguia compreender a tortura de classes em que a África era ignorada, historicamente, como se não houvesse ou não existisse; e onde, se um professor dissesse algo sobre Punt ou Cirene serem nações africanas com as quais o mundo antigo negociava, ele quase sempre se referia a esses lugares como ‘míticos’ ou

‘misteriosos’! Parecia inadmissível para os professores reconhecer que a antiga Cirene era a Líbia, ou que os antigos egípcios eram negros. Isso parecia tão difícil para compreenderem como o fato de o deserto do Saara nem sempre ter sido um deserto, ou de o Egito fazer parte de África. Não sei de onde achavam que o faraó Tutancâmon era, com seu pequeno eu negro! Quando discutiam sobre a África, era em termos dos seus problemas, do seu ‘atraso’, nunca em termos das suas contribuições ou dos seus séculos de opressão dos brancos, incluindo os próprios franceses presunçosos e hipócritas, que, mesmo enquanto estudávamos história africana, sem uma palavra sobre o colonialismo francês, tentavam acabar com a resistência argelina pelos meios mais sujos possíveis. Foi tão degradante ficar sentada ali.”

Havia mais raiva na voz de Nzingha do que Fanny ouvira durante todo o tempo em que esteve em Olinka. Ela começou a questionar-se, não pela primeira vez, sobre essa raiva acumulada e reprimida da mulher africana, silenciosa por tanto tempo. Ela pensava nessa raiva como um enorme depósito de energia e se perguntava se as mulheres sabiam controlá-lo. A raiva também pode ser uma espécie de riqueza, ela pensou.

— Eu me lembro, porém, do dia em que decidi dar um basta — continuou contando Nzingha, bebendo agora de uma forma alarmantemente rápida e tentando encher o copo de Fanny para que ela a acompanhasse. — Foi na aula de história. O professor estava discutindo as bases *gregas* da civilização e da arte ocidentais. Ele apresentou um slide, na frente da sala, que mostrava Perseu matando Medusa. *Bem*. Era uma escultura numa parede em algum lugar, acho que em Melos, e os saqueadores tinham acabado de cortar a parte do muro que lhes interessava e que conseguiam carregar. — Ela riu, assim como Fanny, diante dessa imagem. — Enfim, lá estava Perseu em sua carruagem, e em sua mão, pendurada na lateral, estava a cabeça decepada da Medusa, as mechas do seu cabelo semelhantes a cobras, apresentadas como cobras reais... em toda a África um símbolo de fertilidade e sabedoria; tinha até duas cobras flutuando nos cantos de sua boca. Seu rosto estava horrivelmente contorcido, como qualquer um estaria se alguém tivesse acabado de cortar sua cabeça. O restante dela, um corpo de mulher bem grande, ainda estava de joelhos, e na verdade ela se parece, se você interpretar a escultura de maneira diferente dos ocidentais, com um anjo. Porque ela é um anjo. Ela

é a *mãe* dos anjos cristãos. Ela é Ísis, mãe de Hórus, irmã e amante de Osíris, Deusa do Egito. A Deusa que, muito antes de se tornar Ísis, era conhecida em toda a África simplesmente como a Grande Mãe, Criadora de Tudo, Protetora de Tudo, a Guardiã da Terra. A Deusa.

“Agora, eu aprendi tudo isso”, e aqui Nzingha caiu na gargalhada diante do absurdo disso, “com as freiras da minha terra. E comecei a compreender, enquanto estudava na Sorbonne, por que aquelas freiras foram autorizadas a permanecer no meu país, quando tantas outras pessoas brancas foram *incentivadas* a ir embora.” Nzingha fez uma careta violenta enquanto pantominava a tentativa de remoção de um objeto grande, pesado e obstinado. Fanny apreciou o espetáculo mental de opressão branca que ela criou, e as duas riram até as lágrimas brotarem nos olhos.

“Eram freiras que”, continuou Nzingha, recuperando o equilíbrio tanto quanto uma pessoa um tanto embriagada pode recuperar, “na paz e na solidão da África, longe da doutrinação dos ensinamentos da sua igreja na Europa, desmascararam todos os espíritos obstrucionistas, teorias antimulheres e da supremacia branca ensinada a elas.

“Vocês nunca se perguntaram de onde vêm os anjos?”, uma das freiras, minha favorita, a irmã Felicity, perguntou uma vez à nossa classe, com seu jeitinho gentil. ‘Bem, quando vocês estudarem a arte e a vida egípcias, vão descobrir de onde eles vêm; eles vêm dos deuses e das deusas da África’.”

— Ah, *então*... — Foi só o que Fanny conseguiu pronunciar, em contentamento.

— *Anjos* africanos, óbvio! É exatamente isso que está faltando na vida de todo mundo, certo? — disse Nzingha, com a mão na cintura e os olhos pretos em chamas.

“Eu imediatamente os visualizei”, continuou ela, “minha mãe entre elas, não como estava em seus últimos dias, mas como era quando ela e eu dividíamos a mesma esteira. Seu rosto gentil, seu hálito doce e sua voz terna. Sua conexão psíquica com eventos e pessoas a centenas de quilômetros de distância. Eu sabia que Notre-Dame foi construída no local de um santuário dedicado a Ísis, que mais tarde foi chamada de Madona Negra, e corri para lá assim que cheguei a Paris, porque minhas professoras, as freiras, disseram que eu deveria ir. Não existe nenhum vestígio de Ísis lá, é lógico, nem em nenhum lugar de Paris; certamente

não hoje nas almas do seu povo. Mas pelo menos eu estava lá, em Notre-Dame, onde seus ancestrais, mais provavelmente pré-antigos, adoradores também estiveram. A não ser pelo fato de que estavam com os pés descalços no chão, debaixo das árvores, e foi dessa sensação de estar conectada diretamente com o Universo que eu senti falta. Notre-Dame para mim não era diferente do Louvre. Foi construída com o mesmo propósito. Só que foi construída para colonizar os restos espirituais de uma deusa, tal como o Louvre foi construído para colonizar os restos materiais de culturas devastadas.

“Obedientemente, enviei às freiras um postal mostrando esse edifício sombrio, e elas me responderam, dizendo que eu lembrasse que a Deusa não está confinada nos monumentos que, supostamente, os homens criam para ela habitar, mas que são erguidos para eles próprios, na verdade. Que Ela – o espírito da Mãe, da Criação, da Bênção e da Proteção de Todos – vive dentro de nós e não está confinada nem aos santuários nem a nenhuma época específica.

“Mas”, disse Nzingha, “voltando ao professor. A história que *ele* contava era sobre a feiura do rosto da Deusa Africana, com seus cabelos trançados – cobras, eca, né? – e sua tendência de transformar os homens em pedra. E assim este corajoso homem branco, Perseu, o grego, assumiu o desafio de matá-la, como faria com qualquer outro ‘dragão’, porque o único convite que o homem branco aceita de qualquer coisa que seja poderosa é o de ir ao seu encontro e matá-la. E então ele corta sua cabeça, e em todas as suas histórias dizem que o rosto é horrível, os cabelos parecem cobras se contorcendo e que não há nada redimível nela.”

Havia uma expressão de profunda tristeza no rosto de Nzingha. “Só que”, disse ela, num sussurro, “se você é da África e reconhece as asas da Medusa como as asas do Egito, e reconhece a cabeça da Medusa como a cabeça da África, então você entende que o que está vendo é a memorialização do mundo ocidental daquele período pré-histórico, quando o mundo masculino branco da Grécia decapitou e destruiu a tradição e cultura de mulher negra da Deusa/ Mãe da África.” Ela parou por um instante, enquanto pensavam sobre isso. “Na verdade”, ela continuou, pensativa, “a mais antiga ‘Atena’ conhecida, embora grega, tem cabelos de cobra. Só depois lhe deram aquelas mechas loiras e esvoaçantes que os gregos de cabelos pretos fingem ter ainda hoje.” Nzingha tomou o

último gole de vinho da taça em sua mão e mexeu os ombros com certa indiferença, parecendo, por um momento, muito francesa. “Não foi um desafio”, disse ela, “passar por minha aula de literatura ocidental e descobrir que Atena foi criada para ser uma lacaia da ordem masculina que a criou; que um de seus primeiros atos, em *Oréstia*, negava a existência de qualquer vínculo entre uma mãe e seu filho, que não seja o de uma carta num envelope. Segundo ela, no julgamento de Orestes pelo assassinato de sua mãe, a mulher apenas carrega a semente, o filho é totalmente fruto do pai. Ela mesma declara que nunca teve, nem nunca precisou, de uma mãe, tendo surgido da testa de seu pai, o deus Zeus!”

Nzingha se endireitou, puxou as pernas para cima e as abraçou. Por um instante ela se pareceu muito com Ola. Fanny achava que nenhuma das duas ainda estava de ressaca, mas estava nítido que a euforia induzida pelo vinho, o que havia da ressaca, durou pouco. A história de Nzingha a fez pensar nas universidades dos Estados Unidos e em todas as mentiras acadêmicas que a levaram à prática da massagem.

— Daí o que eu tentei argumentar – disse Nzingha, cansada, soando um pouco como Ola também – lá na Sorbonne, num dos principais bastiões da civilização ocidental, foi que a razão pela qual Atenas surgiu “plenamente desenvolvida” da mente de Zeus foi porque ela tinha sido uma ideia, dada pelos homens gregos ao seu Deus; e essa “ideia” era a destruição da deusa africana Ísis e a metamorfose de Ísis na deusa grega Atena. Mas como ninguém na Sorbonne aprendeu nada sobre Ísis, era impossível para eles verem essa conexão entre Atena e ela. Devo ter parecido para eles só mais uma africana alucinada.

“Fui embora da França naquela noite. Eu me recusei a ser ensinada que a África Negra – a África ‘Crioula’, como a chamavam – não estava ligada à África ‘de cor’, digo, ao Egito, ou que uma civilização fundada na destruição da mulher negra como Deusa em seu próprio mundo era superior ao que eu tinha em casa, não importa quanto ‘atrasada’ ou empobrecida.”

— E você estava certa – disse Fanny enfaticamente, beijando sua bochecha.

— O pai ficou muito decepcionado – disse Nzingha com pesar, passando os dedos no local que Fanny a beijara. – Ele tinha tantos sonhos para mim! Que eu aprenderia não só francês e inglês, mas também alemão. Então ele

ficou bastante transtornado quando viu que eu nunca mais voltaria. Aprendi a me educar, tenho certeza, da maneira que devia ser feita antigamente. Sempre que encontrava alguém que passava a impressão de saber muito sobre um assunto e que demonstrava, além disso, certa felicidade em seu ser, e se eu ficasse interessada pelo assunto, pedia que me ensinasse o que sabia. Um dia eu falei ao meu pai: ‘Me ensina como você escreve suas peças. Me leva com você para eu aprender como são apresentadas. Me diz o que estudar para ajudar a desenvolver a nossa cultura.’ Aos aldeões eu pedi: ‘Me contem sobre a guerra, sobre o passado; me ensinem como fazem as coisas; me contem as histórias para que não se percam.’ Uma coisa eu sei – disse Nzingha decididamente –: aprender com os mais velhos não permite pessimismo. Seu dia é sempre mais fácil que o deles. Você olha para eles, tão lindos e tão sábios, e não consegue evitar tentar imitá-los. É coragem dada por osmose, eu acho. – Ela ficou em silêncio por vários minutos, olhando para o lago, que havia ficado amarronzado com os raios vermelhos profundos do sol poente.

— Você me dá coragem, Nzingha – disse Fanny, depois de um tempo.

Nzingha suspirou, olhou para a irmã sem nenhum ressentimento da irmã há muito perdida que Fanny uma ou duas vezes vislumbrara em seus olhos e sorriu.

— A peça que Ola escreveu sobre *sua* mãe foi o que o trouxe de volta – disse ela. – Ele se lembrou de quanto aprendeu com os missionários, mas também se lembrou de como aprender com eles e não com o próprio povo o fazia se sentir inferior. Isso fez com que ele se tornasse quase inconscientemente agressivo, ainda mais contra as mulheres, sobre as quais exercia poder por causa de seu tamanho e por ser homem. Foi quando comecei a trabalhar com ele, primeiro aprendendo a escrever peças, depois como sua assistente no Ministério da Cultura, que comecei, como todo mundo, a chamá-lo de “Ola”.

Nzingha juntou os restos de comida e as várias garrafas de vinho vazias e colocou de volta na cesta de piquenique. Fanny levantou-se da esteira e começou a enrolá-la.

Ísis, Atena. Egito, Grécia. Ali, nas margens do enorme Lago Wanza, era fácil pensar nelas, brilhando logo acima do horizonte, o próprio Egito uma espécie de anjo do lugar, sempre acenando para quem precisava de garantias de sua beleza, seu valor, sua bondade. Seu lugar na história. E,

no entanto, como Fanny disse a Nzingha, enquanto espanavam as saias uma da outra, “o fato de alguém se sentir tão envolvido com os egípcios pretos e mestiços não se devia tanto aos seus governantes, nem mesmo aos seus deuses ou à sua religião, mas por causa de seus artistas. Acima de tudo, a arte que é primorosa”, ela murmurou, “e, sem dúvida, a música também era linda.”

Ela não precisava ter se preocupado com a tinta branca. Vestiu as roupas brancas simples e informais que tinha e cavalgou até o povoado de seu pai com Nzingha e Metudhi. Quando chegaram, as mulheres do povoado pegaram em suas mãos, e, em poucos minutos, o rosto, as mãos e as pernas de Fanny estavam cobertos de lama branca.

— Nos Estados Unidos – contou ela a Nzingha –, a minha avó costumava cair a lareira com essa coisa.

Nzingha estava intrigada, e Fanny percebeu que ela não conseguia visualizar.

— Deixa pra lá.

O terceiro funeral foi tão longo, com cânticos e cantos, como o da capital foi em discursos. Fanny preferia esse. Foi difícil ficar parada enquanto um untuoso funcionário do governo seguia o outro, elogiando Ola por seu trabalho “ousado” e “revolucionário”. Ela sentiu que a maioria deles estava simplesmente aliviada por ele ter tido a oportunidade de morrer de infarto enquanto estava em casa – bem no meio de uma piada do governo, ela foi informada –, e não ensanguentado, no chão, de uma das prisões.

— Eu me dei conta – sussurrou ela para Nzingha – de que não existe um único governo no mundo que eu goste ou que confie. São todos, pelo que sei, corpos inaturais, clubes privados de supremacia masculina.

Nzingha bocejou.

— Sim – concordou ela, sem fazer nenhuma tentativa de disfarçar sua inquietação, –, e a essa altura estamos cansadas demais para querer participar.

Enquanto o gumbo esfriava um pouco, o senhor Hal arrumou a mesa com lindos copos, toalhas e talheres que pertenciam ao tio Rafe e que Suwelo nunca tinha visto. Havia, antes de tudo, uma toalha de mesa pesada, branca que nem neve; sobre ela foi colocado um sousplat antigo de renda artesanal cor de creme, guardanapos com bordas rendadas para combinar, conjuntos de porcelana que lembravam alabastros e taças de cristal azul que ressoavam com uma batidinha de colher. Suwelo batia repetidamente na xícara de chá com a colher, a expressão encantada feito uma criança. Havia ainda uma prataria ricamente cintilante por toda parte, refletindo as chamas das velas nos pesados candelabros de prata que a dona Lissie colocou na mesa com um arranjo de flores gracioso.

Suwelo sentou-se onde tio Rafe se sentaria numa ocasião dessas, na cabeceira da mesa. Dona Lissie e o senhor Hal estavam um de cada lado dele. Eles ergueram seus copos de chá gelado ou limonada ao espírito do tio Rafe e começaram a servir-se com apreciação e um entusiasmo indisfarçável. Rafe adorava gumbo, dona Lissie comentou.

O gumbo, que o senhor Hal garantira a Suwelo, ficaria ainda melhor amanhã, e no dia seguinte e no seguinte e no... estava tão bom que Suwelo mal conseguia acreditar que estava provando aquele prato pela primeira vez. Tinha o tipo de sabor que era como se estivesse saboreando a vida inteira; havia, bem, um sabor quase sexual naquilo. Ele adorava a textura pegajosa, a plenitude picante. Nenhum sabor incluído em sua criação era mais distinto.

Uma hora depois, a louça já estava lavada, e eles ainda elogiavam o gumbo com todo carinho, ainda mais especial porque os três o prepararam. Os amigos sentaram-se na sala tentando ler diferentes trechos do jornal. Eram os relatos habituais de assassinatos, estupros, torturas, guerras, crianças abandonadas, apartamentos destruídos e carros novos. Foi dona Lissie quem primeiro jogou suas páginas no chão.

— Não tem nada que eu possa fazer sobre essa loucura atual – disse ela.
– E só de pensar nisso atrapalha minha digestão.

— Você está certa – concordou o senhor Hal, dobrando suas páginas com cuidado e colocando ao seu lado no sofá.

— Prefiro continuar ouvindo sobre você e Fanny.

— Sim – concordou o senhor Hal outra vez –, se vão nos explodir ou nos fazer morrer congelados e morrer de fome no escuro, é melhor a gente se divertir com uma boa história.

Suwelo estava ao lado da televisão. Em um gesto que agora reconhecia como ritualístico, virou-se ligeiramente na cadeira e puxou as pontas do xale azul que não precisava mesmo ser endireitado. Ele recostou-se e começou.

Ele achava que, se algum dia se sentasse no “assento importante” ao lado da televisão, nunca seria capaz de falar sobre a sua vida como o senhor Hal e a dona Lissie falavam sobre a deles. A vida dele parecia muito moderna, muito atual – quem sabia como seria a história dele e de Fanny? –, muito... pessoal. Ele sentiu um pouco da timidez que sofria quando era menino e um adulto lhe pedia que prestasse contas de si mesmo, e se sentiu exposto de uma forma que não acontecia quando ajudava a preparar o jantar na cozinha. Conversar com eles naquele momento foi indireto, de certa forma. Cada um deles estava absorvido na tarefa que tinha pela frente. Parecia que ele estava conversando principalmente com os caranguejos que limpava, e o senhor Hal e dona Lissie só ouviram sem querer. Ele pigarreou e deslizou os dedos longos para cima e para baixo na coxa coberta pelo veludo cotelê. Seus olhos, que haviam perdido a aparência irrefletida, pareciam ao mesmo tempo sinceros e cheios de sentimento.

— A tenda yurt que Fanny e eu tínhamos – começou ele, com a voz firme e nítida – e os cinco acres de terra, ficavam no topo de uma colina que dava para um vale de fazendas de ovelhas e vinhedos. A abertura era voltada para o leste, então todas as manhãs o sol nascente nos acordava. A gente ficava numa pequena clareira, mas a floresta rodeava tudo e dividíamos a terra com veados, esquilos, coelhos, guaxinins e pássaros de todos os tipos. Havia falcões enormes que brincavam ali, na verdade procuravam por comida, mas meio que pairando, então parecia que brincavam, e os abutres mais graciosos, com envergadura enorme, corujas (que Fanny sempre dizia ser parecidas comigo, então talvez a coruja fosse mesmo meu totem), e às vezes até gaivotas, já que não estávamos muito longe do mar. Se algum dia vocês forem para o oeste, e eu espero mesmo que vão, adoraria mostrar esse lugar para vocês. É realmente especial. Não

fomos as primeiras pessoas a pensar assim, encontrávamos com frequência pedaços de pederneira cinzelada e cacos de cerâmica aqui e ali.

“De vez em quando, Fanny achava que tinha visto indígenas. A única vez que vi um foi quando os encontramos acampados no parque estadual, com todo mundo. Mas não foram esses que ela viu. Pelo menos não nas colinas onde estávamos. ‘Bem ali, perto do riacho’, ela falou uma vez, quando descemos para nadar no rio e ela voltou para a floresta para encontrar a nascente de um pequeno riacho que desaguava no rio. ‘O que exatamente você acha que viu?’, perguntei. Ela estava com aquele olhar intencionado, um pouco chapado, mas alegre, que ela assumia muitas vezes, sem uma boa razão, pelo que me parecia. Ou melhor, sem nenhuma razão que eu percebesse. Ela apontou rio abaixo. ‘Ali, ali, bem quietinhos na margem, dois meninos do povo Pomo, com as lanças erguidas, pescando salmão.’ Época errada, eu disse, pedante. Era verão, fazia muito calor e restava muito pouca água no rio; obviamente água insuficiente para o salmão, que é um peixe enorme. Ela não ficou perturbada com minha resposta, estava acostumada com isso. Geralmente, quando eu usava esse tom de voz, ela apenas parava de me contar o que quer que tivesse vivenciado. Mas não dessa vez. Ela os descreveu: pele levemente retinta, longos cabelos pretos, muito redondos, têm rostos de ‘lua’, ela disse. Tangas. *Tangas?* Eu provoquei. Ela confirmou. ‘Eles estavam imóveis como cervos’, confessou, ‘e difíceis de enxergar.’

“Eu não entendia nem compartilhava desses voos de fantasia, mas quando não estava ressentido por ela ser a possuidora desse dom duvidoso de... Como posso dizer? Eu gostava deles indiretamente; faziam parte do que me encantava em Fanny. E nos verões, quando eu não tinha responsabilidades docentes e nós dois podíamos ‘desaparecer’ do mundo, como ela gostava de dizer, essa era definitivamente uma parte do entretenimento. Na verdade, este era – o ‘desaparecimento’ – o seu momento mais feliz; quando ela sentia que não existia nada para ninguém além de si mesma e às vezes nem para ela mesma. Nunca conheci ninguém que amasse mais a ideia da permanência, da invisibilidade, de estar em paz debaixo de um cogumelo venenoso, do que Fanny.” Suwelo riu da imagem de Fanny, que visualizou perfeitamente. Lá ela estava sentada sob seu cogumelo marrom, feliz como um sapo, e sendo um deles.

“E ela captava informações de maneiras que eu também nunca entendi. Ela tinha parado de ler de maneira sistemática; as informações de que precisava simplesmente vinham até ela, visitando um amigo, ou alguém que mal conhecia, por exemplo. Aí derrubaria um vaso, a água respingaria numa pilha de livros no chão, ela secaria com cuidado todos os livros, ajoelhada no chão, pedindo desculpas profusamente o tempo todo. Então a informação, ou o que quer que fosse, que ela procurava vagamente, aparecia na página mais molhada de um dos livros enquanto ela a secava em frente ao fogo e lá estaria exatamente o que ela queria saber. Seus olhos permaneceriam na página só por um minuto, enquanto ela absorvia a informação, e então continuava as coisas. Já vi esse tipo de coisa acontecer bastante; e às vezes era realmente enlouquecedor. Em comparação, para tudo que eu queria aprender, tive que trabalhar muito, muito arduamente, passando semanas, até meses, trancado em estantes bolorentas de biblioteca com livros decadentes empilhados bem acima da minha cabeça.

“Ou seus desejos! Fanny desejava quase tudo: comida, roupas, uma experiência, uma passagem para qualquer lugar, um telefonema de uma pessoa amiga, qualquer coisa; lontras no rio, um cervo com chifres muito maiores do que ela, enormes, todo mês de setembro quando começa a temporada dos cervos e os machos são rotineiramente caçados e abatidos, mas Fanny não via só um cervo com chifres enormes, e sim dois! Ela até cresceu alguns centímetros fazendo aulas de artes marciais duas vezes por semana... E tudo que ela desejasse aconteceria. Foi seu desejo que nos trouxe a yurt, uma autêntica tenda yurt feita à mão, construída por uma moderna bruxa holandesa de Amsterdã que estava de passagem a caminho sabe-se lá Deus onde, uma yurt na qual eu certamente nunca teria sonhado em morar um dia. Afinal de contas, as únicas yurts que eu conhecia eram as das fotos tiradas na Mongólia Exterior que vi na *National Geographic* feitas de pele de iaque. Mas não, aquela que ela conjurou para nós era redonda, sim, mais ou menos, e feita de madeira. Tinha um fogãozinho com uma chaminé que se projetava para fora e um telhado feito de telha asfáltica. Tinha janelas por todo lado. Ela foi para algum lugar e dormiu numa dessas, depois de ter sonhado com uma por meses, e adorou. Precisamos de uma yurt, ela disse. Não se passou nem uma semana, e nossos amigos ligaram oferecendo a deles. Tinham construído

uma casa tradicional, quadrada e moderna, que Fanny considerava indescritivelmente feia e sem alma, e quase demoliram a yurt. Então nos mudamos. O espaço só dava para capar um gato, como dizem, mas, como estávamos lá apenas durante o verão, passávamos a maior parte do tempo ao ar livre. À noite, o tamanho era perfeito para nos aconchegarmos no futon e ficar olhando as estrelas.”

Nesse momento da sua história, Suwelo parou abruptamente de falar, levantou-se da cadeira e subiu a escada. Quando voltou, trazia consigo um pequeno álbum de fotos. Ele o passou para seus amigos, que o folhearam em silêncio. Eram fotos de Suwelo, parecendo uma cotovia, sentado no chão e aparentemente preparando vegetais silvestres para comer; uma moradia de aspecto engraçado que os fez pensar nas casinhas tortas dos contos de fadas infantis; e uma mulher bem bonita, negra e queimada pelo sol, com uma expressão da mais intensa expectativa do bem no rosto. Um rosto que esperava que tudo na natureza se abrisse, sem resistência, para ele. Um rosto que dizia sim, não uma vez, mas repetidas vezes. Era um daqueles rostos que as pessoas têm quando são muito beijadas quando são bebês e crianças pequenas. Embora suas mãos estivessem ao lado do corpo nas fotos, tinha-se a sensação de que estavam levantadas e abertas, oferecendo ou retribuindo um abraço.

— Você acredita que esse rosto está sempre melancólico ou abatido? — perguntou Suwelo, rindo. Ele mesmo não conseguia acreditar e já tinha visto com frequência.

“‘Eu quero um jardim’, Fanny pediu. Mas não tinha uma gota de água naquela terra de maio a novembro. A água que não tiramos do parque se materializou num longo cano de plástico preto conectado a um poço que duas donas de um vinhedo no cume mais próximo de nós nos ajudaram pessoalmente a colocar.

“Às vezes eu me sentia levado por uma onda de experiências que pareciam realmente mágicas. Passei a acreditar que tudo que Fanny desejasse aconteceria e que tudo que ela fosse, mesmo que remotamente, contra, fracassaria. De certa forma, isso me fazia sentir medo em qualquer confronto furioso com ela. Sabem aquela expressão ‘fuzilando com o olhar’? Acho que Fanny conseguiria fuzilar com um olhar. Mas, felizmente, ela não estava nem um pouco interessada em destruir nada. Não, o jeito dela era ignorar, ir embora. Do nada, ela simplesmente não estava

disponível para interagir com nenhuma ignorância que percebesse. E, quando voltava, sempre havia um distanciamento definido, um sentimento vindo dela meio que ‘bem, afinal somos diferentes. Eu tenho o meu caminho, você obviamente tem o seu. Simplesmente coexistiremos. Se eu conseguir dividir espaço com lincas, cervos, lontras e cobras, certamente conseguirei viver com você.’ Uma semana assim. Então conversaríamos, riríamos, e ficava decidido que meu mau comportamento e sua teimosia estavam atrapalhando a celebração do nascer iminente da lua cheia. Aí não dava! E nossas vidas seguiam em frente.

“Dá vontade de rir quando penso no que disse antes: que Fanny não sabia das minhas brincadeiras porque vivia no mundo dela. Não é porque ela vivia em seu mundo que não sabia. Mas porque ela confiava em mim. Confiando em mim, ela simplesmente não sintonizou muitos dos sinais da maneira que poderia. E havia todos os outros sinais que ela recebia, vindos de todos os lugares, e com os quais ela tentava se identificar. O que significa, por exemplo, que um dia um pássaro foi andando para trás, lenta e cuidadosamente, por um grande carvalho em nossa clareira, saltou até Fanny, olhou para ela, subiu e se sentou na sua cabeça? Isso a fez pensar na Rainha Nut. *É óbvio que sim!* E do ideograma do urubu na *sua* cabeça. Talvez Nut estivesse tentando dizer algo a ela? Quem poderia saber? Bem, neste caso, Nut *estava* tentando dizer algo a ela, o que ela descobriu conversando com uma amiga nossa que é adoradora da Deusa e egiptóloga. Sua frase favorita de Nut, disse um dia nossa amiga enquanto estávamos sentados olhando para um desenho da deusa numa carta de tarô, é: ‘Tudo que eu abraço se transforma.’ ‘É isso!’, Fanny concordou. ‘É isso o quê?’, perguntei. Ela não explicou. Mas agora acho que o que ela quis dizer foi que devemos, todas as pessoas, nos voltar para tudo que queremos, em nossa vida, em nossos amores, no planeta, e quanto ao que não queremos basta ter equilíbrio para deixar partir. Mas eu não sabia disso naquela época.

“Eu lembro quando tentei fazer com que ela usasse aquelas lingerie no estilo da Frederick’s of Hollywood. Fanny tem um corpo lindo. Mas ela não deixava óbvio. Eu sabia que ela ficaria tão boa ou melhor do que as mulheres com quem fantasiei. Mas ela se vestia da cabeça aos pés com as coisas mais brochantes. Vestidos longos, vestidos longuíssimos e pesados, à noite. Flanela. Com gola alta. Ela usava ceroulas. *Ceroulas* enormes. Pelo

menos eram divertidas. Ela tingia de todos os tipos de cores. Vermelho, amarelo e laranja. Ela parecia fofa em vez de sexy.

“Mas eu fico com frio com essas coisas que você gosta. E me sinto ridícula. São muito fininhas para usar. Por que você quer que eu use isso?’, ela perguntou certa vez, olhando para mim de forma tão penetrante que tive vontade de esquecer de vez o assunto.

“Ela, relutantemente, vestiu uma calcinha vermelha de cetim e renda que comprei, saiu da yurt e mostrou para mim.

“Estou me sentindo como um letreiro néon.’

“E eu tive que admitir que ali, na floresta, no meio do nada, ela parecia mesmo.

“Mas o tesão adora néon’, foi o meu sentimento.

“Depois, como dizem nos romances do início do século xx, me senti bem, pelo menos pensei que me sentia bem. Ela se sentiu péssima. Chorou e disse que se sentia degradante. Nunca mais vi o cetim e a renda vermelha.

“Mas essa luta específica, que perdi – a luta para fazê-la usar lingerie sexy e aproveitá-la como eu –, durou vários anos. Eu estava sendo influenciado na minha vida particular com Fanny pela vida sexual oculta que tinha em outro lugar. Ela deve ter percebido isso, e tenho certeza de que ficou magoada. Teve uma vez que ela até se sentou na cama depois de um sono profundo, ou pelo menos foi o que pensei, gritando: ‘Quem são todas essas mulheres nesta cama com a gente? Quem são? Quem são?’ E começou a me bater com um travesseiro e a chorar. Mas depois fizemos uma piada sobre isso. Porque ela não devia saber o que eu andava fazendo, e eu não deveria estar, na cabeça dela, fazendo nada.

“Até que sua tolerância finalmente se esgotou. ‘Escute, Suwelo, se você gosta dessas coisas, usa você’, ela disse. E realmente comprou uma tanga vermelha para mim, com um espaço aberto na frente, um pequeno v, e eu fiquei feliz vestindo aquilo. E então comecei a usar roupas íntimas justas, mínimas e coloridas, porque eu gostava, e ela ficava um pouco melhor quando fazia compras, mas suas escolhas eram sempre elegantes, discretas, carolas. Tive que aceitar o fato de que Fanny não ligava muito para o corte de suas roupas íntimas e de seus vestidos. Ela queria conforto, aconchego, peças de roupa resistentes e bem-feitas. Para ser sincero, ela preferia comprar suéteres, botas e coisas assim no departamento masculino; ela

dizia que eram muito mais bem-feitas e com corte mais generoso do que as roupas femininas. De vez em quando ela comprava algo de que nós dois gostávamos; algo geralmente caro e muito sexy, mas nada que pudesse ser confundido com néon.

“Então, sim, acho que ela sabia. Conhecendo Fanny, ela provavelmente sabia antes de mim. Talvez ela tenha ficado na África por tanto tempo porque queria que eu tivesse liberdade para transar com várias mulheres.

“Foi uma liberdade que eu nunca tive. E fui criado com a *Playboy*, que prega que o objetivo de todo homem viril é transar com o maior número de mulheres possível e pensar no talento, na mente e nas habilidades profissionais delas como mais um estímulo sexual, nada mais. Eu adorava aquela piada inspirada, tenho certeza, na maneira de pensar da *Playboy*: o que você faz com uma cientista que descobre a cura para o resfriado? Você atarraxa ela. Rá, rá.

“Não era como se ela não fosse livre para dormir com quem quisesse também. Ela era. E se apaixonou rapidamente por todos os tipos de pessoas, nem todas elas espíritos. Mas dormir com essas pessoas não tinha importância para ela. Ela tentou me explicar isso, usando como exemplo sua relação com os planetas; sim, os *planetas*. ‘Eu moro na ‘Terra’, ela disse. ‘E eu a amo; sei que ela realmente precisa de mim, quer saiba disso ou não.’ Ela sorriu. ‘Agora, eu também sei que existem todos aqueles outros planetas lindos em algum lugar, e eles podem inclusive ser infinitamente mais emocionantes, mas a Terra é onde estou, e, quanto mais me relaciono com ela, mais interessante e emocionante ela se torna. Não sabemos quase nada sobre a Terra. Você sabe, né?’ Acontece que nesse exato momento Fanny confessou que nunca havia chegado ao orgasmo em uma transa nossa, e lá estava eu me imaginando como o amante *completo*, se ao menos ela se vestisse adequadamente para seu papel; embora ela experimentasse regularmente o que mais tarde me disse ser ‘uma espécie de êxtase’. Mas sem orgasmos. Eu, com certeza, não sabia quase nada sobre a ‘Terra’ e deveria ter evitado tentar chegar aos outros ‘planetas’.”

— A mulher é um mistério – comentou o senhor Hal, de forma encorajadora. Essa era, Suwelo sentia, a única resposta apropriada.

Dona Lissie não disse nada.

— E tem outra coisa estranha – continuou Suwelo, muito feliz por estar conversando com eles. – Vários de seus antigos amantes ainda estavam meio que “por perto”. Até aquele que se afogou num acidente de barco na costa da Carolina do Sul quando ela ainda estava no ensino médio. Acho que Fanny nunca foi abandonada por alguém com quem ela se importava; e ela não ficava triste quando alguém morria, mas sim com o *jeito* como as pessoas morriam, ou triste com a doença, ou algo assim, mas, de certa forma, os vivos e os mortos, uma vez *mortos*, eram praticamente os mesmos para Fanny, e se apresentavam a ela da mesma maneira.

“Isso certamente me deu uma sensação de insegurança. Havia vezes em que, se *ela* estivesse lá, e eu visse que ela não estava, embora o seu corpo estivesse sentado tranquilamente ao meu lado numa cadeira, eu não tinha a certeza de sua presença. Eu sempre parecia estar perseguindo Fanny, mesmo quando ela estava literalmente presa em meus braços. Carlotta não entendia isso; e quem poderia entender? Eu costumava provocar Fanny dizendo que ela trouxe um significado inteiramente novo para a palavra ‘servidão’. Às vezes eu me sentia tão desiludido, tão cheio de autopiedade e futilidade, tão *casado* – mas de uma forma que parecia totalmente diferente de ‘casamento’ como estamos acostumados –, eu estava simplesmente doente. As noites que passei vasculhando esta casa”, Suwelo olhou para cima, em direção à escada, “pensando nessas coisas! Outros homens se casam com mulheres e dizem que as amam e, em cinco anos, embora ainda vivam com elas, a gente vê que essencialmente se separaram. Não existe mais uma conexão espiritual, nem física, autêntica. Em vez disso, estão ligados por contas a pagar, carro, filhos, conveniências políticas, seja o que for. Com o tempo, Fanny e eu não compartilhamos nenhuma dessas coisas. O divórcio foi apenas nossa primeira perda de qualquer parentesco não intrínseco. Depois disso, foi como se estivéssemos vendo até onde conseguíamos ir. Poderíamos ser duas pessoas que se reencontram de vez em quando, por exemplo? ‘Não suportava me sentir entediada quando o via chegar’, ela disse. Já eu, não suportava a ideia de uma perda de autonomia ou de liberdade que a fizesse perder a sua magia. Porque passei a valorizar e amar cada vez mais isso nela.

“Ela saiu do quarto e foi para a parte traseira da casa. E aí ela se mudou de vez. Alguns de nossos amigos pensaram que isso significava que estávamos separados. E eles não sabiam nada sobre o divórcio. Mas não,

espaços separados aumentaram a nossa harmonia, às vezes. Não quero fazer com que isso pareça mais fácil do que era. Muitas vezes era um inferno. Começamos a ter um vislumbre de um modo de vida que nos dava luz solar direta, por assim dizer. Nenhum de nós queria ofuscar o outro. Mas, ao mesmo tempo, queríamos um grau de estabilidade, aconchego. Queríamos ser a floresta e a árvore. Desenvolvimento separado que melhorasse tudo que estávamos criando separadamente e juntos em nossa... *jornada*; era isso que procurávamos.

“O casamento simplesmente não era para a gente. Fanny achava que provavelmente não era para ninguém. Ela achava que não era natural. Eu não tinha tanta certeza, sendo um homem dentro de um sistema patriarcal. Via alguns privilégios. Ela achava que as palavras ‘o que Deus uniu o homem não separa’ pronunciadas em casamentos não tinham sentido. Para ela, ‘casamento’ era uma união de almas que era eterna, *fosse como fosse*; era presunçoso, portanto, alguém pensar que poderia ser separado. Depois tinha o pregador diante das pessoas quando já estavam casadas, fingindo representar ‘Deus’, mas na verdade representando o Estado. Ela se sentiu insultada pela hipocrisia. Além disso, em sua opinião, se unir a outra pessoa era um assunto tão sagrado que quase não havia como fazer isso na presença de outras pessoas, inclusive muitas delas sendo estranhas, amigos de amigos, parentes de quem você não gosta e outras pessoas que não entenderiam o significado do momento.

“A partir daí vocês podem ver facilmente que entre mim e Fanny nunca faltou assunto. Às vezes estávamos tão distantes em nossas ideias que eu ficava bastante irritado. Ela sempre parecia rebaixar as pessoas, seus menores costumes, seus pequenos gestos. Por trás de cada pequeno costume, de cada pequeno gesto, ela via uma *instituição* que nunca teria concebido. ‘Por que você me ama, se é que você me ama?’ Eu chorava. E ela pensava por um momento e dizia: ‘Eu amo por você respirar.’ Normalmente, a coisa menos substancial sobre mim! ‘Também a menos colonizada’, ela dizia, toda fofa. Algo inédito, na verdade, algo invisível. Não meu cérebro, não meu pau, não meu coração – não, mas a minha respiração. Mas para ela, conforme me explicou, minha respiração representava não só a minha vida, mas também a própria força vital; e no dia a dia isso significava que ela podia me beijar o tempo todo, e ela beijava. Nos beijávamos por horas. Horas. Ela enroscava minha língua em

sua boca e, com um arrepio de prazer que infalivelmente me fazia levantar quase além da ocasião, ela prendia minha respiração. Seu hálito, doce, delicioso, a própria essência da vitalidade de sua alma, entrava em mim. Eu não tinha ideia, antes de estar com Fanny, de como constantemente e cada vez mais sedutor é esse tipo de beijo. Começamos nos beijando como todo mundo, um ou dois minutos de cada vez, mas depois... É um vínculo baseado no ar, em nada, em *nada* que se possa ver, ou guardar, tirar ou colocar, seja como for; e descobri que esse era o vínculo mais forte de todos. Era muito engraçado, e ríamos de quanto gostávamos de beijar. A mistura de nossas respirações enquanto nos beijávamos durante aquela segunda meia hora, como gostávamos de brincar, quase poderia nos levar ao... hummm... clímax.”

— Alguns de nós já ouvimos falar sobre isso – comentou dona Lissie ironicamente, e o senhor Hal riu.

PARTE V

O EVANGELHO SEGUNDO SHUG

BEM-AVENTURADOS são aqueles que são inimigos do seu próprio racismo: viverão em harmonia com os cidadãos deste mundo, e não com os do mundo dos seus antepassados, que já morreram e que nunca mais verão.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que nasceram do amor: concebidos na ternura de seu pai e no orgasmo de sua mãe, pois serão aqueles – muitos dos quais serão chamados de “ilegítimos” – cujos espíritos não conhecerão limites, mesmo entre o céu e a terra, e cujos olhos hão de revelar a centelha do amor que foi sua própria criação. Conhecerão a alegria ombreada ao seu sofrimento e conduzirão multidões à dança e à Paz.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que estão ocupados demais vivendo para reagir quando injustamente atacados: em suas caminhadas, encontrarão mistérios tão intrigantes que os distrairão de cada golpe.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que encontram na Criação algo para admirar a cada hora. Seus dias transbordarão em beleza, e as masmorras mais sombrias oferecerão presentes.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que recebem unicamente para oferecer; em sua casa sempre circulará a energia da generosidade; e, em seus corações, o início de uma nova era na Terra: quando nenhuma chave será necessária para destrancar o coração e nenhuma fechadura será necessária nas portas.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que amam o estranho; nisso refletem o coração da Criação e da Mãe.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que se contentam em ser quem são; nunca lhes faltará mistério em suas vidas, e as alegrias da autodescoberta serão constantes.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que amam o cosmos inteiro, em vez de seu minúsculo país, cidade ou fazenda, pois a eles será mostrada a teia ininterrupta da vida e o significado do infinito.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que vivem no sossego, sem conhecer marcas nem modismos; eles viverão cada dia como se estivessem na eternidade, e cada momento será tão pleno quanto prolongado.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que amam os outros sem se separarem de seus defeitos; a eles será dada a lucidez da visão.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que criam qualquer coisa, pois reviverão a emoção de sua própria concepção e realizarão uma parceria na criação do Universo que os manterá responsáveis e alegres.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que amam a Terra, sua mãe, e que sofrem de boa vontade para que ela não morra; em sua tristeza pela dor dela chorarão rios de sangue, e em sua alegria, em sua viva resposta ao amor, conversarão com as árvores.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que veem cada ato como uma oração pela harmonia no Universo, pois são os restauradores do equilíbrio do nosso planeta. A eles será dada a compreensão de que toda boa ação praticada em qualquer lugar do cosmos acolhe a vida de um animal ou de uma criança.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que se arriscam pelo bem dos outros; a eles serão dadas grandes oportunidades para riscos cada vez maiores. Terão uma visão do mundo em que o presente de ninguém será desprezado nem perdido.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que se esforçam para abandonar a raiva; sua recompensa será que em qualquer confronto seus primeiros pensamentos nunca serão de violência ou de guerra.

BEM-AVENTURADOS são aqueles cujo cada ato é uma oração pela paz; deles depende o futuro do mundo.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que perdoam; sua recompensa será o esquecimento de todo mal que lhes foi feito. Estará em seu poder, portanto, visualizar a nova Terra.

BEM-AVENTURADOS são aqueles a quem é mostrada a existência da magia da Criação no Universo; eles experimentarão deleite e espanto sem cessar.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que riem com o coração sincero; deles será a companhia dos alegres justos.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que amam todas as cores de todos os seres humanos, assim como amam todas as cores dos animais e das plantas;

nenhum de seus filhos, nem qualquer de seus ancestrais, nem qualquer parte deles lhes serão escondidos.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que amam as lésbicas, os gays e os heterossexuais, como amam o sol, a lua e as estrelas. Nenhum de seus filhos, nem nenhum de seus ancestrais, nem qualquer parte deles lhes serão escondidos.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que amam o que está partido e o inteiro; nenhum de seus filhos, nem nenhum de seus ancestrais, nem qualquer parte deles será desprezada.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que não se juntam às turbas; deles será o entendimento de que atacar com raiva é assassinar em confusão.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que encontram coragem para fazer pelo menos uma pequena coisa todos os dias para auxiliar a existência de outra vida – planta, animal, rio ou ser humano. A eles se juntará uma multidão de tímidos.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que perdem o medo da morte; deles é o poder de imaginar o futuro em uma folha de grama.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que amam e apoiam ativamente a diversidade da vida; eles estarão seguros em sua diferença.

BEM-AVENTURADOS são aqueles que *sabem*.

Arveyda leu o panfleto *O Evangelho segundo Shug* repetidas vezes. Carlotta sentou-se em silêncio ao seu lado. Ela não achava que ainda o amava; nem queria considerar isso. Sentia-se atraída pelo que ele sabia e pela forma como o sabia; e pela sua música, sempre. Ela estava visitando-o na nova casa que ele comprara ao voltar da América Central e do Sul: um bangalô espaçoso, baixo e acusticamente perfeito, que se projetava das colinas de Berkeley e fora inspirado nas casas projetadas por Frank Lloyd Wright. No andar inferior havia um estúdio de gravação de última geração, com isolamento acústico, e das janelas dele se via a Golden Gate Bridge em seu esplendor enevoado e o pôr do sol era espetacular de ver dos três andares da casa. Em comparação, a casa dela parecia sem vista, bagunçada, abandonada e, para três pessoas, absurdamente pequena. Também era em Oakland, menos elegante. Ele a convidou para morar com ele, os filhos também, mas ela não quis. Descobriu que gostava de morar na própria bagunça e na bagunça dos filhos.

— Quem é Shug? – perguntou Arveyda. Levantou um dos pés e o cruzou sobre o joelho. Ele tinha o hábito de balançar o pé levantado, o que o fazia parecer impaciente.

Carlotta tirou os sapatos e sentou-se por cima dos pés. Ela gostava dessas visitas, que eram semelhantes, segundo ela imaginava, às visitas que alguém poderia fazer a um pai ou a um irmão mais velho. Como sempre, Arveyda ofereceu um ambiente luxuoso e comida fresca e saudável. As duas crianças estavam na escola das oito e meia às três e meia naqueles dias, e, por causa do recesso de primavera, ela não precisava dar aulas durante a semana.

— Enquanto você estava fora – respondeu ela –, eu costumava ir a um lugar chamado Salão de Massagem da Fanny. Era perto do campus. Fanny fazia massagens muito boas.

Ela prendeu a respiração; mas por que deveria hesitar ou ter esse receio?

— Ela era esposa daquele homem em quem eu estava interessada, de quem você perguntou uma vez, Suwelo.

— Suwelo? Igual à runa? – perguntou Arveyda.

— Sim. A runa da totalidade. Mas não creio que isso se aplicasse a Suwelo, pelo menos não quando o conheci.

— Por que diz isso?

— Porque ele estava em pedaços.

Arveyda interrogou Carlotta com o olhar, e ela ignorou. Com calma, talvez, ela lhe contasse tudo sobre *suas* experiências íntimas com outra pessoa. Mas agora não.

— Shug, pelo que entendi, era a avó de Fanny, ou algo do tipo. Assim como sua mãe, ela fundou uma igreja.

O que exatamente isso significava?, ela se perguntava agora. Tentou imaginar a mãe de Arveyda, que lhe dera o nome de um sabonete. Era ela uma mulher grande e preta como algumas das mulheres negras idosas que via nas ruas? Não; ele disse algo sobre seu estilo. Bem, mas as mulheres grandes e pretas eram muitas vezes as mais elegantes de todas. Ela tinha uma igreja, uma igreja de verdade, com vitrais e tudo mais? Carlotta nunca tinha ido à igreja por vontade própria. Zedé a levou para a igreja católica na esquina da casa delas quando ela era criança. Elas entendiam pouco dos sermões e pararam de ir aos poucos. Zedé nunca admitiu que existissem povos pagãos. Já bastava o catolicismo.

Arveyda sorria para ela enquanto pensava naqueles dias.

— Bem – disse ele –, mas minha mãe nunca escreveu as próprias bem-aventuranças!

— Fui ao salão da Fanny porque a conheci na faculdade. Não a conheci de fato, mas a via de vez em quando. Ela tinha se mudado de Nova York para a Bay Area com Suwelo. Os dois eram professores. Ele dava aula de história americana, e ela, de estudos femininos. Mas aí ela ficou frustrada como professora e passou para administração. Porque achou que seria mais fácil, não sei como. Lógico que não era. Ela andava por aí com um olhar de uma angústia tão inconfundível que era quase cômico. Então, quando me dei conta, ela tinha abandonado a faculdade por completo e se matriculado na Escola de Massagem de São Francisco. Ela abriu um salão, pequeno, na mesma rua da faculdade, e muitos de seus ex-colegas que trabalhavam sob estresse passaram a ser seus clientes.

“Desde o momento em que soube de você e Zedé, tive uma enxaqueca, e todo o meu corpo era um nó apertado de dor.” Carlotta disse isso bem devagar, com uma voz quase inaudível. Depois acelerou, sua voz firme e

casual. “No começo eu não tinha planos com o marido dela – ele não era mais seu marido, mas eu não sabia. Eles estavam sempre juntos. Onde você via um, quase sempre via o outro.” Carlotta deu uma risadinha. “Fiquei atraída pela proximidade deles, percebo isso agora. Como a vida é absurda! Juntos, eles representavam o lar, a família, o aconchego, um lugar ao qual pertencer. Seu salão de massagens era conveniente”, continuou ela sobriamente, “seus preços eram razoáveis. Ela distribuiu cupons grátis para seus amigos e pessoas da faculdade. Eu fui. Ela me tratou da mesma forma que tratava todas as outras pessoas. Depois de uma massagem de duas horas que incluiu 45 minutos de acupressão, fiquei viciada.

“Ela ficava em uma casinha, a ‘casa da sogra’, nos fundos da casa de alguém. Para chegar lá seguia um caminho curvo de lajotas por meio de arbustos floridos e vinhas – hibiscos e jasmim, eu acho. Eu me lembro das cores vibrantes e de um cheiro muito gostoso; embora essas duas não floresçam ao mesmo tempo. Não sei nada sobre flores. Mas eu gostava que ela tinha flores. Sua maca de massagem era cercada por plantas verdes que formavam uma cortina viva e me faziam pensar no ar livre, numa cachoeira. No canto havia um pequeno fogão a lenha onde ela colocava uma vareta de incenso de sândalo ou enfiava uma trança de erva-doce de vez em quando. Ela colocava um cristal enorme na cabeça e outros menores nos pés. Eu não sabia nada sobre cristais na época, e, quando ela falou sobre suas qualidades calmantes ou curativas, a informação entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Eu não estava conectada a nada, entende. Nem ao meu corpo, nem às crianças, nem, muito menos, a objetos inanimados. ‘Quando você estiver melhor’, ela disse, colocando um pequeno cristal de ametista em minha mão, ‘você vai conseguir sentir a vibração’. Esse tipo de conversa parecia para mim o próprio murmúrio de bruxas. Nunca ficamos amigas, nem mesmo muito simpáticas. Éramos cordiais, acho que se pode dizer. Eu não conseguia entender por que ela havia aceitado um emprego de baixo prestígio e voltado para serviços assim, tendo credenciais acadêmicas tão sólidas. Perguntei isso a ela uma vez, educadamente, sem a franqueza da minha perplexidade. Ela deu de ombros e disse: ‘Ah, *academia*.’ Só isso.

“‘Por que você escolheu esse trabalho específico?’, perguntei outro dia, enquanto ela trabalhava para soltar os tendões contraídos em minhas pernas.

“Sua resposta parecia impossível, dada a serenidade do ambiente e sua expressão de calma: ‘Para ser forçada a tocar as pessoas, mesmo aquelas de quem não gosto, com gentileza, e ser forçada a reconhecer sua realidade corporal como pessoas e sua dor também. Caso contrário’, ela disse, ‘tenho medo de começar a assassinar algumas pessoas’.

“Tenho certeza de que deu para ver que me enrijeci toda. Acho que seria a reação de todo mundo, né? Lá estava eu, nua em suas mãos. Com planos com seu homem; não que ela parecesse pensar em Suwelo dessa forma. Mas vai saber, não é mesmo? Talvez ela suspeitasse de que ele e eu estávamos começando a ter muitos encontros casuais no bebedouro.

“Independentemente disso, ela continuou trabalhando em minhas pernas e tentando flexionar meus dedos quase rígidos. Meus dedos dobrados eram tão feios. Eu nunca tinha notado.

“‘Você deveria jogar fora esses saltos altos, sabe’, disse ela. Mas ela já tinha dito isso.

“‘Eu sei’, respondi, exatamente como disse antes.

“‘Você está se penitenciando, é?’, perguntou ela.

“‘O que você quer dizer com isso?’, respondi. O que ela *queria* dizer? Ela não conhecia você, não nos conhecia. Não conhecia Zedé. Nunca teria sonhado com o que aconteceu. Ainda assim, eu não tinha certeza. Às vezes, eu sentia que as pessoas sabiam o que havia acontecido só de olhar para mim. Sentia que tinha sofrido um acidente terrível que me deixou cheia de cicatrizes; muitas vezes eu me assegurava de que minhas cicatrizes eram pelo menos invisíveis. Mas o que é invisível para uma massagista?

“‘Ah’, disse ela, ‘as mulheres usam coisas que as machucam para expiar o pecado de amar alguém que prefeririam não amar. Alguém que podem realmente considerar indigno delas. Às vezes chamam isso de “sedução”, acrescentou, sombriamente.

“‘Talvez fosse verdade, pensei. Usei o tipo de sapato de que você gostava que eu usasse, embora machucassem, e você me trocara pela minha mãe, que sempre usava sapatilhas.’” Isso foi engraçado, e Carlotta riu. “Parece um episódio de *Soap*”, disse ela, “não fazia sentido usar esses sapatos, eles me matavam. Gostava da maneira como os homens olhavam para mim de salto alto. A expressão em seus olhos me fazia esquecer quão solitária eu estava. Descartada.”

— E o que você via quando olhava para eles? – interveio Arveyda, com tristeza.

— Ai, meu Deus... eu não estava pensando *nisso*... Fanny ia fazer a massagem, e logo o corpo se sentiria como seu novamente. E *ela* ficaria satisfeita, como se tivesse alcançado uma vitória, embora temporária, e você se perguntaria se realmente ouviu essa mulher gentil dizer alguma coisa sobre assassinar alguém.

“Uma vez, depois, perguntei a Suwelo sobre isso. Ele foi evasivo. Disse que ela estava consultando uma terapeuta, mas que essencialmente ela era uma daquelas vítimas de racismo que é extremamente sensível e que fica muito consciente disso. Se transformou como uma escama ou uma teia sobre seus olhos. Para onde quer que ela olhasse, era o que via. O racismo voltou seus pensamentos para a violência. A violência a deixou doente. Ela estava trabalhando nisso.

“De qualquer forma, ela tinha uma pilha de panfletos numa mesa perto da porta. Todo mundo que entrava lá era incentivado a pegar um. Tive pena dela, por, aparentemente, ter caído nas garras da religião da avó. E consegui encontrar a paz fazendo um trabalho quase servil, num espaço minúsculo. Sim, tive pena dela; se eu estava me penitenciando usando sapatos de salto alto, ela se penitenciava com ferramentas, trabalhando nas minhas pernas e nos dedos dos pés doloridos. Mesmo assim, gosto de algumas partes do evangelho da Shug; pelo menos ela não fala que são bem-aventurados os pobres. E adoro o penúltimo versículo, onde ela fala que bem-aventurados são aqueles que amam e apoiam a diversidade porque, na sua diferença, estarão seguros. Mas o último me confunde. Bem-aventurados são aqueles que *sabem*. Sabem *o quê?*, eu me pergunto. E então penso que eu não, de fato, sei e me pergunto se algum dia vou saber.” Carlotta disse isso com uma petulância quase infantil.

Arveyda olhou para a esposa, que, sem querer, lhe devolvera o mistério da própria mãe; e com quem, apesar da existência dos filhos, sentia nunca ter feito amor; e ele pensou, simplesmente por causa da magia que ela acabara de realizar, ao evocar uma Katherine Degos quase esquecida, que ela não poderia falhar.

— Você *está* começando a *saber*, Carlotta – disse ele, com tanta ternura que os dois coraram. E acrescentou: – *Como isso se torna você*.

No panfleto de Shug, ilustrado na frente e no verso com vários elefantes grandes e serenamente alertas, o panfleto que Carlotta trouxera para casa há muito tempo, de um salão de massagens dirigido por uma mulher cujo marido se tornara seu amante, e que ela casualmente lhe dera e ele leu casualmente, Arveyda reconheceu um parente espiritual da própria mãe. A mãe dele. Qualquer lembrança dela o machucava. Então ele nunca pensava nela. Ler o *Evangelho* foi a primeira vez, desde seu antigo encontro com Zedé, que ele viu algo que o deixou curioso sobre ela, ou que sentiu falta de algo do espírito dela no mundo. Por que sua mãe adorava uma foto? De quem era? “Seu pai”, ela sempre dizia; mas agora que ele mesmo era pai sabia que havia mais. Por que ela tirou a foto do lado da cama dele? Por que se tornou um “dervixe rodopiante”? Por que ela nunca foi capaz de afirmar tudo que ele era? Por que ela criou uma igreja? E teria sido assim, como no panfleto da Shug, não um edifício, ou qualquer tipo de monumento, mas apenas algumas palavras colhidas, como grãos de arroz espirituais, da sua passagem na Terra?

Havia um pôster de Nelson Mandela feito por Juan Fuentes na vitrine de uma loja de molduras perto do consultório de sua terapeuta. Era lindo, vibrante, com muitas pequenas imagens da cabeça de Mandela impostas, sorrindo, sobre uma enorme fita vermelha. O mesmo tipo de fita que Fanny usava, em solidariedade com a luta sul-africana, em sua jaqueta jeans. Ela decidiu que compraria o pôster no caminho para casa.

Sua terapeuta se chamava Robin Ramirez, e Fanny gostava dela. Era uma mulher pequena, calma, intensa e tinha cabelos escuros – o que foi um alívio. Quando uma amiga a recomendou para Fanny, o primeiro pensamento que lhe veio à mente foi: ela era ou não era? Pois Fanny, na fantasia compulsiva que a estava enlouquecendo, não cortava cabeças de pessoas de cabelos escuros.

Ela contou isso a Robin na primeira sessão.

— Acho que tenho sorte de ser *chicana* então – disse Robin, e pediu a ela que desenvolvesse o assunto.

— Não há muito o que falar sobre isso – disse Fanny. – Digamos apenas que, nas minhas fantasias, pessoas loiras não se divertem mais.

— Por que loiras? – perguntou Robin, que mais de uma vez havia pensado em descolorir o cabelo. As pessoas não tinham mais respeito pelo que as pessoas loiras faziam e diziam? Esse certamente parecia ser o caso de muitos mexicanos que ela conhecia; seus outros pacientes, por exemplo.

— Acho que é porque elas representam pessoas brancas, pessoas realmente brancas, para mim, e, portanto, a opressão branca.

— Você quer dizer dominação?

— Sim. Quero dizer nazistas, membros da Klan, os brancos e seus filhos com quem temos que nos preocupar nas ruas.

— Você conheceu alguma criança loira na sua infância?

Foi curioso, quando Fanny parou para pensar na pergunta, se dar conta de que as únicas loiras de que se lembrava na infância eram outras crianças. Todos os adultos brancos de quem se lembrava tinham cabelos castanhos.

— Tinha a Tanya – respondeu. – Não me lembro muito dela. Ela morava na mesma rua da casa da minha avó, onde minha mãe e eu moramos por um tempo quando eu era criança. Às vezes brincávamos juntas. Ela era legal. – Fanny deu de ombros.

— Tanya tinha irmãos? Pais?

— Eu sei que ela tinha pais. O pai dela era agricultor e estava sempre no campo ou, aos sábados, na cidade. A mãe estava sempre em casa. Ela assava biscoitos e trazia para a gente. Eu podia brincar no quintal com Tanya, mas não tinha permissão para entrar na sua casa. Ela tinha uma avó.

— Como isso fazia você se sentir? Não ter permissão para entrar na casa de Tanya.

— Era uma espelunca, pelo que me lembro. Não me lembro de ter pensado muito sobre isso. Mas lembro que não tinha permissão para entrar, então isso significa que certamente entendi.

— Tenho certeza que sim – disse Robin. – Você conseguia imaginar por que não era autorizada a entrar?

Fanny pensou sobre isso.

— Foi engraçado, sabe. A casa da minha avó era muito melhor que a deles. À sua maneira simples, era elegante. Bem, três mulheres adultas, talentosas e criativas, minha mãe e minhas duas avós, moravam lá; teria que ser elegante. Tanya era de uma família muito pobre do Sul, quase o que chamam de brancos fodidos. Mas nem tanto. Eles aspiravam a coisas melhores. – Ela riu. – Sabe, acho que os brancos no Sul devem ter feito uma campanha secreta de melhorias entre si para garantir que a casa de cada pessoa branca fosse pintada, de branco, se possível, e pagar aos negros apenas o suficiente para manter corpo e alma juntos, porque eles temiam que, se tivessem o menor excesso de recursos, pintariam suas casas. Eles já sabiam como pessoas negras amam cores e como ficamos bem nelas. Na verdade, os negros faziam tinta com anil e argila branca e, com essa mistura, pintavam as lareiras de um tom vivo de azul. Havia apenas duas casas por lá habitadas por pessoas negras ou de cor que tinham tinta. Uma delas era a da minha avó.

— Tanya... Por que, aliás, ela se chamava Tanya? Não é um nome sulista, é? – perguntou Robin, num tom que dizia: “Não sei absolutamente nada sobre aquela terra estranha, mas esse nome parece peculiar até para mim.”

— Não é tão russo quanto Vladimir – respondeu Fanny. – Mas só algumas pessoas pronunciam corretamente. Eu sempre consegui. A maioria das pessoas dizia ‘*Tan-ya*’, como o “tan”, do inglês. Ela e a mãe odiavam quando isso acontecia e reclamavam. Sugeri que substituíssem o “a” em “Tan” por um “o”, mas preferiram criar o hábito vitalício de corrigir as pessoas. Sempre que pensava nisso, nessa obstinação, me parecia tipicamente sulista. Uma característica tão comum às pessoas negras quanto às brancas.

“No ensino médio, assisti à integração da Universidade da Geórgia na televisão”, continuou Fanny. “E eu estava assistindo na noite em que todo o campus pegava fogo, e os brancos se enfureceram contra a matrícula de duas pessoas negras de pele mais clara de algum lugar. Assisti à integração do Central High em Little Rock. Eu vi os Viajantes da Liberdade, negros e brancos, serem espancados no Mississippi. Ainda me lembro em detalhes do rosto de um deles, um jovem branco, que morreu. Vi muitos negros e aliados brancos humilhados, brutalmente espancados ou assassinados. Parecia que as pessoas mais íntegras eram assassinadas. Cresci acreditando que pessoas brancas, falando em termos gerais, não aguentavam testemunhar integridade e saúde nos outros, assim como não suportam que pessoas diferentes delas vivam entre elas. Parecia, para mim, que nada, certamente nenhum outro povo, poderia viver e ser saudável no meio deles. Precisavam que as outras pessoas estivessem em seu pior estado – pobres, maltrapilhas, sujas, analfabetas. Só assim eles achavam bom.”

— E você pensava assim desde a infância?

— Não – respondeu Fanny. – Minha infância foi muito tranquila. Morei com minhas avós que tinham muitos amigos interessantes. Elas eram apaixonadas por mim. Não me lembro de ter visto nenhuma pessoa branca em nossa casa.

— Então, exceto pela Tanya, você não teve nenhuma experiência com brancos?

— Não diretamente. Mas a Mama Shug ficava doente muitas vezes por causa de suas lutas contra eles. Ela ia para a cidade, tinha um desentendimento, o que parecia inevitável, com algum caipira e voltava para casa xingando para caramba. – Fanny riu. – Mas, ao mesmo tempo, ela estava tentando, como gostava de dizer, manter os pés no Caminho Maldito.

— Que caminho era esse?

— Ah, minhas avós formaram a própria igreja; uma tradição de longa data entre as mulheres negras. Só que elas não chamavam de “igreja”, e sim de “banda”.

— Uma banda?

— Às vezes, uma banda de oração. Às vezes, uma banda de anjos, às vezes, uma banda de demônios. “Banda” era como as igrejas renegadas de mulheres negras eram tradicionalmente chamadas; significa um grupo de pessoas que partilham um vínculo e um propósito comuns e cuja noção de realidade espiritual está radicalmente em desacordo com a corrente dominante ou prevalecente. Mas Mama Shug era uma ótima cantora e fazia parte de uma banda musical. Querer fazer parte de uma banda espiritual era natural para ela.

— Não era um pouco fora da curva ter suas duas avós presentes, na mesma casa, criando você?

— Uma era minha avó biológica, mãe da minha mãe. A outra era sua “amiga especial”.

Robin ergueu a sobrancelha.

Fanny riu.

— Não consigo nem dizer quantas sobrancelhas vi se levantar ao contar sobre elas.

— Mas isso foi no Sul... nos anos cinquenta? Quer dizer que elas viveram juntas como...

— *Consortes* – interrompeu Fanny para responder. – Elas eram muito felizes, embora discordassem ou se afastassem muito uma da outra. E tiveram brigas bem feias, o que me fazia pensar em tempestades. Gostavam de jogar coisas; clarões de “relâmpagos” em forma de porcelana sempre iluminavam a casa. Em termos de temperamento, elas eram muito diferentes, Shug era direta; Celie, um pouco esperta. Elas viveram até bem velhinhas e morreram com um ano de diferença. Minha avó, Celie, morreu primeiro. Shug passou os últimos meses de vida trabalhando em suas bem-aventuranças, que minha mãe a ajudou a traduzir para uma linguagem um pouco mais “bíblica” do que a da Mama Shug. Os versículos de Mama Shug soavam mais como: “Regra número um: nunca mexa com ninguém, querida, e ninguém vai mexer com você!” – Fanny

riu. – Ela sentia que a espiritualidade era, acima de tudo, preciosa demais para ser deixada às interpretações perversas dos homens.

— Talvez tenha sido ela quem colocou a espada na sua mão?

— Talvez – respondeu Fanny. – Como você sabia que é uma espada? É *mesmo* uma espada, com um grande cabo dourado e uma lâmina brilhante. Mas está no meu olhar, não na minha mão. Eu olho para uma cabeça loira e, zás, ela vai parar na sarjeta.

— E depois? – perguntou Robin. – Fazer isso faz você se sentir melhor?

— Não. Sempre me sinto melhor antes. Além disso, o próximo passo é que é terrivelmente horrível.

— Qual é?

— Quando estou na sarjeta agarrando a cabeça e pegando o corpo, que ainda anda, aliás, e colocando furiosamente a cabeça de volta. Não vou ser uma racista – disse Fanny severamente. – Não vou ser uma assassina. Não vou fazer a mesma coisa que eles fizeram com os negros. Eu morro antes.

Ela morreria primeiro. (E às vezes sentia que isso estava acontecendo.) A espada em seu olhar a cegaria antes de tudo. Nada poderia impedir que ela despencasse de sua cabeça na sarjeta. Ela sabia disso. Foi depois que ela entendeu melhor e suas fantasias não mudaram nada que ela começou a entrar em pânico.

Houve momentos em que ela foi até Suwelo, deitava-se em sua cama e dizia:

— Por favor, me abrace.

Momentos em que ele pensou que fariam amor. Mas não. Ela ficava deitada em seus braços, tremendo e chorando.

— Qual é o problema? – Ele tentava persuadi-la.

Levaria muito tempo até ela conseguir responder. E então respondia:

— Tenho medo de matar alguém.

No começo, ele a repreendeu.

— Só por causa daqueles idiotas da faculdade? Qual é! Não vale a pena matar essa gente.

— Não só eles – sussurrava ela, as lágrimas escorrendo pelo pescoço dele.

— Bem, quem mais? Não eu, espero.

— Não, você não.

Uma noite, ela disse:

— Se é verdade que cometemos adultério só de pensar, então vale o mesmo para assassinato? E não é tão fácil, quando você observa um avião decolar, imaginá-lo explodindo em pedaços? Isso conta? Seremos coletivamente responsáveis pelos desastres porque os imaginamos e, portanto, os transformamos em consciência? Será que todos os seres humanos hoje em dia têm automaticamente assassinato no olhar?

— Mas por que você pensa nessas coisas? – perguntou ele, abraçando-a, seu interesse erótico já morto.

— Todo mundo não pensa nessas coisas? Agora que veem quanto é ilusória a liberdade pela qual tanto lutamos no mundo.

— Não – respondeu ele. – Eu não penso nessas coisas. Bem, eu penso, às vezes. Mas eu sei que são apenas fantasias. Não fazem sentido.

— Não acredito que as fantasias não tenham sentido. Elas são tão significativas e poderosas quanto os sonhos.

— Você é tão gentil.

— Tenho medo que seja só fachada. – Ela suspirou. – Por baixo, tem uma maníaca delirante. Às vezes me vejo no rosto das mulheres chorando, gritando e completamente loucas que aparecem todo dia na TV. É bomba caindo no telhado, são os filhos sangrando até a morte; não tem ambulância para eles. Eu odeio gente branca – disse ela. – Imagino os brancos deslizando para fora do planeta, e o planeta dizendo: “Ah, finalmente posso respirar de novo!”

— Mas você não pode causar isso. Na verdade, é mais fácil eles fazerem isso com eles mesmos, é mais fácil eles fazerem com que todos nós deslizemos para fora do planeta. Eles, e não você, deveriam estar sentindo a crise que você imagina.

— Então por que *eu* estou imaginando isso?

— Obviamente porque partilhamos o planeta.

— Eles não querem compartilhar o planeta; não querem nem compartilhar povoados, cidades, rios, praias e pontos de ônibus.

— Não, eles não querem – concordou Suwelo. – Mas eles vão ter que fazer isso. É compartilhar ou destruir.

— Acho que são inteligentes demais para se destruírem intencionalmente. Mas não são inteligentes o bastante para evitar fazer isso por acidente.

— E aí a gente vai junto.

— E aí a gente vai junto – repetiu Fanny. – *Eu não aguento mais!* Depois de tudo que passamos! – E nesse momento ela se lembrou do comentário de Nzingha sobre Jeff, o jovem sulista branco: “O quê? Pobre! E depois de tudo isso!” – Morrer de um jeito horrível por causa da arrogância faraônica dessa gente. Eu me sinto tão abandonada – disse Fanny. – Como se eu mesma estivesse me abandonando.

— O mundo inteiro está assustado – disse Suwelo, apaziguando. – Não é só você, não somos só nós. Antes deste momento da história, pelo menos pensávamos que teríamos um futuro, que nossos filhos veriam a liberdade, mesmo que nunca a tenhamos visto. Agora garantiram que nenhum dos nossos filhos viveria a vida livre e saudável que tantas gerações de pessoas oprimidas sonharam. E lutamos tanto por isso. Muitas vezes penso em violência, mas qualquer violência que eu pudesse cometer neste momento pareceria, e seria, tão pequena.

— Você é grande – disse ela. – Você é um homem. Se você se sente violento com alguém, você pode fazer alguma coisa a respeito. Pode ser mais direto. E você se permite sentir isso. As mulheres não recebem essa permissão.

— Eu apoio a legítima defesa – disse Suwelo.

— Tirar essa gente do planeta não é legítima defesa? – perguntou ela. – Já protestei tanto e fui presa tantas vezes que estou realmente muito cansada.

Suwelo riu.

— Um vento benigno e suave, vindo do nada, sopra. Todos os descrentes perdem a conexão com a gravidade e flutuam no éter. Além disso, você sabe tão bem quanto eu que nem todos os brancos são responsáveis, entre outras coisas, pelo alto custo, no mercado clandestino nuclear, do plutônio, ou pela forma como estão lentamente encontrando um caminho para a água potável... E os seus amigos? E a Karen, o Jackson e o John...

— Sim, eu sei. Georgia O’Keeffe e Van Gogh e todos os O’Keeffe e Van Gogh que virão. Pete Seeger e Dr. Charlie Clements com certeza pendem a balança. É o racismo e a ganância que precisam desaparecer. Não as pessoas brancas. Mas será que elas conseguem ser separadas do seu racismo? – Fanny suspirou. – Será que eu consigo? E quanto tempo temos?

— Mas no seu caso, Fanny, ao contrário deles, está tudo na sua cabeça. Eles não são afetados por suas fantasias, pesadelos ou sonhos. A opressão racista e o terrorismo nuclear são duas coisas que a sua magia não será suficiente para impedir. Sinto muito, mas fantasiar abrir as portas da prisão de Pollsmoor não vai tirar Mandela de lá.

— Mas talvez eu possa parar a opressão racista antes que ela comece em mim?

E então ela marcou, na manhã seguinte, sua primeira sessão com Robin.

Foram tempos difíceis para ambos. Com medo de sua assassina interior, Fanny excluiu-se, na medida do possível, do contato humano. Abandonou a sala de aula; muitas provocações. Lá estava uma confusão. Muitas pessoas burras, inocentes e infantis, cujos pais não lhes ensinaram nada sobre como não fazer com que outras pessoas no mundo as detestassem. Ela mudou para administração. Burocracia e racismo eram uma combinação mortal. Sua lâmina prateada estava sempre no ar. Pensou que nunca conseguiria limpar todo o sangue de suas mãos. Sua pressão arterial, como a de tantos negros, atingiu níveis alarmantes. Sua mãe, informada de sua condição por Suwelo, um dia ligou repentinamente para Fanny e a encorajou a acompanhá-la em uma viagem tranquila, relaxante e comemorativa à África. Ela conheceria seu pai, que nunca tinha visto, que ajudou a conquistar a liberdade do seu país mediante a guerra.

— É uma pergunta interessante – refletiu Ola, alguns meses depois de Fanny e sua mãe terem vindo visitá-lo, em um dia em que elas estavam sentadas preguiçosamente tomando o chá da tarde.

— Qual pergunta? – quis saber Fanny, que, enquanto tomava o chá e pensava em Suwelo, havia esquecido sobre o que ela e o pai estavam conversando. Ela olhou para o pai atentamente depois que ele falou, um tanto alarmada. Ele havia passado a manhã “regateando” uma de suas peças com um censor iletrado do governo, exercício que o deixou cansado e sombrio, como se ele não fosse mais capaz de tolerar tamanha tolice por muito tempo.

— Se o melhor lutador contra o homem branco é alguém que o experienciou diretamente – respondeu Ola. – Certa vez conheci uma grande lutadora que nunca tinha visto uma pessoa branca na vida, mas que mesmo assim sentia a sua opressão em todos os aspectos da sua existência, e assim, viajando a pé, ela percorreu mil quilômetros para se juntar à luta contra eles. Ela foi excelente. Bastante curiosa sobre eles como pessoas, eu acho, porque ela sempre fazia perguntas sobre sua branquitude, seus filhos e costumes. Mas ela também foi firme como uma rocha ao atacá-los. E implacável.

— O que quer dizer com implacável?

Ola franziu a testa.

— É como se ela estivesse limpando um vazamento muito sujo e problemático.

— E como ela era?

— Ah, muito tranquila. Gentil. Uma pessoa maravilhosa, realmente. Até com os animais; de todas as histórias de revolucionários contadas em volta das fogueiras nas montanhas, desfiladeiros e cavernas do nosso exílio, a que ela mais gostava era a de Sandino e os macacos. Você conhece?

Fanny balançou a cabeça.

— Bem, os guerrilheiros estavam capturando os macaquinhos que viviam na floresta onde estavam escondidos e comendo-os. Sandino fez discursos apaixonados em defesa dos macacos; destacou, entre outras coisas, que eram os guinchos dos macacos que sempre salvavam os

homens da surpresa do ataque inimigo. “Eles são nossos irmãos mais novos”, Sandino dizia, “nossos companheiros leais. Como vocês podem pensar em comê-los?” – Ela fez uma pausa, pensando na mulher. – As crianças pequenas a adoravam. Eu a adorava. Sua perspectiva de futuro, após a derrubada do regime branco, era muito ampla; incluía todos e tudo. Por isso ela gostava de Sandino: mesmo tão faminto quanto o resto de seus homens, ele manteve sua perspectiva do futuro que queria, um futuro que incluiria até os macacos.

— Essa mulher, ela não o assustava? – perguntou Fanny.

— *Assustava*. Mas eu tive que perceber que ela *era* eu. Éramos um reflexo quase perfeito um do outro. Eu também não queria ser um assassino. Eu não queria ser implacável. Mas parecia não haver outro jeito. Os brancos fizeram coisas terríveis contra nós; e muitos alegaram mais tarde inocência, simplesmente porque não sabiam nada sobre isso. Mas, para além do que faziam contra nós, adultos, destruíam nossos filhos, que estavam morrendo de fome, seus corpos, suas mentes, seus sonhos, bem diante de nossos olhos. Lutamos contra o homem branco da mesma forma que lutamos contra a peste.

— Talvez seja mais honesto lutar como você lutou – disse Fanny. – Nos Estados Unidos existe uma ilusão enlouquecedora de liberdade sem substância. Nunca é sólida, inequívoca, irrevogável. Muita coisa depende dos políticos horríveis que a maioria branca elege. Pessoas negras têm a estranha sensação, eu acho, de estar sempre correndo sem sair do lugar.

Ola concordou.

— Com certeza. Isso pode simplesmente significar que você vai continuar sendo quem é. E isso não é uma coisa ruim.

— Não sei se é isso – interveio Fanny. – Para mim, parece que estamos perdendo quem somos. Não entendemos os brancos, esse é o cerne da questão. Não que a gente realmente ainda queira; é muito assustador. Não podemos compreendê-los de jeito nenhum. Fingimos que sim de vez em quando, mas serve apenas para nos tranquilizar. Se algum dia enfrentarmos o medo de estarmos cercados por tantas pessoas cujos costumes são incompreensíveis para nós, não sei o que vai acontecer. Eles não fazem nada da maneira que faríamos. Construir aqueles prédios altos que amortecem a terra que fica embaixo, por exemplo. – (Nesse momento ela pensou nos indígenas que consideram uma tenda muito pesada e que

têm cantos que incluem a exortação para “Parentes, mudem suas tendas para A Mãe Terra poder ter a luz do sol!”) – Ou desenterrar e reivindicar tudo que está enterrado no solo. Ossos e objetos funerários de pessoas, ouro, diamantes, prata e sabe-se lá Deus mais o quê; urânio, plutônio. A maior parte do que está enterrado na terra, as pessoas de cor nunca teriam encontrado, porque nunca se preocuparam em procurar. – Fanny suspirou. – Mas somos selvagens! Como disse o Chefe Seattle: “O que sabemos?”

— Escuta essa teoria da evolução, você vai gostar – disse Ola, que sabia que muitos afro-americanos odiavam pensar nos antigos africanos como os primeiros industriais. – O primeiro ferro, até onde se sabe, foi fundido na África; então havia, pelo menos em teoria, uns dois ou três escavadores por aqui, já que o material para o ferro deve ser extraído do solo. As pessoas que fizeram isso, porém, não foram aprovadas. Assim como os Hopi no seu país, a maioria dos antigos africanos pensava na Terra como um corpo que necessita de todos seus órgãos, ossos e sangue para funcionar adequadamente. Os mineiros foram obrigados a sair, segundo a teoria. Foram para o norte.

— Sim – respondeu Fanny, franzindo o cenho –, e infelizmente foram para o oeste, lá em 1492.

Ela escreveu para Suwelo:

“Eu me sinto uma criança perguntando ao meu pai o que devo fazer. Mas confesso que é um grande alívio ter um pai a quem recorrer.

“Sabe qual é o conselho da minha mãe? ‘Perdoe-os, Fanny’, ela diz. ‘Você acha que eles sabem o que estão fazendo quando nos tratam tão mal? Você acha que eles sabem o que estão fazendo quando sugam todo o petróleo da terra de um lado do mundo e reclamam dos terremotos do outro? Você acha que eles sabem o que estão fazendo quando enchem o céu com lixo espacial e foguetes cujas importantes *missões* para espionar outros planetas não têm sentido para noventa e nove por cento das pessoas e para absolutamente nenhuma das plantas e nenhum dos animais da Terra? Você acha que eles sabem o que estão fazendo quando inventam as coisas que inventam e enfiam goela abaixo no mundo, especialmente nos nossos mundos, e nos deixam doentes? Coisas que nos matam? Não, querida. Eles não sabem o que estão fazendo. Mas você tem sorte, você vive numa época em que até eles estão descobrindo isso.’

“‘Quando eu era criança’, ela me contou, ‘a palavra do homem branco, apoiada por sua arma, era lei. Sua visão, a inspiração do mundo. Não ousávamos contradizê-lo, mesmo quando diziam que a única razão pela qual fomos colocados na terra foi para sermos seus escravos. O homem branco era o todo-poderoso. Com medo e pavor, nós o observamos de nossas casas em toda parte do mundo. Alguns de nós éramos gananciosos. Acreditávamos, como o homem branco parecia acreditar, que estavam trazendo algo melhor do que aquilo que tínhamos. Isso *nunca* aconteceu. Sempre ficamos mais pobres, com uma visão inferiorizada de nós mesmos. O homem branco bloqueou a visão entre nós e nossos ancestrais, entre nós e nossos costumes; nem todos nossos costumes eram bons, mas precisam ser mudados de acordo com a nossa própria luz. Ele precisava nos manter aterrorizados e desesperadamente pobres para se sentir poderoso. Ninguém confiante em si mesmo como pessoa colocaria tanta ênfase na não pessoalidade e na indignidade de outra pessoa. Ele não conseguia fazer os sons, os movimentos, as roupas nem as nossas comidas. O calor era cruel com ele. Foi para evitar o calor que sua aldeia deixou a África há milhares de anos.

“‘O homem branco é nosso irmão; sempre falamos isso. Ele também é o filho pródigo da África. Reconhecendo-o facilmente como era quando voltou para nós, preparamos o bezerro mais gordo. Mas nunca foi suficiente. Ele é tão vazio, tão faminto pelo que temos e ele não, que o bezerro não foi aperitivo suficiente. Ele passou a devorar a nós e aos nossos filhos, às nossas mentes e aos nossos ossos. Mas este não é o comportamento de pessoas saudáveis. Devem ser concedidos benefícios para os doentes.’

“‘Mas, enquanto minha mãe fala, penso comigo mesma: e eu? Sou a primeira a concordar que estou doente. O racismo do mundo me infectou; fui infectada quando ainda era uma criança, antes mesmo de saber o que era racismo. Agora, nas minhas fantasias, estou pronta para atacar. Mas, se eu atacar, se eu der vida às minhas fantasias, vão me conceder ‘benefícios’? E mais importante: posso concedê-los para mim mesma?

“‘Somos muito indulgentes’, digo à minha mãe. ‘Estou começando a odiar essa palavra.’

“‘Não’, ela sussurra (muitas vezes estamos na cama quando temos essas conversas), ‘isso não é possível. O perdão é o verdadeiro pilar da saúde e da

felicidade, e para qualquer progresso duradouro. Sem perdão, não há esquecimento do mal; sem esquecimento, a ameaça de violência ainda permanece. E a violência não resolve nada; só se prolonga.’

“Como é que ela tinha essa visão, que não parecia nada reacionária, mas alheia à realidade?

“Do jeito que as coisas estão indo nos Estados Unidos’, respondi a ela, ‘daqui a pouco vai ter mais homens negros nas cadeias do que nas ruas. Na África do Sul, toda a população negra está encarcerada em guetos e *pátrias* que os desprezam. Olha o que foi feito com os povos indígenas e o que ainda segue acontecendo. Olha para as origens da Austrália, os Maori da Nova Zelândia. Olha para a Indonésia sob o mando dos holandeses. Olha para as Antilhas. O perdão não é grande o bastante para cobrir o crime.’

“Como uma pessoa é destruída?’, sussurrou minha mãe com seu peculiar sotaque de missionária africana. ‘Você sabe? Quando os meus três pais – (é assim que ela se refere à sua mãe e aos seus pais adotivos, Corrine e Samuel, e Nettie) – vieram para a África pela primeira vez, ensinaram o evangelho herdado dos judeus, que foram os primeiros cristãos e que, portanto, acreditavam em oferecer a outra face, dar a César o que é de César, e assim por diante. Ao longo dos anos viram faces, cabeças, corpos inteiros ensanguentados e destruídos, do jeito que César exigiu e que levou tudo. Ele tomou a terra, tudo que havia nela e embaixo dela; ele pegou a água. Reivindicou o *espaço* aéreo sobre a terra. Ele levou os filhos do povo para trabalhar em seus campos e em suas minas. Ele destruiu tudo e, portanto, “tomou” a sua cultura, a sua ligação com seus ancestrais e com o universo; nada é mais sério do que isso. Ele tomou o futuro deles.’

“Meus pais viam pessoas morrendo o tempo todo.’ Minha mãe fez uma pausa. ‘Você se lembra, por acaso, do que Haydée Santamaría falou para o guarda da prisão que trouxe para ela o olho de seu irmão Abel, os testículos do homem que ela amava, e depois deu a notícia de que seu querido irmão, um dos mais jovens e mais bonitos revolucionários cubanos, foi morto? Ela disse, esta mulher que se mataria vinte anos depois: “Ele não está morto; porque morrer pelo seu país é viver para sempre.”’

“Isso é muito bonito’, respondi a ela. ‘Se li alguma vez, não me lembro, ou talvez tenha sido tão doloroso que esqueci.”’

“No fim das contas, você e eu, Suwelo, atingimos a maturidade tendo como pano de fundo o assassinato de nossos líderes. Na época da morte de Abel Santamaría já tínhamos dado, de alguma forma, a notícia de que Patrice Lumumba, e tantos outros, já não existiam. Ou ele foi morto depois de Abel? ‘Eliminados’, como as ‘aventuras’ da CIA na televisão descreveram. Como tantos desperdícios do corpo imperialista comum. Mas, enquanto eu pensava nisso, e realmente não aguento pensar nisso, em todos os assassinatos, em todas as perdas, em toda a dor, em todo o desperdício, minha mãe continuava sussurrando.

“‘Meus pais cuidaram de muitas pessoas enquanto elas morriam’, ela contou. ‘Eles notaram que algumas pessoas morreram completamente. Elas passaram, se foram, desocuparam seu espaço. Não sobrou nada. Isso não era verdade para todos.’

“‘O que você está dizendo?’, perguntei.

“‘Algumas pessoas morreram numa espécie de arrebatamento. Frequentemente, eram aquelas pessoas que sofreram as piores coisas. Algumas morreram com a mesma paixão com que viveram e, no fim, pareciam ver, vindo recebê-las, a querida comunidade de almas com quem guardaram a fé e em cuja memória continuaram a trabalhar enquanto estavam na terra.

“‘Minha filha querida, algumas, muitas dessas pessoas, *morreram como eram, como o melhor de quem eram*. Como pessoas inteiras. Não se falava desse jeito que vemos nos leitos de morte da TV sobre quem vai ficar com a prata, quem vai herdar o carro, quem vai ser mencionado ou omitido no testamento; essas coisas são preocupação de pessoas que não têm ideia de por que estão na Terra. Essas pessoas, esses revolucionários, como Haydée e o seu irmão Abel, deram as suas vidas, mas também as mantiveram; pois suas vidas eram deles até o fim, ininterruptas e incorruptas. Foi isso que eles nos deixaram.

“‘Quando Abel morreu, ele não tinha como saber que, anos depois, eu estaria sussurrando sobre sua morte para minha única filha e esperando que ela aprendesse e se sentisse inspirada por isso, como sua mãe foi. Não sou nacionalista, por isso não é morrer pelo seu país o que mais me toca na declaração de Haydée Santamaría. Não, o que me toca é que, quando as pessoas morrem inteiras, um poder maravilhoso é liberado no mundo; um maravilhoso destemor diante da morte, que, por sua vez, inspira nos

outros a alegria mais profunda pela vida. Isso é o que todos os torturadores aprendem, e é por isso, penso eu, que a tortura existe. Pense numa pessoa sem olhos, sem seios ou testículos, à mercê daqueles que estão tão machucados que não terão escolha quando chegar a sua hora a não ser morrer completamente, não deixando nem um pingão de inspiração, encorajamento ou alegria, e não fala, não dá informações, não entrega outras pessoas, não lambe suas botas, nem aceita seu ouro, nem o que quer que estejam tentando obrigar uma pessoa a fazer. E, mesmo que essa pessoa seja quebrada por eles e lamba suas botas, ela entende como estão doentes por precisar que suas botas sejam lambidas, pensa neles como devem ter sido quando crianças, criancinhas, sem ninguém para protegê-los do adulto cujas botas foram forçadas a lambar, sem ninguém que os amasse o bastante ou fosse poderoso o suficiente para fazê-los se sentir seguros. Se você arrancar a língua de outra pessoa, você terá uma língua na mão pelo resto da vida. Você é responsável, portanto, por tudo que essa pessoa possa ter dito. São os torturadores que entendem isso, que mudam. Alguns mudam, sabe.’

“Você está dizendo que todo mal, como racismo ou sexismo, é resultado de uma doença?’, perguntei a ela.

“Não só isso’, ela sussurrou. ‘A criança, quando adulta, vai fazer com o outro tudo que fizeram com ela quando era criança. É assim que nós, como seres humanos, somos feitos. Estremeço ao pensar como foi a infância de Hitler. Mas qualquer um pode ver que os palestinos e os seus filhos estão revivendo isso sob o comando dos israelenses.’

“Mas espera aí’, interrompi. ‘Isso não é verdade para todo mundo. Digo, algumas pessoas que tiveram uma infância horrível não se tornaram adultos cruéis.’

“Como você sabe?’, ela perguntou.

“Bem, sua mãe, Manhota Celie, é prova disso. Seria difícil imaginar uma pessoa mais gentil e amorosa.’

“Houve um longo silêncio antes de a minha mãe voltar a falar.

“Uma das coisas mais perturbadoras que percebi sobre as pessoas negras no Sul, quando voltamos para casa perto do fim da guerra, foram os maus-tratos aos animais; casuais, cruéis e insensíveis. O comportamento da sua avó não foi exceção. Ela tinha um cachorro, todo mundo tinha matilhas de cães, o nome dele era, não ria, Creighton. Ele a adorava, era o servo

absoluto dela. Ele tinha os olhos mais feridos, doloridos, tristes e completamente expressivos que já vi. Minha mãe obviamente nunca investigou isso. Ela o tratava com um desrespeito imparcial e brutal. Eu nunca a vi fazendo um carinho nele. Nunca a ouvi murmurar uma palavra gentil em sua direção. O jeito que ela tratava Creighton é a única razão, que eu me lembre, de minha mãe e a dona Shug brigarem. Dona Shug amava os animais assim como amava as pessoas. Ela não suportava que Celie, a quem tinha impedido de ser mais espancada pelo marido, Albert, espancasse repetidamente e sem dó o cachorro encolhido, que, mesmo enquanto ela o atacava com um dos cintos velhos do ex-marido, ou com o cinto velho de qualquer pessoa, tentava, sem sucesso, lambe-la sua mão. Ela o enxotava mesmo quando ele não estava presente.

“Observei esse comportamento estranho muito tempo antes de perceber o que estava observando. Antes de ver. Ela era minha mãe, e Mama Nettie me contou sobre toda a dor que ela passou na vida. Ela foi maravilhosa comigo, Adam, Tashi e seu filho, Benny. Ela era engraçada, brincalhona, criativa e divertida. E tão inofensiva. As pessoas costumavam falar sobre ela: “Ora, a senhorita Celie não machucaria nem uma mosca!” Bem, ela matou zilhões de moscas, como todo mundo mata em climas quentes. Mas foram os maus-tratos que ela dispensava a Creighton que ninguém pareceu notar. Muito pelo contrário. Na verdade, por ela tratar Creighton tão mal, outras pessoas faziam o mesmo. Muitas piadas desagradáveis eram feitas à custa de Creighton; tudo que faltava era considerado roubado por ele, podia ser uma escova de cabelo ou um carretel de linha! Qualquer coisa derrubada ou derramada era culpa do cachorro. Ele era considerado burro, preguiçoso, desajeitado, feio e inferior. Ele era um cachorro de rua que simplesmente “foi parar lá”, como diziam. De onde ele veio, ninguém sabia. Nem sei como ele conseguiu o nome Creighton.’

“O que aconteceu com ele?’

“Dona Shug’, minha mãe sussurrou, com um sorriso de admiração na voz. ‘Ela o libertou.’

“Não.’

“Sim, *libertou*. Ela o levou com ela para Memphis. Ela sempre teve uma casa lá, você sabe.’

“E o que ela fez com ele?’

“Ficaram fora durante um verão inteiro. Eu não sei o que ela fez. Mas, quando voltaram, Creighton estava reabilitado.’

“Não!’, eu disse.

“Sim!’, minha mãe reafirmou. ‘Creighton não era mais um escravizado; ele era um cachorro. Não só isso, Creighton sabia distinguir. Na próxima vez que Mama Celie tentou bater nele, ele a mordeu. E dona Shug riu. Mama Celie nunca mais ousou tentar bater ou humilhar Creighton. Acho que foi a risada da dona Shug que impediu.’

“Foi a risada, de alguém que ela amava com todo o seu coração, que partiu o calo do coração de Mama Celie. Ela começou a acarinhar *tudo*: formiga, morcego, um sapo achatado pulando na estrada.”

— Por que seu nome é Robin? – perguntou Fanny.

— Porque não parece mexicano. Minha mãe se chama Esperanza. Quando a gente veio para cá e ela trabalhava para os gringos (como ela os chamava e uma palavra que eu, como analista profissional, nunca devo usar), eles alegaram que não conseguiam gravar ou pronunciar e, de qualquer forma, significava Esperança, né? Então era assim que a chamavam. O nome pessoal dela para mim era Alamo, de álamo mesmo. E Alamo ainda é como sou chamada em casa. Mas chega de falar de mim – disse Robin. – Você já foi hipnotizada?

— Já – respondeu Fanny. – Mais ou menos. Eu estava em Ohio num verão procurando trabalho, quando eu ainda estava na faculdade, e não havia muita coisa para pessoas como eu. Vi um anúncio no jornal que dizia que a faculdade de medicina local estava contratando pessoas para serem usadas num experimento que estudava os efeitos da hipnose.

— Ah, é? E o que aconteceu?

— Fui levada de volta aos meus seis anos. Pediram que eu escrevesse como escrevia na época. Quando voltei à consciência, depois de ter sido hipnotizada, vi meu nome no pedaço de papel que me deram, e era o meu garrancho de seis anos, no segundo ano da escola pública.

— E sabiam que perguntas lhe fazer, enquanto a mantinham sob seu feitiço?

— Óbvio que não – respondeu Fanny. – Eram jovens brancos que provavelmente nunca haviam falado com uma mulher negra além das que limpavam suas casas.

Agora, havia a sensação de entrar muito rápido num estado de meditação; como se dentro do peito e das costas fossem aquelas paredes de coral e índigo desbotado de um desfiladeiro deserto. Por dentro, ela pensou sonhadoramente, sou da cor do deserto. *Que legal*. Não havia fundo onde ela pousou. Apenas espaço. Espaço escuro e confortável.

— O que você acha de pessoas brancas? – perguntou a voz de Robin. Mas, pelo que Fanny sabia, era a voz de Deus.

Sua voz parecia não pertencer a ela. De qualquer forma, escapou por pouco de seus lábios. *Ela* estava falando?

— Tenho medo deles. – Foi sua resposta.

— Quando você olha para eles – a voz disse –, como parecem para você?

— Muito gordos – respondeu ela. – Estão sempre comendo sem parar. Aonde quer que você vá, lá estão eles sentados comendo. Em Paris, estão comendo. Em Londres, estão comendo. Em Roma. Comem e comem sem parar. Isso me dá medo.

— Por que você tem medo?

— Quando os vejo comendo, sinto muita fome. Pele e osso. E sinto os dentes deles na minha perna. Mas, quando olho para baixo, às vezes não são seus dentes, só uma corrente fria. Fico aliviada quando vejo que não são os dentes, só uma corrente. Acho que, quando nos chamaram de “canibais”, eles estavam projetando.

— Mas por que você está com tanto medo? Se é só uma corrente que está na sua perna, e não dentes; ela pode ser quebrada. Pode ser guardada.

— Às vezes me vejo com eles à mesa e estou comendo sem parar também. E estamos todos inchados e gordos. Nossos queixos vão até o esterno, nossos olhos estão fechados de tanta gordura. Mas o eu que eu era antes ainda está lá também. Bem ao lado da mesa, sentindo o cheiro da comida. E ela é tão pobre, tão desnutrida como sempre. Ela e seus bebês. Nada além de olhos, pele e ossos. E estou com medo, porque a amo muito, e ela é o eu que perdi. E essa comilança não leva a lugar algum. É uma gula sem fim, sem nenhum propósito. E estou com medo porque aqueles não são os *meus* dentes na perna dela?

— Não se engane – disse Ola –, as próprias pessoas devem colaborar na luta com as questões verdadeiramente eternas. É por isso que um movimento de resistência é inestimável. – Fanny e ele estavam sentados na varanda tomando café da manhã: suco de mamão, frutas, café, pão com manteiga e vários tipos de geleia; Ola, ela pensou, parecia ter suas melhores ideias comendo. – Lá está você nas cavernas inóspitas e escondidas, é o que você espera, do campo aberto, comendo suflê de grama e chá de lagarto; sua pele toda marcada de picadas de mosquito, seus sapatos apodrecidos pela umidade, mas às vezes você fica muito feliz porque todo mundo tem exatamente as mesmas perguntas sobre isso tudo que você faz. Ou variações delas. Sabe o que os guerrilheiros fazem mais do que qualquer outra coisa? Escaramuças e batalhas ocupam uma parte muito pequena de seu tempo. Eles *conversam*. – Ola parou de falar por tempo suficiente para pegar uma colherada de fruta. – A conversa – continuou ele, mastigando e engolindo rapidamente – é a chave para a libertação, a língua é o próprio facão da liberdade. Somos a única espécie, dizem alguns, que criou a fala. Mas isso é só porque, como somos bem menos inteligentes do que a maioria dos outros animais, e mais propensos a erros desastrosos, nas nossas relações com os outros a fala é tão necessária.

Fanny deu uma mordida num pãozinho duro que sujou sua blusa com migalhas de crosta.

— É necessária uma linguagem mundial – disse Ola, estendendo a mão para espanar a poeira dela e fazendo Fanny se sentir uma criança – antes de alcançar a paz mundial. Mas imagina só como as pessoas vão brigar para decidir qual língua deve ser! – Ele riu. – Obviamente deveria ser elegante, mas relativamente simples, e as pessoas não deveriam ser capazes de dizer “eu desprezo sua espécie”, ou “eu não respeito seu deus”; resumindo, deveria ser Olinka. Estou brincando!

— Não, você não está – disse Fanny, sorrindo.

— Essa *frustração* com os brancos – disse Ola, pensativamente, e sem responder ao sorriso dela – é uma reação natural ao que eles, como um todo, fizeram a você, não apenas como indivíduo, mas como povo,

cultura, raça. O instinto de autodefesa e autopreservação é inato, embora tenha havido uma época, e muito recentemente, em que pesquisadores brancos realmente fizeram estudos que “provaram”, aos seus olhos, que esses instintos são inatos a todas as pessoas, exceto a nós. Eles nos colocaram tão para baixo, sabe, pensaram que nunca mais nos levantaríamos, então apresentaram essas teorias que mostram nosso amor inato por estar por baixo. – Ele deu um gole no café, acrescentou um bocado de creme e franziu a testa. – Fui responsável pela morte de brancos. Isso não me “libertou” psicologicamente, como Fanon sugeriu que aconteceria. Também não me oprimiu ainda mais. Eu estava apenas me libertando da prisão que eles haviam se tornado para mim e abrindo um espaço no mundo, também, para minhas filhas.

E Fanny pensou: certo. Mesmo há quinze anos eu não poderia ter vindo aqui. Eu não conseguiria caminhar ou dirigir em paz pelas estradas do país de meu pai. Ele não poderia ter me encontrado em nenhum portão do aeroporto. Ele não poderia ter me protegido da maldade dos brancos nas ruas.

— Você deve harmonizar seu coração – disse Ola. – Só você saberá como fazer isso; para cada um de nós é diferente. Então harmonize, tanto quanto possível, o seu entorno. – Ele pensou por um momento, suspirou. – Faça o que fizer, fique longe de pessoas que têm pena de si mesmas. Pessoas que estão sempre reclamando têm uma tendência horrível de espalhar a própria liderança na bunda de todo mundo.

Fanny riu com isso.

— Você também deve tentar não querer “coisas” – continuou Ola – porque o “coisismo” é o último obstáculo no caminho da paz. Se toda vez que você vê uma árvore, você quer fazer alguma *coisa* com ela, logo ninguém na terra vai ter ar para respirar. Árvores que já estão mortas estão bem – acrescentou. – Toras velhas desenterradas da lama estão bem. – Ele riu baixinho, como se estivesse fazendo uma piada interna.

“Faça as pazes com quem você ama e que a ama, ou com quem você deseja amar. Esses são os seus *compañeros*, como dizem os latino-americanos. Acima de tudo, resista à tentação de pensar que aquilo que a aflige é pessoal, só acontece com você. Tenha fé que o que está em sua consciência pode ser comunicado à consciência de todos. E, em muitos casos, já está lá.”

— Mesmo na consciência de quem caiu num barril de drogas? — perguntou Fanny, cética.

— Especialmente esses — respondeu Ola. — A luta com as questões eternas, aquelas que não foram definitivamente respondidas pelo rebelde ou revolucionário no fim da adolescência ou no início dos vinte anos, quando se pensa que todos os problemas podem ser resolvidos, os pensamentos que tanto perturbam, as fúrias eternamente incômodas, foram essas coisas que provavelmente levaram muitos de nosso pessoal ao limite. Mas eles podem ser recuperados. Se não morrerem por causa dos vícios; suas tentativas de banir toda a inteligência sobre o que realmente está acontecendo ao mundo, enquanto inalam a fragrância podre do lótus da sua “fuga”, terão de ver que estão se matando. Seus dentes estão roendo as próprias pernas.

Suwelo finalmente tinha chegado de São Francisco para ver Fanny. Ela estava morando sozinha na pequena yurt que compartilharam no verão.

— Meu *pai* me disse, pouco antes de morrer – disse Fanny, enquanto se aqueciam junto à pequena fogueira, onde ocasionalmente apareciam pinhas –, que eu harmonizasse minhas relações com você. – Ao pensar em Ola, ela se identificou com Zindzi Mandela, filha de Nelson Mandela, que tinha ouvido recentemente na rádio, tentando manter vivas as palavras do seu pai, preso há vinte e cinco anos. – É lógico que são necessárias duas pessoas para harmonizar – afirmou ela com firmeza, olhando para o fogo. – Mas preciso lutar com você na fé de que a harmonização é possível. Isso não tem nada a ver com a questão de dormirmos juntos ou não.

Suwelo suspirou. Que mulher difícil era essa!

— E o que sua *mãe* diz? – perguntou ele, sarcástico. Fanny parecia muito pequena e jovem, apesar dos fios prateados em suas têmporas que apareceram desde a última vez que ele a viu.

Fanny sorriu.

— Como você sabe, minha mãe aconselha o perdão. É o tônico primaveril de óleo de mamona da alma.

— E por que são essas as mensagens que recebemos? – perguntou Suwelo, sem esperança. – Por que é isso que eles dizem e não é algo um pouco mais provável?

Fanny deu de ombros.

— Vamos encarar os fatos, Suwelo. É porque somos as pessoas que somos e não outras pessoas. Não somos brancos, por exemplo. Essa é a mensagem não apenas dos meus pais, mas é a mensagem desde o início. Podemos rastrear essa mensagem desde o nosso primeiro contato com o sol.

— Não brinca. O *sol*?

— Nunca consideramos o sol um inimigo – continuou Fanny gravemente –, apenas, talvez no início, uma deusa. E mais tarde, sem dúvida sob coerção e levando a nossa imaginação ao limite, um deus. Nunca, até muito recentemente, há muito menos de mil anos, conhecemos o frio. No fundo dos nossos corações, por causa de nossa

relação com o sol, acreditamos que somos amados simplesmente por estarmos aqui. Não existe razão para nos odiarmos. Como alguém disse: posso cavar adorando o sol, porque ele me adora também. Nossa relação com o sol é a base de nossa segurança como seres humanos negros. Temos nossa melanina, temos nossos cabelos lanosos. Estamos prontos para a praia. Nós podemos lidar com isso. – Fanny sorriu.

— Mas você não tem medo de se queimar? – perguntou Suwelo. – Afinal, até o sol não é mais o que era. – O que ele estava realmente perguntando era se ela tinha ou não coragem de amá-lo, por mais mutável que fosse.

— O sol não mudou – disse ela, olhando para o fogo. – É exatamente a mesma coisa, para nós seres humanos, e assim permanecerá durante vidas inconcebíveis. Somos nós que mudamos. O homem branco africano nasceu sem melanina, ou com quantidades incrivelmente pequenas. Ele nasceu desprotegido do sol. Ele deve ter se sentido amaldiçoado por Deus. Mais tarde, ele projetou esse sentimento em nós e tentou fazer com que nos sentíssemos amaldiçoados por sermos negros; mas o preto é uma cor que o sol adora. O homem branco africano não podia culpar o sol pela sua situação, não sem parecer ridículo, mas poderia eventualmente impedir as pessoas de o adorarem; poderia colocar em seu lugar um novo deus que se parecesse mais com ele: frio, desapegado, dado a acessos de raiva violentos e ciúmes. Ele precisava criar outro deus, já que aquele que o resto do mundo adorava era tão cruel com ele; queimava ele. Foi muita sorte que finalmente tenha tropeçado no Mediterrâneo, na Europa. O clima fresco deve ter sido excelente.

“E não”, ela continuou, “não tenho medo de amar você. Finalmente o vejo como você é. Vejo a criança que se tornou o homem e agora está rapidamente se tornando a pessoa. Seus pecados não são mais graves do que os meus. Eu me entreguei às minhas fantasias de violência por anos antes de tentar mudar; assim como você se entregou a relacionamentos estéreis e abusivos com outras mulheres. Eu não conseguia entender por que deveria ser *eu* quem deveria não buscar vingança, por que a responsabilidade da violência deveria parar comigo. Além disso, eu deveria ser o único exemplo que tive para a criatura que pretendia ser? Tem uma carta no tarô, a nona carta, e sua mensagem é: o que você espera você também teme. Foi assim comigo.

“Não me senti particularmente traída como indivíduo pelos seus casos com outras mulheres; ou com Carlotta em particular. Você e eu estamos construindo nossas vidas; outras pessoas certamente serão importantes nelas. Eu não acredito em casamento... Mesmo assim, me senti traída, como mulher.”

— Traída como mulher? Mas eu lhe disse, Carlotta não significava praticamente nada para mim. Ela...

— Eu sei – Fanny o interrompeu. – O que você disse foi que ela não significava *nada* para você e que, além disso, ela não tinha substância. Foi quando você disse isso que o odiei. Odiei você como homem.

— Mas por quê? – gritou Suwelo. – Eu estava tentando não machucar você. Tentando fazer você ver que nenhuma mulher era mais importante para mim do que você. – Ele fez uma pausa e continuou com certa amargura – Acho que esqueci que estava conversando com uma mulherista.

— Não – respondeu Fanny –, você esqueceu que estava conversando com a massagista de Carlotta.

— O quê?

— Tentei amenizar as câibras nas suas pernas, soltar as articulações dos joelhos, alisar os nós das costas, afrouxar a mandíbula, endireitar a curva do pescoço, restaurar a liberdade de movimento dos dedos dos pés. Eliminar uma enxaqueca que durava um ano. Ela é pequena, mas estava tão densa e pesada quanto chumbo. Eu sabia que era o corpo da mulher que você disse não ter substância. A própria substância de Carlotta era a dor. E que você não sabia disso, ou, se sabia, não se importava, foi isso que me fez desprezá-lo.

“Eu não sei o que aconteceu na vida dela. Às vezes me perguntava se você mesmo sabia. Mas, cada vez que eu trabalhava em seu corpo, ficava surpresa ao sentir a dor, como ondas de gelo encontrando minhas mãos, a dor de um corpo atingido recentemente e repetidamente. Um corpo retorcido.”

Fanny começou a chorar e limpou o nariz com raiva com a manga da camisa. Suwelo sabia como ela odiava chorar quando estava com raiva.

— Os homens devem ter piedade das mulheres, Suwelo – disse ela com frieza. – Devem sentir os corpos das mulheres como uma massagista sente; não só acariciá-las superficialmente e usá-las como se fossem

modelos de calendário, cartazes ou bonecas de papel. Que mulher poderia confiar num homem que voltou dos braços de outra mulher para contar uma história como a sua? Eu simplesmente não consegui.

— Eu a odiei por me deixar – disse Suwelo, entregando-lhe seu lenço. – Por que você não explicou?

— Porque eu estava farta de explicar tudo – respondeu Fanny, com grande cansaço. – Nas minhas aulas de estudos femininos e na secretaria da faculdade eu tinha que explicar sobre negritude; para você e outros homens eu tinha que explicar sobre as mulheres. Ninguém conseguia usar os próprios olhos e sentimentos para tentar compreender as coisas e as pessoas por si só. De qualquer forma, você não teria entendido.

— Certo. Todos os homens são imbecis. Lógico. Como você sabe que eu não teria *entendido*? As mulheres são a única parte da espécie que tem cérebro?

— Já tentei tantas vezes antes, Suwelo, quando ainda morávamos juntos. Tentei com livros. Com discos. Você não lia, você não ouvia. Você era traumatizado com tudo que era novo. Parecia inútil.

— *Inútil* – gritou ele, e de repente sentiu como se estivesse inteiramente acordado e que sua mente não estava confusa como normalmente ficava quando discutia com Fanny. – Depois de tudo que passamos? Porra, sobrevivemos ao sequestro juntos, sobrevivemos ao navio negreiro, sobrevivemos à escravatura. Pelo que você sabe, eu já fui sua mãe.

— Já foi minha *o quê*? – perguntou Fanny, chocada. – Negro, *o que* você disse?

— Ou pelo menos lhe dei leite materno. Merda! – esbravejou ele, pensando na dona Lissie, no senhor Hal e em tudo que aprendera com eles e não via a hora de partilhar com Fanny. – Nós sobrevivemos morando em Nova York. Brigue comigo. Grite. Você tem dentes grandes, *me morde!*

A adorável boca de Fanny moldava as palavras, horrorizada:

— *Me morde?*

— Mas não se deixe levar e não presume que sou muito burro para entender você. Quem você pensa que eu sou afinal? – Como ele adorava ficar indignado! E como se tivesse o direito, que até agora lhe parecia que só as mulheres tinham, de revidar. Para tornar sua autoexpressão ainda mais satisfatória, ele se levantou num pulo e andou pela pequena sala. Algo quente e apaixonado estava se abrindo nele, e não estava nas calças;

estava... no peito. – Sou de carne, sou de osso! – disse, decidido. E pela primeira vez sentiu verdadeiramente que *era* de carne e osso. *Humano*, igual às mulheres. – Não, eu não sou um fora da lei perfeito que viveu há cem anos e que você pode amar sem ser obrigada a se contradizer às vezes. Mas estou pronto para a maldita briga em qualquer maldito dia da semana.

Fanny o olhava como se ele tivesse enlouquecido.

— Por que você está tão bravo? – perguntou ela.

— Não estou bravo. Estou louco. Estou furioso com o desperdício que é quando as pessoas que se amam não conseguem nem conversar.

“Conversar”, ele disse, lembrando muito a Fanny de Ola, “é o próprio *afro*-disíaco do amor”.

Ela riu e colocou a mão no braço dele. Normalmente, quando Suwelo ficava com raiva, ele gaguejava e murmurava coisas sem o menor sentido. Se uma discussão começasse quando estavam no carro e ele dirigia, era provável que saíssem da estrada.

— E devo presumir com esta... hum... *declaração* – disse Fanny – que o que temos aqui é um afro que gostaria de voltar para casa e se aninhar?

— Isso – respondeu ele, juntando-se à risada dela. – Aqui está minha mão em sinal de luta. Vamos resolver com um aperto.

— Eu estava numa exposição de pinturas de Frida Kahlo no Museu Mexicano – disse Fanny. – Como muita gente, eu amo a Frida. O museu naquele dia estava lotado de mulheres, e todas tinham muito a dizer sobre cada uma das pinturas, mas ficavam ainda mais verborrágicas diante das fotos de Frida e Diego expostas junto das pinturas. Depois de ver a exposição pela primeira vez, me sentei num banco no meio do andar, simplesmente me permitindo ser envolvida pelo requinte das pinturas de Frida.

“‘Ah’, ‘Argh’, ‘Blergh’ eram os sons do grupo amontoadado em volta da foto de Frida e Diego tirada no dia do casamento deles. ‘Ele é tão grande!’, alguém disse. ‘E tão nojento.’ ‘E ela é tão pequenininha’, disse outra pessoa. ‘Eu odeio pensar...’ começou outra. ‘Não!’, disse a acompanhante. ‘Tanta dor!’, lamentou uma mulher baixa e de cabelos escuros, que, na verdade, me lembrou você, Robin.”

— Fico lisonjeada por você pensar em mim fora daqui – respondeu Robin.

— Ah, penso bastante em você.

— Eu vi a exposição. Também sou apaixonada pela Kahlo. Também fiquei murmurando e refletindo diante daquela foto. Você sabe como o pai dela apelidou o casal? O elefante e a pomba.

— Como os pais dela a deixaram se casar com ele? – perguntou Fanny. – Eles sabiam da condição da pélvis fraturada dela. Mas imagino que ninguém, nem os pais, conseguia enfrentar a determinação de Frida em ter o que quisesse, e ela queria Diego. E por que exatamente ela queria Diego? Acho que é porque ela mesma queria pintar.

— Quer pintar? Case-se com um pintor. É, acho que tem algo nisso. E a grosseria dele não era tudo que ela via, mesmo quando ele não estava pintando. Ela ficou encantada com sua expressividade infantil. Ele era direto em suas expressões, fosse no confronto com o Partido Comunista Mexicano, com os Rockefellers, ou com suas inúmeras amantes. É claro, como muitos maridos, ele não era capaz de ser direto com a esposa. As mulheres têm dificuldade em entender isso. Isso as magoa profundamente. Frida nunca se recuperou de ter sido magoada. Ao mesmo tempo, achava

que sua deficiência podia ter sido a razão de Diego ter essa necessidade sexual de vadiar.

— Bem, enfim – disse Fanny –, lá estava eu, sentada no museu, deixando a genialidade de Frida tomar conta de mim. Pareceu que o sol me percorreu, através de tantos vitrais, os poucos que consegui ver devido à multidão de mulheres e alguns homens que passava nas paredes. Ouvi uma voz falando, na frente de uma das pinturas. Aquela em que Frida está com o próprio rosto, mas com o corpo de um cervo, e seu corpo de cervo está todo flechado. Eu me aproximei, atraída novamente pela pintura, pelo horror nos olhos de Frida, mas também pela voz. Era de uma mulher branca com sotaque do sul. Era uma voz suave e bem-humorada. Incessante. Ela estava com a mãe, que obviamente não era de São Francisco. Usava um daqueles terninhos de poliéster em um tom claro de rosa, sandálias brancas com meias e uma bolsa enorme de plástico branca; tinha cabelos grisalhos, usava óculos e apertava os olhos para ver segmentos da pintura, como se tivesse dificuldade de compreender o todo.

“Agora, eu não sei o que dizer sobre essa daqui”, a filha comentou.

“Ora, você não precisa me dizer nada, Brenda. Olha as lágrimas no rosto dela. Eu já me senti assim.

“E aí eu fui direto para casa”, Fanny continuou contando, “e liguei para a minha mãe e pedi para ela descobrir com a mãe da Tanya onde a Tanya morava. Ela me ligou no dia seguinte. Oakland.”

— Sério? – Robin se espantou.

— Sério. Quando eu liguei para ela, perguntei: “É a Tonya Rucker, de Hartwell?” E ela respondeu: “Bem, é a Tanya.” Total oposto.

“Eu fui o caminho todo até a casa dela nervosa. A mulher com quem ela mora, uma nipo-americana que se apresentou como Marie, me deixou entrar. Eu me sentei no sofá e tinha uma mesa cheia de porta-retratos na frente. A maioria era de fotos de dois bebês de pele marrom, um menino e uma menina, desde a infância até a adolescência, com uma foto sorridente de formatura da faculdade dos dois, já crescidos.

“Resumindo a história, Tanya estava igualzinha à mãe dela. A criança que tinha sido minha companheira de brincadeiras tinha desaparecido. Seus olhos estavam diferentes, ainda, eram agora cinza-escuros, e não azuis, como eu lembrava. O cabelo castanho e com mechas grisalhas. Ela

estava rechonchuda, e sua recepção foi bem maternal, ficou me oferecendo chá ou ‘alguma coisa para comer’ de tempos em tempos.

“Peguei uma foto e olhei para ela.

“O pai deles era negro, ela contou, como se já tivesse dito isso muitas vezes. ‘Os dois estão na faculdade agora. Não sei onde Joe está. Acho que ainda deve estar em Atlanta, provavelmente.’

“Eu não estava muito interessada no paradeiro de Joe.

“Sempre me perguntei o que aconteceu com você’, Tanya disse. ‘Como é que você estava. Minha mãe perguntava para sua mãe e, às vezes, me contava o que a sua dizia. Fiquei sabendo que você foi para a faculdade e depois começou a dar aulas. Eu trabalho numa empresa que fabrica computadores’, ela contou. ‘Eu testo as máquinas na fase final, antes de os clientes receberem. É horrível para os meus olhos, mas a empresa recebeu tantas reclamações de trabalhadores como eu que espero que façam algo a respeito logo; pensar numa tela ou em alguma proteção na frente dos computadores, ou desenvolver uns óculos especiais.’

“Eu estava tão cansada do meu trabalho que não consegui falar sobre ele. Contei a ela sem rodeios que estava fazendo terapia para tentar chegar às raízes da minha raiva contra gente branca. Não contei que era especialmente contra brancos loiros. Acho que tive medo de que ela dissesse, como tantas pessoas: ‘Bem, todo mundo odeia os nazistas.’ É isso que eles acham que eu quero dizer. Pensam na raça ariana de Hitler como representada por atores loiros na TV. Essa imagem é, eu sei, apenas uma pequena parte disso.

“Você tem todo o direito de ter raiva dos brancos’, ela disse. ‘Eu mesma estou com raiva deles. Eu nunca soube o tanto que estava zangada até ver o que eles fizeram com os meus filhos. Sem falar no que já tinham feito com Joe.

“Joe’, eu disse. ‘Seus pais devem ter tido um ataque.’

“Um ataque de raiva’, ela afirmou. ‘Mas já era tarde demais para fazerem alguma coisa quando ficaram sabendo. Depois de uns cinco anos, depois que me casei com Joe, me mudei para a Califórnia, tive meus filhos e parecia estar tudo bem, meu pai simplesmente morreu do nada, ele estava muito frustrado. Depois que ele morreu, minha mãe foi mais flexível. Ela amava as crianças, então acabou conseguindo ser cordial com

Joe. E aí ele foi embora e me divorciei. E daí eu tive que contar para ela que eu era queer.

“Tanya fez uma pausa. ‘Ela ainda está processando essa.’

“Mas como tudo isso aconteceu?’, perguntei. ‘Você foi programada para ser a Srta. Lily White.’

“Eu sei. Mas você sabe o que aconteceu. O Movimento dos Direitos Civis aconteceu. Selma aconteceu. A Universidade da Geórgia aconteceu. Dr. King aconteceu. Eu estava assistindo à cobertura de uma das marchas pelos Direitos Civis numa noite, e aí percebi que a ordem do mundo como eu sempre conheci e imaginei que seria para sempre estava *errada*. Achei tudo errado, até a menor construção feita pelo homem branco. Qualquer pessoa que não pudesse honrar aquela massa de negros que vi na televisão, e os lamentáveis poucos brancos que estavam com eles, tinha que se foder.

“Mas’, Tanya continuou, ‘não ousei me manifestar. Como tantos jovens sulistas da época, não fiz nada. E aí Joe apareceu, eu o conheci numa viagem que fiz para cá com o grupo da igreja da minha mãe. Nos conhecemos no Fisherman’s Wharf!’ Ela riu. ‘E eu estava determinada a me casar com ele. Ele não teve chance. Nossos filhos seriam meu protesto. Lógico, ele certamente descobriria isso. Joe descobriria, digo. Que me casar com ele foi um atalho político que escolhi seguir, porque, como sulista, não sabia como me conectar com nenhuma das longas marchas. A constatação de Joe sobre meus motivos arruinou nosso casamento e, embora eu o amasse como indivíduo, não era muito fã da sua cultura, que não era nem um pouco a cultura negra do Sul, e sim a cultura negra das ruas, na maior parte, embora seus pais fossem membros fiéis da classe média negra urbana, na verdade *suburbana*. Eles moravam nas colinas de El Cerrito, pelo amor de Deus! As pessoas mais pretensiosas que já vi. Gostavam do Nixon. Odiavam hippies. Eles votaram no Gerald Ford.

“Eu achava que todos os negros viviam mais ou menos como as pessoas na sua casa.’ Tanya riu. ‘Sempre alguma coisa animada acontecendo. Música, festas, adoração ao sol ou coisa do tipo. Muitas pessoas gentis que apareciam de vez em quando. Até mesmo pessoas malucas e realmente interessantes, muitas vezes com habilidades criativas incríveis. A melhor comida do mundo. E o pessoal da sua casa estava sempre se beijando.’

“Você costumava ir à nossa casa?’, perguntei.

“Mas é claro que eu ia. Você não lembra? Eu saía às escondidas de casa para ir até lá. Meus pais, mas minha avó principalmente, tinham que ir e me arrastar de volta. Eu costumava me esconder debaixo da cama da dona Shug! Como você não se lembra disso? E às vezes sua avó mentia para a minha, dizendo: “Não, a gente não viu ela, não.” Eu adorava quando ela dizia isso. E nós duas, você e eu, escondidas debaixo da beirada da cama da dona Shug. Era uma coisa gigantesca e prateada em forma de colher que lembrava um navio, e a renda da colcha pendia diante de nossos rostos como uma rede. E nós duas comendo pãezinhos doces.

“Primeiro ouvíamos o barulho forte dos passos da minha avó no quintal. Depois o baque forte quando ela colocava o pé no último degrau. Ela nunca entrava, é claro. Ela nunca chegava até a varanda.

“Vim buscar a ‘Tanya’, ela falava.

“E a dona Celie respondia: “Tanya? Vixi, a gente não viu ela, não.”

“E você e eu simplesmente nos acabávamos de rir no nosso esconderijo.’

“Como ela era, sua avó?’

“Ela era muito gorda’, Tanya respondeu. ‘E andava com uma bengala. Ela quase nunca sorria e parecia sempre estar lembrando de algo que não lhe agradava. Meu avô tinha morrido há muito tempo e não tinha nem uma foto dele em casa. A única coisa legal nela eram os cabelos brancos como neve. Como você pode não se lembrar daqueles tempos?’ Tanya perguntou. ‘Eu nunca poderia esquecer. Nunca fui tão feliz na minha vida.’

“Eu me lembro de ir à sua casa’, eu disse. ‘Vagamente. Ou melhor, ao seu quintal.’

“Nunca entendi por que você não entrava’, disse Tanya. ‘E sempre que eu perguntava para alguém, minha mãe, meu pai ou minha avó, eles diziam: “Ela não *quer* entrar, querida. Não a convide, ela pode ficar chateada.”

“Magoar você era a última coisa que eu queria. Então a gente brincava lá fora, no quintal, não podíamos nem brincar na varanda; alguém poderia nos ver! E eu nunca a convidei para entrar. E você nunca perguntou nem parecia interessada em entrar na nossa casa, que era como a daquele filme *Caminho áspero*, comparada à sua, então achava que meus pais e minha avó estavam certos.’

“Robin”, disse Fanny, fazendo uma careta engraçada, “eu não me lembrava de nada disso. E a Tanya se lembrava direitinho. Como é que pode?”

— Para algumas pessoas, é mais fácil se lembrar da felicidade do que da dor. Você teve que reprimir, “esquecer” sua dor para continuar brincando com Tanya. Embora a “brincadeira” já tivesse acabado a essa altura, eu acho.

— Sim, também acho – respondeu Fanny. – O que eu lembrava dos momentos que passamos juntas tinha uma qualidade irreal, como se existissem num filme ou tivessem acontecido com outra pessoa.

— Você ficou alienada de seu próprio corpo, de seu próprio eu – disse Robin. – Se tornou dois seres em seu relacionamento com Tanya. A garotinha brincalhona que outras pessoas viam e a criança machucada que ficou perplexa em seu primeiro encontro com a rejeição irracional.

Fanny continuou:

“Tanya falou: ‘E aí tudo acabou. Mas você se lembra disso, né?’

“‘O que aconteceu?’, perguntei. ‘Sua mãe quis me dar algumas roupas usadas?’

“‘Não, dificilmente’, Tanya respondeu. ‘Você estava sempre vestida que nem uma princesinha. Eu era que vivia implorando para usar suas coisas! Mas eu só podia usar seus vestidos, suas fitas de cabelo e seus medalhões – e meias com brilhaço! – na sua casa. Qualquer coisinha bonita que você ou seus pais me davam desaparecia imediatamente se eu a levasse para casa.’

“‘O que foi então?’, perguntei.

“‘Tem certeza de que não se lembra? Durante todos esses anos, pensei que você estivesse sentada em algum lugar, lembrando da gente, xingando.’

“‘Ih, merda, eu pensei’”, disse Fanny, se inclinando na direção de Robin. “Assim que Tanya falou isso, fiquei com dor de cabeça. Cerrei os dentes e finquei os calcanhares no carpete. Olhei para ela em segmentos, para seus pés, com pantufas bege, seus tornozelos gordos, sua barriga, sobre a qual seus seios caíam. O queixo. Os olhos cinza-escuros. O cabelo castanho, com largas mechas grisalhas.

“Tanya suspirou. ‘Foi a minha avó’, ela me disse. ‘Ela acabou morrendo, aliás. No decorrer das coisas. Não por causa do que ela fez com você.’

“Sua avó. Ela fez alguma coisa comigo?’ Eu estava começando a me sentir como me sinto na hipnose. Como se estivesse caindo profundamente dentro de mim.

“Ela lhe deu um tapa’, Tanya contou.

“Eu vi estrelinhas?’, perguntei.

“Sim! Você se lembra!’

“Não. Estava sendo irônica.’

“Bem, todo mundo se beijava na sua casa. Era o cumprimento comum, de chegada e de saída. Ninguém apertava a mão; a não ser que fossem totalmente estranhos. Adorava isso de todo mundo se beijar. Certamente não era algo que nenhum de nós fazia em casa. Mas, quando contei isso para os meus pais, eles não gostaram nem um pouco. E não gostavam especialmente de ouvir nada sobre mulheres adultas se beijando. Hoje em dia eu percebo que fizeram uma palestra sobre isso e tomaram uma decisão. Como eu gostava de beijar – até comecei a beijá-los –, eu, como pessoa branca, poderia beijar qualquer um de vocês. Mas vocês nunca deveriam me beijar. Eles estabeleceram essa regra e esperavam que eu obedecesse. Eu nem tentei.

“Mas eu contei isso para sua família, e ela parou imediatamente. Pararam de me beijar, de me tocar também. Logo descobri que tinha meu próprio copo e prato sempre que ia à sua casa.

“Só que você não conseguia me ouvir como sua mãe e suas avós conseguiam. Você sempre beijou e foi beijada. “Me dá um pouco de carinho? Você quer um pouco de carinho?” Essas pareciam ser as duas principais perguntas da sua vida. Um dia, quando estávamos brincando no meu quintal, você me beijou na bochecha. Minha avó estava olhando dos degraus dos fundos, onde ela costumava ficar sempre que brincávamos.’

“Indignada, ela estava?’, perguntei.

“Enfurecida’, Tanya respondeu. ‘Ela pesava uma tonelada, veio até nós e lhe deu um tapa tão forte que a derrubou, e, quando você se sentou, segurava a cabeça entre as mãos, como se tivesse medo de que ela caísse. E você disse: “Estou vendo estrelinhas.”’

“E ela respondeu: “Se algum dia eu pegar você colocando sua boca preta na Tanya outra vez, eu arranco a sua cabecinha preta fora.” E então ela se virou e subiu os degraus batendo o pé.

“Você chorou sem parar. Ficou muito chateada. Eu também chorei muito e fiquei muito chateada. Mas por algum motivo tive medo de tentar confortá-la; afinal, foi você quem apanhou. Fiquei ali totalmente dura, como se fosse uma pedra. Você disse que ia contar para suas avós; e eu sabia que, se você contasse para dona Shug, ela mataria todos nós. Eu lhe implorei para não contar. Eu estava tão envergonhada; e eu odiava tanto minha avó; mas, mais do que isso, eu tinha medo do que aconteceria se você contasse.

“E eu acho que você nunca contou mesmo”, Tanya disse, ‘mas nunca tive certeza porque foi a última vez que você brincou comigo.’”

— Bem – disse Robin, quando Fanny terminou. – Como você se sente sobre isso?

— Ainda não sinto nada – respondeu Fanny.

— Você quer um lenço de papel?

E Fanny sentiu as lágrimas de horror no rosto.

PARTE VI

A memória é a chave para a redenção.

— *Inscrição no memorial aos judeus que morreram nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial.*

Parque Land's End, São Francisco

“Querido Suwelo”, escreveu o senhor Hal em um garrancho grande e trêmulo, “pego a caneta com a mão relutante para lhe escrever a triste notícia de que minha amada Lissie, companheira de quase todos os meus anos, nos deixou no dia 3 de junho, há uma semana. Você ficará feliz em saber que ela não estava doente, nem um pouco. Na verdade, ela pintou até a tarde em que se deitou para morrer. Ela estava reclamando de uma inquietação e ficava o tempo todo andando pela casa, abrindo e fechando janelas. De qualquer forma, durante o último mês de sua vida, ela não queria passar muito tempo dentro de casa, queria viver ao ar livre. Graças a Deus, o tempo estava bom, na maior parte (é lógico que ela também adoraria tempestades), e arrastamos o colchão dela para a varanda. Colocamos o cavalete no canto, e ela se deitava e descansava um pouco, depois se levantava e pintava.

“As últimas pinturas são incríveis e diferentes de tudo que ela já fez; digo, o tema em si é estranho. Estou mandando algumas para você ver. Eu não sei o que fazer com elas.

“Também coloquei essas fitas cassete que a Lissie fez para você; e, creio eu, para Fanny também. Nós dois gostamos do rosto daquela jovem.

“Uma semana atrás, eu não conseguia imaginar como eu ia viver sem Lissie. Achei que seria mais fácil ficar sem minha própria respiração. Ela morreu, foi cremada e, em vinte e quatro horas, suas cinzas foram espalhadas, exatamente como ela orientara, mas tão rápido. Cheguei do jardim onde tinha acabado de espalhar as cinzas dela e comecei a chamá-la para perguntar onde deveria colocar a urna vazia. Mas, assim que abri a boca para perguntar, soube que não importava. E esse foi o meu primeiro pressentimento de que o luto pela partida de Lissie foi um pouco prematuro.

“Não é que ela esteja aqui, ou que seja um fantasma, Suwelo. Ela morreu. Ela se foi. Mas ela também está aqui, em mim. E percebi que Lissie sempre esteve em mim, mas só agora que não fico distraído com sua presença física é que consigo sentir isso com mais clareza.

“Então pense em mim me debatendo em nossa casinha enquanto as ipomeias azuis estão aterrando e a noqueira está se protegendo do sol.

Parece grande agora e, por enquanto, deixei o colchão de Lissie na varanda. Eu olho pela janela e vejo apenas uma grande nuvem, branca e fofa.

“Lissie gostava muito de você, Suwelo. Não só porque você era descendente do Rafe. Ela gostava da sua pessoa. De como você luta contra a confusão. Lissie não tinha paciência para pessoas cujas vidas não eram tão complicadas quanto um novelo de barbante.

“Se algum dia você voltar para Baltimore, você tem que vir me visitar. Vou preparar uma xícara de café dos bons para a gente e contar sobre mim. Estou descobrindo que estou velho demais para ficar sozinho, mas sinto falta de ver rostos mais jovens. Minhas lembranças me fazem companhia e até que estão voltando bastante. Eu me lembro dos anos com Lissie, quando ainda morávamos na Ilha. Eu me lembro da mãe dela e daquela lojinha com cheiro de peixe. Mas aquele lugar era um paraíso. Eu me lembro daquela velha bruxa, vovó Dorcy. E do bebê Jack. E da Lulu. Nós ficamos completamente arrasados, eu, Lissie e Rafe, quando Lulu nunca voltou da Europa. Tento não pensar nessa parte. Todos os dias, todos os minutos, durante anos e anos, esperávamos por uma notícia da nossa filha. Nunca ouvimos nada. Todas aquelas esperanças. Todo aquele amor. Tudo perdido.

“Quando seu pai foi chamado para lutar na guerra, todos ficamos felizes. Que se danem os alemães. Acho que imaginávamos que ele conseguiria localizar Lulu. Mas ele não a encontrou; encontrou apenas terror e brutalidade suficientes para fazê-lo perder parte de quem era em sua alma, além de perder o braço.

“Não, eu não penso nessas coisas. Penso em Lulu quando ela era um bebê. Me imagino colocando a roupinha nela, e alimentando-a, penso em ensiná-la a ler e ver seus primeiros passos na floresta. Ela sorriu tanto quando viu que era tão pequena debaixo das árvores, mas que conseguia ficar de pé sobre as próprias pernas, assim como elas.

“Bem, minhas memórias correm sem parar, e agora estou voltando para elas. Se você quiser as pinturas de Lissie, pode ficar com elas depois de minha morte. Escreva-me e eu colocarei em meu testamento. Estou convencido de que esta nossa casa simplesmente vai desabar depois que eu morrer. Tudo o que a sustenta é minha respiração e as ipomeias azuis. Caso contrário, eu a deixaria para você também. Do jeito que está, acho

que nossos vizinhos, que têm muitos filhos, poderiam usar o terreno vazio como um lugar para os filhos brincarem. Então vou deixar para eles. Mas me avise sobre as fotos.

Seu amigo.
Sr. Harold (Hal) D. Jenkins

Obs.: ser um gênio significa que você está conectado a Deus. E você sabe disso.

Todos os dias penso em algo do tipo, que Lissie costumava dizer. Hoje foi isso que me veio à cabeça. E compartilho com você, vai que serve de alguma coisa.

Outra coisa: ‘Os homens fazem guerra para chamar a atenção.’

Outra coisa: ‘Toda matança é uma expressão de ódio por si mesmo.’

E algo que ela adorava dizer sempre que riam dela: ‘Hal, algumas das pessoas mais *engraçadas* riram de mim.’”

— Na medida do possível – dissera Ola um dia, enquanto ele e Fanny se esparramavam na grama depois de uma manhã arrancando ervas daninhas de sua horta –, você deve viver no mundo hoje da forma que deseja que todos vivam no futuro. Essa pode ser a sua contribuição. Caso contrário, o mundo que deseja nunca se concretizará. Por quê? Porque fica esperando que os outros façam o que você não está fazendo; e eles também estão esperando que você também faça algo, e por aí vai. O planeta vai de mal a pior.

— Foi por isso que você se casou com uma mulher branca? – perguntou Fanny, mordiscando um pedacinho de grama que puxou perto dos seus pés.

— Não – respondeu Ola, surpreso. – Como você sabia disso? – Ele deu de ombros. – Eu me casei com Mary Jane para causar discórdia; foi por isso que me casei com Mary Jane. E não importa quanto eu tente explicar, ninguém está disposto a ouvir um ponto de vista diferente.

Ele puxou o grande lenço que pendia do bolso traseiro e enxugou o rosto todo suado. Quando terminou, Fanny pegou o lenço, procurou e encontrou um canto ainda seco e enxugou a própria testa com delicadeza.

— Mary Jane? Não é um nome muito sueco, né?

— Mary Jane não é sueca – disse Ola, pegando de volta o lenço e jogando-o no chão. – Ah, eu entendi agora. Você tem lido as minhas peças! Cuidado, nem sempre o dramaturgo escreve sobre si mesmo. – Ele apontou o dedo para ela. – É verdade que tive amantes na Suécia, é um país muito frio e eu estava sozinho. Inacreditavelmente solitário. E com certeza não é um crime retribuir a bondade de estranhos. Havia uma mulher, Margrit, com quem morei durante dois anos. Ela engravidou, mas era tão pragmática quanto bonita, e robusta também, aliás, e abortou a criança. Não consegui convencê-la a ter o bebê; afinal, eu que me recusava a usar camisinha, mesmo quando ela me dava. Achava muito racista da parte dela insistir nisso. Era eu quem deixaria o país dela e voltaria para casa. Eu não poderia trazê-la comigo. Eu não era Seretse Khama, de Botsuana, e ela não era Ruth Williams, da Inglaterra. Ela sabia o que era o racismo branco, mesmo na Suécia, depois de morar lá comigo. Ela não

suportava pensar no sofrimento de seu filho. Ironicamente, li há pouco tempo um artigo que dizia que as crianças marrons e douradas¹¹ são bastante valorizadas hoje em dia. Duvido muito. Imagino que sejam consideradas...

— Exóticas – completou Fanny. – Como Helga Crane de *Areia movediça*.

— Areia movediça? – perguntou Ola.

— É. É um tipo de areia que você pode se afogar, quase como se fosse água.

— Ah...

— Mas estou falando de um romance que estudava quando dava aulas de literatura feminina; Nella Larsen é a autora, ela mesma é o resultado de um caso entre uma mãe dinamarquesa e um pai caribenho.

Ela percebeu que Ola estava interessado nessa escritora desconhecida.

— Ela nasceu em Chicago – continuou Fanny – e, quando cresceu, foi visitar a família da mãe na Dinamarca. Naquela época, sua mãe já tinha se casado com um homem branco norte-americano comum, e Helga/ Nella, como a criança preta da família, passou por momentos muito difíceis.

— Com certeza – respondeu Ola.

— Quando ela chegou à Dinamarca, ficou surpresa ao se ver virtualmente “idolatrada”. Todo mundo a “amava”. Um famoso pintor local que queria se casar com ela pintou um quadro dela. Mas ela não aguentava ser objeto das expectativas dos dinamarqueses sobre como uma mulher de aparência tão “exótica” deveria ser. Ela não aguentava as extravagantes roupas “africanas” que seus parentes compravam e insistiam que usasse. E também não gostava da ideia de se expor para estranhos admirarem. Além disso, achava o país e as pessoas muito diferentes das que deixou em casa, no Harlem. E percebeu que preferia sua família de lá. Foi uma baita surpresa para ela. Tinha alguma coisa sobre o antigo Harlem, o Harlem dos anos 1920, que exercia uma influência tremenda na lealdade das pessoas – refletiu Fanny. – Acho que era a música boa, as festas. A Proclamação da Emancipação finalmente em ação.

— Eu já li sobre o Harlem. Na obra de Langston Hughes. E é verdade, o amor dele pelo lugar irradia em cada linha.

— Mas, se você não se casou com a sueca – disse Fanny, intrigada –, com quem se casou? Quem é Mary Jane?

— Uma mulher dos Estados Unidos – respondeu Ola. – Uma mulher interessante. Você deveria conhecê-la antes de voltar.

— Não vim até a África para conhecer mulheres brancas dos Estados Unidos – disse Fanny secamente.

Ola riu, inclinou-se para trás e se apoiou no cotovelo.

— Tenho que admitir que, quando conheci Mary Jane, também era cético. Isso aconteceu numa época em que os brancos estavam sendo pressionados a imigrar. Nem todas as pessoas brancas, sabe, mas aquelas que não tinham meios visíveis de sustento, além dos servos africanos. Havia um grande número de parasitas dos quais era preciso se livrar. Pessoas que vieram para o país sem nada, quando era governado pelo regime branco, e que agora tinham grandes plantações, ou então pelo menos tinham belas casas e podiam escolher empregos bem remunerados. Era um costume do país, na verdade, um dos “itens” da publicidade que atraía os brancos a virem para cá, que cada homem, mulher ou criança branca teria a garantia de pelo menos um servo africano. A maioria das famílias tinha dois ou três. Muitos tinham cinco. Pagavam a essas pessoas menos de um por cento de seus salários e “compensavam” o restante com trapos velhos e sobras de comida.

“A propósito, parte da comida do país veio dos Estados Unidos. A comida dos *nativos*, digo. Sim. Eu mesmo vi sacos e mais sacos de grãos norte-americanos empilhados no cais. ‘Um presente do povo americano’, escrito na lateral de cada saco. Quer dizer que você nunca soube que estava nos alimentando?”, perguntou Ola a Fanny. “O pessoal da clandestinidade fazia piada com aqueles sacos de grãos, principalmente os de milho; diziam que os Estados Unidos e os outros países brancos deram à África um saco de milho infestado de vermes e levaram um saco de ouro e diamantes, e consideraram isso justo.”

Fanny riu.

— Mas, então, estávamos pedindo aos brancos que fossem embora – continuou Ola. – Se quisessem ficar, e muitos deles queriam, teriam de se comprometer formal e juridicamente a um compromisso vinculativo, assumindo todas as responsabilidades financeiras pelos cuidados de saúde, educação e habitação de seus antigos trabalhadores e de seus filhos. Deveriam concordar com um plano de sete anos; ao fim do qual, as pessoas que os serviram de graça por anos e anos deveriam ser certificadas

de que estavam gozando de boa saúde, tendo uma boa educação, ou estando no caminho certo para obtê-la, e deveriam morar em casas próprias e decentes. Uma equipe de certificação internacional seria formada e bateria de casa em casa. Propriedade por propriedade. De plantação em plantação. E assim por diante.

“Isso foi um insulto para a maioria dos brancos, é claro; muitos ficaram surpresos não apenas com o fato de o novo governo ‘macaco’, como alguns deles o chamavam, fazer essas exigências – o que é realmente muito razoável, considerando a riqueza imerecida dos brancos, riqueza que agora tentavam desesperadamente tirar do país, em vez de terem as suas casas e propriedades confiscadas imediatamente, que era o que alegavam temer há anos –, mas também que os africanos quisessem boa saúde, educação e habitação digna! Algumas dessas pessoas ficaram chocadas ao perceberem que, quando o africano que cozinhava a sua comida e cuidava dos seus filhos sorria para elas, ela ou ele sorria apesar de quem eram, e não por causa de quem eram.

“Foi um período bem caótico. Algumas pessoas desmontaram suas casas bastante grandes, peça por peça, e as enviaram para outros países. Destruíram as próprias árvores e os jardins. Queimaram bairros inteiros, exatamente como fizeram os manifestantes negros norte-americanos nos anos 1960.

“Milhares de brancos ficaram deprimidos demais para viver; houve suicídios, especialmente entre os jovens. Teve gente que revelou que achava que seu destino era simplesmente ser dono dos negros em algum lugar do mundo só por serem brancos. Muitas dessas pessoas imigraram para a Austrália e para a Nova Zelândia, onde as populações negras são pequenas e fracas.

“Mas voltando a Mary Jane... Um dia ela apareceu na minha sala no Departamento de Entretenimento e Cultura – as pessoas que dirigiam esse departamento antes de assumirmos o comando tinham um carinho especial por produções locais de coisas como os musicais *Show Boat*, *Minha bela dama*, *O Quebra-Nozes* e, no lado picante, *Cabaret*. Isso também foi antes de haver um Ministério da Cultura. Estávamos ligados ao Ministério do Interior, que era, na época, logo após a nossa tomada de posse, comandado por um homem que estava fora do país enquanto a luta pela independência acontecia, e que agora, ao regressar, fez tudo que fez por

culpa. Ele estava nos Estados Unidos, escondido numa das universidades de lá – gosto de dizer isso, e não é totalmente justo –, e era um militante antibranco. Ele não gostava principalmente de mulheres brancas. Mary Jane estava brava porque esse homem lhe disse que ela seria, *com certeza*, uma das primeiras pessoas brancas ‘obrigadas’, como ele disse, a deixar o país.

“Ela me explicou que fundou e dirigia uma escola de arte, a Escola M’Sukta. Eu achava que talvez eu já tivesse escutado falar nela.

“Ouvi, sim!”, disse Ola, sentando-se de repente e tirando as sandálias. “Não era só a melhor escola de arte que tínhamos em Olinka, como a única. Certamente eu já ouvi falar. Ela estava sustentando setenta meninos e meninas na escola, ela contou. Eles moravam lá também. Ela tinha a ambição de que o trabalho de seus artistas se tornasse parte daquilo pelo que Olinka era conhecida. Ela até pensou que, em algum momento no futuro, poderia haver dinheiro para seus alunos e para o país.

“Em todo caso, ela me disse que tinha apostado a vida nos estudantes, na escola, no país e, por não ser mais jovem e não ter mais nenhum desejo de voltar para os Estados Unidos nem de imigrar para a Nova Zelândia ou a Austrália, não via o que restava para ela fazer. Todo o seu dinheiro tinha ido para a escola, que, segundo o chefe do departamento lhe disse, o governo ia confiscar. Uma coisa que ela fez foi colocar a escola nos nomes de todas as pessoas que trabalhavam lá.

“Você vai ganhar algo por ela’, garanti.

“Sim. Foi o que ouvi. O suficiente para comprar uma passagem só de ida “para voltar” para a Inglaterra. Enfim, eu nem sou da Inglaterra’, ela respondeu.

“Saí naquela noite para dar uma olhada na escola dela, a Escola M’Sukta. Ficava nos arredores da cidade e era bem modesta. As meninas e os meninos dormiam em alojamentos separados, e tinha um ateliê comunitário enorme que tinha basicamente só janelas. Todas as camas eram bem-arrumadas, com um cobertor de lã tecido localmente, como as mantas Pendleton nos Estados Unidos, inspirados em desenhos indígenas, cuidadosamente dobrado aos pés da cama. Foi a primeira vez que percebi como os símbolos e desenhos dos povos nativos americanos e dos nativos africanos são semelhantes. Ao lado de cada cama ficava um pequeno guarda-roupa colorido para as coisas dos estudantes.

“Eram todos crianças perturbadas. Eu não tinha entendido isso até conhecê-las. Várias tinham perdido os pais nas rebeliões contra o regime branco. Algumas perderam o raciocínio por causa dos espancamentos durante a detenção. Um bom número delas tinha deficiências físicas evidentes. Alguns mancavam, ou respiravam de maneira estranha, ou apertavam os olhos, ou agitavam cotos e braços inúteis. Eles foram os mais maltratados e privados dos nossos cidadãos. Mary Jane começou a pegá-los praticamente nas ruas. Do jeito que eram – ou seja, as ‘ruas’ – na ‘nossa’ parte da cidade.

“Me conta uma coisa, você é freira?’, perguntei a ela.

“Ela fumava cigarros feitos de folhas enroladas de eucalipto. Ela deu uma tragada no que tinha na mão e soprou a fumaça.

“Por quê?’, ela perguntou. ‘Eu pareço uma freira?’

“Na verdade, ela parecia a namorada de um gângster daqueles filmes antigos de Hollywood dos anos 1930, sabe. Mas só uma freira faria esse tipo de coisa. Certamente.

“Eu tinha um relacionamento excelente com as freiras que educaram Nzingha”, Ela comentou. “Elas eram radicais e acreditavam de todo o coração que Jesus foi um revolucionário incendiário e que Maria e Marta não eram melhores. Nenhuma delas jamais dispararia uma arma, mas, quando estávamos escondidos, contamos com elas para o transporte de armas. Então essa era a minha noção de freiras.

“Eu já fui muito rica’, Mary Jane contou. ‘E muito pobre também.’ E foi tudo que disse.

“Qual é a história do nome Escola M’Sukta?’, perguntei a ela. “M’Sukta não é uma palavra Olinka, e sim Ababa”, Ela explicou a Fanny. “Os Ababa são uma aldeia irmã. E Mary Jane começou a me contar a mais surpreendente das histórias, sobre uma mulher Ababa levada para a Inglaterra e trancafiada por quase quinze anos no Museu Britânico de História Natural. Ela passou todo o tempo lá tecendo. A tia-avó de Mary Jane a libertou – Mary Jane não sabia exatamente como – e a trouxe de volta para o povo Ababa. Infelizmente, ela era a única sobrevivente de sua aldeia. A tia-avó de Mary Jane herdou os diários de sua tia-bisavó que contava tudo isso. A tia-avó, já adulta, também veio para a África. Na verdade, ela viveu entre os Olinka e fez muitas boas ações: educou várias mulheres que se tornaram médicas, assistentes sociais, agrônomas e tudo

o mais. Um número surpreendente dessas mulheres morreu na luta contra o regime branco. Ela estava morando aqui quando os brancos destruíram nossos povoados e nos obrigaram a ficar em reservas. Como se fossem suas aldeias indígenas, sabe. Como nossos animais selvagens.

“Mary Jane herdou uma grande dose de coragem e o espírito de ‘podemos fazer’. Ela veio para a África e aprendeu a pintar sozinha. Ela já havia se aventurado, ela contou, apenas para fazer algo útil, mas, desta vez, estava levando a sério. Ela tinha um pouco de dinheiro, então comprou um terreno bem longe da cidade – que, infelizmente, cresceu, disse ela, e a engoliu – e em completa solidão, sem empregada nem ‘menino’, ela pintou. Às vezes até doze horas por dia. Ela tinha um cavalo e, nos dias em que não pintava, cavalgava. E assim passou a conhecer muito bem as pessoas do campo e o próprio país. Suas pinturas começaram a agradar-lhe.”

— Você fala dela com uma admiração – disse Fanny, um tanto relutante. Ela começou a fazer posições de ioga enquanto ouvia Ola. Foi para a postura do arado e esticou bem as costas.

— Sim – respondeu Ola, observando seus movimentos na grama. – Espere só até conhecê-la. Ela é igualzinha àquela atriz que vocês têm nos Estados Unidos, aquela com voz monótona, cabelos loiros e olhos cinzentos, que é casada com um homem que parece seu irmão gêmeo. Ela não poderia ser mais branca. Sempre achei que, se algum dia conhecesse uma mulher norte-americana assim, ficaria sem palavras. Mas não. É lógico que, naquela época, para ajudá-la a administrar a escola, ela contava com uma equipe. Fiquei tão impressionado com eles. Ela os enviara para lá e para cá, para a Rússia, Arábia Saudita, Berlim, para estudar arte e psicologia, e aprender como administrar um internato de alto nível para jovens problemáticos. Todos tinham olhos ávidos, brilhavam como moedas de um centavo, afetuosos com os estudantes e com a diretora. Eu segui o exemplo deles e logo estava tagarelando a mil por hora. Logo tive segundas intenções para tentar ajudá-la a salvar a escola. Era um lugar fabuloso para ensaiar e apresentar minhas peças!

“Eu nunca tinha visto nada parecido. Eu lhe falei que cada centímetro de cada parede dos edifícios, por fora e por dentro, era coberto de pinturas? Toda vez que a escola ficava sem papel e tela, o que não era raro, como Mary Jane explicou, eles simplesmente caiavam um antigo mural numa

das paredes e começavam um novo por cima. Ela contou que os estudantes reclamavam no início porque seus barracões e o ateliê comum tinham paredes de barro e telhado de palha. Isso os lembrava muito das cabanas estéreis de palha que o regime branco havia erguido para seus pais e avós nas reservas. Mas, Mary Jane disse, nos livros da minha tia-avó (ela veio para a África para escrever livros, sabe), ela falava das artes criadas pelas pessoas antes dos seus povoados serem demolidos. Arte que faziam casualmente pintando suas casas todos os anos após a estação das chuvas, e viviam despreocupadamente. Então ela sentiu que a construção e a decoração das moradias estavam certas.

“Para tornar uma história extensa razoavelmente convincente”, disse Ola, “Mary Jane e eu, com sua equipe de sete pessoas, a cozinheira, o jardineiro, e algumas das mães das crianças, e, para ser justo, um irmão mais velho e um pai ou dois, discutimos ideias juntos por muitos dias e decidimos que não havia mais nada a se fazer para salvar a escola, a não ser que Mary Jane e eu nos casássemos.

“Era certo que isso causaria alguns problemas. Lá estava eu, um dos ‘melhores’ e de mais visibilidade entre os homens negros de Olinka, educado no Ocidente, com uma bela casa, um carro e outras coisas mais, e, muitos suspeitavam e alguns de fato sabiam, com uma esposa enfurnada no mato; lá estava eu, um líder indiscutível do nosso país, apontando suas necessidades e glórias e suas transgressões a torto e a direito. Ocasionalmente atacando o homem branco e sua mulher com crueldade bem-merecida. Como eu, logo eu, poderia me casar com uma mulher branca? E nem mesmo uma que fosse jovem, como aquelas das revistas femininas que de repente inundavam o interior e que se via por todo lado.

“Pois essa foi uma das muitas manobras de despedida utilizadas pelo regime branco vencido. O uso do corpo da mulher branca. O corpo da mulher branca, há tanto tempo fora dos limites, de repente estava por toda parte. Suas partes íntimas expostas para todos verem. Os garotos levavam as revistas enroladas nos bolsos traseiros das calças. Isso se tornou um símbolo de status, como camisetas e jeans. Parte do estilo deles. Os pais e tios mantinham pilhas de revistas trancadas a sete chaves em casa, debaixo da cama ou no escritório. Havia um intenso comércio dessas revistas no mercado clandestino. Nossas mulheres estavam sendo incentivadas a clarear o rosto com alvejante, a ficarem loiras. De repente, se

compreendeu que a nudez não denotava barbárie. As mesmas mulheres que tinham sido praticamente apedrejadas por ficarem sem blusa agora eram informadas de que deveriam tirá-las se quisessem ser modernas.

“Ao mesmo tempo, o governo, depois de rejeitar a maior parte das leis do homem branco, porque oprimiam a população nativa, decidiu que a única lei que definitivamente manteria era a que proibia o casamento inter-racial. Isso provou que eles tinham tanto orgulho racial quanto o homem branco. Por outro lado, restabeleceram a poligamia, à qual eu era contra e as mulheres também. Afinal de contas, a poligamia é um precursor nítido do sistema escravista de plantação, o marido como ‘senhor’ e as esposas como ‘escravas’. Bem, mas aquele governo não ouvia as mulheres. Todo mundo já sabia disso àquela altura.

“Se eu me casasse com Mary Jane, poderia incomodar os legisladores em dobro.

“Eles desaprovavam o casamento inter-racial, mas aprovavam e incentivavam a poligamia. Eu teria uma segunda esposa, mas ela seria branca.

“A razão mais prática para o casamento, porém, foi para que Mary Jane se tornasse uma cidadã do país e, portanto, inelegível para deportação, assim ela e sua escola permaneceriam em Olinka.

“Minha decisão incomodou o governo. Eu não me importei. Eles precisavam das peças que eu estava escrevendo. Precisavam da minha popularidade junto às massas. Foi somente por meio das minhas peças que o governo conseguia falar com o povo sobre um modo de vida pelo qual o nosso país estava lutando para alcançar e não assustá-lo até a morte.

“Mary Jane conseguiu ficar em Olinka, e sua escola cresceu. As pessoas fizeram concessões ao meu comportamento e essencialmente me perdoaram, como costumam fazer. Além disso, passaram a valorizar a contribuição de Mary Jane para o futuro dos seus filhos e do país. Mas o governo, na verdade apenas o chefe idiota do Ministério do Interior, visitou a Escola M’Sukta e exigiu que as instalações fossem construídas com ‘materiais modernos’. Lata e madeira compensada. Esta foi a resposta pervertida às nossas manobras bem-sucedidas. Todos os murais das crianças foram destruídos e, com eles, o caráter tradicional da escola. Mas Mary Jane e sua equipe não se intimidaram. Ah, eles choraram, todos nós choramos, por semanas. Mas eles tinham uma visão de como deveria ser o

futuro pelo qual estavam trabalhando. Parecia muito com o que já faziam juntos todos os dias. Está aí um espírito difícil de esmagar. Fiquei muito feliz por fazer uma pequena parte disso.

“E”, disse Ola finalmente, com um suspiro profundo, levantando-se, enquanto Fanny, saindo da postura de águia, ficava solidamente mais uma vez em pé, “lá estava eu, casado com uma mulher branca que eu não conhecia direito e que rapidamente se tornou menos branca para mim. Ficamos amigos e aliados fiéis, e assim somos até hoje.”

— E você nunca... tentou alguma coisa? – perguntou Fanny, sorrindo, mas com uma curiosidade insaciável pela vida do pai.

— Tentar alguma coisa! – respondeu Ola. – Nem me atrevi. Mary Jane, espere só até conhecê-la, ela tem um olhar que poderia cortar alguém pelos joelhos.

11. *Brown and golden children* no original. [N. E.]

Mary Jane Briden – senhorita B para todos – era uma cópia perfeita de Joanne Woodward, que estava no último filme que Fanny tinha visto, algo sobre um marido que se apaixona por uma mulher mais nova e começa a ter uma vida secreta com ela e uma criança, e morre deixando sua esposa com essa traição nas mãos. Ela tinha a mesma boca grande, dentes retos e a voz controlada e equilibrada. Sob a qual, porém, o ouvinte poderia suspeitar de uma ou duas camadas de histeria. Ela tinha olhos cinzentos e frios, e seu cabelo branco tinha um corte chanel que lembrava muito uma peruca, ligeiramente oblíquo e tingido de um azul quase genciana.

— Não fui ao enterro de Ola – dizia a senhorita B. – Não aguentaria ficar sentada ali enquanto todas as pessoas que o odiavam falavam sobre quanto o valorizavam e quanto sentiriam sua falta! Até parece! – exclamou ela, tomando um gole de uísque no copo de água que segurava. – Ele vai fazer falta, tudo bem. Não sobrou ninguém para enfrentar o governo agora. Ninguém com nenhum poder, enfim; as mulheres sempre vão acordar para dizer aos meninos que horas são... eu não precisava ir ao enterro; Ola e eu já havíamos nos despedido. Ele morreu aqui, na minha casa. Você não sabia?

— Não. Não sabia – respondeu Fanny.

— Ele estava no meio do ensaio de sua nova peça, a que falava da classe média de Olinka, negra e branca. Sobre como essas pessoas, com a bênção do governo, deixam o país crescer tão dividido em termos de classe quanto antes, sob o governo dos brancos, em termos de cor. Era para ser a primeira de suas sátiras definitivas, ele disse. – Ela riu. – Ele sempre afirmou que a classe média não era material adequado para drama; só para a comédia, ou nem comédia, mas para sátira e farsa.

“Era isso que ele estava dizendo quando infartou. Um comentário bastante inofensivo, mas imagino que pôs em causa sua vida.

“Mais tarde, quando o trouxemos aqui para casa – os ensaios acontecem no ginásio da escola – e o colocamos no sofá – é, onde você está sentada –, ele ainda estava tentando conversar, brincar. Mas no fim ele disse uma coisa muito sensata para mim e para os atores que estavam reunidos ao redor. Ele disse que, enquanto estava falando, percebeu repentinamente

como a luta é interminável. Que é como uma cebola, cheia de camadas e fedorenta, ele disse e soltou um grito, e que cada vez que se sentava para escrever uma peça ficava surpreso, e um pouco desanimado, ao ver que estava diante de uma nova camada de sofrimento fedorento que o povo estava suportando. Eles tinham sonhos fantásticos, ele contou, quando ele e os amigos partiram para se juntar aos Mbeles. Achavam que tirar os brancos do poder seria o último trabalho para garantir um futuro próspero para o seu país. Em vez disso, provou ser apenas o começo. Não era pouco, e por isso ele era grato. Mas, ainda assim, era apenas um começo.

“Então, ele percebeu, não era apenas o racismo que devia ser combatido, mas também a ignorância e a ganância, qualidades que, infelizmente, têm uma história humana muito mais longa.” A senhorita B fez uma pausa.

“Ele ficou particularmente chateado”, ela continuou contando, depois apertou os lábios como se preferisse não continuar, mas prosseguiu, “nas semanas antes de sua morte, por causa de um boato de que a Europa Ocidental e a União Soviética estavam vendendo clandestinamente, para serem enterrados na África, milhões de toneladas de resíduos radioativos a dezenas de países pobres, incluindo Olinka.” Ela respirou fundo e expirou. Então, olhou para Fanny para ver como ela reagia à notícia.

Fanny suspirou e lágrimas de mágoa e raiva brotaram em seus olhos. Nunca lhe ocorreu que essa notícia pudesse ser apenas um boato. Assim que ouviu sobre isso, ela soube que era verdade, assim como Ola sabia.

— Ola ficou indignado com o fato de os africanos poderem ser colaboradores nessa destruição a longo prazo, que seria eterna, na verdade, do seu continente e dos seus filhos – disse a senhorita B. – Se fosse verdade, ele considerava a compra e o enterro desse material um crime contra a África até pior do que a venda de africanos por africanos durante o comércio escravista. – Ela olhou para Fanny, depois rapidamente pela janela em direção às montanhas. – E, lógico, os motivos dos governos brancos envolvidos são, como sempre, inomináveis.

Fanny estendeu os dedos pela borda da almofada em que estava sentada. Era um sofá de veludo marrom-amarelado, como a pele de um leão. Ela pensou em Ola, estirado ali, conversando. Talvez se esforçando para respirar.

— Ele estava virado para qual lado? – perguntou ela.

— Ele estava olhando para a janela. Ele vinha bastante aqui e tinha suas vistas favoritas. Ele era meu marido, legalmente; você sabia?

Fanny assentiu.

— Do sofá dá para ver facilmente as montanhas Dgoro. Ele adorava ficar deitado aí, olhando para elas e pensando em suas peças. Eu fazia chá, e nós nos sentávamos e bebíamos em silêncio.

Fanny enxugou uma lágrima do rosto.

— Seu cabelo – disse ela, só pra falar algo – tem um tom de azul surpreendente.

— Eu sei – respondeu a senhorita B, rindo. – Eu lhe garanto que não é nem um pouco natural. De jeito nenhum. É uma cor de que sempre gostei e, como pintora, aprendi a fazê-la sozinha. A única coisa de que gostava na minha antiga vida nos Estados Unidos era o azul forte dos delfínios do nosso jardim. Bem, delfínios não crescem aqui, mas a cor parece ficar muito bem na minha cabeça. Isso me dá um pouco a sensação de *ser* um delfínio. – Ela riu de novo. – E meus alunos, principalmente os mais novos e assustados, que nunca estiveram em lugar nenhum a não ser nos becos ou no mato, costumam gostar. Gostam de como é estranho, sabe, é uma espécie de zebra humana para eles. Acredito que se existe uma coisa que nos é dada, como seres humanos, estritamente como um brinquedo, é o cabelo.

— Obrigada por tudo o que você significou para o meu pai – disse Fanny. – Eu não tinha ideia de que uma pessoa branca, especialmente uma mulher branca, teria um impacto tão... significativo na minha vida.

A senhorita B retribuiu o olhar perscrutador de Fanny com o dela. Talvez ela pudesse ver, pensou Fanny, a percepção atrofiada que a América do Norte lhe ensinara em relação a outros seres humanos, que poderiam ser brancos.

— Todos nós influenciemos a vida uns dos outros de maneiras que nem imaginamos – respondeu a senhorita B secamente.

— Sim – disse Fanny, levantando-se do sofá marrom-amarelado e preparando-se para ir embora. Na parte de trás dos joelhos, ela de repente sentiu a elasticidade das pernas magras do pai. Ela olhou para as montanhas que ele amava e as adorou com os olhos dele.

Como se de repente visse o próprio Ola diante de si, a senhorita B a abraçou. Fanny ficou tão surpresa quanto satisfeita.

— Quanto tempo você vai ficar na África? – perguntou ela.

— Devo ir embora logo – respondeu Fanny. – Existe um homem na Califórnia com quem tenho um vínculo. Mas eu vou voltar. Talvez ele venha comigo. Minha irmã, Nzingha, vai querer fazer a produção e montar as peças de Ola, e escrever as peças dela, suspeito. Ela me pediu para voltar e ajudá-la. Duas Nzinghas, olha só, são melhores que uma. Ela jura que espera lutar contra este governo durante quarenta anos, assim como a nossa xará lutou contra os portugueses.

— Ela sabe o que diz.

— Você acha que vão machucá-la se ela produzir as peças de Ola? – perguntou Fanny, franzindo o cenho e voltando-se para a porta.

A senhorita B considerou a questão.

— Talvez não – respondeu, com sua voz monótona norte-americana. – Afinal, o próprio Ola está morto; as peças já estão escritas e se beneficiarão, no que diz respeito ao governo, da sua ausência. Para expor a autenticidade da dor pela sua morte, e para impressionar a comunidade mundial que o amava, provavelmente vão implorar para que Nzingha produza algumas das peças de Ola em sua memória. Algumas que *não* falem sobre impostos sem representação, *nem* da opressão das mulheres, *nem* da violência do governo contra o povo, *nem* da presunçosa classe média, *nem* da brutalização das pessoas pobres, *nem* da barbárie dos militares, *nem* dos despejos de lixo nuclear... Hum... vai ser interessante ver o que querem que seja produzido.

Fanny riu. Ela podia imaginar Ola examinando essa lista e fazendo a mesma observação.

— As peças que vão enfurecer os censores, e nenhum deles, sem dúvida, deve ter lido uma peça antes, provavelmente vão ser as de Nzingha. Ou as suas, se você decidir voltar e escrever. Nada é mais difícil para os homens no poder do que contemplar o que a mulher africana sabe. Imagina ter *duas* mulheres africanas contando para eles! – Ela riu.

— Bem, acho que é isso! A única questão que resta é: se e quando Nzingha e eu escrevermos os filhos e as filhas das peças repugnantes do nosso pai, poderemos apresentá-las no seu ginásio?

— Mas é claro que sim! – respondeu a senhorita B, sorrindo e acenando enquanto Fanny partia em um dos pequenos carros cinza do governo.

Ela estava pensando que talvez, quando Nzingha e Fanny estivessem produzindo suas obras, ela também escrevesse uma peça. Para sua própria diversão. Apenas para seus alunos e para ela mesma. Só para surpreender Nzingha e Fanny. O título seria algo como “Recuerdo”, ou talvez “A nova era”, ou talvez “Eleandra e Eleanora”, ou talvez “M’Sukta”, ou então “A Selvagem na Estante”, ou talvez “Zedé e Carlotta”. Ou talvez – apenas “Carlotta”.

— Olá, filho.

Era a voz de dona Lissie, ainda mais grave e mais fraca, mais *velha* do que Suwelo recordava. Ele ajustou o volume do toca-fitas e sentou-se no sofá em frente. No lado esquerdo do sofá instalou o projetor e colocou os slides do trabalho de dona Lissie que o senhor Hal enviou para ver. Depois de ouvi-la falar, ele daria uma olhada.

— Quando você ouvir isso – continuou a voz grave de dona Lissie –, estarei em algum lugar e em outra pessoa. Pedi a Hal que o enviasse a você somente após minha morte, o que me deixa quase ansiosa, pois sei que não é o fim, e sou uma pessoa que gosta de andar por aí, mesmo não querendo. Eu me arrependo de deixar Hal e estou ansiosa quanto às nossas chances de nos encontrarmos novamente; mas isso é tudo que lamento, e tenho plena fé de que nos encontraremos novamente, e, sem dúvida, em breve. Pois Hal e eu temos muito mais coisas para resolver e, embora já estejamos nessa há tantos anos e tenha sido um trabalho árduo, posso garantir que estamos apenas começando.

“Você se lembra dessa música? Passei a ver as músicas das pessoas como suas criações mais verdadeiras, quando são músicas reais, não uma besteira qualquer. Ou às vezes, mesmo quando são besteira, dizem a verdade, mas não a verdade que cantores pensam que estão contando. Mas, antes de falar sobre mim e Hal, deixa eu fazer algumas observações sobre você.

“Depois que você nos deixou no verão passado e voltou para a Califórnia, fiquei pensando em você e olhando para a pintura que fiz de você. Hal fez uma quase idêntica. Cercado por todas as belezas desta vida, flores, milho, hera, árvores, a casa acolhedora e protetora dos seus dois velhos amigos, e você estava adormecido. Bem, você *estava* dormindo; então há verdade, fidelidade à realidade em nossas pinturas. Mas quanto mais pensei sobre você, o tempo que passou na casa de Rafe e o tempo que passou conosco, comecei a pensar em como Hal e eu sentimos que você realmente está adormecido.

“Seres humanos bastante machucados, ainda mais se já foram belos e inteiros, são difíceis de serem lembrados pelas pessoas só de falar neles. Tem sido assim com seu pai. A guerra, a perda de grande parte da sua

alma, a perda do seu braço. O desgaste de sua mãe. O que estou dizendo, Suwelo, é que Hal e eu sentimos muito por não tê-lo encorajado a falar conosco sobre seus pais; sentimos muito não ter oferecido quaisquer lembranças que temos – são poucas, infelizmente –, ou qualquer coisa que tenhamos ouvido ou sabido. Que você não falasse dos seus pais, do ‘acidente’ que o tornou órfão quando ainda era tão jovem, nos pareceu muito estranho, quando pensamos sobre isso. Eu sei que você está preso nesse emaranhado com Fanny, e tanto Hal quanto eu concordamos que o trabalho com ela é o que precisa ser feito. Mas parte do seu trabalho com Fanny é o trabalho que você precisa ter com seus pais. Eles devem ser conscientemente chamados, *convocados* e reconvocados. Como viveram; mas porque e como eles morreram também. Até a marca e o modelo do carro em que morreram. Até o estilo do corte de cabelo do seu pai, a cor do vestido da sua mãe. A última vez que você ficou do lado deles.

“Hal e eu sentimos que você fechou uma porta, uma porta muito importante, contra a memória, contra a dor. Apenas dizer seus nomes, ‘Marcia’ e ‘Louis’, é uma chave pesada demais para a sua mão. E a gente acha que seria bom você abrir essa porta, dizer seus nomes. Para falar deles, qualquer coisa que consiga lembrar, livre e frequentemente, para Fanny. Para rastrear o que reconhecer em si mesmo até eles; para encontrar a ligação de espírito e coração que partilha com eles, que são, afinal, a sua Frente Unida. Porque a verdade, Suwelo, é que se os nossos pais não estiverem presentes em nós, conscientemente presentes, há muito, muito sobre nós mesmos que nunca poderemos saber. É como se a nossa própria carne fosse cega e muda e não pudesse se sentir verdadeiramente. A intuição recebe pouca validação; o instinto é temido. Não sabemos em quem confiar, sem poder ver ninguém em ação além dos nossos próprios corpos. É por isso que pessoas adotadas fazem de tudo para encontrar seus verdadeiros pais. E, mais importante, as portas para um passado ancestral, o eu ancestral, a própria corrente pré-ancestral da vida, permanecem fechadas. Quando isso acontece, é provável que habilidades naturais cruciais sejam inacessíveis para alguém: a capacidade de sorrir facilmente, de brincar, de se divertir, de ser sério, de ser atencioso, de ser flexível.

“No que diz respeito a Carlotta, a tarefa não é difícil – ou talvez se prove mais difícil – porque ela ainda está viva. Você está certo em entender,

como sei que agora entende, que é um pecado se comportar como se uma pessoa cujo corpo você usa como se fosse um ser sem substância. ‘Pecado’ no sentido de negação da realidade de outra pessoa sobre quem e o que ela ou ele realmente é. Você ainda pode ir até ela, e deve, para o seu próprio crescimento, lhe pedir perdão. Expressar algo de seu próprio trauma, que pode ter origem no rosto abandonado e sofrido de sua mãe, e no medo que isso lhe causou por saber muito sobre a dor das mulheres, e então contar algo do que aprendeu.

“É contra o bloqueio entre nós e os outros – os que estão vivos e os que estão mortos – que devemos trabalhar. Ao bloquear o que nos machuca, achamos que estamos nos isolando da dor. Mas, em longo prazo, o muro que impede o crescimento dói mais do que a dor que, se suportarmos, rapidamente passará por nós. Passa por nós e desaparece. Por muito tempo nos lembraremos da dor, mas a própria dor, como era naquele ponto de intensidade que achávamos que fôssemos morrer, eventualmente desaparece. Nossa memória dessa dor se torna seu único vestígio. As paredes permanecem. Crescem musgo. São barreiras difíceis de ultrapassar, de chegar aos outros, de chegar às partes fechadas de nós mesmos.”

A senhorita Lissie pigarreou.

“Estou falando sobre isso, Suwelo, porque é importante e verdadeiro, mas também porque tenho medo de lhe contar como sei de tudo isso, de lhe contar minhas novidades. Que é”, e aqui ela respirou longa e lentamente, “eu menti quando disse que sempre fui uma mulher negra e que só consigo me lembrar de alguns milhares de anos atrás.

“Obviamente, de vez em quando, eu fui uma mulher branca, ou tão branca quanto cerca de metade delas são. Não vou aborrecê-lo com histórias dos séculos que passei sentada me perguntando qual mulher que não fosse branca limparia meu chão. Nossos homens as traziam o tempo todo. Você ia dormir uma noite sem irmãos, sem marido, sem pai, e pela manhã muito provavelmente um deles estaria de volta, liderando uma cadeia de algumas das criaturas de aparência mais desventurada que você já viu. Pretas, marrons, vermelhas.¹² Às vezes se pareciam com mongóis ou chineses. Nunca dava para saber de onde vieram. E ele não lhe

contaria. ‘Trouxe ajuda’, era o máximo que diria, deixando cair a ponta da corrente perto de onde mantinha os cachorros amarrados.

“Ele colocava uma bugiganga incrivelmente linda no meu pescoço ou no meu braço, certamente feita por bruxaria, eu achava, mas de prata ou, mais provavelmente, de ouro, e começava a procurar o café da manhã.

“Eu sabia o que uma dama deveria fazer. Fechei a minha capa, apertando-a contra mim, e fui inspecionar os selvagens. Eu sempre torcia o nariz e simulava um movimento de vômito em direção aos seus cabelos imundos. Tinham sido tão espancados que nem conseguiam olhar para mim direito.

“Com o tempo, se *ele* não penhorasse, a coisa no meu pescoço ou no meu braço começava a falar comigo. Especialmente sempre que um *deles* olhava para a coisa. Levei anos para entender que eles sabiam que em meu descuidado braço magro, ou gordo e branco, eu carregava toda a história, arte e cultura de seu próprio povo que eles e seus filhos jamais veriam.”

Houve uma pausa. “Ouro”, dona Lissie disse pensativamente, “o homem branco adora o ouro porque é o sol que ele perdeu”.

Houve outra pausa, durante a qual Suwelo inclinou-se ligeiramente para a frente e olhou para a fita que girava sem fazer barulho. Em dado momento, dona Lissie respirou fundo e continuou.

“Deixe-me contar uma história”, ela disse. “É uma lembrança onírica também, como aquela que lhe contei sobre minha vida com os primos; mas é mais tênue que aquela, mais desbotada. Frágil. E isso foi deliberado. Eu a reprimi com tudo que tinha. Independentemente disso, ainda está comigo, porque, como as outras memórias, *faz parte* de mim.”

Ela fez uma pausa, tossiu e disse: “Isso foi há muito tempo, de fato.”

Suwelo recostou-se nas almofadas do sofá, colocou os pés na mesinha de centro à sua frente e as mãos atrás da cabeça.

Ele pensou que estava pronto.

“Vivíamos à beira de um imenso bosque”, disse dona Lissie, “no tipo de casas feitas de palha que as pessoas construíam; coisinhas insubstanciais, realmente frágeis, um tanto fantasiosas, como um formigueiro ou uma teia de aranha, lançadas numa hora contra o sol. Minha mãe era a rainha do nosso grupo; um pequeno grupo ou aldeia que éramos. Nunca mais do que duzentos de nós, às vezes menos. Mas ela não era ‘rainha’ da forma que as pessoas pensam em rainhas hoje em dia. Não, isso teria sido

incompreensível para ela e horrível. Mas imagino que ela era o que as rainhas eram originalmente: uma mulher sábia, uma curandeira, uma mulher com experiência e visão, uma mulher soberbamente instruída por sua mãe. Uma pessoa muito boa, cujas palavras sempre eram ouvidas pelo clã.

“Minha mãe me mantinha com ela o tempo todo, e estava sempre me acariciando, esfregando em minha pele várias pomadas que ela preparava com a polpa de frutinhas vermelhas e nozes que encontrava. Quando criança, eu não via nada de errado em passar tanto tempo com minha mãe e nunca achei chato. Muito pelo contrário, na verdade. Seu familiar era um leão enorme e muito presente; eles iam a todos os lugares juntos. Esse leão também tinha a própria família. Nós nos visitávamos bastante, e sempre fui muito bem recebido na pequena família de filhotes do leão.

“Isso pode parecer estranho para você, Suwelo. Essa coisa dos leões, digo. Mas é verdade. Isso foi há muito, muito tempo, antes de os animais terem qualquer motivo para nos temer e nenhum motivo para tentar nos comer, o que – só de pensar em nos comer – tenho certeza que os deixaria doentes. O corpo humano é reconhecido como tóxico pelos animais há muito tempo.

“Na Bíblia eu sei que há um versículo em algum lugar sobre um tempo no futuro em que a terra estará em paz e o leão se deitará com o cordeiro. Bem, isso já aconteceu e, no fim das contas, foi em detrimento do leão.

“Nesse tempo do qual estou falando, as pessoas conheciam outros animais da mesma forma que as pessoas se conhecem hoje. Afinal, estavam compartilhando a mesma vizinhança. Usavam a mesma água, comiam os mesmos alimentos, às vezes se viam olhando para fora da mesma caverna, esperando o aguaceiro passar. Acho que minha mãe e seu familiar se conheciam desde a infância, pois era o caso de quase todo mundo ali. De todas as mulheres, no caso. Pois, por mais estranho que seja, somente as mulheres tinham familiares. No grupo de homens, ou na aldeia, não existia tal coisa. Depois de um tempo, imitando as mulheres e seus familiares, companheiros, amigos, ou seja como for que você deseja chamá-los, os homens aprenderam a domar o cão da floresta bárbaro e a fazer com que se acalmasse mais ou menos e ficasse ao lado deles. Não estou dizendo que os cães eram bárbaros no sentido em que às vezes pensamos nos animais hoje, como sendo cruéis e impiedosos. Não, eles

eram bárbaros porque simplesmente não tinham a sensibilidade de muitos dos outros animais – dos leões, em particular; mas também dos elefantes, das tartarugas, dos abutres, dos chimpanzés, dos macacos, dos orangotangos e dos símios gigantes. Eles eram criaturinhas oportunistas e preguiçosas, basicamente, muito carentes de integridade e respeito próprio. Além disso, não tinham cultura.

“Era uma visão elegante, vou lhe falar, minha mãe e Husa caminhando ao longo do rio, ou nadando. Ele era gigantesco e tão lindo. Estou me referindo a seu espírito agora, sua alma. É uma grande tragédia hoje que ninguém saiba mais o que é um leão. Consideram que um leão é uma curiosidade de zoológico, ou alguma coisa selvagem que se preocupa em provar sua carne nojenta se sair do carro na África.

“Mas tudo isso é um disparate e uma ignorância grave; como é a maior parte do que a ‘humanidade’ imagina que ‘sabe’. Assim como minha mãe era rainha por sua sabedoria, experiência, capacidade de acalmar e curar, sua delicadeza inata de pensamento e circunspeção de ação, e, acima de tudo, por causa de sua gentileza, o mesmo valia para Husa e sua aldeia. Eles eram os reis da criação não porque eram fortes, e sim porque eram fortes, mas também gentis. Exceto para abater as criaturas doentes ou feridas da terra e comê-las, que era seu papel na criação, assim como é papel do abutre comer tudo que já morreu, eles nunca usavam sua incrível força.

“Já tínhamos fogo naquela época. Digo isso porque ainda era uma descoberta recente; a avó da minha mãe não tinha fogo. Husa e sua família vinham visitá-los à noite; eles adoravam o fogo; e lá ficávamos todos esparramados observando a mudança das brasas e admirando as chamas, até altas horas da noite, quando adormecíamos profundamente. Minha mãe e eu dormíamos perto de Husa, e, no frio da manhã, seu calor poderoso nos aquecia.

“Portanto, eu não estava sozinha, embora às vezes percebesse que outras crianças me olhavam de maneira estranha. Mas eram crianças, viviam brincando comigo. Eu amava. Muitas vezes nossa brincadeira consistia em encontrar alguma coisa nova para comer. E percorríamos quilômetros em busca de qualquer coisa que fosse fácil de alcançar e madura. Parecia-me que havia tudo que alguém poderia imaginar, e mais do que o suficiente para vinte aldeias humanas e animais como a nossa. Eu gostaria que o

mundo de hoje pudesse ver o nosso mundo como era naquele tempo. Veria toda a aldeia da criação subindo numa enorme ameixeira. Pessoinhas marrons e pretas, porque eu ainda não me via diferente; os macacos, os pássaros e as coisas que hoje desapareceram, mas que eram verdes vibrantes e uma espécie de cruzamento entre um gambá e um esquilo. E nós ficávamos lá, nos empanturrando de ameixas – pequenas, doces e de um tom de amarelo vivo. Husa nos deixava subir nele para alcançar os altos galhos de dentro. Se comêssemos por muito tempo, Husa se deitava no chão bocejando, e, quando ficávamos saciados, os macacos, principalmente, começavam uma brincadeira, que era jogar ameixas na boca bocejante de Husa. Era curioso ver que, por mais rápido que jogássemos as ameixas em sua boca, Husa nunca engolia nenhuma e nunca se engasgava. Ele conseguia levantar a parte de trás da língua, como um alçapão, e todas as ameixas iam para fora da boca.

“O que não tem fim, Suwelo? Apenas a própria vida, na minha experiência. Bons tempos, específicos de uma época e lugar, sempre terminam. E foi assim comigo. Chegou a hora em que era esperado que eu acasalasse. No nosso grupo, essa era a iniciação não apenas à idade adulta, mas também à separação da aldeia das mulheres – pelo menos de sua vida cotidiana, que era tudo que se conhecia. Depois de acasalar e ajudar sua companheira a conceber, os homens iam morar com outros homens. Mas isso não era uma dificuldade, já que o acampamento dos homens nunca ficava a mais de meio dia de viagem do nosso, e havia sempre, entre as duas aldeias, as visitas mais incessantes. Por que eles, homens e mulheres, não se integravam? Ninguém simplesmente pensava nisso. As pessoas ririam de quem sugerisse isso. Não havia razão para que se integrassem, já que cada aldeia gostava do arranjo que tinham. Além disso, todo mundo – as pessoas e os outros animais – gostava muito de se visitar. Para ser sincero, nós adorávamos. Era a nossa TV. E por isso era bom ter outras pessoas e outros animais *para* visitar.

“Embora eu odiasse a ideia de deixar minha mãe, sabia que ainda poderia vê-la sempre que quisesse, assim como sabia que os homens da aldeia dos homens estavam prontos para serem meu pai. Porque ninguém tinha um pai específico. Isso era impossível, dada a forma como as mulheres escolhiam os seus amantes, livre e variadamente. Os homens não achavam nada de estranho nisso, nem as mulheres. Por que achariam?

Fazer amor era considerado uma das melhores coisas da vida, por mulheres e homens; é óbvio que teria que ser livre. Entende o que quero dizer sobre músicas?” Dona Lissie riu. “Além disso, quando um jovem chegava à aldeia dos homens, eles finalmente tinham a oportunidade – tarde, é verdade – de ser mãe. Sabe, ser pai é ser mãe.

“Eu gostava de uma menina, ela também gostava de mim. Isso foi um milagre. E na hora certa, um dia antes da lua cheia, nos enviaram para colher ameixas. Eu me lembro de tudo daquele dia: o calor do sol em nossos corpos nus, a poeira fina que cobria nossos pés... O pequeno familiar dela, uma serpente, deslizava ao nosso lado. As serpentes naquela época eram diferentes do que são agora, Suwelo. É óbvio que quase tudo que antes era livre hoje é diferente. Seu familiar, a quem minha amiga chamava de Ba, tinha mais ou menos a espessura do braço de uma pessoa esbelta e pés extensíveis em forma de roda, sobre os quais podia se erguer e girar, como algumas daquelas criaturas que vemos nos desenhos animados; ou, retraindo-os, podia se mover como as serpentes se movem hoje. Também podia estender e retrair as asas, pois todas as serpentes que conhecíamos naquela época voavam. Era um companheiro adorável para ela, e ela o amava muito e estava sempre conversando com ele. Eu me lembro do rastro complicado e sinuoso que Ba deixava na poeira, em sua feliz expectativa de comer ameixas frescas... Mais tarde naquele dia, sentimos o sabor delicioso de ameixas aquecidas pelo sol em nossas bocas. Estávamos, nós três, conversando, comendo, e muito felizes.

“Essa felicidade não duraria muito tempo para mim; para nenhum de nós. Por fim, tive a minha amiga nos meus braços, e um dos seus pequenos mamilos pretos, tão doce como qualquer ameixa e tão parecido com o da minha mãe, estava na minha boca, e eu estava dentro dela. Foi tudo como eu sempre sonhei e muito mais do que eu esperava. Mas acho que não foi o mesmo para ela. Quando acordei, ela estava bem desperta, simplesmente sentada em silêncio, acariciando Ba, que preguiçosamente se contorcia em torno de seus lindos joelhos. O sol ainda estava acima das copas das árvores, pois lembro que a luz era dourada, esplendidamente perfeita, mas, enquanto eu observava, começou a diminuir rapidamente.

“E então, quando olhei para mim mesma, vi que, enquanto eu dormia, ela havia me esfregado com a mistura de frutas escuras e gordura de nozes que minha mãe sempre usava, que percebi que estava escondida debaixo

da ameixeira. E pela primeira vez pude perguntar a alguém que não fosse minha mãe para que servia. Minha mãe disse que era para fortalecer minha pele e protegê-la do sol. E então perguntei para minha amiga. E *ela* disse que era para me deixar mais parecido com todo mundo.

“‘Parece que você não tem pele, sabe’, ela disse. ‘Mas você tem.’”

“Fiquei totalmente em choque depois de nossa primeira relação sexual. Parecia indicar uma deficiência pessoal horrível, que eu não precisava ouvir naquele momento, às vésperas de me tornar um homem na aldeia dos homens. Imediatamente pensei: é assim que eles vão me ver também?”

“Ela me pegou gentilmente pela mão, e fomos andando até um claro espelho de água não muito longe dali. Muitas vezes tomávamos banho lá. E ela pegou um punhado de água e esfregou vigorosamente meu rosto; então nos curvamos sobre a água, e lá estava minha amiga, muito parecida com minha mãe e a mãe dela e com as irmãs, os irmãos e as tias do povoado – todos marrons e pretos, com grandes olhos escuros. E lá estava eu – um fantasma. Só que não sabíamos nada sobre fantasmas, então não pude sequer fazer essa comparação. Eu, de fato, parecia não ter pele.

“Foi a primeira vez que realmente me vi diferente. Gritei com medo de mim mesmo. Chorando, me virei e corri. Minha amiga veio correndo atrás de mim. Não era sua intenção me magoar. Ela estava assumindo o dever de minha mãe de aplicar a pomada e estava apenas tentando ser sincera e me ajudar a começar a encarar a realidade.

“Eu só conseguia pensar em me esconder – meu cabelo crespo, mas amarelo-claro, cor de palha no fim do verão, meus olhos cor de cascalho e minha pele que não tinha cor alguma. Corri para uma caverna que conhecia, não muito longe da ameixeira. E me joguei no chão, me acabando de chorar.

“Ela veio atrás de mim, com a mistura de frutas e gordura de nozes num recipiente de bambu na mão. Ela tentou falar comigo, me acalmar, espalhar aquilo em mim. Eu joguei o negócio longe, a coisa rolou pelo chão de terra. Nesse movimento, de repente avistei meu membro e vi que a cor que estava lá antes de fazermos amor havia desaparecido pelo atrito durante nosso contato. A visão me envergonhou. Corri para fora da caverna e agarrei as primeiras folhas de árvore que vi e as coloquei sobre mim.

“Mas então percebi que era todo o meu corpo que precisava de cobertura, não apenas o meu pênis. Minha amiga ainda estava correndo atrás de mim, tentando me consolar. Ela chorava tanto quanto eu e batia nos seios. Pois aprendemos o luto com os símios gigantes, que nos ensinaram a sentir tristeza em qualquer lugar à nossa volta, refleti-la de volta para quem sofre e representá-la. Mas agora esse comportamento me deixou enojado. Peguei um pedaço de pau e a afastei. Ela ficou tão chocada ao me ver usar um pau dessa maneira que pareceu muito feliz em deixar de lado sua simpatia por mim e fugir. Mas, quando ela se virou para correr, seu familiar, vendo seu susto e a causa, estendeu seus pés com garras e suas asas e voou em minha direção. Na minha raiva, dei-lhe um golpe brutal com o pedaço de pau, um golpe tão forte que quebrei seu pescoço e ele caiu no chão sem fazer barulho. Eu não podia acreditar no que tinha acabado de fazer. Nem minha amiga. Mesmo com muito medo, ela correu em minha direção e pegou o corpo quebrado de Ba nos braços. Essa foi a última vez que a vi, suas costas pequenas, nuas, retintas, com a cauda frouxa e encaracolada de Ba, que estava começando a mudar de cor, pendurada ao lado do corpo.

“Nunca entrei na aldeia dos homens. Nunca voltei para minha mãe. A única criatura da minha infância que voltei a ver foi Husa. Talvez ele tenha vindo me procurar por cortesia à minha mãe. Ele me encontrou escondido em uma caverna muito, muito distante de nosso acampamento, meu cabelo em mechas amarelas e crespas, que lembravam as dele, na verdade; meus olhos cinza-cascalho enlouquecidos de dor. Ele veio até mim e pousou uma pata carinhosa em meu ombro e respirou suavemente em meu rosto. O cheiro quase me fez desmaiar de amor e saudade. Então, ele começou a me lambe completamente, como faria com um de seus filhotes, com sua língua rosada e morna. Percebi naquela noite, dormindo ao lado de Husa, que ele era o único pai que eu conheci e que provavelmente conheceria. E então, eu senti, eu tinha deixado minha mãe para me juntar aos homens, afinal.

“É óbvio que Husa não poderia ficar para sempre. Mas ele ficou tempo suficiente. Tempo suficiente para fazer longas caminhadas comigo, assim como fazia com minha mãe. Tempo suficiente para compartilhar fogueiras – o que eu sabia que ele adorava, e por isso me esforcei para acender. Tempo suficiente para compartilhar o nascer e o pôr do sol, e admirar

árvores gigantes e arbustos cheirosos. Porque Husa tinha grande apreço pela menor partícula do reino em que se encontrava. Ele me ensinou que havia outra maneira de estar no mundo, longe da própria espécie. Na verdade, ele me reconciliou com a possibilidade de eu não ter uma ‘própria espécie’. E, embora sentisse muita falta da minha mãe, eu sabia que nunca mais voltaria. Doeu muito saber que todos do nosso grupo sempre perceberam, desde o dia em que nasci, que eu era diferente de todos os que já existiram.

“Um dia, depois de uma morte, Husa trouxe os restos mortais, um pedaço de pele, para mim. Com uma pedra eu bati nela de uma forma que eu conseguisse enrolar em volta de mim. Encontrei um cajado para me apoiar em minhas caminhadas e para representar ‘meu povo’.

“Husa foi embora.

“E eu fazia uma descoberta desanimadora aos poucos. A pele que Husa me deu, que me cobria com muito mais eficácia do que cascas de árvores ou folhas e que eu podia amarrar de maneira que permanecesse, assustava todos os animais com quem tive contato. Em vão tentei explicar como consegui, quanto precisava. Que era um presente, uma sobra, de Husa, o leão, que nunca fez mal a nenhuma criatura, mas foi apenas o anjo da misericórdia para aquelas coisas que precisavam de morte. Mas que animal poderia compreender essa coisa nova que eu era? Que eu, uma criatura com pele própria – pois, embora parecesse esfolado, eles conseguiam sentir o cheiro de que eu não era –, ainda assim andava por aí com uma delas? Eles fugiram de mim como se fugia da peste. E fiquei totalmente sozinho por muitos anos, até que, em desespero, assaltei a ninhada de um cão bárbaro e consegui companhia desse jeito.”

12. *Black, brown, red* no original. [N. E.]

A fita continuava ininterruptamente, sem a voz de dona Lissie. Suwelo levantou-se do sofá e olhou para a fita cassete girando. Ele estava prestes a pará-la e ver se deveria virar o lado, quando a voz de dona Lissie continuou. Ela parecia um pouco descansada, como se tivesse feito uma longa pausa.

— Você pode se perguntar – disse ela – por que reprimi essa lembrança. E, a propósito, não sei o que mais aconteceu comigo nem com meu cão. É difícil acreditar que minha mãe nunca me procurou, nunca me encontrou. Que vivi o resto dos meus dias naquele lugar sem companhia. Talvez minha companheira tenha vindo até mim e talvez tenha trazido nosso filho, que devia ter uma aparência estranha; pois ela me amava, disso eu não tinha dúvidas, e talvez tenhamos começado uma nova aldeia própria. De qualquer forma, essa é a *minha* fantasia. – Ela riu. – É também a fantasia sobre a qual se baseia o Antigo Testamento, mas sem nenhuma menção à nossa intimidade com os outros animais ou às cores preta e marrom da minha gente.

“Vou contar por que reprimi essa lembrança. Foi por causa de Hal. Mas, Suwelo, tem mais coisa; porque essa não é a única vida da qual desisti, ou, devo dizer, da qual deliberadamente tirei de mim mesma. Em cada vida, me senti forçada a abandonar o conhecimento de outras existências, de outras vidas. Os tempos hoje não são nada, nada, como os tempos antigos. O tempo com escrita é muito diferente do tempo muito mais distante, sem escrita. Os próprios olhos das pessoas não são mais os mesmos. O tempo que vivemos separados da terra é muito diferente do tempo muito mais longo que foi vivido com ela, como se estivesse no seio de uma mãe. Você consegue imaginar uma época em que não existia tal coisa como a sujeira? É difícil para as pessoas compreenderem as coisas das quais me lembro. Mesmo Hal, o mais empático dos companheiros de jornada, até certo ponto, não conseguiu acompanhar alguns dos caminhos antigos e pré-antigos que eu conhecia. Engoli experiências passadas durante toda a minha vida, enquanto divulgava aquelas que achava que tinham uma chance não de serem acreditadas – pois ninguém acreditava de verdade em

mim; pelo menos essa é a minha impressão, amarga na maioria das vezes –, mas de pelo menos simplesmente serem imaginadas, fantasiadas.

“Suwelo, além de ser homem, e branco, o que fui muitas vezes depois desse tempo que acabei de lhe contar, também fui, pelo menos uma vez, um leão. Essa é uma daquelas lembranças oníricas tão desvanecidas que parece um xale velho e comido por traças. Mas, às vezes, consigo ainda sentir o sol no meu pelo, os carrapatos na minha juba, a plenitude quente e inchada da minha língua. Consigo sentir o cheiro dos parentes feridos e moribundos que precisavam de mim para lhes trazer a morte. Consigo sentir o salto que minhas pernas davam, o estiramento na minha barriga, enquanto me aproximava deles, deixando-os atordoados, com grande misericórdia, com um golpe. Posso sentir o gosto do sangue doce enquanto meus dentes perfuravam seus pescoços trêmulos, quebrando-os instantaneamente e sem dor. Todo esse conhecimento, toda essa lembrança, está em algum lugar, bem guardado e pouco acessado, de minha cabeça.

“Mas as experiências de que melhor me lembro foram posteriores à vida em que conheci Husa. Foi, na verdade, uma época terrível e caótica, embora tivesse começado, como a eternidade que todos conheciam, com bastante paz. Tal como Husa, eu era amiga de uma jovem e de seus filhos. Crescemos juntos e costumávamos partilhar nossos lugares favoritos na floresta, ou olhávamos juntos para o mesmo fogo à noite. Mas esse modo de vida estava acabando rapidamente, pois, de uma forma ou de outra, quando eu estava totalmente crescida, e grande, como os leões tendem a ser, o campo dos homens e o das mulheres tinha se integrado. E ambos perderam a liberdade um para o outro. Os homens tinham assumido a responsabilidade de dizer o que deveria e o que não deveria ser feito por todos, perdendo a liberdade dos seus longos dias de tranquilidade e contemplação no acampamento dos homens; e as mulheres, em conformidade com a autoridade dos homens, mas mais porque estavam agora emocionalmente dependentes de um único homem que, conforme a lei deles decretava, devia ser pai de todos os seus filhos, perderam seu lado selvagem, aquela qualidade de conforto caseiro na terra que compartilharam com os outros animais.

“Na fusão, os homens se afirmaram, unicamente, como familiares das mulheres. Eles foram morar com seus cães, a quem ordenaram que nos

perseguissem. Essa foi uma época de trauma para as mulheres e outros animais. Quem poderia entender essa necessidade dos homens de nos afastar do fogo das mulheres? E, no entanto, foi isso o que fizeram. Eu me lembro do homem e do cachorro que me afugentou; ele tinha uma grande clava numa das mãos e, na outra, uma vara comprida e pontiaguda. E me lembro de que fiquei muito triste por deixar minha amiga e seus filhos, que choravam, amargurados. Acho que eu sabia que estávamos vivenciando uma das grandes mudanças na estrutura da vida na Terra, e isso me deixou muito triste, mas também muito pensativa. Eu não sabia, naquela época, que o homem começaria, em sua raiva e seu ciúme de nós, a nos caçar, a nos matar e a comer, a desgastar nossas peles, nossos dentes e nossos ossos. Não, nem o animal mais cínico teria imaginado tal coisa. Em breve esqueceríamos as acolhidas do fogo feminino, a linguagem delas. Esquecer sua simpatia agressiva. O cheiro de fermento e o sebo quente de seus filhos. Toda essa amizade seria perdida, e ela, coitada, ficaria apenas com o homem, gritando por seu jantar e assassinando para sempre suas amigas, e com o ‘melhor amigo’ do homem, o familiar ‘de estimação’, o falso familiar, seu cachorro.

“Coitada da mulher!

“Mas, para dizer a verdade, Suwelo, não lamentei ter partido. Pois eu era um leão. E para um leão, a harmonia, acima de tudo, é sagrada. Eu podia ver que, juntos, homem e mulher enfrentariam uma eternidade de conflito, e eu não queria fazer parte disso. Eu sabia que, mesmo que o homem nos deixasse ficar ao lado do fogo da mulher, ele estaria jogando seu peso constantemente, e a mulher, sendo mulher, de vez em quando faria panelas e frigideiras voarem sobre nossas cabeças; e isso duraria para sempre. Um pensamento insuportável; como leão, eu não aguentava barulhos altos, mudanças bruscas de comportamento, vozes altas de raiva. *Maldade*. Nenhum leão toleraria tais coisas. É da nossa natureza ser não violento, ser pacífico, ser calmo. E sempre sermos justos em nossas trocas; e eu sabia que isso seria impossível na situação presente, uma vez que os animais, exceto os cães bárbaros, nitidamente preferiam a mulher e teriam sempre tentado defendê-la. Os leões sentiam que, independentemente da circunstância, é preciso ser digno. Ao se associar ao homem, tal como ele se tornou, a mulher estava fadada a perder a sua dignidade, a sua

integridade. Foi uma tragédia. Mas era um destino que os leões não estavam preparados para partilhar.

“Nos tempos que se seguiram a esse, os leões se afastaram cada vez mais dos humanos, à procura de paz. Havia aldeias com as quais mantínhamos ligações, na medida em que ensinávamos, e elas aprendiam conosco. O que aprenderam? Que, em vez de entrar em guerra com a própria espécie, era melhor fazer as malas e se retirar do local de discórdia. Que, enquanto houvesse espaço para nos movimentarmos, existia a possibilidade de paz incontestável. Existem aldeias que vivem hoje na África do Sul que há mais de mil anos não brigam entre si. É por causa do que aprenderam com os leões.

“Durante milhares de anos as nossas personalidades foram conhecidas e valorizadas por todos. De certa forma, éramos os amados ‘tios’ e ‘tias’ – visitantes interessantes, companheiros indulgentes, ouvintes excelentes e professores atenciosos – da aldeia humana, que, felizmente, nunca conseguiu se dar conta, nem por muito, muito tempo enfim, de nenhuma razão pela qual deveríamos ser vistos como completamente diferentes e separados. Só fomos nos transformando aos poucos em mito – quer dizer, tudo que se sabia sobre nós anteriormente. As últimas pessoas na Terra que tiveram alguma compreensão real da nossa essência também foram transformadas em apenas mitos, mas, pelo menos, antes de desaparecerem completamente, erigiram a esfinge... Também há”, Dona Lissie riu, “aqueles relatos que ouvimos sobre leões que viviam soltos e viviam assustando os visitantes do palácio de Haile Selassie, na Etiópia. Nunca ocorreu a ninguém de sua antiga linhagem que os leões deveriam ser tudo, menos livres. Rastas com dread que conseguiam entrar no pátio às vezes ficavam tão assustados ao esbarrar com um desses leões – seu antigo totem, passeando como faziam – que suas tranças literalmente ficavam em pé.

“Eu também estou ciente de que tem mais... histórias intermediárias”, dona Lissie continuou, “por assim dizer, entre as antigas e as atuais; como ‘Ândrocles e o leão’ e ‘Daniel na cova dos leões’, mas já nessas histórias dava para ver que ninguém entendia o que estava acontecendo do ponto de vista do leão. Teria sido impensável o leão que teve o espinho removido de sua pata por Ândrocles machucar o amigo que o ajudou; nunca teria passado pela sua cabeça machucá-lo, fato. Quer ele removesse a maldita

coisa ou não. Da mesma forma com Daniel. Embora os romanos tivessem o costume de torturar leões, brutalizando-os de tal forma que, em sua fome e raiva, atacassem os infelizes cristãos, para os aplausos frenéticos das multidões, sempre que tinham a mínima oportunidade de refletir, de se lembrar de quem eram, não faziam nada que pudesse remotamente ser chamado de violento. Embora todos estivessem com fome, quase desmaiados pelos romanos, Daniel teve uma noite de sono perfeitamente segura e confortável, com a cabeça apoiada no leão. Eles também teriam se oposto ao odor fétido da toxicidade de Daniel.

“Mas enfim”, dona Lissie continuava, com a voz ficando cansada outra vez, “Hal realmente temia apenas duas coisas na terra. Ele tinha medo de pessoas brancas, especialmente os homens brancos, e dos gatos. O medo do homem branco era menos irracional do que o medo dos gatos, mas ambos eram medos muito reais para Hal. Você poderia fazê-lo recuar trinta quilômetros simplesmente pedindo que segurasse um gato. E ele organizou sua vida de modo que, se algum dia visse um homem branco, fosse por acidente, e, mesmo muito separado de sua vida pessoal, seria um acontecimento inesperado e nada bem-vindo. Então, como eu poderia contar a ele quem eu era? A essa altura, Hal é como um filho para mim, e eu não suportaria se ele me odiasse. Pois um medo como o de Hal é ódio.

“Então nunca contei a ele. Como eu poderia dizer isso? Hal, eu já fui um homem branco; mais de uma vez; eles provavelmente ainda estão lá em algum lugar. *Ei*, Hal, eu também fui, uma vez, um gato muito grande.”

Dona Lissie riu. Então gargalhou. Suwelo também. A risada dela foi o último som daquele lado da fita.

“Mas, se amamos alguém, queremos compartilhar o que somos, ou, no meu caso”, disse dona Lissie, e Suwelo imaginou-a enxugando os olhos, ainda sorrindo, “*nos* compartilhar. Mas eu estava com medo. Quando Henry Laytrum trouxe as fotos que me mostravam desbotada quase como um fantasma, fotos que iluminavam meu cabelo e meus olhos, eu as rasguei; disse que tinha usado filme estragado. Quando ele tirou outras fotos em que eu parecia felina, parecida com o companheiro de Dorothy em *O Mágico de Oz*, eu as rasguei também. Talvez sempre haja uma parte de nós mesmos que escolhemos esconder, que negamos e destruímos deliberadamente.

“Mas, ah, como amamos a pessoa que afirma até aquela parte odiosa de nós. E foi por afirmar essas partes cindidas da minha memória que eu amava seu tio Rafe. Rafe, diferentemente de Hal, não tinha medo de ninguém. Ele considerava os brancos as pessoas mais patéticas a existir. Governar outras pessoas, disse ele, automaticamente isola você da vida. E tentar dominar pessoas de cor, que, como qualquer um podia ver, eram a vida em si! Ele ficava mais perplexo do que irritado quando pessoas brancas, de aparência inteligente e atuantes, o chamavam de ‘menino’ ou de ‘crioulo’. Mas isso acontecia porque ele podia facilmente ver um pouco de si mesmo neles, embora, ao olhar para ele, os brancos aparentemente vissem... Mas muitas vezes ele se perguntava *o que é* que eles viam. O que se permitiam ver. Estariam eles cegos para o próprio *ser*, como ele próprio era cego para o ser de uma mosca? Para ele, esse imperativo constante de nos ‘civilizar’ era na verdade uma necessidade de nos cegar e amortecer na própria extensão.

“Eu contei tudo ao Rafe; e ele me levou para o norte, para o Canadá, nos verões, para ficar perto dos brancos; e me levou a mais zoológicos do que tenho coragem de mencionar. Isso era parte integrante do amor que ele fazia comigo, sabe, me levar para aqueles lugares dos quais eu mesma tinha mais medo. Você não tem ideia da sensação que tive na primeira vez que me sentei para jantar num restaurante cheio de brancos, pessoas brancas que apenas nos olhavam e sussurravam entre si, mas, diferentemente do Sul, não se agitavam para nos expulsar do estabelecimento, ou talvez nos espancar, ou até mesmo nos linchar.

“Lembro que Rafe pediu carne. Algum tipo de pato, eu acho. E, quando o prato chegou, ele viu a expressão no meu rosto. Eu nunca poderia comer carne entre brancos; disso eu tinha certeza; meu estômago revirou só de pensar nisso. Rafe e eu comemos purê de batata e salada, e ele me disse, com aquela sua voz negra grave, carinhosa e *doce*: ‘Bem, Lissie, dê uma *boa* olhada.’

“E pude ver como eles se fecharam, esses descendentes, lá no ‘topo da montanha’, e como estavam isolados. Estavam completamente desprovidos de espírito selvagem e haviam desaprendido a rir. E tinham desaprendido também, eu descobriria depois em nossas muitas viagens, a dançar e cantar. Eles assombravam os salões de dança e as igrejas dos negros, tentando ‘captar’ o que haviam fechado em si mesmos. Era

lamentável. Aliás, uma das pessoas de quem mais gostei nos anos 1960 foi Janis Joplin. Ela sabia que Bessie Smith era sua mãe e cantou com todas as suas forças tentando abrir a porta fechada entre elas.

“De certa forma, eu preferia os zoológicos. Embora os odiasse com todo o coração, obviamente. Mas no zoológico pelo menos não havia ilusões sobre quem era livre e quem não era. Os leões estavam sempre em jaulas pequenas demais para eles. E nunca tinha ocorrido a ninguém que, afastados da vida ano após ano, como estavam, sem nada para fazer, o mínimo que se podia fazer era acender uma fogueira para eles. Era de partir o coração vê-los andar de um lado para o outro, sentir o cheiro azedo e rançoso de suas pelagens e de suas celas, ouvir a histeria em seu rugido, vê-los devorar um animal perfeitamente saudável que havia sido criado com o intuito de ser ‘carne’ e morto numa linha de produção por uma máquina. Horrível. Um destino que o leão pré-antigo mais criativo e cínico não poderia ter imaginado. E agora, como presença no mundo moderno, sou grata por isso.

“A coisa mais abominável eram seus rostos. Frouxos, sem brilho, pouco inteligentes, *insensíveis*. Estupefatos pelo tédio, enojados pela degradação da dependência. Para todos os zoológicos – pessoas de cor podiam ir até ao de Baltimore, depois de uma longa luta; mas só nos dias de folga das empregadas, quinta-feira –, eu levava um espelho grande. Qualquer outra pessoa teria achado isso estranho, mas não Rafe. Ele me ajudava a carregar e a segurar fora das jaulas. Algum leão inquieto ia até as grades e dava uma olhada em si mesmo. Isso era, geralmente, o primeiro e único olhar para si mesmo que já tinha feito. Eu prendia a respiração.

“Haveria um lampejo de reconhecimento? De interesse, até? O leão dentro do corpo do leão se via? Embora eu mesma tivesse um corpo de mulher, ainda conseguia ver meu leão interior. Veriam eles isso? Veriam a antiga nobreza, a impaciência com os inferiores? A antiga graça?

“Um ou dois viram alguma coisa. Mas só os deixou tristes. Voltaram para um canto de suas jaulas e colocaram a cabeça entre as patas. É lógico que eu queria pular aquelas grades para confortá-los. Queria destruir as grades.

“Rafe me levava para casa, um desastre lamentável, depois dessas excursões, e me colocava na cama. Ele, Hal e Lulu vinham me dar um beijo de boa-noite; e, quando Rafe se virava para ir embora, eu segurava

sua mão – era uma mão marrom, tão boa, firme e limpa. Ele se sentava na cama sem dizer uma palavra e tirava os sapatos.

“Seu tio Rafe era um amante incomparável, Suwelo. E senti tanta saudade dele que às vezes desejei encontrá-lo novamente, o que sei que não é provável; há pouca necessidade de ele voltar. Ele amava o meu ser inteiro. Eu não escondia nenhum eu meu dele, e ele não temia nada. Às vezes, quando eu ‘acordava com o pé esquerdo’, como ele dizia, quando eu estava dando ordens para todo mundo e reclamando de que ninguém sabia de nada ou não conseguia fazer nada certo, só eu, ele sorria e dizia: ‘Você com certeza está mostrando seu eu branco esta noite!’ Então eu via quão ridícula estava sendo e ria.

“Ou, às vezes, numa festa, eu percebia que as outras pessoas eram um bando de trastes e ia embora. Só saía pela porta. Rafe vinha atrás de mim e me olhava rondando pela calçada, ansiando por distância, paz e calma; o desgosto pelas pessoas na festa ainda estampado em meu rosto, e ele dizia: ‘Querida, o leão no inverno não é nada comparado a você!’

“E é óbvio que ele conhecia e gostava de todos os meus outros eus, e podia chamá-los pelo nome.

“Então, amar Rafe e ser amada por Rafe foi a experiência de muitas vidas. É muito diferente de ser amada por Hal, mesmo quando nossa paixão um pelo outro estava no auge, Hal me amou como uma irmã/ mística/ guerreira/ mulher/ mãe. O que foi bom. Mas isso era apenas parte de quem eu era. Rafe, por outro lado, sabendo que eu continha tudo e todos, me amava de todo o coração, como uma deusa. O que eu era.”

— Quando vi Suwelo na escada dos fundos da casa de Arveyda, não sabia quem ele era – contou Carlotta alegremente a Fanny um dia, depois que ficaram amigas. – Eu estava vindo da pensão onde moro, que fica no fim da trilha e do outro lado de um barranco da casa principal. Arveyda e as crianças moram na casa principal; o estúdio fica no andar de baixo; então estou sempre entrando e saindo do espaço deles. Mas eles têm que pedir permissão para entrar no meu. Há uma pequena ponte sobre o barranco, pouco antes de chegar à minha casinha, e nessa ponte, antes de atravessar um aqueduto que canaliza uma cachoeira vertiginosa durante a estação das chuvas, fica o primeiro portão. Ele tem vários sininhos que precisam ser tocados. Se nada acontecer depois do toque desses sininhos, se nenhuma pedra ou sapato for atirado, o visitante, geralmente Arveyda ou um dos meus filhos, pode prosseguir para o próximo portão. Esse tem um carrilhão. Geralmente fica trancado, caso contrário o visitante toca, passa pelo portão e sobe minha escada. Ainda há mais sinos e carrilhões na minha porta. Respondo apenas a esses sinos e badalos, não a chamados nem palavras de nenhum tipo, nem a batidas na porta.

“Enfim, eu estava indo trabalhar no estúdio, já que agora sou musicista, carrilhanista. O que é uma carrilhanista? Todo mundo sempre pergunta. Mas havia um homem estranho nos fundos da casa, batendo interrogativamente. Parei bem na parede da casa, onde os arbustos de dafne estavam bem floridos e com um perfume tão doce, e percebi que a clematite roxa está prestes a se espalhar, num canto da garagem, que fica no alto do penhasco, pendurada acima da minha cabeça. Parei porque, quando estou pensando na minha música, odeio ser perturbada – nem por Arveyda nem pelas crianças, e certamente não por um vendedor de seguros. É o que eu acho que esse homem é – com certeza, um vendedor de seguros em Berkeley. Ele estava usando roupas casuais, uma calça de veludo marrom e um suéter vinho bem bonito. Estava com um brinco e um pingente numa corrente.

“Quando estava prestes a desaparecer de vista, ele olha em minha direção e me vê.

“Meu Deus, penso, e me encolho interiormente. Minhas pequenas notas musicais que acumulei em minha alma a noite toda e pela manhã desaparecem.

““Olá’, digo, franzindo a testa. ‘Posso ajudar?’

“O homem se surpreendeu. Seus olhos, olhos bonitos, grandes, abertos e amigáveis, se arregalaram.

“Será que sou um grande choque, me pergunto. Será o meu cabelo, raspado quase no zero e destacado como o de uma vítima de um campo de concentração? Ou será que é meu macacão de corrida preto e colado, e Reeboks azul-petróleo? Quem liga? Afinal, estamos em Berkeley.

“Mas ele ainda fica lá olhando, e ainda está boquiaberto.

“Então, primeiro, eu realmente olho para ele. Para vê-lo. Quando estou trabalhando ou pensando em trabalhar, ou me arrependendo de um trabalho que acabou de ser assassinado, não olho para as pessoas para vê-las. Eu olho apenas o suficiente para lidar com elas e tirá-las da minha vida. Mas de repente olho para esta figura alta e magra, com cabelos curtos. Ah, não, eu penso. Não pode ser!

“Mas é.

““Suwelo?’, pergunto, como se fosse um fantasma.

““Carlotta?’, ele pergunta, fazendo um movimento engraçado sobre a própria cabeça raspada para indicar meus dreads perdidos. Depois disso, não sabemos o que fazer. Ele está ainda mais perdido do que eu.

“Que se dane, eu penso.

““Aqui estamos’, eu digo, ‘vamos entrar’.

““Esta é a sua casa?’, ele pergunta. Ele parece incrédulo. ‘Fui até sua antiga casa e ninguém sabia de nada por lá. Só que você tinha se mudado.’

““Sim, me mudei. As crianças queriam morar com o pai.’

“Eu empurro a porta. O cheiro de pão assando nos alcança imediatamente.

““Querida, é você?’ A voz caseira de Arveyda grita da cozinha.

““Sim, sou eu’, respondo.

“Ele vem da cozinha para ver. Está usando seu avental Brahms, seu chapéu de chef Satchmo Armstrong e está com farinha da cabeça aos pés, mas parece perfeitamente satisfeito. Ele olha para Suwelo antes de se abaixar para me beijar. Ele sempre me beija como se estivesse provando algo gostoso.

“Meu humor melhora com esse beijo e eu realmente sorrio.

“Arveyda, conheça Suwelo’, eu digo. ‘E vice-versa.’

“Cedrico, parecendo mais alto do que no dia antes do anterior, corre pela sala e cruza nosso caminho, com um pedaço monstruoso do pão saído do forno na mão e outro na boca. Como ele não morreu engasgado está além da minha compreensão. Angelita está logo atrás, parecendo uma prostituta mirim, que é a aparência de todas as meninas da idade dela hoje em dia.

“Aqui, aqui, espere um minuto’, diz Arveyda, indo contra a sua vontade, seguindo os sons sinistros de cadeiras arrastadas e utensílios tilintando que emergem instantaneamente da cozinha.

“Olho para Suwelo, pensando em como meus filhos sem modos são uma vergonha, e vejo que está ainda mais boquiaberto.

“‘Isso é?... Não é isso?...’

“‘Sim’, eu respondo. ‘É *isso*.’

“Eu o levo até a sala de estar, onde ele se joga numa cadeira.

“‘Não acredito. Você foi casada com *Arveyda*.’

“‘Eu *ainda* sou casada com *Arveyda*. Mas esse vínculo não é mais a base principal do nosso relacionamento.’

“Suwelo olha para mim com curiosidade. As sobrancelhas dele não eram bem grossas? Ele não usava óculos? Fico pensando.

“‘Trabalhamos juntos agora.’

“Ele levanta uma sobrancelha. Fina.

“‘Como músicos.’

“‘Ah.’

“‘Quando o vi na porta, eu estava descendo para o estúdio, para trabalhar.’

“‘Me desculpe se atrapalhei você.’

“‘Quer ver?’, pergunto. Pois, embora eu tenha sido temporariamente atrapalhada, ainda preciso dar uma espiada nos meus companheiros, nos meus bebês, nos meus instrumentos. Só para ter certeza de que estão lá. Meus. E, não importa por quanto tempo, esperando por mim.

“‘Que cheiro bom’, comenta Suwelo, fungando, enquanto descemos as escadas.

“‘Arveyda cozinha todos os sábados’, digo. ‘Pelo menos todos os sábados que não estamos na estrada. Isso o relaxa.’

“‘*Hum?* Quanto pão ele assa?’, Suwelo pergunta.

“‘Não é uma quantidade exata’, respondo, enquanto passamos pela grande foto de James Baldwin, onde ele parece um anjo que adora pão fresco, sorrindo para todos que entram no hall. ‘Ele só acorda, coloca as fitas de Miles Davis, Roberta Flack, Bob Marley ou Aretha Franklin e começa. Ele pode passar a manhã inteira ou a maior parte do fim de semana na cozinha. Ele sempre assa a quantidade certinha.’

“‘Mas’, diz Suwelo, olhando com ceticismo para minha magreza, ‘quatro pessoas não podem comer tanto pão!’

“‘Mais de quatro pessoas vivem nas ruas de Berkeley. Nunca há a menor *cuestión*.’

“Então chegamos ao estúdio: o cômodo grande com uma sala de vidro menor lá dentro e que eu amo mais do que qualquer sala no mundo. Adoro todos os instrumentos, as luzes, as cabines. Adoro especialmente meus instrumentos, que levo Suwelo para ver.

“Ele fica surpreso. Intrigado. Olha para a vista. Olha para onde estou.

“‘Quantos sinos!’, ele exclama, olhando. ‘Tantos carrilhões!’

“Ele não acha que esses sejam os instrumentos que trouxe ao estúdio para ver. Ele olha para o piano, para o xilofone, para os doze violões pendurados na parede, para o violoncelo, para a bateria, para as flautas e até para os tamborins! Temos tudo mesmo, penso com orgulho, e às vezes Arveyda *toca* música gospel. Mas na verdade estou quase começando a considerar o tamborim um sino.

“‘Estes são meus instrumentos’, digo, tocando um carrilhão de vento com seu próprio badalo, um carrilhão de vento que fica pendurado numa fileira de várias dúzias. Existem carrilhões de vento de todos os tamanhos, cores e descrições. Alguns são feitos de madeira de sândalo ou de balsa, alguns de bambu, alguns de metal. São todos lindos, com tons agradáveis e límpidos. Depois, tem minhas centenas de sinos – sinos de arreios de renas, sinos de vaca, sinos de escola, todo tipo de sino. De todos os cantos do mundo. Eu toco rapidamente uma dúzia de sinos e carrilhões, com uma vara de madeira, e toda a sala vibra com os sons lindos, limpos e suaves.

“‘Você está sorrindo’, diz Suwelo. ‘Você está feliz!’

“‘Estou’, respondo. Não deixo de sorrir ou de ficar feliz só porque ele percebeu. Toco mais algumas badaladas com outra varinha que tenho, e o som me deixa ainda mais feliz. *Ah*, penso com os meus botões, *quando ele sair!*

“Mas ele não vai embora.

“Ele me disse que veio para fazer as pazes. Para pedir perdão pela maneira como me tratou.

“Quase não me lembro da maneira como ele me tratou. Ele foi apenas um episódio na minha vida. Mas é verdade que, quando ele me largou, fiquei tão destruída e com tanta raiva que seria capaz de matar.”

— Por que Miles Davis é tão absolutamente deslumbrante, mesmo parecendo o diabo? – diz Arveyda. Ele está segurando um álbum que tem uma foto de seu ídolo (um dos muitos músicos que ele ama) olhando, taciturno, para o mundo. – É realmente um enigma – diz ele, quase inaudível. – Agora, se ele fosse um homem muito grande e você o encontrasse em algum lugar à noite e ele a olhasse desse jeito – Arveyda estremece –, ele a assustaria.

Carlotta ri.

— Tem certeza? – pergunta ela.

Arveyda terminou de assar os pães do dia, e seu avental sujo e seu chapéu de chef estão amontoados no chão, ao lado da porta.

Ele corta grandes fatias de pão integral para eles e empurra a manteiga e a geleia para mais perto do cotovelo de Suwelo.

Suwelo vai rapidamente superando seu deslumbre. Além disso, o cheiro maravilhoso do pão está realmente dando água na boca. Ele olha ao redor da cozinha, que se abre para as salas de jantar e de estar e para um deque. De onde está sentado, ele consegue ver a maior parte da baía, até a Golden Gate Bridge; ele aprecia a vista ao dar a primeira mordida no pão delicioso, tão bom quanto cheiroso.

— Ouvi... falar de você – diz Arveyda. Ele não lembra o quê. Conecta esse homem de alguma forma com a massagem; Carlotta aprendeu a fazer massagens e massageia-o com frequência. É uma coisa que ele próprio está aprendendo e gostando, e que lhe permite tocar Carlotta intimamente, sem ter que sempre pressioná-la a fazer amor. Isso aliviou muito a tensão que existia entre eles, pois também descobriu que, quando um músico está trabalhando, ele ou ela já estão fazendo amor.

Suwelo olha para Carlotta. Ele ainda está chocado com ela. Seu cabelo está raspado tão baixo que deve parecer espinhoso ao toque. E ela está tão magra; até os seios estão menores. Mas ela está feliz. Essa é a maior surpresa de todas. Onde está aquela lamentação de que ele lembrava? A insegurança? As mãos se arranhando? A reza? O ranger de dentes?

Ela pega no chiclete – faz umas bolas e as estoura algumas vezes para se despedir – e começa a passar manteiga, uma camada bem fininha, numa

minúscula fatia de pão.

— Éramos colegas – diz Suwelo – num certo engenho acadêmico. A propósito – pergunta ele a Carlotta –, você não ensina mais... ou ensina?

— Não – responde ela, mastigando. – Eu desisti. – Ela franze o cenho ligeiramente. – Fiquei frustrada e *muito gorda*. – Ela balança a cabeça como costumava fazer quando tinha muito cabelo. Suwelo tem um vislumbre da antiga Carlotta. Ela continua: – É tarde demais para ensinar às pessoas o que precisam saber por meio dos métodos usados nas faculdades.

Essa é uma resposta tão inesperada vindo de Carlotta que Suwelo ri. Ela encontrou até senso de humor!

— Como? – pergunta Arveyda, olhando atentamente para Carlotta. Por nunca ter feito faculdade, ele acha que é algo que todas as pessoas valorizam. Que, a menos que tenha feito faculdade, não sabe de nada, na verdade. Você só tem experiência, pensa ele, mas nenhum fato. Isso significa que, em um jantar com pessoas com formação universitária, seu estômago revira continuamente.

— Ah – diz Carlotta –, quem precisa de mais pessoas do tipo que as faculdades produzem? São todos consumidores, na verdade. Não importa o que estudem, todos têm sucesso nas compras.

— E os cursos que você dava? – pergunta Suwelo.

— É verdade – responde ela. – Eu amava. Amo ensinar literatura feminina. Mas cansei de ensinar lá. Eu queria lecionar, se continuasse a dar aulas lá, sentada em círculo num pasto, onde as vacas pudessem aparecer casualmente e olhar. Até participar.

— Estou aprendendo carpintaria agora – diz Suwelo. – Embora a questão aí seja como carpinteiros se relacionam com a exploração, o abate e o desperdício mundial de árvores.

— Como assim? – pergunta Carlotta.

— Bem, a madeira vem das árvores. As árvores estão vivas. Elas têm um propósito diferente de se tornarem casas flutuantes, lenha e deques.

— O que você ensinava? – pergunta Arveyda.

— História dos Estados Unidos – responde Suwelo e ri. – Mas eu tinha que estar chapado ou bêbado para transmitir tais mentiras. Ninguém se beneficiava das minhas aulas, nem eu nem os alunos.

— Mas você era um historiador de guerrilha – diz Carlotta, leal. – Da mesma forma que eu era uma literata de guerrilha. Não é impossível

ensinar a realidade alternativa, especialmente quando é a sua.

— Mas é cansativo. E eu estava sempre irritado. Pense nos livros de história que li que dizem, em tantas palavras, que aquelas são todas as pessoas que você precisa conhecer para compreender os Estados Unidos; e não há ninguém neles que se identifique de alguma forma com o que você conhece pessoalmente da realidade.

— Você sempre perdia seus alunos indígenas – reflete Carlotta. – Eu sei que eu perdia. Depois comecei a dizer, logo na primeira aula: “Vá encontrar uma narrativa ou poema de Joy Harjo ou Leslie Silko. Aqui estudaremos essas escritoras antes do fim do curso, eu prometo.”

Arveyda ri, admirando Carlotta. Ele estende a mão e coloca o pé dela em seu colo; ele tem que levar seu banquinho próximo ao dela para conseguir.

— Não entendo muito de literatura nem de história – diz ele, desculpando-se, e parece bastante com uma velha canção de Sam Cooke, que os três caem na gargalhada. – Eu leio muito mesmo, mas sou um leitor bem lento! Nunca vou alcançá-los!

Ele está esfregando a parte de trás da perna de Carlotta. Ela está tão contente quanto um gato.

Carlotta sorri.

— Não se preocupe com isso, chico mio – diz ela. – Todos nós estamos tentando aprender o que você já sabe.

Suwelo olha para ele, esse homem humilde que dá satisfação, que nem foi pedida, a tanta gente. Dos três, ele é o único que ganhou, e não perdeu, peso. Esse homem confortável, bem baixo, quase *pequeno*. Com seus olhos gentis e cabelos grisalhos e rebeldes. Sim, pensa Suwelo, isso é verdade. Talvez.

— O que é triste de verdade é como, sendo músico, você tende a perder pessoas à medida que a vida passa. Querem que você continue tocando músicas que os fizeram sentir algo uma vez, algo que acreditam que sua música antiga os ajudará a recuperar. Mas na verdade, se você está vivo como artista, você está em outro lugar, diferente de onde estava, quase que constantemente.

Enquanto fala, Arveyda joga um pedaço de massa no balcão com um entusiasmo chocante. Farinha voa e suja sua barba. À sua frente, Suwelo levanta seu pedaço de massa e o derruba com a mesma força. Ele está com uma camiseta do Pernalonga e uma bandana vermelha e preta da Frente Sandinista de Libertação Nacional na cabeça. Sua calça jeans escorregou um pouco e está na altura dos ossos do quadril. Ele também está coberto de farinha e tem uma expressão de intenção severa e sincera.

— Relaxa – diz Arveyda, dando um gole no suco de uva fresco. – Esse é um trabalho sério, sim; mas, você sabe, os trabalhos mais sérios também podem ser divertidos.

Suwelo pensa em quando Fanny e ele fazem amor. Como sempre, há um ponto em que ela ri.

Arveyda anda pela cozinha bagunçada, jogando cascas de ovos no pote de compostagem, passando pano onde há respingos, abrindo espaço na bancada ao lado do forno, untando formas de pão e continuando murmurando, assobiando e conversando.

Ele coloca uma fita cheia de sinos e carrilhões e cantarola um pouco enquanto volta a bater a massa. Há um forte cheiro de fermento no ar. E então, por puro capricho, parece a Suwelo, Arveyda enfia a mão numa cesta, pega passas, nozes, e as coloca na massa.

Suwelo, feliz e consciente de ser um aprendiz, faz o mesmo.

— Dizem: “Ah, você nos traiu! Por que não toca o que estamos acostumados e que esperamos de você? Essa merda que toca agora parece Elton John! Cadê as malditas raízes?”

Arveyda sova o pão e olha para a sala. É um dia nublado, e a esplêndida baía simplesmente não está visível. Ele procura escutar os sons das crianças, mas elas estão no cinema com Carlotta e Fanny. Ele pensa em

Carlotta, em Fanny e nas crianças, e se pergunta o que Carlotta está dizendo a Fanny, em algum momento em que as crianças lhes dão um pouco de paz. “Bem”, ele a imagina dizendo, “quando eu estava saindo com seu marido, eu realmente estava passando por um período de tanto trauma como mulher que a única maneira de lidar com isso era me tornar alguém diferente de mim mesma. Então me tornei uma imitadora da feminilidade”.

Suwelo segura seu pão. Arveyda nota as passas e nozes bem distribuídas e assente.

— Agora, olha isso – diz ele. – Se você compõe músicas, aquelas que você compôs quando tinha dezenove anos são as mesmas que querem que você componha aos quarenta e cinco. Porque – ele ri – seu papel é ajudar um bando de quarentões a continuarem com dezenove. Além disso, deveria ajudá-los a justificar os relacionamentos nojentos que eles têm com as mulheres, que são tão fodidos hoje quanto eram quando ouviram sua primeira música. Só que eram jovens e novos no jogo, e não conseguiam ver que o que tinham e o que faziam era errado em vários níveis.

Suwelo reflete. Ele pensa em quanto tempo faz que Fanny e ele se casaram. Hippies de coração, casaram descalços, na primavera, debaixo de macieiras desabrochando. Tiveram música ao vivo; os músicos estavam chapados. Mas qual era a música favorita deles? Que música foi cantada ou tocada? Merda, ele nem se lembrava. Mas, quando se divorciaram, ambos estavam apaixonados pelo álbum *Double Fantasy*, de Ono e Lennon. Eles ouviam o tempo todo. “Give me somethin’ that’s not *hard*, come on, come on...” Fanny imitava a voz insistente e de mulher experiente de Yoko e, depois de empurrá-lo na cama, na beira de um rio, na praia, na planície florestal, ou no chão, ela o beijava até perder o fôlego.

— Tem algumas canções que as pessoas querem que você cante hoje – diz Arveyda, pensando vagamente no canto insuportavelmente repetitivo de Sinatra e colocando primeiro o seu pão e depois o de Suwelo no forno – que simplesmente não são apropriadas para os tempos de hoje. Porque os homens e as mulheres, gente que tem um tipo de vida, estão simplesmente num lugar diferente de onde estavam quando tinham dezenove anos. Ainda bem, obrigado Senhor. – Ele ri.

Suwelo olha para ele com uma pergunta no olhar.

— De repente me lembrei – diz Arveyda, ainda sorrindo – do exato momento em que soube que era hora de me aposentar, até mesmo minha versão da antiquada “balada de amor”, em que uma mulher fica sentada perto da janela, sofrendo, enquanto o cara caminha mundo afora. Uma noite, depois de um show, uma jovem abriu caminho até o palco para pedir um autógrafo, e, enquanto eu assinava seu braço, como sempre fazia, ela não tinha disco, ingresso, nem um pedaço de papel caído do chão, olhei na altura de seus seios e li sua camiseta sem nem me dar conta. Dizia: “Uma mulher sem um homem é como um peixe sem uma bicicleta.”

— Eu *era* uma imitadora da feminilidade – diz Carlotta a Fanny, enquanto descem uma ladeira quase perpendicular em São Francisco. É tão íngreme que Cedrico e Angelita, que conversavam a mil por hora no banco detrás, ficam quietos, completamente aterrorizados.

“Por isso que é tão difícil me lembrar de qualquer coisa que aconteceu. Embora eu pense que achava que amava Suwelo. Sei que queria me casar com ele; isso teria apagado o casamento que tive antes. Mas o que eu fiz foi apenas me vestir como uma prostituta e exibir meus peitos por aí. Achava que todos os homens na terra – exceto, possivelmente, Leonard Woolf – eram idiotas, mas queria que olhassem para mim. ‘Fui ao mercado comprar café, e a formiguinha subiu no meu pé’, eu costumava cantarolar baixinho, mas nunca me preocupei em pensar por quê.”

— Você parecia bastante perdida, para falar a verdade – diz Fanny, preparando-se para outra ladeira. E esta é tão íngreme que, em vez de calçadas, há degraus. Não são apenas as ladeiras em si, mas a forma como Carlotta dirige. Ela ataca as ladeiras. Fanny olha para ela. Carlotta está com um macacão fúcsia e parece gostar do desafio de dirigir. Ela conduz o jipe como se fosse um pônei.

— Eu amo dirigir por São Francisco – diz ela. – A ladeira da Laguna Street – que acabaram de descer – é adrenalina pura.

— Você estava no piloto automático, eu achei – diz Fanny, grata por estar mais do que no piloto automático agora. – Às vezes eu ficava surpresa por você ter chegado até minha porta e não simplesmente ter entrado na casa no quintal ao lado. – Fanny diz isso lentamente e agradecida por terem finalmente chegado à Union Street, que é bonita e plana.

— Eu precisava daquelas massagens – diz Carlotta. – De uma forma curiosa, eu não suportava tocar meu próprio corpo. Não para realmente senti-lo. Eu apenas o lavava, perfumava, forte, com toneladas de Alegria, e vestia. Não estava mais viva para mim. Talvez o perfume devesse agir como um fluido embalsamador.

As duas riem.

Fanny pensa nos anos em que sua sexualidade ficou morta para ela. Em como, depois que ela começou a compreender a opressão das mulheres

pelos homens e a se permitir senti-la em sua vida, deixou de sentir tesão por homens. Por Suwelo em particular, com aquele vício em pornografia. E, então, as mulheres do seu grupo de conscientização a ensinaram a se masturbar. De repente, ela se viu livre. Sexualmente livre, pela primeira vez na vida. Ao mesmo tempo, ela estava aprendendo a meditar e se livrando dos últimos vestígios da religião organizada. Logo ela estava meditando, se masturbando e se descobrindo dissolvida no Todo cósmico. Uma delícia.

Mas, quando tentou partilhar essa nova amplitude com Suwelo, ele quase a destruiu. “Pense em mim! Em mim! No meu corpo, meu pau!”, ele estava sempre gritando. Pelo menos era isso que ela sentia, mesmo quando ele não dizia nada. Ela o acusou de tentar colonizar seus orgasmos.

Ele ria e fingia que não entendia.

Sua própria sexualidade foi colonizada, na opinião de Fanny, pelos filmes que viu e pelos livros que leu. As revistas que folheava nas esquinas.

— Não entendo como você não ficou com raiva de mim quando descobriu – diz Carlotta.

Elas estão na pequena casa de hóspedes de Carlotta, o que lembra Fanny de seu salão de massagens. É pequena, mas dá uma sensação de amplitude. Há pouquíssimos móveis: almofadas e tapetes no chão, algumas mesas redondas de madeira. Velas. Incensários. Flores frescas em vasos presos às paredes. Cada quarto tem uma cor diferente: azul, verde, oliva, dourado. Há uma sensação de exibição, de alguma forma.

— Só descobri quando acabou – diz Fanny. – Fui informada de que você tinha sido dispensada, por minha causa. Eu sabia que ele tinha ficado com outras mulheres, mas nunca as conheci. Suwelo me contou sobre você porque tinha medo de que eu descobrisse por você ou por uma das mulheres do meu grupo de conscientização. “Essas vadias sabem de tudo!”, ele costumava dizer.

“*Elas sabem mesmo!*” Fanny ri. “Tenho um pouco de pena de qualquer mulher que perdeu essa fase de crescimento coletivo das mulheres. Lá estávamos todas nós, espéculos brilhando, um labrys pendurado no pescoço de todas, sapatas colossais florescendo de repente em

motocicletas, levando alguém embora! Ah”, ela sorri com a memória, “a ansiedade que tudo isso costumava causar no pobre Suwelo!”

— Fiquei com raiva por ter sido abandonada – diz Carlotta. – Ele nem se despediu. Simplesmente parou de aparecer. De repente você estava de volta, e, para onde quer que eu olhasse, lá estavam vocês juntos. Eu poderia tê-lo assassinado; e, como Frida Kahlo poderia ter dito, “comido ele depois”. – Ela faz uma pausa. – E o tempo todo ele era só uma invenção da minha imaginação. Uma distração da minha tristeza. Ele era apenas “alguma coisa” em que se agarrar; para ser visto junto; para cair no chão da cozinha.

— Ah, que coisa... – diz Fanny, seca. Ela pensa em como Suwelo acredita que se aproveitou de Carlotta e como era isso que ela mesma pensava. Ambos estavam errados. Não havia vítima e opressor; na verdade, havia duas vítimas, ambas carregando corpos solitários e necessitados que eram essencialmente carne cega.

“É mais difícil para mim ficar com raiva hoje em dia”, diz Fanny, enquanto caminham até a casa de Arveyda, “Não sei por quê”.

Ela espera ao lado da porta do quarto enquanto Carlotta termina de colocar a filha na cama. Angelita parece uma Madonna em miniatura cor de âmbar, muito cansada, e seu cabelo punk, cortado e tingido, aparentemente, com graxa de sapato preta, contrasta com o travesseiro rosa-pastel com babados sobre o qual repousa sua cabeça cansada.

“Talvez”, continua ela, “eu já tenha usado toda a minha raiva. Em vez disso, fico triste”.

— Com certeza – comenta Carlotta. – A raiva reprimida leva direto à depressão. A depressão leva direto ao suicídio. – Ela apaga a luz do quarto de Angelita e fecha a porta com cuidado.

— Não. Não me sinto deprimida. É um tipo diferente de tristeza. É mais parecido com... – Ela pensa; revira o sentimento em sua mente. – Mais como um lamento. Para mim as pessoas parecem, mais do que tudo, insanas. Todas as pessoas parecem ter sido torturadas pelo mundo em que vivemos até um perfeito estado de loucura. Além disso, não considero que a raiva expressada contra as pessoas, em oposição às condições, seja necessariamente uma coisa boa. – Ela pensa nas feministas brancas que conhece e que estão felizes por finalmente poderem expressar a sua raiva. Na opinião delas, isso é algo que as mulheres brancas nunca fizeram. Elas

acham que a capacidade de expressar raiva é algo que a mulher branca deve reivindicar. Mas isso parece uma ilusão para Fanny. Pois ela sabe que a mulher branca sempre expressou a sua raiva, ou pelo menos desabafou-a, como algumas de suas amigas gostavam de dizer, e geralmente era contra pessoas, muitas vezes homens, mas principalmente mulheres, de cor. E o que isso trouxe para ela? Bem, hoje tornou-se difícil para essas mulheres falarem com ela, porque não só se lembram da capacidade da mulher branca de expressar raiva, mas também esperam uma repetição dessa raiva a qualquer minuto.

Curiosamente, Fanny pensa, essas mesmas mulheres sempre afirmam temer a raiva da mulher negra e, por essa razão, dizem ter medo de brigar seriamente com elas.

— Talvez o problema seja grande demais para a raiva – diz Carlotta.

Elas estão paradas entre a sala de jantar e a cozinha, e por cima das cabeças de Arveyda e Suwelo conseguem ver a televisão. Um soldado israelense, auxiliado por um civil gordo, que, ao abrir a boca, revela ser do Brooklyn, está batendo sem sentido, com um grande bastão, em um jovem árabe aterrorizado, com o rosto ensanguentado, que se parece com Cedrico.

— Eles perderam a mão – diz Arveyda com tristeza, suspirando.

Fanny acha muito simples conversar com Arveyda. É como conversar com uma de suas amigas. Ele está sempre ali, presente, emocionado, às vezes se atrapalhando, balbuciando e murmurando seus pensamentos; mas ele não usa a mente como um esconderijo. Ela gosta da maneira como ele costuma dizer: “Acho que sim... mas, pensando bem, talvez não.”

Por alguma razão, essa simples incerteza e hesitação a tocam.

Ela descobre que ele se apaixona por pessoas mortas há muito tempo, geralmente musicistas, assim como ela; ele lhe conta que uma dessas “velhas amigadas”, como ele as chama, está ajudando-o a escrever uma nova música, cujo primeiro verso é “Sexo é a linguagem que deixa tanta coisa por dizer”. Ele adora essa frase, a cantarola e mostra a Fanny como acha que a letra vai soar quando cantar no piano.

Fanny se senta ao seu lado no banco do piano e compartilha de sua empolgação. Ele está tão feliz por ter esse pequeno verso para começar uma nova música que pula para cima e para baixo feito uma criança. Ele diz que está tentando acalmar sua impaciência (“a assassina da arte”) enquanto espera o restante da música vir até ele.

Mas ambos estão confiantes de que o resto da música virá; e partilham esse sentimento de ligação com outros mundos como se houvesse um segredo maravilhoso entre eles.

Fanny conta a ele sobre a peça que está escrevendo com sua irmã, Nzingha. Imediatamente ele diz que escreverá uma música para o nome de sua irmã. “Nzingha!”, ele diz, “que *lindo!*”. Fanny diz que é seu nome também. Então ela precisa contar tudo sobre Ola e suas “esposas” e a coincidência de ter o mesmo nome da irmã.

— Bem, isso prova que meus pais nunca estiveram muito distantes, tanto política quanto culturalmente.

— Mas o próprio nome tem tanto poder – diz Arveyda, já familiarizando sua mente com suas possibilidades melódicas.

Arveyda quer saber sobre a peça. Fanny mostra a ele uma página. A peça intitula-se “Os negócios do nosso pai”, e, na página que ela mostra, Ola, cujo nome foi mudado para Waruma, aparece sentado em um tapete no chão de sua cela escrevendo nas margens de um jornal velho.

Fanny conta a Arveyda como Nzingha e ela planejam apresentar esse espetáculo, que incluirá trechos de três das peças mais controversas de seu pai, no próximo aniversário de sua morte, que parece chegar bem rápido.

Arveyda se interessa pela África. Sua música é bem conhecida lá. Ele diz a Fanny que, se ela e sua irmã forem presas por apresentarem essa peça, ele vai até Olinka, com o espírito de Bob Marley, cantar pelas paredes de suas celas.

— Existem grandes chances de sermos presas – diz Fanny. – Mas se a África algum dia pertencer a todas as suas pessoas, tanto às mulheres como aos homens...

Ela não termina, mas parece triste.

Arveyda se sente muito americano. Demasiado americano para pensar na África como algo que tenha de ser reconquistado. Afinal, apenas uma parte dele é de lá.

Ele conta a Fanny sobre sua mãe, Katherine Degos, e como ele a conhecia pouco. E como essa ignorância o fez tropeçar cegamente pelo mundo.

— Katherine Degos nem era o nome verdadeiro dela! – diz ele, ainda incrédulo. Há uma dor residual sob a antiga ferida causada pela sua indiferença com ele quando criança, um constrangimento emocional. Mas ele está se curando. – Carlotta e eu voltamos para lá, para Terre Haute, e saímos, com minha tia Frudier, para ver o túmulo de minha mãe. A lápide diz, surpreendentemente, “Katherine Degos”. Mas minha tia nos contou, fungando com seu grande nariz: “O nome verdadeiro dela era Georgia Smith.”

— Georgia *Smith*!

Fanny se lembra da própria mãe, que não está bem atualmente. Ela voltou para a antiga casa da Manhota Celie, na Geórgia. Ela lê, vê TV, faz jardinagem, fala com Fanny ao telefone. Há, acredita Fanny, um cavalheiro à espera, ou cavalheiros.

— “Nunca gostei dela”, minha tia fala, “mesmo ela sendo minha irmã mais nova”. – Arveyda arregala os olhos para expressar seu espanto com a notícia. – “Não, nunca aguentei seus modos fingidos e imundos.”

— Uau – diz Fanny. – Essa diz o que pensa.

— Mas espere – diz Arveyda. – Carlotta perguntou a ela: “Tia Frudier, você não gostava da mãe do Arveyda? Mas por quê?” Perguntou com

gentileza, como se fizesse uma pergunta a alguém que está doente. – “Ela era uma falsa, uma fingida, ela nunca estava satisfeita em ser ela mesma”, minha tia respondeu.

“Em sua casa, minha tia nos mostrou algumas fotos antigas da minha mãe. Carlotta olhou primeiro, e achei que ficou um pouco pálida. Então a tia Frudier trouxe uma foto antiga do meu pai, emoldurada em prata. Carlotta ficou ainda mais pálida. E pensativa. Com uma mão gentil em meu braço, ela me passou as fotos. A do meu pai ficou muito tempo numa mesa ao lado da minha cama quando eu era criança. Mas eu tinha esquecido. Agora olhava para o rosto dos meus pais e não consegui imaginar como eu deveria parecer. Porque minha mãe e meu pai não se pareciam em nada com tia Frudier – uma mulher negra, corpulenta e com feições carrancudas –, pareciam mais pessoas da família de Carlotta – se, obviamente, ela tivesse tido alguém, além da mãe, lógico.

“‘Nossa família’, a velha tia Frudier contou, ‘era parte africana/ escocesa e parte indígena Blackfoot. Sua mãe era da parte Blackfoot. E seu pai, que veio para cá para trabalhar nos bandos de construção de estradas, era negro mexicano misturado com filipinos e chineses’. Ele era de longe”, diz Arveyda, maravilhado, “o homem mais bonito que eu já vi. ‘Mas entretanto e ainda assim’, tia Frudier disse, ‘sua mãe era simplesmente Georgia Smith, porque foi esse o nome que nossos pais deram para ela. Mas ela queria que fosse? Não. “Essa merda não serve para porra nenhuma”, sua mãe dizia. Da mesma forma, homens de cor ficavam sempre a rondando. Ela dizia que eles enchiam o saco. Sem substância, sem brilho, sem dinheiro também. Afinal, naquela época ela era Katherine Degos, de Santa Fé, dezenove anos e cintura de vespa. Pernas bronzeadas em vestidos que nunca escondiam muita coisa...’

“Enquanto ela falava”, diz Arveyda, “pude sentir, depois de todos aqueles anos desde a adolescência, o ódio que tia Frudier ainda sentia por minha mãe. Fiquei arrepiado ao pensar em minha mãe crescendo como objeto de tanto desprezo. Quase passei mal.

“A viagem de volta a Terre Haute foi possível para mim em grande parte graças ao apoio de Carlotta, e enquanto aguentávamos a inveja e o rancor, o ódio reprimido de mais de cinquenta anos que tia Frudier vomitou sobre nós, fiquei feliz por ela estar lá para me ajudar e me apoiar. Embora eu seja um homem adulto e seja pai, cada uma de suas palavras contra minha mãe

me atingiu como um golpe; como se eu ainda fosse uma criança. Mas, por incrível que pareça, enquanto ela delirava de raiva, me senti cada vez mais próximo da minha mãe.

“A tia Frudier se casou com um encanador; e, é estranho dizer, ele ainda estava vivo!” Nesse momento, Arveyda ri de repente, aquela risada estridente e profunda dele; joga a cabeça para trás para deixar o som sair livremente.

“Ele estava vivo!”, ele quase grita. “O velho sobrevivente, Deus abençoe sua alma penosa! Depois de só Deus sabe quantos anos de sofrimento debaixo da língua ácida da tia Frudier.

“Mas ele ficou o mais próximo possível daquela TV”, diz Arveyda, sério. “Acho que ele estava assistindo a ‘Soul Train’ quando tia Frudier anunciou que o jantar estava pronto e simplesmente passou na frente dele e desligou.”

Fanny fica triste com a foto do marido de tia Frudier.

Ela conta a Arveyda sobre o ex-marido de sua avó Celie, Albert, e sobre como, desde que o conheceu, sua atividade favorita, não havendo TV, era encarar o nada.

— Talvez esses homens bem velhos precisem apenas se sentar depois de um tempo e comprimir a vida numa visão reta e estreita – comenta Fanny.

— Bem, mas escuta só – diz Arveyda. Eles deixaram o banco do piano, o estúdio e a casa, e estão andando sem pressa pela rua que vai da casa de Arveyda até a trilha de Inspiration Point. – Então, estava bastante tímido, sabe, e com medo de ouvir qualquer outra coisa. Mas Carlotta pretendia ouvir tudo e aproveitou a deixa para falar. “Ouvimos falar da igreja dela”, ela diz, como se isso fosse alguma fofoca recente que acabou de surgir em nosso caminho. A essa altura, já estamos jantando, e tia Frudier está prestes a jogar um grande pedaço de carne assada em sua boca espaçosa. Ela deixa cair o garfo, a carne assada e tudo. “Humf, que igreja, hein”, ela bufá e olha para mim com a mesma expressão que deve ter olhado para minha mãe: fria, cruel, desdenhosa. “A igreja que todos nós frequentávamos não era boa o suficiente para ela. Ela disse que, pelo que ouviu, todos deveriam parar de ir à igreja imediatamente e usar esse tempo para fazer alguma coisa pelos pobres. Ela andou por aí por alguns anos depois que você nasceu ‘fazendo alguma coisa’ pelos pobres. Mas nessa época seu pai já tinha ido trabalhar no estado vizinho e nunca mais

voltou. E ela logo perdeu o entusiasmo. Depois ficamos sabendo que ele foi morto; caiu de uma ponte que seu bando estava construindo. Não tinha corpo, nada. Descobrimos isso por acidente.”

Arveyda parece tão desolado, pensando nesse fim trágico de seu lindo pai, que Fanny se inclina, ali ao ar livre, na trilha – onde às vezes há casos de estupros e até assassinatos – e o beija. Para ela, está oferecendo a tranquilidade automática e reconfortante de um abraço. Mas ela já beija há muito tempo e é muito boa nisso. Sua alma sai voando de sua boca e vai para a de Arveyda. Ele sente na língua seu calor, como uma ameixa antiga e amadurecida pelo sol, e de repente fica confuso. Mas Fanny já se afastou e começou a subir a trilha.

Arveyda segue atrás dela, se balançando e logo acompanha seu passo fácil para subir. Sua mente ainda está no beijo, mas ele diz calmamente:

— Todo mundo amava minha mãe, pelo menos era isso que tia Frudier pensava. Que, apesar de ela ser falsa, fingida e se recusar a ser Georgia Smith, ou a se casar com um homem de cor qualquer ou a ir à igreja – diz ele, rindo –, mesmo que ela tenha me dado o nome de uma barra de sabão da Índia que meu pai lhe dera, “Ayurveda”, que, acredito, significa saúde; de qualquer maneira, ela conseguiu todas as coisas boas da vida. Uma bela aparência, uma bela figura, uma casa cheia de pretendentes ansiosos... um homem de aparência fabulosa, que não se parecia com ninguém que ela já tinha visto, exceto talvez ela mesma, e que a amava. “Trabalhou até a morte por ela”, como disse minha tia, com total incompreensão e inveja. Na vida da minha mãe teve uma criança. *Paixão*. Minha tia a odiava porque ela se expunha ao que queria. O que ela não queria, deixava bem claro. Ela assumia riscos. Como diz aquela escritora que Carlotta ensinava em literatura feminina, ela pulou ao sol. – Arveyda faz uma pausa; eles chegaram ao topo da ladeira e viam quilômetros em todas as direções.

“São justamente essas as coisas”, diz ele, com a plenitude de um coração agradecido na voz, “que amo em minha mãe. E... em meu pai”.

Fanny e Arveyda estão sentados no topo da ladeira, um pouco abaixo da trilha. Não se tocam, exceto em espírito. Pensam nesses dois, os pais de Arveyda, nos quais o africano, europeu, mexicano, indiano, filipino e chinês (!) se conheceram. Aventureiros e que assumiam riscos, amantes, todos eles.

Arveyda guarda em seu coração o conhecimento da insatisfação de sua mãe com sua realidade limitada; ele fica incrivelmente consolado com isso. E de repente percebe que é ao panfleto de Fanny, *O Evangelho Segundo Shug*, e ao fato de Carlotta tê-lo compartilhado com ele que deve agradecer.

Carlotta e Suwelo permanecem na banheira de hidromassagem enquanto Arveyda e Fanny vão para a sauna. Depois da sauna, Fanny prometeu a Arveyda a massagem da vida dele.

Arveyda diz que está empolgado com a oportunidade de ser tocado, talvez até curado, pelas mãos da mestra!

Fanny olha para seus coques bantu balançando na sua frente e mal consegue resistir a colocar um deles na palma da mão.

É uma noite fria nas colinas de Berkeley, mas a água na banheira está em trinta e nove graus. A temperatura é perfeita, e Suwelo e Carlotta sentam-se em seus bancos na água ou debruçam-se nos jatos da jacuzzi e olham para as estrelas, por meio da folhagem pendente das árvores.

Os dois casais agora são amigos íntimos. Embora Fanny e Suwelo estejam construindo uma casa e vivam a uma hora de distância, em uma antiga granja nos arredores de Petaluma, eles visitam Arveyda e Carlotta com frequência e são sempre bem-vindos; a casa é grande e confortável, há música maravilhosa, comida, sempre um clima bom entre eles. Além disso, os quatro percebem vagamente que têm um propósito na vida um do outro. Cada um deles um meio coletivo pelo qual crescerão. Eles não falam sobre isso, mas é sentido fortemente por todos. Existe uma confiança palpável.

Fanny e Suwelo, que não têm filhos, ficam felizes por estarem perto de Cedrico e Angelita, que os chamariam de tia e tio se não considerassem tais títulos nerds. Ambos estão passando pelas provações do que antes era a rebeldia pré-adolescente. Fanny os leva para caminhadas; Suwelo, ao cinema e para nadar. Ambos são chamados de vez em quando para ajudar com lições de literatura e história. Esta noite, porém, as crianças estão dormindo com amigos.

Suwelo pensa na casa que Fanny e ele estão construindo em sua propriedade. É modelada como a casa cerimonial pré-histórica do povo de M'Sukta, os Ababa – uma casa projetada pela ancestral mente matriarcal e a primeira casa heterossexual já criada. Possui duas alas, sendo cada uma completada com quarto, banheiro, escritório e cozinha; e no centro há um “corpo” – o espaço “cerimonial” ou comum, composto por uma grande

sala de estar e um sótão em cima com uma claraboia, e uma pequena cozinha para fazer sopas, chocolate quente ou chá. Também tem uma lareira; e eles vão colocar sofás, mesas e estantes de livros. Um aparelho de som. Quem sabe até uma TV?

Fanny e Suwelo costumam ler passagens dos cinco volumes escritos por Eleanora Burnham e entregues a Fanny pela senhorita B. Nesses livros descobriram a incrível história, contada à tia-avó de Eleanora Burnham pela própria M'Sukta, um modo de vida antigo, pacífico e igualitário que os atrai.

Depois de milhares e milhares de anos de mulheres e homens vivendo separados, os Ababa, com grande apreensão, experimentaram colocar as duas aldeias vivendo juntas, um casal por família. Cada pessoa deve permanecer livre, disseram. Isso é crucial. E então projetaram uma habitação em forma de pássaro.

A mente de Suwelo divaga. Ele gosta da sensação da água pulsante contra seus órgãos genitais. É como se centenas de peixinhos do rio o estivessem mordiscando. Ele gosta da proximidade de Carlotta; porém, por causa do vapor crescente, ela é apenas um borrão do seu lado da banheira.

Suwelo ri.

— Que foi? – pergunta ela.

— Quando vi Arveyda pela primeira vez, fiquei tão surpreso que até senti uma fraqueza nos joelhos. Mas isso não foi nada comparado à resposta de Fanny quando contei a ela quem tinha visto.

— Ah é? – pergunta Carlotta. Ela não tem família que se impressionasse por ser casada com uma grande estrela. O próprio Arveyda é como uma daquelas grandes civilizações antigas sobre as quais ele cantou para ela: totalmente inconsciente de sua grandiosidade. Apenas muito consciente de estar vivo.

— Bem, fiquei surpreso que você fosse casada com ele. Eu sabia que seu marido era músico. Mas Fanny ficou surpresa por ele não estar morto!

— Como assim? – pergunta Carlotta, lutando contra a sonolência que também adora.

— Fanny, você sabe, está sempre se apaixonando por espíritos, sendo as almas centenárias uma especialidade. Ela ama a música de Arveyda desde o ensino médio, mas ele, como pessoa, nunca foi real para ela. Acho que ela simplesmente presumiu que qualquer pessoa que a emocionasse tanto

quanto Arveyda com sua música tinha que ser um espírito. Alguém já morto. – Enquanto ele fala, ocorre a Suwelo que talvez Fanny se apaixone por espíritos, em vez de pessoas vivas, porque são os únicos em quem ela pode confiar. Além disso, os espíritos podem ser conjurados e, talvez, não possam rejeitá-la, mas as pessoas vivas podem, e muitas vezes o fazem.

“Se parar para pensar”, continua ele, “costumávamos fazer amor ao som da música de Arveyda. Era a única música com a qual Fanny conseguia fazer amor. A música dos outros a limitava, ela dizia. Ela colocava ‘Ecstasy Is the Sun’ para tocar repetidamente. Fazia com que nosso amor fosse como voar, segundo ela”.

Suwelo ri.

“‘Sim’, eu dizia a ela, ‘mas eu estou no mesmo avião?’”

Ele não conta o que Fanny às vezes lhe dizia. “É sério, Suwelo?”, questionava ela, com seriedade. E então respondia: “Na verdade, não.”

Carlotta sorri e pensa: por que é tão difícil aprender a linguagem do ato sexual? Por que o corpo tantas vezes é uma carne muda? Por que a mente tantas vezes escolhe voar para longe no momento em que a palavra esperada por toda a vida está prestes a ser dita? Ela suspira.

— Pensamos que minha mãe estava morta – diz ela devagar, passando a mão na água. A lua apareceu, e o rosto de Suwelo está muito nítido para ela. Ele raspa as sobrancelhas para modelá-las e torná-las menores, ele disse a ela. Essa é uma das razões pelas quais seu rosto está diferente. Ele também está usando lentes de contato. “Estava cansado de parecer tanto uma coruja. Cansado de ver Fanny batendo na minha cabeça e dizendo “uhhh, uhhhhh”, foi o que ele disse.

Suwelo não sabe nada sobre a mãe de Carlotta, e, por algum motivo, seu estômago revira só de mencioná-la. Ele toma um gole de água de um copo perto da borda da banheira. Sua própria mãe, Marcia, surge em sua mente. É como se aparecesse numa porta da sua memória. Ele bate a porta. Não, ele não bate; isso é o que ele sempre fez antes. Agora ele espia o rosto dela por trás das mãos e fecha a porta *com cuidado*.

— Pensamos – diz Carlotta, saindo da banheira – que tinha sido assassinada por contrarrevolucionários em Guatuzocan, onde ela cresceu. – Ela vai até o chuveiro e deixa a água fria escorrer. Depois corre para dentro de casa. Momentos depois reaparece com um disco. Ela o colocou no aparelho de som lá dentro, e logo carrilhões e sinos, a música das

flautas, o canto dos pássaros, enchem o ambiente, mas tranquilamente. É como se estivessem em uma densa selva verde. Suwelo está deitado ao lado da banheira, com o corpo fumegante. Carlotta lhe entrega o álbum.

— Minha mãe, Zedé.

Uma foto antiga e ampliada de uma jovem assustada e sua filha cobre a capa do álbum, que se chama *Escuchen (Ouçam)*. No verso, rodeando essa mesma foto, em um retrato de família, Carlotta, Arveyda e os filhos estão juntos. Eles se assemelham a uma nova e pequena nação.

A música terna, com lamentos e risos, toca.

Suwelo segura a capa do álbum mais perto da luz de uma vela bruxuleante presa em uma concha de abalone em seu cotovelo. Ele lê a história do retorno ao país da mãe de Carlotta, acompanhada por Arveyda. Há menção ao trabalho de Zedé em uma produtora cinematográfica norte-americana. Há a história da busca de Zedé pela mãe. Suwelo lê sobre sua morte: ela e sua mãe foram emboscadas por contrarrevolucionários nas montanhas que saem de Guatuzocan.

— Minha mãe e Arveyda eram amantes – conta Carlotta simplesmente. – E, com o amor deles, aprendi muitas coisas. Coisas que minha própria mãe não poderia me contar. Coisas que estavam, de uma forma ou de outra, intimamente ligadas à sua vergonha.

“Nós ficamos de luto profundo e demorado por ela. Arveyda e eu. E fiz com que ele me repetisse inúmeras vezes cada palavra que ela disse a ele. Até o fiz me contar como minha mãe falava a linguagem do amor. Ele pensava que saber essas coisas acabaria me matando; mas não morri. Apenas comecei a ver Zedé como uma mulher, uma pessoa, um ser. Sagrada. E a amei mais do que nunca.”

Suwelo fica emocionado. Ele sente que está entrando em uma intimidade com Carlotta que nunca conheceu, nem com Fanny. Ele fica sem palavras, enquanto mergulha mais uma vez na banheira – mas desta vez parece um batismo, e ele mergulha deliberadamente até o fundo, mantendo a cabeça submersa por vários momentos na água morna.

Carlotta também volta para a banheira, seu corpo esguio e de seios achatados, tão vulnerável, pensa Suwelo, quanto uma flor. As pontas úmidas de seu cabelo curto, lindas pétalas.

— Você não parece mais uma mulher – diz ele, impulsivamente. Surpreso por falar uma coisa dessas. Com medo, depois de ter dito.

Carlotta apenas ri.

— Obviamente é assim que uma mulher se parece. Enfim, teve uma parte da história que – ela ri – me soou um tanto familiar. A história da minha avó, Zedé, a Velha, que criou as capas de penas para os sacerdotes; a mulher que ensinou minha mãe a fazer lindas coisas com penas. Ela era uma grande artista e tinha um pequeno sino do lado de fora da porta de sua cabana. Ela batia nele, ouvia atentamente e, se o som correspondesse à vibração de sua alma naquele momento, ela assentia uma vez, Arveyda me contou que minha mãe contara para ele, e então ela começava a criar. – Carlotta se recosta na lateral da banheira. – Foi assim que me tornei carrilhanista.

Suwelo sente Marcia batendo timidamente na porta. Toc, toc. Mas ele teme que seu pai esteja atrás dela. E finge não ouvir.

— Ela não estava morta – diz Carlotta, triunfante. – A mãe dela também não. Elas escaparam dos contrarrevolucionários e agora vivem no México. Minha mãe se casou com um xamã. E minha avó se tornou uma.

— Um final feliz! – grita Suwelo, jogando os braços em volta dela.

— Minha mãe *está* morta – conta Suwelo para Carlotta. Parece que ele está, enfim, admitindo isso para si mesmo. Ele vê Marcia mais uma vez se aproximando timidamente da porta. Ele se detém, o punho da mãe levantado para bater, e ouve. Ela está surpresa em ouvir que ele está falando dela! “Entre, mãe”, ele diz. Mas ela fica parada, congelada, em estado de choque, com o punho no ar. E, exatamente como ele temia, ela olha para trás.

— Ela foi morta... assim como meu pai, no que chamaram de “acidente de carro”. Foi, na verdade – continua Suwelo –, um acidente de pessoas. Eles estavam dirigindo, meu pai estava dirigindo, muito rápido. “Por alguma razão”, como muitas pessoas expressaram mais tarde, o carro saiu da estrada, bateu num barranco, a cento e cinquenta por hora, e os dois morreram na hora.

Suwelo se lembra da voz de dona Lissie na fita. “Lembre-se da última vez que estive perto deles”, ela disse.

Ele vai tentar.

Ele havia pegado o ônibus da faculdade para casa, a uma hora de distância, e alguém, um parente, o levou até a funerária. Seus pais estavam deitados na mesma sala, exatamente como foram trazidos. Havia inchaços e hematomas pretos e roxos, e cortes profundos, em ambas as testas, por causa da colisão com o para-brisa. A mãe atravessou o para-brisa; o avanço de seu pai foi bloqueado pelo volante, que esmagou seu peito. Eles estavam vestidos para ir à igreja, a mãe com um vestido florido vermelho e branco que Suwelo sempre gostou porque a fazia parecer muito feminina, e uma sandália verde-limão; seu pai usava seu único terno azul-marinho de qualidade.

— A vida dos meus pais era tão miserável que eu não me deixava pensar nisso. – Ele sente um chakra se abrindo na base da coluna. Algo começa a se desenrolar, como uma pequena bandeira ou uma cobra sonolenta. Sua mãe bate na porta com mais segurança. Ele vê que, sim, o velho, a quem ele odeia, Louis, Sr., está atrás dela. Suwelo fica do seu lado da porta e se encosta. Não há força em suas mãos.

Marcia entra facilmente.

— Estavam todos lá me explicando como meus pais tinham morrido — diz Suwelo. — Todos os nossos vizinhos e amigos e o pessoal da funerária. O policial estadual que primeiro chegou ao local disse que meu pai estava bêbado e dirigindo em alta velocidade. Eu não tinha dúvida de que isso era verdade. Eu o vi bêbado e em alta velocidade um milhão de vezes, desde moleque. Ele sempre parecia estar tentando fugir de si mesmo. Minha mãe implorava: “Calma, Louis. Você precisa ir mais devagar.” Ele desacelerava, ou não, dependendo de quais demônios ele estava ouvindo.

“Foi quando todo mundo foi embora e eu fiquei sozinho com os corpos que entendi o que tinha acontecido. Fui até onde eles estavam e olhei em seus rostos. O rosto do papai finalmente estava em paz. Até me acalmou, na verdade. Mas o rosto *dela*. Estava congelado numa espécie de careta, uma versão exagerada de seu habitual olhar de desespero. Até os dentes estavam à mostra, como se ela estivesse com as dores do parto. Fiquei chocado ao pensar que ela era assim. E aí levantei o lençol e vi suas mãos...”

Suwelo começa a chorar. Ele sente os braços de Carlotta ao seu redor, sente os beijos absorvendo as lágrimas em seu rosto. Ele chora por muito tempo. Mas Marcia está lá dentro, ao lado dele agora, e Louis, Sr., ainda está do lado de fora da porta.

— As unhas dela estavam quebradas, todas elas; a ponta dos dedos, ensanguentadas. Nessa hora eu entendi o que havia acontecido e por que estavam mortos. Minha mãe estava tentando sair do carro.

Ele desmorona completamente. Ele não quer que seu ranho caia na banheira, então sai, cegamente, seguido por Carlotta, que enrola uma grande toalha branca em volta dele e outra em volta de si mesma.

— Eu vi aquela expressão de desespero no rosto da minha mãe durante toda a minha vida. Eu não entendia o que era. Meu pai, você sabe, foi soldado na Segunda Guerra Mundial e perdeu metade de um braço e totalmente a cabeça. Mas ele ainda era um militar entusiasmado. Mesmo quando eu saía de casa para ir à faculdade, ele me pressionava para me alistar. Quando eu estava na faculdade e a Guerra do Vietnã estava intensa, recusei o recrutamento. Eu sabia que preferiria apodrecer na prisão a deixar acontecer comigo o que fizeram com ele. Ele se negava a entender isso. Achei que nunca pararia de me xingar por tomar essa decisão. Eu não

conseguia entender por que ele ia querer me mandar para guerra e ser mutilado ou morto. Ele me odiava tanto assim?

Suwelo puxa a toalha para mais perto de si, sentindo o corpo lavado começar a perder o calor.

— Paramos de nos falar. Eu odiava minha mãe por ficar com ele. Mas ela estava presa. Como um pássaro na gaiola. Ele não era o homem com quem ela se casou, e sim um tipo de patriota ferido e doido. Ele ficava mais bêbado do que sóbrio. Frequentemente ficava abusivo. Com o braço bom que restava – diz Suwelo categoricamente –, ele segurou a minha mãe enquanto ela lutava para sair do carro em alta velocidade.

E agora ele consegue realmente ouvir a voz de Marcia dizer: “Apenas deixe eu e *Louis Jr.* sairmos do carro, se você vai dirigir por aí.” E ele se lembra de seu pai estendendo a mão por cima dela, depois indo para o banco detrás, no qual Suwelo está sentado, e trancando todas as portas, xingando e acelerando ainda mais.

Como ele reprimiu tanto terror? Suwelo se pergunta enquanto revive o momento. Lá estava ele, todos aqueles anos, todas aquelas épocas diferentes, pequeno, depois nem tão pequeno, e assustado. Por que ele e sua mãe entraram no carro, para começo de conversa? Isso ele ainda não entende. Mas pelo menos se permite compreender a determinação da mãe em finalmente sair.

Seu pai está parado na porta. Ele não está velho e bêbado, mas jovem e bonito. Ele tem dois braços. “Meu nome também já foi Suwelo”, diz ele gravemente, segurando-os. Suwelo de repente fica cansado demais para vigiar a porta do seu coração. Ela se abre sozinha, e esse pai, que Suwelo nunca viu e com quem percebe que se parece muito, entra.

Fanny e Arveyda estão nus. Depois de saírem da banheira de hidromassagem e do chuveiro, eles permitiram que o ar noturno os secasse. Fanny esfregou rapidamente óleo de amêndoa doce no próprio corpo, até entre as pernas e entre os dedos dos pés, e agora se inclina sobre Arveyda, que está deitado de bruços no tapete de massagem do futon. Eles decidiram dispensar a sauna, um cubículo convidativo ao lado da sala em que estão, que contém pouco além do tapete de massagem, uma prateleira cheia de óleos de massagem, pilhas de toalhas brancas limpas e uma coleção, em um canto na porta da sauna, de chinelos com o solado de palha.

Ela coloca as mãos quentes primeiro no centro das costas dele; uma mão está entre as omoplatas, e a outra, na cintura. Ela mantém as mãos ali enquanto pede orientação neste trabalho que está prestes a fazer para a cura de Arveyda. Ela pede que os guias espirituais de Arveyda estejam presentes, junto aos seus. Ela pressiona suavemente e, com a pressão alternada de suas mãos, balança com leveza o corpo dele. Então, ela se coloca sobre seu corpo e começa a massagear suas costas, seu pescoço e seus ombros.

Fanny é muito paciente, minuciosa e lenta. Ela ouve o corpo de Arveyda enquanto o massageia. Onde quer que haja a menor dor, seus dedos pairam, escutam e descem. Arveyda fica pasmo. Toda a dor em seu corpo parece ansiosa para se mostrar a Fanny, que pressiona pontos aqui e acolá que o fazem gritar de dor, mas que, antes de tocá-los, pareciam completamente bem. E então, depois que ela libera a pressão sobre esses pontos – pressão da qual ele não tinha consciência –, ele sente a energia mais uma vez fluindo livremente em seu corpo. Ele quase tinha se esquecido de como é o chi desbloqueado.

O quarto está quente, e só há o luar entrando pela pequena janela em frente a eles e o brilho de uma vela no chão.

Arveyda desce quase imediatamente para outro nível, um nível de consciência muito sensual, certo de que o toque de Fanny, que nunca sai de seu corpo, o manterá seguro. O calor da sala faz sua mente vagar para o México, onde ele, Carlotta e as crianças vão todo mês de janeiro para ver

Zedé. Ele se lembra de estar deitado na areia quente do pequeno vilarejo de Yelapa, onde todos eles, seu “clã da nova era”, se reúnem, e, como ele, Angelita e Cedrico lubrificam um ao outro enquanto as três mulheres – Carlotta e as Zedés – caminham devagar, os braços frouxamente em volta um do outro, para a frente e para trás, para cima e para baixo na praia em forma de lua crescente. Elas estão sempre conversando e ouvindo umas às outras intensamente, como se mundos inteiros dependessem de suas palavras. E todas as três são perfeitamente lindas. Zedé, a Velha, a matriarca, curvada e marrom, com seus longos cabelos brancos, acinzentados, amarrados para trás com uma fita escarlate; Zedé, a Jovem, cheia de vitalidade e alegria, finalmente alegre, beijando Carlotta repetidas vezes; e Carlotta, a mais linda de todas, com seus cabelos curtos, de biquíni fio dental e pernas finas, que ela levanta de vez em quando em pura exuberância, como uma gamine de um filme de Charlie Chaplin.

Arveyda está deitado no tapete de massagem, mas na verdade está deitado na areia. Ele observa essas três mulheres e pensa no sofrimento que cada uma suportou. Ele pensa na dor que ele mesmo sentiu e causou... Seu coração, tantas vezes cheio, parece transbordar com a estranha mistura de tudo que sente. Ele encontra em sua mente palavras para o início, o meio ou o fim de uma nova música: “Essa tristeza não faz parte da felicidade?”

Fanny está acariciando seu corpo ao ritmo de uma de suas melodias de violão e flauta, de um álbum de quinze anos atrás chamado *Ecstasy Suite*. Em sua mente, “Ecstasy Is the Sea” está tocando, e ela imagina que suas mãos são as ondas do mar que moldam o fundo do oceano, e as dunas da praia e as menores conchas.

Ela também pensa, com algo parecido com descrença, que um dos espíritos que ama há tanto tempo está na verdade bem embaixo dela, no pescoço dele, neste momento, sob sua mão. Gradualmente, ela desce pelo corpo de Arveyda, maravilhando-se com a beleza – suave e brilhante por causa do óleo – de sua rica pele marrom. Ela pressiona pontos em sua bunda que o fazem se contorcer, depois desce por suas coxas e pernas muito peludas. Ela leva um tempo nos pés, deslizando os polegares entre os dedos dos pés, trabalhando os nós dos dedos ao longo dos arcos e da planta dos pés. Arveyda geme em um misto de dor e prazer.

Ele se rendeu a Fanny, como se estivesse totalmente descansado em seus braços. Ele sente que há algo nela, algo em sua essência, que automaticamente o cura e o reconecta consigo mesmo. Ele sentiu isso antes mesmo de ela o beijar impulsivamente na trilha. Ele se imagina fazendo amor com ela, enquanto sente suas mãos deslizando pela parte interna das coxas. Acha que, se ele se juntasse a ela fazendo amor, se sentiria literalmente lembrado.

Ele solta um suspiro profundo e secreto com esse pensamento.

Fanny pensa em seu hábito de longa data de se apaixonar por pessoas que ela nunca conhecerá. É assim que as pessoas criam deuses?, ela se pergunta. Ela acha que sempre andou logo atrás (ah, cem a mil anos atrás) das pessoas que descobriu amar e que tem sido muito cuidadosa para que fiquem de costas.

O que ela faria se uma dessas pessoas se virasse?

Fanny sente um leve tremor no estômago. Assusta-se, por um momento, como se estivesse prestes a ficar cara a cara consigo mesma.

Ela respira fundo. Parece-lhe, felizmente, que esse espírito em particular adormeceu. Ela o acaricia suavemente, logo na nuca. “Hora de virar”, ela sussurra.

Mas Arveyda não está dormindo. Longe disso. Está pensando em Fanny e em seu beijo. No prazer e na dor de seu toque, que parece facilmente encontrar nele o nó mais enterrado. E, se ele se virar, ela verá os resultados de seus pensamentos.

Fanny espera, paciente, de joelhos ao lado do tapete. Será que ele vai se virar, ela se pergunta, esse espírito por trás do qual ela se encontra? Ela se pergunta isso com sinceridade, como se Arveyda fosse um espírito real que pudesse simplesmente desaparecer afundando no chão de madeira.

Fanny fica terrivelmente excitada ao olhar para as costas lisas e indefesas de Arveyda, seu pescoço humilde, suas belas mãos e dedos ágeis, cujas pontas, tocando seus instrumentos, já lhe deram tanto prazer.

Com um suspiro de corajosa resignação, o “espírito” se vira. Ele está envergonhado e olhando para baixo.

— Receio que – murmura ele – você tenha acendido uma pequena vela.

Fanny, vendo sua ereção e esperança quase cômica, prontamente pega a “vela” de Arveyda em sua mão quente.

Depois de se sentar nele e sentir como se ajusta perfeitamente, como se tivesse encontrado o seu nicho adequado, ela olha para o rosto de Arveyda. Em seus olhos muito humanos. Há lágrimas neles, assim como nos dela. Eles começam a balançar, virando-se agora para ficarem deitados, os braços em volta um do outro, igualmente, ao lado do corpo. Chorando, eles começam a se beijar.

Fanny sente como se o brilho de uma vela que aquece, mas nunca poderia queimar, a tivesse derretido, e ela pinga sobre Arveyda.

Arveyda sente como se tivesse corrido ao encontro de todos os ancestrais e eles o acolheram com alegria.

É incrível para eles a rapidez – como a de um longo beijo – com que ambos gozam.

Ela tem medo de perguntar a ele o que deve fazer. Timidamente diz:

— E você também viu a ameixeira-amarela e todas as criaturinhas, até os peixes, em seus galhos? E você viu e sentiu o oceano e o sol?

Mas Arveyda simplesmente responde:

— Sim. E a lua enquanto se move sobre o oceano, e os lilases, e as cadeias de montanhas, e todas as cores dos vales. Mas o melhor de tudo – diz ele, beijando-a – foi a ameixeira e tudo e todos que havia nela, e o calor da sua respiração e o gosto em minha boca das doces ameixas-amarelas.

Eles ficam abraçados em puro espanto.

— Meu... *espírito* – diz Fanny, finalmente, o rosto no peito dele.

— Minha... *carne* – diz Arveyda, os lábios no cabelo dela.

Anos antes deste dia, Suwelo vinha tendo um sonho recorrente. Ele geralmente não se lembrava dos seus sonhos, mas este permaneceu com ele. Era bem breve. Ele estava sentado ao lado da cama de um homem muito velho, e, embora nenhum dos dois parecesse estar conversando, muitas informações eram trocadas. Não, não eram trocadas, pois mesmo no sonho Suwelo tinha pouco a dizer. Ele estava lá simplesmente para ouvir a voz mais antiga da experiência, pelo bem de sua atual e lamentável vida.

Enquanto sobe os degraus do lar de idosos Mary McLeod Bethune Memorial, em uma rua arborizada nos arredores de Baltimore, Suwelo se lembra de seu sonho. Ele dá bom-dia aos idosos reunidos em cadeiras de balanço e em torno de mesas de damas chinesas na varanda. *Finalmente*, pretos e brancos juntos, pensa Suwelo. São tão velhos que a cor parece não ter importância, pois eles se deslocam para se sentar nas várias mesas, ou nas cadeiras de balanço, ou simplesmente em lugares ao sol. Ninguém parece ouvir muito bem também. Uma enfermeira anda de um lado para o outro entre eles, direcionando os olhos turvos e os pés vacilantes para lá e para cá, e dando instruções alegres com uma voz rouca e clara.

— Ande só mais um pouco, só mais um pouquinho. Você consegue, sr. Pete!

O velho fica imóvel, perguntando-se de onde vem a voz.

— O senhor precisa do andador? – pergunta a enfermeira.

Sr. Pete murmura alguma coisa.

Suwelo entra pela porta.

Mesmo lá dentro, ele fica impressionado com a integração completa, não apenas dos pacientes, mas da equipe. Na recepção estão três mulheres, duas pretas e uma branca; estão jovialmente conversando sobre um show ao qual as três compareceram e aparentemente gostaram no fim de semana.

Ele recebe distraidamente instruções para chegar a um “espaço bem lá no fim” de um dos corredores que se espalham da área de recepção em todas as direções. Um leve cheiro de repolho permeia o local.

Quando chega ao “espaço” do senhor Hal e de dona Rose, Suwelo sabe que é ali, sem nem olhar para os dois. Ao contrário das paredes nuas do resto da casa de repouso, a parede atrás das camas é cheia de pinturas. Mas, ele percebe rapidamente, há também um aparelho de televisão, preso ao teto, pendurado, como uma ameaça, sobre a cama do senhor Hal.

Dona Rose e ele estão aguardando Suwelo. Eles não o veem parado na beira do cubículo olhando para eles. Aguardam a sua visita com a expressão alerta de crianças num consultório médico. Há outros cubículos e camas no longo quarto, de cada lado deles. Os idosos ficam deitados na cama ou sentados em cadeiras ao lado das camas, às vezes conversando, às vezes olhando para o nada, às vezes simplesmente vendo TV.

Os dois estão tão limpos que brilham, e sua pequena área, com duas camas de solteiro, duas mesinhas de cabeceira e duas cadeiras, é completamente organizada. A cama do senhor Hal está ajustada para que ele fique sentado, e dona Rose está sentada em uma cadeira ao lado dele. Ela está fazendo crochê. Suwelo só viu dona Rose algumas vezes, quando ela passou pela casa do tio Rafe para lhe levar comida. Então, ela estava sempre com a dona Lissie.

Ela é velha e parece um bolinho ou uma maçã realmente murcha, com olhos pequenos, fundos, e cabelos brancos e ralos. Quando finalmente percebe a presença de Suwelo, se levanta devagar da cadeira com um grito suave. Como é estranho agora para Suwelo ter comido tanto dos pratos que ela fazia e ainda assim saber tão pouco sobre ela.

Ele avança, sorrindo, para o espaço dos dois. Ele trouxe uma planta, que dona Rose, admirando com olhos semicerrados e míopes, coloca na mesa de cabeceira. Suwelo abraça-a, sentindo a carne insubstancial, os ossos moles, a curvatura acentuada da sua coluna, que a torna baixa e corcunda. Mas que abraço energético ela ainda consegue dar.

Ele se sente bastante apertado.

Em seguida, ele se vira para a cama na qual o senhor Hal está deitado, sorrindo, no que parece ser a feliz paciência dos cegos. Suwelo senta-se na cama e inclina-se com cautela na direção do amigo; movendo-se muito lentamente e com cuidado, dá um abraço no senhor Hal.

— Tivemos que nos casar! – diz dona Rose, servindo chá a Suwelo. – Na nossa idade!

— Mas por quê? – pergunta Suwelo.

— Era a única maneira de vivermos juntos na casa.

— Eles não querem que as pessoas vivam aqui em pecado – diz o senhor Hal sarcasticamente.

— Hal precisou vir para cá primeiro, sabe – diz dona Rose, que puxou uma cadeira para si ao lado da de Suwelo, de modo que ambos fiquem de frente para a cama do senhor Hal. – Entre todas as outras coisas que não estavam funcionando muito bem, seus olhos simplesmente cederam.

— É verdade. Parei de pintar depois que Lissie morreu. Eu simplesmente não conseguia mais. Quando dei por mim, parecia que uma cortina havia caído.

— Comecei a visitá-lo – diz dona Rose, enquanto Suwelo dá um gole no chá. – Trazia coisas saborosas para ele lanchar. Ficávamos sentados aqui fazendo companhia um ao outro. Falando sobre o clima; sobre os brancos e sua destrutividade, os negros e sua tolice. E conversávamos, o tempo todo, sobre Lissie. Sem dúvida, sentimos falta dela.

— Elas eram amigas há... Quanto tempo mesmo, Rosie? Sessenta anos.

— Não, não foi tanto tempo, mas foi bastante. Eu sabia que ela ia querer que eu cuidasse de você.

— Ah, espere um pouquinho – diz o senhor Hal, com muito de seu charme ainda intacto. – Você não quer que Suwelo pense que essa é a única coisa.

Dona Rose fica corada. Ela definitivamente enrubesce. Suwelo larga a xícara vazia e coça o queixo. *Hummm*, ele pensa. Dona Rose pede licença e sai para visitar uma amiga mais adiante no corredor. Ela entende que Suwelo e o senhor Hal querem conversar.

— Obrigado mais uma vez por me enviar as fitas que dona Lissie deixou para mim. E pelas pinturas que ela fez antes de morrer.

— Ah, era tudo tão intrigante, as últimas coisas que ela fez. Eu não conseguia entender nada daquilo. Aquela grande árvore com todas as pessoas pretas e as criaturas engraçadas, e cobras e tudo mais... Tinha até um sujeito branco lá. E todos aqueles leões...

O senhor Hal para, recobrando o fôlego.

— Senhor Hal – diz Suwelo suavemente –, nessas últimas pinturas, a dona Lissie pintou a si mesma.

— Tenho certeza – o senhor Hal responde, quase rindo. – Você esquece por quantas mudanças eu vi Lissie passar. Mas não vi sinal dela em

nenhuma das últimas pinturas. – Ele faz uma pausa. – Não tem nem um raminho de verbena ou um talo de milho no nosso jardim... – Ele está quase amargo. É como se sentisse, nas últimas pinturas, que a dona Lissie partiu sem ele. Deixou-o sozinho na casinha coberta de ipomeias antes mesmo de morrer. Algo que ela nunca tinha feito. O senhor Hal está muito bravo com ela.

— Não consegui reconhecer nada – diz ele categoricamente.

Naquele momento, Suwelo percebe um dos motivos de seu nascimento; uma de suas funções é auxiliar a Criação nesta vida. Ele também percebe que precisará de uma autoridade superior à sua para convencer o senhor Hal de qualquer coisa relacionada à dona Lissie. O coração do senhor Hal está ferido, e sua cabeça, conseqüentemente, fechada.

Do bolso, Suwelo tira o pequeno toca-fitas que carrega consigo sempre que vai encontrar pessoas idosas. A fita da dona Lissie já está lá. Tudo que precisa fazer é colocar os fones nos ouvidos do senhor Hal e pôr para tocar.

A princípio, o senhor Hal fica apreensivo e incomodado com os fios. Suwelo ajusta tudo, mais de uma vez, até que ele se sinta confortável. O senhor Hal também se acalma ao ouvir a voz de dona Lissie.

Eles ficam sentados, o homem de meia-idade e o homem muito velho, às vezes olham um para o outro, às vezes não, enquanto a fita gira. Suwelo está intensamente consciente da luz do sol que agora entra pela janela acima da cama e da forma como incide, como uma bênção, na plantinha verde que ele trouxe. Ele se levanta, percorre o corredor e traz um copo de água, que joga na planta. Ele fica parado e observa enquanto a água penetra o solo.

— Diga “ahhhh” – sussurra ele para a plantinha. E imagina que ela faz o que lhe foi pedido.

Depois de meia hora, e após entregar a fita ao senhor Hal, Suwelo ouve o *schlop, schlop*, de pés velhos e hesitantes pelo quarto entre as fileiras duplas de camas. Poucos minutos depois, o velho sr. Pete, que ele tinha visto na varanda da entrada, está esticando o pescoço ruivo e peludo para dentro do cubículo do senhor Hal

— O que foi, Hal? – pergunta ele num zurro cheio de pânico. Ele está olhando diretamente para o colega, mas, como o senhor Hal está absorto

ouvindo a fita e, além disso, está com os olhos fechados, não consegue vê-lo. Pelo menos é assim que parece a Suwelo, que se diverte.

Dona Rose surge do nada e leva o sr. Pete para longe. Suwelo se levanta da cadeira e desce a passarela na ponta dos pés atrás deles. Pete é um daqueles homens brancos, velhos, altos, de olhos azuis e ossudos, que parece ter vivido longas vidas de crime perfeito. Ele está apoiado pesadamente no ombro de dona Rose, e ela conversa com ele.

— Hal está ocupado agora – diz ela.

— O que você disse? – pergunta o velho Pete.

— Ele tem companhia! – exclama ela em seu ouvido.

— O que ele tem? Ele não está resfriado, né?

— Não! – exclama ela. – *Companhia*.

— O que ele tem?

— Tenho uma Co'Cola que ele me disse para lhe dar. Aqui. – Ela lhe entrega uma Coca-Cola da máquina na frente deles. – Tome uma bebida gelada.

Suwelo ri. Ele pensa: bem, quem diria, existe vida, mesmo em lares de idosos!

Quando ele volta para a cama do senhor Hal, depois de andar por todos os cantos examinando a casa de repouso e vendo mais da vida ali, ele encontra o senhor Hal em lágrimas.

— Ah. – Ele geme, quando Suwelo se senta ao seu lado na cama. – Ela amava Rafe muito mais do que a mim!

Suwelo segura uma de suas mãos velhas e macias. Ele fica tentado a beijá-la. O que é isso?, ele pensa. O que significa ser homem se você não pode beijar quando quer? Ele leva a mão do senhor Hal aos lábios e a beija, como beijaria o dedo machucado de uma criança.

— Ela o amava muito. É para você que ela vai voltar.

— Quem estou enganando? É minha culpa que Lissie não pudesse me amar mais. Rafe a deixou ser tudo que ela era. Eu não fiz isso.

— Mas como o senhor poderia saber tudo que ela era? – diz Suwelo, confortando-o. – Ela nunca lhe contou, não é?

— As pessoas não precisam contar tudo. Fazer com que tenham que dizer tudo é brutal.

— Bem – diz Suwelo, apertando a mão dele. – Ela tentou lhe contar no final.

— Sim. Ela tentou. — Ele começa a chorar de novo. — E você sabe o que eu fiz? Eu ridicularizei o que ela pintou. Eu ri. Olhei para o sujeitinho branco na árvore e disse: “Parece que você esqueceu de pintar aquele.” E Lissie apenas olhou para mim e disse: “Não. Essa é a cor dele.” Mas ela parecia tão triste. Se eu perguntei a ela qual era o problema? Não.

O senhor Hal assoa o nariz em um lenço de papel de uma caixa da mesa de cabeceira.

— E eu reagi pior ainda em relação aos leões. Eu disse a ela que só de pensar em um gato daquele tamanho me dava arrepios. — Ele faz uma pausa, pensando. — Mas, quando eu disse isso, ela apenas riu. Você sabe como Lissie às vezes ria. Fazia você se sentir um belo de um idiota, mas, como ela parecia tão feliz, você não tinha ideia do porquê.

— E pensar... — O senhor Hal se engasgou. — E aqui estou, fora de casa, e tive que aprender muito aqui. Olha só — diz ele, sentando-se mais ereto e esticando o pescoço, como se estivesse ouvindo alguma coisa —, meu melhor amigo é um velho branquelo chamado Pete. Ele vem para cá a qualquer momento. Às vezes comemos juntos.

Suwelo diz a ele que Pete esteve lá e já saiu.

— Ele foi um idiota a vida inteira, sabe. Só o senhor e seu contador sabem quanta desgraça ele causou. Mas ele está aqui agora e está com medo. E é surdo e velho.

— Ele é engraçado também — diz Suwelo.

— Você simplesmente sente compaixão pelo homem — diz o senhor Hal. — Além disso, não consigo vê-lo.

— Ah, ele é branco, sim. Você não confundiria.

— Ainda tenho medo de gatos. — O senhor Hal suspira. — Mas estou disposto a mudar isso.

Suwelo olha para as pinturas na parede. O senhor Hal diz que ele pode ficar com qualquer uma, ou todas. Há mais uma dúzia empilhada no chão. Entre as que estão no chão, ele encontra as duas últimas pinturas de dona Lissie. Aquela que ele passou a considerar a árvore da vida, com tudo, inclusive “o sujeitinho branco” em seus galhos, e a última de uma série de cinco que ela fez de leões.

Ele se senta na beirada da cama do senhor Hal e estuda as duas pinturas. São exuberantes, claras, oníricas e belas, e o lembram de Rousseau.

— Eu sempre conseguia ver Lissie – diz o senhor Hal, agitado, com teimosa propriedade, estendendo a mão para pegar uma das pinturas que Suwelo segura.

Suwelo reflete, guiando uma pintura para as mãos do senhor Hal. Foi Freud quem disse que não podemos ver o que não queremos? Ele observa o senhor Hal forçar os olhos como se fossem músculos, enquanto tenta enxergar a pintura em sua mão. É a da árvore da vida. Gemendo de frustração, ele logo a joga no chão em desespero.

Suwelo, porém, começa a sentir esperança. E empurra a outra pintura, do leão de grande juba, nas mãos do senhor Hal. Ele não percebe que entregou de cabeça para baixo.

— Hum... – diz o senhor Hal, depois de alguns minutos. – O que é aquela mancha avermelhada no canto?

Ele está movendo a pintura para a frente e para trás diante dos olhos, tentando fazer com que a mancha avermelhada se integre à luz que vem da janela acima de sua cabeça.

Suwelo fica muito quieto, como se deve fazer na presença de milagres.

Mas aparentemente a mancha avermelhada é tudo que o senhor Hal consegue ver. Esta pintura também é jogada na cama, com uma careta.

Suwelo pega a pintura, que ele adora, vira-a na direção certa e olha no fundo dos olhos de leão de dona Lissie, de quem ousa ser tudo que quer ser. Ele sabe, e ela sabe, que o senhor Hal conseguirá vê-la inteira um dia; só resta a ela e a Suwelo esperar, e, enquanto isso – se esta for uma das pinturas que Suwelo levará para casa –, os dois podem passar o tempo contemplando a “mancha avermelhada”, que marca o retorno da visão perdida do senhor Hal. Pois, na pata traseira esquerda de Lissie, quase obscurecida por sua cauda fulva e luxuriante, há uma sandália de salto alto vermelho muito jubilosa, elegante e brilhante.

AGRADECIMENTOS

Pelo feliz apoio e pela postura independente durante a escrita deste romance, agradeço à minha filha, Rebecca Walker, e ao nosso amigo Robert Allen. Por editar este livro com delicadeza e habilidade, agradeço a John Ferrone. Por ser a primeira leitora – junto a Rebecca e Robert –, agradeço a Gloria Steinem. Pelas críticas sensíveis ao manuscrito, agradeço a Kim Chernin e Renate Stendhal. Pelo exemplo inspirador de sua ousadia e de sua calma imperturbável na busca de nossos interesses comuns, agradeço à minha agente, Wendy Weil. Agradeço a Ester Hernandez por corrigir meu espanhol.

Agradeço ao Universo pela minha participação na Existência. É um prazer estar sempre presente.

O SEGREDO
DA ALEGRIA

ALICE
WALKER

Autora de
A cor púrpura

JOSE
OLYMPIO

ALICE WALKER

O SEGREDO
DA ALEGRIA

Tradução
Marina Vargas

1ª edição

JO JOSÉ
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2022

POSSESSING THE SECRET OF JOY by Alice Walker. Copyright © 1992 by Alice Walker.
Mediante acordo com a autora. Todos os direitos reservados.
Título original: *Possessing the Secret of Joy*

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Este livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.
Reservam-se os direitos desta tradução à
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 — 3º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br
e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br
ISBN 978-65-5847-109-7

Produzido no Brasil
2022

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Walker, Alice
W178s
O segredo da alegria [recurso eletrônico] / Alice Walker ; tradução Marina Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : José Olympio, 2022.
recurso digital
Tradução de: *Possessing the secret of joy*
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5847-109-7 (recurso eletrônico)
1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Vargas, Marina. II. Título.

22-79371

CDD: 813
CDU: 82-31(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

*Este livro é dedicado
com ternura e respeito
àquela que não tem culpa:
a vulva.*

Sempre me dei bem com os africanos e gostava de sua companhia, mas comandar os funcionários da fazenda, muitos dos quais tinham nos visto crescer, era diferente. Com a experiência que adquiri em meus safáris, havia começado a compreender o código de “nascimento, cópula e morte” que regia sua existência. Os negros são naturais, possuem o segredo da alegria, o que explica como conseguem suportar o sofrimento e as humilhações que lhes são infligidos. São vigorosos, física e emocionalmente, o que faz com que sejam fáceis de conviver. Mas eu ainda não havia aprendido a lidar com sua astúcia e seu instinto natural de autopreservação.

MIRELLA RICCIARDI, *African Saga*, 1982

As crianças compareceram conosco para uma cerimônia simples em Londres. E foi naquela noite, depois do jantar do casamento, quando nós todos estávamos nos preparando para deitar, que Olivia me contou o que estava perturbando seu irmão. Ele estava sentindo falta da Tashi.

Mas ele também está muito chateado com ela, Olivia falou, porque quando partimos, ela estava planejando marcar o rosto.

Eu não sabia disso. Uma das coisas que nós pensamos que tivéssemos ajudado a parar era a marcação ou o corte tribal nas faces das jovens mulheres.

Essa é a maneira como os Olinka podem mostrar que ainda conservam suas antigas tradições, Olivia falou, mesmo tendo o homem branco tirado quase todo o resto. Tashi não queria isso, mas, para fazer seu povo se sentir melhor, estava resignada. Ela também vai passar pela cerimônia de iniciação feminina, ela falou.

Oh, não, eu falei. Isso é tão perigoso. E se ela se infectar?

Eu sei, Olivia falou. Eu falei para ela que ninguém na Europa ou América corta pedaços do próprio corpo. E, de toda maneira, ela deveria ter feito isso quando tinha onze anos, se fosse mesmo fazer. Ela já está muito velha para isso agora.

Bem, alguns homens são circuncidados, eu falei, mas isso é só a remoção de um pedaço de pele.

Tashi ficou feliz sabendo que a cerimônia de iniciação não era feita na Europa ou na América, Olivia falou. Isso faz a cerimônia ainda mais valiosa para ela.

Eu entendo, falei.

A cor púrpura, 1982¹

1. Tradução de Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

Quando o machado entrou na floresta,
as árvores disseram: o cabo é dos nossos.

Mensagem em adesivo de carro

O segredo da alegria

PARTE I

Tashi
Olivia
Tashi
Olivia
Adam
Tashi
Tashi
Tashi
Tashi
Adam
Adam

PARTE II

Tashi
Adam
Tashi

PARTE III

Evelyn
Adam
Evelyn
Evelyn

Evelyn
Evelyn-Tashi
Tashi-Evelyn
Tashi-Evelyn
Adam
Olivia

PARTE IV

Tashi
Tashi-Evelyn
Adam
Tashi
Mzee

PARTE V

Olivia
Bentu Moraga (Benny)
Adam
Lisette

PARTE VI

Tashi-Evelyn

PARTE VII

Evelyn
Adam

PARTE VIII

Lisette
Evelyn
Pierre

PARTE IX

Evelyn

PARTE X

Evelyn

Tashi-Evelyn

PARTE XI

Evelyn

Evelyn

Adam

Evelyn-Tashi

Adam

PARTE XII

Tashi-Evelyn

Adam

PARTE XIII

Evelyn

PARTE XIV

Evelyn-Tashi

Benny

Adam

Tashi-Evelyn

Olivia

PARTE XV

Tashi-Evelyn

M'lissa

Evelyn-Tashi

PARTE XVI

Tashi-Evelyn

M'lissa

Tashi

M'lissa

PARTE XVII

Tashi

PARTE XVIII

Evelyn-Tashi

PARTE XIX

Olivia

Olivia

Tashi

M'lissa

PARTE XX

Adam

Tashi-Evelyn-Sra. johnson

PARTE XXI

Tashi-Evelyn

Tashi-Evelyn-Sra. Johnson

Alma de Tashi Evelyn Johnson

Ao leitor

Agradecimentos

PARTE I

TASHI

Demorei um longo tempo para perceber que estava morta.

E isso me lembra de uma história: Era uma vez uma bela e jovem pantera que vivia com seu marido e a primeira esposa dele. Seu nome era Lara e ela era infeliz porque o marido e a primeira esposa eram muito apaixonados um pelo outro; se eram amáveis com ela, era apenas para cumprir um dever que a sociedade das panteras lhes impunha. Os dois nem mesmo queriam aceitá-la como uma segunda esposa em seu casamento, já que eram perfeitamente felizes. Mas ela era uma fêmea “extra” no grupo, e isso era inaceitável. Às vezes, o marido farejava seu hálito e outras emanções de seu ventre. Às vezes, até fazia amor com ela. Mas sempre que isso acontecia, a primeira esposa, que se chamava Lala, ficava aborrecida. Ela e o marido, Baba, discutiam, depois brigavam, rosnando, mordendo e açoitando os olhos com o rabo. Mas logo se cansavam e ficavam agarrados nas patas um do outro, se lamentando.

Eu *tenho* que fazer amor com ela, dizia Baba a Lala, a companheira que seu coração havia escolhido. Ela é tão minha esposa quanto você. Não planejei que as coisas fossem assim. Esse foi o arranjo que coube a mim.

Eu sei, meu querido, respondia Lala, em meio às lágrimas. E a dor que sinto é o que coube a mim. Não é justo.

Então os dois se sentavam em uma pedra na floresta, extremamente infelizes. E Lara, a indesejada, àquela altura grávida e doente, ficava desolada. Todos sabiam que não era amada, e nenhuma outra pantera

queria compartilhar o marido com ela. Dias se passavam sem que ouvisse nenhuma outra voz além da sua própria voz interior.

Então, começou a escutá-la.

Lara, dizia a voz, sente-se aqui, onde o sol pode beijá-la. E ela obedecia.

Lara, dizia a voz, deite-se aqui, onde a lua pode fazer amor com você a noite toda. E ela obedecia.

Lara, disse a voz uma bela manhã, depois de muitos beijos e noites de amor, sente-se aqui, nesta pedra, e contemple sua bela imagem nas águas calmas do riacho.

Tranquilizada pela voz interior que a guiava, Lara sentou-se na pedra e inclinou-se sobre a água. Contemplou o focinho macio e cor de berinjela, as orelhas delicadas e pontudas, o pelo negro, liso e reluzente. Ela *era* bonita! E era beijada pelo sol e amada pela lua.

Durante todo o dia, Lara ficou contente. Quando a primeira esposa perguntou, temerosa, por que ela estava sorrindo, Lara limitou-se a alargar ainda mais o sorriso. A pobre primeira esposa saiu correndo, trêmula, em busca do marido, Baba, e o arrastou de volta para que ele visse Lara.

Quando viu a sorridente, beijada e amada Lara, Baba mal pôde esperar para colocar as patas nela! Percebeu que ela estava apaixonada por outro, e isso despertou toda a sua paixão.

Enquanto Lala chorava, Baba possuiu Lara, que, por cima do ombro dele, olhava para a lua.

A cada dia que passava, Lara se convenciu de que a Lara no riacho era a única que valia a pena possuir — tão linda, beijada e amada. E sua voz interior lhe assegurava que isso era verdade.

Então, em um dia quente, quando não conseguia mais suportar os gritos e gemidos de Baba e Lala enquanto tentavam arrancar as orelhas um do outro por causa dela, Lara, que a essa altura estava praticamente indiferente a ambos, se inclinou sobre a água e beijou seu reflexo sereno, e continuou a beijá-lo até o fundo do riacho.

OLIVIA

Era assim que Tashi se expressava.

Mesmo quando ainda criança, era essa sua maneira de falar e evitar o assunto. Sua mãe, Catherine, cujo nome tribal era Nafa, costumava mandá-la à aldeia para comprar fósforos, que custavam um centavo cada. Tashi recebia três centavos, dos quais sempre acabava perdendo ao menos um pelo caminho. A história que ela contava sobre a moeda perdida poderia ser mais ou menos assim: ao notar o brilho no copo d'água onde ela havia guardado temporariamente as moedas por segurança e por deleite estético, um pássaro gigante se precipitara do céu em um voo rasante, batendo as asas com tanta força que o copo d'água caíra de sua mão e, quando voltou a olhar, tendo escondido o rosto da criatura por medo do grande bico da criatura e de suas asas estendidas — ah, não! A moeda tinha desaparecido.

A mãe a repreendia, colocava as mãos na cintura, balançava a cabeça, desolada, e soltava um lamento de autocomiseração para os vizinhos por ter uma filha que era uma mentirosa incorrigível.

Tashi e eu tínhamos mais ou menos a mesma idade, seis ou sete anos. Lembro-me como se fosse ontem da primeira vez que a vi. Ela estava chorando, e as lágrimas deixavam um rastro na terra que cobria seu rosto. Pois, ao se reunir para nos receber, nós, os novos missionários, os aldeões haviam levantado uma nuvem de poeira, avermelhada e pegajosa por causa da umidade. Tashi estava de pé atrás de Catherine, sua mãe, uma mulher baixinha e de costas excessivamente arqueadas, com uma expressão inflexível no rosto negro e marcado por rugas, e a princípio apenas a mão dela era visível — uma mãozinha e um bracinho escuros,

como os de um macaco, em torno das pernas da mãe, agarrando sua longa saia cor de hibisco. Então, quando nos aproximamos, meu pai, minha mãe, Adam e eu, mais partes dela surgiram enquanto espiava de trás do corpo da mãe para nos observar, espantada.

Nós devíamos ser uma visão e tanto. Tínhamos passado semanas caminhando até chegar à aldeia de Tashi e estávamos cobertos da poeira e dos traumas da viagem. Lembro-me de olhar para meu pai e pensar em como era um milagre termos conseguido de alguma maneira chegar à aldeia dos Olinka sobre a qual ele tanto falara — depois de atravessar matas, pradarias, rios e países inteiros repletos de animais.

Vi que ele também havia reparado na presença de Tashi. Meu pai gostava de crianças e costumava afirmar que não poderia haver uma comunidade feliz enquanto nela houvesse uma criança infeliz. Impossível!, dizia, dando um tapa no joelho para enfatizar suas palavras. Uma criança que chora é uma maçã podre no cesto da tribo! Teria sido difícil ignorar Tashi porque, embora muitos dos rostos que nos cumprimentavam aparentassem tristeza, ela era a única que chorava. Sem, no entanto, emitir um som sequer. Tinha a cabecinha raspada e o rosto marrom estava inchado pelo esforço para conter as emoções e, exceto pelas lágrimas, que eram tão abundantes que escorriam em profusão pelas bochechas, tinha sido bem-sucedida. Seu desempenho era notável.

Ao longo de todo aquele dia dedicado a nos dar boas-vindas, Tashi e a mãe não apareceram mais. Ainda assim, meu pai quis saber delas. Por que a garotinha estava chorando?, perguntou, no olinka rudimentar que havia acabado de aprender. Os anciãos não pareciam compreendê-lo. Ajeitando as vestes, olharam com cordialidade para ele, para nós e uns para os outros antes de responder, procurando por cima das cabeças das pessoas ali reunidas: Que garotinha, pastor? Não há nenhuma garotinha chorando aqui.

E Tashi e a mãe de fato pareciam ter desaparecido para sempre. Ficamos um longo tempo sem vê-las; passaram várias semanas na fazenda de Catherine, que ficava a um dia de caminhada da aldeia. Uma tarde, na hora das vésperas, elas apareceram, ambas usando vestidos novos de tecido xadrez cor-de-rosa típicos das missionárias cristãs — longos, com mangas compridas, colarinho fechado e grandes bolsos

floridos —, o rosto marcado pela expressão de perplexidade e cautela instintiva que Catherine demonstrava sempre que encontrava “o Pastor”, como todos chamavam meu pai, ou a “Mãe Pastora”, como chamavam minha mãe.

Não sabíamos que uma das irmãs de Tashi havia morrido na manhã em que chegamos à aldeia. Seu nome era Dura, e ela havia sangrado até a morte. Isso foi tudo que disseram a Tashi; tudo que ela sabia. De modo que, enquanto brincávamos, se espetasse o dedo em um espinho ou ralasse o joelho e visse o menor vestígio do próprio sangue, ela entrava em pânico, até que, pouco a pouco, passou a brincar sem correr nenhum risco e até aprendeu a costurar de maneira exageradamente cuidadosa, usando dois dedais.

Com o tempo, acabou esquecendo por que a visão do próprio sangue a aterrorizava. E isso se tornou um dos motivos para as outras crianças implicarem com ela. Uma das coisas que a faziam chorar.

Anos depois, nos Estados Unidos, Tashi começaria a se lembrar do que havia me contado ao longo dos anos, durante nossa infância. Que Dura era sua irmã favorita. Que era teimosa e barulhenta e gostava tanto de mel no mingau, que às vezes roubava um pouco da porção de Tashi. Que no período que antecederia sua morte, ela estava muito animada. De repente, havia se tornado o centro das atenções e recebia presentes todos os dias. Sobretudo coisas com as quais se enfeitar: miçangas, pulseiras, folhas secas de hena para tingir de vermelho o cabelo e as palmas, mas também um quadro escolar e um lápis esquisito. Retalhos de tecido de cores vibrantes para que fizesse um lenço de cabeça e um vestido. A promessa de sapatos!

TASHI

Havia uma cicatriz no canto de sua boca. Ah, minúscula e apagada, como uma sombra. No formato de uma banana ou de uma meia-lua em miniatura. No formato de uma foice com as pontas voltadas para sua orelha; quando sorria, a pequena sombra parecia recuar para sua bochecha, logo acima de seus dentes, que eram muito brancos. Enquanto ainda engatinhava, ela havia pegado um graveto em brasa que se projetava do fogo e o havia levado à boca.

Isso tinha acontecido muito antes do meu nascimento, mas eu conhecia essa história porque me fora contada muitas vezes: a expressão aturdida de Dura quando o graveto se grudou a seu lábio e como ela, em vez de afastá-lo, havia chorado penosamente, os braços estendidos, esperando que alguém fosse ajudá-la. Não, eles riam ao contar a história, não apenas ajudá-la, mas salvá-la.

E alguém a ajudou?

Atrás de sua mesa, o curandeiro branco rabisca algumas palavras; diante dele há pequenas figuras de pedra e barro representando deuses e deusas africanos do Egito Antigo. Reparei nelas antes de me deitar no divã, que é coberto por um tapete tribal.

Penso e repenso, mas não consigo me lembrar do resto da história. O som das risadas me detém antes que eu consiga chegar à parte em que minha irmã Dura é resgatada. Sei que o graveto, reduzido a cinzas, finalmente caiu, depois de queimar a pele. Mas será que minha mãe ou uma das outras esposas se apressou em tomar a criança chorosa nos braços? Será que meu pai estava por perto? Fico frustrada porque não consigo responder às perguntas do médico. E sinto a presença dele, bem

atrás da minha cabeça, a caneta pronta para finalmente registrar no papel a psicose de uma mulher africana para a glória suprema de sua profissão. Foi Olivia quem me trouxe aqui, para que eu me consultasse não com o pai da psicanálise, pois ele morreu, um homem cansado e perseguido. Mas com um de seus filhos, cuja imitação dele — incluindo os cabelos e a barba escuros, as estatuetas egípcias na mesa, o divã coberto de tapete tribal e o charuto, que cheira a amargura — talvez me cure.

OLIVIA

Vocês não podem se esquecer de nós, dizia Tashi. E nós ríamos, porque na América era muito fácil esquecer a África. O que a maioria das pessoas lembrava era estranho, porque, ao contrário de nós dois, nunca tinham estado lá.

ADAM

Talvez seja estranho, mas não me lembro do dia em que fui apresentado à Tashi. As crianças não são exatamente “apresentadas”, não é? A menos que seja uma ocasião formal; o que, pensando bem, nossa chegada a Olinka certamente deve ter sido. Quando chegamos, os aldeões sorriam ansiosos para nós, vestidos com suas melhores roupas, coloridas e exíguas. Havia comida cozinhando em panelas e sendo assada em espetos. Serviram-nos até mesmo uma bebida morna com sabor de melão que me fez pensar com nostalgia em limonada. Reparei nos meninos da minha idade, os joelhos ossudos e a cabeça raspada. Sua quase nudez. Reparei nos homens: as marcas tribais parecidas com sementes nas bochechas e os amuletos gordurosos que usavam em volta do pescoço. Reparei na poeira e no calor. Nas moscas. Reparei nos seios longos e achatados das mulheres que trabalhavam de peito nu, com bebês nas costas, enquanto varriam e limpavam a aldeia como se esperassem passar por uma inspeção. Eu era jovem demais para ficar constrangido com sua nudez parcial, então fiquei olhando, boquiaberto, até que Mamãe Nettie me cutucou firmemente nas costas com a ponta da sombrinha.

E agora, quando Olivia diz: Mas você *não* se lembra, Adam, Tashi estava *chorando* quando a conhecemos!, não sei o que dizer. Porque essa não é a garotinha em minhas recordações. A Tashi de quem me lembro estava sempre rindo e inventando histórias, ou saltitando alegremente pela aldeia, indo comprar coisas para a mãe.

Às vezes, acho que Olivia e eu nos lembramos de duas pessoas completamente diferentes, e agora, como já faz muitos anos que Tashi e

eu convivemos, acho que minha lembrança dela quando criança com certeza é a mais próxima da verdade. Mas e se não for?

TASHI

As pessoas não paravam de repetir: *Você não deve chorar!*

Essa gente nova vai viver entre nós, e recebê-los às lágrimas pode nos trazer azar. Eles vão pensar que nós batemos em você! Sim, entendemos que sua irmã morreu, mas... agora é hora de botar um sorriso no rosto e dar as boas-vindas aos estrangeiros. Se não se comportar, teremos que pedir à sua mãe que a leve para outro lugar.

Como eu poderia acreditar que aquelas eram as mesmas mulheres que havia conhecido a vida inteira? As mesmas mulheres que conheciam Dura? E que Dura conhecia? Mulheres para quem ela comprava fósforos ou rapé quase todos os dias, para quem carregava jarros de água na cabeça.

Era um pesadelo. De repente, era proibido falar da minha irmã. Ou chorar por ela.

Vamos embora daqui, Mamãe, disse eu, por fim, em desespero. E minha mãe, o rosto severo, tomou minha mão e saiu caminhando comigo em direção à nossa fazenda.

Permanecemos lá por sete semanas; muito depois de terem terminado as colheitas. Havia um garoto que morava nas fazendas e que poderia muito bem ter cuidado dos nossos lotes se tivéssemos decidido voltar para a aldeia. Mas minha mãe e eu ficamos até depois de os amendoins terem sido colhidos e colocados para secar em pequenas choupanas redondas que de longe parecem diminutos chapéus. Em seguida, arrancamos os amendoins de suas hastes amareladas e ressequidas e carregamos montes deles para a aldeia em nossas costas.

Como eu me sentia pequena, em especial agora que Dura não estava mais por perto para que eu me comparasse a ela. Não estava mais lá para me provocar, dizendo que eu tinha crescido talvez o equivalente à espessura de uma moeda, mas ainda não a havia alcançado... E lá estava minha mãe, marchando à minha frente, as costas praticamente dobradas ao meio por causa do peso dos amendoins.

Nunca vi ninguém trabalhar tão duro quanto minha mãe, ou fazer sua parte do trabalho com dignidade mais resignada.

Tashi, dizia ela, apenas o trabalho duro preenche o vazio.

Mas antes eu não a compreendia.

Agora, com o olhar fixo na parte de trás de suas pernas, reparava em como elas às vezes estremeciam sob o esforço de subir uma colina íngreme; pois havia uma sucessão de colinas entre nossa fazenda e a aldeia. Na verdade, a fazenda ficava em um clima completamente diferente: quente e úmido, graças ao rio e ao que restava de floresta, enquanto a aldeia, com poucas árvores, era quente e seca. Observei a casca esbranquiçada dos calcanhares de minha mãe e senti com um aperto em meu coração que o peso da morte de Dura pesava sobre seu espírito como os amendoins que curvavam suas costas. Enquanto ela cambaleava sob seu fardo, eu quase esperava que suas pegadas, nas quais me esforçava para pisar, manchassem meus próprios pés com lágrimas e sangue. Minha mãe nunca chorava, embora, como o restante das mulheres, quando era chamada a saudar em coro o poder do chefe e de seus conselheiros, ela fosse capaz de soltar um grito de louvor doloroso que fazia estremecer até mesmo os céus.

TASHI

As mulheres negras, disse o médico, dentre todas as pessoas, são consideradas as mais difíceis de ser efetivamente analisadas. Você sabe por quê?

Como eu não era uma mulher negra, hesitei antes de responder. Senti-me negada ao me dar conta de que nem mesmo meu psiquiatra era capaz de ver que eu era africana. Ao me dar conta de que, para ele, todas as pessoas pretas eram simplesmente negros.

Já fazia vários meses que me consultava com ele. Alguns dias eu falava; outros não. Havia uma escola do outro lado da rua. Eu ouvia os rumores das crianças brincando e muitas vezes esquecia onde estava, esquecia por que estava ali.

O fato de eu ter apenas um filho o deixara surpreso. Considerava isso incomum para uma mulher de cor, fosse ela casada ou não. Seu povo gosta de ter muitos filhos, dissera ele.

Mas como eu poderia contar para aquele estranho sobre os filhos que havia perdido? E sobre como os perdera? Ficava sem palavras diante de tudo que uma pessoa como ele não poderia saber.

As mulheres negras, disse o médico diante do meu silêncio, não podem ser analisadas efetivamente porque não conseguem culpar a própria mãe.

Culpá-la por quê?, perguntei.

Por qualquer coisa que seja, respondeu ele.

É um pensamento novo. E, surpreendentemente, desencadeia uma espécie de explosão no estofado macio e denso da minha mente.

Mas não digo nada. À minha frente, os calcanhares endurecidos e esbranquiçados avançam com dificuldade pelo caminho. O vestido flutuando acima deles é apenas um trapo, mal pode ser chamado de roupa. A cesta de amendoins pendurada por uma tira que cinge sua testa e deixa um sulco em sua carne. Quando abaixa a cesta, o sulco na testa permanece. Aos domingos, ela usa um lenço na tentativa de escondê-lo. Mulheres africanas como minha mãe dão um significado particularmente duro à expressão “testa sulcada de rugas”.

Ainda assim, o cesto em si é lindo e bem-feito, com um padrão vermelho e ocre que ninguém trança com mais perfeição do que ela. Tento me concentrar apenas nisso, mas não consigo.

Não levei sua gravidez a termo, contou-me ela, porque um dia, quando voltava do banho no rio, dei de cara com uma fêmea de leopardo. Ela estava agindo de forma estranha, e veio para cima de mim.

Tento imaginar um leopardo no caminho entre nossa fazenda e a aldeia. Agora há apenas cães-selvagens e chacais, nada tão bonito quanto um leopardo.

M’Lissa foi cuidar de mim.

E meu parto foi fácil?

Mas ela apenas olha por cima da minha cabeça, pela lateral da minha orelha. Claro, murmura. Claro que foi.

Mais tarde, descobrimos que alguém havia abatido a tiros e esfolado seu companheiro e seus filhotes, suspira minha mãe.

E essa foi a história oficial do meu nascimento.

Então minha mente também se descolou de mim mesma e da provação de minha mãe e se aventurou no mundo da fêmea de leopardo. Logo, podia vê-la claramente, lambendo a cria ou acasalando com seu companheiro. Lá, sob a sombra entrecortada das acácias. Então, um estrondo como o de um trovão, e todos aqueles que amava foram abatidos em um instante. E ela, para sua grande vergonha, se viu forçada a fugir, impelida pelo medo, enquanto sentia o cheiro do sangue e diante de seus olhos via os corpos estendidos no chão. Mais tarde, ao voltar, encontraria todos aqueles que amava exatamente como os deixara, mas com os corpos mortos rígidos e esfolados.

Senti o horror no coração da fêmea de leopardo, e a raiva. E agora vejo uma humana grávida no caminho e vou pular no pescoço dela.

As outras crianças costumavam rir de mim. Olhem só para ela!, gritavam. Venham ver como Tashi está no mundo da lua. Olhem como os olhos dela ficam vidrados!

TASHI

Olivia implorou que eu não fosse. Mas ela não entendia.

Havia um pássaro que sempre cantava quando amigos se despediam para sempre, embora os missionários não acreditassem nisso. Chamava-se Ochoma, o pássaro da despedida. Eu o ouvi cantar enquanto Olivia suplicava que eu não fosse. Mas eu era arrogante, e montei no jumento que os Mbele haviam enviado para mim.

Ouvi Olivia tentando controlar a respiração enquanto segurava as rédeas. Ela estava chorando, e havia uma parte de mim que desejava pisoteá-la.

Ela era como um amante.

Me peça o que quiser, e eu farei, disse ela.

Por você, irei a qualquer lugar, disse ela.

Só não faça isso consigo mesma, *por favor*, Tashi.

Os estrangeiros eram muito mais melodramáticos do que os africanos jamais ousariam ser, e isso me enchia de desprezo por eles.

Somos amigas de quase toda a vida. Não faça isso conosco, insistiu ela.

Soluçava como uma criança.

Não faça isso com Adam.

Eu tinha em minha mente uma imagem extravagante e poderosa de mim mesma. Estava montada no jumento como uma chefe tribal, uma guerreira. Nós, que um dia possuímos nossa aldeia e hectares e mais hectares de terras ao redor dela, agora não possuíamos mais nada. Tínhamos sido reduzidos à posição de pedintes — exceto pelo fato de que não havia ninguém a quem recorrer no deserto em que vivíamos.

Eles estão certos, disse eu a ela do alto da minha posição, montada no jumento, quando dizem que você e sua família prepararam o terreno para a chegada dos brancos.

Ela parou de chorar, enxugou os olhos com as costas da mão e quase riu.

Tashi, disse ela, você ficou louca?

Eu estava louca. Caso contrário, por que não conseguia encará-la? Olhei de soslaio para a lateral de seu rosto e deixei meus olhos deslizarem sobre o topo de sua cabeça. Seus cabelos espessos estavam divididos em duas tranças que se cruzavam na nuca, do jeito que ela sempre os prendia. Olivia nunca usaria as tranças nagô em leque que eram comuns entre as mulheres Olinka.

Meu peito estava nu. Eu tinha tirado a parte de cima do vestido xadrez de missionária e o resto estava enrolado de maneira displicente sobre meus quadris. Sem rifle nem lança, eu segurava uma longa vara com a qual espetava o chão perto de seus pés.

A única coisa que me importa agora é a luta do meu povo, falei. Você é uma estrangeira. Quanto mais cedo você e sua família voltarem para casa, melhor.

Jesus Cristo, disse ela, exasperada.

Ele também é um estrangeiro, zombei. Finalmente consegui olhá-la nos olhos. Detestava a maneira como seus cabelos estavam penteados.

Quem você e seu povo pensam que são para não nos aceitarem como somos? Para nunca adotarem nenhum dos nossos costumes? Somos sempre nós que temos que mudar.

Cuspi no chão. Era uma demonstração de desprezo que apenas os Olinka muito velhos sabiam usar em sua mais completa expressão.

Olivia, que conhecia o gesto, pareceu murchar no calor sufocante.

Vocês querem nos mudar para nós ficarmos parecidos com vocês, continuei. E com quem *vocês* se parecem? Por acaso sabem?

Cuspi na terra de novo, embora tenha apenas feito o som de uma cusparada; minha boca e minha garganta estavam secas.

Vocês são negros, mas não são como nós. Olhamos para você e seu povo com pena, disse eu. Vocês mal têm a pele negra, estão desbotando.

Eu disse isso porque a pele dela era da cor do mogno, enquanto a minha era da cor do ébano. Em tempos mais felizes, eu pensava apenas

em como nossos braços ficavam lindos quando, admirando nossas pulseiras feitas de capim, nós os estendíamos lado a lado.

De repente, ela começou a se afastar do jumento, com uma postura resignada.

Eu ri.

Vocês nem sabem o que perderam! E a audácia de nos trazer um Deus que outra pessoa escolheu para vocês! É a mesma coisa que essas tranças idiotas que você usa e esse vestido longo com esse colarinho fechado idiota neste calor!

Por fim, ela falou.

Vá, disse, erguendo o queixo com tristeza. Eu não sabia que você me odiava.

Ela disse isso com a serenidade dos derrotados.

Cravei os calcanhares nos flancos do jumento e trotamos para fora do acampamento. Passei por crianças barrigudas e com olhos moribundos que as faziam parecer muito sábias. Velhos deitados à sombra das rochas, mal se movendo em suas pilhas de trapos. Mulheres fazendo ensopado com ossos. Tínhamos sido despojados de tudo, exceto de nossa pele negra. Aqui e ali uma face desafiadora exibia a marca de nossa tribo, que definhava. Essas marcas me davam coragem. Eu queria uma marca como aquela para mim.

Meu povo um dia foi inteiro e preenche de vida.

Dei as costas para minha irmã do coração e me afastei depressa de seu rosto ferido. E me reconheci como a fêmea de leopardo em seu caminho.

TASHI

E os seus sonhos?, me pergunta o médico um dia.

Respondo que não sonho.

Não ousou contar a ele sobre o sonho apavorante que tenho todas as noites.

ADAM

Sua mulher se recusa a falar sobre o que sonha, diz o médico, enigmático. Acima do divã no qual imagino Evelyn deitada, há uma figura azul da deusa Nut. O corpo feminino arqueado representando o céu noturno. Fico sentado, inquieto, as palmas úmidas pousadas sobre as garras nas quais terminam os braços da cadeira, como se fosse um espião sendo interrogado.

Dou de ombros. Definitivamente não posso falar sobre isso.

Mas no mesmo instante sou levado de volta à nossa cama, compartilhando a noite e os terrores que assaltam minha esposa. Ela está sentada, apertando o travesseiro contra o peito. Seus olhos estão arregalados e ela treme de medo.

Há uma torre, diz ela. Acho que é uma torre. É alta, mas estou lá dentro. Nunca sei ao certo como ela é do lado de fora. No início está fresco, mas à medida que você vai descendo para onde estou presa, o lugar vai se tornando úmido e frio também. Está escuro. Ouço um ruído repetitivo e incessante que é como o leve arranhar das unhas de um bebê sobre uma folha de papel. E milhões de coisas se movem e roçam em mim na escuridão. Não consigo vê-las. E quebraram minhas asas! Vejo-as cruzadas num canto, como remos abandonados. Ah, e estão forçando algo em uma das minhas extremidades, e da outra estão ocupados puxando algo para fora. Sou comprida e gorda, da cor da saliva dos mascadores de tabaco. Que nojo! E não consigo me mover!

Eu não sabia que um dia me casaria com Tashi. Durante muitos anos, ela foi como outra irmã para mim; estava sempre na igreja paroquial, brincando com minha irmã, Olivia, e as duas muitas vezes saíam com

minha mãe. Eu a provocava de maneira incessante e tentava mandar nela. Mas, como Olivia, ela sempre se mantinha firme. Eu gostava de suas tranças em forma de leque, bem rentes ao couro cabeludo, e de seu jeito vivaz e jovial. Admirava seu autocontrole. E sua paixão por contar histórias.

Nos tornamos amantes em parte porque estávamos muito acostumados um com o outro.

Na sociedade Olinka, o maior de todos os tabus era fazer amor em campos cultivados. Era uma proibição tão veemente que ninguém se lembrava de alguém que a houvesse transgredido. No entanto, nós o fizemos. Ninguém na sociedade dos Olinka imaginava que fôssemos capazes de tal transgressão — fazer amor nos campos prejudicava as colheitas, pois, alegavam eles, se houvesse qualquer fornicção nas plantações, as plantas deixariam de crescer. Nunca fomos flagrados, e a terra seguiu produzindo como antes.

Enquanto o médico espera que eu lhe fale sobre os sonhos de Evelyn, penso em nós dois fazendo amor.

Ela sonha que foi aprisionada e que cortaram suas asas, digo, diante de seu silêncio expectante.

Quem cortaram?, pergunta o médico.

Isso, digo, eu não sei dizer.

Ela era como uma fruta carnuda e succulenta; quando não estava com ela, sonhava com a próxima vez que minha cabeça estaria entre suas pernas, meu rosto acariciado pelo ritmo suave de suas coxas. Minha língua trazendo não bebês, mas um grande prazer para nós dois. Essa forma de amar, entre seu povo, era o maior de todos os tabus.

ADAM

Eu não conseguia suportar a felicidade de meu pai e minha tia, que tinham decidido se casar durante nossa visita a Londres. Tampouco suportava a preocupação de Olivia, que se solidarizava comigo enquanto eu me debatia, sentindo falta de Tashi, embora estivesse furioso com ela. Andava a passos firmes pelas ruas de Londres até meus pés, enfiados em sapatos novos de couro duro, ficarem machucados. Apenas o clima tornava os dias suportáveis. Era primavera, e a beleza da cidade era de tirar o fôlego. Havia lilases por toda parte, e o ar estava tomado pelo som de pássaros cantando.

A Sociedade Missionária havia nos instalado em um espaçoso apartamento perto do St. James's Park, e Olivia e eu passávamos horas debaixo das árvores centenárias. Gostávamos de ficar observando os homens e as mulheres que saíam de suas casas pontualmente às quinze para as quatro, para tomar chá com outras pessoas, e passavam por nós, sussurrando discretamente. Minha janela dava para as árvores, recortadas contra tanto céu que muitas vezes eu acordava pensando que ainda estava na África.

Depois do casamento, tomei o trem e a balsa para Paris, esperando que a mudança de ares me fizesse bem. Havia também uma jovem chamada Lisette que eu desejava reencontrar.

Lisette havia nos visitado em Olinka como parte do grupo de jovens de sua igreja. Recebíamos visitantes com frequência, pessoas vindas de todo o mundo, e tratava-se de algo bastante rotineiro, até previsível e chato, mas ela e eu iniciamos uma conversa animada sobre algumas das experiências de sua família como colonos na Argélia, onde ela tinha

vivido a primeira parte da infância, e tivemos a oportunidade de passar várias horas sozinhos na companhia um do outro. Isso foi possível porque, naquela época, eu estava cuidando de um paroquiano idoso que morava nos arredores da aldeia. Ele estava no fim da vida e não havia mais ninguém para alimentá-lo e vesti-lo, então meu pai me designou essa tarefa, na esperança, suponho, de que isso me ensinasse a ser mais humilde. Eu ficava mortalmente entediado e rezava com fervor para que meu paciente soltasse as frágeis amarras que ainda o prendiam à vida e morresse, o que acabou acontecendo.

Era para esse local, a choupana de Torabe, que Lisette me seguia. Ela ficava de pé, os cabelos castanhos e a tez pálida, muito bonita, do jeito espantoso das pessoas brancas, que às vezes parecem estar em uma espécie de desacordo com a paisagem natural do entorno. Enquanto eu o alimentava, o lavava e cuidava de suas feridas — pois fazia muito tempo que ele estava acamado, envolto em trapos —, ela tagarelava alegremente sobre os encantos de Paris. Lisette falava inglês com um sotaque que o embelezava ainda mais.

Eu não conseguia acreditar que a havia encontrado com tanta facilidade. Mas logo estávamos tomando café na aconchegante casinha que ela havia herdado da avó e que ficava perto da estação de trem. Ela me contou sobre sua carreira como professora e, em seu ambiente, era eu que tinha a sensação de estar em desacordo.

Mas você não veio de tão longe para me ouvir falar sobre meus alunos franceses do ensino médio, disse ela, passando-me uma delicada fatia de bolo.

Você me parece perturbado, não? Mas para que serve?

Foi um ligeiro e encantador deslize de linguagem, e me fez rir. Era exatamente como eu me sentia.

Você mora sozinha aqui, e ninguém a incomoda?, perguntei.

Ela deu de ombros.

Ninguém se importa de você não ser casada e se sustentar sozinha?

Mais non, respondeu ela. As mulheres não são mais propriedades, acrescentou, bufando. Mesmo que só muito recentemente as francesas tenham conseguido o direito ao voto. Agora, continuou, erguendo as sobrancelhas com desdém, temos o direito de votar em qualquer homem que quisermos.

Eu abri um sorriso melancólico.

Na verdade, queria muito perguntar a ela sobre sua vida sexual. Quando, se e com quem ela fazia amor. Como se sentia quando fazia amor. Se conhecia e praticava as várias maneiras de fazer amor sem engravidar.

Em vez disso, perguntei sobre sua igreja. Se ela ainda era um membro atuante. Se sua paróquia ainda mandava grupos de jovens para a África.

Bem, para falar a verdade, respondeu ela, perdi a fé. Eu olho para minha religião e não me encontro em nenhum lugar dela. Quando era mais nova, achava que o papel da igreja era ajudar as pessoas a expandir seu espírito, mas, honestamente, as pessoas por aqui parecem mais mesquinhas do que nunca.

Ela se interrompeu de repente.

É melhor eu nem começar. O que aconteceu foi que não consegui conciliar a palavra “obediência” que a noiva diz no casamento na igreja com nenhum tipo de realização espiritual ou física para mim mesma. Eu me sentia enganada por essa palavra.

Pensei em meu pai e em Mamãe Nettie. Será que “obedecer” tinha sido uma palavra usada na cerimônia de casamento deles? E será que Mamãe Nettie ia “obedecer” a meu pai? Eu os conhecia bem o suficiente para saber que se esforçariam para agradar um ao outro; já faziam isso. Nem ele nem ela teriam a última palavra. Mas, então, por que essa palavra existia em uma cerimônia entre duas pessoas que se amavam e viviam em pé de igualdade? Bem, obviamente porque não se considerava que a mulher, de quem se exigia obediência, estivesse em pé de igualdade com o homem.

Pensei em Tashi. Toda vez que tínhamos feito amor, ela havia me desejado tanto quanto eu a desejara. Era ela quem planejava a maioria dos nossos encontros. Sempre que estávamos nos braços um do outro, o êxtase a deixava sem fôlego. Certa vez, ela disse que seu coração quase havia parado de bater. Era difícil acreditar em um prazer como o que dávamos um ao outro. Será que as outras pessoas experimentavam esse mesmo prazer?, nos perguntávamos com frequência. O rosto dos mais velhos em nossa aldeia não dava nenhuma mostra disso.

PARTE II

TASHI

Vocês vão suportar ouvir sobre o que eu perdi?, grito para os juízes, com suas perucas brancas estúpidas. E para ambos os advogados, meu advogado de defesa e o promotor designado para me processar. Dois homens africanos jovens e elegantes que não pareceriam deslocados em Londres, Paris ou Nova York. Grito para os curiosos que encaram meu julgamento como uma fonte de entretenimento. Mas, acima de tudo, grito para minha família: Adam, Olivia, Benny.

Ninguém responde a minha pergunta. O promotor reprime um sorriso porque perdi o controle. Os juízes batem com os lápis nas bandejas de chá.

Então, na manhã do dia 12 de outubro passado você não fez questão de comprar várias navalhas na loja perto da rodoviária de Ombere?

Era uma vez um homem de barba muito comprida e espessa..., comecei sem pensar. E parei apenas quando me dei conta de que o tribunal tinha explodido em gargalhadas. Até Olivia, quando olhei de soslaio para ela, estava rindo. Ah, Tashi, seu olhar parecia dizer, até mesmo aqui, em um tribunal onde sua vida está em jogo, você continua contando histórias!

Poderia fazer a gentileza de responder à pergunta, diz o jovem e elegante advogado, e não tentar agradar ou distrair a corte com seu mundo de fantasia?

Meu mundo de fantasia. Sem ele, tenho medo de existir. Quem sou eu, Tashi, rebatizada de “Evelyn” Johnson na América?

Sempre associei a navalha aos homens, a barbas e cadeiras de barbeiro. Até ir para a América, nunca teria me ocorrido usar uma para

raspar minhas pernas e axilas.

Sim, digo ao promotor, comprei três navalhas.

Por que três?, pergunta ele.

Porque eu queria ter certeza.

Certeza de quê?

De que faria o trabalho corretamente.

Você quer dizer matar a velha?

Sim.

Isso é tudo, Meritíssimos, diz ele.

Naquela noite, em minha cela, de repente me lembrei da grande navalha que tinha visto na casa do velho em Bollingen, quando estive lá com Adam. Era realmente enorme, como se tivesse pertencido a um gigante. Pensei: como o rosto de um homem pode ser tão grande; seria quase como se barbear com um machado. Estava do lado de fora, na lógia, perto da lareira, e o velho a usava, junto com um grande facão, para cortar lascas de madeira para acender o fogo. A navalha era preta e muito antiga, com dragões chineses gravados em bronze esverdeado nas laterais. A lâmina era extremamente afiada. Eu não conseguia tirar os olhos dela. O velho, ao perceber meu fascínio, colocou-a com cuidado em minhas mãos, fechando meus dedos sobre ela de forma protetora. É mesmo linda, não é?, perguntou ele, mas tive a impressão de que me observava segurar o instrumento com um olhar interrogativo.

Com a grande navalha nas mãos, olhei para o lago Zurique, maravilhada que, depois de nossa longa viagem, Adam e eu tivéssemos finalmente chegado lá.

Tínhamos voado primeiro para Londres, onde Olivia faria uma palestra na Sociedade de Teosofia, depois para Paris e em seguida para Zurique, uma cidade incrivelmente limpa e sonolenta. Na verdade, da janela do avião, toda a Suíça parecia dormir pacificamente. Tudo muito limpo e organizado, *seguro*. Antes mesmo de pisarmos lá, havia um ar de frugalidade e boa administração. Pude ver que as florestas eram cuidadosamente preservadas: onde árvores eram derrubadas, mudas eram plantadas no lugar. Parecia um país em miniatura, onde cada pequena falha poderia ser corrigida sem muita dificuldade.

Comentei com Adam como era estranho que as características dominantes daquele povo, facilmente discerníveis, estivessem impressas

na paisagem.

Mas isso é verdade em qualquer lugar, disse ele. Alguns povos, aonde quer que vão, destroem a terra, disse ele. Mas esta é a terra de um povo que nunca foi a lugar nenhum. As montanhas, disse ele, apontando para os magníficos Alpes, formam uma barreira maravilhosa.

Estávamos circundando o aeroporto, que ficava no meio de um campo. Podíamos distinguir vacas e, à medida que nos aproximávamos do chão, trevos brancos e flores silvestres amarelas.

De lá, saía um trem para Bollingen, e nós o pegamos. O trem avançava silenciosamente pelos trilhos, o condutor um sujeito jovial e de rosto corado, com cabelos louros grisalhos. Pela janela, víamos as casas em estilo chalé, hectares e mais hectares de vinhas, as familiares plantações de milho. E jardins por toda parte.

Eu nunca havia imaginado uma Suíça quente. Na minha imaginação, lá estava sempre nevando. As pessoas andavam em esquis. O chão era branco. Havia chocolate quente. O calor intenso do sol, as pessoas usando roupas de cores claras, um vendedor de sorvete em uma das estações, tudo isso me divertia. Era como se meu eu infantil, que tanto adorava imaginar as paisagens nevadas do norte, sobretudo enquanto crescia na África equatorial, estivesse ganhando um presente.

Conforme o trem se aproximava da estação, Adam começou a ficar inquieto. Partidas e chegadas sempre o perturbavam. Lembrei-me de quando chegamos à América. Sua alegria por estar, finalmente, em casa, “seguro”. E o choque por ser constantemente assediado por ser negro.

Não, não, ele costumava me corrigir. Eles se comportam assim não porque eu sou negro, mas porque eles são brancos.

Na época, tive dificuldade de entender essa distinção. Eu estava apaixonada pela América. Não achava os americanos particularmente rudes. Mas não havia mergulhado na história que o pai de Adam insistira que ele e Olivia estudassem como preparação para seu retorno ao país. Tinha a sensação de que via tudo de uma forma muito mais aberta. Pois encarava tudo como algo novo, maravilhada por estar ali. Se uma pessoa branca era rude, eu apenas me virava e a encarava. Nunca reconheci o sistema que sancionava a grosseria e sempre respondia diretamente à pessoa. Que criação pouco civilizada você teve!, era a mensagem em meu olhar.

Estávamos tão ansiosos para chegar ao fim de nossa longa viagem que, distraídos, perdemos a estação e tivemos de seguir até a seguinte, Schmerikon, um charmoso vilarejo à margem do lago. Frustrados e com calor, descemos do trem e fomos até um pequeno café perto da estação. Adam pediu um sanduíche — pois não tínhamos comido nada o dia todo —, e eu pedi pão com queijo, salada verde e limonada.

Ficamos sentados ali, à sombra de uma tília, dois negros velhos, rechonchudos e de cabelos grisalhos, o rosto brilhando de suor. Poderíamos ser modelos de uma pintura de Horace Pippin.

ADAM

A primeira coisa que notei foi seu olhar vazio. Isso me assustou.

Assim que voltamos da Inglaterra, com minha tia e meu pai devidamente casados, saí pelo país em busca de Tashi. Foi uma longa viagem, que levou meses, porque na maioria das vezes me deslocava a pé e não fazia ideia de para onde estava indo. Durante o último mês, me vi seguindo uma trilha marcada por galhos cruzados e estranhos padrões de pedras empilhadas perto de poços de água. Então, quando finalmente arrastei meu corpo maltrapilho e exausto até o acampamento Mbele, fui capturado pelos guerreiros que montavam guarda e levado para um complexo isolado para ser interrogado.

Inocente como era, a possibilidade de ser feito prisioneiro pelos que lutavam pela libertação da África não havia me ocorrido. Também achava que os Mbele, se existissem, falaria o idioma dos Olinka, ou pelo menos suaíli, que eu conhecia pouquíssimo. Mas não, aqueles combatentes tinham obviamente vindo de diferentes partes da África. Havia até mesmo, eu saberia mais tarde, uma mulher e um homem europeus e vários negros americanos de ambos os sexos no acampamento. Como os responsáveis por me interrogar não falavam nem o idioma dos Olinka nem inglês, levei um longo tempo, talvez uma semana, para fazê-los compreender que não queria lhes fazer mal, que estava apenas procurando uma pessoa. Mesmo depois de uma semana nos comunicando por meio de sinais e desenhando figuras no chão, percebi que eles não estavam convencidos. Para começar, desconfiavam dos meus sapatos, um par de sandálias inglesas robustas trazido de Londres. E é claro que meu relógio de pulso, com sua pulseira dourada

elástica, era o tipo de item de luxo pelo qual, em sua opinião e experiência, apenas uma pessoa branca poderia pagar. Propus dar a eles o relógio e os sapatos em troca da minha liberdade, mas logo ficou claro que, se decidissem que eu era de fato inofensivo, ou seja, que não era um espião, eles planejavam me recrutar para seu exército. Quando me dei conta disso, fiquei um pouco mais tranquilo. Pois descobri que, cara a cara, aqueles homens negros e frios me instilavam o medo mais covarde. Eles pensavam apenas em “negócios”. Não faziam brincadeiras entre si nem sorriam. Eu nunca tinha visto negros como meus captores antes.

Um dia, enquanto falava sem parar no idioma dos Olinka, vi um lampejo nos olhos de um deles. Acho que foi a palavra para água que o provocou. Em Olinka, a palavra para água é *barash*, e eu não parava de pedir-lhes água. Fazia calor onde estávamos, um desfiladeiro cercado por enormes penhascos rochosos que absorviam o sol escaldante o dia todo. Eu tinha a sensação de que ia morrer de sede. Sabia que levar a pesada jarra para minha choupana os desagradava. Em parte porque era pesada e era preciso carregá-la por um bom pedaço desde o rio, mas também porque carregar água não era um tarefa de homens, e sim um trabalho tradicionalmente reservado às mulheres. No entanto, como eu era um prisioneiro, e interrogar um prisioneiro no mais estrito sigilo era tarefa de homens, levar água também havia se tornado, necessariamente, um trabalho que cabia a eles.

Pouco depois que vi o brilho nos olhos do guarda, um jovem Olinka foi levado para falar comigo. Disse que seu nome era Banse, e depois que conversamos um pouco me lembrei vagamente dele. Na verdade, era de seus pais que me lembrava, pois eram cristãos fervorosos e apoiadores de meu pai e da igreja. Quando vi Banse pela última vez, ele era um garotinho. Continuava a ser muito jovem, devia ter cerca de quinze anos, com a testa alta e quadrada e olhos cautelosos e velados. Disse que no acampamento havia muitos Olinka, tanto mulheres quanto homens. E é claro que Tashi estava entre eles, mas acreditava que ela estivesse doente.

Ao ouvir isso, foi difícil me conter. Cerrei os dentes com o esforço. Já bastava que ela estivesse viva, pensei. Depois da extenuante jornada, que eu temia nunca completar, era quase impossível acreditar que Tashi, montada em seu jumento e caminhando, também tivesse sobrevivido.

Quando Banse atestou minha inocência, o comportamento dos guardas mudou de imediato. Sua postura rígida e excessivamente militar, que eles pareciam ter aprendido com o próprio Hitler, se dissolveu no passo gracioso do africano comum, que não tem nenhuma pressa. Eles sorriam e contavam piadas. Ofereciam-me chá.

O chá, explicaram, vinha dos europeus do acampamento, um dos quais era filho do dono de uma extensa plantação que havia desalojado cerca de mil africanos nômades. Bob, o filho, havia crescido na fazenda até os dez anos, quando foi enviado para um internato na Inglaterra. Os únicos negros que vira em sua casa eram os criados.

Isso foi tudo o que fiquei sabendo a respeito de Bob, o fornecedor de chá. Achei estranho que ele soubesse exatamente onde eles estavam e tivesse acesso a seu esconderijo. Mais tarde descobri que ele tinha sua própria choupana no acampamento e que passava a maior parte do tempo lá.

Bom chá!, diziam meus captores, rindo e adoçando-o generosamente com açúcar, depois brindando comigo com as xícaras cheias até a borda.

O acampamento Mbele era projetado como uma aldeia africana, só que consideravelmente mais disperso e camuflado. Não havia nenhuma choupana a céu aberto, todas ficavam aninhadas ao pé de grandes árvores ou de rochas altas. Os currais dos animais também ficavam junto à base dos penhascos, e todo o conjunto lembrava muito os antigos assentamentos dos Dogon nas escarpas, que eu tinha visto em fotografias. Se alguém estivesse em um avião, olhando lá de cima, nada, exceto talvez um fio de fumaça, teria indicado a presença humana.

Encontrei Tashi em um caramanchão rústico feito de galhos, deitada em uma esteira feita com a grama que crescia ao redor do acampamento. Enquanto estava ali, a cabeça e os ombros apoiados em uma pedra que parecia um pequeno animal, se ocupava de produzir mais esteiras. Eu não sabia dizer se ela estava feliz em me ver. Seus olhos já não brilhavam de antecipação. Estavam tão opacos como se tivessem sido pintados com tinta fosca. Havia cinco pequenos cortes em cada lado de seu rosto, como os traços que se faz para contar o placar em uma partida de jogo da velha. As pernas, esbranquiçadas e emaciadas, estavam amarradas.

Suas primeiras palavras para mim foram: Você não deveria estar aqui.

Minhas primeiras palavras para ela foram: Onde mais eu deveria estar?

Minha resposta pareceu deixá-la sem palavras. Enquanto Tashi lutava para evitar que o rosto traísse sua dor, rastejei de joelhos até onde ela estava e tomei-a em meus braços com um suspiro.

TASHI

Ele veio por mim, pensei. Ele finalmente veio, só Deus sabe como. Está maltrapilho e sujo e com os cabelos de um selvagem, ou de um louco isolado no mato. Mas está aqui. E posso ver enquanto olha para mim que não sabe se ri ou se chora. Eu sinto o mesmo. Meus olhos o veem, mas não registram sua presença. Nada sai dos meus olhos para cumprimentá-lo. É como se eu estivesse trancada atrás de uma porta de ferro.

Sou como uma galinha que vai ser vendida no mercado. Os cortes em meu rosto estão quase cicatrizados, mas ainda preciso me abanar para espantar as moscas. Moscas que são atraídas pelo cheiro do meu sangue, ávidas para se deleitar no banquete proporcionado pelas minhas feridas.

PARTE III

EVELYN

Sua dor é a do carpinteiro descuidado que bate no próprio polegar com o martelo, diz o Velho.

Ele não exerce mais sua profissão de médico da alma. Está me atendendo apenas porque sou uma mulher africana e meu caso foi recomendado a ele por sua sobrinha e também amiga e amante do meu marido, a francesa Lisette. É difícil para mim imaginar as conversas que Adam e Lisette devem ter tido a meu respeito ao longo dos anos, nas visitas semestrais que ele faz a Paris e na visita anual dela à Califórnia. Muitas vezes, quando ela chega, preciso me manter à base de calmantes. Em algumas ocasiões, me internei voluntariamente no Hospital Psiquiátrico Waverly, no qual, por ser administrado por um homem que frequenta a paróquia de Adam, sempre consigo um quarto.

Gostei do Velho de imediato. Gostava de sua altura e das costas ligeiramente curvadas; do sempre presente paletó de *tweed* pendendo de seus ombros muito magros. Gostava de seu rosto rosado e dos pequenos olhos azuis que nos olhavam de maneira tão penetrante que era difícil não virar a cabeça para tentar ver o que ele estava enxergando através de nós. Gostava até mesmo de que ele próprio às vezes tivesse um olhar de loucura igual ao meu — embora fosse um olhar benigno que parecia enxergar uma conexão entre o que quer que observasse e um propósito grandioso, inimaginavelmente vasto, muito além da compreensão humana. Em outras palavras, ele parecia alguém que em breve iria morrer. Eu achava isso reconfortante.

ADAM

A princípio, ela apenas mencionou a estranha compulsão que às vezes experimentava de querer se mutilar. Então, certa manhã, acordei e encontrei o pé de nossa cama coberto de sangue. Sem ter nenhuma consciência do que estava fazendo, disse ela, e sem sentir nada, havia talhado nos próprios tornozelos anéis, pulseiras ensanguentadas, ou correntes.

EVELYN

Eu não o temia, em parte porque não temia sua casa. Embora o aspecto exterior fosse europeu medieval, particularmente por causa dos torreões e do pequeno pátio interior de ardósia, havia no centro uma pequena choupana de pedra redonda com um grande fogão a lenha. Ele se ajoelhava ali, as velhas juntas estalando, para acender, de manhã e à tarde, o fogo sobre o qual cozinhava; e às vezes me lembrava uma velha avó africana, de alguma forma metamorfoseada em um grande curandeiro de rosto rosado naquele outro continente mais frio. Quase sempre usava algum tipo de avental. De couro, quando cortava madeira ou esculpia os pilares de pedra que ficavam perto do lago em frente à lógia, ou de algodão grosso, quando cozinhava as maravilhosas panquecas e salsichas suíças que adorava nos servir.

Seu cabelo era pálido e fino como a penugem dos cardos. Às vezes, mais para o fim de nossa visita, eu me aproximava por trás dele — enquanto estava sentado com Adam, fumando e contemplando o lago ao longe — e soprava seus cabelos. Ele então estendia as mãos para trás, agarrava meus dois braços, me puxava para a frente contra suas costas e seus ombros largos, me abraçava a ele com minha cabeça como uma lua acima da sua, e ria.

Costumávamos dizer a ele, Adam e eu: *Mzee* (Velho), você é nossa última esperança!

Mas ele apenas nos encarava, um depois o outro — um olhar grave —, e em seu inglês com forte sotaque dizia: Não, isso não é verdade. Vocês são sua última esperança.

EVELYN

Ele me colocou para desenhar. A primeira coisa que desenhei foi o encontro de minha mãe com a fêmea de leopardo em seu caminho. Pois isso, afinal, representava meu nascimento. Meu primeiro contato com a realidade. Mas desenhei, depois pintei, uma fêmea de leopardo com duas patas. Minha mãe, aterrorizada, com quatro.

Por quê?, perguntou o Velho.

Eu não sabia.

EVELYN

Benny me diz que há muita discussão, nos jornais e nas ruas, sobre se o governo de Olinka tem o direito de me levar a julgamento, já que sou cidadã americana há anos. Ele acha que existe a possibilidade de eu ser extraditada de volta para os Estados Unidos. Fica sentado, tenso, lendo para mim as anotações que fez sobre o assunto.

Às vezes, sonho com os Estados Unidos. Para grande desgosto de algumas pessoas que conheço, amo profundamente esse país e sinto muita saudade de lá. Em todos os meus sonhos, corre um rio de águas límpidas e há árvores verdejantes e frondosas; onde há ruas, elas são avenidas largas e pavimentadas, e na noite dos meus sonhos, há janelas iluminadas lá no alto, bem acima da rua; e por trás dessas janelas, sei que há pessoas aquecidas e muito limpas comendo carne. Seguras. Aqui, acordo com o cheiro pegajoso do medo e com o tradicional café da manhã composto de mingau e frutas, que não mudou desde que fui embora. Mas minhas refeições são frescas e saborosas graças a Olivia, que, por meio de suborno, conseguiu entrar na cozinha da prisão.

E se eu for extraditada para a América, serei submetida a um segundo julgamento?, pergunto.

Benny diz que não sabe ao certo; consulta suas anotações, mas acha que sim. Ele é alto e desengonçado, geralmente, de um marrom radiante. No momento, o medo o deixou opaco.

Não quero ter de passar por tudo isso outra vez na América.

O crime que dizem que cometi não faria sentido na América. Mal faz sentido aqui.

EVELYN-TASHI

O obstetra quebrou dois instrumentos na tentativa de fazer uma abertura grande o suficiente para a cabeça de Benny. Então, usou um bisturi. Em seguida, uma tesoura normalmente usada para separar cartilagem de osso. Tudo isso ele me contou quando acordei, ainda com uma expressão de pavor no rosto. Uma expressão que tentou camuflar com uma piada.

Como aquele bebê enorme (Benny pesava quatro quilos) foi parar na sua barriga, Sra. Johnson? É o que eu gostaria de saber. Ele riu, como se nunca tivesse ouvido falar da mobilidade agressiva do esperma. Tentei dar um sorriso que era incapaz de sentir, primeiro na direção dele, depois na direção do bebê em meus braços. Sua cabeça era amarela e azul e completamente deformada. Eu não tinha ideia de como moldá-la corretamente, mas esperava que, depois que o médico fosse embora, o instinto me ensinasse. Tampouco cogitava pedir a ele qualquer orientação.

Adam estava de pé ao lado da cama, envergonhado demais para falar. Sempre que ficava envergonhado ou nervoso, ele tossia; agora, pigarreava sem parar. Com meu braço livre, estendi a mão para ele, que se aproximou, mas não me tocou; o som em sua garganta fez a minha se apertar. Depois de um momento, recolhi minha mão de volta.

TASHI-EVELYN

Tive a sensação de ouvir o som alto de algo se espatifando contra o chão duro entre mim e Adam e nosso bebê e o médico. Mas houve apenas um silêncio retumbante. Que, depois de um momento, lembrou estranhamente gritos de macacos.

TASHI-EVELYN

Então era assim que uma concepção imaculada podia acontecer, disse ele com amargura, quando lhe contei que estava grávida; e ele quis dizer isso literalmente, estudioso da Bíblia que era. Depois de três meses de tentativas, Adam não conseguira me penetrar. Toda vez que me tocava, eu sangrava. Toda vez que se movia em minha direção, eu estremecia. Não havia nada que ele pudesse fazer comigo que não machucasse. Ainda assim, de alguma forma, engravidei de Benny. Depois de experimentar a dor de colocar Benny “lá dentro”, ficamos aterrorizados diante da perspectiva de seu nascimento.

Por mais indisposta que tenha ficado durante a gravidez, cuidei de mim mesma. Não suportava a ideia das enfermeiras americanas de passos rápidos olhando para mim como se eu fosse uma criatura além de sua imaginação. No fim das contas, no entanto, eu era essa criatura. Pois, mesmo enquanto dava à luz, um bando de enfermeiras, funcionários curiosos do hospital e estudantes de medicina se reuniu em volta da minha cama. Durante dias, médicos e enfermeiras de toda a cidade e, pelo que sei, de todo o estado vinham espiar por cima do ombro do meu médico enquanto ele me examinava. Havia também a questão do que fazer com “o buraco”, como o ouvi dizer, sem nenhuma tentativa de recorrer a eufemismos por minha causa.

Por fim, Adam acabou com o espetáculo que meu corpo havia se tornado e nos últimos três dias no hospital segurei Benny nos braços enquanto, gentil e disfarçadamente, alisava sua cabeça para que adquirisse contornos mais normais (um trabalho que instintivamente senti que deveria ser feito com a língua); ou, quando a enfermeira o

levava embora, eu virava o rosto para a parede e dormia. Dormia tanto, um sono tão pesado, que ela precisava me sacudir toda vez que era hora da mamada.

Meu médico me costurou de novo, mais ou menos da mesma maneira que havia sido costurada originalmente, porque, caso contrário, eu ficaria com uma ferida que nunca ia cicatrizar. Mas fez isso de tal forma que agora havia espaço para que a urina e o sangue menstrual passassem com mais facilidade. O médico também disse que agora, depois do parto, eu poderia ter relações sexuais com meu marido.

Benny, meu bebê marrom radiante, a cara de Adam, era retardado. Alguma parte pequena mas vital de seu cérebro fora danificada durante nosso ordálio. Mas, felizmente, durante o período que passei no hospital, e mesmo por anos depois, não me dei conta disso.

ADAM

Eles haviam cavado um pequeno buraco na terra abaixo dela, e aquela era sua latrina pessoal.

Tashi estava gemendo quando cheguei, e havia apenas uma velha de Olinka chamada M'Lissa para ajudá-la, além das moscas e um odor leve, mas inconfundível.

M'Lissa resmungou sobre a falta de tudo. Antigamente, disse ela, não faltaria nada a Tashi. Teria havido uma dúzia de meninas virgens iniciadas com ela, e as mães, tias e irmãs mais velhas teriam se encarregado de cozinhar (o que era importante porque havia comidas especiais que se comiam naquele período que mantinham as fezes moles, atenuando assim parte da dor da evacuação), de limpar a casa, lavar, lubrificar e perfumar o corpo de Tashi.

Eu nunca tinha falado com M'Lissa além de dizer olá. Sabia por Tashi que fora ela quem a trouxera ao mundo. Sabia que, entre os Olinka, era uma parteira e curandeira respeitada, embora aqueles que se converteram ao cristianismo e passaram a recorrer à medicina ocidental a evitassem. Fiquei surpreso ao vê-la no acampamento Mbele. Mais porque era velha e manca do que por qualquer outra razão mais ideológica. Como ela conseguira, arrastando o pé coxo, vestindo trapos, chegar tão longe de casa?

Ela só teve tempo de falar comigo no fim da tarde, quando chegou, sem fôlego, depois de passar o dia todo cuidando de outras pessoas no acampamento, para trocar Tashi de posição e lavar e lubrificar sua ferida, a que invariavelmente se referia não como uma ferida, mas como uma cura. Contou-me que a princípio estivera em um campo de refugiados

do outro lado da fronteira de Olinka; um lugar horrível, cheio de Olinka moribundos que tinham fugido da luta entre os rebeldes Mbele e os soldados do governo branco, em sua maioria pertencentes a tribos minoritárias negras que odiavam os Olinka dominantes. Eles mostraram uma crueldade que ela jamais havia visto, especializando-se em cortar os membros de seus prisioneiros. No acampamento, ela era requisitada, embora não tivesse nada além das mãos com que trabalhar. Não havia ervas, óleos, antissépticos, às vezes nem mesmo água. Havia trazido crianças ao mundo no escuro, colocado ossos no lugar e usado pedras para alisar a cartilagem saliente de membros amputados. Não havia nada para ajudá-la além da resistência infundável de seus pacientes. Foi no campo de refugiados, disse, que seu cabelo ficou completamente branco e onde, por fim, ela o perdeu por completo. Agora, continuou, passando a mão nodosa de um lado para o outro da cabeça com um ar zombeteiro, estou careca como um ovo.

As outras mulheres do acampamento, segundo M'Lissa, tinham todas passado pela cerimônia na idade apropriada. Ou logo após o nascimento, ou aos cinco ou seis anos de idade, no mais tardar no início da puberdade, aos dez ou onze anos. Ela havia argumentado com Catherine, a mãe de Tashi, para que fizesse a operação na filha enquanto ela ainda estivesse em uma idade adequada. Mas, como havia se tornado cristã, Catherine não lhe dera ouvidos. Agora, disse M'Lissa, com uma careta de justificativa, tinha sido a filha adulta quem a procurara, querendo se submeter à operação porque a reconhecia como o único traço definitivo da tradição Olinka que ainda restava. E, claro, dessa forma, acrescentou ela, Tashi não carregaria a vergonha de ser solteira.

Eu queria me casar com ela, falei.

Você é um estrangeiro, disse ela, me dispensando.

Eu ainda quero me casar com ela, insisti, pegando a mão de Tashi.

M'Lissa parecia confusa. Nada em sua experiência a havia preparado para uma possibilidade como essa.

Nunca vi as outras mulheres do acampamento. M'Lissa nos disse que todas estavam em missões de libertação. Tashi disse que achava que era tarefa das mulheres buscar comida e realizar ataques surpresa contra as plantações, a maioria das quais agora estava nas mãos de africanos leais

ao governo. Um dos principais propósitos desses ataques era recrutar novos guerreiros para engrossar as fileiras dos rebeldes Mbele.

A operação à qual havia se submetido a unia, ela sentia, àquelas mulheres, que imaginava serem fortes, invencíveis. Completamente mulheres. Completamente africanas. Completamente Olinka. Em sua imaginação, durante a longa jornada até o acampamento, elas pareciam terrivelmente corajosas, terrivelmente revolucionárias e livres. Imaginava-as saltando para o ataque. Foi só quando M'Lissa finalmente lhe disse, depois de desamarrar suas pernas, que ela poderia se sentar e dar alguns passos, que Tashi percebeu que seu próprio andar orgulhoso havia se tornado um arrastar de pés.

Ela agora demorava um quarto de hora para fazer xixi. Sua menstruação durava dez dias. Passava quase metade do mês incapacitada por cólicas. Sentia cólicas pré-menstruais: causadas pela quase impossibilidade de o fluxo menstrual passar por uma abertura tão pequena quanto M'Lissa havia deixado, depois de unir as laterais em carne viva da vagina de Tashi com espinhos e inserir um canudo para que, durante a cicatrização, a carne traumatizada não se colasse, fechando por completo a abertura; cólicas causadas pelo sangue residual que não conseguia sair, não era reabsorvido por seu corpo e não tinha para onde ir. Havia também o odor de sangue azedo que, até chegarmos à América, não importava quanto ela se lavasse, nunca sumia.

OLIVIA

Foi de partir o coração ver, quando eles voltaram, como Tashi havia se tornado apática. Não mais alegre ou travessa. Seus movimentos, que sempre foram graciosos e rápidos como sua personalidade vivaz, agora eram apenas graciosos. Lentos. Estudados. Isso se aplicava até mesmo ao sorriso, que ela nunca parecia oferecer sem pensar primeiro. Era evidente para qualquer um que ousasse olhar em seus olhos que sua alma tinha sofrido um golpe mortal.

Adam a trouxe de volta para casa pouco antes de partirmos para a América. Casou-se com ela em uma cerimônia presidida por nosso pai, mesmo que ela tivesse protestado, insistindo que, na América, ele se envergonharia dela por causa das cicatrizes em seu rosto. Na noite anterior ao casamento, Adam fez as mesmas marcas tribais Olinka em suas próprias bochechas. Seu belo rosto ficou inchado; seu sorriso, por causa da dor, impossível. Ninguém falou da outra, da cicatriz escondida entre as pernas finas de Tashi. A cicatriz que lhe dera o clássico andar da mulher Olinka, em que os pés parecem deslizar para a frente e raramente são tirados do chão. Ninguém mencionou a eternidade que ela levava para usar o banheiro. Ninguém mencionou o cheiro.

Na América, resolvemos o problema de limpar atrás da cicatriz usando uma seringa médica que parecia um conta-gotas, e isso livrou Tashi de um constrangimento tão profundo, pois ela passava metade do mês completamente isolada de qualquer contato humano, praticamente enterrada.

PARTE IV

TASHI

Em dias muito quentes, o Velho nos levava para velejar em seu barco, subindo e descendo e contornando o lago Zurique. Seu rosto corado ansioso por todo aquele sol, suas grandes mãos movendo-se habilmente em uma disputa com a maré e o vento. Sua idade de repente evidenciada apenas pelos cabelos brancos e ralos. Eu ficava abraçada ao mastro, ou então me sentava encolhida no barco e sentia o borrifar refrescante na minha pele.

O Velho e até mesmo Adam pareciam hipnotizados por meu êxtase com a água do lago, que era para mim um pequeno mar. Sentia os olhos deles sobre mim, cheios de aprovação.

Ja, o Velho disse a Adam. Sua esposa está *radiante*.

Ja, pensei comigo mesma. Talvez isso seja um bom sinal.

TASHI-EVELYN

À noite, o Velho colocava música para nós. Música da África, da Índia, de Bali. Ele tinha uma coleção de discos impressionante, que ocupava uma parede inteira de sua casa. Mostrou-nos filmes granulados em preto e branco, gravados em suas viagens. Foi durante a exibição de um desses filmes que algo estranho me aconteceu. Ele estava explicando uma cena na qual havia várias crianças pequenas deitadas em uma fileira no chão. No início, achou que fossem meninos, o que pude ver de imediato que não eram, embora tivessem a cabeça raspada e todas vestissem uma pequena tanga. Presumira, contou ele, que havia interrompido inadvertidamente uma espécie de cerimônia ritual que tinha algo a ver com a preparação daquelas crianças para a vida adulta. Em todo caso, tudo havia parado no momento em que ele e seu grupo entraram no espaço ritual. E o que também foi estranho, disse ele, foi que ninguém disse uma palavra, ninguém se moveu, enquanto ele e seu grupo estavam lá. Eles literalmente congelaram enquanto a câmera percorria a área. As crianças permaneceram no chão em uma pequena fileira, deitadas de costas, bem juntas umas das outras, os adultos simplesmente pararam no meio da atividade e ficaram sem se mover e, ao que parecia, até mesmo sem ver. Só que — ele riu, reacendendo o cachimbo, que havia se apagado, como acontecia com frequência quando falava — havia um grande galo de briga (que agora vimos quando entrou majestosamente no quadro), e ele circulava por toda parte com bastante liberdade, cacarejando com vigor (era um filme mudo, mas era possível perceber com clareza os esforços que fazia), e esse foi o único som e o único movimento enquanto estivemos lá.

O filme continuou, mas de repente senti um medo tão avassalador que desmaiei. Silenciosamente. Deslizei da minha cadeira para o tapete de cores vibrantes que cobria o chão de pedra. Foi exatamente como se eu tivesse sido atingida na cabeça. Exceto pelo fato de que não senti dor.

Quando voltei a mim, estava deitada no quarto de hóspedes, no andar de cima do torreão. Adam e o Velho estavam curvados sobre mim. Não havia nada que eu pudesse dizer a eles; eu não poderia dizer: a imagem de um galo de briga, filmada vinte e cinco anos antes, me deixou aterrorizada. Então ri da minha condição e disse que tinha sido causada por excesso de felicidade, por ter velejado em grandes altitudes.

O Velho parecia cético e não demonstrou surpresa quando, na tarde do dia seguinte, comecei a pintar o que se tornou uma série bastante extensa de galos de briga cada vez maiores e mais temíveis.

E então um dia, no canto da minha pintura, desenhei um pé. Suando e tremendo enquanto trabalhava, porque de repente percebi que havia alguma coisa, alguma coisinha que o pé estava segurando entre os dedos. Era por essa coisinha que o galo gigante esperava enquanto cacarejava impaciente, esticando o pescoço, arrepiando as penas e se pavoneando.

Não há palavras para descrever quão miserável eu me sentia enquanto pintava. O quão nauseada ficava enquanto o galo crescia cada vez mais, e o pé descalço com sua guloseima insignificante se aproximava firmemente do que eu achava que seria a crise, o momento insuportável, para mim. Pois, enquanto pintava, transpirando, tremendo e gemendo baixinho, sentia que cada parte do meu corpo, cada circuito de conexão do meu cérebro, estava fazendo um esforço para se desligar. Era como se a metade maior do meu ser estivesse tentando matar a metade menor, e, enquanto pintava — agora diretamente na parede do quarto, porque só ali eu poderia pintar o galo tão grande como agora parecia ser: ele fazia eu me sentir minúscula —, eu arrastava o pincel para colorir cada magnífica pena verde iridescente, cada sinistra mancha dourada em seu olho colossal, vermelho e ameaçador.

O pé também cresceu. Mas nem de longe tanto quanto o galo.

Quando olhou para ele, o Velho disse: Afinal, Evelyn, é um pé de homem ou um pé de mulher?

A pergunta me desnorteou de tal maneira que não consegui responder, apenas segurei a cabeça entre as mãos na pose clássica dos

profundamente loucos.

O pé de um homem? O pé de uma mulher?

Como eu ia saber?

Mas então mais tarde, no meio da noite, me vi pintando um padrão chamado “a estrada insana”, um emaranhado de cruces e pontos que as mulheres faziam com lama no tecido de algodão que teciam na aldeia quando eu era criança. E de repente soube que o pé sobre o qual havia pintado esse padrão era de uma mulher, e que eu estava pintando a barra de um dos mantos esfarrapados de M’Lissa.

Enquanto pintava, lembrei-me, como se uma tampa tivesse sido levantada do meu cérebro, do dia em que havia me esgueirado, escondida em meio ao capim-elefante, até a choupana isolada de onde vinham uivos de dor e terror. Debaixo de uma árvore, no chão batido do lado de fora da choupana, havia uma fileira de garotinhas atordoadas, embora não parecessem tão pequenas a meus olhos. Todas eram alguns anos mais velhas do que eu. Da idade de Dura. Dura, porém, não estava entre elas; e eu soube instintivamente que era ela quem estava sendo segurada e torturada dentro da choupana. Eram de Dura aqueles gritos desumanos que rasgavam o ar e gelavam meu coração.

De súbito, fez-se silêncio lá dentro. E então vi M’Lissa sair arrastando os pés, arrastando sua perna manca, e a princípio não percebi que ela estava carregando alguma coisa, pois era tão insignificante e impuro que ela o carregava não nas mãos, mas entre os dedos dos pés. Uma galinha — uma galinha, não um galo — estava raspando inutilmente a terra entre a choupana e a árvore onde jaziam as outras garotas, depois de terem sido submetidas a seu próprio tormento. M’Lissa levantou o pé e jogou o pequeno objeto na direção da galinha, que, como se estivesse esperando por esse momento, correu em direção ao pé virado de M’Lissa, localizou o objeto arremessado no ar e depois no chão e, em um movimento rápido de bico e pescoço, engoliu-o.

ADAM

Querida Lisette,

Como gostaria de vê-la, abraçá-la, ouvir suas sábias palavras. Passei a noite em claro, e estou escrevendo da lógia, à luz de uma vela, enquanto o sol nasce por trás do lago. Este lugar é tão bonito e tão tranquilo! Às vezes, Evelyn e eu conseguimos apreciá-lo, junto com as conversas agradáveis de seu tio encantador. Pelo menos os dois se dão bem. Como você sabe, eu temia que isso não acontecesse; Evelyn não costuma ser muito simpática com médicos de nenhum tipo e, ao longo dos anos, deixou muitos terapeutas extenuados em seu rastro.

Como você sugeriu, o fato de eu estar aqui com ela, e de este ser um local isolado, tranquilo e bonito, parece acalmá-la. Ela também parece gostar do fato de seu tio ser velho. Às vezes fica feliz só de vê-lo e pensa nele, acredito, como uma espécie de Papai Noel. Como tal, ele é mais um representante da exótica cultura ocidental e europeia pela qual ela é tão fascinada.

Mas por que, posso ouvir você se perguntando, estou acordado a esta hora e fiquei acordado a noite toda? Vou lhe contar. Algumas noites atrás, enquanto seu tio exibia alguns dos filmes antigos de sua viagem à África Oriental — aqueles que a encantaram quando menina e que foram o incentivo para sua própria viagem à África, onde nos conhecemos...! Enfim, ele estava exibindo esses filmes para nós depois de um dia inteiro de piquenique, em que velejamos até Schmerikon, no sul, e até Küsnacht, no norte. Tínhamos comido fartamente, quando voltamos para casa, um belo jantar de porco assado e batatas que seu tio havia deixado cozinhando para nós no velho fogão sem fogo herdado de

sua avó — esse fogão sem fogo que talvez seja o exemplo mais intrigante de sua magia, na opinião de Evelyn! Para ser breve, perto do fim de um desses filmes, ela desmaiou, o corpo rígido como a morte, os dentes cerrados em uma careta feroz e, o mais estranho de tudo, os olhos abertos. Então, por um momento, é claro, pensamos que ela estivesse morta. Mais tarde, quando recobrou a consciência, ela tentou rir de tudo isso e disse que não estava acostumada a tanta atividade — velejar, caminhar e comer — em uma altitude desconhecida.

Embora tenhamos um quarto em um hotel em Schmerikon, às vezes passamos a noite com seu tio, sobretudo quando o trabalho dele e de Evelyn está rendendo bem, de forma que ficamos no quarto de hóspedes na noite em que isso aconteceu. Evelyn dormiu mal. De manhã, se levantou cedo e começou a pintar antes mesmo do café da manhã.

Começou a pintar uma galinha. Repetidas vezes. Em pedaços de papel cada vez maiores. Ela ficava nervosa quando o tamanho do papel que tinha em mãos parecia encolher em comparação com a ave monstruosa que tinha em mente. Depois havia a questão de como misturar as tintas — que seu tio fizera a gentileza de dar a ela — a fim de produzir algo que ela chamava de preto esverdeado reluzente. Ela estava desesperada para produzir essa cor, e apenas essa cor, para as penas da cauda da fera. Ficou impaciente, de péssimo humor, rasgando os desenhos menores em pedaços e arrancando os cabelos também, o tempo todo alheia à presença de seu tio, que estava sentado em uma espreguiçadeira à beira do lago, lendo ou fingindo ler; ou a minhas tentativas desesperadas de consertar um pote quebrado que tinha encontrado em um canto perto da lareira. Parecia pré-colombiano, e manuseei os cacos e a cola com todo o cuidado.

Abruptamente, ela nos deixou, levando tintas e pincéis. Houve um estrépito alto quando fechou as persianas do quarto no andar de cima. Em seguida, silêncio. Apenas o bater da água, o chilrear dos pássaros, o farfalhar do vento nas árvores. Consertei o pote da melhor maneira que pude, considerando que um terço dele estava faltando. O livro do Velho agora repousava sobre seus joelhos; ele dormia profundamente.

Quando a noite caiu, evitei ir para a cama. Tudo parecia calmo lá em cima, e eu não queria causar nenhum distúrbio; esperava que Evelyn tivesse se rendido à exaustão e caído em um de seus sonos profundos,

semelhantes ao coma, que podiam durar dias. Mas quando por fim subi a escada, notei uma luz por baixo da nossa porta. Ao abri-la, deparei-me com Evelyn, ainda pintando depois de doze horas ou mais! E agora pintava uma enorme criatura emplumada — pois era ameaçadora e malvada demais para receber o simples nome de galinha ou galo — diretamente nas paredes antes brancas e imaculadas de seu tio.

Ela parecia exausta. Mas, ao me ouvir entrar, se virou e me olhou fixamente. Sem me ver, decerto, pois não falou nem deu sinais de registrar minha presença. Apenas se voltou outra vez para sua pintura monstruosa e pareceu se dedicar com ímpeto a ela.

Meus ossos gelaram. Não apenas por causa da expressão selvagem, doentia e perturbada dela — estava acostumado com isso —, mas pelo estrago que estava fazendo, indiferente à casa do seu tio, e pela pintura em si. Eu não sabia o que significava para ela, é claro, mas mesmo sem saber, senti no fundo da minha alma o mal que ela estava enfrentando.

Então, Lisette, é por isso que estou acordado tão cedo depois de uma noite sem dormir.

Espero que esteja bem e que continue me escrevendo aos cuidados de seu tio. Suas cartas me sustentam e me confortam, como têm feito durante todos estes anos. Considero uma das maiores bênçãos da minha vida poder chamá-la de amiga.

Com amor,

Adam

TASHI

Quando finalmente completei minha pintura “A Besta”, como nós três passamos a nos referir a ela depois, minha mente e meu corpo estavam exaustos. Desabei na cama e dormi. Já era noite no dia seguinte quando acordei com o som do vento nas árvores, o barulho da água contra a margem do lago e o som abafado de vozes. Não tive vontade de me mexer. Fiquei deitada como havia desabado, apenas virando devagar os olhos apreensivos para a esquerda, em direção à parede, para olhar diretamente nos olhos perversos da minha criatura. Já não me assustava. Na verdade, tinha a sensação de estar vendo a causa de minha ansiedade pela primeira vez, exatamente como era. Não há como negar que o galo era arrogante, egocêntrico, envaidecido, e fora a submissão que ele nutria que o fizera assim.

Olhei para o pé. Coxo, subserviente, estúpido — como se estivesse desconectado do corpo da mulher acima dele. M’Lissa. Nesse momento, minha serenidade diminuiu de súbito. Senti minhas emoções afluírem dolorosamente em direção à bainha de suas vestes. Tomada pela dor, desviei os olhos marejados no momento em que a bela cabeça de Adam apareceu na porta, seguida por Mzee, que carregava uma bandeja.

Eles trouxeram sopa de rabada, pão de centeio, palitos de cenoura, um raminho de salsa, uma xícara de cidra quente e um buquê de flores. Me ajudaram a sentar na cama com gentileza e um ar ligeiramente expectante. Enquanto eu comia, me distraíram contando a aventura culinária que tinha sido para eles preparar a refeição. O Velho havia preparado a sopa a partir do que se lembrava de uma receita da mãe; Adam tinha feito o pão. A salsa, as cenouras e as flores eram do jardim

nos fundos da casa. Mzee se desculpou porque as cenouras, que tinham sido deixadas na terra por tempo demais, estavam duras; mas as apreciei mais do que todas as outras coisas. Sua fibrosidade limpou e refrescou minha boca de uma maneira friamente resistente e agradável.

Preciso me desculpar por tudo isso, disse eu, indicando minha besta.

É mesmo grande, comentou Adam. Depois disso, ele ficou quieto, porque sabia que nós dois conversaríamos mais tarde.

Não precisa se desculpar, disse Mzee. Ele examinou a pintura mais de perto, então se virou e caminhou até uma cadeira junto à janela, do outro lado do quarto. De lá, olhou para a pintura mais uma vez.

Incrível, disse, depois de admirá-la por quase uma hora.

Por fim, ele se aproximou e pegou a bandeja. Eu tinha comido tudo, e isso lhe agradou. Mzee estava usando um de seus aventais de algodão, e havia vestígios da preparação da receita da sopa de sua mãe por toda parte. Vi uma pequena mancha de sangue marrom perto da cintura. Olhei para ela com calma. Durante muito tempo, ficava amedrontada toda vez que via sangue. E então houve um período em que, se me cortasse, por acidente ou de propósito, eu sequer percebia.

Era assim que eu deveria estar trabalhando desde o início, disse Mzee, como se estivesse falando consigo mesmo, depois que Adam foi embora. A cura não é uma profissão burguesa. Com um suspiro profundo, sentou-se ao meu lado na cama e pegou minha mão.

A escuridão prateada da minha mão em contraste com o rosa-pergaminho da dele era bonita. Ele olhou pensativo para nossas mãos por um momento.

Estou curioso a respeito de uma coisa, disse.

Ja?, disse eu, com meu falso sotaque suíço que sempre o divertia. Exceto pelo Velho, eu achava que os suíços soavam bem pouco inteligentes quando falavam. Mas talvez fosse porque o resto do mundo zombava deles por seu sotaque peculiar e sua entonação curiosa. De qualquer forma, eu gostava de dizer *ja*. Soava ridículo em minha boca e fazia Mzee sorrir.

Ele estava procurando pelo cachimbo, que despontava do bolso do avental.

Está se sentindo melhor depois de ter feito isso?, perguntou, ao encontrar e acender o cachimbo. Sente-se melhor consigo mesma?

Nem sei dizer quanto, respondi sem hesitar. As lágrimas que haviam evaporado com a chegada de Mzee e Adam agora escorriam em abundância pelo meu queixo. Quando terminei de pintá-la, continuei, com a voz firme, como se não tivesse estado chorando, me lembrei da minha irmã, Dura... de quando Dura... não consegui continuar. Havia uma grande pedra alojada na minha garganta. Meu coração disparou penosamente. Eu sabia o que era a pedra; que era uma palavra; e que por trás dessa palavra eu encontraria meus sentimentos mais antigos. Sentimentos que me deixavam apavorada. Da morte da minha irmã, era o que eu ia dizer antes de a pedra bloquear minha garganta; porque foi assim que sempre pensei na morte de Dura. Ela simplesmente morreu. Sangrou, sangrou, sangrou e então morreu. Ninguém tinha sido responsável. Não havia culpados. Em vez disso, respirei fundo e expirei contra a pedra que bloqueava minha garganta: eu me lembrei do *assassinato* da minha irmã Dura, disse, explodindo a pedra. Senti uma pontada dolorosa em todo o meu corpo, que eu sabia que costurava minhas lágrimas em minha alma. Meu choro não estaria mais separado do que eu *sabia*. Comecei a chorar nos braços velhos de Mzee. Depois de muito tempo, ele secou meu rosto, acariciou meu cabelo e me confortou com um aperto maternal que coincidia com cada um dos meus soluços, enquanto meu pranto diminuía.

Ninguém sabia que eu estava escondida em meio à grama, continuei. Eles a levaram para o local de iniciação; um lugar isolado e solitário que era proibido aos não iniciados. Não muito diferente do lugar que nos mostrou em seu filme.

Ah, disse Mzee.

Ela tem gritado em meus ouvidos desde que aconteceu, disse eu, de repente me sentindo cansada além do que era capaz de expressar.

O Velho estava reacendendo seu cachimbo, que parecia ter sido apagado por minhas lágrimas.

Só que eu não conseguia ouvi-la, suspirei.

Você não se atreveu, disse o Velho.

Não compreendi; no entanto, o que ele disse de alguma forma fazia sentido.

Ele acariciou minha testa pensativamente, levantou-se em silêncio e me deixou para que eu pudesse retomar meu longo sono.

MZEE

Querida Lisette,

Ninguém me chama de *Mzee* desde que os nativos do Quênia o fizeram de maneira espontânea, há mais de um quarto de século. Já naquela época meu cabelo estava ficando grisalho, minhas costas começando a se curvar. Eu usava óculos. E, no entanto, de alguma forma senti que não era à minha idade que estavam se referindo quando me chamavam de “O Velho”. Havia uma espécie de gravidade ou autocontenção em mim que eles reconheciam. Talvez eu esteja me gabando, como fazem os brancos quando os negros lhes atribuem uma designação benevolente para algo que é característico deles, mas que eles mesmos não identificam; no fundo de nosso coração talvez esperemos apenas vilipêndio; o nome “demônio”, se não algo pior. Eu costumava ficar admirado com o fato de que, onde quer que fizesse palestras, em qualquer lugar do mundo, a única das minhas frases que todas as pessoas de cor apreciavam e pela qual se levantavam para me agradecer fosse “A Europa é a mãe de todos os males”; e ainda assim eles apertavam minha mão europeia, sorriam calorosamente para mim e alguns até me davam tapinhas nas costas. Os africanos escolhiam para nós nomes que lhes diziam algo sobre nosso comportamento. “Impaciente” tornou-se o nome de um colega que estava sempre com pressa. “Comilão”, o nome do mais ambicioso do nosso grupo. “Lua da Noite” era como chamavam o homem mais negro de seu próprio grupo e, de fato, era o brilho de sua negritude que se via.

É uma experiência nova ter um paciente do outro lado do corredor, na minha própria casa. No meu refúgio! O lugar secreto para onde vim a

fim de *me* curar. Só mesmo suas súplicas poderiam ter me convencido a fazer isso. No entanto, agora que Adam e Evelyn estão aqui, é como se estivessem destinados a vir para cá desde o início. Às vezes, quando estou sentado à beira do lago e por acaso olho para a semiescuridão sombria da casa, exatamente no momento em que Evelyn está olhando para fora, me surpreende como é natural ver seu rosto negro na *minha* janela. Observar Adam tentando consertar a mola do relógio de pêndulo, sentado na soleira da minha porta inundada pela luz do sol, evoca em mim um desejo que é praticamente uma lembrança.

Eles, com seu sofrimento indescritível, estão me trazendo de volta para algo em mim. Estou me encontrando neles. Um eu que muitas vezes senti que estava apenas meio em casa no continente europeu. Na minha pele europeia. Um eu antigo que anseia por conhecer as experiências de seus ancestrais. Precisa desse conhecimento, e dos sentimentos que ele evoca, para ser completo. Um eu que fica horrorizado com o que foi feito a Evelyn, mas o reconhece como algo que também foi feito a mim. Um eu verdadeiramente universal. Essa é a essência da cura que tantas vezes perdi de vista na minha vida “profissional” e europeia.

De qualquer forma, preciso perguntar a Evelyn por que ela não parece temer *meu torreão/minha torre* e o que ela diria ao ser presenteada com um grande saco de argila!

Com amor e admiração,
Seu tio Carl

PARTE V

OLIVIA

A prisão para a qual Tashi foi levada fora construída durante o período colonial, cerca de trinta anos antes da independência. Era velha antes mesmo de ser construída, como os afro-americanos sulistas de uma certa idade costumam dizer a respeito da Morte. Foi erigida do lado “nativo”, em uma época em que a cidade era bem pequena. Algumas ruas curtas ladeadas de casas de madeira no estilo vitoriano das *plantations* — com varandas profundas e sombreadas — em torno de uma pequena praça central onde, imagino, senhoras brancas com vestidos de seda e guarda-sóis combinando desfilavam sem parar. O que mais elas poderiam fazer, depois de ter concebido e gerado um número apropriado de herdeiros para o senhor da casa? Há, na verdade, na diagonal do parque em direção às casas mais imponentes, uma passagem que ainda é chamada de Caminho das Damas Brancas, embora poucas pessoas brancas de qualquer tipo, exceto turistas, passem por ela agora. As casas são usadas como escritórios por autoridades do governo e funcionários públicos. Antigamente, logo após a independência, os negros se mudaram para lá, mas as deixaram de novo assim que conseguiram construir condomínios maiores e mais privados e afastados da cidade, que já estava se tornando uma miscelânea típica de uma cidade africana. Logo, o Caminho das Damas Brancas, por exemplo, levava não a um parque imaculadamente conservado (por serviços africanos) usado apenas para passear ou levar a prole pálida para tomar sol, mas ao mercado, com suas barracas coloridas e caindo aos pedaços, braseiros enfumaçados de onde emanavam aromas apetitosos, vendedores apregoando suas mercadorias em uma cacofonia de vozes

persuasivas e o guincho de pequenos animais sendo vendidos sem sentimentalismos para o abate.

Um dos lados da prisão, a distância, dava para lá, projetando-se sobre os telhados de várias fileiras de barracos e a fileira de repartições públicas. Um dos motivos de ter sido construída em uma colina — segundo a história que se contava sobre ela e que, nos primeiros dias pós-coloniais, havia sido afixada perto da entrada mas agora havia se tornado quase ilegível — era o fato de também ser uma guarnição e posto de comando destinado a intimidar e reprimir ativamente qualquer revolta entre os africanos. Havia *bunkers* ao redor da base e estações de artilharia entre arbustos, buganvílias, jacarandás e flores de hibisco empoeirados.

Eu nunca tinha visto a prisão antes de ir até lá com Adam visitar Tashi. Do lado de fora, a fachada outrora branca agora era raiada de marrom, com manchas de cimento cinza e pedaços de vergalhões de ferro preto salientes nos cantos, muitas das vidraças quebradas ou completamente ausentes; mal parecia habitável. E é claro que de fato não era. Ainda assim, estava abarrotada de prisioneiros até o teto. De todos os tamanhos, todas as formas, todas as idades. De ambos os sexos. Deixava-se o relativo silêncio da rua e deparava-se de imediato com uma parede de ruído. E fedor. O segundo andar havia sido destinado a um número crescente de vítimas da aids, enviadas para a prisão e não para o hospital, que, sendo pequeno, estava lotado. Durante quase um ano o governo sustentara que não existia aids no país; agora sua presença era reconhecida com relutância, embora não houvesse nenhuma especulação oficial sobre as possíveis causas no noticiário. Não se ouvia barulho nenhum naquele andar, onde homens, mulheres e crianças, todos infectados, se arrastavam e cuidavam uns dos outros, ou então jaziam quietos, tão magros que pareciam já estar mortos, em esteiras de palha no chão. Quando espiamos lá dentro, ninguém pareceu notar.

Enquanto subíamos os degraus para o terceiro andar, virei-me para Adam e disse, tentando ser engraçada: *Quero ir para casa.*

Assim como todos nós, respondeu ele, com ar sombrio, o olhar abatido e indefeso de um homem ligado a uma mulher e a circunstâncias perpetuamente fora de seu controle.

BENTU MORAGA (BENNY)

Só o dinheiro muda as coisas ou faz as coisas acontecerem, disse eu para minha mãe, dando uma olhada nas minhas anotações.

Você não deve pensar assim, respondeu ela, olhando pela janela. É muito novo africano.

Mas veja o que você tem aqui, retruquei, gesticulando para as paredes recém-pintadas de sua cela. Sua cadeira de plástico vermelha, sua mesa, seu material de papelaria e seus livros.

Não posso cair na armadilha da culpa, disse ela, sorrindo. Já estou na prisão.

Eu sorri com ela. Gostava da pessoa que minha mãe era na prisão. Ela era afetuosa e relaxada, muito diferente da mãe determinada e carrancuda que sempre conheci.

Poucos prisioneiros têm uma cela só para eles, comentei.

É verdade, concordou ela. Apenas os figurões que em breve comprarão sua saída e escaparão por completo da punição. Ela franziu a testa e, por um momento, vislumbrei seu eu antigo.

Ouvíamos os figurões do outro lado do corredor. Eles passavam o dia jogando cartas, ligavam o rádio a todo volume e bebiam cerveja. Ao contrário da minha mãe, suas celas nunca eram trancadas, de forma que visitavam uns aos outros até tarde da noite. Às vezes nos visitavam e levavam uma cerveja para minha mãe, e ela aceitava.

Eu não tinha entendido o que eram “figurões” até ver os juízes no julgamento da minha mãe. Eles usavam enormes perucas brancas, com cachos nas laterais e uma trança na parte de trás. Minha mãe riu deles, e achei que eles notaram e tive certeza de que a puniriam. Escrevi uma

nota para mim mesmo sobre isso enquanto observava o que estava acontecendo no tribunal.

Há muitas coisas que não consigo fazer — dirigir um carro, por exemplo — ou até mesmo pensar. Eu costumava achar que havia uma razão enigmática para nunca conseguir acompanhar meus colegas na escola. Eu quase conseguia, mas então chegava a um ponto em que me sentia literalmente escorregando ladeira abaixo. Foi um alívio quando por fim me explicaram — não minha mãe ou meu pai, mas uma professora — que eu era um pouco retardado, algo a ver com a memória, o que significava que, assim como algumas pessoas são altas e outras são baixas, algumas pessoas podem ter pensamentos mais longos ou mais curtos do que outras. Não se preocupe!, disse minha professora, a Srta. MacMillan, rindo. Você tem a mesma capacidade de concentração do telespectador americano médio. E assim fui poupado da sensação de ser, como meu pai dizia, negativamente único.

Ainda assim, havia momentos em que desejava conseguir me lembrar do nome de algo que minha mãe tinha me pedido para comprar. Gostaria de fazer compras sem listas. Uma lista para o mercado. Uma lista para a escola. Uma lista do que levar e trazer de volta depois de uma tarde brincando no quintal de um vizinho. Uma lista de nomes de ruas para que eu não me perdesse no caminho para casa. Nada do que me pediam para fazer se fixava na minha mente. Não conseguia nem ao menos me lembrar de terem me pedido algo. Só a exasperação no rosto de minha mãe prendia minha atenção, mas apenas por um momento. Então eu me esquecia até mesmo disso.

Uma de suas frases favoritas era: Eu me admiro de você não se esquecer de que sou sua mãe! Mas eu nunca esqueci. Talvez fosse porque me sentia conectado ao cheiro dela. Que era quente, agradável, *suave*. Tinha a impressão de que poderia ter vivido feliz debaixo de um de seus braços por toda a minha existência. Mas nunca lhe disse isso porque achava que iria ofendê-la. Minha mãe tomava banho constantemente, como se quisesse se livrar de todos os odores corporais; para ela, um cheiro agradável era o de sabonete Palmolive, creme Pond's ou loção Nivea. Seu próprio cheiro parecia ser algo que ela era incapaz de aceitar. Mesmo agora, já na meia-idade, gosto de me aconchegar nela, mesmo que seja uma façanha contorcer meu corpo esguio de forma a caber

confortavelmente sob seu pescoço. Ela mal tolera isso, no entanto, e se afasta de imediato.

Quando quero falar com minha mãe ou com meu pai sobre algo, tenho que escrever notas sobre o assunto para mim mesmo. Tenho que praticar o que quero dizer e como quero dizer. Assim como outras pessoas se preparam para uma prova cujo assunto lhes é desconhecido, eu preciso estudar, memorizar, para cada conversa com meus pais.

ADAM

Era verão e estávamos sentados em espreguiçadeiras sob as tílias no jardim dos fundos da casa de Lisette. Ela estava tricotando com lã azul em pleno calor, e eu fiz o comentário que mudou minha vida para sempre.

Está tão quente, disse eu, para estar tricotando com lã. A menos que, acrescentei, sorrindo para ela, você esteja esperando pés muito gelados neste inverno.

Pés muito gelados e *très petits*, respondeu ela, sem erguer os olhos.

E foi assim que fiquei sabendo sobre o *petit Pierre*.

Sempre tive cuidado com Lisette. Na maioria das vezes, quando fazíamos amor, eu não a penetrava. Nossa amizade se baseava na tristeza e na paixão compartilhadas, mas era antes de tudo uma amizade, e passei muitas noites em sua cama branca e macia, com Lisette em meus braços, mas tão desesperado com minha vida com Evelyn que a única coisa pela qual ansiava era dormir.

Por outro lado, houvera momentos de fraqueza ocasional, o que, afinal, é tudo de que se precisa.

Você não vai ter, é claro, disse eu.

O pescoço de Lisette, a que às vezes me referia em tom de brincadeira como seu grosso pescoço francês, se alargou visivelmente. Era o sinal mais claro de sua raiva, que ela se esforçava para disfarçar. Era um pescoço teimoso, do tipo que Joana d'Arc devia ter, e agora, enquanto olhava para mim, mas ao mesmo tempo um pouco de lado, eu o vi, assim como toda a parte superior de seu corpo sob o diáfano vestido branco de verão, ruborizar.

Isso não é da sua conta, disse ela, tricotando furiosamente enquanto uma gota de suor escorria pelo canto de seu olho castanho-claro. Em sua raiva, ela se parecia um pouco com a imagem que eu tinha de Madame Defarge, se alguém se sentasse na frente dela e bloqueasse sua visão da guilhotina.

Não é da minha..., não consegui terminar. Olhei para ela, sem palavras.

Pode ser que nem seja seu, comentou. Talvez eu tenha um amante, ou vários, durante os meses em que ficamos separados e você está com sua esposa maluca na América.

Essa não era sua maneira usual de se referir a Evelyn. Fiquei magoado.

O silêncio que se abateu sobre nós tornou-se um tanto ridículo graças ao zumbido enérgico das abelhas da vizinha, entrando e saindo de suas colmeias de madeira; elas produziam o mel que adoçava nosso café e nosso chá; nossas xícaras vazias exalavam o aroma de seu trabalho. Era um som que decretava: A vida continua. Sua dor é tão certa. Sua doçura, tão enigmática. É irrelevante para nós que vocês briguem. Vocês dois poderiam virar pedra, e isso significaria apenas que estaríamos livres para transitar por seu jardim, bem como pelo nosso.

É da minha conta sim, disse eu por fim.

Sim, disse ela, largando o tricô. Mas é mais da minha do que sua.

Quando?, perguntei. Infelizmente não me lembro de nenhum momento particularmente terno entre nós. Por outro lado, de modo geral, nossa amizade era permeada de ternura.

Ela deu de ombros.

Quando você esteve aqui pela última vez, é claro. Em abril. Quando veio me dizer que Tashi estava fugindo de você. Até de seus beijos.

LISETTE

Dei à luz o *petit Pierre* em casa, na cama da minha avó. Minha avó, Béatrice, que passou a vida lutando pelo direito das mulheres francesas ao voto. A cama baixa de madeira que foi construída para a casa no século retrasado e nunca mais saiu de lá. A cama em que minha mãe foi concebida e na qual eu mesma nasci. Comi bem durante a gravidez e fiz longas caminhadas por Paris quase todos os dias. Depois que superaram, de maneira notável, a indignação, o racismo e o choque que eram de se esperar, meu pai e minha mãe me encheram de bons conselhos e carinho. Foi reconhecido, de maneira quase formal — “*Alors, não há nada a fazer!*”, disse minha mãe, finalmente dando de ombros depois de uma torrente de lágrimas amargas —, que eu havia herdado os genes da mãe da minha mãe, que tivera casos, mas não filhos, com ciganos, turcos e um ou outro judeu palestino e, pior, com artistas sem um tostão furado que podiam ser encontrados literalmente vivendo no sótão de sua pequena casa e subsistindo, mais uma vez literalmente, de potes de geleia e cascas de pão.

Tive a parteira mais requisitada da França — minha competente e engraçada tia Marie-Thérese, cuja ideia radical era de que o parto deveria ser acima de tudo uma experiência erótica. Não ouvi nada além de música gospel durante a gravidez, um tipo de música bastante novo para mim, e para a França, e “*It’s a High Way to Heaven*” (“...*nothing can walk up there, but the pure in heart...*”) estava tocando no aparelho de som durante o parto; o calor das vozes dos cantores o acompanhamento perfeito para o fogo que crepitava na lareira. Minha vulva foi lubrificada e massageada para manter meus quadris abertos e minha vagina fluida, e

tive um orgasmo no final. *Petit Pierre* praticamente deslizou para o mundo no auge do meu êxtase, sorrindo de modo sereno antes mesmo de abrir os olhos.

Minha tia o colocou sobre a minha barriga logo que o ergueu do meio de minhas pernas, esperando para cortar o cordão umbilical apenas quando ele estivesse respirando sozinho; e assim nossos corações continuaram a bater juntos como haviam feito quando ele estava em meu ventre. A visão de seu corpo marrom-claro, macio e lustroso, e dos cabelos encaracolados e molhados me fez sentir falta de Adam. Mas, suspirando de plenitude, logo mergulhei na alegria do milagre que sentia que eu e o universo sozinhos tínhamos produzido.

Havia se sentido excluído, disse ele, quando finalmente ficou livre para ir nos ver. Porque não estava lá.

Mas por quê?, perguntei. Você sabia quando ele ia nascer.

Evelyn também, disse ele.

PARTE VI

TASHI-EVELYN

Está quente dentro do tribunal. Os ventiladores de teto, enquanto giram, soam como gargantas roucas tentando pigarrear. As janelas basculantes estão totalmente abertas, para permitir a entrada de qualquer coisa que se assemelhe a uma brisa. Estou vestindo roupas de algodão branco e fresco da cabeça aos pés; Olivia as compra para mim nas butiques turísticas. Ainda assim, sinto gotas de suor escorrendo pelo meio das minhas costas e, em seguida, deslizando em fios mercuriais até se depositarem no cóis já encharcado.

Passamos a manhã ouvindo as declarações de quem me viu em meu caminho. O homem que me vendeu as navalhas, um sujeito atarracado e de olhos lacrimejantes que admite ter me cobrado a mais porque eu era estrangeira. Embora falasse olinka, ele soube que eu era americana por causa das minhas roupas, disse. Em seguida, uma mulher que me vendeu uma laranja pouco antes de eu entrar no ônibus na estação de Ombere. Ela era velha e desdentada. Seus trapos obviamente cheiravam mal, pois ambos os advogados mantinham distância enquanto ela suava e babava um pouco no banco das testemunhas. Foram as palavras de uma jovem, no entanto, que aparentemente me comprometeram. Ela era magra e de pele escura, usava um curioso tom rosa-claro quase branco pintando os lábios e as unhas. Explicou, em inglês, com uma ou duas palavras em olinka aqui e ali, que era proprietária da papelaria que ficava perto da praça onde se tomava o ônibus. Ela se lembrou de mim porque eu tinha entrado na loja procurando, e em seguida pedindo que ela conseguisse para mim, folhas de papel branco grosso para fazer cartazes.

No entanto, mudei de ideia sobre o papel branco, disse ela, assim que me trouxe alguns.

Não, eu teria dito, segundo ela. O branco não é o culpado desta vez. Traga-me papel das cores da nossa bandeira.

Houve uma espécie de arfar coletivo no tribunal quando ela disse isso. Senti ainda mais olhos perfurando buracos em minha nuca. Os juízes coçavam disfarçadamente o cabelo crespo natural nas bordas da peruca de cabelos lisos.

E foi este o papel, senhorita, que a ré comprou?

O promotor fica diante da jovem no banco das testemunhas, o papel vermelho, amarelo e azul vívido estendido à sua frente.

Houve um tempo em que aquelas cores sozinhas me faziam chorar de orgulho. Agora olho para elas com tanta indiferença quanto se fossem giz de cera em uma caixa de colorir infantil.

Surpreendentemente, há algumas pessoas mais velhas nos fundos da sala do tribunal que, ao verem as cores — pelas quais, quando eram jovens revolucionários, lutaram —, ficam de pé, com a mão sobre o coração. (Claro que não consigo vê-las; apenas ouço, debilmente, seus movimentos. O estalar das articulações, o arrastar dos pés. Não me dou conta na hora. Mais tarde, Adam e Olivia vão me contar. Em vez disso, penso na bandeira da minha nova pátria, a América. Vejo, em minha mente, a bandeira vermelha, azul e branca. Cores cujo significado desconheço. Uma bandeira que uma mulher costurou.)

Relutante, volto a me concentrar na jovem dando testemunho. Penso no significado da palavra “testemunho”. Originalmente, nomeava o costume de dois homens segurarem os testículos um do outro em um gesto de confiança mútua, que mais tarde se converteria no aperto de mão. Imagino a mão negra e macia da mulher segurando as bolas do jovem advogado, suas unhas cor-de-rosa emaranhadas em seus pelos pubianos. O que estamos fazendo neste tribunal sufocante, diz ela, roçando seus mamilos cor de ébano sobre o peito liso e sem pelos dele, está um lindo dia lá fora. O rosto do advogado tem aquela expressão peculiar de concentração que os homens sexualmente excitados têm; ele... Tenho que prestar atenção, penso, girando a cabeça lentamente em volta do pescoço; se não tomar cuidado, vou imaginar um romance tórrido e perderei, como diz Olivia, meu próprio julgamento.

A mulher diz que comprei o papel e uma caneta hidrográfica e me sentei imediatamente para fazer meus cartazes.

Quais cartazes viu a ré produzir?, pergunta o promotor.

Apenas um, diz ela.

Será que pode dizer ao tribunal como leu o cartaz, e também o que estava escrito nele?

Ela me mostrou, disse a jovem.

Ela lhe mostrou?

Sim. Ela me disse: Você é jovem e ainda tem a vida inteira pela frente. Eu sou velha e minha vida já acabou. A única coisa que me resta agora é alertá-la sobre o desastre.

Nesse momento, a jovem parou, como se a emoção daquela experiência a tivesse atravessado momentaneamente. Levou uma unha pintada de cor pálida ao canto do olho.

Claro que eu não entendi, disse ela, como se quisesse se livrar de qualquer indício de cumplicidade.

Claro que não, disse o promotor. Por favor, continue.

Pois bem, disse a jovem, ela colocou a bolsa, quer dizer, a mala no chão e sentou-se sobre ela, em um canto da loja, para não atrapalhar a passagem. Como ainda era muito cedo, ela era a única cliente. Simplesmente se sentou lá e começou a fazer os cartazes.

E aquele que você viu?, instigou o promotor.

O primeiro que ela escreveu, disse a jovem. Ela o estendeu diante de si, muito séria, e o examinou, então o virou para mim.

Fez-se silêncio.

Fiquei surpresa ao ler o que dizia. E é claro que não consegui entender o que significava.

Certo, disse o promotor, esperando.

“Se mentir para si mesma sobre sua própria dor, será morta por aqueles que alegarão que você gostou dela.” Era isso que o cartaz dizia, em letras pretas garrafais, disse a jovem.

Se mentir sobre sua dor, será morta, repetiu o promotor.

Para si mesma, corrigiu a jovem. Se mentir *para si mesma*. Essa foi obviamente a parte da mensagem que chamou sua atenção.

Sim, sim, disse o promotor. E depois de lhe mostrar o cartaz, o que ela fez?

Acho que fez vários outros. Ela me explicou que onde vivia, na América, as pessoas faziam cartazes e bótons para tudo o que queriam dizer, e ninguém as prendia por isso. Eu a avisei para ter cuidado, disse a jovem.

Por que fez isso?, perguntou o promotor, bruscamente.

A jovem lançou-lhe um olhar assustado. Sua voz foi um sussurro quando ela respondeu. Eu não sei, disse.

Mas é claro que ela sabia. Todos no tribunal sabiam. Metade das pessoas nas prisões de Olinka estava lá por expressar seu descontentamento com o atual regime. Um gemido audível me escapou. Os juízes me repreenderam.

Eu tinha me sentido feliz ao me sentar em minha mala chinesa vermelha de pele de porco no canto da loja. Escrevendo em letras de forma como se fosse uma criança. Ocorrera-me no avião que nunca seria capaz de escrever um livro sobre a minha vida, nem mesmo um panfleto, mas que escrever *alguma coisa* era algo que eu podia fazer e faria. E quando o avião pousou, vi por toda parte *outdoors* gritando para as pessoas que deveriam comprar Fanta e Coca-Cola e Datsuns e Fords e chocolate e uísque e açúcar e mais açúcar e café e mais café e chá e mais chá. Então pensei: Claro! Esse excremento é o material de leitura das massas. Sou apenas uma velha louca, mas vou me jogar contra os *outdoors*. Vou competir com eles. E no dia seguinte, antes de sair da cidade, entrei apressada na papelaria.

Por que as cores da nossa bandeira?, perguntou o promotor.

Mas a expressão vazia da jovem foi resposta suficiente.

Sim, por que as cores da nossa bandeira?

Vermelho por causa do sangue do povo derramado na resistência ao regime supremacista branco. Amarelo por causa do ouro e dos minerais que nossa terra ainda tem em abundância, mesmo que os brancos tenham levado montanhas deles embora. Azul por causa do mar que banha nossas costas, cheio de riquezas e de mistérios de todo tipo nas profundezas; azul também por causa do céu, símbolo da fé do nosso povo nas forças do invisível e de seu otimismo em relação ao futuro.

Houvera muitos debates sobre as cores dessa bandeira; debates dos quais todos participaram. Então, as cores foram decididas pelos líderes e

a bandeira foi enviada para a Alemanha para ser desenhada, produzida em grande escala e vendida de volta para nós.

Posso sentir minha mente tentando iniciar uma história alternativa para a bandeira, uma que substitua o que aconteceu de fato com o povo. Mas, surpreendentemente, nada acontece. Minha cabeça, como o resto do meu corpo, permanece inabalável na minha cadeira. Minha imaginação se recusa a dar saltos e não chega nem até as janelas abertas para a rua. Tenho a estranha sensação de que, no fim da vida, estou começando a habitar completamente outra vez o corpo que há muito deixei.

Olivia se esgueirou até mim quando fomos dispensados, no fim da audiência, e enfiou um pequeno saco de papel na minha mão. Quando estava de volta à minha cela, abri o saco e tirei uma pequena boneca feita de argila. Fazia muito anos que eu vira uma boneca como aquela, por acaso, certa manhã, na choupana de M'Lissa. Ela me encontrou brincando com ela e me deu um tapa nas orelhas, alegando que a coisa que eu tinha nas mãos — uma pequena figura brincando com seus órgãos genitais — era indecente. Eu era muito pequena para perguntar por que, então, ela a tinha em sua choupana. Um bilhete de Olivia dizia: Esta é uma réplica. Há mulheres ceramistas aqui que as fazem. Dá para acreditar?

Francamente, não dava.

PARTE VII

EVELYN

A psicóloga para quem o Velho me encaminhou depois de sua morte era uma mulher afro-americana de meia-idade chamada Raye. Ele a conheceu em uma conferência para psicólogos em Londres, quando ela estava começando a clinicar. Eles gostaram um do outro e mantiveram contato desde então. Eu não gostava muito dela. Porque não era Mzee. Porque era negra. Porque era mulher. Porque estava inteira. Ela irradiava uma competência tranquila e incontestável que me irritava.

Foi para ela, porém, que um dia me vi falando sobre Nosso Líder. Nosso Líder, como Nelson Mandela e Jomo Kenyatta e outros antes deles, fora forçado ao exílio e por fim capturado e preso pelo regime branco. Ainda assim, milagrosamente, por meio do boca a boca e, de vez em quando, por meio de uma fita cassete gravada clandestinamente, conseguíamos ouvir suas surpreendentemente frequentes “Mensagens ao Povo”. Ao contrário de Nelson Mandela ou Jomo Kenyatta, Nosso Líder nunca chegou a experimentar a liberdade; foi assassinado às vésperas da independência, ao deixar o presídio de segurança máxima onde estava encarcerado, sob forte escolta. Na verdade, acreditava-se que os guardas o haviam assassinado, embora isso nunca tenha sido provado. Seus assassinos, de qualquer forma, nunca foram levados à justiça, nem mesmo identificados; e assim, enquanto nós, Olinka, celebrávamos o que pensávamos ser nossa liberdade, já havia internamente uma reação de mágoa e raiva que apenas a punição rápida de seus algozes poderia ter aplacado, e a necessidade desesperada de mostrar o quanto amávamos e respeitávamos a memória de Nosso Líder em tudo o que fazíamos.

Mas você já havia deixado a África nessa época?, perguntou Raye, enquanto eu explicava isso a ela.

Sim, respondi. Meu corpo havia partido. Minha alma, não. Fiz uma pausa. Parecia impossível que qualquer pessoa compreendesse. Menos ainda aquela mulher bem-vestida que andava com passos flexíveis e cuja pele marrom, cor de canela, era impecável.

Havia um tom despreocupado que ela às vezes adotava, nos momentos mais improváveis. Ela o adotou agora.

Pode me contar, disse, com uma expressão conspiratória.

Mas eu não conseguia. Nosso Líder tinha dado a vida por nós. Pela nossa independência. Pela nossa liberdade. O que eu poderia dizer sobre minha vida insignificante diante dessa realidade? Eu podia sentir uma grande pedra, gêmea daquela que havia suprimido a verdade sobre o assassinato de Dura, começando a fechar minha garganta. Senti uma mentira começando a tomar forma. Uma mentira que dizia que a pedra não era uma pedra, mas um cristal de açúcar. Então me lembrei de Mzee. Vocês são sua última esperança, dissera ele. Eu acreditava nisso ou não?

Limpei a garganta e comecei.

Ele era Jesus Cristo para nós, entende?, disse, depois de um longo silêncio.

Raye olhou para mim com expectativa.

Se Jesus Cristo morreu por você, como pode criticar qualquer coisa que ele faça?

Algumas pessoas o culpam por afirmar que morreu por elas, disse Raye. Mas deixemos isso de lado. É melhor declará-lo perfeito e pronto, acrescentou.

Mas e se ele lhe dissesse para fazer algo que a destruísse? Algo que fosse errado?

Impossível, disse Raye. Lembre-se de que ele era perfeito.

Então ela abriu um sorriso malicioso, e eu vi a armadilha naquele raciocínio, e também entendi que era uma brincadeira. No entanto, minhas mandíbulas estavam cerradas demais para sorrir.

Comecei de novo. Mesmo da prisão, recebíamos nossas instruções, disse eu. Boas instruções. Sensatas; corretas. Do Nosso Líder. Que precisávamos nos lembrar de quem éramos. Que devíamos combater os

opressores brancos sem cessar; sem nem ao menos pensar em cessar; pois eles certamente ainda estariam lá no tempo dos nossos filhos e dos filhos dos nossos filhos. Que tínhamos que retomar a nossa terra. Que tínhamos que resgatar os descendentes daqueles do nosso povo que tinham sido vendidos como escravos em todo o mundo (Nosso Líder era bem incisivo nesse ponto, praticamente o único entre os líderes africanos); que tínhamos que retornar à pureza de nossa cultura e nossas tradições. Que não podíamos negligenciar nossos antigos costumes.

Houve mais um momento de silêncio, enquanto eu brincava com as pulseiras de pelo de elefante que pareciam ser de plástico no meu pulso.

Nós achávamos que ele era um deus, na verdade, falei por fim, com um suspiro. Por ter sofrido tanto... Sabíamos que tinha sido torturado, podíamos até imaginar como, com base nos corpos mutilados que às vezes a prisão devolvia às famílias. Sabíamos que havia passado anos na solitária e quase enlouquecera. Mas ele não cedeu. Nem se esqueceu de nós.

Em toda choupana, mesmo quando eu ainda era uma garotinha, havia uma pequena foto dele embrulhada em plástico e cuidadosamente escondida em um lugar especial entre as vigas. Seus olhos riam! Olhos sábios e brilhantes. Eles pareciam falar. Sempre que recebíamos uma mensagem, pegávamos a foto e, enquanto repassávamos o conteúdo e a decorávamos, olhávamos para ela. Nós o amávamos. Acreditávamos em tudo o que ele dizia. Achávamos que ele sabia... de tudo.

Os missionários tinham feito uma grande campanha contra o que chamavam de desfiguração de nosso rosto pelas marcas tribais Olinka. Mas Nosso Líder tinha as mesmas marcas, e era evidente que se orgulhava delas; então era difícil ouvir as objeções dos missionários, ou até mesmo se importar com eles, embora lhes déssemos nossas orações e conversões murmuradas, que pareciam deixá-los satisfeitos com tanta facilidade, como mães de filhos dóceis.

Raye estava inclinada para a frente em sua cadeira. Enquanto falava, percebi que eu havia coberto ambas as bochechas com os dedos. Também havia cruzado as pernas. Baixei as mãos e as escondi nas dobras do vestido. Um vestido azul-claro com bolinhas verde-água, que me lembrava o mar, e as lágrimas.

Quanto ao que foi feito a mim... ou *para* mim, disse eu. E parei. Porque Raye havia erguido as sobrancelhas, intrigada.

A iniciação...

Ela continuou a me olhar com a mesma expressão de expectativa.

A iniciação feminina, disse eu. À feminilidade.

Sim?, disse ela. Mas ainda parecia não ter compreendido.

Circuncisão, sussurrei.

Como?, perguntou ela, em um tom de voz normal que, no entanto, pareceu alto na sala silenciosa.

Senti como se tivesse lhe entregado uma pequena e preciosa pérola, e ela prontamente a tivesse mordido e declarado que era falsa.

Como é esse procedimento?, perguntou ela, sem hesitar.

Lembrei-me de uma característica das mulheres afro-americanas de que não gostava nem um pouco. Uma franqueza. Um ir direto ao cerne da questão, mesmo que provocasse em todos os envolvidos um ataque cardíaco. Era raro as mulheres negras na América exibirem a sutileza graciosa da mulher africana. Será que tinha sido a escravidão que as deixara assim? De repente, uma história sobre Raye surgiu em minha mente: eu a vi com clareza, como ela teria sido no século XIX, XVIII, XVII, XVI, XV... As mãos nos quadris, os seios de fora. Ela é muito negra, tão negra quanto eu. “Ouça, branquelo”, ela está dizendo, “você vendeu meu filho ou não?”. O “branquelo” choraminga: “Escute, Louella, era meu filho também!” No minuto em que ele lhe dá as costas, ela pega uma grande pedra, igual à que tenho na garganta, e... Mas me forço a abandonar a cena.

Você não tem meu histórico?, perguntei, irritada. Eu tinha certeza de que o Velho o enviara para ela antes de morrer. Por outro lado, essa era uma pergunta que ele nunca havia me feito. Eu tinha dito “circuncisão” para ele, e ele parecera satisfeito; como se soubesse exatamente o que significava. Será que tinha entendido?, eu me perguntava agora.

Eu tenho seu histórico, disse Raye, dando tapinhas na capa cinza com a unha pintada de prateado e ignorando minha atitude. Mas não sei nada sobre essa prática e gostaria de ouvir de você. Ela fez uma pausa, olhou para a pasta. Algo que sempre me perguntei, por exemplo, é se a mesma coisa é feita com todas as mulheres. Ou há variações? Sua irmã... O

clitóris de Dura foi removido, mas algo mais foi feito, algo que tenha aumentado o risco de ela sangrar até a morte?

Seu tom agora era bastante clínico. Isso me fez relaxar. Respirei fundo e busquei a distância necessária e familiar de mim mesma. Não fui tão longe como de costume, no entanto.

É sempre diferente, acho, disse eu, expirando, porque cada mulher é de um jeito. Mas é sempre igual, porque os corpos femininos são todos iguais. Só que isso não era de toda verdade. Em minhas leituras, eu descobrira que havia pelo menos três formas de circuncisão. Algumas culturas exigiam apenas a retirada do clitóris, em outras era preciso fazer uma raspagem completa de toda a área genital. Um suspiro me escapou enquanto pensava em como explicar isso.

Uma leve ruga surgiu entre os olhos grandes e claros de Raye.

Sei que é difícil para você falar sobre esse assunto, disse ela. Talvez seja melhor não forçarmos.

Mas eu já estou forçando, e a pedra rola da minha língua, esmagando por completo a velha e familiar voz distante que sempre usava para contar essa história, uma voz que mal parecia conectada a mim.

Foi só depois que vim para a América, disse eu, que descobri o que deveria haver lá embaixo.

Lá embaixo?

Sim. Meu próprio corpo era um mistério para mim, assim como era o corpo feminino, além da função dos seios, para quase todo mundo que eu conhecia. Da prisão, Nosso Líder dizia que devíamos nos manter limpos e imaculados como éramos desde tempos imemoriais — cortando as partes impuras do nosso corpo. Todos sabiam que se uma mulher não fosse circuncidada, suas partes impuras cresceriam tanto que logo tocariam as coxas; ela se tornaria masculina e se excitaria. Nenhum homem poderia penetrá-la porque sua própria ereção estaria no caminho.

Você acreditava nisso?

Todos acreditavam, mesmo que ninguém nunca tivesse visto. Ninguém que vivesse na nossa aldeia, pelo menos. E, no entanto, os anciãos, em particular, agiam como se todos tivessem testemunhado esse mal, e não houvesse muito tempo.

Mas você sabia que isso não tinha acontecido com você.

Mas talvez tivesse, disse eu. Com certeza, para todas as minhas amigas que foram circuncidadas, minha vagina não circuncidada era considerada uma deformidade. Elas riam de mim. Zombavam de mim por ter um rabo. Acho que se referiam aos meus grandes lábios. Afinal, nenhuma delas tinha lábios vaginais; nenhuma delas tinha clitóris; não faziam a menor ideia de como eram essas coisas; aos seus olhos, é claro que eu parecia estranha. Havia algumas outras meninas que não haviam sido circuncidadas. As que haviam sido às vezes fugiam de nós, como se fôssemos demônios. Mas rindo. Sempre rindo.

E, no entanto, é desse tempo, antes da circuncisão, que você se lembra do prazer?

Quando era pequena, eu costumava me acariciar, o que era um tabu. E então depois, quando eu era mais velha, antes de nos casarmos, Adam e eu costumávamos fazer amor nos campos. O que também era um tabu. Fazer amor nos campos, quero dizer. E o fato de praticarmos cunilíngua.

Você tinha orgasmos?

Sempre.

E ainda assim renunciou a isso para..., Raye franziu a testa, incrédula.

Completei a frase para ela: Ser aceita como mulher de verdade pelo povo Olinka; pôr fim à zombaria. Caso contrário, eu seria uma coisa. Ou pior, porque, por causa da minha amizade com a família de Adam e meu relacionamento especial com ele, nunca fui digna de confiança, era considerada uma traidora em potencial até. Além disso, Nosso Líder, nosso Jesus Cristo, dizia que devíamos manter todos os nossos velhos costumes e que nenhum homem Olinka — nisso ele ecoava o grande libertador Kenyatta — sequer cogitaria se casar com uma mulher que não fosse circuncidada.

Mas Adam não era Olinka, disse Raye, intrigada.

Suspirei. A pedra havia sumido, mas falar de repente parecia inútil. Nunca pensei em me casar com Adam, disse eu, com firmeza, e observei a surpresa em sua expressão. Eu me casei com ele porque ele era leal, gentil e familiar. Porque ele foi atrás de mim. E porque descobri que não poderia lutar contra a ferida que a tradição havia me infligido. Eu mal conseguia andar.

Mas quem...?, começou Raye, ainda mais perplexa.

Por fim, senti um sorriso frio se formando em meu rosto tenso. Sorri para a jovem inocente e ignorante que eu tinha sido. A pedra agora não só tinha caído da minha língua, mas estava rolando rapidamente para longe de mim, em direção à porta. Como qualquer outra jovem Olinka, expliquei, eu estava apaixonada pelo amante perfeito que já tinha três esposas. O amante, pai e irmão perfeito que tiraram de nós de maneira tão cruel, mas cujos olhos risonhos víamos na fotografia que ele havia nos deixado e cuja voz doce e sedutora ouvíamos na fita cassete à noite. Pobre Adam! Ele não chegava nem aos pés do Nosso Líder, o verdadeiro Jesus Cristo para nós.

ADAM

Os Olinka falavam de “Nosso Líder” exatamente com o mesmo fervor que desejávamos que falassem de “Nosso Senhor”. Havia sempre histórias de suas façanhas circulando pela aldeia, seus “milagres” de emboscada e ousadia contra os brancos. Ele era como Cristo para os aldeões, exceto por uma coisa: sua aceitação da violência como meio para pôr fim à opressão sofrida pelos africanos.

Ele era chamado de “Nosso Líder” porque o regime branco havia tornado crime dizer seu nome em voz alta. Havia homens em todas as aldeias Olinka cujas costas carregavam as cicatrizes de seu esquecimento ou da violação deliberada desse decreto. E quando esses homens falavam de “Nosso Líder”, um senso de proteção e uma raiva especialmente ferrenhos brilhavam em seus olhos. Na verdade, tentar falar com eles sobre Cristo tornou-se cada vez mais assustador. Nosso Cristo. Nosso líder branco e pacifista morto e fora de perigo.

PARTE VIII

LISETTE

Quando Pierre completou dezessete anos e se formou no *lycée*, nada pôde impedi-lo de ir para a América para ficar mais perto do pai. Ele é gentil, de cabelos encaracolados, dourado. Na França, as pessoas supõem que é argelino. Eu o mandei para Harvard. Por que não? Como digo aos meus amigos, Pierre é minha única despesa, portanto, posso me dar ao luxo de ser generosa com ele. Mas é mais do que isso. Como cresceu praticamente sem pai, sinto-me compelida a compensá-lo.

Quando Evelyn soube que eu estava grávida do *petit* Pierre, como Adam, eu e meus pais costumávamos chamá-lo, ela teve um acesso de fúria que se transformou em uma depressão incapacitante e rancorosa que durou anos. Tentou se matar. Falou em assassinar o filho deles. Tive pena de Adam. Ele não pretendia ter um filho comigo. Era eu que queria um bebê. Eu que não queria, exceto de tempos em tempos, um homem. Talvez eu tivesse sido apenas levada pelos ventos de mudança que sopravam sobre a vida das mulheres na França, graças a mulheres como minha avó sufragista e escritoras como Simone de Beauvoir, cujo livro *O segundo sexo* colocou o mundo que eu conhecia em uma perspectiva que eu podia compreender com mais facilidade, se não dominar. Antes de ler o livro dela, me sentia condenada à incompreensão no que dizia respeito à opressão universal das mulheres. Condenada à ignorância, apesar de ter ouvido, desde a infância, os discursos inflamados da minha avó Béatrice em sua luta incansável pelos direitos das mulheres francesas. Condenada, inclusive, a uma espécie de insanidade que acredito que os oprimidos mimados sempre sentem, e para a qual parece não haver

remédio exceto o conhecimento a respeito de sua situação, seguido pelo exercício ativo da compreensão que essa consciência lhes dá.

Já havia sido bastante difícil ser obrigada a deixar a Argélia, nossa casa e nosso jardim, nossos criados e nossas amigas (com os criados) para trás. Mas os franceses estavam matando os argelinos, física e mentalmente, e os argelinos estavam cansados de serem tratados como se fossem cães. Eles pegaram em armas. Parecia haver uma maré crescente de sangue engolindo o país, e nem mesmo clérigos como meu pai estavam a salvo. Fomos embora chorando, pois nos considerávamos argelinos. Franco-argelinos, é claro. Membros da classe e da raça dominantes, *bien sûr*. A elite. E, no entanto, eu, em especial, me sentia nativa do país, porque era. Nasci lá. O sol quente é até hoje o meu preferido. Nunca fico tão feliz como quando estou imersa em um escaldante verão em Paris, quando a maioria dos parisienses de verdade se certifica de ir para outro lugar. Um lugar mais fresco. À beira-mar ou nas montanhas.

Havia lugares — restaurantes, boates, escolas, bairros — que os argelinos não podiam frequentar. A velha história colonial. E, no entanto, as pessoas eram tão bonitas, hospitaleiras como os africanos sempre são, sobretudo nossos criados e companheiros de brincadeiras. As crianças me ensinaram jogos, e elas e seus pais me ensinaram árabe.

Não havia como eu compreender o que estava acontecendo quando eles chegavam para o trabalho com os olhos embaçados, até mesmo hostis, e o rosto inchado pelo luto. Algum de seus parentes tinha sido capturado pelas forças de segurança francesas durante a noite, interrogado, preso, torturado e morto.

Como amava minha babá, meus companheiros de brincadeira e os criados, naturalmente eu odiava a França. E de repente ter que “voltar” para lá, como os jornais diziam sobre nós. Argumentei com meus pais que a França era um lugar onde eu nunca estivera; portanto, como poderia “voltar”? Meus pais, como a maioria dos pais colonos, não souberam o que responder. Eles próprios não estavam nem um pouco felizes com o rumo que as coisas haviam tomado. Haviam deixado a França porque na sociedade francesa não havia lugar para eles — todas as posições de destaque, brincava meu pai, tinham sido ocupadas —; e, embora na Argélia tivesse passado por momentos difíceis como

sacerdote cristão cercado por um mundo de muçulmanos, ele sentia que havia encontrado e ampliado um nicho para si mesmo que era compensador. Tinha mais poder na Argélia e um lugar de mais destaque na sociedade do que jamais poderia ter tido na França.

Eu gostava de observar meu pai com *petit* Pierre, seu homônimo. Eles eram fisicamente muito parecidos, baixos, magros e sérios, bastante lentos e discretos em contraste com os parisienses viciados em café e perpetuamente mal-humorados. Eu sei que, quando olhava para Pierre, meu pai via os rapazes argelinos inocentes, ou seja, apolíticos, de sua congregação, que ele havia deixado para trás, entregues a um destino incerto, presos como estavam entre as forças de segurança francesas, para quem todos os árabes eram iguais, e os Maquis, o Exército de Libertação Nacional e os fanáticos muçulmanos mais militantes, para quem os árabes cristãos não se pareciam em nada com eles: ou seja, com verdadeiros árabes. Rapazes que pareciam profundamente tocados pela não violência pregada pelo Jesus Cristo da igreja do meu pai. O Jesus que inevitavelmente identificavam como um rebelde argelino, pois não só o Jesus Cristo da religião cristã se parecia com um argelino, mas por muito tempo houve uma tradição de martírio árabe na Argélia, que todos eles conheciam bem, na qual jovem “terrorista árabe” após jovem “terrorista árabe”, às vezes meninos não muito mais velhos do que eles, iam para a frente de batalha, de mãos vazias ou com pedras e espadas enferrujadas, enfrentar as metralhadoras e granadas de mão dos franceses.

Petit Pierre nasceu anos depois — quando meus pais já estavam completamente reintegrados à vida francesa e eu me sentia à vontade no país pela primeira vez — e tornou-se tanto a lembrança de nossa vida na Argélia, que de repente em Paris parecia nunca ter existido, quanto nosso consolo. Isso se aplicava até mesmo a minha mãe, que se preocupava, muito mais do que eu ou meu pai, com o que as outras pessoas pensavam. Ela não tinha a mesma fé inabalável da própria mãe em seu direito de aproveitar a vida como bem entendesse e na companhia de quem escolhesse, mas amava a Argélia, e o calor do povo a marcara. Seu racismo pequeno-burguês francês — “todos os árabes roubam; as mulheres não são melhores do que se poderia esperar; as crianças nascem com uma tendência criminosa etc. etc. etc.” — tinha sido severamente abalado pelo sofrimento de seus criados e amigos.

Ela adorava Pierre. Quando ele foi para a América, achei que o coração dela fosse se partir. Ela, que o via como a luz de seus anos crepusculares, a luz de suas lembranças de uma fase anterior, da qual ele não fazia parte, mas era como um sol tardio na noite de sua vida, iluminando uma nova verdade que ela agora sabia, apontando para trás com seus raios. Ela que, desde que Pierre aprendera a andar, passeava de mãos dadas com ele por todas as praças de Paris. A princípio, cuidadosamente protetora em relação aos olhares dissimulados de desconhecidos; depois corajosamente solidária com *petit* Pierre; por fim, alegremente perdida na felicidade de avó de ter a mãozinha dourada dele na dela.

EVELYN

Contei a Raye sobre minha tendência, ao longo de toda a vida, de escapar da realidade para o reino da fantasia e da narrativa.

Sem esse hábito, disse eu, seria impossível para mim descobrir que algo incomum havia acontecido comigo.

Como assim?, perguntou ela.

Quando me perco em uma história improvável, imaginando-a ou contando-a, sinto que algo horrível aconteceu comigo e que não suporto pensar nisso. Espere um minuto, disse eu, pensando nisso pela primeira vez, você acha que foi assim que as narrativas surgiram? Que as histórias são apenas uma maneira de mascarar a verdade?

Ela pareceu em dúvida.

Com o tempo, passei a confiar em Raye. Um dia, quando cheguei para a consulta, encontrei-a com as bochechas inchadas como um esquilo. Sua pele estava pálida, e ela tinha uma aparência horrível.

O que houve?, perguntei.

Ela fez uma careta. Mutilação gengival, respondeu ela, com os lábios franzidos.

Mais tarde, quando conseguiu falar com mais clareza, ela me contou como a incomodava que o tipo de dor que eu devia ter sofrido durante a circuncisão fosse uma dor que ela mal podia imaginar; e assim, quando seu dentista lhe disse que ela tinha vários bolsões de gengivite em uma boca que, à exceção disso, era saudável, ela teve as gengivas dobradas para baixo como meias em torno dos dentes, as bordas cortadas e o interior raspado, depois do que foram costuradas novamente, apertadas, em torno das raízes dos dentes.

Não pude evitar um estremecimento involuntário de desgosto.

Mas é claro que fui anestesiada, disse ela, ainda falando como se suas gengivas estivessem costuradas. E é claro que, em alguns dias, estarei melhor do que antes.

Mas você obviamente está com dor agora, disse eu.

Sim, admitiu ela. Mal consigo suportar, quanto menos falar. Não é surpresa que fazer amor com alguém seja a última coisa na qual penso. Ela riu. E foi só na minha boca!

Você não deveria ter feito isso, disse eu friamente. Foi estúpido da sua parte.

Mas ela se limitou a rir, fazendo uma careta dolorosa. Não fique aborrecida porque o fato de eu ter escolhido esse tipo de dor parece um esforço patético, disse ela. Na América, é o melhor que posso fazer. Além disso, me dá uma vaga ideia. *E* era algo que eu teria que fazer de qualquer maneira.

Fiquei com raiva porque fui tocada. Percebi que, embora Raye tivesse deixado a África centenas de anos antes, nas pessoas de seus ancestrais, e estudado nas melhores escolas dos brancos, ela estava praticando intuitivamente uma magia ancestral, cuja base era a ritualização, ou a prática, da capacidade de empatia. Como o teatro havia nascido? Minha psicóloga era uma bruxa, não do tipo cheio de verrugas, como aquelas de que as crianças americanas se fantasiam no Halloween, mas uma descendente espiritual das antigas feiticeiras que ensinavam nossos curandeiros e eram famosas por sua habilidade compassiva. De repente, sob essa luz, Raye se tornou uma pessoa que eu sentia que conhecia; uma pessoa com quem eu podia me identificar.

Em meu coração, agradei a Mzee por Raye, pois acreditava que ela seria corajosa o suficiente para me acompanhar aonde ele não poderia. E que faria isso.

PIERRE

Era uma tarde chuvosa de dezembro e estávamos sentados perto da lareira, lendo. Minha mãe estava sentada; eu estava deitado no sofá em frente a ela. Mais cedo naquela manhã, ela havia permitido que eu dormisse até tarde, faltando à escola, levava seus presentes para mim e os espalhara no pé da minha cama. Todos os anos, desde o meu nascimento, ela tricotava um suéter para mim. A cada ano, eu via a peça de tricô crescer entre suas agulhas cintilantes; a cada ano, ficava encantado com o resultado. Este ano, como em todos os outros, ela havia se superado. O suéter novo me envolvia em ouro e chocolate; perto do centro do peito, logo acima do coração, havia a cabeça de um espírito rupestre em um verde-musgo vivo.

Eu estava lendo um livro de Langston Hughes, o encantador risonho cuja melancolia quase se escondia no descuido de sua prosa. Já havia devorado vários romances de James Baldwin, o gênio guerrilheiro homossexual que conheci quando ele foi fazer uma palestra em nossa escola, e dois volumes de ensaios de Richard Wright, o atormentado defensor da assimilação e grande amante da França. Esses homens, “tios” por parte do meu pai, seriam meus guias em minha jornada americana. Olhei de soslaio para minha mãe, esperando encontrá-la absorta em sua leitura, ou olhando pensativa para o fogo, mas me deparei com seus olhos castanhos e acolhedores fixos em mim.

Eu estava pensando agora..., disse ela. Já se passaram dezesseis anos desde que você nasceu. Não consigo acreditar.

Tudo isso?, disse eu, sorrindo para ela.

Seus cabelos castanhos estavam mais grisalhos do que eu havia reparado, e seu rosto parecia mais magro do que o normal, e mais pálido. Suspirei com um contentamento de filho único mimado e pensei em como eu tinha sorte. Sentia a maior segurança possível com minha mãe. Como ela costumava dizer, nossos corações batiam em uníssono desde antes do meu nascimento. Não importava quem mais *não* estivesse na minha vida, minha mãe sempre esteve lá: lendo, tricotando, preparando suas aulas no *lycée*. Era verdade que estava começando a me sentir pronto para me separar dela, mas suavemente, como uma fruta que cai da árvore. Mais um ano de escola, de Paris, e eu iria embora.

Se você for para a América, disse ela — como se eu pudesse não ir depois de todos os nossos anos de planejamento —, passar um tempo com seu pai, tem uma coisa que precisa saber.

O quê?, perguntei.

Nada particularmente importante, talvez. Mas ele não vai se lembrar. E eu me lembro.

Quanto mistério, disse eu.

Mistério nenhum!, exclamou ela. É só que me dei conta, ao lidar com seu pai, de que os homens se recusam a se lembrar das coisas que não acontecem com eles.

Tomado pelas palavras apaixonadas de Baldwin, Hughes e Wright, que ressoavam em meu coração como se já estivessem inscritas ali, inclinei-me para a frente para protestar. Minha mãe estendeu a mão e cobriu meus lábios.

Desde que me lembro, meu pai vinha visitar minha mãe e eu uma vez no outono e uma vez na primavera; cada visita durava duas semanas. Ele nunca vinha no meu aniversário, porque vir nessa data perturbaria seriamente sua esposa. Toda vez que vinha, ele me mostrava fotografias de seu outro filho, Benny, e pelo menos uma fotografia de sua esposa, Evelyn, ou, como ele às vezes a chamava, Tashi. Benny era quase três anos mais velho que eu, com uma pele acetinada cor de bronze e um sorriso doce e hesitante. Sempre que via uma nova foto sua, eu me perguntava se ele iria gostar de mim. Se poderíamos ser amigos. Meu pai uma vez me disse que Benny não era tão “rápido” quanto eu. Isso me agradou muito, embora eu não tivesse conseguido perguntar a ele o que poderia significar a falta de uma “rapidez” como a minha.

Minha mãe começou a me contar como havia conhecido meu pai, anos antes, na África. Eu já tinha ouvido essa história. Assenti com complacência enquanto ela falava sobre as horas que havia passado com meu pai na choupana do Velho Torabe, enquanto ele esperava a morte. Mas logo percebi que minha mãe estava acrescentando um toque mais adulto do que o normal à história.

Você precisa entender, disse ela, que havia uma razão para o Velho Torabe morar sozinho, bem longe da aldeia, e para nenhum dos aldeões ir cuidar dele. Seu pai certamente não gostava de fazer isso; foi seu avô Samuel quem o encarregou dessa tarefa.

Minha mãe descruzou as pernas, pressionou as palmas das mãos contra os braços da poltrona para esticar as costas e olhou de mim para o fogo, que logo precisaria de mais lenha.

Na juventude, Torabe tivera muitas esposas. Algumas delas morreram. No parto. De infecções. Uma morreu de picada de cobra. Em todo caso — e isso foi algo que ouvi de Adam, que gostava de contar as “bênçãos negativas” do velho, como ele as chamava —, por fim Torabe se casou com uma jovem que fugiu dele e não pôde ser trazida de volta. Ele era famoso por rastrear e trazer de volta suas esposas fugitivas. Mas essa preferiu se afogar, em água que nem chegava aos joelhos, a voltar para ele.

Ela havia procurado os pais e perguntara como eles esperavam que suportasse aquele tormento: ele a havia cortado com uma faca de caça na noite de núpcias e não lhe dera oportunidade de se curar. Ela o odiava. Os pais ficaram sem resposta. O pai instruiu a mãe a convencê-la de seu dever. Como era esposa de Torabe, seu lugar era ao lado dele, a mãe lhe dissera. A jovem explicou que sangrava. A mãe lhe disse que ia parar: que quando ela mesma fora cortada, havia sangrado por um ano. Também havia chorado e fugido. Nunca fora além do território dos homens que a devolveram à sua tribo. Desistira e suportara. Agora a mãe vivia à sombra do pai da menina, um homem que ela desprezava, esperando a morte, mas, enquanto isso, ansiava por netos, que esperava que a filha fugitiva lhe proporcionasse. Não há nada melhor no mundo para beijar do que crianças pequenas, disse a mãe, desviando o olhar para não ver as lágrimas da filha.

Torabe foi expulso da aldeia porque perdeu o controle sobre a esposa, algo muito ruim naquela sociedade, porque ameaçava o tecido da teia da vida. Pelo menos a teia da vida que os aldeões conheciam. Morreu desertado, imundo e maltrapilho. A família da menina também foi expulsa da aldeia, e a própria menina foi tirada do rio e seu cadáver foi deixado ao relento para apodrecer, servindo de alimento para abutres e roedores.

Agora, disse minha mãe, levantando-se para colocar um pedaço de lenha na lareira, seu pai sempre menciona o fato de que ele e eu tivemos uma conversa “animada” na choupana de Torabe, enquanto ele lavava o velho com relutância, mas nunca se lembra sobre o que falamos.

Foi, disse minha mãe, sobre uma jovem na Argélia que trabalhava para nós e que quase sofreu o mesmo destino que a esposa de Torabe. Foi sobre como, por fim, tomei consciência da conexão entre mutilação e escravidão que está na raiz da opressão das mulheres no mundo. O nome dela era Ayisha, e ela veio correndo até nós uma noite, gritando de horror depois de ver a seleção de instrumentos pequenos e afiados que a mãe, ansiosa, havia disposto sob um guardanapo em uma almofada baixa ao lado do leito nupcial.

Minha mãe estremeceu de repente, como se tivesse assistido a uma cena assustadora. Está em todos os filmes que aterrorizam as mulheres, disse ela, só que mascarado. O homem que invade. O homem com a faca. Bem, disse ela, ele já veio. Ela suspirou. Mas aquelas de nós cujo cinto de castidade foi feito de couro, ou de seda e diamantes, ou de medo e não da nossa própria carne... nós tememos. Somos o público perfeito, hipnotizadas pelo nosso conhecimento inconsciente do que os homens, com a colaboração de nossas mães, fazem conosco.

Depois de uma longa pausa, ela disse: Esse episódio com Ayisha, que foi devolvida à sua família, que a espancou por fugir — na verdade nunca soubemos o que aconteceu com ela —, está na raiz da minha recusa em me casar; embora na França não haja instrumentos de tortura ao lado da cama.

E o Marquês de Sade?, perguntei.

Felizmente, apenas um homem, disse ela, e felizmente não deste século. Ela riu. E felizmente não ao lado da *minha* cama.

Talvez, disse eu. Mas sua brutalidade com as mulheres decerto está alojada na consciência coletiva dos franceses? Assim como a vivacidade de Rabelais, a sagacidade de Molière?

Talvez, murmurou ela, e pareceu absorta enquanto olhava para o fogo.

PARTE IX

EVELYN

Eu não tinha nenhum escrúpulo em abrir cartas que chegavam de Lisette para Adam, cartas que às vezes continham cópias de cartas que ela recebera de seu tio Mzee mencionando meu caso; ou mesmo, às vezes, cópias de cartas do próprio Adam; aparentemente, ela precisa refrescar a memória dele com frequência a respeito de uma coisa ou outra. De vez em quando, havia uma página copiada de seu diário, na qual ela se mostrava satisfeita e segura de si: autônoma de uma maneira que eu não conseguia me imaginar sendo. De tempos em tempos, ela também tinha a audácia de dirigir uma carta a mim. Essas cartas sempre soavam como se ela estivesse tateando em meio a um nevoeiro. Eu as pisoteava. Lia rotineiramente, e sem pressa, aquelas que Adam deixava abertas no fundo da gaveta de sua escrivaninha, de cuja chave havia tempos eu fizera uma cópia. Foi por intermédio de uma das cartas que fiquei sabendo que seu filho, Pierre, estava vindo para a América.

Depois de me informar que estava indo a um congresso de *religieux* progressistas, Adam voou para Boston para encontrá-lo e passou uma semana fora, ajudando Pierre a se instalar em sua nova vida em Cambridge e Harvard. O menino ainda estava longe, do outro lado do continente, então não me preocupei. Ele permaneceu em Cambridge por três anos.

Foi por intermédio de suas cartas que fiquei sabendo da doença de Lisette. Diagnosticada primeiro como estresse causado por seu ativismo político: ela era ativa no movimento contra as usinas nucleares francesas, que, escreveu, pontilhavam como perigosas *pustules* o interior rural outrora intocado; posteriormente diagnosticada como uma úlcera

estomacal. Depois como uma hérnia. Então, por fim, como câncer de estômago. Ela pediu a Adam que permitisse que Pierre morasse com ele e frequentasse Berkeley depois de sua morte. Adam pareceu concordar; recusei-me a deixar que ele tocasse no assunto comigo.

Foi durante um período em que eu não conseguia comer e estava magra como um espantalho; minhas roupas ficavam folgadas, e eu não usava nada além de preto. Na semana anterior, Adam me apresentou a uma pessoa que disse, com uma risadinha: “Ah, Adam e *Evelyn*, Adão e Eva. Que fofo!” E eu lhe dei uma bofetada.

Sentia a violência crescendo em mim a cada encontro com o mundo fora de casa. Mesmo dentro de casa, com frequência e por motivos fúteis, motivo *nenhum*, eu dava tapas nas orelhas de Benny. Se o fizesse gritar e se encolher e olhar para mim com os olhos tomados de amor e incompreensão, imaginava que me sentiria aliviada.

Eu estava olhando para a rua quando o táxi chegou. Um táxi que mais parecia um desenho infantil, quadrado e amarelo vivo. O tipo de táxi com o qual o mundo espera que todos os táxis americanos se pareçam. Vislumbrei a cabeça encaracolada de Pierre antes de ele sair, quando se inclinou para a frente para pagar o motorista. Ele era magro e baixo, como se ainda fosse uma criança. Observei os dois, conversando como velhos amigos, dando a volta até o porta-malas para tirar a bagagem.

Ainda conversando, não perceberam o espectro sombrio que pairava perto deles: primeiro até a porta, depois até a varanda, depois pelos degraus, parando ao lado de uma grande pilha de pedras que eu começara a coletar no mesmo dia em que soubera do nascimento de Pierre. Grandes pedras oblongas da beira da estrada; pesadas pedras planas da margem do rio; pedras de xisto afiadas e irregulares do campo.

Depois que agradeceu ao motorista e se virou para a casa, Pierre me viu e sorriu. Uma grande pedra angular, cinzenta como o luto, atingiu-o logo acima dos dentes. O sangue jorrou de seu nariz. Comecei a atirar as pedras como se, tal qual Kali, tivesse uma dúzia de braços, ou como se meus braços fossem uma catapulta múltipla ou um moinho de vento. Pedras atingiram Pierre e o táxi, que começou a se afastar, mas parou bruscamente quando o motorista percebeu que Pierre estava sendo atacado e caíra de joelhos. Eu não desisti e me aproximei, com os braços cheios de pedras. Pierre começou a falar em francês, o que me

enfureceu. Larguei as pedras para tapar os ouvidos com as palmas das mãos. Durante essa pausa no ataque, o taxista correu até ele, agarrou-o pelos braços e o arrastou para fora do meu campo de visão.

Comecei a rir, enquanto o táxi desaparecia na rua. Em sua pressa covarde, esqueceram a bagagem de Pierre. As malas marrons ficaram, importunas e irrevogáveis, onde ele as havia deixado; mais bagagem pesada para eu levantar e de alguma forma carregar. Não faria isso. Me precipitei para a frente, batendo os braços e gritando roucamente como um corvo, e as chutei para a rua.

PARTE X

EVELYN

A viagem de ônibus saindo da estação de Ombere foi longa. Estradas esburacadas. Poeira por toda parte. A cada vinte e cinco quilômetros, mais ou menos, parávamos para usar as instalações à beira da estrada, que não se pareciam em nada com as da América, eram inteiramente improvisadas. Buracos fedorentos no chão, de ambos os lados dos quais alguma pessoa com visão de futuro havia pregado uma tábua. Nessas tábuas, inevitavelmente salpicadas de urina, colocavam-se os pés.

Uma semana antes, eu não imaginava que M'Lissa ainda estivesse viva. Mas sim, de acordo com uma *Newsweek* de um ano antes, que eu tinha lido na sala de espera do Waverly, ela não só estava viva, mas também era uma espécie de monumento nacional. Havia sido homenageada pelo governo de Olinka por seu papel durante as guerras de libertação, quando atuara como enfermeira com a mesma dedicação a seus pacientes que Florence Nightingale, e por sua defesa inabalável dos antigos costumes e tradições de seu povo. Nenhuma menção foi feita a como ela cumprira essas obrigações. Havia sido condecorada, “recebera honrarias”, dizia a revista; tirada de sua choupana obscura, onde estava morrendo em uma esteira de palha imunda, e levada para um chalé espaçoso nos arredores de uma cidade próxima, onde estaria a curta distância de um hospital, caso surgisse a necessidade.

Depois de ser transferida de sua choupana escura para a luz do sol que inundava sua nova casa — com água corrente e um banheiro interno, ambos milagres para a sortuda M'Lissa —, uma notável mudança ocorrera. M'Lissa havia parado de dar sinais de morte, parara de envelhecer e começara a vicejar. “Rejuvenescer”, como dizia o artigo.

Uma enfermeira local, especialista em geriatria, cuidava dela; um cozinheiro e um jardineiro completavam a equipe. M'Lissa, que não caminhava havia mais de um ano, voltou a andar, apoiada em uma bengala que o próprio presidente lhe dera, e gostava de cambaleiar por seu jardim. Adorava comer e mantinha o cozinheiro ocupado preparando pratos especiais de *curry* de cordeiro, arroz de passas e mousse de chocolate, seus favoritos. No jardim, havia uma mangueira; na verdade, a fotografia a mostrava sentada embaixo da árvore; ficava ali, feliz e contente, dia após dia, quando era época da colheita, se empanturrando.

Na fotografia, M'Lissa exibia um grande sorriso, os dentes novos e brilhantes; até seu cabelo tinha voltado a crescer e formava uma auréola branca ao redor da cabeça de um marrom profundo.

Havia algo sinistro em seu aspecto, no entanto; mas talvez eu fosse a única que estivesse atenta a isso. Embora sua boca sorrisse, assim como as bochechas encovadas e o nariz comprido, a testa enrugada e o pescoço magro, seus olhos redondos não sorriam. Ao olhar para eles, de súbito completamente frios, me dei conta de que nunca haviam sorrido.

Como pude confiar meu corpo a essa louca?

TASHI-EVELYN

Uma bandeira tremulava sobre sua casa, o vermelho, o amarelo e o azul vívidos contra o pálido céu arroxeadado do meio-dia. Eu não era sua única visitante; havia carros no minúsculo estacionamento ao lado, cuidadosamente separado da casa por uma buganvília cor-de-rosa, e um ônibus de turismo parado na rua. Os passageiros não tinham autorização para desembarcar, e estavam ocupados tirando fotos do chalé das janelas do ônibus. Deixei meu carro alugado fora da vista da casa e, quando subi os degraus vermelhos que levavam à varanda e olhei para trás, fiquei surpresa ao constatar que ele havia desaparecido. Mas não ver o veículo no qual eu havia chegado parecia certo, constatei depois de um momento de reflexão, pois reforçava uma sensação que começara enquanto eu atravessava a vastidão do campo: de que havia voado diretamente, como se fosse um pássaro, da minha casa para a dela, e que isso fora realizado por meio da transmissão direta do pensamento: uma viagem mágica.

Fui recebida na varanda por uma jovem que não havia sido mencionada no artigo da *Newsweek*: esbelta, com a pele lisa e escura e olhos radiantes, tão linda e fresca quanto uma flor recém-cortada. Expliquei que conhecera M'Lissa toda a vida; que ela tinha me trazido ao mundo, pois era uma grande amiga de minha mãe e, na verdade, mãe de toda a aldeia. Expliquei que tinha vindo da América, onde morava agora, embora fosse Olinka de nascimento, e que esperava poder falar com M'Lissa, quem sabe depois que seus outros convidados tivessem ido embora.

Qual é o seu nome?, perguntou ela baixinho.

Diga-lhe que é Tashi, filha de Catherine, não, filha de *Nafa*, que foi para a América com o filho do missionário.

Ela se virou. Por hábito, olhei para seus pés. Enquanto se afastava, vi que ela tinha o andar deslizante de uma moça Olinka “digna”.

Alguns minutos depois, todos os convidados de M’Lissa saíram da casa, como se tivessem sido enxotados por sua bengala, me examinando com curiosidade enquanto passavam. Devem ter pensado que eu era uma importante dignitária. Quando os motores dos carros foram ligados, quebrando o silêncio, a jovem voltou.

Pode entrar, disse ela, com um sorriso.

Qual é o *seu* nome?, perguntei.

Marta, respondeu ela.

E seu outro nome?

Mbati, disse ela, com um brilho nos olhos.

Mbati, por que as pessoas vêm aqui?

A pergunta a surpreendeu. Mãe Lissa é um monumento nacional, disse ela. Reconhecida como heroína por todas as facções do governo, incluindo a Frente de Libertação Nacional. Ela é famosa, finalizou, dando de ombros e olhando para mim como se estivesse intrigada por eu não saber.

Sei disso, respondi. Li na *Newsweek*.

Ah, sim, a *Newsweek*, disse ela.

Mas sobre o que eles falam com ela?

Sobre suas filhas. Sobre os velhos costumes. Sobre nossas tradições. Ela fez uma pausa. A maioria dos que vêm aqui são mulheres. Você deve ter notado isso pelas pessoas que acabaram de sair. Mulheres de uma certa idade. Mulheres com filhas. Mulheres assustadas, muitas vezes. Ela as tranquiliza.

Ah, é?, disse eu.

Sim. Ela é tão sábia e diz coisas tão bizarras. Você sabia que Mamãe Lissa afirma que houve um tempo em que as mulheres não menstruavam! Ah, diz ela, podia haver uma única gota de sangue, mas apenas uma! Ela diz que isso foi antes de a mulher ser capturada.

Não pude deixar de rir, como Mbati estava fazendo.

Ela só fica sentada e fala; é o centro das atenções. Pouco importa o que diz. Já deve ter uns cem anos; todos querem ter estado em sua

presença antes que ela morra. Muitas coisas, como você sabe, desmoronaram por aqui: a independência está nos matando tanto quanto o colonialismo. Mas isso, acrescentou ela com um suspiro, provavelmente é porque não é independência de fato.

Mbati pega minha mão e me puxa lentamente com ela, ainda falando baixinho. Ela é um vínculo com o passado para nós; sobretudo para nós, mulheres, diz. É a única mulher que foi homenageada dessa forma pelo governo; um ícone.

Como é possível, penso, enquanto Mbati me conduz pelo corredor reluzente e me empurra para o quarto de M'Lissa e em direção a uma cama branca como a neve, que minha mãe tenha vivido e morrido; que Mzee tenha vivido e morrido; que a francesa Lisette tenha vivido e morrido; que eu mesma tenha vivido e morrido — dentro e fora do Waverly, dentro e fora da sanidade — muitas vezes. Guerras mundiais foram travadas e perdidas; pois toda guerra é contra o mundo, e toda guerra contra o mundo está perdida de antemão. Mas eis que ali está M'Lissa, recostada como uma rainha em sua cama de neve, a janela aberta ao lado dando para um jardim perfumado, e, ao longe, erguendo-se acima do jardim, uma montanha azul. Ela está radiante, e sua testa, seu nariz, seus lábios, dentes e bochechas sorriem para mim. Eu me inclino para beijar o topo de sua cabeça, seus cabelos brancos uma escova resistente contra meus lábios. Pego sua mão, que parece uma pena, e fico um momento olhando para ela. Todo o seu corpo sorri para me dar as boas-vindas; exceto pelos olhos. Eles estão cautelosos e alertas. Eu achava que a visão das pessoas ia piorando à medida que envelheciam. Mas não, ela me vê com clareza. Seu olhar é como um raio x. Mas o meu também é, agora. O que é essa sombra, lá nas profundezas? Será apreensão? Será medo?

PARTE XI

EVELYN

Mbati se senta no banco das testemunhas. Ela não usa maquiagem nem joias e seus cabelos estão curtos e ao natural. Há uma simplicidade nela que dá a toda a sala do tribunal um toque de dignidade. Quando ela fala, sua personalidade discreta e calorosa acalma a corte, ainda que o ruído rouco dos ventiladores de teto se torne mais irritante do que nunca. Ela é a filha que eu deveria ter tido. Talvez pudesse ter tido, se não a tivesse abortado por medo.

Flutuo até a cadeira da testemunha e paio no ar, uma grande libélula, na frente dela. Estendo o braço e pego sua mão macia na minha. Seus olhos se arregalam: de surpresa e alegria. Venha, digo a ela, sorrindo, eu sou sua mãe. Se pegar minha mão diante de todas essas pessoas, todos esses juízes, todos esses policiais, guardas prisionais e espectadores curiosos, vai descobrir que nós duas podemos voar. Sério?, pergunta ela, colocando a outra mão também na minha. Eu a puxo gentilmente e ela deixa seu assento e flutua ao meu lado por sobre o parapeito da tribuna, sobre as mesas dos advogados, sobre as cabeças do tribunal lotado... saindo pela porta em direção ao céu. Somos mais leves que o ar, mais leves que a penugem do cardo. Mãe e filha rumo ao sol.

Não, eu não suspeitei de nada, ela está dizendo quando flutuo de volta para mim mesma, sentando na cadeira dura ao lado do meu advogado.

Elas eram velhas amigas. Mãe Lissa a conhecia. Ficou feliz em vê-la. Na verdade, eu nunca a tinha visto tão animada. Elas precisavam conversar. Precisavam ficar sozinhas. Mãe Lissa insistiu.

E então você deixou seu posto. Deixou a cabeceira da *Mãe Lissa*. Deixou até mesmo a casa, diz o advogado em tom acusatório.

Minha filha abaixa a cabeça. Mas rapidamente ergue o olhar outra vez. Há aquele brilho saudável e travesso que às vezes ela tem nos olhos.

Ela vira o rosto para os juízes. Meritíssimos, diz com firmeza, deixei o local.

Todos eles ignoram essa centelha de vida. Essa autenticidade simples. Essa beleza.

Protesto, diz o outro advogado. (Não consigo mais distingui-los; a única maneira de saber qual dos dois é o meu advogado é observando qual deles se senta ao meu lado e pelo seu cheiro: sua colônia é um perfume popular na América.) O comportamento perverso da ré não é algo que a testemunha pudesse saber de antemão.

Não desconfiou de nada?, insiste o advogado.

A menina parece aflita. Eu sinto muito por ela. Como eles podiam imaginar que ela tinha alguma culpa naquilo? Fui eu quem afastou Mbatí de seu posto; fui eu quem disse a M'Lissa: Mamãe Lissa, dê um descanso para a menina. Sua outra filha veio da América só para cuidar de você! Já que voltar para cuidar dos idosos era uma característica tão forte das antigas tradições, como ela poderia recusar?

Ah, M'Lissa dissera, é muita felicidade. Muita! Ver a filha de Nafa aqui, bem ao lado da minha cama. Ah, com certeza isso vai me matar!

Achei isso algo estranho de dizer.

Qual foi sua impressão a respeito da ré?, pergunta o promotor.

Há uma longa pausa. Maternal, responde Mbatí.

O jovem homem fica surpreso. O quê, está implícito em seu olhar, esse demônio, *maternal!*

Sim, Mbatí continua com a voz decidida. Perdi minha mãe quando era criança, mas mesmo assim nunca acreditei que ela estivesse morta. Quando a Sra. Johnson apareceu na porta...

Lembranças de infância são irrelevantes para este tribunal, diz o advogado, interrompendo-a. Embora certamente a reação humana tivesse sido deixá-la terminar; mesmo que se sentisse incapaz de fazer a pergunta: Como sua mãe morreu? É uma pergunta tabu em Olinka. Uma que ninguém nunca fazia por medo da resposta.

Mbatí fica em silêncio, mas me encara sem desviar o olhar. Vejo que ela não me condenou.

EVELYN

Sinto pena de Adam, fisicamente forte, emocionalmente frágil; gotas de suor brotando no lábio superior. É difícil acreditar que esse velho de cabelos e barba grisalhos é meu marido e meu melhor amigo há mais de cinquenta anos. E que foi meu amante.

Ele parece condenado apenas por estar presente no tribunal lotado. Olha desconsolado para os ventiladores de teto recentemente lubrificados, girando lentamente, ou pelas janelas abertas, esperando os golpes e esquivas das perguntas dos advogados.

Eu me lembro de quando seu corpo era esbelto e firme, e de como eu costumava beijá-lo de mamilo a mamilo por toda a extensão lisa de seu lindo peito.

Ele está dizendo que sou uma mulher torturada. Alguém cuja vida inteira foi arruinada pela realização de um ritual em meu corpo que eu não estava preparada para compreender.

Assim que ele pronuncia a palavra “ritual”, há um furor no tribunal. Vozes masculinas e vozes femininas, pedindo que Adam seja impedido de falar. Cale a boca, cale a boca, seu americano maldito!, gritam as vozes. Isso que você expõe é assunto nosso! Não podemos discutir publicamente esse tabu.

Adam parece exausto. Prestes a chorar.

Mãe Lissa era um monumento!, sibilam as vozes. Sua mulher assassinou um monumento. A avó da nossa raça!

Eu sinto as fúrias, as vozes estridentes, enrolando seus tentáculos em torno do meu pescoço. Mas em vez de sucumbir ao estrangulamento, eu me torno parte dos gritos e me elevo do meu próprio pescoço como se

fosse o vento. Eu sopro e sopro pelo tribunal, em um crescente até a explosão.

Os juízes pedem ordem, diversas vezes. As outras fúrias e eu nos acalmamos. A ordem por fim é restaurada.

Penso em como nunca conheci Lisette. Em como ela tentou me conhecer. Tentou me visitar. Escreveu-me cartas. Tentou fazer com que me interessasse pela culinária francesa — enviou-me livros e receitas. Mandou-me recortes de jornal sobre cogumelos selvagens e onde encontrá-los. (Nada disso ajuda, eu costumava murmurar para mim mesma enquanto me olhava no espelho e mostrava a língua.) Me mandou o filho dela. E como eu a repeli. Como eu achava que ela me conhecia muito bem.

E então, de repente, depois de uma longa e dolorosa luta, ela morreu. Deixando para Pierre seus olhos — pois os olhos dele não são de Adam —, e foram esses olhos conhecedores, com seu olhar perscrutador, que de tão longe, do dormitório de graduação em Harvard, enxergaram dentro de mim. Até dentro dos meus sonhos.

Chère Madame Johnson, escreveu ele. Espero que não rasgue esta carta antes de lê-la. (Nesse momento, é claro, rasguei-a ao meio, depois juntei os pedaços para continuar lendo.) Durante toda a minha vida ouvi falar da torre que a aterroriza em seus sonhos. Essa questão da torre obcecou minha mãe desde o dia em que ouviu falar dela, e ela leu muitos livros tentando descobrir o que poderia significar. Foi uma busca incansável da qual participei desde pequeno. No fundo da minha mente sempre pairou esse seu pesadelo envolvente, contado apenas uma vez para minha mãe por meu pai, mas contado de forma tão vívida que nossa casa nunca mais esteve livre dele por completo.

Pois, como nós dois entendíamos, esse pesadelo, esse seu *cauchemar*, de estar aprisionada em uma torre escura, era o que mantinha meu pai longe de mim.

Madame, agora sei o que é a torre, embora talvez não o que ela significa.

Como sabe, agora estou em Berkeley, que, afinal, não fica tão longe de sua casa.

Será que pode não atirar pedras?

Podemos nos encontrar?

Pierre Johnson

ADAM

Eles não querem ouvir sobre o sofrimento de suas filhas. Tornaram o próprio ato de falar sobre o sofrimento um tabu. Como os sinais visíveis da menstruação. Sinais dos poderes psíquicos da mulher. Sinais da fraqueza e da insegurança dos homens. Quando dizem a palavra “tabu”, eu tento ler seus olhares. Estão dizendo que algo é “sagrado” e, portanto, não deve ser examinado publicamente por medo de perturbar o mistério; ou estão dizendo que é tão profano que não deve ser exposto, por medo de corromper os jovens? Ou estão dizendo simplesmente que não podem e se recusam a ouvir o que é dito sobre uma tradição da qual fazem parte e que perdura, até onde sabem, desde sempre?

Esses é o tipo de pergunta que meu pai me ensinou a fazer, infelizmente. Adam, dizia ele: Qual é a pergunta fundamental que se deve fazer ao mundo? Eu pensava a respeito e cogitava muitas coisas, mas a resposta era sempre a mesma: *Por que a criança está chorando?* Havia uma criança chorando até no Velho Torabe, cuja sujeira, cuja velhice e cuja doença me enojavam tanto. Antes de ele morrer, eu vi. Ele não amara a maioria de suas esposas; na verdade, nem mesmo as odiava; pensava nelas apenas como servas da forma mais descartável possível. Mal se lembrava de como se chamavam. Mas a jovem que fugiu, a esposa que se afogou, ele pelo menos pensou que amava. Infelizmente, para ele, “amor” e relações sexuais frequentes e forçadas eram uma coisa só. E assim ele ficou, no fim, ferido e molhado por suas próprias lágrimas, lamentando a própria vida, mas sem conhecer nenhuma outra. As mulheres são indestrutíveis lá embaixo, você sabe, ele me disse, lascivamente, mais de uma vez, os olhos brilhando com a lembrança da

luxúria e da violência. Elas são como couro: quanto mais você mastiga, mais macio fica.

Se todos os homens neste tribunal tivessem o pênis removido, como seria? Será que compreenderiam melhor que essa condição é semelhante à de todas as mulheres nesta sala? Que, enquanto estamos sentados aqui, as mulheres estão sofrendo com as constrictões não naturais da carne depois de terem tido o corpo cortado e remodelado? Não apenas Evelyn. Mas também a jovem da papelaria; a velha que vende laranjas. As mulheres burguesas em seus trajes elegantes, abanando-se e aplicando pó no nariz por causa da umidade. As pobres mulheres de pé, espremidas contra as portas dos fundos. A bela e filial Mbatí.

Como é desolador pensar que ninguém neste tribunal jamais as ouviu. Vejo cada uma delas como a criancinha com a qual meu pai sempre se preocupou, gritando de terror incessantemente em seu próprio ouvido.

Estamos cientes, diz o promotor, de que a Sra. Johnson, embora seja Olinka, vive na América há muitos anos, e que a vida nos Estados Unidos, para as pessoas negras, é em si uma tortura.

Eu olho para ele, perplexo.

Não é verdade, Sr. Johnson, que nos Estados Unidos, com o tratamento hostil dos brancos, sua esposa já foi internada diversas vezes em um manicômio?

Minha esposa está *machucada*, digo. *Ferida*. *Destroçada*. Não louca.

Evelyn ri. Jogando a cabeça para trás em um desafio deliberado. A risada é curta. Aguda. O latido de um cão. Além da dor. Inegavelmente insana. Estranhamente livre.

EVELYN-TASHI

Todos eles tirariam a América de mim se pudessem. Mas não vou permitir. Se for preciso, eu me colocarei no caminho deles. Assim como fiz com Amy. Como você fica no caminho de uma pessoa? Recusando-se a acreditar nela.

ADAM

Mulher após mulher vem até mim para reclamar que o marido, homem, amante, é ou foi infiel a ela, diz a nova médica de Tashi, Raye, quando temos uma consulta. O resultado, nove em cada dez vezes, é frigidez na mulher. Circuncisão psicológica?, pergunta ela, pensativa.

Digo a ela que não sei. Nunca me ocorreu pensar no sofrimento de Tashi como algo que fazia parte de um *continuum* de dor. Eu tinha pensado no que havia sido feito a ela como algo único, definitivo.

PARTE XII

TASHI-EVELYN

“O Deus Amma, ao que parece, pegou um pedaço de argila, apertou-o na mão e o atirou longe, como havia feito com as estrelas. A argila se espalhou e caiu no norte, que é o topo, e dali se estendeu para o sul, que é o fundo do mundo, embora todo o movimento tenha sido horizontal. A Terra é plana, mas o norte está no topo. Estende-se a leste e oeste com os membros separados como um feto no útero. É um corpo, isto é, uma coisa com membros que se ramificam de uma massa central. Esse corpo, deitado de barriga para cima, em uma linha de norte a sul, é feminino. Seu órgão sexual é um formigueiro, e seu clitóris é uma colônia de cupins. Amma, solitário e desejoso de ter relações sexuais com essa criatura, aproximou-se dela. Assim ocorreu a primeira quebra da ordem do universo...”

“À aproximação do Deus, o cupinzeiro se ergueu, barrando a passagem e exibindo sua masculinidade. Era tão forte quanto o órgão do estranho, e a relação sexual não podia acontecer. Mas Deus é todopoderoso. Ele decepou o cupinzeiro e teve relações sexuais com a terra circuncidada. Mas o incidente original estava destinado a alterar o curso das coisas para sempre...”

Enquanto Pierre lê, examino seu rosto e procuro sinais de Adam, sinais de Lisette. Ele parece uma pessoa completamente misturada e, como tal, nova. Nele, o “negro” desapareceu; assim como o “branco”. Seus olhos são castanho-escuros e saturados de luz; sua testa é alta e marrom-dourada; o nariz largo, um pouco achatado. Ele me disse que gosta tanto de homens quanto de mulheres, o que provavelmente é natural, diz ele, já que é descendente de dois sexos e de duas raças.

Ninguém fica surpreso por ele ser birracial; por que deveriam se surpreender com o fato de ele ser bissexual? É uma explicação que nunca ouvi e que não consigo compreender inteiramente; parece lógica demais para o meu cérebro. O irmão está sentado à sua frente enquanto ele lê, imerso em admiração. Eles passam muitas horas juntos, perambulando pelo campus de Berkeley e pelas ruas da cidade, felizes por terem encontrado um no outro o melhor amigo.

Agora ele para de ler, abruptamente, e olha para mim. Isso é de um livro de um antropólogo francês, Marcel Griaule, diz ele, virando-o para que eu possa ver a capa laranja e ler o título, *Conversations with Ogotemmêli*. Estou sob a influência de uma droga nova, leve e bastante agradável. É como se eu tivesse fumado maconha. Não compreendi o significado da passagem, que Pierre leu para mim com tanta seriedade; tampouco compreendo por completo como é que ele está sentado na minha sala lendo para mim esse livro estranho. Será que parei de odiá-lo? Olho para Benny, que parece tão feliz, depois para o meu colo. Meus olhos ardem como acontece quando estou sob o efeito de medicamentos; fechá-los traz alívio. Pierre lê como se eu estivesse ouvindo: “Deus teve mais relações sexuais com sua esposa-terra, e dessa vez sem nenhum contratempo, pois a mutilação do membro removeu a causa do distúrbio anterior.” Eu o sinto parar, folhear as páginas e olhar para mim. Levanto os olhos e tento dirigir a ele um olhar interessado. Estou acordada, digo. Na verdade, estou ouvindo. No entanto, quando ele recomeça a leitura, as palavras, ao tocar meu ouvido, ricocheteiam de volta para sua boca, como se fossem feitas de elástico. É uma visão perturbadora, e olho para Benny para ver se ele percebeu. Ele não percebeu. Está extasiado, com o bloco de notas no colo. Quem o ensinou a escrever, me pergunto, se nunca consegue se lembrar de nada?

“O espírito desenhou dois contornos no chão, um em cima do outro, um masculino e o outro feminino. O homem se estendeu sobre essas duas sombras de si mesmo e tomou ambas para si. A mesma coisa foi feita com a mulher. E foi assim que todo ser humano, desde o início, foi dotado de duas almas de sexos diferentes, ou melhor, de dois princípios que correspondiam a duas pessoas distintas. No homem, a alma feminina ficava localizada no prepúcio; na mulher, a alma masculina estava no clitóris.”

Nesse momento, olhei para cima. Pierre continuou: “A vida do homem não era capaz de sustentar ambos os seres: cada pessoa tinha que se fundir no sexo para o qual parecesse mais adequada.” Então, disse Pierre, fechando o livro mas mantendo o dedo entre as páginas, o homem é circuncidado para libertá-lo de sua feminilidade; a mulher é circuncidada para libertá-la de sua masculinidade. Em outras palavras, disse ele, inclinando-se para a frente na cadeira, muito tempo atrás, os homens achavam necessário trancar permanentemente as pessoas em sua categoria óbvia de gênero, mesmo reconhecendo a dualidade de gênero como algo natural.

Há quanto tempo foi isso?, pergunto, meu foco um pouco embaçado.

Pierre deu de ombros, e imaginei ver o corpo de sua mãe na ondulação fluida de seu movimento.

Até Cleópatra foi circuncidada, diz ele. Nefertiti também. Mas algumas pessoas acham que as pessoas neste livro, os Dogons, descendem de uma civilização ainda mais antiga que a deles, e que essa civilização se espalhou para o norte, da África Central *para cima*, até o Antigo Egito e o Mediterrâneo. Ele fez uma pausa, pensativo. Minha mãe costumava dizer que a mutilação genital, que é anterior a todas as grandes religiões, era uma espécie de enfaixamento dos pés.

Depois que ele sai de casa para acompanhar Benny a um jogo de basquete, fico com o livro, cujas páginas ele marcou cuidadosamente, e com o enigma de seu último comentário. De repente, vejo Lisette com toda a clareza diante de mim. Ela está sentada perto de uma janela na frente da qual há uma mesa. Está pensando em mim enquanto olha para um grosso livro marrom à sua frente, e sua testa branca está franzida. Ela olha para um desenho do pé minúsculo e pútrido de uma mulher chinesa, e lê a nota que diz que o cheiro podre era um afrodisíaco para o homem, que gostava de segurar os dois pés pequenos e indefesos em sua mão grande, levando-os ao nariz enquanto se preparava para violentar a mulher, que não podia fugir. Essa imobilidade era ainda mais satisfatória para sua luxúria. A dor de suas tentativas de escapar mancando eram um incentivo para que saboreasse a perseguição. A mãe de Pierre havia sido evocada pelo movimento estranho e antiamericano de seus ombros, tanto quanto por suas palavras. Por que, me pergunto, supomos que as pessoas que pensam profundamente sobre nós nunca morrem?

Ao abrir o livro, meus olhos se fixam em uma passagem que Pierre não havia lido: “O homem então teve relações sexuais com a mulher, que mais tarde deu à luz os dois primeiros filhos de uma série de oito, que se tornariam os ancestrais do povo Dogon. No momento de dar à luz, a dor do parto se concentrava no clitóris da mulher, que foi cortado por uma mão invisível, desprende-se e a deixou, assumindo a forma de um escorpião. A cauda e o ferrão simbolizavam o órgão: o veneno era a água e o sangue da dor.”

Li a passagem novamente, meus olhos sempre parando nas palavras “uma mão invisível”. Mesmo tanto tempo atrás, Deus já havia abandonado a mulher, pensei, ficando ao lado dela apenas tempo suficiente para mostrar ao homem o corte a ser feito. E se não fosse dor o que ela sentiu no momento do parto? Afinal, dor foi o que *eu* senti quando dei à luz, e eu não tinha um clitóris onde ela se concentrasse.

Continuei lendo: “A alma dual é um perigo; um homem deve ser do sexo masculino, e uma mulher, do sexo feminino. A circuncisão de ambos os sexos é... a solução.”

Mas quem aguentaria pensar nisso por muito tempo? Fechei o livro, caminhei vacilante pela sala, caí pesadamente no sofá e me distraí com uma reprise de um programa humorístico na televisão.

ADAM

Me entristece que Pierre nunca tenha se casado e que ele pareça satisfeito em seguir com a carreira de antropólogo e passar a maior parte de seu tempo livre com Benny. Essa pessoa *petit* (para um homem) de cabelos encaracolados e cor de teca é meu filho! Fico tão espantado agora, que ele está se aproximando da meia-idade, quanto ficava quando ele tinha dois anos. Embora sua voz seja grave, mais grave que a minha, a voz de uma pessoa de cor, às vezes ainda parece, por causa do sotaque, a voz de um estranho. Eu vejo sua mãe nele. Lisette, que demorou tanto para morrer, corajosamente determinada a manter sua dignidade, seu eu, até o fim; seu pescoço francês grosso e forte definindo enquanto ela lutava. Apenas para implorar, no fim, por morfina e mais e mais morfina. Vê-la em Pierre torna suportável a lembrança das últimas vezes que estive com ela e reacende pensamentos mais felizes de nossos tempos passados.

Pierre ri da minha preocupação, se abstendo com elegância de observar em voz alta que meu próprio casamento tem sido um inferno.

Sou casado com o meu trabalho, diz ele.

Mas seu trabalho não gera filhos, objeto.

Ele sorri. *Mais oui*, diz ele, meu trabalho *vai* gerar filhos! Crianças que ao menos vão compreender por que têm medo. Como uma criança pode ser criança se tem medo?

Não consigo argumentar. Desde o momento em que, ainda menino, Pierre ouviu falar da torre escura de Tashi e de seu terror, os sofrimentos dela nunca mais saíram de sua mente. Tudo que aprende, não importa quão trivial ou em que contexto ou com quem, ele transfere para o dilema dela. As conversas que temos como adultos inevitavelmente

incluem informações que ele guardou para que se tornassem parte da solução do enigma de Tashi.

A única garota que ele já amou, por exemplo. Uma estudante de Berkeley com quem costumava andar a cavalo.

Ela sempre cavalgava sem sela, ele me disse enquanto estávamos sentados em uma grande pedra no parque, no meio de uma caminhada à tarde. Ela tinha orgasmos enquanto andava a cavalo.

Tem certeza?, pergunto.

Sim, responde ele. Ela ficava em êxtase. E quando perguntei, ela admitiu.

Fico sem palavras ao pensar que o prazer de qualquer mulher possa ser alcançado com tanta facilidade, gaguejo; tão, de certa forma, *descuidadamente*.

A palavra que você está procurando, diz Pierre, é *libertinamente*. *Despudoradamente*. Uma mulher que é sexualmente “desinibida”, de acordo com o dicionário, é por definição “lasciva, libertina e despudorada”. Mas por que isso? Um homem sexualmente desinibido é apenas um homem.

Bem, digo, ela *era* desinibida?

Pierre desloca seu peso sobre a pedra e franze a testa, voltando o rosto para o céu. Isso, diz ele, no tom acadêmico que ainda me parece divertido em uma pessoa do tamanho de uma criança, talvez nos permita entender melhor a insistência, entre pessoas de culturas que praticam a mutilação, de que a vagina de uma mulher deve ser apertada. Por meio de uma intervenção forçada, se necessário. Associa-se uma pessoa ser libertina, ser despudorada, com o fato de ela ser capaz de atingir o orgasmo com facilidade.

Como isso aconteceu?, pergunto. Com sua amiga, quero dizer.

Ela foi criada por pais pagãos, adoradores da terra, em uma pequena ilha no Havaí. Tinha orgasmos fazendo praticamente qualquer coisa. Ela disse que, em casa, tinha árvores favoritas que adorava e nas quais se esfregava. Ela podia ter um orgasmo com pedras quentes e lisas, como esta na qual estamos sentados; podia gozar com a própria terra se ela se erguesse um pouco para encontrá-la. No entanto, diz Pierre, nunca esteve com um homem. Seus pais a haviam ensinado desde cedo que não era absolutamente necessário, a menos que ela quisesse filhos.

E com você?, pergunto.

Receio que minha maneira de fazer amor tivesse um efeito desestimulante, não, um efeito *deslubrificante*, diz ele. Não importava o quanto eu tentasse, era difícil não abordá-la com uma atitude de dominação. Ao fazer amor comigo, ela ficava cada vez menos molhada. Seu rosto fica triste por um momento, então ele sorri. Ela foi para a Índia. Acho que me trocou por um elefante no qual aprendeu a montar, ou talvez pelo filete de água lento e morno de uma cachoeira, como aquelas com as quais teve tantos encontros amorosos em sua ilha havaiana.

Sempre pensei que talvez fosse para tornar impossível o amor sexual entre mulheres que os homens destruíssem seus órgãos sexuais externos.

Ainda acho que isso é em parte verdade, diz Pierre. Mas também há minha experiência com a rainha Anne.

Rainha Anne? Sua amiga tinha o nome da rainha Anne Nzingha, a guerreira africana?

Não, diz ele. Ela se chamava assim por causa da renda-da-rainha-Anne, a flor silvestre.

Mais tarde na caminhada, quando paramos junto a uma fonte para beber água, Pierre ainda está absorto em pensamentos. Será que são apenas as mulheres que podem fazer amor com qualquer coisa?, pergunta ele. Afinal, o homem também tem órgãos sexuais externos. Mas os homens buscam unidade com a terra ao fazer sexo com ela?

Você quer dizer que sua amiga não se masturbava simplesmente?

Não. Ela disse que nunca se masturbava, exceto consigo mesma. E mesmo assim estava fazendo amor. Fazendo sexo. Seu parceiro simplesmente era algo diferente de outro ser humano.

Foi com ela que você descobriu sua dualidade?, pergunto.

Sim, responde ele. Até conhecê-la, nunca me senti sexualmente atraído por mulheres. Eu achava que todas as mulheres sofriam durante o sexo. Conhecê-la foi um grande alívio. Percebi que mesmo a bissexualidade, da qual sempre me senti capaz mas que nunca havia experimentado de fato, ainda era, como a homossexualidade e a heterossexualidade, como o lesbianismo, apenas uma sexualidade muito limitada. Quero dizer, ali estava alguém que era *pansexual*. Lembra-se de Pã, certo?, pergunta ele, rindo. Bem, minha amiga era a bisavó de Pã!

A imagem de Pã, o deus grego, tocando alegremente sua flauta na floresta, surge diante de mim. Sua cabeça humana repousa sobre um corpo composto de partes de muitos animais diferentes. É óbvio que seus ancestrais se relacionavam sexualmente, pelo menos na imaginação, com tudo. E antes dele os ancestrais da amiga do meu filho se relacionavam sexualmente com a própria terra. Estou realmente velho demais para usar a expressão “uau” de maneira graciosa. Mas “uau” é o que eu me ouço dizer. O que faz Pierre rir novamente.

Em um momento, porém, ele retoma o fio de seu pensamento. Na pornografia, diz com pesar, essa capacidade de a mulher ter prazer de diversas maneiras é retratada como algo perverso. Já vi filmes em que ela é forçada a copular com jumentos, cachorros, revólveres e outras armas. Legumes e frutas de formato estranho. Cabos de vassoura e garrafas de Coca-Cola. Mas isso é estupro. O homem tem inveja do prazer feminino, diz Pierre depois de um tempo, porque a mulher não precisa dele para atingi-lo. Quando seu sexo externo é mutilado, e ela fica apenas com a abertura minúscula e inelástica através da qual recebe prazer, ele pode acreditar que apenas seu pênis pode alcançar suas partes internas e dar à mulher o que ela deseja. Mas é só o desejo dele de dominá-la que faz o esforço valer a pena. E então é literalmente uma batalha, com sangue correndo de ambos os lados.

Ah, digo eu, a batalha original dos sexos!

Exatamente, responde ele.

Bem, digo eu, alguns homens recorrem a animais, e uns aos outros. Ou usam a mulher como se ela fosse um menino.

Se você é sensível à dor alheia, diz ele, fazendo uma careta, ou mesmo consciente da sua própria, sem falar da humilhação de forçar a penetração em alguém cuja própria carne foi transformada em uma barreira contra você, o que mais pode fazer?

PARTE XIII

EVELYN

Durante anos assisti a uma série de televisão chamada *Riverside*. Era sobre um hospital para transtornos psiquiátricos que me lembrava de Waverly. Quando Raye me apresentou Amy Maxwell, que se parecia muito com a mulher que fazia o papel da matriarca dura e compassiva e médica emérita do hospital, imediatamente me senti à vontade com ela. Ela era mais velha, ossuda e de cabelos grisalhos, com uma boca cheia de dentes brancos e regulares que pareciam estar presos em um sorriso permanente. Ela olhou para mim por cima dos óculos de aro prateado e estendeu a mão.

Raye estava sentada, como de costume, em sua poltrona marrom, com uma expressão confusa. Eu não conseguia entender por que Amy e eu estávamos sendo colocadas lado a lado. Como uma piada para mim mesma, me perguntei: Será que essa mulher é o saco de argila atrasado de Mzee?

Amy me relatou algo recentemente que achei que poderia interessar a você, disse Raye, inclinando-se para a frente.

Houve um silêncio prolongado, durante o qual reparei no tom rosado do rosto de Amy e no aroma artificial de laranja de seu perfume. Por fim, ela começou a falar. Falou do filho, Josh — palavra que em olinka significa turbante —, e de como ele era paciente de Raye havia muitos anos. Ela disse o nome dele baixinho, com hesitação, como se não tivesse certeza se tinha o direito de fazê-lo. Ele fora bailarino de uma grande companhia de balé até os trinta anos, depois do que começou a ter dificuldade de acompanhar os outros bailarinos. Envelhecido,

desempregado, deprimido, havia tirado a própria vida antes de completar quarenta anos.

Praticamente desde o nascimento, ele sofria de depressão, disse Amy. E praticamente desde o nascimento, continuou ela, com um olhar constrangido de Raye para mim, eu o levei a psicólogos. Como o pequeno soldado obediente que era, ele deixou sem protestar que sua mente e seu coração fossem examinados por uma sucessão de psiquiatras em um esforço para se ajustar à minha alegria constante: uma atitude solar tão persistente que fez com que seu pai, um homem normal, de altos e baixos emocionais, se afastasse. Não importava o que acontecesse comigo, eu superava, disse Amy, como minha própria mãe me ensinara a fazer, e como ela mesma sempre fizera. Ela era uma beleza sulista no estilo Scarlett O'Hara. Pobre durante a maior parte da vida, mas depois fabulosamente rica, por fim, pois se casou com meu pai, que era dono de boa parte do centro de Nova Orleans.

Nesse momento, ela parou e olhou pela janela. Era fevereiro; do outro lado da rua, as acácias estavam em flor. Nós três ficamos em silêncio, apreciando a bela penugem amarela contra o novo e delicado verde. Eu estava mais intrigada do que nunca. Olhei de soslaio para Raye, mas ela estava recostada na poltrona, os olhos calorosamente encorajadores fixos no rosto de Amy. Ocorreu-me que não era a primeira vez que ela ouvia aquilo.

Amy entrelaçou os dedos finos e limpou a garganta. Quantos anos ela teria?, me perguntei. Setenta e cinco? Oitenta? Mais? Parecia notavelmente em forma, qualquer que fosse sua idade. Foi só quando veio parar aqui, com Raye, disse ela, que ele começou a suspeitar de que a depressão que sempre carregara era minha.

Como assim?, perguntei.

O que quero dizer, disse Amy, com um suspiro, é que quando era muito pequena, eu costumava me tocar... lá. Era um hábito que mortificava minha mãe. Quando eu tinha três anos, ela amarrava minhas mãos todas as noites antes de eu ir para a cama. Aos quatro, ela passou molho de pimenta nos meus dedos. Quando eu tinha seis anos, pediram ao médico da família que extirpasse meu clitóris.

Nova Orleans fica na América?, perguntei, desconfiada, pois foi a única coisa que consegui pensar em dizer.

Sim, disse Amy, garanto que sim. E, sim, estou lhe dizendo que mesmo na América uma criança branca de classe alta não podia se tocar sexualmente, se os outros vissem, e estar segura. Hoje é diferente, claro. E mesmo naquela época, nem todos os pais reagem como minha mãe. Mas tenho certeza de que não fui a única que foi submetida a isso.

Não acredito em você, disse eu, levantando-me para ir embora. Pois vi as folhas verdejantes e saudáveis da minha América caindo secas no chão. Seus rios cintilantes enlameados de sangue.

Raye também se levantou e colocou a mão no meu braço. Eu estava com raiva dela e sabia que meus olhos expressavam isso. Como ela ousava me expor àquelas mentiras!

Espere, disse ela.

Eu me sentei.

Amy sorriu, um sorriso pequeno e modesto, apesar de sua boca tensa, em forma de um sorriso mais amplo. Você acha que é a única mulher africana a vir para a América, não é?, perguntou ela.

Na verdade, eu de fato achava isso. As mulheres negras americanas me pareciam tão diferentes das mulheres Olinka que eu raramente pensava em suas tataravós africanas.

Muitas mulheres africanas vieram para cá, disse Amy. Mulheres escravizadas. Muitas vendidas como escravas porque se recusaram a ser circuncidadas, mas muitas delas vendidas depois de terem sido circuncidadas e infibuladas. Eram essas mulheres costuradas que fascinavam os médicos americanos, que acorriam aos leilões de escravos para examiná-las, enquanto as mulheres permaneciam nuas e indefesas sobre o tablado. Eles aprenderam a fazer a “intervenção” em outras mulheres escravizadas; fizeram isso em nome da ciência. Encontraram um uso para as mulheres brancas... De repente, Amy riu. Escreveram em suas publicações médicas que finalmente haviam encontrado uma cura para a histeria da mulher branca.

Bem, alguém tinha que fazer isso, disse Raye, com uma expressão séria. E as duas riram.

Eu não consegui entender. Olhei para Amy.

Tinha sido feito com a avó da nossa cozinheira, disse ela. Muitas cirurgias, quando ela era pequena. Ela não pôde ter filhos; havia adotado Gladys, companheira de infância e empregada da minha mãe, cujo

próprio clitóris havia sido extirpado; embora ela não tivesse, como a mãe, sido infibulada. Gladys era dócil ao extremo, não uma escrava no sentido legal, mas servil ao extremo em espírito. Ela simplesmente não tinha nenhuma intensidade. Não tinha “eu”. Essa “disposição gentil”, como minha mãe chamava, sempre foi considerada exemplar; era como minha mãe queria que eu fosse.

Raye e eu assistimos enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas que, ainda assim, mantinham o sorriso. No meu primeiro ano na América, Adam e Olivia me levaram ao circo e havia um palhaço chorando com um grande sorriso branco pintado no rosto. Era assim que o rosto de Amy estava.

Eu fui controlada durante toda a minha vida, disse ela, pela mão invisível da minha mãe. E *era* invisível, gritou ela, batendo no braço da cadeira com o punho fechado. Porque eu *esqueci!*

Você era uma criança, disse Raye com firmeza. Uma criança que foi informada de que suas amígdalas iam ser removidas. Uma criança que não fazia ideia de que o que sua mãe fez com você era possível. Uma criança que não sabia o que havia de tão errado em se tocar. Jovem demais para achar que algo tão bom poderia ser errado.

Amy enxugou os olhos com um lenço de papel. Fungou. Seus olhos cinzentos estavam vermelhos e pareciam transpirar em vez de chorar.

Fiquei dolorida por muito tempo, disse ela. Minha mãe me deixou na cama e me levava limonada para aliviar minha garganta — porque ela me convenceu de que tinha sido na minha garganta que a cirurgia tinha sido feita e, portanto, onde eu sentia a dor. E eu não podia tocar com meus dedos onde a dor realmente estava, por medo de contradizê-la. Ou ofendê-la. Nunca mais me toquei daquele jeito. E, claro, quando me toquei acidentalmente lá, descobri que não havia mais nada para tocar.

Eu me tornei uma pessoa alegre. Praticava esportes porque gostava da euforia proporcionada pelo esforço competitivo. Meu corpo era firme, magro, em forma. Não faltava nada. Eu fazia sexo com praticamente qualquer um. Transava loucamente, sem sentir nada; para não sentir minha raiva. Sorri mesmo quando, anos depois, enterrei minha mãe. Só comecei a me lembrar quando Josh morreu, quando minha própria vida estava praticamente acabada; porque de repente eu tive que começar a sentir meus próprios sentimentos. Eu tinha tentado viver através do

corpo de Josh porque ele estava inteiro. Eu o pressionei a se tornar bailarino; só posso imaginar sua tristeza quando ele não pôde mais dançar para mim.

Depois dessa conversa perturbadora, da qual me livrei saindo furiosa do consultório de Raye, parei de assistir a *Riverside* e passei a ler tudo o que podia encontrar sobre Louisiana e Nova Orleans. Descobri que a Louisiana já havia pertencido à França. Talvez, pensei, revivendo a hostilidade que todas as coisas de origem francesa sempre provocavam em mim, a mãe de Amy tivesse tido dificuldade de se comunicar com o médico, que talvez fosse como eu, um estranho de outra tribo; talvez seus problemas fossem decorrentes de uma dificuldade resultante do idioma. Talvez a mãe de Amy estivesse se referindo às amígdalas da filha, afinal.

PARTE XIV

EVELYN-TASHI

Todos os dias, agora, há manifestações na rua, bem embaixo da minha janela. Não consigo vê-las, mas o burburinho das vozes se eleva sobre os muros da prisão e flui por entre as barras de ferro.

O que realmente ouço, diz Olivia, são os fundamentalistas culturais e fanáticos muçulmanos atacando mulheres que vieram de todas as partes do país para colocar oferendas sob os arbustos que ficam logo abaixo e na esquina do meu campo de visão. As mulheres trazem flores silvestres, ervas, sementes, miçangas, espigas de milho, qualquer coisa que possam reivindicar como sua e da qual possam dispor. A maioria fica em silêncio. Às vezes elas cantam. É quando cantam que os homens atacam, embora a única música que todas conheçam e possam cantar juntas seja o hino nacional. Eles dão socos nas mulheres. Eles as chutam. Eles as golpeiam com porretes, deixando a pele coberta de hematomas e quebrando ossos. As mulheres não revidam, mas se dispersam como galinhas; recolhendo-se nas portas das lojas da rua, até que os lojistas as expulsam com suas vassouras.

No dia em que fui condenada à morte, os homens não incomodaram as mulheres, que, segundo Olivia, simplesmente ficaram sentadas, exaustas, escondidas o melhor que podiam, na base dos arbustos empoeirados. Não falaram. Não comeram. Não cantaram. Eu não havia me dado conta, antes de ela me falar de seu desânimo, de como havia me acostumado com seu clamor. Mesmo com minha família ao meu lado para amortecer o golpe da sentença de morte, sem o barulho da luta na rua me senti sozinha.

Mas então, no dia seguinte, o canto recomeçou, baixo e triste, e o som de porretes contra carne.

BENNY

Não consigo acreditar que minha mãe vai morrer — e que isso significa que nunca mais vou vê-la. Quando as pessoas morrem, para onde elas vão? Essa é a pergunta com a qual perturbo Pierre. Ele diz que quando morrem, as pessoas voltam para o lugar de onde vieram. Onde fica isso?, pergunto. Nada, diz ele. Elas voltam para o Nada. Escreveu em letras de forma no meu bloco de notas: NADA = NÃO EXISTIR = MORTE. Mas em seguida deu de ombros, aquele curioso movimento de ombros que fez minha mãe finalmente gostar dele, e escreveu: MAS TUDO QUE MORRE VOLTA.

Pergunto a ele se isso quer dizer que minha mãe vai voltar. Ele diz: Sim, claro. Só que não como sua mãe.

Ele disse: Encare as coisas da seguinte maneira. Em 1912, o povo de Olinka tinha um líder estúpido que executava as pessoas por enforcamento. Agora seu líder estúpido as executa por fuzilamento. Agora ele é conduzido para toda parte em um Mercedes. Em 1912, ele era carregado nos ombros de quatro escravos fortes para onde quer que fosse. Entende?

Eu não entendi.

ADAM

Quando alguém lhe informa que sua mulher vai ser assassinada em público, é uma coisa muito amarga. Não paro de pensar nisso, incomodado como se tivesse um caroço na ponta da língua. Olivia me diz para não ler os jornais, que estão cheios de mentiras. Mas não consigo. Desenvolvi um interesse mórbido pelos problemas deste país à medida que são revelados por jornalistas ineptos e corruptos. Todos os jornalistas com alguma credibilidade foram espancados até serem silenciados, subornados, assassinados ou perseguidos até o exílio. Os que sobraram têm apenas uma função: contar ao povo mentiras que lisonjeiam o presidente. Em todas as edições dos dois jornais restantes há uma enorme fotografia dele: rosto redondo, estúpido, brilhando como uma lua maligna. Ele é presidente vitalício, e ponto final. As pessoas são lembradas o tempo todo de suas façanhas contra os colonialistas brancos na juventude. São informadas sobre como, diariamente, ele luta contra os neoimperialistas, que ainda estão tentando roubar o país deles. São informados sobre a frugalidade com que ele administra seus recursos cada vez mais escassos e sobre como, durante a última seca interminável, ele só permitia que o gramado de seu palácio fosse regado uma vez por semana. Claro que é praticamente o único gramado em Olinka — uma vez que gramados não são uma tradição africana —, mas não importa.

Ele tem sido raivoso em sua insistência na pena de morte para Tashi. Dizem que todas as suas esposas, exceto a romena, foram circuncidadas por M'Lissa. As poucas mulheres em cargos de alguma projeção que pediram para se reunir com ele a fim de implorar pela vida de Tashi

tiveram o pedido recusado por sua secretária e foram avisadas de que perderiam o emprego se continuassem demonstrando interesse no caso. Havia uma fotografia das mulheres quando foram dispensadas. Elas pareciam envergonhadas e não olhavam para a câmera. Era fácil imaginar seu andar deslizante.

À noite, sonho com Tashi como ela era quando menina. Em um dos meus sonhos, recuperei o que já foi uma de suas frases favoritas: Mas o que *é* isso?, dizia ela quando meu pai ou minha mãe mostravam algum item estranho que tinham trazido ou que tinha sido enviado para eles da América. Ela nunca tinha visto um caleidoscópio, por exemplo, e enquanto o girava sem parar diante de seu olho atônito, soltando ooohs e aaahs diante das cores e formas fantásticas que ele formava, disse ela, com uma voz tão cheia de admiração que nos fez rir: Mas o que *é* isso?

Em meu sonho, vejo essa criança esquelética, coberta de pó, com sangue escorrendo pelos calcanhares, aproximando-se da forca. O laço balança diante de seu rosto, extasiado e curioso. É colocado em volta de seu pescoço pelo presidente da República. Ainda assim, maravilhada, ela o manuseia com reverência. Mas o que *é* isso?, grita ela, enquanto o laço é apertado e ela cai no esquecimento.

TASHI-EVELYN

Agora que a justiça vai ser feita e vou ser executada, tenho permissão para receber outras visitas além da minha família. Certa manhã, Olivia traz as ceramistas que fazem réplicas das antigas bonecas da fertilidade.

Mas, ao que parece, não são bonecas da fertilidade. Uma das mulheres, tão gorda quanto estou agora, com minha vida sedentária e a dieta rica em carboidratos da prisão, e sólida como um tronco de árvore, me informa que a palavra inglesa *doll*, “boneca”, é derivada da palavra *idol*, “ídolo”. As figuras que chegaram até nós como meras bonecas já foram reverenciadas como símbolos do Criador, da Deusa, da própria Força Vital. Ela mostra uma pilha de fotografias de pinturas que descobriu em cavernas e falésias nas partes mais secas do país. Onde, quando éramos crianças, nos diziam que bruxas e duendes viviam. As pessoas que realmente viviam lá, descobri mais tarde, quando já era adulta, eram nômades empobrecidos que se recusavam a se estabelecer, e de cuja imundície e de cujas moscas o governo, que imitava desesperadamente seus predecessores britânicos, se envergonhava. Antigamente, diz a ceramista, franzindo os lábios como se estivesse chupando uma semente, as pessoas refaziam as pinturas ano após ano. Ela riu. Pode-se dizer que eles viviam em uma grande galeria de arte. Agora — ela faz uma careta — estão tão desbotadas que são quase invisíveis. Ainda assim, com algum esforço, ao pegar uma das fotografias das mãos dela, consigo reconhecer a pequena figura da choupana de M’Lissa, com um sorriso largo, os olhos fechados e tocando seus órgãos genitais. Se a palavra “MINHA” estivesse gravada em seus dedos, seu significado não poderia ser expresso com mais clareza. Ela parece

incrivelmente viva. E não está sozinha. Outra fotografia mostra uma figura com a mão em torno do pênis da figura ao lado dela. Ela também está sorrindo. Uma terceira mostra uma figura com o dedo na vagina de outra mulher. Ela também está sorrindo. Assim como a outra mulher. Assim como, na verdade, estão todas elas. Outras fotografias mostram figuras de mulheres dançando, interagindo com animais, aninhadas confortavelmente sob o abrigo de árvores e dando à luz.

Achamos que esses “ídolos” eram dados às crianças para que brincassem, como ferramenta de ensino, diz a outra ceramista, em uma época — ela ri — muito além do alcance da imaginação do nosso tempo. E que quando as mulheres foram subjugadas, essas imagens foram literalmente enterradas, pintadas nas paredes de cavernas e depressões rochosas abrigadas. Algumas das figuras de pedra e argila estão, é claro, em museus e coleções particulares. A mais famosa é a de um homem e uma mulher copulando, e o pênis do homem é enorme; a mulher parece estar empalada nele. É uma imagem antiga, e talvez a razão pela qual os brancos achassem que o pênis dos negros era enorme. Ela fica em silêncio por um momento. Muitas das figuras foram destruídas. Sobretudo aquelas que mostram a vagina de uma mulher e seu rosto satisfeito. Ela dá de ombros. Agora, é claro, toda garotinha ganha uma boneca para carregar consigo. Uma pequena figura de mulher como brinquedo, com o rosto mais vazio que se possa imaginar e sem vagina.

De acordo com este regime, não devemos ter vagina, diz Olivia, com a sagacidade que às vezes a caracteriza, porque foi por esse portal que o homem foi confrontado com o maior mistério imerecido que ele conhece. A reprodução de si mesmo.

As ceramistas riem.

Tenho uma favorita, diz a mulher corpulenta alegremente, e tira do fundo da pilha de fotografias uma em que há três figuras sentadas juntas, muito parecida com a escultura dos três macacos sábios (Não vejo o mal, Não ouço o mal, Não digo o mal), que os pais de Adam trouxeram da América e mantinham em cima de um armário na cozinha. Só que essas figuras — duas mulheres e um homem — têm as mãos nos próprios órgãos sexuais e nos da figura ao lado, os braços sobrepostos formando uma espécie de aliança de casamento.

Pensando assim, como um casamento, e vendo os sorrisos felizes nos rostos desbotados dos três afortunados, eu rio. Não consigo me conter. É como se essa imagem despertasse algo que estava adormecido, ou morto, em meu próprio corpo; embora meu corpo, infelizmente, esteja agora danificado demais para reagir a isso de maneira saudável e natural. Começo a espirrar.

Mas o que *é* isso?, ouço-me dizer finalmente, espirrando e rindo. E de repente vislumbro vagamente mais uma vez a possibilidade de prazer no mundo.

OLIVIA

Tashi diz que quer usar um vestido vermelho quando for comparecer diante do pelotão de fuzilamento. Lembro a ela que estamos apelando da sentença. Também há esperança de que os Estados Unidos honrem sua cidadania norte-americana. Eu quero estar vestida de vermelho de qualquer maneira, diz ela, não importa o que aconteça. Estou farta de preto e branco. Nenhuma dessas cores vem primeiro. Vermelho, a cor do sangue da mulher, vem antes de ambas.

Então, costuramos.

PARTE XV

TASHI-EVELYN

Você não sabe de nada, disse M'Lissa, enquanto eu escovava seu cabelo. Você não para de perguntar, como apenas um tolo faz, sobre pessoas e acontecimentos de seu próprio tempo. Eu poderia lhe dizer que o esmalte vermelho é tudo o que resta da percepção da mulher do poder de seu próprio sangue e você não me entenderia. Ou que o vermelho na boca de uma mulher sinaliza algo além do gosto pela carne. Nesse momento, M'Lissa grunhiu de maneira sugestiva.

Antigamente, antes de o povo Olinka nascer como povo, dizia-se que o sangue da mulher era sagrado. E quando mulheres e homens se tornavam sacerdotes, seu rosto era coberto de sangue até eles ficarem com a mesma aparência de quando nasceram. E isso simbolizava o renascimento: o nascimento do espírito. Eu mesma fui batizada pelo pai de seu marido, o missionário, e abaixei a cabeça e segurei a língua, pois sabia que a água de sua igreja era um substituto para o sangue feminino. E que eles, que me consideravam ignorante, não sabiam disso.

O que, além de sua vida de mentiras, eu queria de M'Lissa? Eu me fazia essa pergunta incessantemente, como só os loucos fazem. Toda noite tocava as navalhas que mantinha escondidas no enchimento do meu travesseiro, fantasiando sobre sua morte sangrenta. Jurei que ia mutilar tanto seu corpo enrugado que seu próprio Deus não a reconheceria. Sorria ao pensar no nariz dela ensanguentado sobre a cama. Mas toda manhã, como a contadora de histórias Scheherazade, M'Lissa me contava mais uma versão da realidade da qual eu não tinha ouvido falar.

Um dia, enquanto eu lavava cuidadosamente entre seus dedos em forma de garras, ela me informou de forma maliciosa que apenas o assassinato da *tsunga*, a responsável pela circuncisão, por uma das mulheres que ela havia circuncidado provava seu valor (da circuncidadora) para a tribo. Sua própria morte, declarou ela, fora predeterminada. Isso a elevaria à posição de santa.

Essa confissão, ou mentira, deteve minha mão por muitos dias.

M'LISSA

Eu sei o que os jovens não podem nem imaginar ou adivinhar. Que quando já viu demais da vida, a pessoa compreende que morrer é uma coisa boa.

No dia em que ela chegou, vi minha morte nos olhos de Tashi, tão claramente quanto se estivesse me olhando em um espelho. Aqueles olhos que são os olhos de uma mulher louca. Ela acha mesmo que nunca estive diante de loucos e assassinos antes?

Na aldeia, quando eu era menina, os loucos eram mantidos no mato. Viviam sozinhos em choupanas fétidas e em ruínas, as roupas imundas em farrapos. Os cabelos emaranhados cobriam suas costas como musgo. Aprendi a não ter medo deles, pois descobri, como todos os aldeões sabiam, que os loucos, embora sejam tomados por desejos assassinos, eram fáceis de distrair. Quando um deles atacava, você oferecia a ele ou a ela — pois sempre havia mulheres e homens loucos; que, aliás, nunca escolhiam morar juntos — um inhame. Ou uma canção. Ou uma história que só um louco poderia entender. Histórias das quais ríamos, rimas sem sentido, os faziam chorar. Histórias que para nós eram dolorosas, sobre nossos próprios sofrimentos ou os sofrimentos da aldeia, os faziam rir como os demônios que eram. Enquanto eles riam ou choravam, comiam seu inhame ou tentavam, em geral sem sucesso, localizar a erva fétida que tínhamos enfiado em seus cabelos cobertos de musgo, nós fugíamos.

A Tashi fez a seguinte pergunta, e ela até agora não conseguiu me dar uma resposta adequada: Tashi, disse eu a ela, é evidente que você ama

muito sua nova pátria. Quero que me diga: Qual a aparência de um americano?

EVELYN-TASHI

Qual a aparência de um americano?, me perguntou a velha bruxa. Comecei de imediato a descrever Raye. Ela tem uma cor que não se vê na África, digo. Exceto em certas vagens ou em algumas madeiras mais claras. Tem cabelos crespos, mas ao mesmo tempo um pouco felpudos. Algo que também nunca se vê na África. E ela tem sardas. Também algo que nunca se vê na África. M'Lissa ouve com atenção, depois faz perguntas astutas. É mesmo?, pergunta ela. Mas a América não é a terra dos brancos fantasmagóricos?

Apresso-me em descrever Amy Maxwell. Seu sorriso travado e sua pele empoadada com traços de amarelo e rosa. Seus ombros ossudos e olhos como duas bolas de gude. Seus cabelos brancos penteados. Sua tristeza e seu sofrimento.

Mas M'Lissa não fica satisfeita.

Começo a descrever pessoas de pele amarela e olhos puxados. Esses, zomba ela com desprezo, devem ser esquimós, dos quais já ouviu falar. Todo mundo sabe que eles vivem bem longe, no norte gelado. Tenho certeza de que posso descrever um americano de verdade?

Descrevo homens brancos da televisão, com vozes enérgicas e uma falsa cordialidade nos olhos. Descrevo indianos da Índia e nativos americanos de Minnesota. Mulheres de pele vermelha e cabelos negros. Pessoas amarelas de olhos azuis. Pessoas pardas com olhos negros que falam uma língua de outro país.

M'Lissa espera.

Parece não haver resposta para a pergunta dela. Afinal, os americanos vieram de muitos lugares. Essa ideia por si só, eu acho, deve confundir a

mente de M'Lissa, que nunca esteve em lugar nenhum.

Se você perguntar a alguém na África: Como é um Olinka ou um Massai, a resposta é óbvia. Eles são marrons ou muito marrons. São notavelmente baixos (Olinka) ou altos (Massai). Mas não, ser baixo ou alto, pardo ou de pele vermelha, não é o que caracteriza um americano.

Por fim, derrotada, mas também identificando um antigo estratagema, pus fim ao joguinho dela e nos aproximei do dia de sua morte.

Qual a aparência de um americano?, ela me provocou de modo complacente depois que várias semanas haviam se passado e eu lhe dera centenas de descrições de americanos que muito raro se pareciam fisicamente uns com os outros e ainda assim se pareciam profundamente em sua história oculta de fuga do sofrimento.

Qual a aparência de um americano?, fiz a pergunta baixinho a mim mesma e olhei nos olhos de M'Lissa. A resposta nos surpreendeu a ambas.

Um americano, disse eu com um suspiro, mas talvez pela primeira vez compreendendo meu amor por minha pátria adotiva: um americano parece uma pessoa ferida cujas feridas estão escondidas dos outros, e às vezes de si mesma. Um americano se parece comigo.

PARTE XVI

TASHI-EVELYN

No primeiro dia depois que Mbatí foi embora e tive que assumir a tarefa de lavar M'Lissa, descobri por que ela mancava. Não apenas seu clitóris, seus lábios externos e internos, e todos os outros pedaços de pele tinham sido removidos, mas um corte profundo atravessava o tendão na parte interna de sua coxa. Era por isso que, ao caminhar, ela tinha que arrastar a perna esquerda, que era sustentada apenas pelo tendão da parte de trás e pelos músculos das nádegas. De fato, a nádega esquerda era muito mais desenvolvida que a direita e, embora ela não andasse com vigor havia muitos anos, havia uma firme resistência em seus músculos daquele lado.

Sim, pode tocar, minha filha, exclamou ela, ao sentir meus dedos explorarem a cicatriz grossa da velha ferida, dura como uma sola de sapato de couro. É a marca, em meu corpo, da desobediência de minha mãe.

Como esse foi o dia em que eu havia resolvido matar M'Lissa, não tinha certeza se deveria demonstrar interesse em sua vida. Quer dizer, sua vida antes de assassinar Dura. Mas ela mergulhou nas lembranças, e eu não tinha terminado seu banho. Encurralada, escutei.

M'LISSA

Desde que os Olinka se tornaram um povo, sempre houve uma *tsunga*. Era um posto hereditário, como o dos sacerdotes. Antes de as pessoas formarem uma tribo, elas também viviam. Mas esses tempos eram considerados tempos malignos, porque embora todos soubessem que tinham uma mãe, porque ela os dera à luz, não se tinha um pai da mesma maneira. Não dava para ter certeza. E assim, o irmão da sua mãe era seu pai. Nessa época, a casa sempre pertencia à mulher, e nunca havia crianças sem pais ou sem casa. Mas isso foi de alguma forma percebido como um mal. Enfim, desde que se tem memória, na minha família as mulheres sempre foram *tsungas*.

Por quê?, perguntei a minha mãe.

Porque é uma grande honra, respondeu ela. E também porque é assim que conseguimos comida.

Minha mãe era uma mulher triste. Eu nunca a vi sorrir.

Rezava com muita frequência.

Quando cresci o suficiente para perceber seu sofrimento, comecei a notar que, quando rezava, ela se voltava em uma determinada direção, e que muitas vezes desaparecia, a passos lentos, olhando para trás por cima do ombro como se achasse que alguém a seguia, na direção de suas orações.

Certa vez, ao segui-la, eu a vi entrar em uma floresta arruinada aonde ninguém nunca ia, caminhar até um buraco em uma árvore apodrecida e tirar algo lá de dentro. Ela desembrulhou o objeto, olhou para ele, beijou-o e recolocou-o no lugar, tudo em um único movimento. Essa floresta era uma espécie de terra de ninguém. Estéril. Tudo seco e

morrendo. Dizia-se que essa desolação havia sido causada muito tempo antes, por um homem e uma mulher que fornicaram lá, quando a área era uma plantação de cereais. Mas isso tinha acontecido havia tanto tempo que ninguém se lembrava do destino deles, nem mesmo de quem eram.

Depois que minha mãe saiu, me esgueirei até a árvore onde estava o pequeno objeto embrulhado e o coloquei com cuidado no colo, onde o desembrulhei. Era uma pequena figura sorridente com uma das mãos nos genitais, com todas as suas partes aparentemente intactas. Isso foi antes de eu ser circuncidada, e assim, com a curiosidade de uma criança, me deitei para comparar minha vulva com a da estatueta. Escondida atrás de uma grande pedra, toquei-me com muita delicadeza. A expressão feliz e aberta da pequena figura havia me excitado, e senti uma reação imediata ao meu próprio toque. Foi tão repentino, tão chocante e inesperado, que me assustou. Eu embrulhei a pequena figura rapidamente, coloquei-a de volta em seu nicho e saí correndo.

Passei a ir com frequência ao local arruinado, pegar a pequena figura da árvore e brincar com ela. Mas a meus olhos ela parecia tão poderosa que nunca mais me atrevi a compará-la comigo mesma. Portanto, nunca mais me toquei. Se tivesse feito isso, pelo menos teria conhecido a experiência que o trabalho da *tsunga* tentava evitar.

Você consegue imaginar a vida de uma *tsunga* que sente? Eu aprendi a não sentir. É possível aprender. Nesse sentido, eu era como minha avó, que se tornou tão insensível que as pessoas a chamavam de “Eu Sou uma Barriga”. Ela circuncidava as crianças e exigia comida logo em seguida; mesmo que a criança ainda estivesse gritando. Para minha mãe, era uma tortura.

Então, um dia, minha mãe teve que circuncidar as meninas da minha idade.

Antes desse dia, por semanas, ela rezou incessantemente para o pequeno ídolo. E quando chegou minha vez, ela tentou não cortar tanto. Claro que ela removeu os grandes lábios, porque havia quatro mulheres fortes com olhos de águia me segurando; e, claro, os pequenos lábios também. Mas ela tentou me deixar ficar com a protuberância, lá embaixo, para onde a descarga que eu sentira com a pequena estatueta parecia ir. Ela mal me cortou lá. Mas as outras mulheres viram.

O que minha mãe havia começado, o curandeiro terminou. Ele havia aprendido tudo o que sabia sobre curas e remédios com as mulheres, e por isso era chamado de feiticeiro, e usava a saia de grama das bruxas, mas as bruxas que o ensinaram tinham sido condenadas à morte, porque se opunham à circuncisão e eram muito poderosas entre as mulheres para serem deixadas livres, não circuncidadas. Ele não teve nenhuma misericórdia. Tomado pelo medo e por uma dor excruciante, meu corpo se contorceu sob a pedra afiada com a qual ele estava me cortando...

Nunca mais pude me ver, pois a criança que finalmente se levantou da esteira três meses depois, e se arrastou para fora da choupana de iniciação e por fim para casa, não era a criança que havia sido levada para lá. Eu nunca mais veria aquela criança.

TASHI

E ainda assim, disse eu, me endurecendo diante da visão do peito arfante de M'Lissa, esperando as lágrimas, você a viu muitas vezes, centenas, milhares de vezes. Era ela quem gritava diante da *sua* faca.

M'Lissa fungou. Eu nunca mais chorei depois disso, disse ela. Eu soube naquele momento em que a dor se tornou insuportável, quando atingiu um crescendo, como quando alguém toca um tambor de metal com uma baqueta de metal semelhante, que não há nenhum Deus conhecido pelo homem que se preocupe com as crianças ou as mulheres. E que o Deus da mulher é a autonomia.

Chore, disse eu. Talvez lhe traga alívio.

Mas eu podia ver que nem mesmo naquele momento ela conseguia sentir sua dor o suficiente para chorar. Ela era como alguém que fora espancado até perder a sensibilidade. Amarga, se não emocionalmente inerte.

Por que eles nos forçaram a fazer isso?, perguntou ela. Eu nunca entendi de fato. E as mulheres, ainda hoje, depois de dar à luz, voltam à *tsunga* para serem novamente costuradas, mais apertadas do que antes. Porque se ficarem folgadas, o homem não terá prazer suficiente.

Bem, você mesma ensinou isso a elas, disse eu. Foi o que você me disse. Lembra? A mulher não circuncidada é frouxa, você disse, como um sapato que qualquer um, não importa o tamanho, poderia usar. Isso é indecente, você disse. Imundo. Uma mulher decente deve ser cortada e costurada para que só sirva ao marido, cujo prazer depende de uma abertura que pode levar meses, até anos, para se alargar. Os homens amam e apreciam a luta, você disse. Quanto à mulher... Mas você nunca

disse nada sobre a mulher, não é, M'Lissa? Sobre o prazer que ela poderia experimentar. Ou o sofrimento.

Estou chorando agora, eu mesma. Por mim. Por Adam. Por nosso filho. Pela filha que fui obrigada a abortar.

Há a possibilidade de uma cesariana, você sabe, disse o médico que fez o aborto. Mas eu sabia que não ia suportar ficar deitada e deixar que me cortassem. Apenas pensar nisso havia me mandado de imediato para os lugares mais sombrios da minha mente; onde eu havia ficado escondida por meses. Observei de uma grande distância enquanto Adam fazia as malas para sua viagem semestral a Paris, para ficar com Lisette e seu outro filho; vi Benny lutar com todas as suas forças para estar perto de mim, para se fundir ao meu corpo, sentir meu cheiro; e eu era como um corvo, batendo as asas incessantemente na minha própria cabeça, grasnando muda por um céu vazio. E vestia preto, preto e preto.

Se olhar para M'Lissa, sei que vou me atirar sobre ela e estrangulá-la. Felizmente não consigo me mover. Olho para os meus pés. Pés que hesitam diante de qualquer superfície que não seja plana: escadas, colinas. Pés que não saltam automática ou habilmente sobre poças nem pisam graciosamente no meio-fio.

Tenho a impressão de que uma hora se passa. Acho que M'Lissa adormeceu. Olho para a cama e me assusto com o quão pequena ela parece. Ela parece ter encolhido. Olho para o rosto dela. Está alerta, vigilante. Mas não por minha causa. Ela parece ter me esquecido.

Finalmente a vejo, diz ela, atônita. Absorta.

Quem?, pergunto. Quem você finalmente vê?

Ela faz um leve movimento com a mão, me avisando para não interromper.

A criança que entrou na choupana de iniciação, diz ela. Você sabe que eu a deixei lá, sangrando no chão, e fui embora. Ela estava chorando. Sentia-se tão traída. Por todos. Eles também haviam espancado brutalmente sua mãe, e ela se culpava por isso. M'Lissa suspirou. Eu não podia mais pensar nela. Eu teria morrido. Então segui meu caminho, mancando, e a deixei deitada lá. M'Lissa fez uma pausa. Quando continua, sua voz é um sussurro, espantada. Ela ainda está chorando. Está chorando desde que eu fui embora. Não me admira que eu não tenha conseguido. Ela tem chorado todas as nossas lágrimas.

M'LISSA

Eu tenho sido forte. É o que digo aos turistas que vêm me ver, às jovens mães e às mães idosas e a todos que vêm. É o que me respondem: o presidente e os políticos e os visitantes das igrejas e das escolas. Forte e corajosa. Arrastei meu meio corpo para onde quer que um meio corpo fosse necessário. A serviço da tradição, do que nos torna um povo. A serviço do país e do que nos torna quem somos. Mas quem somos se não torturadores de crianças?

PARTE XVII

TASHI

Reunidos na pequena capela branca no último andar da prisão estão Adam, Olivia, Benny, Pierre, Raye e Mbatí. Raye veio para a execução, embora ela negue. Não é a sua morte que é tão fascinante, diz ela sem rodeios. Ainda é a sua vida que me preocupa. Além disso, diz ela com atrevimento, as mãos nos quadris, você ainda não está morta!

De fato, penso, não estou. Mas tampouco diria que estou totalmente viva.

Considerando a deterioração do resto da prisão, diz Mbatí, é estranho que a capela ainda esteja intacta.

Isso é porque ninguém a usa, responde Adam, passando o dedo pela Bíblia fechada e empoeirada, cujas páginas com bordas douradas foram roídas por traças.

É até fresco aqui à noite; as janelas são grandes e nada, nem mesmo as venezianas, bloqueia a brisa. Não há barras, provavelmente porque é alto demais para que alguém pule.

Desde o julgamento, Olivia se ofereceu para trabalhar como voluntária de manhã no andar de baixo, o andar dos pacientes com aids. Adam, Benny e Pierre alugaram um jipe e têm explorado a região. Filmamos tudo, diz Benny, e agora queremos que você veja.

Adam liga o projetor; primeiro, há *slides*. Imagens do território do norte e seus petróglifos e pinturas desbotadas de festas e caçadas. Depois há um filme. Sei que eles estão tentando me preparar para isso porque Olivia de repente me entrega um copo de água e Adam segura minha mão.

Pierre, que disse que gostaria de ser o primeiro antropólogo a empoderar, e não a colocar em ainda mais risco, seus objetos de pesquisa, agora está em silêncio ao lado da máquina.

A princípio, acho que estão me mostrando um assentamento humano, uma aldeia. As formas são as mesmas. Choupanas com telhado em forma de guarda-chuva. Choupanas como cogumelos. Mas então há um *close* das “choupanas”, e os pés e as pernas de um homem se erguendo sobre elas. Reconheço as botas de caminhada de Adam. Então, à medida que a câmera se afasta, vejo que o assentamento é imenso, mas as “choupanas” são minúsculas, com algo entre dez e vinte centímetros de altura.

Arrá, diz Adam, apertando minha mão. Enganamos você!

Achei que fosse uma aldeia, digo, virando-me para Olivia e Mbatí. Vocês não?

Mbatí sorri. Sim, diz Olivia, eu achei. Mas estava me perguntando sobre aquela pequena choupana baixa e irregular que estava perigosamente inclinada para a esquerda.

Mas o que é..., começo a dizer, porém perco o fôlego com as batidas desesperadas do meu coração, que faz uma tentativa repentina de sair do peito.

Está tudo bem, diz Adam. Você não está sozinha. Estamos todos aqui com você.

Você não está sozinha. Não está, não está, ouço Raye dizer. Sua voz alegre parece vir de outra era. Mulheres que não são castradas têm uma voz diferente, eu acho. Elas podem soar alegres. Uma mulher castrada, não.

Penso isso em um flash. Minha mente está em uma fuga desesperada da imagem de uma coluna alta, irregular e cor de terra na tela diante de mim, Benny, diminuto ao lado dela, sorrindo incerto para a câmera. Meu saco de argila!, penso.

Pierre limpa a garganta. Eu acredito, diz ele, depois de parar o projetor na imagem diante de nós, que os seres humanos que viviam na África (os primeiros do planeta, supõe-se), por causa do calor e da umidade, imitavam os cupins quando estavam em busca de habitações confortáveis, duradouras e fáceis de construir. É por isso que muitas casas tradicionais africanas, ainda hoje, e as casas de adobe em toda

parte, se assemelham a cupinzeiros. Foram os cupins que ensinaram os primeiros humanos sobre o ar-condicionado natural, com seus longos corredores abaulados e grandes depósitos com teto abobadado. Os cupinzeiros, como as mesquitas, são sempre frescos, não importa a temperatura do lado de fora. Os cupinzeiros são feitos da própria terra, de argila, o material mais barato e abundante que existe.

O que me surpreende é que consigo ouvir Pierre e até entender o que ele está dizendo. É verdade que meu coração saltou dolorosamente uma única vez, mas agora está batendo normalmente. Olho em volta, para os rostos ao meu redor. São todos tão atentos quanto o meu.

Olho para Pierre e penso: Sim, é bom que treinemos nossos filhos para nos ajudar. Nós que tanto precisamos de ajuda. Envio um lampejo de gratidão às faculdades onde nunca pus os pés, Berkeley e Harvard. Se eu viver, penso, vou visitá-las como santuários.

Acredito, continua ele, que ao longo do tempo houve uma forte identificação com o cupim, que os africanos chamam de “formiga-branca”, embora tenha pouca semelhança com uma formiga. Ao contrário da formiga, e da maioria dos outros insetos, o cupim permite que os machos tenham um lugar em sua sociedade. Há uma rainha, mas também um rei. Talvez seja por isso, também, que as pessoas sentiram afinidade em relação a eles. As formigas-brancas, como vocês sabem, são comidas pelas pessoas do campo, que as preferem fritas.

E na cidade também, se conseguissem encontrá-las, diz Olivia. Ela dirige um olhar severo para Mbatí. É nojento ver como os jovens se empanturram de batatas fritas!

Adam ri. Mbatí enfia o saco de batatas fritas no fundo da bolsa.

Sua simbologia religiosa passou a refletir completamente o comportamento dos cupins, continua Pierre. A gratidão deles, por terem aprendido tanto com o cupim, foi enorme.

E, claro, os cupins eram *deliciosos*, diz Raye.

Os cupins, continua Pierre, os ensinaram a fazer potes, o que levou inevitavelmente à ideia de que os primeiros seres humanos foram eles próprios feitos a partir da argila. E de que algo ou alguém assim os moldou.

Mas, diz Pierre, passando os dedos finos e castanhos pelos cachos escuros queimados pelo sol, para não ficar falando sem parar sobre

isso... Esta, Madame Johnson, é sua torre escura. Você é a rainha que perde as asas. É você deitada no escuro com milhões de cupins operários — que estão ocupados, a propósito, mantendo a produção de cogumelos com os quais a alimentam — em plena atividade. Você sendo entupida de comida por um lado — uma dieta monótona de cogumelos — e tendo seus ovos, milhões deles, constantemente removidos do outro. Você é gorda, brilhante, de uma cor que, como você mesma disse, lembra tabaco mascado, inerte; apenas um tubo através do qual passam gerações de descendentes cegos, cuja cegueira talvez seja compensada pela atividade incessante, embora impensada, que nunca para, dia ou noite. É você que suporta tudo isso, apenas para morrer no final e ser devorada por aqueles que trouxe ao mundo.

Ah, diz Olivia. O cupim como imagem do Cristo!

Mas como eu sabia disso?, pergunto ao meu pequeno grupo de rostos atentos. Ninguém me disse.

Achamos que foi dito a você em código de alguma forma, diz Raye. Não lhe disseram diretamente que se esperava que você, como mulher, se reproduzisse de forma tão impotente e inerte quanto uma formiga-branca; mas, em uma cultura na qual é obrigatório que toda mulher seja sistematicamente castrada, deve haver alguma justificativa mitológica codificada para isso, usada em segredo entre os anciãos da aldeia. Caso contrário, eles não saberiam do que estavam falando. Ainda hoje existem aldeias onde não pode haver mulheres não circuncidadas. Os chefes impõem isso. Por outro lado, a circuncisão é um tabu que nunca é discutido. Como, então, os chefes vão garantir que ela seja mantida? Como se fala sobre isso?

Minha mente está vazia. Certamente ninguém nunca me disse nada, exceto... exceto que o que M'Lissa fez comigo expressava meu orgulho pelo meu povo; e que, sem isso, nenhum homem se casaria comigo.

Talvez, diz Raye, você ouvisse uma canção de ninar quando era pequena, tão inofensiva quanto “Pedro, Pedro, que comia abóboras/ Tinha uma esposa que queria ir embora/ Colocou ela dentro da casca/ E a esposa nunca mais saiu de casa.”

O quê?, pergunta Benny. Confuso.

É sobre manter uma mulher grávida, diz Pierre, esticando os braços e curvando-os em forma de abóbora. Escravizada pelo próprio corpo.

Ah, diz Benny. Chocado.

Sabemos, pelo trabalho de Griaule, que entre os Dogon eram precisamente os anciãos os guardiões do conhecimento da tribo sobre a origem humana. A própria Criação começou com mutilação e estupro... Não sei se lembra da nossa pequena lição, do livro de Griaule, Madame Johnson?, pergunta Pierre, olhando para mim.

Para minha surpresa, eu me lembro. Deus queria ter relações sexuais com a mulher, digo eu. E a mulher resistiu a ele. Seu clitóris era um cupinzeiro, que se erguia e barrava seu caminho.

Exato, diz Pierre.

Ah, meu Deus, diz Raye. Eu sei que isso parece ridículo, mas o clitóris ereto de fato se assemelha a uma pequena colônia de cupins ou cupinzeiro.

Bem, diz Pierre, apontando para o cupinzeiro gigante na tela ao lado do qual Benny está parado, uma dessas parece claramente um falo.

Quando o clitóris ficou ereto, continuo, Deus achou que parecia masculino. Como era “masculino” um clitóris ficar ereto, Deus tinha uma desculpa para cortá-lo. O que ele fez. Então, disse eu, Deus fodeu o buraco que ficou. Claro que me lembro, digo a Pierre, que Griaule disse que Deus teve relações sexuais. Sou eu que estou dizendo que Deus fodeu.

E é assim que as pessoas que mutilam meninas veem a origem da vida, geme Olivia, deixando cair a cabeça entre as mãos.

A religião é uma desculpa elaborada para o que foi feito com as mulheres e com a terra pelo homem, diz Raye, amargamente.

Mas havia outras religiões, digo, pensando na pequena figura se amando alegremente.

Pierre dá de ombros. Elas foram destruídas. Sua pequena deusa sorridente foi destruída.

Eu me viro para Mbatí. Seu lindo rosto está tomado pelo horror. Ninguém conhece essa história, diz ela. Tenho certeza. O que significa, diz ela, visivelmente furiosa, que ninguém sabe por que eles fazem isso. Eu certamente nunca tive ideia de por que foi feito comigo. Se meus órgãos sexuais eram impuros, por que nasci com eles? Perguntei isso à minha mãe uma vez, antes de ser circuncidada. Ela apenas disse que todo mundo sabia que a vulva de uma mulher era suja. E que precisava

ser removida. Isso foi a única coisa que me disseram. Nada de cupins nem de “formiga-branca”, nenhuma semelhança estrutural entre genitais e habitações de insetos foi mencionada. E quem não ia rir da ideia de que um clitóris, como um pênis, poderia ficar ereto?

Olivia pergunta se estou com fome ou se gostaria de mais água. Não tenho certeza. Ver a raiva de Mbatí me partiu ao meio. Apenas uma parte de mim está cercada por família e amigos. Outra parte me vê quando eu ainda era uma criança pequena, levando uma bandeja de comida e água para os anciãos da aldeia. Eles estavam sentados junto a um baobá e contemplavam pensativamente a planície. O calor é intenso, mas não me incomoda. A terra é vermelha. Há moscas. Como sou pequena, eles não interrompem a conversa.

Número um: O que é um homem?

Todos: Hã!

Número dois: Um homem é cego.

Todos: Hã!

Número três: Ele tem olho.

Todos: Hã!

Número quatro: Mas não consegue ver.

Número um: O homem é o galo de Deus.

Número dois: Ele raspa um sulco na terra.

Número três: Ele deposita a semente.

Número quatro: Mas sua descendência...

Todos: A colheita!

Número um: Excremento!

Número dois: Não consegue identificá-la.

Número três: O galo cego de Deus produz os ovos cegos de Deus.

Número quatro: Um ovo é cego?

Número um: Sim.

Número dois: O trabalho da *tsunga* ajuda o galo a reconhecer sua descendência...

Todos: Que, afinal, pertence a Deus.

Número três: É por isso que se diz...

Número quatro: ...que a *tsunga*, mesmo sendo mulher...

Número um: ...ajuda a Deus.

Todos: Não é?

Todos: É.
Todos: A mulher é rainha.
Número um: Ela é rainha.
Número dois: Deus a deu para nós.
Número três: Somos gratos a Deus por todas as Suas dádivas.
(No entanto, não lhes ocorre agradecer à criança por trazer a comida nem pedir que agradeça à mãe por prepará-la.)
Número quatro: Já que Deus a deu a nós, devemos tratá-la bem.
Número um: Temos que alimentá-la para que ela fique gorda.
Número dois: Até o excremento dela será volumoso.
(Eles riem.)
Número três: Se dependesse dela, a Rainha voaria.
Número dois: Isso é verdade.
Número três: E o que seria de nós?
Número quatro: Mas Deus é misericordioso.
Número um: Ele cortou as asas dela.
Número dois: Ela não consegue se mover.
Número três: E até o excremento dela é doce.
(Risos)
Número quatro: Porque ela é a Rainha!
Número um: E nós somos apenas trabalhadores!
Número dois: Cegos, é verdade, mas é a vontade de Deus.
Número três: Ele não nos criou assim?
Número quatro: Verdade.
Número um: E Ele não colocou o corpo da Rainha lá para produzir nossa descendência?
Número dois: E ser nosso alimento?
Número três: Não podemos negar.
Número quatro: E quando ela ficou ereta...
Todos: Há!
Número três: Ficou ereta de fato.
Número quatro: Como um homem faria!
Número um: Ela não viu o machado de Deus.
Número dois: Não, ela era cega como nós naquela época. Ela não viu.
Número três: Deus deu o golpe que a fez Rainha!
Número quatro: Bonita o suficiente para ele foder.

Número um: Deus gostava que houvesse luta!

(Risos)

Número dois: Deus gostava que fosse apertado!

Número três: Deus gostava de se lembrar do que Ele havia feito, e de como era antes de ficar frouxo.

Número quatro: Deus é sábio. Foi por isso que Ele criou a *tsunga*.

Todos: Com sua pedra afiada e seu saco de espinhos!

Número um: Com sua agulha e linha.

Número dois: Porque ele gostava que fosse apertado!

Número três: Deus gosta de se sentir grande.

Número quatro: Que homem não gosta?

(Risos)

Número um: Vamos comer este alimento e brindar à Rainha, que é bela e cujo corpo nos foi dado para ser nosso alimento por toda a eternidade.

(Risos e pessoas comendo de forma barulhenta)

A criança pequena que eu era passa despercebida. Ela poderia ser uma mosca, ou uma formiga. Eu tampouco reparo neles em particular. Eles sempre estiveram lá embaixo do baobá, de barba grisalha, velhos. Vestindo grossas vestes escuras sob o sol. As velhas cabeças sábias cobertas e os olhos refletindo o vazio atemporal da paisagem ao redor.

Ao olhar para eles agora, da segurança da capela da prisão, da segurança da minha morte iminente, posso ver que são apenas conchas, vazias de vida. São eles que se empanturram de comida, mas não sai nada além de uma diarreia verbal opressiva. A criança, que foi criada para respeitar esses anciãos acima de todos os outros, não poderia ter reconhecido isso. Os velhos que discutiam sobre ela e todas as mulheres da aldeia não se importavam que ela os ouvisse. Eles sabiam que ela não seria capaz de compreender o que estavam dizendo. Eles estavam discutindo sobre ela, determinando sua vida, e na época ela não sabia disso, não podia saber. E, no entanto, em seu inconsciente havia permanecido o cupinzeiro, e ela mesma presa lá dentro, pesada, sem asas e inerte, a Rainha da torre escura. Do meu assento na capela, a mão de Adam ainda na minha, olho para os pés da criança enquanto ela deixa os velhos, arrotando de contentamento, sentados no chão. Distraída, ela

chuta uma pedra. Há graça em sua mira e nenhuma hesitação em sua investida.

PARTE XVIII

EVELYN-TASHI

Mas o que você pensou, pergunto a M'Lissa. Quando entrei no acampamento dos Mbele pedindo para ser “purificada”?

Pensei que você era uma tola, diz ela sem hesitar. A maior de todas.

Mas por quê?, pergunto.

Em primeiro lugar, porque não havia outras mulheres no acampamento. Você não tinha olhos na cabeça? Ninguém nunca lhe ensinou que a ausência de mulheres quer dizer alguma coisa? Ou você estava tão absorta em si mesma que não percebeu?

Você estava lá, digo. E me disse que as outras mulheres estavam todas em ações de libertação.

Afe!, zomba ela. Eu menti. Era o próprio campo que precisava ser libertado. Quando as mulheres chegavam, esperava-se que cozinhassem e limpassem — e fossem fodidas —, como quando estavam em casa. Quando viam como as coisas eram, elas iam embora. Até eu teria ido, diz M'Lissa, olhando para sua perna manca.

De repente, ela ri.

Eles mandaram me buscar, sabe, assim como mandaram buscar você. Também me mandaram um jumento para montar. Estavam construindo uma aldeia Olinka tradicional de onde lutar e, portanto, precisavam de uma *tsunga*.

Eles mandaram me buscar?

Para dar à *tsunga* o que fazer. Dar à nova comunidade um símbolo de seu propósito.

E foi o que me tornei, digo, atordoada.

E foi o que você se tornou, sibila M'Lissa. Deitada em sua esteira de palha, fazendo outras pequenas esteiras de palha. O mesmo trabalho que sua tataravó teria feito!

Mas você me encorajou, digo, confusa e magoada.

E os tolos precisam de encorajamento?, pergunta ela, olhando para o teto. Eles encorajam a si mesmos.

Mas Nosso Líder nos disse... Penso rápido, na tentativa de me defender. Mas M'Lissa é mais rápida.

Nosso Líder não manteve o pênis? Há evidências de que um testículo sequer tenha sido removido? O homem teve onze filhos com três esposas diferentes. Acho que isso significa que as partes íntimas do sujeito estavam intactas.

Fico horrorizada ao ouvir observações tão desrespeitosas sobre Nosso Líder. M'Lissa, digo, por trás dessa cara que você mostra para quem vem lhe fazer perguntas sobre a tradição, você é amarga.

Até a manga mais doce em minha boca é amarga para mim, diz ela. Mas as *mulheres*, zomba, as mulheres são covardes demais para olhar por trás de um rosto sorridente. Um homem sorri e diz que elas ficarão lindas chorando, e elas mandam buscar a faca.

Elas têm motivos para ter medo, digo. Você, em especial, não pode negar isso.

Seu maior medo é terem que matar os próprios filhos, diz ela com raiva. Mesmo que elas mesmas quase tenham morrido na primeira vez que um homem penetrou seu corpo, elas querem que lhes digam que foi uma dor insignificante, o mesmo que todas as mulheres sentem, que suas filhas mal perceberão e, com o tempo, acabarão esquecendo. Se lhes digo isso, é quase possível que não desprezem completamente seus filhos.

Pela dor que eles infligem.

Sim. Penetrando a filha de outra pessoa. Assim como o filho de outra mulher penetra a filha delas.

Mas os filhos não sabem nada sobre o que é feito às mulheres. Eles só sabem que se espera que sejam homens o suficiente para penetrar o corpo da mulher. Muitas vezes se machucam tentando. Ouvi isso de Adam, digo, cujo pai costumava tratar os hematomas e lacerações deles.

M'Lissa me olha friamente.

Eu me encolho sob seu olhar.

Também foi muito difícil para mim e Adam, digo. Você me costurou tão apertada que uma formiga teria dificuldade de passar.

Ah, diz M'Lissa, você não era tão apertada assim! Há mulheres andando por aí hoje que pagaram as *tsungas* para deixá-las mais apertadas do que isso! Depois de cada parto, elas fazem isso. Mais de uma vez, mais de duas vezes, mais de três vezes, elas se submetem. Cada vez mais apertadas do que antes.

Mas dói tanto, digo.

As cadelas estão acostumadas com isso, diz ela. E é verdade, você sabe, que os homens gostam que a mulher seja apertada. Que ela resista. Não pense que as mulheres nunca têm prazer também, diz M'Lissa.

Eu nunca tive, digo.

A culpa é sua, diz ela. O prazer que uma mulher alcança vem de seu próprio cérebro. O cérebro o envia para qualquer ponto que um amante possa tocar.

Então por que é a vulva de uma mulher que é destruída?, pergunto. “Purificada”, como dizem, “limpa”, pergunto. E não os ombros ou o pescoço? Não os seios?

Enquanto M'Lissa pondera sobre isso, eu me lembro de uma sensação reprimida.

Eu tive prazer, uma ou duas vezes, depois da minha “purificação”, digo.

Teve?, pergunta ela.

Mas meu prazer me envergonhou.

Ah, diz M'Lissa, seu homem o deu a você por trás. O que há de vergonhoso nisso? É assim que os meninos fazem uns com os outros enquanto esperam que o dote da menina aumente. Conseguir um dote adequado leva muito tempo, o que se espera que eles façam?

Meu prazer me deixava com raiva, confesso. Me fazia odiar meu marido.

Era prazer, não era?

Eu sentia que tinha sido transformada em algo diferente de mim mesma.

Você foi transformada em mulher!, diz M'Lissa. É somente porque uma mulher é transformada em mulher que um homem se torna um homem. Certamente você sabe disso!

Meu marido já era homem.

É verdade, diz M'Lissa, mas talvez ele não soubesse.

PARTE XIX

OLIVIA

Na prisão, agora que a data da execução foi marcada — o recurso falhou; nenhuma palavra da América —, Tashi é tratada menos como uma assassina condenada e mais como uma convidada de honra. Dentro da prisão, ela tem liberdade. Seus dias são ocupados. Ela recebe visitas de grupos de mulheres e da imprensa estrangeira. Fotógrafos de todas as partes do mundo vêm fotografá-la.

Em meio a tudo isso, ela floresce, seu rosto alerta ora gentil e reflexivo, ora irritado e aborrecido. Todas as manhãs ela trabalha comigo no andar da aids, alimentando, dando banho ou apenas tocando os pacientes. Está tão lotado que mal há espaço para se agachar entre as esteiras. Adam e os meninos assumiram a responsabilidade de alimentar as crianças, trazendo refeições quentes da cozinha da nossa casa alugada. É um alívio para seus pais e irmãos mais velhos, os que restaram, e eles nos agradecem com olhos graves.

Ninguém sabe por que está doente. Essa é a parte mais difícil. Testemunhar sua incompreensão. Sua paciência silenciosa enquanto esperam a morte. Sua ignorância e submissão irracionais são o que deixa Tashi mais irritada, talvez porque a façam lembrar de si mesma. Ela chama isso, com desdém, de o papel atribuído ao africano: sofrer, morrer e não saber por quê.

Por que, ela quer saber, homens gays e usuários de drogas injetáveis são os que mais contraem a doença nos Estados Unidos, enquanto aqui há tantas mulheres morrendo quanto homens? Quem infecta as crianças? Por que morrem mais meninas do que meninos?

Entre os Olinka abastados, há uma negação generalizada de que haja algo de errado. Eles mantêm seus parentes moribundos em casa. São principalmente os pobres que vemos. Uma mãe esquelética entra cambaleando com seu marido esquelético de não muito mais que vinte quilos nas costas e os filhos atrás. Se houver espaço no chão — se alguém tiver morrido durante a noite —, ela e sua família ficam com esse espaço. Se ninguém tiver morrido, ela deve procurar um espaço no corredor ou no patamar da escada. As pessoas morrem rapidamente depois que chegam aqui, tendo esperado muito tempo antes de procurar ajuda. Isso acaba se tornando uma bênção para aqueles que atendem vítimas indigentes que viajaram longas distâncias em busca de remédios e cura.

A essa altura, eles sabem que não há cura. E nenhum remédio, além de comida, que é escassa. Mingau aguçado duas vezes ao dia.

Entre os estudantes contaminados há uma crença em todo tipo de conspiração contra eles, tramada por estrangeiros. Ou por seu próprio governo. É amargo vê-los morrer: os futuros médicos, dentistas, carpinteiros e engenheiros de seu país. Os pais e as mães de seu país. Professores. Dançarinos, cantores, rebeldes, encenqueiros, poetas.

Adam passa a maior parte do tempo conversando com os estudantes, os intelectuais. Diz a eles que ouviu falar que pessoas em um país vizinho foram inicialmente infectadas por cientistas que aplicaram nelas uma vacina contaminada contra a poliomielite. A vacina tinha sido produzida a partir de culturas retiradas dos rins do macaco-verde. Essa vacina, que deveria proteger contra a poliomielite, não havia sido purificada e trazia consigo o vírus da imunodeficiência que causa a aids.

Um dos jovens estudantes moribundos discorda disso. Essa não é a história que eu ouvi, diz ele. Ouvi dizer que os africanos pegaram aids não do rim do macaco-verde, mas de seus dentes! Há bufares zombeteiros e combalidos diante dessa versão moderna de uma velha história batida. Os intelectuais concluem que deve ter sido um experimento, como o realizado com homens negros no Alabama, que foram inoculados com o vírus que causa a sífilis, depois estudados enquanto adoeciam e morriam. O tipo de experimento que ninguém ousaria fazer com europeus ou americanos brancos. O fato de eles morrerem com essa crença, de que a vida de um africano é feita para

experimentos e é considerada dispensável, é quase insuportável para mim.

Tashi está convencida de que as meninas que estão morrendo, e as mulheres também, foram infectadas pelas pedras afiadas, tampas de lata, lascas de vidro, navalhas enferrujadas e facas sujas não lavadas e não esterilizadas usadas pelas *tsunga*. Que podiam mutilar vinte crianças sem limpar seu instrumento. Há também o fato de quase toda relação sexual causar laceração e sangramento, sobretudo na juventude da mulher. A abertura que é deixada nunca vai aumentar por conta própria, precisa sempre ser forçada. Por causa disso, infecções e feridas abertas são comuns.

A relação anal também mata as mulheres, disse Adam com tristeza um dia, depois que uma jovem de rosto doce e olhos tristes morreu. Seu marido, devastado e também acometido pela doença, explicou a Adam que, embora estivessem casados havia três anos, não tinham filhos porque ele não conseguira dormir com ela como um homem costuma fazer com a esposa. Ela havia chorado muito, e sangrado. Ele a amara, dissera ele, mas não como um homem. Seu medo de causar-lhe dor, disse, havia lhes custado os filhos. Ele não sabia que a maneira como fizera amor com ela havia custado a ela, e a ele, a vida. Embora ela fosse apenas uma de suas quatro esposas, o número permitido pelo Islã e pelo Profeta, ainda assim era como se fosse a única esposa que tinha, disse ele, chorando. Porque só ela era capaz de fazê-lo rir. Até o nome dela, Hapi, soava, pensava ele, parecido com a palavra americana para felicidade.

OLIVIA

Mas por que você confessou?, pergunto a Tashi. Eu sei que você não fez aquilo. Você não seria capaz.

Olivia, diz ela, rindo com todos os dentes, eu morreria se ficasse mais velha. Não há mais nada nesta vida que eu precise ver. O que já vivenciei é mais do que suficiente. Além disso, diz ela sobriamente, talvez a morte seja mais fácil do que a vida, assim como a gravidez é mais fácil do que o parto.

TASHI

Tashi, diz Olivia, agarrada ao meu pescoço. Não faça isso consigo mesma. Não faça isso com seu filho. Não faça isso com Adam. Não faça isso comigo.

Olivia, respondo, ouça o que está dizendo. Com certeza você se lembra de ter dito essas palavras para mim antes.

Ela me olha sem compreender.

Quando eu estava montada no jumento, seminua, lembro. A caminho do acampamento Mbele.

Sim, ela quase grita. E veja o que *aconteceu*. Você pagou por não me ouvir durante toda a sua vida.

E pretendo continuar pagando, retruco.

Mas por quê?, pergunta ela. Perdoe-me por dizer isso, por favor. Mas parece tão estúpido.

Porque ao não obedecer a você, a forasteira, mesmo que seja errado, estou sendo o que sobrou de mim. E esse pequeno pedaço de mim é tudo o que me resta agora.

Eles vão te matar, diz ela. E você é inocente!

Bem, digo eu. Sim e não.

Não estou entendendo, diz ela, franzindo a testa.

Você está certa, Olivia, quando diz que eu não matei M'Lissa. Sou grata, digo, por sua confiança em mim. M'Lissa morreu por seu próprio poder, que, mesmo no final, era considerável; parece que ela foi ficando mais forte, ao invés de mais fraca, com a idade. O poder que ela possuía era um poder maligno, pouco familiarizado com o bem. É por não a ter

matado — em nome de todo o sofrimento que ela causou — que sou culpada. Não quero que ninguém saiba, aliás.

O quê? Que você não a matou? Mas por quê?

Porque as mulheres são covardes e não precisam ser lembradas disso.

M'LISSA

A morte de sua irmã — qual era mesmo o nome dela? — foi culpa da estúpida da sua mãe, Nafa. Não estávamos certos de que o chefe nos faria voltar a praticar a circuncisão. Afinal, ele estava sempre sorrindo para os missionários brancos e dizendo a eles que era um homem moderno. Não um bárbaro, o que poderia ser, pois eles chamavam a “purificação” de barbaridade. Ele era o chefe, diziam, poderia acabar com aquilo. Ou não era o chefe? Então, é claro que ele pôs um fim àquilo, para provar a eles que era o chefe. A decisão dele não teve nada a ver conosco. As pessoas ouviram as próprias esposas dele gritando quando chegou a hora. Ele se importou? Não. A esposa de todo homem gritava quando chegava a hora.

O nome dela, digo, era Dura. Ela era pequena, magra; tinha uma cicatriz em forma de meia-lua logo acima do lábio; quando ela sorria, parecia deslizar para a bochecha.

Eu poderia mentir, diz M'Lissa, e dizer que me lembro dela. Depois de todos os anos que passei fazendo esse trabalho, rostos são a última coisa de que me lembro. Se ela fosse hermafrodita, talvez eu me lembrasse.

Não, digo. Eu acho que ela era normal.

É tudo normal, até certo ponto, comenta M'Lissa. Não foi *você* quem fez, então quem é *você* para julgar?

Não sou ninguém, retruco. Você se certificou disso.

Pare de sentir pena de si mesma!, diz ela. Você é como sua mãe. Se Dura não for purificada, dizia ela, ninguém vai se casar com ela. Ela não parecia se dar conta de que ninguém nunca havia se casado comigo, e

que eu tinha sobrevivido mesmo assim. Isso foi antes mesmo de os missionários brancos irem embora. Ser purificada não me matou, disse ela. E meu marido sempre foi paciente comigo. Bem, M'Lissa bufa, seu pai se dividia entre seis esposas; ele podia se dar ao luxo de ser paciente.

Assim que soube que os novos missionários eram negros, ela se convenceu de que a aldeia voltaria a adotar os velhos costumes e que as meninas não circuncidadas seriam punidas. Ela não conseguia imaginar uma pessoa negra que não fosse Olinka, e achava que todos os Olinka exigiam que suas filhas fossem purificadas. Eu disse a ela para esperar. Mas não. Ela era o tipo de mulher que pula antes mesmo de o homem dizer *bu*. Sua mãe me ajudou a segurar sua irmã.

Pare, peço. Mesmo que estivesse mentindo, como agora eu sabia que ela costumava fazer, eu não suportava ouvir isso.

Mas ela continua: Não, não vou parar. Você é louca, mas não é louca o suficiente. Você não acha que sua mãe teria lhe contado como Dura morreu? Ela não contou, contou? Que ela era uma daquelas meninas, uma em cada cem, construídas de tal forma que o menor arranhão a fazia sangrar como uma vaca atolada. Ela mesma havia notado isso, quando tentava estancar o sangue dos arranhões que sua irmã conseguia quando brincava. Quando purifiquei você, eu levei isso em consideração.

E mesmo assim você não disse nada, digo, embora pudesse ter me matado da mesma maneira que matou Dura.

Você chegou tão longe e foi tão tola, diz M'Lissa. Além disso, àquela altura eu não me importava mais.

PARTE XX

ADAM

Padre, ouça minha confissão.

É em vão que digo ao jovem que não sou padre. Ele está deitado entre os outros, esperando para morrer, desde que visitamos Tashi pela primeira vez na prisão. Seu rosto está coberto de lesões arroxeadas, sua cabeça está careca, seu corpo esquelético pouco mais que ossos. O que o distinguiu desde o início, quando me agachei para falar com ele, foi sua insistência em dizer que era estudante de medicina: “Com muitos anos de universidade”, disse ele, com um movimento fraco e superior da mão. Isso e o fato de que, à medida que ia ficando cada vez mais fraco, seus grandes olhos castanhos cheios de medo, ele adquiriu o hábito de se agachar e cruzar os cotovelos sobre a cabeça. Permanecia nessa posição estranha, choramingando, por horas; até cair de cansaço ou ser empurrado por alguém que passava.

Sempre me resguardei de qualquer intimidade com as vítimas. Era como se meu coração, sob o peso do meu próprio sofrimento, e depois de já ter presenciado tanta devastação humana, tivesse se tornado incapaz de sentir.

No entanto: Meu nome é Hartford, disse ele, com uma amargura parecida com a minha. E, ainda assim, por causa das associações inesperadas que seu nome evocava (um alce, uma cidade americana em Connecticut e uma companhia de seguros), eu sorri. Ele pareceu encantado, como uma criança ficaria, com essa reação, e pareceu saboreá-la, como uma criança faria com um doce. Maravilhado, ele recolheu a mão em forma de garra que havia segurado minha manga e a pousou sobre seus próprios lábios rachados e sérios.

Tudo o que ele dizia e fazia era em câmera lenta; vários minutos se passaram antes que ele falasse de novo.

Antigamente, disse ele, sussurrando, havia mais harmonia no mundo entre os homens e os animais. Eu ouvi dizer; na verdade, como poderia saber? Em tempos não tão antigos, nós éramos caçados e mortos ou roubados de nossa terra e de nossa família para trabalhar para outras pessoas do outro lado do oceano. Fomos caçados como caçamos macacos e chimpanzés.

Nesse momento, Hartford gemeu e fechou os olhos. Bolhas de suor brotaram em sua pele. Era como se, de repente, seu corpo tivesse se transformado em uma fonte. Enxuguei sua pele com a toalha esfarrapada que carregava comigo e, quando o suadouro parou, coloquei minha mão em seu joelho inchado, que se projetava sob a pele de sua perna como um coco preto.

Padre, disse ele, eu não sou estudante de medicina. Isso foi uma mentira que contei para salvar minha autoestima.

Dei-lhe um tapinha no joelho, um pouco assustado com a intensidade de seu remorso; como tinha sido difícil para ele vomitar essas poucas palavras envergonhadas. Fora isso, eu honestamente não me importava.

Ser estudante de medicina, me formar médico, era apenas um sonho que eu tinha, suspirou ele. Quando a empresa farmacêutica ofereceu “posições” para nós, meninos locais, em sua fábrica, pensei que meu sonho estivesse prestes a se tornar realidade.

Não sabíamos nada sobre aqueles homens. Eles eram estranhos. Estavam sempre vestidos de branco, de forma que se pareciam com os médicos que víamos nos filmes e na televisão. Eles não nos viam quando olhavam, nós sabíamos disso. Sentíamos que não existíamos para eles, assim como eles não existiam para nós. Também podíamos sentir como éramos estranhos aos olhos deles. Sempre havíamos caçado macacos e chimpanzés, eles nos lembraram. O que estavam pedindo não era nenhuma novidade. Só que agora haveria dinheiro e, claro, muitas vezes haveria carne. Tanto para comer como para vender.

Foi assim que começou.

No início, eu ficava na floresta tropical, caçando com os outros meninos. Nós adorávamos nossas armas. Capturamos e arrastamos de volta para a fábrica mais macacos e chimpanzés do que eu imaginava

que existissem. Aprendi a identificar, e às vezes imitar, o comportamento desses animais. Gestos de macaco. A mãe sempre colocava o bebê atrás do corpo, o braço do pequeno ficava em torno dela, chegando ao seio; o pai sempre atacava, depois gritava um aviso para os outros enquanto fugia. Quando capturávamos sua companheira e o filhote, ele muitas vezes nos seguia tão de perto e com tanto desprezo por sua própria segurança que era fácil atirar nele. E fazíamos isso muitas vezes, rindo.

Ele não era necessário, de qualquer maneira. Quem nos disse isso foi a empresa farmacêutica, mas logo vimos por nós mesmos. Eles queriam apenas as fêmeas e os filhotes. Em pouco tempo, não eram necessários novos macacos ou chimpanzés porque a fábrica estava finalmente em sua capacidade máxima. Os meninos locais e eu a tínhamos enchido. Com a ajuda de apenas alguns machos, as fêmeas foram forçadas a procriar. Isso acontecia em gaiolas nas quais mal havia espaço suficiente para o acasalamento.

Hartford engoliu em seco. Eu levei um copo de água com açúcar a seus lábios. De repente, seus olhos rolaram para trás e sua cabeça caiu para o lado. Quando peguei seu braço, seu pulso estava fraco como os batimentos cardíacos de um feto.

Por fim, ele abriu os olhos.

Eles estavam sendo criados por causa dos rins, disse ele lentamente, em um tom neutro. Agora que não havia mais necessidade de caçá-los, fui encarregado da tarefa de decapitá-los.

Ele fez uma pausa, os olhos tumultuosos, fortes e grandes o suficiente para me engolir.

O grito dos macacos, disse ele, pensativo, estudando meu rosto como se tivesse identificado uma mudança quase imperceptível em mim, é muito diferente do grito do pavão, que, como você sabe, é muito semelhante ao do humano. Mas de alguma forma, por causa do rosto dos chimpanzés e dos macacos, seus gritos soam ainda mais humanos. Tudo que eles pensam, tudo que eles temem, tudo que eles sentem fica tão claro quanto se você os conhecesse a vida toda. Como se eles dormissem na mesma cama que você!

Não pense mais nisso, disse eu, gentilmente, e ainda com certo distanciamento. Nem mesmo aquele horror havia conseguido penetrar o nível de dormência no qual eu vivia. Afinal, pensei, como ele poderia ter

previsto a maldade da civilização, tendo sido doutrinado desde o nascimento a acreditar nela como o único futuro.

A fábrica era enorme, disse ele. Enorme. Pois estavam fabricando vacina para vender para o mundo inteiro. Descobri isso quando li parte da literatura em inglês que eles recebiam. A maior parte era escrita em outro idioma. Talvez alemão ou holandês. Por outro lado, muitas vezes havia americanos por perto. Australianos e neozelandeses. Sujeitos calorosos, sempre entusiasmados; como se estivessem no caminho de uma cura para toda a humanidade.

Um acesso de tosse sacudiu o corpo emaciado de Hartford. Respingos de sangue e muco cobriram o pano que eu segurava sobre sua boca.

Eu tinha sorrido alegremente no primeiro ano em que trabalhei para eles, disse ele, enquanto se recostava, exausto, após o acesso de tosse. Recebíamos um bom dinheiro e, é claro, comíamos ou vendíamos aqueles animais que — em geral por preocupação com sua família — acabavam virando carne. Mas logo eu não conseguia mais sorrir. Havia cabeças de macaco e torsos de chimpanzé até os meus joelhos...

Meninos pequenos com facas pequenas foram treinados para fazer a incisão... e retirar os rins. Era nesses rins que os homens de jaleco branco cultivavam suas preciosas “culturas”.

A vacina saía da fábrica na extremidade oposta ao local onde os macacos e chimpanzés eram criados e abatidos. Saía em pequenos frascos transparentes com rótulos brancos ofuscantes e reluzentes lacres metálicos.

Quando a voz de Hartford se tornou quase inaudível, um sussurro rouco, um vislumbre indesejado do que ele estava descrevendo penetrou minha mente. Fechei os olhos com força para afastar a imagem. Era tarde demais. Senti como se todo um outro mundo de sofrimento e tragédias tivesse acabado de ser despejado sobre a minha alma. Gemi de dor, quase exatamente como ele havia feito. O som da minha própria tristeza me chocou. Mas, estranhamente, minha tristeza fez Hartford parecer, por fim, *liberto*.

Padre, obrigado por ouvir minha confissão, disse ele, saboreando minha expressão atormentada com a mesma admiração com que desfrutara do meu sorriso. Como se tivesse esperado até ter certeza de que havia transmitido todo o horror de sua existência a alguém que

ainda podia sentir, a respiração de Hartford se tornou o chiado superficial e ruidoso que todos no andar de aids conheciam tão bem.

Havia coisas a fazer. Na manhã seguinte, eu perderia minha esposa e amiga para sempre. Onde estavam meus filhos?, me perguntei. E minha irmã, Olivia, por falar nisso; a quem, percebi de repente, sempre havia recorrido para ser meu lado sentimental; foi ela quem primeiro notou o choro que lançaria uma sombra sobre a vida da minha esposa. Talvez estivessem com Tashi. Eu não podia sair para procurá-los. Fiquei sentado onde estava até que, uma hora depois de o estertor começar, Hartford — cujo nome africano talvez tivesse se perdido para sempre —, estudante de medicina e assassino de macacos e chimpanzés, morreu.

Embora não seja padre, sou um homem de Deus, mesmo agora. Não poderia suportar uma vida sem fé. Mas isto eu sei: para os seres humanos, não há inferno maior a temer do que o inferno na terra.

TASHI-EVELYN-SRA. JOHNSON

Confessei porque me cansei do julgamento. Estava farta de ficar sentada ao lado do meu advogado. Ele sempre tão elegante; tão impecavelmente vestido. Cheirando a Aramis. Apaixonado pelo som que saía de sua própria boca. O advogado da Promotoria também me irritava.

Tenho idade para ser sua avó, pensei, enquanto o observava andar de um lado para o outro e se pavonear; e você fica aí argumentando pela minha morte. Na verdade, isso me fez ter pena dele, e vê-lo como um tolo.

Eu disse ao meu advogado, em um momento em que ele não estava sentado usando um dedo anelado para torcer um de seus cachos oleosos: Deixe-me sentar no banco das testemunhas. Embora ele fosse contra, foi isso o que eu fiz. Assim que me sentei, antes mesmo que a Bíblia fosse trazida, disse alto e bom som, para que não houvesse dúvida: Sou culpada.

Como cometeu o crime, Sra. Johnson?, perguntou o juiz sentado mais próximo de mim.

Isso, disse eu, não é da sua conta.

Mas você acha que minha confissão pôs fim ao julgamento?

Não, não. Eles ainda passaram dias falando sobre encontrar minhas navalhas nas cinzas da casa de M'Lissa, e especulando sobre as maneiras sangrentas que eu teria escolhido para mutilá-la e me livrar do corpo. A imaginação deles, descobri, era ainda mais doentia do que a minha.

PARTE XXI

TASHI-EVELYN

É com Mbati que aprendo que uma pessoa africana não chama sua casa de *hut* (“choupana”), como fazemos em inglês.

“*Hut*”, diz ela, significa “pequena casa de campo” em holandês, e africanos não são holandeses.

Eu sou a mãe dessa menina. Caso contrário, ela não teria aparecido de maneira tão vívida, uma flor radiante de infinito frescor, em minha vida.

À noite, ela lê em voz alta passagens de livros para refletirmos ou apreciarmos. Esta noite, ela está lendo o livro de uma autora colonialista branca que viveu toda a sua vida do trabalho dos africanos, mas não conseguia pensar neles como seres humanos. “Os negros são naturais”, escreve ela, “possuem o segredo da alegria, o que explica como conseguem suportar o sofrimento e as humilhações que lhes são infligidos”.

Mbati me encara. Eu retribuo seu olhar.

Mas o que é isso?, pergunto. Esse segredo da alegria sobre o qual ela escreve. Você é negra, eu também. É de nós que ela está falando. Mas não sabemos. Ou, digo enquanto admiro sua beleza, talvez você saiba.

Mbati ri. Bem, diz ela, nós somos *mulheres*. Temos que descobrir! Sobretudo porque ela também afirma compreender o código de “nascimento, cópula e morte” que rege nossa existência!

Ah, digo. Esses canibais coloniais. Por que eles não podem simplesmente roubar nossas terras, desenterrar nosso ouro, derrubar nossas florestas, poluir nossos rios, nos escravizar para trabalhar em suas fazendas, nos foder, devorar nossa carne e nos deixar em paz? Por que também precisam escrever sobre quanta alegria possuímos?

Mbati nunca perguntou se eu matei M'Lissa. Ela não parece se importar.

Sou miseravelmente imperfeita, digo quando ela está indo embora, depois de ter prometido não me deixar morrer antes de ter descoberto e me apresentado o *definitivo* segredo da alegria.

Sim, Mãe, diz ela simplesmente enquanto me abraça. Eu sei que você é imperfeita. Nunca escondeu isso. Esse é o seu maior presente para mim.

Isso me lembra, digo, que tenho um presente para você.

Ah, é?, diz ela.

Guardei a estatueta sagrada de Nyanda — dei-lhe um nome, escolhendo uma palavra que me veio à mente enquanto a segurava — cuidadosamente embrulhada em meu lenço mais bonito. Aquele de um azul profundo salpicado de estrelas douradas, como o corpo de Nut, deusa da África, e o céu noturno. Tiro-a do bolso, onde a mantenho desde que soube que seria executada, e a coloco nas mãos de Mbati.

Isso é para minha neta, digo.

Sua bonequinha!, diz ela, comovida. Sabe, continua enquanto desembrolha a boneca, ela se parece com você.

Não, digo, eu nunca poderia ter esse olhar de confiança. De orgulho. De paz de espírito. Nenhuma de nós pode, porque o autodomínio sempre será algo inatingível para nós. Mas talvez sua filha...

Nunca pensei em ter filhos, diz ela. O mundo é traiçoeiro demais. Essa pequena figura, diz ela, beijando seu rosto sorridente, contra tudo isso. Ela acena com a mão para a feiura da prisão, o barulho, o fedor da enfermaria de aids abaixo de nós; a consciência de que serei fuzilada em questão de horas.

Está dizendo que devemos nos deixar morrer? E a esperança de plenitude conosco?

Ah, não sei o que estou dizendo, Mãe! Já fiquei muito tempo. Você deveria descansar. Boa noite.

Em breve irei para a cama para sempre, respondo, dando de ombros. Mas você está certa; eu deveria descansar um pouco. Quero estar alerta amanhã, para não perder nada. *Aché Mbele*, digo.

Aché Mbele?, repete ela.

Sim, digo. *Aché* é iorubá e significa “o poder de fazer as coisas acontecerem”. *Energia*. *Mbele* significa “avançar!” em suaíli.

Ah, diz ela, invertendo as palavras e se curvando para mim: *Mbele Aché*.

Ela cortou meu cabelo de modo que, embora branco, ele esteja curto e macio, como o dela. Quando nos abraçamos, são os cabelos uma da outra que nossos dedos procuram.

TASHI-EVELYN-SRA. JOHNSON

Querida Lisette,

Amanhã de manhã enfrentarei o pelotão de fuzilamento por ter matado alguém que, muitos anos atrás, me matou. Mas isso não é mais estranho, talvez, do que eu estar escrevendo esta carta para você uma década depois de sua última tentativa de se comunicar comigo, e muito depois de sua própria morte. É o fato de você estar na terra dos mortos que torna a amizade com você tão atraente. O povo de Bali, seu tio Mzee nos disse, acredita que o paraíso é exatamente como Bali. Eles gostam de Bali e, portanto, não têm medo de morrer. Mas se o paraíso for como Olinka, ou mesmo como a América, há muito com que se preocupar. Escrevo para você porque vou precisar de uma amiga no paraíso, alguém que realmente tenha pensado em mim.

Eu costumava achar que minha mãe pensava em mim. Mas me identificava tão completamente com o sofrimento dela que era eu quem sempre pensava nesse sofrimento, na verdade era atormentada por ele; e como acreditava que ela e eu éramos um, fazia a parte dela que era eu pensar em mim. Na verdade, minha mãe não tinha como, não lhe restava o suficiente de si mesma para pensar em mim. Nem em minha irmã Dura, que sangrou até a morte depois de uma circuncisão malfeita, nem em nenhum de seus outros filhos. Ela havia se reduzido a seu papel de “Aquela que Prepara os Cordeiros para o Abate”.

É cruel dizer isso? Eu sinto que é cruel; mas é apenas a crueldade da verdade, de dizê-la, de gritá-la, que vai nos salvar agora. Se não o fizermos, talvez a África fique despovoada de negros no tempo de nossos

netos, e o sofrimento mundial que aflige nossos filhos continue sendo nossa maldição.

Em toda a minha vida, foram Adam e sua irmã, Olivia, que eu acreditava pensarem mais em mim. Ele se casou comigo; ela é minha melhor amiga. Mas você sabe por que minha alma se afastou do alcance de Adam? Foi porque eu o ajudei a iniciar seu ministério progressista — mais progressista do que o de seu pai e os da maioria dos pregadores negros, pelo menos — em São Francisco, e eu me sentei em nossa igreja todos os domingos por cinco anos ouvindo Adam pregar a palavra do Amor Fraternal, que tem origem no amor de Deus por seu filho, Jesus Cristo. Eu ficava incomodada toda vez que ele falava do sofrimento de Jesus. Por muito tempo, não entendi muito bem esse incômodo. Eu amo muito Jesus, sempre amei. Ainda assim, comecei a enxergar como o foco constante apenas no sofrimento de Jesus exclui o sofrimento dos outros do nosso campo de visão. E em meu sexto ano como membro da congregação de Adam, ficou claro para mim que eu queria que meu próprio sofrimento, o sofrimento das mulheres e meninas, que ainda se encolhiam sob o poder avassalador e as armas dos torturadores, fosse tema de um sermão. A mulher não era a árvore da vida? E ela não era crucificada? Não em uma época da qual as pessoas mal se lembram, mas agora mesmo, diariamente, em muitos lugares do planeta?

Um sermão, implorei a ele. Uma discussão com sua congregação sobre o que foi feito comigo.

Ele disse que a congregação ficaria constrangida de discutir algo tão íntimo e que ele, de qualquer forma, teria vergonha de fazê-lo.

Eu havia aprendido a considerar Waverly um refúgio àquela altura. Um lugar onde havia um banco no gramado, uma parte à sombra, mas a maior parte sob o sol, só para mim. Eu gostava das minhas manhãs de domingo lá. Sedada. Calma. A grama era tão verde ao meu redor, o sol tão quente. O lago brilhava ao longe. Com um saco de migalhas da cozinha, eu alimentava os patos.

Eles circuncidavam mulheres, meninas, no tempo de Jesus. Será que ele sabia? Será que isso o enfurecia ou o constrangia? Será que a igreja primitiva apagou todos os registros disso? O próprio Jesus foi circuncidado; talvez ele achasse que apenas o corte feito nele era feito nas mulheres e, portanto, como ele havia sobrevivido, estava tudo bem.

Então, há Olivia. Ela sempre me teve em tão alta conta. Não consigo decepcioná-la. Eu disse a ela que não matei a *tsunga* M'Lissa. Mas eu a matei. Coloquei um travesseiro sobre seu rosto e fiquei deitada sobre ele por uma hora. Suas histórias tristes sobre sua vida me fizeram perder a vontade de cortá-la. Ela me disse que era tradição que uma *tsunga* muito valorizada fosse assassinada por alguém que ela havia circuncidado e em seguida queimada. Fiz o que se esperava de mim. É curioso, não acha, que a sociedade tribal tradicional lidasse de forma tão hábil com sua apreciação da *tsunga* e seu ódio por ela. Mas é claro que, para os anciãos tradicionais, a *tsunga* era apenas uma bruxa sob seu controle, uma extensão de seu próprio poder dominante.

Pierre foi um presente para mim. Você ficaria orgulhosa dele. Ele prometeu continuar a cuidar de Benny quando eu me for. E já ensinou a ele mais do que qualquer um de seus professores jamais pensou que ele poderia aprender. Eu gostaria que você pudesse ver Pierre — e talvez você possa, através de uma das janelas do paraíso que se assemelha a uma folha de grama, ou uma rosa, ou um grão de trigo — enquanto ele continua a desembaraçar os fios do mistério que me mantiveram amarrada. *Chère Madame*, diz ele, sabia que o maior xingamento em algumas nações africanas não é “filho da puta”, mas “filho de mãe não circuncidada”?

Não, não sabia, digo.

Bem, diz ele, é uma pista importante! Quem, por exemplo, eram essas primeiras mulheres não circuncidadas? Há evidências de que eles eram escravas. Escravas de outros africanos nativos e escravas de árabes invasores que vieram do leste e do norte. Originalmente mulheres do mato ou mulheres da floresta tropical africana. Sabemos que essas pessoas, pequenas, gentis, em perfeita harmonia com o meio ambiente, gostavam, se me perdoa a franqueza, de genitais alongados. Ou, em outras palavras, gostavam de seus genitais. Tanto que era possível vê-las acariciando-os e “puxando-os” desde o nascimento. Quando chegavam à puberdade, bem, elas ganhavam o que viria a ser conhecido, pelo menos entre os antropólogos europeus, como “o avental hotentote”.

Escravizadas entre pessoas que nunca tocavam seus genitais se pudessem evitar, porque tinham aprendido que se tocar era pecado, essas mulheres, com seus lábios generosos e clitóris grandes, eram

consideradas monstruosas. Mas o que é menos notado sobre essas pessoas, essas mulheres, é que, em suas próprias sociedades antigas, elas eram donas de seu corpo, incluindo sua vulva, e a tocavam tanto quanto quisessem. Em suma, *Chère* Madame Johnson, a primeira mulher africana, a mãe de todas as mulheres, era incrivelmente livre!

Esse, Lisette, é seu filho. Eu ainda o acho absurdamente pequeno para um homem, mas sua mente é grande. No dia da minha execução, disse ele, vai se comprometer novamente com o trabalho de sua vida: destruir para outras mulheres — e seus homens — os terrores da torre escura. Uma torre sobre a qual você lhe falou.

Você e eu vamos nos encontrar no paraíso. Eu sei disso. Porque, por intermédio do seu filho, para quem meus sofrimentos se tornaram um mistério no qual ele mergulhou, já nos encontramos na terra.

Agora me ocorre me perguntar como você morreu. Se eu tivesse realmente entendido que você ia morrer e deixar de me escrever e de existir, teria sido mais receptiva a você antes de morrer. Mas eu não conseguia compreender a morte a não ser como algo que já havia acontecido comigo. Morrer agora não me assusta. A execução vai acontecer em um local onde este governo já executou muitos outros, o campo de futebol. Recusarei a venda para poder ver bem longe em todas as direções. Quero me concentrar na beleza de uma colina azul ao longe e, para mim, esse momento será a eternidade.

Abençoada seja.

Tashi Evelyn Johnson

Renascida, em breve Falecida

ALMA DE TASHI EVELYN JOHNSON

As mulheres ao longo do caminho foram avisadas de que não deveriam cantar. Homens de mandíbula cerrada empunhando metralhadoras estão de frente para elas. Mas mulheres são mulheres. Cada uma de pé ao longo do caminho segura um bebê enfaixado em tecido vermelho nos braços, e, quando passo, o pano cai. As mulheres então colocam os bebês nos ombros ou na cabeça, onde eles chutam com as perninhas nuas, sorriem de prazer, guincham de medo e ocasionalmente acenam. É um protesto e uma celebração que os homens que as ameaçam nem mesmo reconhecem.

No momento crucial, percebo que, como minhas mãos estão amarradas, não consigo endireitar meus óculos e, portanto, preciso inclinar a cabeça em um ângulo estranho para localizar e focalizar uma colina azul. É enquanto estou distraída com essa manobra que noto que há uma colina azul erguendo-se acima e logo atrás das mulheres e suas filhinhas de nádegas nuas, que agora estão alinhadas em fileiras quinze metros à minha frente. Na frente delas, ajoelha-se meu pequeno grupo de rostos atentos. Mbatí desenrola um estandarte, apressada, antes que os soldados possam detê-la (a maioria deles é analfabeta e, portanto, demoram para reagir). Todos eles — Adam, Olivia, Benny, Pierre, Raye, Mbatí — o seguram com firmeza e o esticam bem.

RESISTÊNCIA É O SEGREDO DA ALEGRIA!, diz em grandes letras de forma.

Há um estrondo, como se a Terra estivesse se abrindo e eu voasse para dentro. Não sou mais. E estou satisfeita.

AO LEITOR

Estima-se que entre noventa e cem milhões de mulheres e meninas que vivem em países da África, do Extremo Oriente e do Oriente Médio tenham sido submetidas à mutilação genital. Artigos recentes publicados em jornais e revistas relatam a prática crescente da “circuncisão feminina” nos Estados Unidos e na Europa, entre imigrantes de países onde ela faz parte da cultura.

Dois excelentes livros sobre o tema da mutilação genital são: *Woman Why Do You Weep?*, de Asma el Dareer (Londres: Zed Press, 1982), e *Prisoners of Ritual: An Odyssey into Female Genital Circumcision in Africa*, de Hanny Lightfoot-Klein (Binghamton, NY: Harrington Park Press, 1989). Para uma visão de como a mutilação genital era praticada nos Estados Unidos do século XIX, há o livro de G. J. Barker-Benfield, *The Horrors of the Half Known Life: Male Attitudes Toward Women and Sexuality in Nineteenth Century America* (Nova York: Harper & Row, 1976).

Embora obviamente haja uma conexão, *O segredo da alegria* não é uma continuação de *A cor púrpura* ou *O templo de meus familiares*. Como não é, usei a prerrogativa de narradora para reformular ou alterar ligeiramente acontecimentos mencionados ou descritos nos livros anteriores, a fim de enfatizar e esclarecer os significados da presente narrativa.

Como *O templo dos meus familiares*, trata-se de um retorno ao mundo original de *A cor púrpura* apenas para retomar aqueles personagens e acontecimentos que não saíram da minha mente. Ou do meu espírito. Tashi, que aparece brevemente em *A cor púrpura* e em *O*

templo dos meus familiares, permaneceu comigo, invulgarmente tenaz, durante a escrita de ambos os livros, e acabou me levando a concluir que ela precisava e merecia um livro próprio.

Ela também apareceu para mim em carne e osso.

Durante as filmagens de *A cor púrpura*, foi feito um esforço louvável para contratar africanos para interpretar os papéis africanos. A jovem que interpretou Tashi, e que aparece apenas em um vislumbre na tela, era uma africana do Quênia: muito bonita, graciosa e séria. Vê-la me fez visualizar vividamente a Tashi do meu livro, pois me lembrei de que no Quênia, enquanto aquela jovem era levada de avião para Los Angeles para atuar no filme, garotinhas eram mutiladas com cacos de vidro sujos, tampas de lata, navalhas enferrujadas e facas cegas de circuncidadoras tradicionais, a quem dei o nome de *tsungas*. Em 1982, ano em que *A cor púrpura* foi publicado, catorze crianças morreram no Quênia como resultado da mutilação genital. Foi só então que o presidente do país proibiu essa prática. A mutilação ainda é realizada clandestinamente por lá, e é praticada, abertamente, em muitos outros países africanos.

Tsungas, como muitas das minhas palavras “africanas”, é inventada. Pode ser que ela, e as outras palavras que uso, sejam de uma língua africana que eu conheci um dia, e que agora estão emergindo do meu inconsciente. Não sei de que parte da África vieram meus ancestrais africanos, então reivindico para mim todo o continente. Suponho que tenha criado Olinka como minha aldeia e os Olinka como um dos povos tribais que são meus ancestrais distantes. Certamente reconheço Tashi como minha irmã.

Uma parte dos royalties deste livro será usada para educar mulheres e meninas, homens e meninos, sobre as terríveis consequências da mutilação genital, não apenas para a saúde e a felicidade dos indivíduos, mas para toda a sociedade em que é praticada, e para o mundo.

Mbele Aché.



Alice Walker

Costa Careyes, México
Condado de Mendocino, Califórnia
janeiro-dezembro de 1991

AGRADECIMENTOS

Apesar da dor que se sente ao enfrentar honestamente a realidade da vida, considero este um momento maravilhoso para se estar vivo. Isso porque em nenhum outro momento conhecido pelos seres humanos foi mais fácil dar e receber energia, apoio e amor de pessoas que nunca conhecemos, de experiências que nunca tivemos.

Agradeço a todos os escritores — Esther Ogunmodede, Nawal El Sadawi, Fran Hosken, Lila Said, Robin Morgan, Awa Thiam, Gloria Steinem, Fatima Abdul Mahmoud e muitos outros ao redor do mundo — que escreveram sobre o tema da mutilação genital.

Agradeço a Monica Sjoo e Barbara Mor, pela inspiração e confirmação que recebo de seu magnífico livro *The Great Cosmic Mother: Rediscovering the Religion of the Earth*. Agradeço também a Monica Sjoo pela beleza e ressonância psíquica de suas pinturas visionárias.

Agradeço a Carl Jung por ter (por meio da leitura) se tornado tão real em minha autoterapia que pude imaginá-lo vivo e ativo no tratamento de Tashi. Este é meu presente para ele.

Agradeço à minha terapeuta, Jane R.C., por me ajudar a desfazer alguns dos meus próprios nós e, assim, tornar-me mais capaz de distinguir e lidar com os de Tashi.

Agradeço à cultura Huichol, pelas incríveis pinturas com fios que admirei nos últimos anos: pinturas que me fizeram voar sobre o abismo de tanta coisa estática e morta na civilização predominante.

Agradeço à psicóloga Alice Miller, por escrever de maneira tão contundente em defesa da criança. Sou especialmente grata por *O drama*

da criança bem-dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos.

Agradeço a Louis Pascal, por seu ensaio inédito “How aids Began”, que me apresentou a possibilidade de que a aids tenha surgido da disseminação, entre os africanos, da vacina contaminada contra a poliomielite.

Agradeço aos produtores do vídeo *Born in Africa*, por terem me apresentado à bela vida e à corajosa morte de Philly LuTaaya, músico ugandês que dedicou sua morte em decorrência da aids a alertar, educar, esclarecer, inspirar e amar seu povo. Esse vídeo me convenceu de que a compaixão humana é equivalente à crueldade humana e que cabe a cada um de nós decidir para que lado vai pender a balança.

Agradeço a Joan Miura e Mary Walsh, por representarem a Deusa em minha casa: por fazerem pesquisas, consertarem vazamentos, manterem a geladeira cheia e silenciarem o barulho. Por segurarem minha mão enquanto eu segurava a de Tashi.

Agradeço a Robert Allen, por sua amizade.

Agradeço a Jean Weisinger, por sua Existência.

Agradeço à minha filha Rebecca, por me dar a oportunidade de ser mãe.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Saiba mais

Site da autora

<http://alicewalkersgarden.com/>

Skoob da autora

<http://www.skoob.com.br/autor/680-alice-walker>

Wikipédia da autora

https://pt.wikipedia.org/wiki/Alice_Walker

Página da autora no Facebook:

<https://www.facebook.com/authoralicewalker/>

Página da autora no Goodreads:

https://www.goodreads.com/author/show/7380.Alice_Walker

A COR PÚRPURA

Página do livro no Skoob

<http://www.skoob.com.br/livro/4744ED561763>

Página do livro no Goodreads:

https://www.goodreads.com/book/show/34078637-a-cor-p-rpura?ref=nav_sb_ss_2_9

Página do filme baseado no livro no Filmow

<https://filmow.com/a-cor-purpura-t4138/>

O TEMPLO DOS MEUS FAMILIARES

Página do livro no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/o-templo-dos-meus-familiares-143770ed122432626.html>

Página do livro no Goodreads:

https://www.goodreads.com/book/show/60937.The_Temple_of_My_Familiar

O SEGREDO DA ALEGRIA

Página do livro no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/o-segredo-da-alegria-122248314ed122254960.html>

Página do livro no Goodreads:

https://www.goodreads.com/book/show/60935.Possessing_the_Secret_of_Joy